

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

RAFAEL BELLÓ KLEIN

**A HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS NA OBRA DE HOWARD FAST: UMA  
PERSPECTIVA DE ESQUERDA NA LITERATURA NORTE-AMERICANA**

Porto Alegre

2020

RAFAEL BELLÓ KLEIN

**A HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS NA OBRA DE HOWARD FAST: UMA  
PERSPECTIVA DE ESQUERDA NA LITERATURA NORTE-AMERICANA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
História da Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul, como requisito para obtenção do título de  
Doutor em História.

**Orientador:** Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos  
Guazzelli

**Linha de Pesquisa:** Cultura e Representações

Porto Alegre

2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**REITOR**

**Rui Vicente Oppermann**

**VICE-REITORA**

**Jane Fraga Tutikian**

**DIRETORA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**Claudia Wasserman**

**VICE-DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**Hélio Ricardo do Couto Alves**

**CHEFE DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Carla Simone Rodeghero**

**VICE-CHEFE DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Caroline Silveira Bauer**

**COORDENAÇÃO DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES**

**Maycke Young de Lima**

**CIP - Catalogação na Publicação**

Klein, Rafael Belló  
A História dos Estados Unidos na Obra de Howard  
Fast: uma Perspectiva de Esquerda na Literatura  
Americana / Rafael Belló Klein. -- 2020.  
366 f.  
Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto  
Alegre, BR-RS, 2020.

1. História dos Estados Unidos. 2. Literatura. 3.  
Comunismo. 4. Representação Histórica. 5. Macarthismo.  
I. Guazzelli, Cesar Augusto Barcellos, orient. II.  
Título.

RAFAEL BELLÓ KLEIN

**A HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS NA OBRA DE HOWARD FAST: UMA  
PERSPECTIVA DE ESQUERDA NA LITERATURA NORTE-AMERICANA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
História da Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul, como requisito para obtenção do título de  
Doutor em História.

Aprovado em: 14 de Maio de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

---

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

---

Prof. Dr. Vitor Izecksohn

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Dal Sasso Freitas

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Wasserman

---

Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila

Porto Alegre

2020

Em memória de meu avô, Antonio Belló: professor,  
apaixonado pelo ensino, pelo estudo e pela leitura; e  
sempre fonte de inspiração.

## AGRADECIMENTOS

No decorrer deste percurso de doutorado, que se estendeu por pouco mais de quatro anos, entre 2016 e 2020, ocorreram várias transformações em minha vida, pelas quais sou muito grato. Quero iniciar este espaço singular dos agradecimentos da tese – um dos poucos momentos mais propriamente pessoais de um trabalho acadêmico – fazendo referência a elas.

A primeira e maior destas transformações, sem dúvida, foi meu casamento com a Ellen. Àquela que alegra e preenche meus dias, fazendo deles uma grande aventura, sou muito grato por poder compartilhá-los contigo. Muito obrigado também pela paciência, pelo incentivo e pelo apoio diante das inquietações que caracterizam o processo de escrita de uma tese, particularmente na sua reta final.

No meio do caminho, também, fui aprovado em concurso público para trabalhar como Técnico em História no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em sua sede em Brasília. Integrando-me ao Departamento do Patrimônio Imaterial, me deparei com a missão institucional de defender a cultura popular brasileira nas suas variadas manifestações. Ao Iphan, deixo meu agradecimento por ter me concedido a oportunidade não apenas de ingressar no serviço público federal, mas de poder trabalhar com a área da cultura e da história – tão depreciadas, desvalorizadas e atacadas nestes tempos.

Quanto a esta tese em si, ela não seria a mesmo sem a contribuição de muitas pessoas. Primeiramente, devo agradecer ao meu orientador, professor Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, que, além de ter me apresentado à obra de Howard Fast, topou assumir a empreitada de orientar esta pesquisa. Ao Guazzelli, manifesto meu profundo agradecimento pelas fundamentais orientações, indicações e sugestões, que marcaram minha trajetória acadêmica desde a graduação, mas em especial durante a pesquisa e redação deste trabalho.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e à CAPES pela oportunidade de poder desenvolver o Doutorado em História, de forma gratuita, em uma instituição acadêmica de excelência e, em sua maior parte, com uma bolsa de estudos. Que as Universidades Federais possam seguir na luta por uma educação pública, gratuita e de qualidade.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, de modo especial ao professor Arthur Lima de Ávila, que ao longo das disciplinas cursadas

contribuíram com muitas reflexões e indicações de leitura, que se mostraram essenciais a este trabalho.

Aos membros desta banca, professoras Claudia Wasserman e Renata Dal Sasso Freitas e professores Arthur Lima de Ávila e Vitor Izecksohn, agradeço pela disposição em ler e avaliar a presente tese.

Por último, mas não menos importante, agradeço àquelas pessoas que estiveram constantemente ao meu lado ao longo de todo este processo. Além da minha esposa Éllen, agradeço aos meus familiares, especialmente a meus pais, José Paulo e Adriane, meu irmão, Gabriel, e minhas avós Marina e Filomena. Sou muito grato por ter vocês em minha vida, por todo o carinho e incentivo que sempre me deram, e por terem proporcionado todas as condições para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

Aos amigos, que acompanharam minha jornada e caminhada. Lembrando alguns dos mais próximos, cito: Pedro e Marina, Guilherme e Letícia, William, Cláudia, Vitória, Lucas, Augusto, César. Obrigado pelo carinho, pelas risadas, pelo companheirismo e pela amizade, que permanecem mesmo à distância e sem as quais este trabalho não seria possível. Aos companheiros do Ludopédio de la Ocho, bastião da resistência futebolística da cidade de Canoas.

A todos vocês, meu muito obrigado.

*a los que buscan  
aunque no encuentren*

*a los que avanzan  
aunque se pierdan*

*a los que viven  
aunque se mueran*

Mario Benedetti



## RESUMO

A presente tese tem por objetivo analisar, a partir do olhar historiográfico, alguns pressupostos inerentes à literatura histórica de Howard Fast. Fast (1914-2003), escritor novaiorquino de origem judaica, possui uma vasta obra literária publicada, ainda que um tanto desconhecida do grande público. Parte disto se deve ao fato de ter aderido ao Partido Comunista Americano (CPUSA) durante as décadas de 1940 e 1950, sofrendo, em consequência, a repressão anticomunista própria do período do macarthismo, que lhe impôs uma série de dificuldades editoriais. Neste contexto, o conjunto de sua obra se caracterizou por uma preferência por temas históricos e, até 1957 – ano em que se desligou do partido – por um acentuado tom de engajamento e de crítica social. Dessa forma, nos propomos a buscar compreender que concepções acerca da história dos Estados Unidos os romances de Fast apresentavam e veiculavam. Para tanto, analisamos os romances *The Last Frontier* (1941), que retrata o episódio das Guerras Indígenas conhecido como o êxodo do *cheyenne* (1878-1879); *Freedom Road* (1944), que aborda o período da Reconstrução (1863-1877) e a tentativa de integração da população negra à democracia americana; e *The Passion of Sacco and Vanzetti* (1953), que trata da execução de Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, dois anarquistas italianos injustamente condenados à morte na década de 1920.

Em um primeiro momento, traçamos um perfil dos principais pressupostos teóricos que compunham o universo conceitual da escrita e do pensamento de Fast neste período, enfocando, sobretudo, a dicotomia entre a sua adesão aos princípios comunistas e o seu comprometimento com os ideais americanistas de liberdade e democracia. A seguir, nos detendo mais diretamente nos livros que compõem nosso recorte de pesquisa, discernimos nestes romances três grandes concepções a respeito do passado: a ideia da história americana como uma história de lutas empreendidas pelas populações marginalizadas e oprimidas; como uma história de violência e discriminação a grupos sociais minoritários; e como uma história de defesa dos valores democráticos da nação. Neste sentido, partindo de recentes aportes historiográficos da chamada vertente narrativista, esta tese pretende defender o ponto de vista da literatura como uma forma legítima de representação histórica, capaz de articular de forma eficaz, na esfera pública, sentidos e compreensões acerca do passado.

**Palavras-chave:** História dos Estados Unidos; Literatura; Comunismo Americano; Representação Histórica; Macarthismo.

## ABSTRACT

The present thesis aims to analyze, from the historiographic perspective, some assumptions inherent to Howard Fast's historical literature. Fast (1914-2003), a New York writer of Jewish origin, has an extensive published literary work, although somewhat unknown to the general public. This is partially due to the fact that he joined the Communist Party of the United States (CPUSA) during the 1940s and 1950s, consequently suffering the anti-communist repression, typical of the McCarthyist era, which imposed on him a series of editorial difficulties. In this context, his work was characterized by a preference for historical themes and, up until 1957 – year in which he left the Party – by a sharp militant and socially critical tone. Thus, we propose to try and understand what conceptions about the history of the United States Fast's novels presented and conveyed. To that end, we analyze the novels *The Last Frontier* (1941), which portrays an episode of the Indian Wars known as the Northern Cheyenne exodus (1878-1879); *Freedom Road* (1944), which addresses the Reconstruction Era (1863-1877) and the attempt at integrating the black population into American democracy; and *The Passion of Sacco and Vanzetti* (1953), which deals with the execution of Nicola Sacco and Bartolomeo Vanzetti, two Italian anarchists unfairly sentenced to death in the 1920s.

At first, we outline the main theoretical assumptions that made up the conceptual universe of Fast's thought and writing during this period, focusing primarily on the dichotomy between his adherence to communist principles and his commitment to the Americanist ideals of freedom and democracy. Then, examining more directly the books that make up our research spectrum, we discern in these novels three great conceptions about the past: the idea of American history as a history of struggles undertaken by the marginalized and oppressed populations; as a history of violence and discrimination against social minorities; and as a history of defense of the nation's democratic values. In this sense, based on recent historiographical contributions of the so-called narrativist approach, this thesis argues that literature is a legitimate form of historical representation, able of effectively conveying in the public sphere meanings and understandings about the past.

**Keywords:** United States History; Literature; American Communism; Historical Representation; McCarthyism.

## **APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 DO AMERICANISMO AO COMUNISMO: O UNIVERSO CONCEITUAL DA LITERATURA ENGAJADA DE HOWARD FAST .....</b>	<b>41</b>
2.1 O materialismo dialético e o realismo soviético.....	48
2.2 O humanismo da arte materialista: política e trabalho .....	57
2.3 Tempo, continuidade e o romance histórico de Howard Fast .....	72
2.4 Americanismo: liberdade e democracia .....	77
2.5 Howard Fast e o engajamento antifascista .....	92
2.6 O radicalismo secular judaico .....	103
<b>3 O PASSADO NAS OBRAS DE HOWARD FAST: TEXTOS E CONTEXTOS HISTÓRICOS.....</b>	<b>114</b>
3.1 <i>The Last Frontier</i> e a situação dos <i>cheyenne</i> no Oeste .....	144
3.2 <i>Freedom Road</i> e a contextualização da Reconstrução no Sul.....	162
3.3 <i>The Passion of Sacco and Vanzetti</i> e a caracterização do caso de South Braintree	181
<b>4 DIREITOS POLÍTICOS, TERRA E EDUCAÇÃO: UM PASSADO DE LUTAS E REIVINDICAÇÕES.....</b>	<b>215</b>
4.1 <i>The Last Frontier</i> e a luta indígena pela terra .....	218
4.2 <i>Freedom Road</i> e a luta dos negros por direitos políticos, educação e terra .....	225
4.3 <i>The Passion of Sacco and Vanzetti</i> e a luta pela inocência e por imparcialidade no julgamento .....	242
<b>5 PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA: UM PASSADO DE TRAGÉDIAS .....</b>	<b>246</b>
5.1 <i>The Last Frontier</i> , desprezo, desumanização e ódio aos indígenas no Oeste .....	247
5.2 <i>Freedom Road</i> , discriminação, segregação e terrorismo racial no Sul .....	268
5.3 <i>The Passion of Sacco and Vanzetti</i> , xenofobia e antirradicalismo nos Estados Unidos .....	290
<b>6 LIBERDADE, IGUALDADE, DEMOCRACIA: UM PASSADO DE DEFESA DOS IDEAIS AMERICANOS.....</b>	<b>308</b>
6.1 A liberdade como valor fundamental de <i>The Last Frontier</i> .....	309
6.2 Liberdade, democracia e a cidadania plena e igualitária em <i>Freedom Road</i> .....	318

6.3 Liberdade de consciência e a “Paixão de Sacco e Vanzetti” no contexto da luta da classe trabalhadora americana .....	332
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>347</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>355</b>
<b>ANEXO I – CRONOLOGIA BIBLIOGRÁFICA DE HOWARD FAST</b> .....	<b>364</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Fiction is the repressed other of history.*

Michel de Certeau<sup>1</sup>

A afirmação de que a narrativa literária tem a capacidade de articular e colocar em circulação significados a respeito de determinada realidade histórica, bem como de aproximar o leitor deste passado e produzir uma identificação para com ele, de modo tão eficaz quanto – ou ainda mais eficaz do que – a narrativa historiográfica, já não nos parece tão controversa quanto o era algumas décadas atrás. De fato, pode-se dizer que os recentes desenvolvimentos teóricos no campo dos estudos culturais têm cada vez mais consolidado o espaço das pesquisas sobre literatura a partir da historiografia, ou, ao menos, aberto novos caminhos para pensar questões literárias sob o viés histórico.

Ainda assim, a disciplina histórica por vezes continua a sustentar, implícita ou explicitamente, uma posição teórica estruturalmente conservadora que demarca uma fronteira rígida entre seu campo e o da literatura, reduzindo-a a um lugar secundário, subalterno. Efetivamente, é a partir de tal concepção que, em muitos núcleos acadêmicos, professores e estudantes ainda permanecem atônitos – e não raro indignados – diante do fato de que a população em geral frequentemente toma contato e se informa a respeito de eventos passados muito mais através de textos literários e jornalísticos (e, em um impulso mais recente, digitais) do que através das obras produzidas por historiadores profissionais. Este fenômeno está certamente relacionado às regras disciplinares próprias da escrita historiográfica, que dão origem a trabalhos que tratam de temas demasiadamente especializados, distantes da realidade do público leitor em geral, com uma linguagem árida, hermética, de difícil compreensão, elementos que acabam em boa medida por restringir sua circulação e discussão ao ambiente acadêmico. Não é exagero, portanto, afirmarmos que o apego de grande parte dos historiadores a um protecionismo disciplinar, ou seja, à tentativa de demarcar o terreno da história como voz autorizada e legítima sobre o passado, em detrimento das demais áreas, teve como consequência, devido justamente ao comprometimento com o rigor das normas

---

<sup>1</sup> “A ficção é o outro reprimido da história”. Tradução minha. CERTEAU, Michel de. “History and Science”. In: *Heterologies: Discourse on the Other*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986, p. 29. Citado por WHITE, Hayden. “The Practical Past”. In: *Historiein*, v. 10, 2010, p. 10.

metodológicas disciplinares, o efeito paradoxal de distanciar o campo historiográfico da esfera pública e do interesse da população não especializada.

Dessa forma, no atual contexto, parece-nos tarefa premente do historiador questionar o papel de único canal de acesso legítimo, fidedigno e “verdadeiro” ao passado, que a história ciência do século XIX legou à historiografia moderna, e que esta não se mostrou capaz de exercer plenamente, apesar de suas pretensões. Ao mesmo tempo, também, cabe aos historiadores ponderar sobre as variadas formas por meio das quais a sociedade busca conhecer, refletir sobre, imaginar, e estabelecer laços afetivos e identitários com o passado. E, dentro deste cenário, entendemos ser de fundamental importância considerarmos o papel desempenhado pela literatura histórica.

De fato, o presente trabalho surge a partir de inquietações deste gênero. O discurso literário a respeito do passado é de fato cognitivamente inferior ao historiográfico? Podem os historiadores, como frequentemente ainda o fazem, continuar a ignorar ou menosprezar a relevância da literatura para a construção de sentidos sobre o passado? Acreditamos que não. Basta olharmos para a capacidade de produção de identificação e interesse pela história apresentada por obras como o paradigmático *Ivanhoé* de Sir Walter Scott, o romanesco *Os Três Mosqueteiros* de Alexandre Dumas, o erudito *O Nome da Rosa* de Umberto Eco e, em um âmbito mais regional, *O Tempo e o Vento* de Érico Veríssimo, por exemplo.

Neste sentido, cabe-nos inquirir e buscar refletir sobre a abrangência e os limites das representações literárias do passado. Que sentidos sobre o passado a literatura é capaz de articular? De que maneira? Que ideais e valores a respeito da história ela é capaz de ensejar? Tendo estas questões como pano de fundo, o presente esforço de pesquisa pretende vislumbrar alguns possíveis caminhos para pensá-las, através do estudo de caso da obra do escritor norte-americano Howard Fast.

Ao contrário de autores consagrados como Faulkner, Hemingway e Steinbeck, Fast não é um dos nomes mais conhecidos do cânone literário norte-americano. Diante disto, de forma introdutória, convém tecer um breve panorama biográfico do autor, que possui uma extensa obra publicada, a qual se presta muito bem aos objetivos da presente análise. De imediato, é importante mencionarmos, neste sentido, uma notável escassez de biografias de Fast, de modo que basearemos nossas considerações principalmente a partir da obra de Gerald

Sorin, a mais compreensiva e abrangente sobre o tema, ainda que problemática em determinados aspectos, como veremos adiante<sup>2</sup>.

Howard Melvin Fast (1914-2003) nasceu em Nova York, o terceiro de cinco filhos de um casal de imigrantes de origem judaica, sua mãe, Ida, inglesa de família lituana, seu pai, Barney, ucraniano. Tendo perdido a mãe ainda na infância, Howard e seu irmão mais velho, Jerry, desde muito jovens auxiliavam a complementar a renda familiar, primeiro entregando jornais e posteriormente trabalhando na unidade do Harlem da Biblioteca Pública de Nova York. Seu pai, que por algumas vezes esteve desempregado, ao longo da década de 1920 recebia em torno de 15 a 30 dólares por semana. A infância pobre foi também marcada pela dura experiência do racismo e do antissemitismo vivenciado diariamente na vizinhança pobre do norte de Manhattan, onde Fast vivia e onde conviviam judeus, italianos, irlandeses e afro-americanos. No entanto, também desde muito jovem, Fast desenvolveu uma afinidade com as letras, lendo grandes quantidades de livros, retirados da biblioteca pública das proximidades<sup>3</sup>.

Fascinado pela literatura e história americana, Fast começou a escrever ainda na sua juventude, conseguindo publicar seu primeiro romance em 1933, aos 18 anos. Contudo, suas obras publicadas iniciais não alcançaram sucesso imediato, de modo que Fast teve que continuar a trabalhar em outros empregos paralelamente à sua atividade de escrita. Sua carreira literária somente tomou maior impulso no final da década de 1930, particularmente a partir da publicação do romance *Conceived in Liberty* (1939), situado no período da Guerra de Independência dos Estados Unidos, o qual pode ser considerado o seu primeiro *best-seller*<sup>4</sup>.

Talvez o fato de maior notoriedade em sua trajetória biográfica seja o seu envolvimento com o Partido Comunista Americano (CPUSA). De fato, ao longo da década de 1930, Fast se aproximou de diversas pessoas e organizações ligadas ao Partido Comunista, como sua amiga Sarah Kunitz que lhe introduziu ao *John Reed Club*<sup>5</sup> de Nova York, por exemplo, o que lhe colocou em contato com ideias, conceitos e bibliografia de esquerda. Esta tendência de esquerda, que passou a transparecer em suas obras, as quais cada vez mais envolviam temas relacionados a questões sociais e a ideais de liberdade, se intensificou ainda

---

<sup>2</sup> SORIN, Gerald. *Howard Fast: Life and Literature on the Left Lane*. Bloomington: Indiana University Press, 2012.

<sup>3</sup> Ibid., p. 13-18.

<sup>4</sup> Ibid., p. 34.

<sup>5</sup> Os *John Reed Clubs* eram organizações literárias vinculadas ao Partido Comunista Americano, voltadas para o debate e discussão de ideias e obras literárias e teóricas, presentes em diversas cidades dos Estados Unidos, cujo nome homenageava o jornalista e ativista socialista John Reed. Ibid., p. 12.



mais na década de 1940, com o engajamento de Fast no combate ao fascismo durante a Segunda Guerra Mundial, e culminou com sua adesão ao Partido Comunista em 1943.

Em sua trajetória no Partido, além da continuidade da publicação de romances engajados, Fast passou a contribuir com a escrita de artigos em periódicos de orientação comunista, e já na década de 1950 se tornou uma das principais figuras públicas e porta-vozes do partido nos Estados Unidos, chegando inclusive a tentar uma candidatura ao Congresso em 1952. Por outro lado, seu notório envolvimento político e intelectual com o movimento comunista acabou por despertar a atenção dos instrumentos governamentais de repressão política e censura às atividades consideradas subversivas, dentro do clima de paranoia anticomunista próprio do período do macarthismo, que buscava conter o avanço da “ameaça vermelha” nos Estados Unidos.

Entretanto, em 1957, na esteira da divulgação do discurso de Nikita Khrushchev no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, que revelava e criticava os expurgos e atrocidades cometidas pelo governo de Stálin, particularmente contra os judeus, Fast resolve desligar-se do partido. De fato, Fast chega inclusive a manifestar publicamente, em um livro lançado no mesmo ano, o seu descontentamento com muitas das diretrizes partidárias, principalmente no sentido da tentativa de interferir na sua produção literária, o qual já vinha em uma crescente mesmo antes de seu rompimento definitivo com o partido<sup>6</sup>. A partir de então, sua obra perde em vários aspectos o caráter engajado que anteriormente apresentava e Fast volta a se inserir no mercado editorial abordando outros temas e gêneros literários, muitas vezes por meio de pseudônimos, reflexo ainda das dificuldades de publicação que enfrentou sob a censura macarthista.

Como um todo, pode-se dizer que Howard Fast foi autor de uma obra literária extremamente prolífica, ainda que relativamente desconhecida do próprio público norte-americano<sup>7</sup>. Nos aproximadamente setenta anos que separam a publicação de sua obra de estreia, *Two Valleys* (1933), e seu último livro, *Greenwich* (2000), Fast escreveu mais de quarenta romances, além de cerca de vinte contos detetivescos, uma dezena de livros infantis

---

<sup>6</sup> FAST, Howard. *The Naked God: the Writer and the Communist Party*. New York: Open Road Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon]. Tradução brasileira: *O deus nu: o escritor e o partido comunista*. Rio de Janeiro: Saga, 1959.

<sup>7</sup> Não surpreendentemente, porém, Fast foi um dos autores americanos de maior renome na União Soviética, ao menos até seu desligamento do Partido em 1957. DJAGALOV, Rossen. “‘I Don’t Boast About It, but I’m the Most Widely Read Author of This Century’: Howard Fast and International Leftist Literary Culture, ca. Mid-Twentieth Century”. In: *Anthropology of East Europe Review*, vol. 27, n. 2, 2009, p. 40.

e ainda alguns relatos autobiográficos e textos teóricos<sup>8</sup>. Dentre seus escritos, os seus romances históricos merecem particular destaque. De fato, boa parte de sua obra publicada lida com diversos acontecimentos, episódios e períodos históricos, em particular da história dos Estados Unidos, e muitos deles revelam uma profunda preocupação com questões sociais e desigualdades que emergiram no processo de desenvolvimento da sociedade americana.

Neste sentido, tendo em vista sua trajetória biográfica e bibliográfica, particularmente no que tange ao seu engajamento político e ao seu fundamental interesse pelo passado, a presente pesquisa tem como proposta a análise de três dos seus principais romances históricos. Nos três livros abordados, escritos nas décadas de 1940 e 1950, Fast retrata diferentes episódios da história norte-americana, sob uma perspectiva notadamente crítica.

O primeiro deles é intitulado *The Last Frontier*, publicado em 1941<sup>9</sup>. Neste livro, Fast narra de maneira romanceada o episódio conhecido como “O êxodo dos *cheyennes*”, no qual uma tribo de índios *cheyennes* do norte, que estava confinada em condições precárias em uma reserva no Território Indígena do Oklahoma, fugiu em direção de sua terra de origem, as Black Hills de Dakota do Sul, sob a liderança dos chefes Dull Knife e Little Wolf<sup>10</sup>, sendo perseguidos pelo exército americano. As perseguições estenderam-se entre os anos de 1878 e 1879, ao longo de quatro estados do Meio-Oeste (Oklahoma, Kansas, Nebraska e Wyoming), e tiveram um final trágico para os indígenas: após a divisão da tribo em dois grupos, a parte liderada por Dull Knife foi massacrada em Fort Robinson, Nebraska, após ter sido capturada e ter tentado escapar. O grupo liderado por Little Wolf rendeu-se pouco depois a um oficial conhecido e de boas relações com os *cheyennes*, e alguns de seus membros chegaram a servir como batedores para o exército americano em Fort Keogh, Montana. A promessa de uma reserva para os *cheyennes* no norte somente seria cumprida alguns anos depois. A versão romanceada do êxodo dos *cheyennes* escrita por Fast é apresentada, predominantemente, sob o ponto de vista dos militares americanos e de membros da administração estatal, como o Secretário do Interior, o alemão Carl Schurz. Neste sentido, ao tematizar um dos últimos episódios das trágicas Guerras Indígenas, resultado do processo de conquista do Oeste, a obra

---

<sup>8</sup> Uma relação abrangente da bibliografia publicada por Fast pode ser encontrada no site [http://www.trussel.com/f\\_how.htm](http://www.trussel.com/f_how.htm). Acesso em agosto de 2018.

<sup>9</sup> FAST, Howard. *The Last Frontier*. A new edition with a special introduction by the author. Armonk: M.E. Sharpe, 1997 [Ed. Kindle da Amazon]. Tradução brasileira: *Frenteira de Fogo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

<sup>10</sup> Dull Knife e Little Wolf foram dois importantes líderes dos *cheyenne* do norte, cujos nomes significam, literalmente, Faca Cega e Lobo Pequeno. Por se tratar de nomes próprios, optamos por manter a grafia em inglês ao longo do texto, como no caso de demais nomes indígenas que venham a ser mencionados.

aponta para questionamentos acerca dos ideais de civilização, liberdade e igualdade, pretensamente defendidos pelos Estados Unidos da América<sup>11</sup>.

A segunda obra a que nos propomos analisar intitula-se *Freedom Road*<sup>12</sup>. Publicada em 1944, é considerada por muitos como uma das maiores obras de Fast. Neste romance, Fast nos apresenta o complexo contexto do período da Reconstrução (1865-1877), após a Guerra Civil Americana (1861-1865), através do personagem fictício Gideon Jackson. Embora o protagonista não tenha existido realmente, Fast afirma que as experiências e situações vivenciadas por Gideon realmente aconteceram a diversos atores da época<sup>13</sup>. Ex-escravo de uma das maiores *plantations* de algodão da Carolina do Sul, Gideon vê-se subitamente livre da escravidão e convocado para representar os interesses de sua comunidade de recém-libertos na Convenção que iria formular uma nova Constituição para seu estado. Com grande dificuldade, Gideon vai para a cidade de Charleston, onde ocorre a Convenção, e busca educar-se para melhor poder defender os interesses dos negros e seu lugar no futuro do país. Mesmo enfrentando a resistência e o desprezo da antiga elite branca escravocrata, a nova Constituição, elaborada na sua maioria por delegados negros e brancos simpatizantes do processo de integração promovido pela Reconstrução, foi aprovada em 1868. Voltando a sua terra, Gideon consegue unir os negros e brancos pobres que habitavam na antiga propriedade abandonada para arrematar parte dela em leilão público, de modo que pudessem continuar a viver nela legalmente, formando uma espécie de núcleo comunitário democrático, que passa a sofrer intimidações por parte do Ku Klux Klan. A história dá então um salto até 1876, último ano da presidência de Ulysses Grant e ano da vitória eleitoral amplamente polêmica de Rutherford Hayes, que na prática significou um compromisso entre os partidos de acabar com a experiência da Reconstrução. Nesse contexto, Gideon havia ascendido na política, tornando-se congressista. Apesar disso, muitas das conquistas da Convenção Constitucional estavam sendo deixadas de lado, com a imposição das leis segregacionistas Jim Crow e o aumento das atividades opressivas e violentas do Klan. De fato, o romance tem um fim trágico, no qual Gideon e seus companheiros são literalmente sitiados na antiga casa senhorial da propriedade por um imenso contingente de membros do Klan, incitados por uma falsa acusação de estupro contra três negros vizinhos de Gideon. Dessa forma, o livro aborda questões relativas à

---

<sup>11</sup> Cabe mencionarmos a existência de um filme sobre o êxodo dos Cheyenne, baseado em *The Last Frontier*: o épico *western*, dirigido por John Ford, *Cheyenne Autumn* (em português, “Crepúsculo de uma Raça”), de 1964.

<sup>12</sup> FAST, Howard. *Freedom Road*. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon]. Tradução brasileira: *O Caminho para a Liberdade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947.

<sup>13</sup> *Ibid.*, posição 4354-4361.

liberdade, democracia, a importância da educação e a extensão destes e outros direitos à população negra dos Estados Unidos<sup>14</sup>.

Por fim, a terceira obra que analisaremos chama-se *The Passion of Sacco and Vanzetti, a New England legend*<sup>15</sup>. Neste livro, publicado em 1953, Fast narra o último dia da vida de dois condenados à morte, os imigrantes italianos Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti. Sacco, sapateiro, e Vanzetti, ex-padeiro e vendedor de peixes, eram dois trabalhadores ligados ao movimento anarquista e tinham participação ativa na busca por melhorias nas condições de trabalho do operariado americano, que estava em franco crescimento nas primeiras décadas do século XX, reforçado pelas ondas de imigrantes europeus. Em 1920, Sacco e Vanzetti foram acusados de participação em um cruel latrocínio ocorrido na cidade de South Braintree, Massachusetts. Sem provas convincentes contra os dois, o processo arrastou-se por sete anos, até serem condenados à morte e executados em 22 de agosto de 1927. Seu processo, julgamento e condenação causaram grande comoção e foram alvos de muitos protestos na época, não apenas nos Estados Unidos, mas em escala mundial. Após sua morte, diversos questionamentos foram levantados acerca da idoneidade do julgamento e da própria culpabilidade dos condenados, sendo que no cinquentenário da execução de ambos, o governador de Massachusetts publicamente declarou que Sacco e Vanzetti foram injustamente julgados e os exculpou oficialmente. Muitos, inclusive o próprio Fast, acreditam que o principal motivo para sua condenação estava ligado ao preconceito contra os imigrantes, bem como à repressão aos sindicatos, movimentos de trabalhadores e ideologias de esquerda que afluíam nos Estados Unidos, em especial o anarquismo, promotor de vários atentados e perturbações da ordem. Ao dar voz a diversos personagens ligados ao julgamento, execução e protestos do caso Sacco e Vanzetti, e aos próprios trabalhadores italianos, Fast propõe novamente reflexões sobre os fundamentos e direitos básicos da nação americana, assim como a desigualdade na sua aplicação<sup>16</sup>.

A partir destas obras, sucintamente descritas acima, propomos uma análise em termos semelhantes ao sugerido por Paul Ricoeur em *História e Verdade*. Ricoeur, ao comentar sobre os níveis de objetividade e subjetividade próprios ao ofício do historiador, elenca entre os

<sup>14</sup> Também há uma produção cinematográfica de *Freedom Road*, exibida pela rede de televisão NBC, em 1979, dirigida por Jan Kadar e tendo o boxeador Muhammad Ali no papel do protagonista Gideon Jackson.

<sup>15</sup> FAST, Howard. *The Passion of Sacco & Vanzetti. A New England Legend*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon]. Tradução brasileira: *Sacco & Vanzetti*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

<sup>16</sup> Apesar de não ter sido baseado diretamente na obra de Fast, há também um filme, de 1971, sobre a trágica história de dos dois trabalhadores italianos, intitulado *Sacco & Vanzetti*, dirigido por Giuliano Montaldo, com Gian Maria Volonté (Vanzetti) e Riccardo Cucciola (Sacco), e uma marcante trilha sonora interpretada por Joan Baez.

elementos intrinsecamente subjetivos do fazer historiográfico o fato de que a própria história enquanto disciplina busca explicar e compreender os homens, as ações humanas. Em outras palavras, seu próprio objeto é dotado de subjetividade. Neste sentido, Ricoeur afirma que a “translação temporal”, o olhar para o passado que marca a pesquisa histórica, “é, portanto, também uma transferência a uma outra subjetividade, adotada como centro de perspectiva”<sup>17</sup>.

Em consonância com tal ideia, o presente trabalho tem a intenção de voltar o olhar para a subjetividade do escritor americano Howard Fast e tomá-la como centro de nossa perspectiva. Através da análise de sua escrita literária, temos por objetivo entrever que concepções, ideias, enfim, que narrativa, que representação do passado Fast veiculava através de seus romances históricos. Antes, porém, de especificarmos melhor os objetivos que pretendemos alcançar a partir desta proposta, convém explorarmos mais detalhadamente os aportes teóricos nos quais eles estão fundamentados.

A máxima que inaugura a presente introdução, atribuída ao eminente historiador francês Michel de Certeau, é empregada por Hayden White para evocar o aspecto ficcional inerente à produção do discurso historiográfico – questão fundamental em sua obra – e serve muito bem para, como ponto inaugural, situarmos o lugar teórico de onde parte o presente trabalho. De fato, a linha argumentativa aqui desenvolvida é tributária da emergência do argumento narrativista na história, isto é, da retomada da importância da narrativa e da ficção para a produção historiográfica, representada, particularmente, pelas contribuições delineadas pela obra de White.

Em linhas gerais, o aporte narrativista, conforme desenvolvido por White, refere-se essencialmente à consideração do “texto histórico como um artefato literário”, como indica o título de um de seus artigos, ou seja, da recuperação do caráter narrativo da escrita e da produção do conhecimento historiográfico, característica sublimada, reprimida pela disciplina histórica. Como celebrenemente por ele colocado:

Mas de um modo geral houve uma relutância em considerar as narrativas históricas como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências<sup>18</sup>.

Afirmações deste gênero geraram grande celeuma em certos círculos historiográficos, oriunda de más-interpretações e leituras incompletas do argumento desenvolvido por White.

<sup>17</sup> RICOEUR, Paul. *História e Verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968, p. 32.

<sup>18</sup> WHITE, Hayden. “O texto histórico como artefato literário”. In: *Trópicos do Discurso*. Ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 2014, p. 98. Grifos do autor.

De fato, em nenhum momento White sugere que tudo é válido na escrita da história, tampouco que o historiador deliberadamente “falseia” a realidade passada ou que o resultado do trabalho historiográfico não possa ter qualquer valor cognitivo. Ao contrário, ele busca ressaltar o aspecto ficcional do fazer historiográfico, seu caráter como uma narrativa elaborada pelo historiador, aspecto até então ou negligenciado pela prática disciplinar ou, quando reconhecido, considerado como uma falha inerente ao ofício, que deveria ser controlada e restringida. Como desenvolvido em sua obra seminal, *Meta-história*, White rejeita uma distinção entre história e ficção baseada na noção de que

(...) a diferença entre “história” e “ficção” reside no fato de que o historiador “acha” suas histórias, ao passo que o ficcionista “inventa” as suas. Essa concepção da tarefa do historiador (...) obscurece o grau de “invenção” que também desempenha um papel nas operações do historiador<sup>19</sup>.

Para White, este componente ficcional, ou “de invenção”, da escrita historiográfica está essencialmente relacionado ao fato de que o historiador não simplesmente recupera os eventos passados, os fatos históricos que estariam nos arquivos esperando para serem encontrados, mas sim confere significado a um conjunto de acontecimentos, que não possuem um sentido pré-determinado por si<sup>20</sup>. Sendo “uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa que pretende ser um modelo (...) de estruturas e processos passados no interesse de *explicar o que eram representando-os*”<sup>21</sup>, o discurso historiográfico consegue seu efeito explicativo por meio de um procedimento semelhante ao do autor de ficção, através da elaboração de um enredo<sup>22</sup>.

Esta elaboração de um enredo narrativo – ou *emplotment*<sup>23</sup>, para usar a terminologia de White – é o modo como o historiador impõe ordem ao caos dos acontecimentos passados, realiza a transição do sublime para o belo, enfim, preenche o passado de sentido e explica-o<sup>24</sup>.

<sup>19</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história*. A Imaginação Histórica do Século XIX. São Paulo: EDUSP, 1992, p. 24.

<sup>20</sup> WHITE, “O texto histórico como artefato literário”. In: *Trópicos do Discurso*. Ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 2014, p. 102.

<sup>21</sup> WHITE, *Meta-história*, A Imaginação Histórica do Século XIX. São Paulo: EDUSP, 1992, p. 18. Grifo do autor.

<sup>22</sup> WHITE, “O texto histórico como artefato literário”. In: *Trópicos do Discurso*. Ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 2014, p. 100.

<sup>23</sup> Existe a tradução do termo *emplotment* para o português como “enredamento”. Optei, no entanto, por manter no corpo do texto a forma original em inglês elaborada por White.

<sup>24</sup> White toma estes conceitos da filosofia kantiana, segundo a qual o sublime seria algo grandioso, enorme, que não é claro e que não pode ser compreendido, em oposição ao belo, que tem fronteiras claras e bem definidas e possui um sentido. O sublime histórico, portanto, seria essa grande massa informe de acontecimentos, experiências e fenômenos que ocorrem de forma paralela e concomitante em um determinado momento histórico, e para o qual não há um sentido determinado *a priori*. A produção de sentido somente irá ocorrer com a passagem do sublime para o belo, por meio da forma discursiva da narrativa. WHITE, Hayden. “The politics of historical interpretation”. In: *The Content of the Form*. Narrative Discourse and Historical Representation. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1987, p. 66-67.

No processo de constituição e delimitação da disciplina histórica, levado a cabo no século XIX, a forma narrativa, que impõe a necessidade de explicar e exclui a possibilidade do sublime, foi entronizada como a prevalente no discurso historiográfico. Ao mesmo tempo, também, White aponta para um ímpeto de “des-retorização” do pensamento histórico em seu processo de disciplinarização, um esforço para se distinguir a história da ficção, particularmente do tipo de ficção em prosa representado pelo romance, o grande gênero literário do século XIX. Esta “retórica da antirretórica” baseava-se na recuperação da distinção aristotélica entre história e poesia, entre o estudo de acontecimentos que de fato ocorreram e a imaginação daqueles que poderiam ter ocorrido, e na afirmação de que a história está fundada em evidências, em provas empiricamente verificáveis. A grande consequência desta des-retoricização do conhecimento histórico refere-se ao efeito de disciplinar a imaginação histórica, restringindo a criatividade discursiva, e acabando por reprimir o componente ficcional inerente à escrita da história<sup>25</sup>.

Justamente pelo fato de que o aspecto da imaginação histórica e, sobretudo, do caráter ficcional da escrita histórica foi reprimido no processo de constituição da disciplina, como bem coloca o filósofo da história finlandês Jouni-Matti Kuukkanen, este argumento narrativista, que poderia parecer evidente, isto é, que os livros de história manifestamente articulam uma narrativa sobre o passado, não foi propriamente analisado até a emergência de uma filosofia narrativista da historiografia na década de 1970, por meio dos aportes desenvolvidos nas obras de autores como White e Frank Ankersmit<sup>26</sup>. Kuukkanen – para quem os desenvolvimentos teóricos da vertente narrativista, com a retomada da ênfase na questão do texto e, obviamente, da narrativa, estão entre os mais importantes da atual filosofia da historiografia – sintetiza as contribuições representadas pela obra destes dois autores a partir de três principais conceitos: representacionalismo, construtivismo e holismo<sup>27</sup>.

Representacionalismo diz respeito à superação da ideia de que os historiadores deveriam buscar produzir uma cópia precisa do passado e fazer o possível para que a linguagem por eles empregada não distorcesse a realidade passada; ao contrário, tanto para White, quanto para Ankersmit, o texto histórico é essencialmente uma representação narrativa do passado<sup>28</sup>. Por sua vez, o conceito de construtivismo dentro desta linha narrativista está

---

<sup>25</sup>Ibid., p. 65-66.

<sup>26</sup> KUUKKANEN, Jouni-Matti. *Postnarrativist Philosophy of Historiography*. New York: Palgrave Macmillan, 2015, p. 1, 7.

<sup>27</sup> Ibid., p. 29.

<sup>28</sup> Ibid., p. 30-32.

relacionado à ideia de que não há uma história escondida no passado que é encontrada pelo historiador, mas sim que ele efetivamente constrói esta história, esta representação do passado: “The past only becomes narratively structured through the imagination and the hand of the historian, who imposes order and meaning there”<sup>29</sup>. Em outras palavras, as narrativas não são encontradas no passado, mas impostas a ele por parte do historiador. Isto não quer dizer que o passado não tenha existido, mas que há uma “diferença morfológica e estrutural” fundamental entre a realidade passada e a representação dela por parte do historiador, que impossibilita que o historiador produza uma cópia fiel do passado: a narrativa do historiador é verbal e textual, ao passo que a natureza da realidade histórica é não-narrativa e não-verbal<sup>30</sup>. Por fim, o argumento narrativista aborda a narrativa historiográfica a partir de uma perspectiva holística, ou seja, trabalha com o texto histórico como um todo (e não com passagens selecionadas dele) e entende que ele articula uma visão sintética do passado, que ele delinea uma mensagem, um sentido, uma hipótese a respeito da realidade pretérita<sup>31</sup>.

Tais aportes, bem sintetizados por Kuukkanen, desenvolvidos por esta vertente narrativista da história, dentro da qual a obra de White desponta como uma das mais significativas, vêm justamente de encontro às principais restrições disciplinares da história profissional, conforme ela se desenvolveu e se consolidou desde o século XIX. Como bem recorda Beverley Southgate, os historiadores frequentemente definiram, e em grande parte ainda definem, seu campo em função da sua alteridade em relação à ficção literária:

From the earliest times, historians have defined their subject by direct reference to its absolute distinction from fiction: history is history precisely because it is *not* fiction, but aspires rather to supplant fiction with *fact*. Writers of fiction may make use of historical backgrounds and contexts for their imaginative creations, but they remain outside the pale of proper history: a clear frontier marks them off from what, at least from the nineteenth century, has developed as an autonomous and professional *discipline*<sup>32</sup>.

Com efeito, o processo de profissionalização da história caracterizou-se essencialmente pela demarcação de fronteiras disciplinares, e dentre as barreiras erigidas uma

<sup>29</sup> “O passado somente se torna narrativamente estruturado através da imaginação e da mão do historiador, que impõe ordem e sentido a ele”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 40.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 42. Alan Robinson postula algo semelhante ao se reportar a uma “assimetria cognitiva” entre a experiência passada e a pesquisa dos historiadores no presente. ROBINSON, Alan. *Narrating the Past. Historiography, Memory and the Contemporary Novel*. London: Palgrave Macmillan, 2011, p. x.

<sup>31</sup> KUUKKANEN, *Op.Cit.*, p. 44.

<sup>32</sup> “Desde os tempos mais antigos, os historiadores definiram sua matéria por referência direta à sua absoluta distinção da ficção: história é história precisamente porque *não* é ficção, mas aspira, ao contrário, a suplantar a ficção com o *fato*. Escritores de ficção podem fazer uso de cenários e contextos históricos para suas criações imaginativas, mas eles permanecem fora do âmbito da verdadeira história: uma clara fronteira os separa do que, pelo menos desde o século XIX, se desenvolveu como uma *disciplina* autônoma e profissional”. Tradução minha. SOUTHGATE, Beverley. *History Meets Fiction*. New York: Routledge, 2014, p. x. Grifos do autor.



das mais obstinadamente resguardadas pelos historiadores foi justamente aquela que os separava dos autores de ficção. Como expressivamente coloca Southgate acerca da relação ao mesmo tempo próxima e conflituosa entre a história e a ficção: “(...) a fence has long since been erected between the two, and has been claimed to mark one of the most fundamental of disciplinary boundaries – one that has, especially from the historical side, been most fiercely, passionately, and even desperately, defended”<sup>33</sup>.

Uma análise semelhante já havia sido proposta pelo próprio Michel de Certeau em *Heterologies*. Para ele, o divórcio entre a história e a literatura, institucionalizado pelo estabelecimento da história acadêmica, está fundado em uma separação absoluta entre as categorias de “objetivo” e “imaginário”, própria de uma concepção de ciência empírica que pautou esta afirmação disciplinar<sup>34</sup>. Deste modo, a história cria um lugar para si própria ao eliminar aquilo que não se conforma à sua própria noção de cientificidade. Neste sentido, a ficção e a literatura foram exiladas daquilo que se considerava o discurso histórico-científico legítimo; foram confinadas em uma espécie de “gueto literário”, relegadas à região do trivial, ao que Certeau chama de “*pas sérieux*”, por parte da epistemologia histórica disciplinar do século XIX<sup>35</sup>.

Esta posição, que sustenta a pretensão de autoridade do discurso histórico enquanto representação fiel e verdadeira da realidade passada, camufla e dissimula o aspecto narrativo da história – torna o ficcional o outro reprimido da história<sup>36</sup>. Assim, nas palavras de Certeau: “In order to grant legitimacy to the fiction that haunts the field of historiography, we must first ‘recognize’ the repressed, which takes the form of ‘literature’, within the discourse that is legitimated as scientific”<sup>37</sup>. Parece-nos, portanto, crucial reconhecermos a dimensão literária reprimida do discurso historiográfico, justamente para darmos legitimidade às representações produzidas pela literatura.

---

<sup>33</sup> “(...) uma cerca foi há muito erguida entre as duas e foi declarada como marcando uma das mais fundamentais fronteiras disciplinares – uma que tem sido, especialmente do lado da história, muito feroz, apaixonada e até desesperadamente defendida”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 1.

<sup>34</sup> CERTEAU, Michel de. *Heterologies: Discourse on the Other*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000, p. 17.

<sup>35</sup> Literalmente, “o não-sério”. *Ibid.*, p. 23-26.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 201-203. Dominick LaCapra apresenta uma concepção semelhante ao tratar dos cinco modos de abordagem da leitura na escrita da história, o primeiro dos quais seria a negação ou repressão da leitura, característica do paradigma de empirismo e objetividade professado pela historiografia disciplinar. LACAPRA, Dominick. *History and Reading*. Tocqueville, Foucault, French Studies. Toronto: University of Toronto Press, 2000, p. 30-32.

<sup>37</sup> “De modo a dar legitimidade à ficção que assombra o campo da historiografia, devemos primeiro ‘reconhecer’ o reprimido, que toma a forma da ‘literatura’, dentro do discurso que é legitimado como científico”. Tradução minha. CERTEAU, *Op. Cit.*, p. 219.

De fato, argumentando contra uma fronteira rígida entre a história e a ficção, cuja relação é repleta de aproximações e pontos de encontro, Southgate evoca os princípios narrativistas ao recordar a afinidade entre os objetivos das duas categorias:

For one reason for the enduring and close relationship between history and fiction – one reason for their fluctuating conjunctions and disjunctions – is that both are concerned essentially with the same task: with the construction of *meaning*, with making some sense out of what otherwise appears as the chaotic jumble of data that makes up human lives. Both, that is to say, need to tell stories – construct *narratives*<sup>38</sup>.

Em essência, tanto a narrativa historiográfica quanto a literária, ainda que de diferentes maneiras, estão preocupadas com a construção de sentido, com a atribuição de significado à miríade desordenada dos acontecimentos passados. Neste sentido, ao invés de continuar a negar a dimensão narrativa da história e o valor das representações produzidas pela literatura, o reconhecimento destas nos deixa mais abertos a novas possibilidades de interpretação e reconstrução do passado. Este é, de certa forma, o argumento de Dominick LaCapra, ao comentar as contribuições de White e insistir nas potencialidades da admissão do caráter interpretativo – e, poderíamos também dizer, imaginativo e narrativo – do ofício dos historiadores:

Interpretation is not a necessary evil in the face of a historical record that is always too full (hence the need for selection) and too empty (hence the need for auxiliary hypotheses to stop gaps). Interpretation is at the heart of historiography, for it relates to the way in which language prefigures and informs the historical field. Historians should not attempt to escape the need for interpretation through an illusory “positivistic” purity or experience this need as an exile from objective truth. On the contrary, they should inquire into its nature, implications, and “positive” possibilities in the reconstruction of the past<sup>39</sup>.

É nesta perspectiva de valorização das representações produzidas pela literatura como possibilidades “positivas” de reconstrução do passado, como articuladoras de sentidos sobre o passado, que se insere o presente trabalho. Nesta linha argumentativa, podemos nos reportar novamente a Hayden White, desta vez no artigo intitulado “As ficções da representação

---

<sup>38</sup> “Pois uma razão para o relacionamento próximo e duradouro entre história e ficção – uma razão para suas flutuantes conjunções e disjunções – é que ambas estão preocupadas, essencialmente, com a mesma tarefa: com a construção de *significado*, com dar sentido ao que, de outra forma, aparece como a caótica pilha de dados que forma as vidas humanas. Ambas, quer dizer, precisam contar histórias – construir *narrativas*”. Tradução minha. SOUTHGATE, *Op.Cit.*, p. 12. Grifos do autor.

<sup>39</sup> “A interpretação não é um mal necessário diante de um registro histórico que é sempre muito cheio (daí a necessidade de seleção) e muito vazio (daí a necessidade de hipóteses auxiliares para preencher as lacunas). A interpretação está no coração da historiografia, pois ela está relacionada ao modo como a linguagem prefigura e informa o campo histórico. Os historiadores não devem tentar escapar à necessidade de interpretação através de uma ilusória pureza “positivista” ou experienciar esta necessidade como um exílio da verdade objetiva. Ao contrário, eles devem investigar sua natureza, implicações e possibilidades “positivas” para a reconstrução do passado”. Tradução minha. LACAPRA, Dominick. *Rethinking Intellectual History: texts, contexts, language*. Ithaca: Cornell University Press, 1987, p. 75.

factual”, expressão usada por ele para se referir ao grau em que os discursos do historiador e do escritor de ficção “se sobrepõem, se assemelham ou se correspondem mutuamente”. Segundo White, ainda que historiadores e romancistas estejam interessados em eventos diferentes, tanto a forma de seus discursos, quanto seus objetivos são frequentemente os mesmos<sup>40</sup>. Mais do que isto, ele rejeita uma distinção absoluta, promovida pelo cientificismo empirista ocidental, entre dois tipos de “verdade”, uma correspondente e outra meramente coerente, às quais a história e a ficção estariam respectivamente subordinadas:

Mas o escopo do escritor de um romance deve ser o mesmo que o do escritor de uma história. Ambos desejam oferecer uma imagem verbal da “realidade”. O romancista pode apresentar a sua noção desta realidade de maneira indireta, isto é, mediante técnicas figurativas, em vez de fazê-lo diretamente, ou seja, registrando uma série de proposições que supostamente devem corresponder detalhe por detalhe a algum domínio extratextual de ocorrências ou acontecimentos, como o historiador afirma fazer. Mas a imagem da realidade assim construída pelo romancista pretende corresponder, em seu esquema geral, a algum domínio da experiência humana que não é menos “real” do que o referido pelo historiador. Não se trata, pois, de um conflito entre dois tipos de verdade (que o preconceito ocidental com relação ao empirismo como única via de acesso à realidade nos impingiu), de um conflito entre a verdade da correspondência, de um lado, e a verdade da coerência, de outro. Toda história precisa submeter-se tanto a padrões de coerência quanto a padrões de correspondência se quiser ser um relato plausível do “modo como as coisas realmente aconteceram”. Pois o preconceito empirista é reforçado pela convicção de que a “realidade” é não só perceptível como coerente na sua estrutura. Uma simples lista de afirmações existenciais singulares, passíveis de confirmação, não indica um relato de realidade se não houver alguma coerência, lógica ou estética, que as ligue entre si. Da mesma forma, toda ficção deve passar por um teste de correspondência (deve ser “adequada” como imagem de alguma coisa que está além de si mesma), se pretender apresentar uma visão ou iluminação da experiência humana do mundo. Quer os eventos representados num discurso sejam interpretados como partes diminutas de um todo molar, quer como possíveis ocorrências dentro de uma totalidade perceptível, o discurso tomado na *sua* totalidade como imagem de alguma realidade comporta uma relação de correspondência com aquilo *de que* ele constitui uma imagem. É nesse duplo sentido que todo discurso escrito se mostra cognitivo em seus fins e mimético em seus meios. E isto vale também para o discurso mais lúdico e aparentemente mais expressivo, para a poesia tanto quanto para a prosa e até para aquelas formas de poesia que parecem querer iluminar apenas a própria “escrita”. Neste aspecto, a história não é menos uma forma de ficção do que o romance é uma forma de representação histórica<sup>41</sup>.

Este argumento, desenvolvido aqui em toda sua extensão, importa para o presente trabalho justamente pela sua conclusão. Como vimos anteriormente, a realidade passada não é coerente em si mesma, não possui um sentido pré-determinado, por ser não-verbal e não-

<sup>40</sup> Antecipando-se a uma das críticas que suas afirmações iriam causar no meio acadêmico, White recupera aqui a distinção aristotélica entre eventos históricos e eventos ficcionais, segundo a qual, “Os historiadores ocupam-se de eventos que podem ser atribuídos a situações específicas de tempo e espaço, eventos que são (ou foram) em princípio observáveis ou perceptíveis, ao passo que os escritores imaginativos – poetas, romancistas, dramaturgos – se ocupam tanto deste tipo de eventos quanto dos imaginados, hipotéticos ou inventados”. WHITE, Hayden. “As ficções da representação factual”. In: *Trópicos do Discurso*. Ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 2014, p. 137.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 138. Grifos nossos.

narrativa em sua estrutura, de modo que o discurso historiográfico não mantém somente uma relação de pura correspondência com esta realidade, mas também de coerência por meio da elaboração de um enredo narrativo. Na mesma medida, o discurso produzido pela escrita literária, ou imaginativa, para ser uma imagem expressiva de alguma realidade, deve manter com esta um certo grau de correspondência. Dessa forma, White ressalta não apenas o tão debatido caráter narrativo da escrita histórica, mas também destaca o status da literatura, particularmente do gênero do romance, como uma representação histórica significativa.

Diante destes postulados, cabe nos perguntarmos que características históricas a análise das representações produzidas pela literatura é capaz de nos revelar. Uma possível resposta a esta questão foi muito bem elaborada pelo historiador norte-americano Richard Slotkin. Com base no argumento narrativista, Slotkin considera que um romance histórico, que pode e deve ter uma base de pesquisa factual, pode ser tão preciso quanto (ou ainda mais preciso do que) uma representação do passado produzida pela historiografia:

History is what it is, but it is also what we make of it. What we call ‘history’ is not a thing, an object of study, but a story we choose to tell about things. Events undoubtedly occur: the Declaration of Independence was signed on the 4 July, 1776, yesterday it rained, Napoleon was short, I had a nice lunch. But to be construed as ‘history’ such facts must be selected and arranged on some sort of plan, made to resolve some sort of question which can only be asked subjectively and from a position of hindsight. Thus all history writing requires a fictive or imaginary representation of the past. There is no reason why, in principle, a novel may not have a research basis as good or better than that of a scholarly history; and no reason why, in principle, a novelist’s portrayal of a past may not be truer and more accurate than that produced by a scholarly historian<sup>42</sup>.

Para Slotkin, além da manifesta e frequentemente referida função de ser um instrumento efetivo de educação popular e um meio de se estimular o interesse pelo estudo da história, a ficção histórica pode ser um valioso complemento à historiografia. De fato, o autor relata a sua própria experiência em intercalar a produção acadêmica com a escrita de obras de ficção. Esta ideia parte do princípio já elaborado pelo escritor romântico alemão Novalis no

---

<sup>42</sup> “A história é o que é, mas é também aquilo que fazemos dela. O que chamamos de ‘história’ não é uma coisa, um objeto de estudo, mas uma estória que decidimos contar sobre as coisas. Eventos indubitavelmente ocorrem: a Declaração de Independência foi assinada em 4 de julho de 1776, ontem choveu, Napoleão era baixo, eu tive um bom almoço. Mas para serem construídos como ‘história’ tais fatos devem ser selecionados e organizados em alguma forma de plano, feito para resolver alguma questão que somente pode ser feita subjetivamente e de uma posição retrospectiva. Assim, toda escrita histórica requer uma representação fictícia ou imaginária do passado. Não há motivo para que, em princípio, um romance não tenha uma base de pesquisa tão boa quanto, ou melhor, do que aquela de uma história acadêmica; e nenhum motivo para que, em princípio, o retrato do passado feito por um novelista não possa ser mais verdadeiro e mais preciso do que aquele produzido por um historiador acadêmico”. Tradução minha. SLOTKIN, Richard. “Fiction for the Purposes of History”. In: *Rethinking History*, vol. 9, n. 2/3, Junho/Setembro de 2005, p. 222.

século XIX, segundo o qual “Novels arise from the shortcomings of history”<sup>43</sup>. Em outras palavras, a literatura histórica encontra seu espaço e sua razão de ser em função da inadequação do discurso acadêmico em lidar com a totalidade do registro histórico. Dessa forma, distinguindo-se da historiografia pela maneira como usa o conhecimento acerca do passado e representa suas conclusões, a forma ficcional pode dar conta de características e questões que aquela, pelas suas restrições disciplinares, não consegue abarcar. Slotkin demonstra que aspectos do passado um romance histórico pode iluminar ao analisar como funciona a sua escrita:

To begin with, you have to learn in detail who the citizens of the past were, where they came from, what kinds of things they would know, how they would think and talk about them. And you have to pretend to forget what *you* know – how events will turn out, what later generations will say it all meant. And yet, not *entirely* forget – because one source of power in the form is the fact that the readers *do* know how it all turns out. And so, if you play on that knowledge delicately enough, you can induce readers to complete the historical narrative for themselves, in their own minds – and thus recognize for themselves the ironies, the mismatches of intention and fulfillment, that shape the history of human events.

A novel can be as accurate as a history in telling what happened, when and how. It can, and should, be based on the same kind of research and rigorous analysis of evidence. But the distinction and advantage of the fictional form lies in the way it uses evidence and represents conclusions. The truth the novel seeks is poetic rather than historiographical: it sacrifices fidelity to *non-essential* facts in order to create in the reader a vivid sense of what it may have been like to live among such facts – and also a sense of what those facts *mean* in some larger sense – and to achieve that in a flash of recognition, rather than as the conclusion to a necessarily laborious argument<sup>44</sup>.

De modo a criar este quadro representativo de como pode ter sido a realidade passada, esta “verdade poética” que é capaz de produzir no leitor uma identificação histórica quase instantânea, o romancista procede de modo diverso ao do historiador. A historiografia, por seu caráter analítico, disseca e compartimenta a experiência histórica, visando melhor compreendê-la; o romance, ao contrário, deve internalizar esta análise das múltiplas facetas da

<sup>43</sup> “Os romances surgem das insuficiências da história”. Tradução minha. Ibid., p. 221.

<sup>44</sup> “Para começar, você tem que aprender em detalhe quem eram os cidadãos do passado, de onde vinham, que tipos de coisas eles saberiam, como eles pensariam e falariam sobre elas. E você deve fingir esquecer o que *você* sabe – como os eventos irão se desenrolar, o que as gerações posteriores dirão que tudo significou. E ainda assim, não esquecer *inteiramente* – porque uma fonte do poder da forma é o fato de que os leitores *sabem* como tudo se desenrolou. E então, se você jogar com este conhecimento delicadamente o suficiente, você pode induzir os leitores a completar a narrativa histórica por si mesmos, em suas próprias mentes – e, assim, reconhecer por si mesmos as ironias, as discrepâncias entre intenção e realização, que moldam a história dos eventos humanos. Um romance pode ser tão preciso quanto uma história em contar o que aconteceu, quando e como. Ele pode, e deve, ser baseado no mesmo tipo de pesquisa e análise rigorosa de evidências. Mas a distinção e vantagem da forma ficcional está no modo como ela usa as evidências e representa as conclusões. A verdade que o romance procura é poética ao invés de historiográfica: ele sacrifica a fidelidade aos fatos *não-essenciais* a fim de criar no leitor um vívido senso de como pode ter sido viver entre tais fatos – e também um senso do que aqueles fatos *significam* em algum sentido mais amplo – e de alcançar isto em um flash de reconhecimento, ao invés de como a conclusão a um argumento necessariamente laborioso”. Tradução minha. Ibid., p. 225-226. Grifos do autor.

experiência humana e da realidade histórica, e apresentá-las como um todo, da maneira como seus atores poderiam tê-las efetivamente experienciado<sup>45</sup>:

A historical novel has to subsume the process of creating knowledge into its representation, displaying the character's life as a subjectively experienced whole – at the same time implicitly highlighting those forces or influences (derived from historical analysis) which seem most significant. It can do more than re-create historical events, ideas, manners, environments. It can create a simulacrum or model of the historical world, miniaturized and compressed in scale and time; a model which embodies a theory of historical causation<sup>46</sup>.

Slotkin articula esta argumentação ao conceito de mito e ao papel que ele, na forma de símbolos e narrativas, é capaz de formar e moldar uma consciência coletiva. Para ele, a análise e crítica histórica, ainda que possa expor e desconstruir as estruturas sociais, não é capaz de suplantar ou substituir uma narrativa mítica. Apenas outra estrutura mítica, outra “estória com a mesma ressonância histórica e autoridade moral”, como é este “simulacro” produzido pela literatura, tem a potencialidade de desarticular as narrativas míticas já existentes<sup>47</sup>. Desse modo – e esta é uma ideia central ao presente trabalho que retomaremos mais adiante – a narrativa literária, particularmente o gênero do romance histórico, apresenta-se como uma forma privilegiada para que os povos ou grupos sociais e étnicos marginalizados possam confrontar a narrativa mítica oficial e afirmar sua identidade histórica, que foi obliterada, omitida, considerada subalterna, ou ainda, má ou erroneamente representada no processo de afirmação desta narrativa dominante<sup>48</sup>.

A partir destas considerações, Slotkin acaba por definir bem uma das funções desempenhadas pelo romance histórico, em termos de uma reflexão social acerca do passado: ele é capaz de romper com a ideia de inevitabilidade do progresso da história, recuperando a sua indeterminância, as diversas possibilidades que existiriam no passado e aqueles movimentos e valores que foram derrotados e suprimidos ao longo do tempo – particularmente ligados àqueles grupos excluídos da narrativa histórica nacional.

---

<sup>45</sup> Slotkin cita, por exemplo, o caso de uma mulher irlandesa que liderou uma greve do setor têxtil em Massachusetts. A análise histórica dividiria sua experiência – que na sua ocorrência real foi percebida e vivida como um todo – e diversos temas ou linhas historiográficas: história da imigração, história da mulher, história dos comportamentos coletivos, e assim por diante. *Ibid.*, p. 226.

<sup>46</sup> “Um romance histórico deve subsumir o processo de criação do conhecimento em sua representação, exibindo a vida dos personagens como um todo subjetivamente experienciado – ao mesmo tempo implicitamente destacando aquelas forças ou influências (derivadas da análise histórica) que parecem mais significativas. Ele pode fazer mais do que re-criar eventos históricos, ideias, costumes, ambientes. Ele pode criar um simulacro ou modelo do mundo histórico, miniaturizado e comprimido em escala e tempo; um modelo que incorpora um teoria de causação histórica”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 226.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 230.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 230-231.

Precisely because the novel imaginatively recovers the *indeterminacy* of a past time, it is *not* bound simply to celebrate the mere outcome; but leaves the writer and reader free to explore those alternative possibilities for belief, action and political change, unrealized by history, which existed in the past. In doing so, the novelist may restore, as *imaginable possibilities*, the ideas, movements and values defeated or discarded in the struggle that produced the modern state – may produce a *counter-myth*, to play into and against the prevailing myths of the nation<sup>49</sup>.

Estas considerações tecidas por Slotkin são de fundamental importância ao presente trabalho, na medida em que elas sintetizam um entendimento do papel desempenhado pelo romance histórico no sentido de recriar, poeticamente, a atmosfera de tempos passados em uma perspectiva totalizante, proporcionando, assim, ao leitor, um senso do que teria sido viver neste passado e uma identificação para com ele. Ao mesmo tempo, ao fazer isto, ele é capaz de romper com uma ideia de progresso linear e inevitável da história, recuperando as diferentes alternativas e possibilidades que existiram em tempos progressos. Tais concepções são também compartilhadas por outros autores que constituem referências para este trabalho.

Beverley Southgate, por exemplo, faz questão de destacar, dentre os muitos pontos de encontro entre a história e a ficção, que a literatura constitui um artefato cultural, que incorpora diversos costumes sociais e pressupostos intelectuais de seu tempo, constituindo uma importante fonte de evidência histórica, mais para a época em que foi escrita do que para a época retratada em suas páginas<sup>50</sup>. Mais do que isto, no sentido que viemos até aqui desenvolvendo, Southgate acaba por recuperar as ideias do historiador Herbert Butterfield acerca das potencialidades da escrita literária:

Herbert Butterfield is a comparatively rare example of a twentieth-century historian who appreciated what he called ‘the peculiar virtue of fiction as the gateway to the past’; for it is, he believed, in historical novels that ‘we find the *sentiment* of history, the *feeling* for the past’. So Scott in particular ‘does something for history that the historian by himself cannot do, or can seldom do; he recaptures the *life* of an age’ – that ‘*atmosphere* [which] eludes the analyst’. Professional historians may provide a ‘chart of the facts’ that governed people’s lives in the past, but such history ‘withholds the closest *human* things, the touches of *direct experience*’ – and it is precisely those that are the domain of the historical novelist<sup>51</sup>.

<sup>49</sup> “Precisamente porque o romance imaginativamente recupera a *indeterminância* de um tempo passado, ele *não* se limita simplesmente a celebrar o mero resultado; mas deixa o escritor e o leitor livres para explorar aquelas possibilidades alternativas de crença, ação e mudança política, não-realizadas pela história, que existiram no passado. Ao fazer isto, o romancista pode restaurar, como *possibilidades imaginadas*, as ideais, movimentos e valores derrotados ou descartados na luta que produziu o Estado moderno – pode produzir um *contra-mito*, para contrapor com e contra os mitos prevalecentes da nação”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 231. Grifos do autor.

<sup>50</sup> SOUTHGATE, *Op.Cit.*, p. 7-8.

<sup>51</sup> “Herbert Butterfield é um exemplo comparativamente raro de um historiador do século XX que apreciava o que ele chamou de ‘a peculiar virtude da ficção como porta de entrada para o passado’; pois é, ele acreditava, nos romances históricos que ‘encontramos o *sentimento* da história, o *sentimento* pelo passado’. Então, Scott em particular, ‘faz algo pela história que o historiador por si mesmo não pode fazer, ou raramente pode; ele recaptura a *vida* de uma era’ – aquela ‘*atmosfera* [que] escapa ao analista’. Historiadores profissionais podem prover um ‘diagrama dos fatos’ que governavam a vida das pessoas no passado, mas tal história ‘interditada as

Reportando-se a Walter Scott, o epítome do romancista histórico do século XIX, Butterfield aponta justamente para as insuficiências da disciplina histórica em lidar com a experiência do passado como abrindo espaço para o domínio da literatura. O romance, ao contrário da historiografia profissional, é capaz de dar conta do registro “mais humano” da experiência histórica, é capaz de capturar a atmosfera de uma época, de dar um tom mais vivo ao passado. Dessa forma, no mesmo sentido em que nos remetemos anteriormente ao sugerido por LaCapra, ao teorizado e empreendido por Slotkin, também Southgate alude às potencialidades da literatura enquanto representação histórica, fazendo referência à obra da historiadora Ann Rigney:

(...) as Ann Rigney has written, ‘The fascinating thing about imaginative literature is that it provides a laboratory where historically variable ways of seeing the world are expressed through the prism of poetical forms in such a way that they are made uniquely observable both for contemporaries and later historians’. That is to say, novelists, unconstrained by any pressures to disciplinary consensus, might be more free than historians to look at the past in fresh ways – and so, as individual observers, catch sight of alternative people and events from alternative perspectives. Such writers can also foreground topics that have otherwise been ignored or sidelined, and so can act as catalysts in relation to other historical practice. Imaginative ‘artists’, suggests Ann Rigney, thus ‘help keep historical horizons open’.

This, then, is to turn on its head the conventional wisdom that fiction somehow contaminates history, introducing blemishes upon the pure face of factuality: it suggests, rather, that fiction can help to keep history creatively alive; not bound by the disciplinary rules of its more ‘rigorous’ partner, it can continue to extend the parameters of history’s interests and concerns, by proposing and providing fresh evidence for what the subject might consist of<sup>52</sup>.

Como vimos no caso de Southgate citando as considerações de Butterfield, que datam da década de 1920, o reconhecimento do papel dos escritos literários como representações

---

coisas mais proximamente *humanas*, os toques de *experiência direta* – e são precisamente estes que são o domínio do romancista histórico”. Tradução minha. BUTTERFIELD, Herbert. *The Historical Novel: An Essay*. Cambridge: Cambridge University Press, 1924, p. 3, 29, 97, 112. Apud. SOUTHGATE, *Op.Cit.*, p. 6. Grifos do autor.

<sup>52</sup> “(...) como Ann Rigney escreveu, “O fascinante a respeito da literatura imaginativa é que ela proporciona um laboratório onde modos historicamente variáveis de ver o mundo são expressos através do prisma das formas poéticas de tal forma que elas são tornadas peculiarmente observáveis tanto para seus contemporâneos, quanto para os historiadores posteriores’. Isto é dizer, os romancistas, não constrictos por quaisquer pressões ao consenso disciplinar, podem estar mais livres do que os historiadores para olhar para o passado de novas maneiras – e então, como observadores individuais, entrever pessoas e eventos alternativos a partir de perspectivas alternativas. Tais escritores podem também colocar em primeiro plano tópicos que foram, de outra forma, ignorados ou marginalizados e, assim, podem atuar como catalisadores em relação à outra prática histórica. ‘Artistas’ imaginativos, sugere Ann Rigney, assim, ‘ajudam a manter os horizontes históricos abertos’. Isto, então, significa inverter o provérbio convencional de que a ficção de algum modo contamina a história, introduzindo defeitos sobre a face pura da factualidade: sugere, ao contrário, que a ficção pode ajudar a manter a história criativamente viva; não limitada pelas regras disciplinares de seu parceiro mais ‘rigoroso’, ela pode continuar a ampliar os parâmetros dos interesses e preocupações históricos, ao propor e providenciar novas evidências a respeito do que a matéria pode consistir”. Tradução minha. RIGNEY, Ann. ‘Being an Improper Historian’. In: JENKINS, Keith; MORGAN, Sue; MUNSLOW, Alun (org.). *Manifestos for History*. New York: Routledge, 2007, p. 151, 155. Apud., SOUTHGATE, *Op.Cit.*, p. 10.



históricas significativas, ainda que frequentemente marginalizado e desqualificado por boa parte da historiografia profissional, não é, de modo algum, um tema “novo”. De fato, David Lowenthal, ao tocar nesta questão de como os romances históricos são frequentemente mais eficientes em apresentar o passado ao público em geral do que a história formal, reporta-se à raiz do cisma entre história e literatura no século XIX, trazendo as considerações de historiadores clássicos a respeito das características da escrita ficcional e do que ela poderia proporcionar:

And as history retreated to the arid confines of empirical rigour, novelists took over the richer if more fanciful aspects of the past that historians relinquished. ‘To make the past present, to bring the distant near, ... to invest with the reality of human flesh and blood, ... to call up our ancestors before us with all their peculiarities of language, manners, and garb, to show us over their houses, to seat us at their tables, to rummage their old-fashioned wardrobes’, as Macaulay put it, ‘these parts of the duty which properly belongs to the historian, have been appropriated by the historical novelist’<sup>53</sup>.

Justamente no momento em que a disciplina histórica buscava distanciar-se das práticas ficcionais consideradas máculas ao empirismo e à objetividade almejados, Thomas Macaulay, que via o tratamento com o passado como atribuição da história, reconhece que o escritor de literatura apropriava-se dos elementos por ela tolhidos e era capaz de, por meio deles, produzir uma maior identificação com o passado. Neste sentido, Lowenthal referindo-se à apreciação de Thomas Carlyle das obras de Walter Scott, aponta para a produção de uma empatia imaginativa com o passado levada a cabo pela escrita literária:

Scott’s imaginative empathy with the past made history itself enormously popular; he taught that ‘bygone ages ... were actually filled by living men, ... with colour in their cheeks, with passions in their stomach’, as Carlyle attested, ‘not by protocols, state-papers, controversies and abstractions’<sup>54</sup>.

De forma semelhante, também William Thackeray é citado por Lowenthal: “‘Out of the fictitious book I get the expression of the life of the time – the old times live again’,

---

<sup>53</sup> “E na medida em que história se retirou para os áridos confins do rigor empírico, os romancistas assumiram os mais ricos, ainda que fantasiosos, aspectos do passado a que os historiadores renunciaram. ‘Tornar o passado presente, aproximar o distante, ... investir com a realidade do sangue e da carne humanos, ... convocar nossos antepassados diante de nós com todas suas peculiaridades de linguagem, costumes e vestimentas, mostrar-nos suas casas, sentar-nos às suas mesas, revirar seus antiquados guarda-roupas’, como colocou Macaulay, ‘estas partes do dever que propriamente pertence ao historiador, foram apropriados pelo romancista histórico’. Tradução minha. LOWENTHAL, David. *The Past as a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 225.

<sup>54</sup> “A empatia imaginativa com o passado de Scott tornou a própria história enormemente popular; ele ensinou que ‘as eras passadas ... eram, na verdade, preenchidas por homens vivos, ... com cores nas suas bochechas, com paixões em seus estômagos’, como atestou Carlyle, ‘não por protocolos, documentos de Estado, controvérsias e abstrações’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 225.

Thackeray asserted. ‘Can the heaviest historian do more for me?’<sup>55</sup>. Em suma, tanto Macaulay, como Carlyle e Thackeray, três dos mais proeminentes historiadores britânicos vitorianos, já reconheciam o valor da literatura enquanto uma representação capaz de aproximar o passado do leitor, torná-lo mais presente, de produzir uma impressão de como teria sido viver nele, de humanizar e vivificar a história. A partir das considerações destes autores, também Lowenthal aponta para dois traços essenciais do romance histórico: o de ser uma representação capaz de articular uma sensação, uma imagem vívida a respeito do passado e o de, a partir de uma posição retrospectiva, recuperar as indeterminâncias e múltiplas possibilidades que nele existiram<sup>56</sup>.

O argumento narrativista, de certa forma, restaura esta ponte entre história e literatura, que foi interditada pelo estabelecimento da historiografia disciplinar profissional do século XIX, mas que, até então, permitia o trânsito entre um lado e outro. Ao recuperar o caráter essencialmente narrativo da história, conforme viemos desenvolvendo, o viés narrativista recobra também o status de representação histórica que a literatura possui, como bem demonstra o raciocínio de Ann Rigney, em sua pesquisa acerca da obra de Walter Scott:

(...) Scott used his freedom as a novelist to combine historical evidence with fictitious events. I argue that his deviations from evidence reflect (...) the limits of his engagement with the alterity of the past. They can also be seen as a response to the inherent difficulties involved in representing historical reality – and in particular aspects of everyday life – in the form of narrative. Representability is bought with the help of invention and hence at the cost of weakening, though not canceling, the claim to have represented the past satisfactorily. From the contemporary reactions to *Old Mortality* (1816), it is clear that Scott’s readers indeed accepted in principle the novelist’s freedom to invent, at the same time as they considered his novels to be representations of the collective past. This role was not reflected, however, in their granting it the status of actual “history” (an image that is taken as true)<sup>57</sup>

Efetivamente, devido à já referida assimetria cognitiva entre as instâncias do passado e da sua representação narrativa no presente, o uso de artifícios literários (ou “inventivos”, “imaginários”), tanto pela ficção histórica quanto pela historiografia, é uma consequência da

<sup>55</sup> “Do livro fictício eu obtenho a expressão da vida do tempo – os velhos tempos vivem novamente’, Thackeray afirmou, ‘Pode o mais denso historiador fazer mais por mim?’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 225.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 226.

<sup>57</sup> “(...) Scott usou sua liberdade como romancista para combinar evidências com eventos fictícios. Eu argumento que seus desvios da evidência refletem (...) os limites de seu engajamento com a alteridade do passado. Eles também podem ser vistos como uma resposta às inerentes dificuldades envolvidas em representar a realidade histórica – e, em particular, os aspectos da vida diária – na forma da narrativa. A representabilidade é comprada com a ajuda da invenção e, portanto, ao custo de enfraquecer, mas não de cancelar, a reivindicação a ter representado o passado satisfatoriamente. Pelas reações contemporâneas a *Old Mortality* (1816), está claro que os leitores de Scott efetivamente aceitaram, em princípio, a liberdade do romancista de inventar, ao mesmo tempo em que consideravam que seus romances eram representações do passado coletivo. Este papel não se refletiu, no entanto, em que eles os concedessem o status de “história” propriamente dita (uma imagem que é tomada como verdade)”. Tradução minha. RIGNEY, Ann. *Imperfect Histories. The Elusive Past and the Legacy of Romantic Historicism*. Ithaca: Cornell University Press, 2001, p. 9.

tarefa de interpelar narrativamente a realidade passada. Em face disto, Rigney demonstra que, apesar de não ter adquirido um status de “verdade”, no sentido estrito do termo, e de não serem consideradas como “história”, as obras de Scott – e poderíamos estender este argumento aos romances históricos como um todo – foram frequentemente percebidas por seus leitores como representações do passado coletivo que tinham sua própria validade e legitimidade.

No tocante à aplicação deste conceito de verdade para a história e a literatura, podemos nos referir às considerações de Frank Ankersmit na obra *Narrative Logic*. De fato, Ankersmit rejeita este critério para diferenciar de forma absoluta as narrativas elaboradas pelo romance histórico e pela historiografia, baseado justamente na concepção de que estas categorias articulam dois níveis diferentes de verdade:

Firstly, there is the elementary level of the “recording of specific fact” and, secondly, Scholes and Kellogg claim the existence of the level of “the representation of generalized types of actuality”<sup>58</sup>. A historical novel –being fiction –does not tell the truth at the elementary level, but may give a quite reliable representation of those generalized types of actuality of a certain historical period. Anatole France’s well known historical novel *Les Dieux ont Soif* is a good example. The principal character, the young man Evariste Gamelin, is of course fictitious (first level), but France’s portrayal of the revolutionary mentality (second level) is excellent. Moreover, it has even been held – and not implausibly – that the historical novelist, not being checked by the historian’s obligation to be cautious and also having a larger range of literary expedients at his disposal, is often in a better position to say true things about the past than the historian. This is no doubt the kernel of truth in Aristotle’s famous dictum that poetry is truer than history<sup>59</sup>.

É neste sentido que podemos falar, como fez o escritor peruano Mario Vargas Llosa, nas “verdades das mentiras”. Reconhecendo que a verdade literária é distinta da histórica, Vargas Llosa ressalta que, justamente por esta diferença, a literatura é capaz de evidenciar aspectos da realidade passada que a historiografia profissional não pode:

La recomposición del pasado que opera la literatura es casi siempre falaz. La verdad literaria es una y otra la verdad histórica. Pero, aunque esté repleta de mentiras – o,

<sup>58</sup> SCHOLES, Robert & KELLOGG, Robert. *The Nature of Narrative*. Oxford: Oxford University Press, 1975, p. 87. Apud. ANKERSMIT, Frank. *Narrative Logic*. A Semantic Analysis of the Historian’s Language. Den Haag: Martinus Nijhoff Publishers, 1983, p. 24.

<sup>59</sup> “Primeiramente, há o nível elementar do ‘registro do fato específico’ e, secundamente, Scholes e Kellogg reivindicam a existência do nível da ‘representação de tipos generalizados de realidade’. Um romance histórico – sendo ficção – não conta a verdade no nível elementar, mas pode dar uma bastante confiável representação daqueles tipos generalizados da realidade de um certo período histórico. O bem conhecido romance histórico de Anatole France *Les Dieux ont Soif* [‘Os deuses estão sedentos’] é um bom exemplo. O personagem principal, o jovem Evariste Gamelin, é, claro, fictício (primeiro nível), mas o retrato de France da mentalidade revolucionária (segundo nível) é excelente. Ademais, tem sido inclusive argumentado – e não implausivelmente – que o romancista histórico, não sendo monitorado pela obrigação do historiador de ser cauteloso e também possuindo um maior leque de expedientes literários à sua disposição, está frequentemente em uma melhor posição para dizer coisas verdadeiras sobre o passado do que o historiador. Este é sem dúvida o cerne da verdade na famosa máxima de Aristóteles de que a poesia é mais verdadeira que a história”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 24.

más bien, por ello mismo – la literatura cuenta la historia que la historia que escriben los historiadores no sabe ni puede contar<sup>60</sup>.

Em última análise, este é o mesmo sentido dado pelo escritor e crítico literário italiano Umberto Eco na sua tentativa de definição do gênero do romance histórico. Para Eco, este não necessariamente apresenta personagens e fatos históricos “verdadeiros” e amplamente conhecidos pelo público, mas sim, todo um universo psicológico e intelectual que pertence de forma característica à época que está sendo retratada, de modo que as ações que se desenrolam só poderiam ter lugar naquele contexto específico.

Em sua análise, Eco distingue três maneiras da literatura “contar o passado”. A primeira delas é o simples romance, onde o passado entra como “cenografia, pretexto, construção fabulística, para dar livre curso à imaginação”. Não é preciso que o romance se desenvolva efetivamente no passado, mas apenas que não se trate do “aqui e agora”; o romance “é a história de um *alhores*”. A segunda seria o “romance de capa e espada”, que toma “o passado ‘real’ e reconhecível, e para torná-lo reconhecível povoa-o de personagens já registrados na enciclopédia (...), fazendo-os realizar certas ações que a enciclopédia não registra (...), mas que também não a contradizem”. Aqui, “para corroborar a impressão de realidade, os personagens históricos farão também aquilo que (por consenso da historiografia) de fato fizeram”. Porém, os personagens de fantasia não possuem um compromisso estrito de retratar a época em que se desenvolve o romance por meio de seus atos e sentimentos; estes não são característicos de seu tempo, mas poderiam ter sido realizados e sentidos também em outras épocas. Por fim, a terceira forma seria a do romance histórico, acima definido pela sua intenção de retratar a atmosfera psicológica e intelectual de uma época, mais do que descrever fatos e personagens historicamente “reais”<sup>61</sup>. Nesta modalidade:

O que os personagens fazem serve para fazer compreender melhor a história, aquilo que aconteceu. Acontecimentos e personagens são inventados, entretanto dizem sobre a (...) época coisas que os livros de história nunca disseram com tanta clareza<sup>62</sup>.

A partir destas ponderações de Eco, obtemos uma tentativa de conceituar o gênero do romance histórico. Cabe-nos, ainda, neste momento, reiterarmos este esforço de definição, o que faremos ao nos reportarmos às considerações tecidas por Renata Dal Sasso Freitas em sua

<sup>60</sup> “A recomposição do passado que opera a literatura é quase sempre falaz. A verdade literária é uma e outra a verdade histórica. Mas, ainda que esteja repleta de mentiras – ou melhor, por isto mesmo – a literatura conta a história que a história que escrevem os historiadores não sabe, nem pode contar”. Tradução minha. VARGAS LLOSA, Mario. *La Verdad de las Mentiras*. Madrid: Punto de Lectura, 2007, p. 25.

<sup>61</sup> ECO, Umberto. *Pós-escrito a O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 62-65.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 63-64.

tese de doutorado<sup>63</sup>. Visando abordar a questão do romance histórico nos Estados Unidos, e da importância de James Fenimore Cooper neste contexto, Freitas inicia por traçar uma diferenciação entre os termos em inglês *romance* (“estória romanesca”) e *novel* (“romance”), a partir, sobretudo, dos aportes levantados por Sandra Guardini Vasconcelos e pelo acadêmico americano George Dekker<sup>64</sup>. Simplificadamente, a diferença entre os termos passa pela questão do realismo: o gênero do romance surge como uma alternativa calcada na realidade, na plausibilidade, em oposição à história romanesca baseada em uma narrativa improvável, idealizada, atemporal ou mística; distinção esta que se aproxima muito das categorias do “romance de capa e espada” e romance histórico, descritas por Eco.

Identificada esta diferenciação preliminar, Freitas busca traçar uma definição específica de romance histórico, a partir das considerações do filósofo húngaro György Lukács<sup>65</sup>. No seu célebre *O Romance Histórico*, Lukács aponta esta forma literária como um produto de um contexto histórico bem localizado, o início do século XIX na Europa, mais especificamente a cenário europeu à época da queda de Napoleão após a Revolução Francesa. De fato, Lukács identifica o romance histórico como “herdeiro do grande romance social realista do século XVIII”. De particular importância para o desenvolvimento do gênero foi o Iluminismo, sobretudo, o alemão, onde a representação artística do passado despontou como um problema literário central, a partir dos escritos de Herder e do drama histórico de Goethe, que fortemente influenciaria a obra de Sir Walter Scott, o principal precursor e expoente do romance histórico clássico<sup>66</sup>. Como afirma Freitas:

O cerne da tese de Lukács sobre o romance histórico é justamente a determinação de seu surgimento em um período específico da história europeia em que a própria percepção desse passado atravessava mudanças: as reações aos acontecimentos da Revolução Francesa – tanto as críticas iniciais ao capitalismo quanto a defesa da monarquia foram inerentes ao desenvolvimento da concepção de “progresso” e da história como um processo do qual o homem é o protagonista, cuja expressão filosófica pode ser encontrada em Hegel<sup>67</sup>.

Para Lukács, é neste cenário intelectual europeu, pós-Revolução Francesa, no qual se alteravam as concepções de tempo, história e de passado, que desponta o gênero do romance histórico, a partir das obras de Scott. O Iluminismo alemão legou, ainda, ao romance histórico

<sup>63</sup> FREITAS, Renata Dal Sasso. *Love of Country: Os Romances Históricos de James Fenimore Cooper sobre a Guerra de Independência dos Estados Unidos (1821-1824)*. Tese de Doutorado, UFRJ, 2012.

<sup>64</sup> VASCONCELOS, Sandra Guardini. *A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild/FAPESP, 2007, p. 31; DEKKER, George. *The American Historical Romance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 15. Apud. FREITAS. *Op. Cit.*, p. 21-23.

<sup>65</sup> LUKÁCS, György. *O Romance Histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.

<sup>66</sup> FREITAS, *Op. Cit.*, p. 34-35.

<sup>67</sup> *Ibid.*, p. 37.

toda uma “chave nacionalista” e patriótica, por meio da qual perscrutava o passado<sup>68</sup>; bem como a acima referida centralidade da ação humana, a qual se refletiu literariamente na presença de figuras históricas ilustres apenas como personagens secundários da narrativa do romance histórico, e no protagonismo do homem comum, contribuindo para o seu distanciamento do gênero épico<sup>69</sup>.

A literatura do escocês Sir Walter Scott, surge neste cenário europeu, particularmente, no contexto britânico, onde a relativa estabilidade da Inglaterra após a Revolução Gloriosa de 1688 criou as condições de desenvolvimento das características realistas do romance inglês, possibilitando a adoção desta nova perspectiva em relação à história e ao passado e uma maior objetividade na escrita ficcional<sup>70</sup>. A partir da publicação de *Waverley* (1814), Scott torna-se a grande referência e exemplo a ser seguido no gênero do romance histórico. Em sua pesquisa, Freitas analisa como James Fenimore Cooper – autor de romances como *The Spy* (1821), *The Pilot* (1824) e *Lionel Lincoln* (1825), ambientados na Guerra de Independência dos Estados Unidos –, a partir da adoção do “modelo *Waverley*” de Scott para tratar de temas essencialmente americanos, se estabelece como o grande modelo do romance histórico estadunidense.

Entendemos ser relevante situarmos e conceituarmos o romance histórico, como um gênero literário que se desenvolveu em um contexto histórico e intelectual específico, e que teve em Sir Walter Scott um modelo global e em James Fenimore Cooper um modelo local norte-americano, na medida em que, como detalharemos logo abaixo, a presente pesquisa lida com obras literárias do escritor Howard Fast, que tem o passado como tema central. Ainda que adotemos a designação comum de “romance histórico” para estas obras, mesmo que, como também veremos, o próprio Fast rejeitasse esta denominação pelas características de sua escrita, pelos princípios que a orientavam, e pelo teor adquirido pela “*historical novel*” de seu

---

<sup>68</sup> Ibid., p. 24, 35-37.

<sup>69</sup> “Um aspecto em que os romances de Cooper seguem à risca a prosa modelar de Scott é a presença de personagens ‘ilustres’ em meio à narrativa. (...) Mas, como nos romances de Scott, eles são somente personagens secundários. Quem toma a frente na narrativa e sintetiza o momento de crise e transformação pelo qual passa a nação são as pessoas comuns. Para Lukács, essa é uma das inovações mais significativas do escocês, a qual inclusive contribui para o distanciamento entre a épica e o romance: ‘*the all-national character of the principal theme of epic, the relation between individual and nation in the age of heroes require that the most important figure should occupy the central position, while in the historical novel he is necessarily only a minor character*’. Isso vai de encontro ao culto romântico do herói, de certa forma coincidindo com a filosofia da história de Hegel, na qual as ações particulares dos indivíduos comuns são a base para afirmação da sociedade”. “o caráter inteiramente nacional do principal tema da épica, a relação entre o indivíduo e a nação na era dos heróis requer que a figura mais importante deva ocupar a posição central, enquanto no romance histórico, ele é necessariamente somente um personagem coadjuvante”. Tradução da autora. Ibid., p. 40.

<sup>70</sup> Ibid., p. 38.

tempo, é fundamental discernirmos e definirmos, ainda que brevemente, o que constituía o fenômeno do romance histórico em suas origens.

Em suma, delineamos acima, sobretudo a partir dos aportes de uma teoria historiográfica narrativista, considerações que constituem o alicerce teórico sobre o qual está assentada a presente pesquisa. Estas envolvem, primariamente: a consideração do aspecto ficcional e narrativo da escrita da história; o correspondente reconhecimento do papel da literatura histórica como uma representação legítima do passado; a capacidade desta de articular um registro de verdade diferente do da produção historiográfica, não em termos de uma dualidade que opõe correspondência e mera coerência, mas no sentido da “verdade das mentiras” – de que romance histórico, sacrificando a fidelidade a determinados fatos não-essenciais, é capaz de produzir uma imagem, um senso vívido de como teria sido viver no momento retratado, da atmosfera intelectual e psicológica de uma época; o entendimento de que, por estas características, e por retratar a vida de um personagem como um todo subjetivamente experienciado, o romance histórico pode atuar de modo a humanizar a aridez e rigidez do passado pretensamente “empírico-documental” apresentado através das restrições disciplinares da história e produzir uma maior identificação do leitor para com este passado; de que a narrativa literária é capaz não apenas de articular um sentido, de propor uma teoria de explicação e interpretação histórica, mas também de recuperar, de modo singular, as indeterminâncias do passado, as múltiplas possibilidades não-realizadas que nele existiram, e, assim, ser significativa para diversos grupos sociais marginalizados; e, por fim, de que, por todas estas considerações, a literatura constitui também um objeto de interesse para a própria análise do historiador.

Diante destes pressupostos teóricos, aos quais nos reportamos tanto como sustentação da argumentação desenvolvida no presente esforço de pesquisa, quanto como balizas do percurso intelectual realizado, buscaremos trazer, como já mencionado anteriormente, a subjetividade própria de Howard Fast para o centro de nossa análise. De fato, ao enfocarmos seus romances históricos, tentaremos compreender o sentido da narrativa elaborada por Fast em cada um deles: de que forma Fast constrói narrativamente a realidade passada; que ideias, concepções e significados a respeito dos episódios históricos em questão são articulados na representação literária do passado elaborada por ele.

Mais especificamente, ao selecionarmos obras que lidam com momentos tão distintos e, ao mesmo tempo, tão fundamentais para a constituição dos Estados Unidos como nação,

buscamos perceber que noções não apenas sobre o episódio particularmente focado, mas também acerca da história americana como um todo, Fast possuía e buscava transmitir por meio de suas obras. Neste sentido, cabe também percebermos a importante dimensão política que tinham estes romances, uma vez que reportar-se ao passado, mesmo que imaginado, era uma maneira eficaz de criticar, na sua origem, as estruturas do presente que se julgava necessário transformar.

Além disso, convém retomarmos o argumento desenvolvido por Richard Slotkin, no sentido de que os romances históricos têm a capacidade, além de produzir uma imagem do passado com a qual os leitores podem mais facilmente identificar-se, de recuperar as diversas possibilidades imagináveis no passado que acabaram não se concretizando no decorrer do processo histórico. De modo semelhante, também nos reportamos novamente à compreensão de Ann Rigney, citada por Beverley Southgate, de que os escritores criativos tem a capacidade de manter abertos os horizontes históricos, na medida em que olham para o passado de novas maneiras, enfocando temas, acontecimentos e pessoas que até então haviam sido ignoradas ou colocadas em segundo plano. Esta nos parece uma dimensão interessante a partir da qual interpelarmos a obra de Fast, na medida em que ele traz para o centro da narrativa, para o centro da história americana, aqueles grupos sociais derrotados, oprimidos e marginalizados ao longo do desenvolvimento histórico dos Estados Unidos, como os negros, indígenas, imigrantes e trabalhadores de esquerda, colocando-os no papel de agentes e protagonistas.

Por fim, tomemos como inspiração também neste sentido as palavras da escritora norte-americana Toni Morrison. No aclamado romance *Beloved*, Morrison inspirou-se na história real da afro-americana escravizada Margaret Garner que em 1856 fugiu do Kentucky, estado escravista, para Ohio, estado livre, e ao ser recapturada matou a própria filha, para que ela não voltasse a ser escravizada. Ao recriar literariamente a personagem histórica de Garner, Morrison é capaz de interpor questões contemporâneas a esta realidade passada, pensá-la de uma nova perspectiva, que a narrativa historiográfica sobre a vida de Garner não era capaz de dar conta:

The historical Margaret Garner is fascinating, but, to a novelist, confining. Too little imaginative space there for my purposes. So I would invent her thoughts, plumb them for a subtext that was historically true in essence, but not strictly factual in order to relate her history to contemporary issues about freedom, responsibility, and women's "place". The heroine would represent the unapologetic acceptance of shame and terror; assume the consequences of choosing infanticide; claim her own freedom. The terrain, slavery, was formidable and pathless. To invite readers (and



myself) into the repellant landscape (hidden, but not completely; deliberately buried, but not forgotten) was to pitch a tent in a cemetery inhabited by highly vocal ghosts<sup>71</sup>.

Neste sentido, nos propomos a analisar a obra de Howard Fast atentos aos mesmos elementos identificados por Morrison em sua própria recriação literária do passado: conscientes da capacidade da narrativa literária de articular um registro de verdade não estritamente factual, distinto do da narrativa historiográfica, mas não menos verdadeiro; do seu potencial para colocar em discussão e em circulação questões importantes para o presente do escritor; e, ao mesmo tempo, da possibilidade que abrem de recuperar a voz destes “fantasmas altamente vocais”, personagens e grupos sociais que tem muito a dizer sobre o passado, mas que foram relegados às margens da narrativa histórica oficial, tanto literária quanto historiográfica.

Com estes objetivos em vista, o presente trabalho está dividido da maneira que segue. No primeiro capítulo, sobretudo a partir da análise de artigos e escritos políticos de Fast, buscaremos dar conta das principais influências teóricas que coexistiam em seu universo conceitual e que, de uma forma ou outra, influenciaram a sua escrita literária. Nos quatro capítulos seguintes, nos dedicaremos propriamente à análise das obras escolhidas. No capítulo dois, abordaremos de modo mais detalhado os períodos históricos em questão nos três romances, e a forma como eles os apresentam ao leitor. Nos capítulos três, quatro e cinco abordaremos, respectivamente, o retrato apresentado por Fast das reivindicações pelas quais lutavam cada um dos grupos envolvidos na trama dos três romances; das formas de preconceito, opressão e violência empregadas pelas forças mais conservadoras da sociedade americana com relação a estes grupos minoritários; e dos principais ideais que se vinculavam a estas reivindicações e lutas e de que forma eles se aproximam dos ideais basilares dos Estados Unidos enquanto nação. Através desta análise, procuraremos entrever, em cada caso, como Fast concebe o passado histórico norte-americano e que características imputava a ele. Por fim, a título de conclusão, buscaremos sintetizar o significado da narrativa apresentada nas representações históricas construídas pelas suas obras literárias, buscando perceber uma

---

<sup>71</sup> “A Margaret Garner histórica é fascinante, mas, para uma romancista, confinante. Muito pouco espaço imaginativo para meus propósitos. Então eu iria inventar seus pensamentos, sondá-los para produzir um subtexto que fosse historicamente verdadeiro em essência, mas não estritamente factual, de modo a relacionar sua história com questões contemporâneas sobre liberdade, responsabilidade, e o ‘lugar’ das mulheres. A heroína representaria a aceitação não-apologética da vergonha e do terror; assumir as consequências de escolher o infanticídio; reivindicar sua própria liberdade. O terreno, a escravidão, era formidável e inexplorado. Convidar os leitores (e a mim mesma) a adentrar nesta paisagem repulsiva (escondida, mas não completamente; deliberadamente enterrada, mas não esquecida) era erguer uma tenda em um cemitério habitado por fantasmas altamente vocais”. Tradução minha. MORRISON, Toni. *Beloved*. New York: Vintage Books, 2004, p. xvii.

concepção mais ampla acerca da história dos Estados Unidos e, em última análise, do sentido da história em geral.

## 2 DO AMERICANISMO<sup>72</sup> AO COMUNISMO: O UNIVERSO CONCEITUAL DA LITERATURA ENGAJADA DE HOWARD FAST

*I am unjust, but I can strive for justice.  
My life's unkind, but I can vote for kindness.  
I, the unloving, say life should be lovely.  
I, that am blind, cry out against my blindness.*

Vachel Lindsay<sup>73</sup>

*While there is a lower class I am of it, while there is a criminal class I am of it,  
while there is a soul in prison I am not free.*

John dos Passos<sup>74</sup>

Ao examinarmos o conjunto da obra literária de Howard Fast, podemos discernir, ao menos, dois períodos bastante distintos no que se refere ao teor, ao conteúdo e aos temas predominantes abordados nos livros escritos por ele. Em um primeiro momento, que vai desde as suas primeiras obras publicadas, passando pelo seu ingresso no Partido Comunista Americano, até o marco mais evidente em sua trajetória literária e política que correspondeu ao seu rompimento com o partido em 1957, sua obra caracterizou-se por um progressivo engajamento político e social a partir de um viés de esquerda, tematizando diversos episódios e períodos da história norte-americana e mundial, a partir dos quais se vislumbram e se colocam em debate importantes questões sociais, tanto para o passado quanto para o presente de Fast.

Efetivamente, seus dois primeiros romances publicados, *Two Valleys* (1933) e *Strange Yesterday* (1934)<sup>75</sup>, apesar de situarem-se em contextos históricos – o primeiro, uma história de amor que se passa nas montanhas da Virgínia colonial; e o segundo, uma narrativa repleta

<sup>72</sup> Utilizo o termo “americanismo” no sentido de uma identificação e defesa dos ideais democráticos dos Estados Unidos da América. De modo semelhante, emprego comumente, no presente trabalho, o termo “americano” em um sentido restrito, como adjetivo referente aos Estados Unidos e não ao continente como um todo.

<sup>73</sup> “Eu sou injusto, mas eu posso lutar por justiça. / Minha vida não é gentil, mas eu posso votar pela gentileza. / Eu, o que não ama, digo que a vida deve ser amável. / Eu, que sou cego, grito contra minha cegueira”. Tradução minha. VACHEL LINDSAY, Nicholas. “Why I Voted the Socialist Ticket”. In: *General William Booth Enters Into Heaven and Other Poems*. New York: Macmillan, 1916, p. 47.

<sup>74</sup> “Enquanto houver uma classe inferior eu sou dela, enquanto houver uma classe criminosa eu sou dela, enquanto houver uma alma na prisão eu não sou livre”. Tradução minha. Frase atribuída a Eugene Debs. DOS PASSOS, John. *42nd Parallel*. In: *U.S.A.* New York: Random House, 2011, p. 30.

<sup>75</sup> FAST, Howard. *Strange Yesterday*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

de aventuras que acompanha a trajetória da família Preswick – são obras com um teor mais romântico propriamente dito, apartadas tanto da própria experiência pessoal de Fast quanto da realidade social americana de seu tempo<sup>76</sup>. No entanto, a partir de então, suas obras crescentemente adquirem um teor mais engajado, socialmente crítico e próximo de sua realidade. *Place in the City* (1937)<sup>77</sup> e *The Children* (1937)<sup>78</sup> são dois romances que abordam a o cotidiano e a dinâmica familiar e social nos bairros pobres de Nova York, repleta de abandono, violência e preconceito racial e religioso, situação vivenciada por Fast em sua trajetória pessoal. De fato, Gerald Sorin, em sua biografia de Fast, afirma que estas foram suas primeiras obras que se aproximaram de um gênero de literatura proletária:

(...) *The Children* and *A Place in the City* come close to what students of literary history and theory have classified as “proletarian literature” – fiction, mostly written in the 1930s, dealing with: the underclasses, or racism and prostitution; the awakening of class-consciousness; strikes and labor violence; or conversion to Communism. While Fast’s two novels in 1937 involved the degradation of life at the bottom, including prostitution, racism, and violence, he never referred to any of his work as proletarian, nor did *A Place in the City* or *The Children* explore the exploitative nature of the capitalist social system<sup>79</sup>.

No entanto, como vimos, ainda que estes romances apresentassem uma dimensão importante de crítica social, sua literatura ainda não se apresentava explicitamente como uma crítica ao sistema capitalista americano, tampouco se podia dizer que Fast estava muito engajado politicamente neste primeiro momento de sua trajetória como escritor. Aos poucos, porém, sua literatura foi adquirindo um teor mais politizado. Seu próximo livro, *Conceived in Liberty* (1939)<sup>80</sup>, seu primeiro romance situado no período da Guerra de Independência americana, ainda que repleto de elementos narrativos que visavam atrair o público consumidor, de modo algum constitui um romance escapista, ou dissociado de uma maior reflexão. Ao contrário, a exemplo dos demais livros sobre a chamada Revolução Americana

<sup>76</sup> Gerald Sorin chega a citar a crítica de Sarah Kunitz, membra do Partido Comunista Americano e conhecida de Fast, que lamenta o fato de que ele, um dos primeiros escritores autodidatas oriundos da classe trabalhadora a alcançar certo sucesso, tivesse produzido dois “contos de fadas”, distanciados de uma literatura efetivamente proletária, que apresentasse uma crítica ao capitalismo americano e denunciasses o sofrimento das minorias no país, tal qual certos escritores de classe média estavam fazendo naquele momento. SORIN, Gerald. *Howard Fast: Life and Literature on the Left Lane*. Bloomington: University of Indiana Press, 2012, p. 22-24.

<sup>77</sup> FAST, Howard. *Place in the City*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

<sup>78</sup> FAST, Howard. *The Children*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

<sup>79</sup> “(...) *The Children* e *A Place in the City* chegam perto daquilo que os estudantes de história e teoria literária classificaram como “literatura proletária” – ficção, em sua maioria escrita na década de 1930 – que lida com: as classes mais baixas, ou racismo e prostituição; o despertar da consciência de classe; greves e violência trabalhista; ou a conversão ao comunismo. Ainda que os dois romances de Fast em 1937 envolvessem a degradação da vida na parte inferior da sociedade, incluindo prostituição, racismo e violência, ele nunca se referiu a nenhuma de suas obras como proletária, tampouco *A Place in the City* ou *The Children* exploravam a natureza exploratória do sistema social capitalista”. Tradução minha. SORIN, *Op. Cit.*, p. 30.

<sup>80</sup> FAST, Howard. *Conceived in Liberty. A novel of Valley Forge*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

que escreveria até a década de 1950, Fast busca levar o leitor a se questionar acerca do significado do processo de Independência dos Estados Unidos, centrado, para ele, na ideia de liberdade<sup>81</sup>.

A partir de então, aprofunda-se ainda mais o sentido socialmente crítico de suas obras, com as publicações de *The Last Frontier* (1941), obra central para a presente análise e que enfoca um episódio do genocídio indígena parte da consolidação territorial dos Estados Unidos; de *The Unvanquished* (1942)<sup>82</sup>, outro romance sobre a luta pela liberdade da Guerra de Independência, centrado na figura de George Washington; e de *Citizen Tom Paine* (1943)<sup>83</sup>, uma biografia ficcionalizada de Paine, um dos pensadores que inspiraram a Revolução Americana, enfocando suas concepções de liberdade e democracia. Evidentemente, este impulso de engajamento político e social percebido em seu percurso literário foi acompanhado também de uma maior politização em sua trajetória pessoal. De fato, a partir do início da década de 1940, percebe-se uma intensificação do posicionamento político e ideológico de Fast, com sua aproximação cada vez maior com o ideário de esquerda e um acirramento de seu sentimento antifascista diante de Segunda Guerra Mundial, que o levou ao desejo de combatê-lo ativamente, ingressando no serviço do *Office of War Information* (OWI)<sup>84</sup>. Esta intensificação acaba por culminar em sua adesão ao Partido Comunista em 1943. Sorin identifica, com muita propriedade, que o período em que Fast esteve envolvido nas atividades do OWI foi fundamental para sua filiação ao Partido. No OWI, Fast entrou em contato com diversos membros e simpatizantes do movimento comunista, muitos dos quais eram artistas, escritores e intelectuais, que não apenas colocaram-no em maior contato com os ideais marxistas, mas também o apresentaram a um mundo onde os comunistas eram respeitados, valorizados e tinham fama, sucesso e amigos:

But two powerful forces came together for Fast in 1943: his growing desire to be part of the glamorous world of the Hollywood Communists and to join the coterie of the impressive intellectuals he'd met at OWI, and his expressed conviction that the

<sup>81</sup> Além de *Conceived in Liberty*, Fast escreveu sobre a Revolução Americana, neste período, os romances *The Unvanquished* (1942), *Citizen Tom Paine* (1943) e *The Proud and the Free* (1950). SORIN, *Op. Cit.*, p. 30.

<sup>82</sup> FAST, Howard. *The Unvanquished*. New York: Bantam Books, 1967.

<sup>83</sup> FAST, Howard. *The Selected Work of Tom Paine / Citizen Tom Paine*. New York: Random House, 1945.

<sup>84</sup> SORIN, *Op. Cit.*, p. 44-46. O *Office of War Information* (OWI) foi uma agência do governo americano destinada estabelecer uma rede de comunicação, informação e propaganda, que conectasse as populações afetadas pela guerra com o próprio front de batalha e os rumos do conflito. Fast ingressou no serviço da OWI em dezembro de 1942, a convite do poeta Louis Untermeyer, permanecendo até fevereiro de 1944. Neste período, inicialmente empregou seus talentos na produção de panfletos com propaganda de guerra e, posteriormente, redigindo o roteiro do programa *Voice of America*, que transmitia, com apoio da BBC, propaganda e notícias da guerra para o continente europeu e outras zonas de conflito. SORIN, *Op. Cit.*, p. 47-63. Para um relato memorialista do próprio Fast sobre seu período no OWI, pode-se consultar: FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, p. 1-26.

Soviet Union had from 1941 forward demonstrated its greatness as an antifascist force and as a model for the future. (...).

Something more than antifascism had moved Fast to join the CPUSA. His desire for even more attention than he was getting from readers and reviewers, and his aspirations for fame, reinforced by visits to Hollywood with its many rich and famous Jewish Communists living in cheerful luxury and surrounded by beautiful women, surely played a role. This is not to say that Fast's admirations for the socialist experiment in Russia, with which he was first taken at the age of seventeen, and his hope that the Soviet Union would serve as a model for the rest of the world, were not important to his momentous choice<sup>85</sup>.

Apesar de, no trecho acima, Sorin fazer a ressalva de que este aspecto do desejo de Fast por amigos, luxo e fama não anulava seu legítimo apoio à União Soviética e genuína adoção dos ideais comunistas como fatores fundamentais para sua decisão de aderir ao Partido, o autor diversas vezes afirma ou deixa subentendido que este foi um aspecto mais determinante que os demais<sup>86</sup>. No entanto, cabe reconhecermos que, ainda que seu desejo por sucesso e projeção tenha de fato desempenhado um papel importante, sua autêntica identificação com a União Soviética e com o ideário de esquerda foi igualmente, senão mais, determinante para sua decisão de entrar para o Partido Comunista e nele permanecer por mais de uma década.

As obras publicadas por Fast durante sua permanência no Partido representam o auge de sua escrita social e politicamente engajada. *Freedom Road* (1944), outra obra central para a presente pesquisa e cuja escrita iniciou antes da adesão de Fast ao Partido, aborda questões de

<sup>85</sup> “Mas duas forças poderosas se conjugaram para Fast em 1943: seu crescente desejo de fazer parte do mundo glamoroso dos comunistas de Hollywood e de se juntar ao círculo de impressionantes intelectuais que conheceu no OWI, e sua expressa convicção de que a União Soviética demonstrou a partir de 1941 sua grandeza como força antifascista e como modelo para o futuro. (...).

Algo mais do que o antifascismo moveu Fast a se juntar ao Partido Comunista Americano. Seu desejo por ainda mais atenção do que estava recebendo dos leitores e críticos, e suas aspirações por fama, reforçadas por visitas a Hollywood com seus muitos ricos e famosos judeus comunistas vivendo em animada luxuosidade e rodeados de belas mulheres, certamente teve um papel. Isto não é dizer que a admiração de Fast pelo experimento socialista na Rússia, com o qual ele primeiro havia se encantado aos dezessete anos, e sua esperança de que a União Soviética servisse como um modelo para o resto do mundo não fossem importantes para sua momentosa decisão”. Tradução minha. SORIN, *Op.Cit.*, p. 56-57.

<sup>86</sup> Talvez o trecho mais exemplar desta postura de Sorin seja o excerto a seguir, da própria introdução da biografia de Fast: “(...) I have concluded that the most important ingredient in Fast's decision to join the party was his fierce desire for fame, fortune, and friends. He believed he could achieve these multiple goals via the CP because almost all the Communists he met had already done so. He wanted desperately to be part of the supportive coterie of highly regarded Communist intellectuals with whom he worked at the Office of War Information (OWI) in 1942, and to live the opulent, glamorous, and sexually exciting life of the Communist screenwriters, directors, and actors he met and befriended in Hollywood in 1943”. “(...) eu concluí que o ingrediente mais importante na decisão de Fast de se juntar ao partido foi o seu feroz desejo por fama, fortuna e amigos. Ele acreditava que poderia alcançar estes múltiplos objetivos através do PC porque quase todos os comunistas que ele conheceu já haviam feito isso. Ele desejava desesperadamente ser parte do círculo solidário de altamente conceituados intelectuais comunistas com os quais ele trabalhou no *Office of War Information* (OWI) em 1942, e viver a opulenta, glamorosa e sexualmente excitante vida dos roteiristas, diretores e atores comunistas que ele conheceu e com os quais fez amizade em Hollywood em 1943”. Tradução minha. SORIN, *Op.Cit.*, p. 2-3.

capital importância à sociedade americana, como o preconceito e a violência racial, bem como uma reflexão acerca do significado da democracia e dos direitos sociais. De modo semelhante, as obras *The American* (1946)<sup>87</sup>, centrada na figura do ex-governador de Illinois, John Peter Altgeld, que lutou incansavelmente por democracia durante a chamada *Gilded Age*; *Clarkton* (1947)<sup>88</sup>, verdadeiro romance proletário, que retrata uma greve do setor industrial americano; *My Glorious Brothers* (1948)<sup>89</sup>, que reconta a história judaica do exército macabeu que lutou contra a dominação estrangeira, trazendo uma mensagem de anticolonialismo e liberdade; *The Proud and the Free* (1950)<sup>90</sup>, que retrata um regimento do exército revolucionário durante a Guerra de Independência, composto por estrangeiros, incluindo judeus e negros, levantando a questão da luta pela liberdade; *Spartacus* (1951)<sup>91</sup>, que reconta a trajetória do escravo romano, trazendo à tona a questão da escravidão, da exploração do trabalho e da liberdade; *The Passion of Sacco and Vanzetti* (1953), narrando o último dia de vida dos dois anarquistas italianos condenados à morte; *Silas Timberman* (1954)<sup>92</sup>, a história de um professor universitário acusado e falsamente condenado por ter afiliações comunistas, levantando o debate sobre a liberdade de expressão; e *The Story of Lola Gregg* (1956)<sup>93</sup>, que lida com a perseguição a um trabalhador, líder sindical e comunista; todas, de uma maneira ou outra, lidam fortemente com questões políticas e sociais.

Por outro lado, podemos identificar um segundo momento de sua carreira literária, que vai desde seu desligamento do Partido Comunista até o final de sua carreira como escritor, no qual suas obras perderam em grande parte o tom de contestação social e de radicalismo que até então possuíam, ainda que a temática dos ideais democráticos que constituíam a base da nação americana – os quais, como veremos, eram fundamentais à literatura socialmente engajada de Fast – se mantivesse importante em alguns de seus romances. Entretanto, pode-se dizer que grande parte de sua obra literária deste período passou a ter um tom mais leve, e

---

<sup>87</sup> FAST, Howard. *The American. A middle western legend*. New York: Open Road Integrated Media, 2011. [Ed. Kindle da Amazon].

<sup>88</sup> FAST, Howard. *Clarkton*. New York: Open Road Integrated Media, 2011. [Ed. Kindle da Amazon].

<sup>89</sup> FAST, Howard. *My Glorious Brothers*. New York: Simon & Schuster, 2003. Tradução brasileira: *Os Meus Gloriosos Irmãos*. São Paulo: Editora Beit M. Anilevitch, 1954.

<sup>90</sup> FAST, Howard. *The Proud and the Free*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

<sup>91</sup> FAST, Howard. *Spartacus*. New York: Bantam Books, 2000. Tradução Brasileira: *Espártaco*. São Paulo: Abril, 1981. *Spartacus*, que talvez seja o mais conhecido *best-seller* de Howard Fast, possui uma adaptação para o cinema igualmente célebre: o filme homônimo, de 1960, dirigido por Stanley Kubrick e protagonizado por Kirk Douglas, Jean Simmons e Laurence Olivier, com roteiro de Dalton Trumbo.

<sup>92</sup> FAST, Howard. *Silas Timberman*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

<sup>93</sup> FAST, Howard. *The Story of Lola Gregg*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

mesmo mais comercial, voltando-se ao passado não mais para apontar questões sociais, mas para retratar outras formas de conflitos humanos e de consciência.

Neste longo período, que abarca mais de quarenta anos de trajetória como escritor, o ritmo acelerado da prolífica produção literária de Fast não diminuiu. Neste sentido, é importante mencionarmos que dificilmente se pode considerar esta segunda fase como um bloco monolítico e homogêneo. Ao contrário, o conjunto de sua obra neste período apresenta distintas e variadas nuances. Obras como *Moses, Prince of Egypt* (1958)<sup>94</sup>, que apresenta Moisés mais como uma figura política que lutou pela libertação do povo judeu e pela liberdade religiosa; *April Morning* (1961)<sup>95</sup>, mais um romance situado na Guerra de Independência americana; e *Torquemada* (1966)<sup>96</sup>, centrado na figura do inquisidor espanhol Tomás de Torquemada, tocando em questões como o antissemitismo e traçando paralelos com a perseguição aos judeus nos regime totalitários; apresentam ainda diversas aproximações temáticas com a primeira fase de sua carreira<sup>97</sup>.

Por outro lado, Fast alcançou o auge de seu sucesso comercial com a série *The Immigrants*, composta ao total por seis livros<sup>98</sup>, nos quais acompanha a trajetória de várias gerações da família Lavette, descendente de imigrantes franceses e italianos estabelecidos na Califórnia, através de um século de história, entre 1880 e 1980. Apresentando, segundo a descrição de Sorin, um tom novelesco, a série percorre diversos acontecimentos da história americana e mundial, porém não mais apresenta um teor de contestação social à esquerda, fortemente influenciado pelo pensamento marxista, como na fase anterior. Ao contrário, ao longo da série, Fast revela uma certa afinidade pelos valores do individualismo e do livre empreendedorismo, ao narrar o sucesso financeiro de uma família de imigrantes, desde a luta por sobrevivência e adaptação ao estilo de vida americano, até a luta pela ascensão social e econômica. De fato, ainda que configure em certos momentos críticas ao belicismo, à perseguição política e à persistência do racismo e do antissemitismo na sociedade americana, a tônica central está relacionada à ideia de que o sucesso financeiro é alcançado através da

<sup>94</sup> FAST, Howard. *Moses: the epic story of his rebellion in the court of Egypt*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon]. Tradução brasileira: *Moisés, Príncipe do Egito*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1960.

<sup>95</sup> FAST, Howard. *April Morning*. New York: Open Road Teen & Tween, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

<sup>96</sup> FAST, Howard. *Torquemada*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon]. Tradução Brasileira: *Torquemada*. Rio de Janeiro: Bloch, 1966.

<sup>97</sup> SORIN, *Op. Cit.*, p. 336-339.

<sup>98</sup> *The Immigrants* (1977), *Second Generation* (1978), *The Establishment* (1979), *The Legacy* (1981), *The Immigrant's Daughter* (1985), *An Independent Woman* (1997). Boa parte da série possui tradução brasileira: FAST, Howard. *Os Imigrantes*. Rio de Janeiro: Record, 1977; *Segunda Geração*. Rio de Janeiro: Record, 1978; *A Herança*. Rio de Janeiro: Record, 1981; *A Filha do Imigrante*. Rio de Janeiro: Record, 1990.



competição dentro de uma sociedade formada por um verdadeiro *melting pot* de imigrantes – italianos, asiáticos, judeus, mexicanos<sup>99</sup>.

Cabe destacar ainda a incursão de Fast no gênero de romances detetivescos ou de suspense, entre as décadas de 1960 e 1980. Publicados sob o pseudônimo de E.V. Cunningham, os livros foram escritos com uma rapidez impressionante e alcançaram, a exemplo da série *The Immigrants*, um significativo sucesso comercial. De fato, em pouco mais de uma década, Fast publicou uma sequência de doze livros de suspense com nomes de mulheres<sup>100</sup>, onde estas tinham um papel central, seja como vítimas, criminosas, cúmplices ou investigadoras. Na mesma perspectiva, ainda sob o pseudônimo de E.V. Cunningham, Fast publicou, entre o fim da década de 1970 e o início da de 1980, uma nova série de mistérios, composta por seis livros, chamada de *The Masao Masuto Mysteries*<sup>101</sup>, tendo por protagonista o fictício detetive nissei Masao Masuto, do Departamento de Polícia de Beverly Hills. Escritas em um ritmo narrativo acelerado, estas obras não possuíam qualquer pretensão evidente de crítica social, mas eram, por própria admissão de Fast, “pure entertainment [and] had no message and no particularly important political point of view”<sup>102</sup>.

Embora reconhecendo a grande variedade das obras deste segundo momento de sua produção literária, o principal alvo de meu interesse no presente trabalho diz respeito às concepções sociais e históricas apresentadas por Howard Fast na primeira fase de sua carreira, na qual a preocupação com questões sociais e o comprometimento com um viés político de esquerda tiveram importância predominante em suas obras. Estes elementos, como mencionado anteriormente, serão examinados, sobretudo, a partir de três de suas obras, todas inseridas no contexto deste primeiro período, tanto temporalmente quanto em sua temática: *The Last Frontier* (1941), *Freedom Road* (1944) e *The Passion of Sacco and Vanzetti* (1953).

Neste sentido, cabe-nos, neste primeiro capítulo, empreender uma análise das características, conceitos e princípios que, de um modo geral, pautaram o pensamento social e político de Howard Fast no primeiro momento de sua carreira, bem como, conseqüentemente, a sua escrita literária socialmente engajada. Para tanto, voltaremos nosso olhar no presente

<sup>99</sup> SORIN, *Op. Cit.*, p. 370-374.

<sup>100</sup> *Sylvia* (1960), *Phyllis* (1962), *Alice* (1963), *Lydia* (1964), *Shirley* (1964), *Penelope* (1965), *Helen* (1966), *Margie* (1966), *Sally* (1967), *Samantha* (1967), *Cynthia* (1968) e *Millie* (1973).

<sup>101</sup> *The Case of the One-Penny Orange* (1977), *The Case of the Russian Diplomat* (1978), *The Case of the Poisoned Eclairs* (1979), *The Case of the Sliding Pool* (1981), *The Case of the Kidnapped Angel* (1982) e *The Case of the Murdered Mackenzie* (1984). O livro *Samantha*, de 1967, alternativamente intitulado de *The Case of the Angry Actress*, é também incluído na lista dos mistérios protagonizados pelo detetive Masao Masuto.

<sup>102</sup> “puro entretenimento [e] não tinham nenhuma mensagem ou ponto de vista político particularmente importante”. Tradução minha. SORIN, *Op. Cit.*, p. 346.

capítulo para seus escritos de cunho teórico, manifestados em alguns livros, mas principalmente em um grande número de artigos escritos por Fast para jornais e revistas de esquerda.

## 2.1 O materialismo dialético e o realismo soviético

O primeiro elemento mais evidente que podemos destacar nas obras de Howard Fast no período inicial de sua carreira diz respeito a uma identificação com questões de cunho social e com o pensamento de esquerda, que se manifestou de maneira progressiva a partir do final da década de 1930, e que levou à sua notória adesão ao Partido Comunista Americano, bem como à incorporação de elementos da teoria marxista à sua escrita literária e à sua identificação com a vertente do chamado realismo soviético.

Cabe ressaltarmos que este posicionamento de Fast era oriundo de toda uma formação intelectual e literária, em um primeiro momento autodidata e, posteriormente, direcionada pelo partido. De fato, a tendência política de esquerda surgiu de forma relativamente espontânea em Fast, muito influenciada pelas leituras que empreendia por conta própria. Até seus 17 anos, quando pela primeira vez manifestou interesse em aderir ao partido comunista, ele havia lido uma série de obras que lhe colocaram em contato com o ideário de esquerda: o romance distópico *The Iron Heel* (1907), de Jack London, um de seus primeiros heróis literários, por sua própria admissão, foi seu primeiro contato com as ideais socialistas; o clássico relato sobre a Revolução de Outubro, *Ten Days That Shook The World* (1919), de John Reed, outro de seus ídolos literários; *The Intelligent Women's Guide to Socialism and Capitalism* (1928), de George Bernard Shaw, considerado por Fast como a mais clara exposição sobre o tema; *The Theory of the Leisure Class* (1899), de Thorstein Veblen; além da “Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado” de Engels, do “Manifesto Comunista” e de uma tentativa frustrada de leitura de “O Capital”, abandonada após cerca de duzentas páginas<sup>103</sup>.

Certamente, esta lista se ampliou ainda mais quando Fast passou a frequentar o *John Reed Club* de Nova York, onde eram lidas e discutidas diversas obras de esquerda. Posteriormente, em 1946, Fast participou de um curso de treinamento oferecido pelo Partido Comunista Americano, em um pequeno hotel na beira do rio Hudson, perto da cidade de

<sup>103</sup> FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, p. 43-53.

Beacon, no estado de Nova York, experiência de aprendizado que recordava de forma positiva:

With all that, I couldn't resist the thought of a Communist Party training school, a title both ominous and enticing, depending on how far to the left or the right you stood. There was study and discussion, ten hours a day of lectures, seminars and study. We studied economics, both capitalist economics and Marxist economics; American history, world history, philosophy, the history, structure, and function of government, the origin of cities, classes, and nations, and of course the forces that had led us into World War One and World War Two. It was three weeks of study such as I never would have believed possible. Some of the most famous college professors and scholars of the time lectured to us. There was nothing secretive about the place. People came and went quite openly, professors from Harvard, Yale, Cornell, MIT. One came from the West Coast. Distinguished lawyers, economists who challenged us to poke holes in their thinking, trade union leaders, and Communist Party organizers<sup>104</sup>.

Neste sentido, podemos inferir que Fast possuía, senão uma sólida formação, um amplo contato com uma bibliografia marxista e uma literatura socialmente engajada. Esta sua familiaridade com estes ideais e princípios teóricos certamente foi um fator determinante não apenas para sua adesão e permanência no partido, mas também para sua adoção de uma postura literária eminentemente crítica e identificada com o gênero do realismo soviético.

Esta corrente literária, oriunda da União Soviética e ligada ao processo de consolidação revolucionária no país, teve suas bases examinadas por C. Vaughan James na obra *Soviet Socialist Realism*<sup>105</sup>. Simplificadamente, o realismo socialista soviético representa um reflexo, no campo das artes, da luta pelo estabelecimento de uma sociedade socialista, exigindo do artista que ele busque retratar a sociedade de uma forma verdadeira e historicamente concreta, ou seja, de acordo com os princípios do materialismo dialético, visando cumprir uma função didática de “educar os trabalhadores no espírito do comunismo”<sup>106</sup>. Assim, a arte socialista realista tem a intenção de retratar a realidade de forma objetiva, auxiliando as massas a compreender o processo da história e seu lugar nele, constituindo um dos meios de incentivar o desenvolvimento de uma verdadeira consciência de

---

<sup>104</sup> “Com tudo isto, eu não pude resistir à ideia de uma escola de treinamento do Partido Comunista, um título tanto sinistro quanto sedutor, dependendo quão à esquerda ou à direita você se posicionasse. Houve estudo e discussão, dez horas por dia de palestras, seminários e estudo. Nós estudamos economia, tanto economia capitalista quanto economia marxista; história americana, história mundial, filosofia, a história, estrutura e função do governo, a origem das cidades, classes e nações, e, é claro, as forças que nos levaram à Primeira e à Segunda Guerra Mundial. Foram três semanas de estudo como eu nunca acreditei ser possível. Alguns dos mais famosos professores e acadêmicos universitários da época palestraram para nós. Não havia nada de secreto sobre o lugar. Pessoas iam e vinham bastante abertamente, professores de Harvard, Yale, Cornell, MIT. Um veio da costa oeste. Advogados, economistas renomados que nos desafiavam a questionar seu pensamento, líderes sindicais e organizadores do Partido Comunista”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 137.

<sup>105</sup> JAMES, C. Vaughan. *Soviet Socialist Realism. Origins & Theory*. London: Palgrave Macmillan, 1973.

<sup>106</sup> *Ibid.*, p. ix-x.

classe<sup>107</sup>. Dessa forma, James sintetiza a função do realismo socialista soviético da seguinte forma:

'Realism' in this sense means art that sets out to present a comprehensive reflection and interpretation of life from the point of view of social relations; 'Socialist' means in accordance with the policy of the Communist Party. Socialist Realism is therefore based on a direct relationship between the artist and the process of building a new society; it is art colored by the experience of the working class in its struggle to achieve socialism<sup>108</sup>.

É importante citarmos ainda que esta corrente artística do realismo soviético apresenta três grandes princípios que a orientam, discutidos por James ao longo de boa parte da sua obra. Estes são a chamada “*naródnost*”, ou *people-ness*, conforme traduzido por James, que representa a relação fundamental da arte com o povo, a necessidade da arte de apresentar um caráter popular, acessível às massas de trabalhadores; a “*klássovost*”, ou *class-ness*, ou seja, o caráter necessariamente classista da arte; e o “*partíinost*”, ou *party-ness*, ou seja, a identificação do artista com o Partido Comunista e as suas diretrizes<sup>109</sup>.

Estes três princípios – uma preocupação de produzir uma arte popular; que fosse didática e classista, para despertar a consciência da classe trabalhadora; e uma identificação com o Partido Comunista Americano – tiveram uma grande importância para a literatura produzida por Howard Fast na primeira fase de sua carreira. Não coincidentemente, sua aproximação a estes princípios estava essencialmente relacionada à adoção explícita por parte de Fast dos princípios do materialismo dialético marxista e à sua manifesta tentativa de se filiar ao modelo literário do realismo soviético.

De fato, em diversos artigos escritos por Fast ao longo das décadas de 1940 e 1950 em periódicos de esquerda, particularmente nas revistas *New Masses* e *Masses and Mainstream* e no jornal *Daily Worker*, ele expunha de modo bastante claro e contundente o seu posicionamento em relação a diversas questões, particularmente a respeito do papel da arte e da literatura, e da importância da adoção de aportes do materialismo dialético para o gênero do romance realista. Um de seus artigos mais significativos neste sentido é o intitulado

<sup>107</sup> Ibid., p. 93-94.

<sup>108</sup> “‘Realismo’ neste sentido significa que a arte busca apresentar uma compreensiva reflexão e interpretação da vida do ponto de vista das relações sociais; ‘Socialista’ significa de acordo com a política do Partido Comunista. O Realismo Socialista está, portanto, baseado em um relacionamento direto entre o artista e o processo de construção de uma nova sociedade; é a arte colorida pela experiência da classe trabalhadora na sua luta por alcançar o socialismo”. Tradução minha. Ibid., p. 88.

<sup>109</sup> Poderíamos fazer uma tentativa de tradução dos três termos para o português, respectivamente, como o “popularismo”, o “classismo” e o “partidarismo” da arte. Ibid., p. 1-14.

*Realism and the Soviet Novel*<sup>110</sup>, publicado em 1945, onde Fast toca nestas questões a partir da preocupação de como um escritor que se pretende realista deve abordar a realidade social.

Partindo de uma máxima do escritor americano Brand Whitlock<sup>111</sup>, para o qual a escrita ficcional, no seu auge, é capaz de se aproximar mais da realidade do que a própria “verdade”<sup>112</sup>, Fast aborda o problema hermenêutico fundamental da tradução da realidade social em palavras. De fato, Fast reconhece a impossibilidade de se captar a totalidade do mundo social em uma obra literária, e de se refletir a sua realidade em palavras: “Reality as such, or the world we live in, the many thousands of objects and forces which affect us – these can never be contained within a literary work in their entirety. (...) To put reality into words as it exists is impossible”<sup>113</sup>.

Ao contrário, a verdade é parcial e subjetiva, e toda obra literária é essencialmente seletiva:

At this point we can talk of the literary work as being selective, as being a very specific and narrow reflection of the world itself. It is entirely valid to say that a writer writes the truth; but it is not valid if, along with that statement, does not go an understanding of the fact that the truth as one man sees it is not the truth as another man sees it<sup>114</sup>.

Baseado nestas premissas e em preceitos do materialismo marxista, Fast desenvolve a noção de que o processo de escrita literária está baseado, sobretudo, em uma abordagem dialética do escritor, o qual seleciona a partir da realidade aquilo que ele considera mais relevante tematizar e o reflete dialeticamente. Para Fast, é precisamente neste aspecto que reside a diferença fundamental entre o realismo literário praticado nos Estados Unidos e na União Soviética na sua época.

<sup>110</sup> FAST, Howard. “Realism and the Soviet Novel”. In: *New Masses*, vol. 57, n. 11, 11/12/1945, p. 16.

<sup>111</sup> Brand Whitlock (1869-1934) foi um escritor e advogado americano, autor de diversas obras de ficção e de não-ficção, entre as quais o romance *The Turn of the Balance* (1907), que tem como pano de fundo as desigualdades da sociedade industrial americana, e uma biografia de Abraham Lincoln (1908). HACHT, Anne Marie; HAYES, Dwayne D. (org.). *Gale Contextual Encyclopedia of American Literature*. Detroit: Gale, 2009, p. 1552.

<sup>112</sup> Esta concepção de Whitlock se aproxima bastante do argumento desenvolvido por diversos autores, como Beverley Southgate, Frank Ankersmit, Mario Vargas Llosa e Toni Morrison, explorados ao longo da introdução do presente trabalho, e que subjaz à própria análise que buscamos empreender aqui.

<sup>113</sup> “A realidade enquanto tal, ou o mundo em que vivemos, os muitos milhares de objetos e forças que nos afetam – estes nunca podem ser contidos dentro de uma obra literária na sua totalidade. (...) Colocar a realidade em palavras como ela existe é impossível”. Tradução minha. “Realism and the Soviet Novel”. In: *New Masses*, vol. 57, n. 11, 11/12/1945, p. 16.

<sup>114</sup> “Neste ponto, podemos falar da obra literária como sendo seletiva, como sendo uma muito específica e estreita reflexão do próprio mundo. É inteiramente válido dizer que um escritor escreve a verdade; mas isto não é válido se, juntamente com esta afirmação, não vier um entendimento do fato de que a verdade que um homem enxerga não é a verdade tal qual outro homem a enxerga”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 16.

The serious American writer has this in common with the serious Soviet writer: they both seek the truth. They both attempt to reproduce within the pages of their novel a valid reflection of the society they inhabit. They do this by dramatic selection – that is, their approach is dialectic. If the approach of a writer – that is, a novelist – is anything but dialectic, his work will be completely stagnant, holding neither interest nor validity for the reader. But the difference between the American writer and the Soviet writer is that whereas one, the American writer, sees the world through a romanticized dialectics, the other, the Soviet writer, sees the world through the realistic logic of dialectical materialism<sup>115</sup>.

Em princípio, ambas as abordagens seriam maneiras válidas de se buscar refletir a realidade por meio da literatura. Contudo, para Fast, apenas o método do escritor soviético é capaz de efetivamente se aproximar da realidade, chegando a esta conclusão a partir do exemplo da tentativa de se narrar os acontecimentos ocorridos em uma greve. Para ele, os fatores objetivos da greve são os mesmos para todos os observadores (o fechamento da fábrica, a formação de um piquete, a repressão policial). No entanto, cada escritor ao recontar o evento o interpreta de um modo diferente, de acordo com suas próprias concepções: podendo ser favorável ao movimento, considerando-o uma justa reivindicação por direitos; desfavorável a ele, considerando-o um crime contra a sociedade e uma violação aos direitos individuais do patrão; ou então apresentar uma postura intermediária, reconhecendo méritos e problemas em ambos os lados; entre outras infinitas variações entre estes três posicionamentos.

Entretanto, ao nos perguntarmos qual destas interpretações corresponde mais fielmente à realidade, Fast nos dá uma resposta inequívoca. De acordo com o raciocínio desenvolvido por Fast, somente podemos compreender determinado aspecto da realidade quando aplicamos a ele um método científico adequado, que, no caso da realidade social, diz respeito ao método marxista do materialismo dialético. Portanto: “Since he is armed with that science, dialectical materialism, I believe that the Soviet writer is armed far better than we are with the tools of an understanding of society”<sup>116</sup>.

Dessa forma, Fast torna explícita neste artigo a sua identificação coma vertente literária do chamado realismo soviético, fundamentada em uma compreensão marxista da

---

<sup>115</sup> “O escritor americano sério tem isto em comum com o escritor soviético sério: ambos buscam a verdade. Ambos tentam reproduzir dentro das páginas do seu romance um reflexo válido da sociedade que habitam. Eles fazem isto por meio da seleção dramática – isto é, sua abordagem é dialética. Se a abordagem de um escritor – isto é, de um romancista – não for dialética, seu trabalho será completamente estagnado, sem interesse nem validade para o leitor. Mas a diferença entre o escritor americano e o escritor soviético é que enquanto um, o americano, enxerga o mundo através de uma dialética romantizada, o outro, o soviético, enxerga o mundo através da lógica realista do materialismo dialético”. Tradução minha. Ibid., p. 16.

<sup>116</sup> “Uma vez que ele está armado com tal ciência, o materialismo dialético, eu acredito que o escritor soviético está muito melhor armado do que nós com as ferramentas para uma compreensão da sociedade”. Tradução minha. Ibid., p. 16.

sociedade, do passado e do presente. Neste sentido, Fast compreendia a história como sendo um processo contínuo de luta pela libertação do homem e do seu trabalho, identificando no materialismo dialético marxista o método adequado para interpretar a realidade, e assumindo para si a atribuição de pôr em pauta questões sociais relacionadas a esta grande luta que perpassa e move a história em sua escrita ficcional, particularmente por meio de romances históricos.

De fato, em outro artigo de 1952, escrito em defesa de Alexander Trachtenberg, um dos maiores editores de esquerda nos Estados Unidos, responsável pela publicação de diversas obras de teoria marxista no país, que estava sendo processado por suas ligações com o comunismo<sup>117</sup>, Fast manifesta explicitamente esta sua intenção enquanto escritor, bem como sua dívida para com o ideário materialista. Nele, Fast não apenas afirma que seu objetivo como romancista é contribuir em alguma medida para a luta pela liberdade humana, mas que tem conseguido alcançar esta meta justamente graças ao contato que teve com os teóricos marxistas (por meio dos livros publicados nos Estados Unidos por Trachtenberg) e à sua participação no movimento comunista:

I might still have been a writer, but it is only because of these books and because of the movement which gave strength and blood to them that I am able to be a writer who can give something to the people, and contribute in some measure to the struggle for human freedom and dignity<sup>118</sup>.

Conjuntamente à afirmação do método materialista como a forma mais adequada de compreender a realidade e da sua centralidade para a escrita de um romance realista, Fast apresenta uma forte crítica ao *mainstream* da literatura americana de seu tempo, exatamente pela ausência deste viés materialista nos principais *best-sellers* e nas obras aclamadas pela crítica. Para Fast, esta carência era o fator responsável por um evidente declínio na literatura americana, proporcionando o surgimento e difusão de um tipo de literatura escapista,

---

<sup>117</sup> FAST, Howard. “The Man and the Books”. In: *Publisher on Trial: A Symposium. The Case of Alexander Trachtenberg*. New York: International Publishers, 1952. Alexander Trachtenberg (1885-1966) foi um editor de livros, de origem judaica, nascido na cidade ucraniana de Odessa, e emigrado para os Estados Unidos no início do século XX. Em solo americano, envolveu-se ativamente na militância política do Partido Socialista e, posteriormente, do Partido Comunista Americano. Em 1924, ajudou a fundar e a dirigir a companhia editorial International Publishers, de Nova York, especializada na publicação de livros de história, economia e teoria marxista. Durante o período do macarthismo, Trachtenberg foi processado e preso em duas ocasiões, devido ao seu envolvimento com o Partido Comunista e com as atividades editoriais da International Publishers. BUHLE, Mari Jo; BUHLE, Paul; GEORGAKAS, Dan (org.). *Encyclopedia of the American Left*. Oxford: Oxford University Press, 1998, p. 375.

<sup>118</sup> “Eu poderia ainda ter sido um escritor, mas é somente por causa destes livros e por causa do movimento que deu força e sangue a eles que eu sou capaz de ser um escritor que pode dar algo para o povo, e contribuir em alguma medida para a luta pela liberdade e dignidade humanas”. Tradução minha. FAST, Howard. “The Man and the Books”. In: *Publisher on Trial: A Symposium. The Case of Alexander Trachtenberg*. New York: International Publishers, 1952, s/p.

alienante, sem conexão com a realidade, contrastando com o romance realista soviético em sua própria essência.

And from this results the almost hopeless confusion in serious American writing, the disillusionment, the inability to see either hope or method. Also from this results the decline in our literature which we are observing today; for, finding the treatment of reality a heart-breaking and almost impossible task, writer after writer here in America is turning to one form or another of escape literature – the mystery book, the tough guy *a la* Chandler, the huge historical novel, the thin, childlike anti-humanism of Steinbeck and Huxley. In contrast to this evasions of reality are the novels from the Soviet Union, which present human beings who believe in life, who fight and love and work with hope and directness seldom matched in our American literature. The Soviet hero believes in life. He believes in the ability of the individual to conquer his environment. He believes in the ability of the Soviet citizen to conquer his enemies<sup>119</sup>.

Curiosamente, a acusação de desconexão com a realidade é uma crítica frequentemente dirigida aos escritores e pensadores de esquerda, por parte dos mais conservadores. O próprio Gerald Sorin, em sua biografia de Fast, recorrentemente avalia a qualidade literária de suas obras em função da presença de elementos da doutrina marxista, os quais, para Sorin, estavam essencialmente apartados da realidade, eram enganosos, inevitavelmente contaminando e tornando ruins os romances em que figuravam. Neste sentido, pode-se perceber em diversos momentos da narrativa biográfica elaborada por Sorin a acusação de que a escrita, o pensamento e as ações de Fast encontravam-se distanciados da realidade, tendo sido progressivamente subjugados por uma obediência cega à ortodoxia ideológica imposta pelo Partido Comunista Americano a seus membros<sup>120</sup>.

<sup>119</sup> “E disso resulta a quase incorrigível confusão na escrita americana séria, a desilusão, a incapacidade em enxergar tanto esperança quanto método. Também disso resulta o declínio na nossa literatura que estamos observando hoje; pois, considerando o tratamento da realidade uma tarefa desoladora ou quase impossível, escritor após escritor aqui nos Estados Unidos está se voltando a uma forma ou outra de literatura escapista – o livro de mistério, o durão *a la* Chandler, o imenso romance histórico, o estreito e infantil anti-humanismo de Steinbeck e Huxley. Em contraste com estas evasões da realidade estão os romances da União Soviética, que apresentam seres humanos que acreditam na vida, que lutam e amam e trabalham com esperança e franqueza raramente iguais na nossa literatura americana. O herói soviético acredita na vida. Ele acredita na habilidade do indivíduo de conquistar o seu ambiente. Ele acredita na habilidade do cidadão soviético de conquistar seus inimigos”. Tradução minha. FAST, Howard. “Realism and the Soviet Novel”. In: *New Masses*, vol. 57, n. 11, 11/12/1945, p. 16.

<sup>120</sup> De fato, esta é uma característica marcante e evidente na biografia elaborada por Sorin: uma crítica a um suposto impacto negativo da filiação de Fast ao comunismo e ao PC americano na qualidade de suas obras. Uma leitura rápida é suficiente para identificarmos diversos trechos onde esta crítica de Sorin transparece. A título de exemplo, podemos citar: “(...) the political bias of the American readers was less important a factor in Fast’s fading reputation than was the degeneration in the quality of his writing after he joined de CP” (SORIN, *Op. Cit.*, p. 4); “Indeed, in the late 1940s and 1950s, Fast’s work was mostly flat, one-dimensional, distorted by ideology, and simply uninteresting to those outside leftist circles” (SORIN, *Op. Cit.*, p. 6); e “Later, as his ideological attitude narrowed, Fast, as we shall see, tended to disparage his ethno-religious origins as well as to infuse his stories and novels with propaganda, essentially, and unfortunately, badly impairing his work” (SORIN, *Op. Cit.*, p. 43).

“(...) o preconceito político dos leitores americanos foi um fator menos importante no desvanecimento da reputação de Fast do que a degeneração na qualidade de sua escrita depois que ele aderiu ao PC”; “De fato, no



De fato, cabe mencionarmos que Sorin apresenta uma postura extremamente crítica à adesão de Fast ao Partido Comunista e aos princípios do realismo socialista, como algo que lhe tolheu a sua liberdade pessoal e sua capacidade imaginativa:

Fast, however, swallowed whole the Soviet theory of “socialist realism”, which burdened writers with obligations often inconsistent with their immediate experience, personal vision, and instincts of literary honesty. Socialist realism meant that a writer was allowed on the one hand to depart from accuracy and psychological credibility to preach Party doctrine; but on the other hand, he was not to treat his imaginative world as a separate entity with its own possibilities<sup>121</sup>.

Sorin parece não admitir que alguém possa realmente acreditar nos ideais que embasam o realismo socialista e lutar, através da arte e com pleno uso de sua capacidade criativa e intelectual, por desvelar as injustiças e contradições e despertar as pessoas a lutar contra elas. Para ele, o simples fato de se comprometer com o social, o engajamento, a ideologia, torna o trabalho estéril, raso, sem criatividade, servo de um dogmatismo. O quadro que ele pinta é de que o realismo socialista chega a ser nefasto, escravizador, sendo difícil acreditar que alguém se submeteria a esse regime de escrita livre e conscientemente. Neste sentido, cabe-nos também aqui tecer uma crítica a esta postura apresentada por Sorin, que permite que seus próprios conceitos e posicionamentos acerca do movimento comunista pautem a sua análise da obra de Fast neste primeiro período de sua carreira. Ao contrário, buscamos nos ater, na presente análise, à postura política e teórica publicamente assumida por Fast, evitando lançar dúvidas acerca de sua validade ou legitimidade em função de nossos próprios conceitos ou juízos de valor.

No que diz respeito à crítica tecida por Howard Fast, na citação anterior, à literatura americana de seu tempo, retomaremos diversos de seus elementos nas seções a seguir, particularmente a questão da aridez do grande romance histórico americano e a da ausência geral de uma sensibilidade humanística, segundo a percepção de Fast. Cabe destacar aqui a convicção apresentada por Fast de que a raiz materialista do realismo soviético lhe proporcionava uma singular valorização da vida humana. De fato, este é um importante

---

final das décadas de 1940 e 1950, a obra de Fast era, em sua maioria, monótona, unidimensional, distorcida pela ideologia, e simplesmente desinteressante àqueles de fora dos círculos esquerdistas”; e “Posteriormente, na medida em que sua atitude ideológica se estreitou, Fast, como veremos, tendeu a depreciar suas origens étnico-religiosas, bem como a infundir suas histórias e romances com propaganda, essencialmente, e infelizmente, prejudicando muito sua obra”. Traduções minhas.

<sup>121</sup> “Fast, no entanto, engoliu por inteiro a teoria soviética do “realismo socialista”, a qual sobrecarregava os escritores com obrigações frequentemente inconsistentes com sua experiência imediata, visão pessoal, e instintos de honestidade literária. Realismo socialista significava que um escritor era autorizado, por um lado, a apartar-se da precisão e da credibilidade psicológica para pregar a doutrina do Partido; mas, por outro lado, ele não deveria tratar seu mundo imaginativo como uma entidade separada com suas próprias possibilidades”. Tradução minha. SORIN, *Op. Cit.*, p. 92.

desdobramento do elemento que viemos analisando até aqui, de modo que o enfocaremos em maior detalhe na próxima seção.

Voltando, por ora, para a questão da identificação de Fast com a vertente literária do realismo socialista, talvez a obra que mais torne explícita esta relação seja o livro *Literature and Reality*, publicado em 1950<sup>122</sup>. Nesta obra, que apresenta uma terminologia repleta de conceitos oriundos da teoria marxista, Fast se propõe a investigar “(...) the nature of reality in terms of its literary reflection, as well as the use of the realistic method in the attempt to portray life truthfully”<sup>123</sup>. Com este objetivo, *Literature and Reality* parece constituir uma tentativa de aprofundamento teórico das questões já levantadas por Fast no artigo *Realism and the Soviet Novel*. Dedicada aos escritores e militantes comunistas britânicos Ralph Fox e Christopher Caudwell – “who believed that the practice of literature could not be separated from the struggle for man’s liberation (...)”<sup>124</sup> – a obra parte do princípio de que a arte, e sobretudo a literatura, deveria estar intimamente relacionada à realidade humana, tendo por objetivo ajudar o leitor a compreendê-la.

Neste sentido, Fast tece uma forte crítica às diversas matrizes literárias de seu tempo que não mais tinham a realidade como fonte de seu processo criativo. Diversamente, Fast identifica um modelo artístico adequado no realismo soviético, uma vez que está equipado com os conceitos do materialismo marxista, a ciência mais capacitada para se compreender a realidade social. De fato, compreendendo o realismo como “(...) that literary synthesis which through selection and creation heightens for the reader his understanding of reality”<sup>125</sup>, e defendendo a necessidade de uma abordagem eminentemente materialista e classista da arte, Fast encontra a solução na União Soviética, em seu modelo de realismo socialista:

But in the Soviet Union, classical literature is approached through class understanding. The elements which produced it and which provide its content are understood in a historical-materialist sense, and thereby we have a materialist-critical approach which brings to life all that is best in the past<sup>126</sup>.

<sup>122</sup> FAST, Howard. *Literature and Reality*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

<sup>123</sup> “(...) a natureza da realidade em termos de sua reflexão literária, bem como o uso do método realista na tentativa de retratar a vida verdadeiramente”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 31.

<sup>124</sup> “que acreditavam que a prática da literatura não podia ser separada da luta pela libertação do homem (...)”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 4.

<sup>125</sup> “(...) aquela síntese literária que, através de seleção e da criação, eleva para o leitor a sua compreensão da realidade”. *Ibid.*, pos. 298-301. Tradução minha.

<sup>126</sup> “Mas na União Soviética, a literatura clássica é abordada através de uma compreensão de classe. Os elementos que a produziram e que fornecem seu conteúdo são entendidos em um sentido histórico materialista e, portanto, temos uma abordagem crítico-materialista que traz à vida todo que há de melhor no passado *Ibid.*, pos. 382-388. Tradução minha.

Em suma, o primeiro traço determinante que identificamos na fase inicial da carreira literária de Howard Fast refere-se a um comprometimento consciente com uma visão de mundo de esquerda, intimamente relacionada ao seu envolvimento com o movimento comunista nos Estados Unidos, e pautada pela adoção de princípios teóricos do materialismo dialético em sua concepção de história e de literatura. Considerando a história como um processo contínuo de luta do homem pela sua libertação e do seu trabalho, Fast assumiu para si o objetivo de contribuir com esta luta através da sua literatura; considerando a realidade social inapreensível, em última análise, por meio de palavras e a ciência marxista do materialismo dialético como a melhor equipada na tarefa de refleti-la, Fast passou a se identificar com a corrente literária do realismo soviético, que incorporava explicitamente estes conceitos materialistas no seu processo de escrita.

## 2.2 O humanismo da arte materialista: política e trabalho

O segundo elemento que podemos identificar na obra de Fast decorre fundamentalmente da sua identificação com a vertente do realismo soviético e da adoção de seus princípios materialistas marxistas que analisamos na seção anterior. Estamos nos referindo aqui a uma postura essencialmente humanista, de valorização da vida humana e da ação política, e de reconhecimento de uma indissociável interconexão entre arte, vida, trabalho e política, consequência de uma abordagem materialista da realidade. No já citado artigo *Realism and the Soviet Novel*, Fast acaba por tangenciar esta questão:

The Russian writer has this philosophy in dialectic materialism. He believes that men are motivated by forces and he also believes that men can shape these forces. He believes in hope rather than hopelessness, in direction rather than confusion, and most basically, also, he believes in mankind. Thereby he can create heroes to fight within a framework of humanism and extract from the endless richness and complexity of life those basic and real factors which enable man to understand his world and to advance it<sup>127</sup>.

Neste trecho, Fast associa explicitamente a incorporação da filosofia do materialismo dialético à escrita realista soviética com o desenvolvimento de uma estrutura conceitual baseada em um profundo humanismo, centrado em valores de esperança e de crença na

---

<sup>127</sup> “O escritor russo tem isto na filosofia do materialismo dialético. Ele acredita que os homens são motivados por forças e ele também acredita que os homens podem dar forma a estas forças. Ele acredita em esperança ao invés de desesperança, em direção ao invés de confusão, e mais basicamente, também, ele acredita na humanidade. Através disso, ele pode criar heróis para lutar dentro de uma estrutura de humanismo e extrair da infundável riqueza e complexidade da vida aqueles fatores básicos e reais que permitem ao homem compreender seu mundo e melhorá-lo”. Tradução minha. FAST, Howard. “Realism and the Soviet Novel”. In: *New Masses*, vol. 57, n. 11, 11/12/1945, p. 16.

humanidade. De fato, estas características permitiriam ao escritor soviético realmente compreender o mundo e contribuir para o seu progresso. Para Fast, este era não apenas o seu objetivo enquanto escritor, como vimos anteriormente, mas também, em última instância, deveria ser a finalidade de toda arte: ser uma arma na luta histórica do homem pela liberdade.

Neste sentido, no artigo *Towards People's Standard in Art*<sup>128</sup>, Fast busca refletir sobre a própria natureza da arte, buscando compreender tanto aquela arte que emanaria do povo e aquela que serviria aos “inimigos do povo”, de modo que ela pudesse ser colocada a serviço de sua libertação. Novamente, para Fast, só é possível realmente compreender a arte por meio do materialismo dialético:

(...) how is it that when we come to the realm of art we so often cast science aside and indulge in the worst idealistic and mystical concepts? One must ask whether or not art has any connection with life – with the science of life – with the elements and the struggles of life. If it has, then it is susceptible to a materialist approach. On the other hand, if only idealism could cope with art, it would be hopeless to pursue Marxist inquiry<sup>129</sup>.

Está presente aqui o princípio de uma crítica a uma concepção puramente formalista ou idealista da arte, que veremos melhor desenvolvida adiante. Para Fast, a arte possui uma profunda e fundamental conexão com a vida e, portanto, é passível de ser analisada a partir de uma perspectiva materialista, identificada por ele como a “ciência da vida”. Dessa forma, segundo o raciocínio materialista desenvolvido por Fast, a arte seria essencialmente determinada pelos padrões de uma sociedade, os quais, por sua vez, são determinados pelos diversos fatores objetivos em ação nesta sociedade, mas, sobretudo, pelo seu sistema econômico e sua estrutura de classes. Como a própria sociedade transforma-se ao longo do tempo, também estes padrões sociais que definem o que é e o que não é arte são igualmente mutáveis. Neste processo, existem padrões relacionados a ideias que servem aos interesses retrógrados da sociedade, que entram o seu desenvolvimento. Por outro lado, existem aqueles padrões que emanam de ideias progressistas e visam contribuir para o avanço e o desenvolvimento da sociedade – evidentemente identificado aqui como a evolução rumo a uma sociedade comunista.

<sup>128</sup> FAST, Howard. “Towards People’s Standard in Art”. In: *New Masses*, vol. 59, n. 6, 07/05/1946, p. 16-18.

<sup>129</sup> “(...) por que quando abordamos a dimensão da arte nós tão frequentemente abandonamos a ciência e cedemos aos piores conceitos idealistas e místicos? Devemos nos perguntar se a arte possui ou não alguma conexão com a vida – com a ciência da vida – com os elementos e lutas da vida. Se possui, então ela é suscetível a uma abordagem materialista. Por outro lado, se apenas o idealismo puder lidar com a arte, seria inútil perseguir uma investigação marxista”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 16.

Assim concebendo a imbricação da arte com os demais elementos materiais da sociedade, Fast apresenta também a sua concepção acerca do estado dos padrões artísticos americanos de seu tempo:

(...) a hundred years of capitalism robbed the American masses of many elements which go to make high literary standards. The most important element in the creation of high literary standards is a philosophy of life which has an approach to the objective truth. But the philosophy of life fed to the American masses by the ruling class of this country, historically and currently, is a philosophy which obscures the truth, which seeks to prevent people from ever discovering the truth (...)<sup>130</sup>.

Como vemos, para Fast, a sociedade capitalista de seu tempo buscava obscurecer a realidade, ocultando as relações de exploração que a permeavam, de modo que o povo não descobrisse a “verdade” e se voltasse contra o sistema. Disto resultava, no campo cultural, a prevalência de ideais e padrões artísticos alienantes, completamente dissociados da realidade social, e, por isso, incapazes de contribuir para o avanço da causa da liberdade humana. É neste ponto que entra a crítica de Fast aos principais valores artísticos e literários de seu tempo.

Sustentando que a arte deveria emanar da realidade material da sociedade, das lutas do homem, da sua vida, Fast critica uma abordagem artística idealista, que não esteja primariamente ancorada nesta realidade. Neste sentido, Fast dirige sua crítica ao grupo que designa de “*literary esthetes*”, cujos padrões, centrados em uma valorização quase obsessiva da forma e da estética literária, estariam dominando o cenário artístico americano. Para Fast, no entanto, estes padrões seriam vazios em sua essência. A abordagem destes estetas seria uma mera “veneração do estilo”, uma “euforia infantil diante de uma fraseologia astuta”. De fato, “They have adopted a canting and formalized literary phraseology, and they are endowing it with a sacredness very like the ritual of a church”<sup>131</sup>. Este culto à sacralidade da estética literária teria como resultado determinante um afastamento da vida.

No mesmo sentido, Fast condena esta abordagem formalista, predominante no âmbito da crítica literária americana, pela sua valorização da arte pela arte, desprovida de qualquer conteúdo que busque refletir a realidade:

<sup>130</sup> “(...) cem anos de capitalismo roubaram as massas americanas de muitos elementos necessários para se criar altos padrões literários. O elemento mais importante na criação de altos padrões literários é uma filosofia de vida que tenha uma aproximação com a verdade objetiva. Mas a filosofia de vida alimentada às massas americanas pela classe dirigente deste país, histórica e atualmente, é uma filosofia que obscurece a verdade, que busca evitar que as pessoas descubram a verdade (...)”. Tradução minha. Ibid., p. 17.

<sup>131</sup> “Eles adotaram uma hipócrita e formalizada fraseologia literária, e a estão investindo de uma sacralidade muito semelhante ao ritual de uma igreja”. Ibid., p. 17. Tradução minha.

Certainly one does not find in Simonov that technical excellence, that almost decadent worship of the craft for craft's sake, that one can discover by turning up at random almost any page of the *New Yorker*, or the *Saturday Review of Literature*, or the *Times Book Review* magazine. The task of the mature writer is to reflect reality, to understand it and to arrange it in terms of a human being, an individual. I do not say that technical excellence is not to be desired. But far more important than technical excellence is the content of the material, and only through an understanding of the world can content mature<sup>132</sup>.

Ao citar o escritor soviético Simonov<sup>133</sup> e traçar um novo comparativo entre o realismo soviético e o americano, Fast reafirma seu compromisso em buscar refletir a realidade social em sua literatura e contribuir para um melhor entendimento do mundo. Este, que para Fast, deveria ser o objetivo de toda arte realista, só pode ser plenamente alcançado por meio de uma abordagem materialista dialética, a ciência capaz de dar conta da realidade social e que está em conexão com as lutas e a vida humana, em contraste com a abordagem estéril dos idealistas e formalistas, preocupados unicamente com a excelência técnica e o virtuosismo estético.

Buscando diferenciar-se desta literatura praticada pelos formalistas, Fast destaca o modo de pensar do escritor materialista, destacando a sua fé no ser humano e sua esperança no futuro:

It is no easy thing to be a dialectical materialist. It means that one sets his face against the blackest curtain of deception this world ever knew. The materialist thinks differently from the idealists and the mystics. He sees the world differently. He believes in the working class, and the strength and the vitality of the working class, and he believes in the historical role of the working class in leading people to socialism. He believes in the Soviet Union, and he believes in socialism. And, most of all, he believes in people, in the human being.

Yet we today, in the midst of the struggle, must not forget that the bulk of modern writing is not created by the working class or by friends of the working class. We very often have reason to remember that much of it is created by enemies of the people, enemies of progress, enemies of all that we believe in, and by and large those enemies control the critical standards of today<sup>134</sup>.

---

<sup>132</sup> “Certamente não se encontra em Simonov aquela excelência técnica, aquela quase decadente veneração da arte pela arte, que se pode descobrir ao abrir aleatoriamente qualquer página do *New Yorker*, ou do *Saturday Review of Literature*, ou a revista do *Times Book Review*. A tarefa do escritor maduro é refletir a realidade, entendê-la e organizá-la em termos do ser humano, do indivíduo. Eu não digo que a excelência técnica não é desejável. Mas muito mais importante que a excelência técnica é o conteúdo do material, e somente através de um entendimento do mundo o conteúdo pode amadurecer”. Tradução minha. FAST, Howard. “Realism and the Soviet Novel”. In: *New Masses*, vol. 57, n. 11, 11/12/1945, p. 16.

<sup>133</sup> Kostantin Simonov (1915-1979) foi um escritor soviético, aclamado com múltiplos prêmios e condecorações por seu serviço à classe trabalhadora e ao povo soviético. Tendo ocupado diversos importantes cargos editoriais na União Soviética, foi também um dos intelectuais com os quais Fast se correspondia no país. SORIN. *Op. Cit.*, p. 261.

<sup>134</sup> “Não é nada fácil ser um materialista dialético. Significa enfrentar a mais negra cortina de enganação que o mundo já conheceu. O materialista pensa diferente dos idealistas e dos místicos. Ele vê o mundo de forma diferente. Ele acredita na classe trabalhadora, e na força e na vitalidade da classe trabalhadora, e ele acredita no

Em vista disso, Fast chama atenção para a necessidade de se distinguir entre uma arte do povo, elaborada em favor do povo, e uma arte produzida por inimigos da causa popular. Esta é aquela dos “místicos”, dos formalistas decadentes, presos a um estagnante culto à forma e aos valores estéticos. Ao contrário, a arte do povo é aquela do realismo materialista, capaz de ser uma importante arma no constante luta pela libertação do homem. Esta, por sua vez, está baseada em uma forte crença na classe trabalhadora, no seu potencial revolucionário e no advento do socialismo. Mas mais do que isto, ela está profundamente interligada a um ideal humanístico, de valorização da vida e do ser humano.

Este é o cerne da presente questão: a consideração de Fast, baseado na própria teoria do materialismo marxista, de que existe uma relação indissociável entre a arte e as condições materiais da sociedade, entre a arte a vida; e que somente uma literatura realista, armada com os princípios materialistas próprios para uma compreensão adequada do mundo e da história, e autoconsciente de seu papel na luta pela libertação do homem, é capaz de refletir dialeticamente a realidade de forma “verdadeira”, e escrever de uma forma efetivamente humanista, valorizando intensamente a vida humana. É a partir desta perspectiva que Fast afirma:

Art is part of life; it is the highest reflection of life, the noblest reflection of life. The art we embrace comes from the people and, at the same time, it is a gift to the people. The people are not grateful for gifts from fascists and other enemies of mankind. Such gifts are not art by our standards. The people take no profit from such gifts. Only death or the seeds of death are sown by such gifts. Even as the people must some day destroy the last seeds of fascism, so must they reject “art” which leads away from life and toward stagnation. And when they do so, a new art will emerge, a people’s art, judged by people’s standards<sup>135</sup>.

Como vemos, para Fast, uma arte verdadeiramente popular é aquela que reconhece a necessária imbricação entre a arte e a vida, que rejeita uma dissociação entre elas, a qual só

---

papel histórico da classe trabalhadora em liderar o povo ao socialismo. E, acima de tudo, ele acredita nas pessoas, no ser humano.

Mas nós hoje, em meio à luta, não devemos nos esquecer que a maior parte da escrita moderna não é criada pela classe trabalhadora ou por aliados da classe trabalhadora. Frequentemente temos razão para lembrar que boa parte dela é criada por inimigos do povo, inimigos do progresso, inimigos de tudo em que acreditamos, e em geral estes inimigos controlam os padrões críticos de hoje”. Tradução minha. FAST, Howard. “Towards People’s Standard in Art”. In: *New Masses*, vol. 59, n. 6, 07/05/1946, p. 18.

<sup>135</sup> “A arte é parte da vida; é o mais elevado reflexo da vida, o mais nobre reflexo da vida. A arte que adotamos vem do povo e, ao mesmo tempo, é um presente para o povo. O povo não é grato por presentes de fascistas e outros inimigos da humanidade. Tais presentes não são arte pelos nossos padrões. O povo não tem nenhum proveito destes presentes. Somente morte e sementes de morte são semeadas por tais presentes. Do mesmo modo como o povo deve algum dia destruir as últimas sementes do fascismo, ele também deve rejeitar a “arte” que leva a um distanciamento da vida e em direção à estagnação. E quando o fizer, uma nova arte irá emergir, uma arte popular, julgada por padrões populares”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 18.

poderia gerar estagnação e, em última análise, uma postura fascista<sup>136</sup>. Neste sentido, ao postular uma abordagem eminentemente materialista da arte, Fast posiciona-se firmemente contra uma separação entre arte e vida:

There must be no mystical carpet upon which we dare not tread. We must get over this notion of thinking that art is a sacred religion wherein we cannot act as materialists. Such an approach toward art is a philistine approach. The setting of art apart from life is a philistine action<sup>137</sup>.

Nesta passagem, vemos expressa a acusação de filistinismo, presente de forma recorrente nos artigos políticos e teóricos de Howard Fast, dirigida a toda arte que não partisse de uma perspectiva materialista e, portanto, estaria apartada da vida. Em essência, Fast entende uma postura filistina como sendo essencialmente um posicionamento obscurantista em relação à arte, à cultura e à intelectualidade. Portanto, Fast deixa claro seu entendimento de que uma arte realmente progressista é uma arte popular, aquela indissociavelmente conectada com a realidade e com a materialidade da vida do povo de determinada sociedade. Propor uma forma de arte que não esteja assentada neste princípio fundamental corresponde a uma postura retrógrada, estagnante, anti-intelectual, oposta aos propósitos de uma arte verdadeiramente popular e conectada à realidade do desenvolvimento das sociedades humanas e, em suma, filistina.

No livro *Literature and Reality*, onde Fast faz uma grande síntese da vertente do realismo socialista e dos pressupostos materialistas que orientam sua produção literária, ele faz questão também de enfatizar este aspecto. Para ele, não apenas a escrita realista configura o reflexo da vida na literatura<sup>138</sup>, mas também toda a literatura em si é parte integrante da realidade e não pode ser pensada de modo dissociado dela: “Literature is bound, wedded, and sealed to the reality of life. Literature has no separate existence from life, and the artist can have no separate existence from the citizen”<sup>139</sup>.

Ao percorrermos este aspecto do pensamento de Howard Fast, nos deparamos com um novo desdobramento da relação entre arte e vida, própria da sua concepção de materialismo dialético e de literatura realista. Podemos percebê-lo, por exemplo, ao analisarmos a polêmica

---

<sup>136</sup> Vemos aqui prefigurada outra característica do pensamento de Howard Fast: um posicionamento marcadamente antifascista. Analisaremos melhor este traço na seção 1.5.

<sup>137</sup> “Não deve haver um tapete místico onde não ousemos pisar. Devemos superar esta noção de que a arte é uma religião sagrada onde não podemos agir como materialistas. Tal abordagem em relação à arte é uma abordagem filistina. O afastamento da arte em relação à vida é uma ação filistina”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 18.

<sup>138</sup> FAST, Howard. *Literature and Reality*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 514-520.

<sup>139</sup> “A literatura está amarrada, casada e selada à realidade da vida. A literatura não tem uma existência separada da vida, e o artista não pode ter uma existência separada do cidadão”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1489.



entre Fast e o também escritor e roteirista Albert Maltz<sup>140</sup>. Como o próprio Fast, Maltz era um intelectual de origem judaica, profundamente identificado com o radicalismo de esquerda e com o pensamento marxista, tendo sido membro do Partido Comunista Americano. Por suas convicções políticas, Maltz acabou fazendo parte do grupo conhecido como *Hollywood Ten*<sup>141</sup>, dez artistas ligados à Hollywood, chamados a depor perante à *House of Un-American Activities Committee* (HUAC)<sup>142</sup> em 1947, por suas supostas ligações ao movimento comunista. Tendo se negado a responder às perguntas e colaborar com o comitê, foram condenados por desacato ao Congresso, e incluídos na *blacklist*, que censurou sua produção intelectual e dificultou a sua atuação profissional na indústria cultural americana. Este processo do *Hollywood Ten* pode ser considerado como aquele de fato inaugurou a repressão anticomunista do macarthismo no cenário cultural americano. De modo significativo, pouco tempo depois, Howard Fast acabou por sofrer processo semelhante de perseguição política e censura a suas obras.

Antes, porém, de todo este processo, em 1946, Maltz publicou um artigo no periódico comunista *New Masses*, intitulado *What Shall We Ask of Writers*<sup>143</sup>, no qual criticava a preocupação excessiva dos escritores comunistas com o conteúdo político de suas obras, em detrimento de sua qualidade literária, exaltando a escrita de autores de outras vertentes, não ligados ao Partido Comunista, como a do trotskista James T. Farrell<sup>144</sup>. O artigo de Maltz causou grande celeuma entre os membros do Partido Comunista Americano, tendo sido

---

<sup>140</sup> Albert Maltz (1908-1985) foi um escritor e roteirista de cinema nova-iorquino, de origem judaica, de notório envolvimento com o Partido Comunista Americano. Maltz conheceu Howard Fast na prisão de Mill Point, West Virginia, onde cumpriram pena juntos em 1950, tornando-se amigos e correspondentes por muitos anos. Fast relata esta experiência em FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, p. 256-268; IMBARRATO, Susan Clair et al (org.). *Encyclopedia of American Literature*. 1607 – To the Present. New York: Infobase Publishing, 2008, p. 732.

<sup>141</sup> *Hollywood Ten* é o nome pelo qual ficou conhecido o grupo de dez artistas de Hollywood processados por desacato ao Congresso, por se recusarem a responder perguntas sobre seu envolvimento com o Partido Comunista Americano. O grupo era composto pelos roteiristas Albert Maltz, Alvah Bessie, Lester Cole, Ring Lardner Jr., John Howard Lawson, Samuel Omitz e Dalton Trumbo, pelos diretores Herbert Biberman e Edward Dmytryk, e pelo produtor e roteirista Adrian Scott. BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS. *Op. Cit.*, p. 323-326.

<sup>142</sup> O *House of Un-American Activities Committee* (HUAC), ou Comitê de Assuntos Antiamericanos do Congresso, foi um comitê investigativo do Congresso Americano, em atividade durante os anos da Guerra Fria, entre 1945 e 1975, destinado a averiguar o envolvimento de indivíduos e organizações em atividades consideradas subversivas, “antiamericanas”, e suas ligações com o movimento comunista. É comumente associado ao anticomunismo do período do macarthismo, tendo sido o principal instrumento de perseguição política do período, ainda que o senador Robert McCarthy nunca o tenha presidido. *Ibid.*, p. 330-332.

<sup>143</sup> MALTZ, Albert. “What Shall We Ask of Writers”. In: *New Masses*, vol. 58, n. 7, 12/02/1946, p. 19-22.

<sup>144</sup> James T. Farrell (1904-1979) foi um escritor americano, ligado ao movimento comunista e, posteriormente, ao partido trotskista Socialist Workers Party (SWP), e cujas obras são frequentemente enquadradas como realismo crítico. Entre elas destaca-se a chamada trilogia de Studs Lonigan, série de três romances centrados neste personagem, que retratam os efeitos da Depressão no enclave irlandês de Chicago: *Young Lonigan: a Boyhood in Chicago Streets* (1932), *The Young Manhood of Studs Lonigan* (1934) e *Judgement Day* (1935). IMBARRATO et al. *Op. Cit.* p. 397-398; BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS. *Op. Cit.*, p. 215.

duramente atacado por muitos deles, por desviar-se da ortodoxia partidária, forçando Maltz a eventualmente retratar-se e renunciar aos argumentos defendidos no artigo<sup>145</sup>. Uma das principais críticas ao texto de Maltz veio justamente da parte de Howard Fast, em artigo publicado na mesma *New Masses*<sup>146</sup>.

Nele, Fast identifica como premissa de Maltz, de que os escritores não devem ser avaliados de acordo com seu engajamento político ou seu firme seguimento a uma linha partidária, mas pela qualidade literária de suas obras, sendo papel do crítico literário unicamente apreciar a obra em si. A partir disto, Fast se propõe a analisar o que subjaz a esta proposição. Em essência, para Fast, o argumento de Maltz:

(...) rests on a double separation: firstly, a separation between politics and art; and secondly, a separation between art and life.

While we recognize that such separation cannot exist, under any circumstances, we must also recognize that the statement of such a separation, however puerile, will attract certain trends of thought. The important factor is not merely that the position is a false one, but that because of its very falsity it leads inevitably to liquidation – whether that liquidation manifests itself in artistic decay, political reaction, or both<sup>147</sup>.

Dessa forma, para Fast, o principal problema do posicionamento assumido por Maltz diz respeito a uma separação entre a arte e a política, a qual, mais profundamente, remete a uma separação entre arte e a vida, premissa fundamental da abordagem do realismo materialista. De fato, tal posicionamento teria uma consequência inequívoca:

*Art and politics do not mix. Therefore, salvation – and, of course, achievement – for the artist lie only in a separation from the Communist movement, the most highly political of all movements today. No matter how he slices it, embroiders it, or disguised it, that is what Maltz advocates. He advocates, for the artist, retreat. He pleads with him to get out of the arena of life*<sup>148</sup>.

Portanto, tal postura que retira o componente político da arte representa um posicionamento eminentemente retrógrado, na medida em que se aparta do movimento mais político e revolucionário da sociedade, o comunismo. Mais do que isto, este ponto de vista

<sup>145</sup> Para uma síntese da polêmica entre Fast e Maltz pode-se consultar SORIN, *Op. Cit.*, p. 91-96.

<sup>146</sup> FAST, Howard. “Art and Politics”. In: *New Masses*, vol. 58, n. 9, 26/02/1946, p. 6-8.

<sup>147</sup> “(...) está assentado em uma dupla separação: primeiramente uma separação entre política e arte; e em segundo lugar, uma separação entre arte e vida.

Ao mesmo tempo em que reconhecemos que tal separação não pode existir, em nenhuma circunstância, também devemos reconhecer que a afirmação de tal separação, por mais pueril que seja, irá atrair certas tendências de pensamento. O fator importante não é meramente que tal posição é falsa, mas que por causa desta mesma falsidade ela leva inevitavelmente à liquidação – quer esta liquidação sem manifeste em decadência artística, reação política, ou ambas”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 7.

<sup>148</sup> “Arte e política não se misturam. Portanto, a salvação – e, é claro, o sucesso – para o artista reside somente em uma separação do movimento comunista, o mais político de todos os movimentos de hoje. Não importa o quanto ele fatie, embeleze ou disfarce, isto é o que Maltz advoga. Ele advoga, para o artista, o retiro. Ele o implora que saia da arena da vida”. Grifos do autor. Tradução minha. *Ibid.*, p. 7.

está essencialmente identificado com aquele qualificado por Fast como filistino, dissociado da realidade da vida, haja vista a essencial relação entre a política e a vida humana:

To ask that a writer divorce himself from politics is to ask that he exile himself from civilization; to ask that he be unaffected by changes in the political weather, is to ask that he relinquish his sensitivity to life. To do either is to abandon art, for art and life do not exist separately.

No, art can only be art when it is the result of a man's thoughtful relationship with society, and the closer, the more intimate, the more understanding the relationship, the greater the art<sup>149</sup>.

Como vislumbrado na primeira citação da resposta de Fast a Maltz, para ele, o caminho proposto por Maltz de retirar o componente político da arte conduz inevitavelmente a um posicionamento neofascista, a uma literatura centrada em um culto estéril da forma estética, que propaga valores medíocres e anti-humanistas, sobretudo, o descaso com a vida humana e a falta de esperança no futuro da sociedade, no seu progresso a uma conjuntura mais igualitária. De fato, esta é a base da crítica de Fast a obras como *Cannery Row* (1945) de John Steinbeck, que, ao apresentar personagens vivendo à margem da sociedade capitalista de forma desleixada, sub-humana e sem perspectivas de mudar sua condição, apresentaria uma “disgusting neo-fascist philosophy, spurning the very essentials of life”<sup>150</sup>.

No mesmo sentido, Fast critica ainda outras obras, no livro *Literature and Reality*, apoiado nesta mesma linha de argumentação. Para ele, por exemplo, a literatura produzida por Franz Kafka<sup>151</sup>, particularmente em *A Metamorfose*, configurava uma escrita que distorcia a realidade objetiva, e que estava permeada por um profundo sentimento de desesperança, repugnância e desprezo ao homem e à vida<sup>152</sup>. De modo semelhante, para ele, os contos detetivescos, cuja popularidade estava em constante crescimento, representava um gênero

<sup>149</sup> “Pedir que um escritor se divorcie da política é pedir que ele se exile da civilização; pedir que ele não seja afetado pelas mudanças do clima político é pedir que ele renuncie a sua sensibilidade à vida. Fazer qualquer deles é abandonar a arte, pois arte e vida não existem separadamente.

Não, a arte só pode ser arte quando é o resultado de um relacionamento reflexivo do homem com a sociedade, e quanto mais próximo, mais íntimo, mais compreensivo este relacionamento, maior é a arte”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 7.

<sup>150</sup> “Repugnante filosofia neofascista, desprezando os próprios elementos essenciais da vida”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 7.

<sup>151</sup> Cabe mencionarmos que as críticas feitas por Fast a outros escritores como Kafka, Orwell, Steinbeck e mesmo Maltz são reiteradamente consideradas por Sorin como um mero reflexo de sua “inveja de escritores mais talentosos e bem sucedidos” (SORIN, *Op. Cit.*, p. 93, 146, 193). Ainda que Fast certamente nutrisse um forte desejo de alcançar tanto um sucesso comercial quanto um reconhecimento público por suas obras e pudesse ter uma certa “inveja” de outros autores, parece-nos novamente que a argumentação de Sorin peca ao não considerar seriamente o comprometimento de Fast com os ideais de uma arte socialista, e a sua efetiva coerência teórica com estes postulados.

<sup>152</sup> FAST, Howard. *Literature and Reality*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 68-73.

literário centrado no assassinato, que promovia uma banalização da morte e da vida humana<sup>153</sup>.

Em contraste, a literatura proposta por Fast em *Art and Politics* é uma que, baseada em uma clara concepção acerca da realidade social provida pelo materialismo dialético, luta pela vida, toma parte ativa na construção de um mundo melhor, mais livre e igualitário. Por isso, ela é, necessariamente, política.

Left-wing art is the result of a conscious use by the artist of a scientific understanding of society, of an identification with the working class, that class which is vital and in the ascendancy, and of a sharing of the vital ideology of that class. Such art is always a weapon – a weapon in the struggle for a better world<sup>154</sup>.

A centralidade de uma identificação com a classe trabalhadora é ainda um outro desdobramento que analisaremos na parte final desta seção. Antes, porém de adentrarmos nesta questão, cabe ainda enfatizarmos a concepção de Fast acerca do papel eminentemente político que deve ter o escritor. Em outro artigo do mesmo ano<sup>155</sup>, Fast reitera o papel ativo que este deve ter na sociedade, de engajar-se na luta pelo avanço social, não se omitir, enquanto detentor de grande eloquência e público leitor:

Then what is the responsibility of the writer? Is his conscience to be no more than the conscience of another? Is his guilt to be no more than the guilt of another? Is his silence to be sold at the lush price offered today?

Is it enough for him to engage in the delicate antics of literary debate? Is it enough for him to speak in abstruse terms of the properties of decency? Is it enough for him to do the right thing on the safe periphery of the struggle of mankind for a better world, and yet never touch the core of the subject?

I think not. For look at the place and position of the writer: he is articulate, among the masses of the inarticulate; he is trained to think, to deliberate, to weigh among the material of life and seek for the truth, and he has the ear of thousands and very often the respect of thousands. He comes of a great tradition in the struggle for human freedom, and his very existence is based upon part of that tradition – the right of men to speak and publish their thoughts without restraint or the fear of duress<sup>156</sup>.

<sup>153</sup> Ibid., posição 1216-1222.

<sup>154</sup> “A arte de esquerda é o resultado de um uso consciente pelo artista de um entendimento científico da sociedade, de uma identificação com a classe trabalhadora, a classe que é vital e em ascendência, e do compartilhamento da ideologia vital desta classe. Tal arte é sempre uma arma - uma arma na luta por um mundo melhor”. Tradução minha. FAST, Howard. “Art and Politics”. In: *New Masses*, vol. 58, n. 9, 26/02/1946, p. 7.

<sup>155</sup> FAST, Howard. “Reveille for Writers”. In: *New Masses*, vol. 59, n. 4, 23/04/1946, p. 3.

<sup>156</sup> “Então qual é a responsabilidade do escritor? Será a sua consciência igual a dos outros? Será a sua culpa igual a dos outros? Será o seu silêncio vendido ao exuberante preço hoje oferecido?

É suficiente que ele se engaje nas delicadas excentricidades do debate literário? É suficiente que ele fale em termos abstrusos das propriedades da decência? É suficiente que ele faça a coisa certa na segura periferia da luta da humanidade por um mundo melhor, mas nunca toque no cerne da questão.

Eu penso que não. Pois olhe para o lugar e posição do escritor: ele é articulado, dentre as massas dos inarticulados; ele é treinado para pensar, para deliberar, para ponderar sobre o material da vida e buscar a verdade, e ele tem o ouvido de milhares e muito frequentemente o respeito de milhares. Ele vem de uma grande

Dessa forma, segundo o entendimento de Fast, o escritor tem o dever de se engajar politicamente por meio de sua literatura, contribuindo para a luta universal pela liberdade humana, à qual pertence a própria tradição de liberdade de pensamento e escrita na qual está inserido. Mais do que isto, Fast opõe-se drasticamente à noção de neutralidade na literatura: “Can there be neutrality for the writer until the last rotten seed of fascism has been destroyed? Are there ivory towers immune from the deadly radiation of the atom bomb? (...) We are still in a fight where only the stars are neutral”<sup>157</sup>.

É neste sentido, também, que procede a crítica de Fast aos autores que pretendem produzir uma literatura politicamente neutra, despojada dos supostos vícios e preconceitos de uma escrita engajada. Diversamente, Fast considera que “Politics is one of the basic struggles of mankind”, postura que o leva a questionar os críticos literários de seu tempo que enalteciam a “neutralidade” no campo da literatura: “What is this insane nullification on the part of our critics that leads them to shower with praise any man who has no point of view? What sort of a human being can go through life with no point of view?”<sup>158</sup>. Dessa forma, para Fast, a política é parte integrante, essencial e inseparável da vida, de modo que uma literatura que se pretenda materialista e popular, e que vise contribuir para a causa de liberdade humana, não pode, de modo algum, prescindir de uma abordagem que seja política. Uma literatura apolítica, tal como desejariam os críticos literários americanos da época, obcecados com o valor estético das obras, não apenas não seria desejável para Fast, como dificilmente seria possível ao escritor abdicar de seu ponto de vista e escrever de forma neutra.

Por fim, neste ponto, podemos nos referir ainda a um último desdobramento da inextrincável relação entre arte e vida que viemos analisando na presente seção. Este diz respeito à conexão fundamental entre a vida e o trabalho, do que resulta uma grande valorização do papel da classe operária na sociedade. Dessa forma, a literatura do realismo materialista, preocupada em dar conta da vida humana em sua plenitude, não pode estar dissociada deste seu componente fundamental: o trabalho e, por extensão, a classe trabalhadora.

---

tradição de luta pela liberdade humana, e sua própria existência é baseada em parte desta tradição - o direito do homem de falar e publicar seus pensamentos sem restrição ou medo de coação”. Tradução minha. *Ibid.*, p.3.

<sup>157</sup> “Pode existir neutralidade para o escritor até que a última semente podre do fascismo tenha sido destruída? Existem torres de marfim imunes à radiação mortal da bomba atômica? (...) Nós ainda estamos em uma luta onde apenas as estrelas são neutras”. Tradução minha. *Ibid.*, p.3.

<sup>158</sup> “A política é uma das lutas básicas da humanidade”; “Que tipo de nulificação insana da parte de nossos críticos os leva a louvar um homem que não tem um ponto de vista? Que tipo de ser humano é capaz de atravessar a vida sem um ponto de vista?”. Tradução minha. FAST, Howard. “Realism and the Soviet Novel”. In: *New Masses*, vol. 57, n. 11, 11/12/1945, p. 16.

Esta perspectiva é exemplarmente abordada por Fast em outro artigo de 1946, intitulado *Working Class Materials Challenge Creative Artists*<sup>159</sup>. Nele, ao indagar sobre as principais possibilidades temáticas disponíveis para o escritor realista, Fast começa a identificar esta vital relação entre a vida e o trabalho em negativo, a partir da crítica à literatura que vinha sendo praticada nos Estados Unidos da época:

I have often thought of this in terms of creative writing, how the distinction between labor and life, that false and incredible distinction, has permeated the mental processes of many writers of great good will to an extent where they themselves accept it and practice it (...)<sup>160</sup>.

Como, segundo a perspectiva materialista adotada por Fast, a arte deve fundamentalmente jorrar a partir da vida, é inadmissível para ele que o componente mais essencial da vida humana, o trabalho, seja predominantemente negligenciado por seus escritores contemporâneos, e tratado como um elemento à parte dela. Neste sentido, Fast procura resgatar a pertinência e centralidade em se abordar o trabalho como um dos principais temas literários. De modo semelhante, a classe trabalhadora configura uma rica fonte para o escritor, devido à sua íntima relação com o trabalho e, por conseguinte, com a vida:

The working class itself is alive, more vitally alive than any other section of society. It waits for the creative artist the way a thick, gold-ridden vein of quartz waits for the miner. It contains within itself, past, present and future, an epic saga that men will sing for centuries to come. It has bred heroes that put to shame the classic giants of old; and within the moving dialectic it has produced villains inferior to none<sup>161</sup>.

Desse modo, na visão de Fast, a classe trabalhadora, sendo a classe “mais viva de todas”, mais conectada aos elementos essenciais da vida humana, é a que melhor é capaz de servir de inspiração ao escritor literário. De fato, Fast chama atenção para o potencial amplamente inexplorado da história da classe trabalhadora americana. Apesar de relativamente longa, acredito ser interessante citar a seguinte passagem em toda sua extensão:

The mother lode that runs through our history is virtually untapped. What story teller has told of the first trade unions, in the time of Jefferson? Or the labor parties of

<sup>159</sup> FAST, Howard. “Working Class Materials Challenge Creative Artists”. In: *Daily Worker*, 02/09/1946, s/p.

<sup>160</sup> “Eu frequentemente pensei isto em termos de escrita criativa, como a distinção entre trabalho e vida, esta falsa e incrível distinção, permeou o processo mental de muitos escritores bem-intencionados, a tal ponto que eles mesmos a aceitam e praticam (...)”. Ibid., s/p. Tradução minha.

<sup>161</sup> “A classe trabalhadora é ela mesma viva, mais viva que qualquer outra seção da sociedade. Ela espera pelo artista criativo da maneira como um farto veio de quartzo repleto de ouro espera pelo mineiro. Ela contém dentro de si passado, presente e futuro, uma saga épica que os homens cantarão pelos séculos que virão. Ela criou heróis que apequenam os gigantes clássicos de outrora; e dentro da dialética em movimento, ela produziu vilões inferiores a nenhum”. Tradução minha. Ibid., s/p.

Jackson's era? Or the militant struggle of the Iron Moulders' Union under Sylvis<sup>162</sup>, who, if he had lived, might have changed the direction of history?

And what of the labor volunteer battalions, armed and clothed out of their own pockets, who marched out of New York City and into the first battles of the Civil War? Short of a war, nothing more dramatic than the great railroad strike of the '70s ever hit our nation, and its aftermath, the pitiful and tragic two-week rule of St. Louis by the workers--historically and theoretically unprepared--is life made for the hand of the story-teller. Or, to pass ahead a decade, where else in the world was a mighty labor movement, eventually to number millions in its membership, organized and built underground, as were the Knights of Labor<sup>163</sup>?

And the struggle for the eight-hour day, the battles in which Pinkerton<sup>164</sup> armies, numbering sometimes more than a thousand men, engaged in armed warfare with the workers. In all our history, only John Brown<sup>165</sup> stands with the stature, the purpose, and the unearthly courage of Albert Parsons<sup>166</sup>. In all our history, there is nothing so shameful as the legal murder of the four Haymarket martyrs.

Laid end to end, our rooten-tooten, trashy two-gun western novels would probably reach from here to the moon, but where is there yet a writer to tell of the nameless and numberless western miners, in a hundred silver and copper towns, who died for the working class, who lie buried in unmarked boot-hills, and who laid the groundwork for a proud and militant organization that became the International Workers of the World [sic]<sup>167</sup>?

---

<sup>162</sup> William H. Sylvis (1828-1869) foi um pioneiro líder sindical americano, tendo fundado o *Iron Molders' Union*, ajudando diversos trabalhadores metalúrgicos a se organizarem em todo o país, e o *National Labor Union*, a primeira federação trabalhista de pretensão nacional. DUBOFSKY, Melvyn; DULLES, Foster Rhea. *Labor in America. A History*. Wheeling: Harlan Davidson, 2010, p. 91-95.

<sup>163</sup> O *Knights of Labor* foi a maior associação trabalhista americana no século XIX, fundada como uma sociedade secreta em 1869 por Uriah Stephens (1821-1882), mas que atingiu seu auge enquanto organização sindical, com uma adesão maciça de trabalhadores, nos anos 1880, sob a liderança de Terence V. Powderly (1849-1924). Os “cavaleiros” professavam uma visão cooperativista e mutualista, de tonalidade religiosa, em oposição ao individualismo do capitalismo industrial da *Gilded Age*, a qual não era propriamente uma posição de esquerda, mas acabou por atrair diversos ativistas radicais entre seus membros. BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS. *Op. Cit.*, p. 417-418.

<sup>164</sup> Refere-se à *Pinkerton Detective Agency*, agência de investigação particular, conhecida por, na prática, atuar na repressão e desarticulação de movimentos grevistas. *Ibid.*, p. 287.

<sup>165</sup> John Brown (1800-1859) foi um importante líder abolicionista americano, que defendia uma insurreição armada como único meio de derrubar a instituição da escravidão nos Estados Unidos. Em 1859, Brown liderou um ataque a um arsenal federal em Harper's Ferry, West Virginia, com a intenção de armar os escravos locais e iniciar uma revolta armada. O ataque falhou e Brown foi condenado e executado, sendo amplamente considerado um mártir abolicionista. FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. New York: W.W. Norton & Company, 2011, p. 524-525.

<sup>166</sup> Albert Parsons (1848-1887) foi um militante trabalhista americano, ligado ao *Knights of Labor*, ao movimento socialista e, posteriormente, ao anarquismo. Ardente defensor da jornada de trabalho de oito horas, Parsons foi um dos quatro líderes radicais falsamente implicados e executados em decorrência do chamado *Haymarket affair*, um atentado à bomba que atingiu diversos policiais durante um protesto pela jornada de oito horas e contra a violência policial na repressão a movimentos de trabalhadores em Haymarket Square, Chicago, em 1886. BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS. *Op. Cit.*, p. 296-297, 581.

<sup>167</sup> Fast provavelmente se refere à *Industrial Workers of the World (IWW)*, organização cujos membros eram apelidados de “wobblies” e que constituiu a maior expressão do sindicalismo industrial americano. Fundada em 1905 em Chicago, por ativistas de diversas orientações políticas, a IWW pretendia constituir um grande sindicato que reunisse todos os trabalhadores. Atraindo operários de todas as ocupações, gêneros, raças e nacionalidades, a IWW ficou conhecida logo nos seus primeiros anos de existência por advogar a tática revolucionária da ação direta, promovendo diversos movimentos grevistas. *Ibid.*, p. 353-359.

And where is the young Irish writer, with an ear for the rhythms and lilt of Irish-American speech, with a memory of his people's folklore, who will tell the finest episode in their American story, the fighting struggle of the Molly Maguires<sup>168</sup>?

This is the past, but only a taste of it, only a fragrance of it, only a few names where names are legion. What of yesterday, of Sacco and Vanzetti, of Haywood<sup>169</sup>, of Debs<sup>170</sup>, of Ruthenberg<sup>171</sup>? What of a moment past, in the timescale of history, when the CIO<sup>172</sup> was forged and made, when the American workers sent a battalion of their own to fight fascism in Spain? And what of today and tomorrow, the wondrous complexity and motion that is still only a beginning, only the rough, half-shaped youth of a world to come?<sup>173</sup>.

<sup>168</sup> *Molly Maguires* é o nome pelo qual ficou conhecida uma organização secreta de trabalhadores de origem irlandesa em atividade nos Estados Unidos no século XIX, que promovia greves, protestos violentos e atentados, visando a melhoria das condições de trabalho e a luta por direitos dos trabalhadores das minas de carvão da Pennsylvania nas décadas de 1860 e 1870. Sua atuação foi reprimida pela *Coal and Iron Police* e definitivamente desbaratada pela infiltração de um detetive da agência Pinkerton, que levou à execução de vários suspeitos de envolvimento com as atividades dos *Molly Maguires*. Há um filme, de 1970, intitulado *The Molly Maguires* (em português: *Ver-te-ei no Inferno*) estrelado por Sean Connery, que retrata sua atuação e sua derrocada nos Estados Unidos. DUBOFSKY; DULLES. *Op. Cit.*, p. 105-106.

<sup>169</sup> William Dudley ("Big Bill") Haywood (1869-1928) foi um ativista e sindicalista americano, tendo sido um dos fundadores do *Industrial Workers of the World* e membro do comitê executivo do Partido Socialista Americano. Tendo se envolvido em diversas greves e disputas trabalhistas, Haywood foi acusado de violar o *Espionage Act* de 1917, durante a primeira onda de *Red Scare* nos Estados Unidos e condenado a 20 anos de prisão. Durante uma apelação de seu caso, Haywood fugiu para a Rússia soviética, onde viveu o resto de sua vida. BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS. *Op. Cit.*, p. 298-299.

<sup>170</sup> Eugene V. Debs (1855-1926) foi um dos principais líderes socialistas da história americana, tendo sido outro dos fundadores do *Industrial Workers of the World*, e concorrido à presidência do país pelo Partido Socialista Americano por cinco vezes, a última delas, em 1920, de dentro da prisão, onde estava acusado de sedição por se pronunciar contra a participação americana na Primeira Guerra Mundial e em favor do movimento socialista. *Ibid.*, p. 179-182.

<sup>171</sup> Charles Emil (C.E.) Ruthenberg (1882-1927) foi um líder político americano vinculado ao movimento socialista e um dos fundadores e primeiros diretores do Partido Comunista Americano (CPUSA), a partir de uma dissidência no Partido Socialista Americano. *Ibid.*, p. 710.

<sup>172</sup> O *Congress of Industrial Organizations* (CIO) foi uma federação de sindicatos industriais, criada em 1935, pelo sindicalista carvoeiro John L. Lewis (1880-1969), como uma dissidência da *American Federation of Labor* (AFL), com a qual rivalizou pela organização dos trabalhadores industriais. Em 1955, ambas associações se fundiram novamente. *Ibid.*, p. 353-355.

<sup>173</sup> "O principal filão que atravessa a nossa história permanece virtualmente inexplorado. Que contador de histórias falou sobre os primeiros sindicatos, no tempo de Jefferson? Ou dos partidos trabalhistas da era de Jackson? Ou da luta militante da *Iron Moulders' Union* sob a liderança de Sylvis, o qual, se tivesse vivido, poderia ter mudado a direção da história?

E quanto aos batalhões voluntários de trabalhadores, armados e vestidos de seus próprios bolsos, que marcharam de Nova York para as primeiras batalhas da Guerra Civil? À exceção de uma guerra, nada mais dramático do que a grande greve ferroviária dos anos 1870 atingiu nossa nação, e a sua repercussão, as lamentáveis e trágicas duas semanas governo dos trabalhadores em St. Louis - histórica e teoricamente despreparados - é vida feita para as mãos do contador de histórias. Ou, avançando uma década, onde mais no mundo um poderoso movimento trabalhista, que eventualmente somaria milhões de membros, se organizou e construiu clandestinamente, como o foram os *Knights of Labor*?

E a luta pela jornada de oito horas, as batalhas em que os exércitos de Pinkerton, somando às vezes mais de mil homens, entraram em conflito armado com os trabalhadores. Em toda nossa história, somente John Brown ergue-se com a mesma estatura, propósito e coragem sobrenatural de Albert Parsons. Em toda nossa história, não há nada tão vergonhoso como o assassinato legal dos quatro mártires de Haymarket.

Dispostas lado a lado, nossos "supimpas" e vulgares romances *western*, provavelmente alcançariam daqui até a lua, mas onde está o escritor que irá contar sobre os inúmeros mineiros do Oeste, em centenas de vilas de prata e cobre, que morreram pela classe trabalhadora, que jazem enterrados em covas não marcadas, e que lançaram os alicerces de uma orgulhosa e militante organização que se tornou a *International Workers of the World*?



Revelando um grande conhecimento acerca da história do trabalho e dos trabalhadores nos Estados Unidos, Fast defende, por meio desta ampla gama de exemplos e do reconhecimento de que nem de longe se esgotam as suas possibilidades literárias, que os escritores realistas coloquem este tema no centro de suas preocupações artísticas. De fato, para Fast, o trabalho e a classe trabalhadora são elementos privilegiados para se trazer à tona as grandes contradições e os dramas da vida humana que a literatura almeja retratar, constituindo, assim, um material rico, complexo e potencialmente ilimitado ao escritor de ficção. No entanto, para Fast, uma tal percepção da relação essencial entre a vida humana e o trabalho somente pode ser alcançada por meio de uma verdadeira compreensão da vida, consequência da adoção de uma perspectiva teórica materialista.

Em suma, analisamos ao longo desta seção uma segunda importante característica do pensamento teórico e literário de Howard Fast, o qual decorre justamente da sua adesão à teoria marxista do materialismo dialético. Esta diz respeito, como vimos, ao reconhecimento de uma interconexão fundamental entre a arte e a vida, postura derivada precisamente de seu viés materialista, que se propunha a ciência da vida, aquela capaz de efetivamente analisá-la. Esta premissa assumida por Fast apresenta dois importantes desdobramentos. O primeiro refere-se à relação igualmente inextrincável entre a vida e a política e, portanto, entre esta e a arte. Dessa forma, não cabe ao escritor almejar uma suposta neutralidade em sua literatura, mas, ao contrário, buscar engajar-se ativamente, por meio dela, em questões sociais e políticas. De modo semelhante, o segundo desdobramento desta questão relaciona-se à consideração do trabalho como outro elemento indissociável da vida humana. Neste sentido, compete ao escritor materialista trazer para o centro de sua literatura o tema do trabalho e da classe trabalhadora, a classe mais intimamente a ele relacionada e aquela que seria o motor do progresso social.

---

E onde está o jovem escritor irlandês, com um ouvido para o ritmo e a melodia da fala irlandesa-americana, com uma memória para o folclore do seu povo, que irá contar o melhor episódio de sua história americana, a luta combativa dos *Molly Maguires*?

Isto é o passado, mas apenas uma prova dele, apenas uma fragrância dele, apenas alguns nomes dentre uma legião de nomes. E quanto a ontem, a Sacco e Vanzetti, a Haywood, a Debs, a Ruthenberg? E quanto ao momento passado, na linha do tempo da história, quando o CIO foi forjado, quando os trabalhadores americanos enviaram o seu próprio batalhão para combater o fascismo na Espanha? E quanto a hoje e amanhã, a maravilhosa complexidade e movimentação que está apenas começando, apenas a rústica e inacabada juventude de um mundo vindouro?”. Tradução minha. FAST, Howard. “Working Class Materials Challenge Creative Artists”. In: *Daily Worker*, 02/09/1946, s/p.

### 2.3 Tempo, continuidade e o romance histórico de Howard Fast

A terceira característica do pensamento teórico-literário de Howard Fast, que analisaremos na presente seção, diz respeito à sua percepção de tempo histórico, que está muito relacionada a uma ideia de continuidade. Esta é uma questão de central importância para a presente pesquisa, tendo em vista que a maior parte de sua obra literária aborda justamente temas históricos, incluindo os três livros que aqui tomamos como objeto central de análise. Muito em função disso, o conjunto de seus romances constitui uma boa via de acesso para visualizarmos este aspecto da sua concepção de história e de tempo, elemento para o qual chamaremos atenção ao longo da análise que empreenderemos nos próximos capítulos. Cabe-nos, em um primeiro momento, examinarmos as suas linhas mestras, tal qual ele próprio as concebia em seus escritos teóricos.

Em um artigo de 1944, intitulado *History in Fiction*<sup>174</sup>, Fast aborda esta questão, ao tecer uma forte crítica ao que se chamava de “*historical novel*” no cenário literário americano do período. De fato, para ele, os livros que se inseriam no gênero denominado de romance histórico nas décadas de 1930 e 1940 nos Estados Unidos eram obras mal escritas, essencialmente vazias, apesar do grande volume de páginas, sendo, em última análise, um tipo de literatura escapista:

You can take a score of such novels and blueprint them. The writer used a *broad canvas*, which meant that his characters scurried around like soul-sick rabbits. The writer did *extensive research*, which meant two or three hundred additional pages of top-heavy description. The writer took care that his characters should not talk like human beings, which gave the book a much sought after archaic flavor. The writer indulged his characters in *quests*, in *driving passions*, which took them across continents and spanned generations. In other words, retreating from the writers who sought to portray human beings, the historical novelist found a dusty closet which, since it contained dolls and puppets beyond number, became the perfect workshop for mediocrity and reaction<sup>175</sup>.

Ecoa, novamente, aqui, a crítica de Fast a uma literatura escapista que, distanciada da realidade material da sociedade, produziria nada mais do que um gosto estético medíocre e um posicionamento político reacionário. Dessa forma, reafirmando seu comprometimento

<sup>174</sup> FAST, Howard. “History in Fiction”. In: *New Masses*, 18/01/1944, p. 7-9.

<sup>175</sup> “Pode-se pegar uma quantidade de tais romances e definir o seu modelo. O escritor usou um *amplo cenário*, o que significa que seus personagens correm em círculos como coelhos desorientados. O escritor fez uma *pesquisa extensa*, o que significa duzentas ou trezentas páginas adicionais de densas descrições. O escritor cuidou que seus personagens não falassem como seres humanos, o que deu ao livro um muito procurado sabor arcaico. O escritor consente que seus personagens se envolvam em *buscas*, em *paixões motrizes*, que os levaram através de continentes e abrangeram gerações. Em outras palavras, distanciando-se dos escritores que procuraram retratar seres humanos, o romancista histórico encontrou um armário empoeirado que, uma vez que continha inúmeras bonecas e marionetes, se tornou a oficina perfeita para a mediocridade e a reação”. Grifos do autor. Tradução minha. *Ibid.*, p. 7.

com uma arte socialmente engajada, que busque refletir sobre as contradições materiais da sociedade e contribuir para a luta pela libertação humana, Fast busca dissociar-se de uma arte considerada escapista, neste caso, de uma noção estéril de romance histórico, baseada em um fetiche pelo arcaísmo do passado, ou melhor, de um passado imaginado, idealizado. Neste sentido, Fast faz questão de deixar claro que ele não se vê como um escritor de romances históricos, mas sim como um romancista que trabalha essencialmente com seres humanos:

I conceive of my own branch of the trade as story-telling. The stories I want to tell have a direct inter-relation – in that they all deal with the struggles of men for freedom. They are not historical studies and they are not political studies – they are stories about people. Some stories happened a long while ago, some a few generations past, some are happening today<sup>176</sup>.

Tal entendimento de Fast acerca dos objetivos de sua própria obra literária está relacionado à concepção de que a problemática fundamental da vida humana e, por consequência, da história, é justamente a luta pela liberdade. Esta concepção, por sua vez, decorre essencialmente do posicionamento artístico materialista assumido por Fast e do caráter humanista deste, que conecta de modo indissociável arte, vida, política e trabalho, os quais examinamos nas duas seções precedentes.

No cerne desta crítica ao que se produzia sob o título de romance histórico em seu tempo, e da afirmação de seu compromisso em contar histórias centradas na luta humana essencial pela conquista da liberdade, está implícita uma concepção de tempo histórico baseada em uma noção de continuidade. De fato, podemos perceber este elemento na própria frase final do trecho acima citado: as histórias que Fast tem interesse em retratar em seus livros tem em comum seu interesse pelo homem e pela sua constante luta por libertar-se, porém diferem quanto ao seu marco temporal; enquanto algumas localizam-se em um passado remoto, outras referem-se a acontecimentos mais recentes, ou que ainda estavam se desenrolando na sociedade americana.

Tal percepção de uma continuidade histórica, a partir de uma ótica eminentemente materialista, é reafirmada de modo explícito por Fast em *Literature and Reality*. Para ele, “The reality of today is unique; a continuity joins it with the reality of yesterday, just as in

---

<sup>176</sup> “Eu concebo meu próprio ramo do ofício como o contar de histórias. As histórias que eu quero contar possuem uma inter-relação direta – no sentido de que todas elas lidam com as lutas dos homens pela liberdade. Elas não são estudos históricos e não são estudos políticos – são histórias sobre pessoas. Algumas histórias aconteceram há muito tempo atrás, outras estão acontecendo hoje”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 8.

itself it becomes a part of that continuity which will join it with tomorrow”<sup>177</sup>. E esta clareza em relação à prevalência de uma continuidade temporal, para Fast, deriva do modo de pensar materialista e do comprometimento e produzir uma literatura a partir do viés do realismo socialista:

Today, the writer who practices socialist realism sees the world in its whole process of change. Not only is man a product of class society, but man is also a product of socialist society. The past, the present, and the future exist not only in one world but very often in one nation. An interrelation of time and space binds all of life into an acting and reacting whole<sup>178</sup>.

Neste sentido, influenciado pelo pensamento materialista, Fast apresenta uma concepção de história que toma a libertação do homem e de seu trabalho como o ímpeto fundamental da história, sua força motriz, sua problemática central. Dessa forma, há a percepção de uma grande continuidade da luta por esta libertação ao longo da história da humanidade – desde a escravidão antiga, passando pela servidão feudal e pela exploração do trabalho capitalista, visando chegar à verdadeira e efetiva liberdade na sociedade comunista. Um dos principais exemplos da aplicação desta visão de história na obra de Fast está relacionado a um de seus romances de maior sucesso, *Spartacus*, na qual aborda a exploração do trabalho escravo na Roma Antiga, traçando paralelos com a continuidade desta exploração na sociedade capitalista<sup>179</sup>.

Deste modo, esta dimensão de continuidade presente no pensamento de Fast perpassa também o seu entendimento a respeito da classe trabalhadora, aquela realmente interessada e empenhada na constante luta pela liberdade e que, portanto, tem um papel central no progresso da história. De fato, podemos entrever este aspecto na citação do artigo *Working Class Materials Challenge Creative Artists*, que fizemos na página 68 da seção anterior, na qual Fast exalta o amplo e inexplorado material que a classe trabalhadora tem a oferecer ao escritor realista. Nela, Fast afirma que a classe trabalhadora “contém em si mesma passado,

---

<sup>177</sup> “A realidade de hoje é singular; uma continuidade a conecta com a realidade de ontem, assim como em si mesma ela se torna parte da continuidade que a conectará com o amanhã”. Tradução minha. FAST, Howard. *Literature and Reality*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 351.

<sup>178</sup> “Hoje, o escritor que pratica o realismo socialista enxerga o mundo em todo seu processo de mudança. Não apenas o homem é um produto da sociedade de classes, mas o homem é também um produto da sociedade socialista. O passado, o presente e o futuro existem não apenas em um mundo, mas muito frequentemente em uma nação. Uma inter-relação de tempo e espaço conecta toda a vida em um todo que age e reage”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 774-780.

<sup>179</sup> Uma análise de *Spartacus* foi empreendida por mim em KLEIN, Rafael Belló. “‘I’m Spartacus!’: os usos do passado na narrativa literária e cinematográfica do *Spartacus* de Howard Fast e de Stanley Kubrick”. In: REBLIN, Iuri Andreas; REINKE, André Daniel; COSTA, Carolina Bittencourt da (org.). *Vamos falar de cultura pop?: Episódio 2: A mídia contra ataca*. Leopoldina: ASPAS, 2018.

presente e futuro, uma saga épica que os homens cantarão pelos séculos que virão”<sup>180</sup>. Neste excerto aparece de forma explícita a ideia de continuidade relacionada à classe trabalhadora e à sua luta, que atravessa os tempos e que, por isso, constitui um farto material criativo para o escritor realista. No extenso trecho que citamos logo a seguir, nas páginas 68 a 70, Fast reafirma esta mesma concepção ao enumerar, com grande erudição, diversos episódios, personagens e instituições que demonstram como a classe trabalhadora e sua luta atravessam de forma contínua e fundamental a história americana.

De fato, esta continuidade que Fast identifica na história está essencialmente relacionada à continuidade da luta pela libertação do homem e do trabalho, encabeçada pela classe trabalhadora e por seus representantes e defensores. Esta perspectiva é evidenciada pelo próprio Fast no artigo *History in Fiction*, ao explicar o seu interesse em abordar o passado em seus livros:

As to why I write about the past – my books give answer. These great and splendid forgotten men did not live and die so that all they did might be traduced and falsified; they lived and fought and died so that we might inherit and use the things they built. And the same type of scoundrels as opposed them then oppose men of good will today. It all becomes one; and the great tradition we fight for today is the same tradition they sustained and handed down to us<sup>181</sup>.

Há, portanto, na concepção de Fast, uma grande continuidade entre a luta dos trabalhadores do passado e a dos do seu presente. As tradições que defendem e seus inimigos são os mesmos. Fast os concebe como uma grande unidade histórica. Neste contexto, Fast compreende ser seu papel enquanto escritor resgatar os grandes homens e feitos esquecidos da história desta luta e trazer à luz a verdade sobre eles, combatendo a falsificação e deturpação da história promovida pelos inimigos da classe trabalhadora. É a partir desta preocupação que surge o seu interesse pelo tratamento do passado em seus romances, como um instrumento para contribuir para a luta dos trabalhadores do seu próprio tempo.

Neste sentido, a noção de continuidade que perpassa a sua concepção de história, tem também um papel preponderante na sua compreensão acerca dos objetivos e funções de sua própria escrita ficcional:

<sup>180</sup> FAST, Howard. “Working Class Materials Challenge Creative Artists”. In: *Daily Worker*, 02/09/1946, s/p.

<sup>181</sup> “Quanto a por que eu escrevo sobre o passado – meus livros dão a resposta. Estes grandes e esplêndidos homens esquecidos não viveram e morreram para que fossem traduzidos e falsificados; eles viveram e lutaram e morreram para que pudéssemos herdar e usar as coisas que construíram. E o mesmo tipo de canalhas que se opuseram a eles então, hoje opõem-se aos homens de boa vontade. Tudo se torna um; e a grande tradição pela qual lutamos hoje é a mesma tradição que eles sustentaram e nos legaram”. Tradução minha. FAST, Howard. “History in Fiction”. In: *New Masses*, 18/01/1944, p. 9.

True, the reader is a stranger in the land; but through the writer's skill he becomes a sympathetic stranger; and if the writer is skillful enough, the reader subjectively partakes of that sameness and brotherhood which binds all men, whatever their time or race or condition.

There, in a sense, is a definition, if a rather vague one, of the books I write. They are outside my experience, but the people of America live in a tradition that remains constant. (...) The people's wars we fought in the past were as hotly contested by traitors within as is the people's war of today<sup>182</sup>.

Como podemos perceber, a concepção de continuidade histórica apresentada por Fast envolve também uma ideia de igualdade e fraternidade universal, algo que envolve e une os homens através do tempo. Esta está, naturalmente, conectada à luta transtemporal pela libertação do homem e do seu trabalho. Nesta perspectiva, cabe ao escritor fazer uma ponte desta continuidade com o leitor, por meio de seus livros. Este é o papel conscientemente assumido por Fast. Tal como na luta empreendida pelos trabalhadores do passado, a luta “atual”, do presente de Fast, também é contestada pelos inimigos e “traidores” de seu tempo. O escritor deve, portanto, usar as armas à sua disposição para conectar o leitor com os grandes valores, tradições e lutas do passado – que tem correspondência direta com as do presente – com essa grande fraternidade universal, com o grande ímpeto dos trabalhadores de todos os tempos que lutam pela sua liberdade. Ao fazer isto, o escritor contribui para combater a ação dos inimigos e traidores da causa popular, que visam não somente desmerecer sua luta no presente, mas distorcer e difamar as suas lutas no passado.

Este é, em suma, o fundamento do interesse de Howard Fast por tratar com temas históricos em seus romances. Rejeitando a sua inclusão no gênero de “romance histórico” tal qual era praticado em sua época, por ele considerado mais uma forma estéril de literatura escapista desconectada da realidade, Fast reivindica uma literatura interessada essencialmente no ser humano e na sua luta mais fundamental por liberdade. Tal postura reflete uma concepção de história baseada em uma noção determinante de continuidade, originada do reconhecimento de que esta luta, levada a cabo pela classe trabalhadora, é uma única luta, contínua, permanente, que perpassa toda a história. Neste sentido, Fast afirma ser papel do escritor realista, comprometido com uma postura materialista, engajar-se nesta luta, enfocando acontecimentos passados com o objetivo de desvelar a “verdade” a respeito de seu

---

<sup>182</sup> “Verdade, o leitor é um estrangeiro na terra; mas através da habilidade do escritor, ele se torna um estrangeiro simpático; e se o escritor for hábil o suficiente, o leitor compartilha subjetivamente daquela mesma igualdade e fraternidade que envolve todos os homens, qualquer que seja seu tempo, raça ou condição. Aí está, em certo sentido, uma definição, ainda que vaga, dos livros que eu escrevo. Eles estão fora da minha experiência, mas o povo americano vive em uma tradição que permanece constante. (...) As guerras do povo que lutamos no passado foram tão ardentemente contestadas por traidores internos quanto as guerras do povo de hoje”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 8-9.

significado e de estabelecer uma ponte por meio da qual os leitores possam perceber a continuidade de suas lutas, tradições e reivindicações para com as do passado.

## 2.4 Americanismo: liberdade e democracia

Neste ponto, chegamos a uma das colunas mais fundamentais do pensamento político e literário de Howard Fast. Esta diz respeito a uma forte identificação com os valores fundacionais da nação americana, sobretudo, com os ideais de liberdade e de democracia. De fato, como veremos, o interesse de Fast pela história dos Estados Unidos está em boa parte relacionado a esta sua identificação com estes princípios. Mais do que isso, sua própria adesão a um pensamento político de esquerda e, em última instância, à ideologia e ao movimento comunista, está profundamente alicerçada em uma tradição americana e nos seus valores democráticos.

Podemos entrever esta característica de seu pensamento em diversos escritos políticos e teóricos. No artigo *Reveille for Writers*<sup>183</sup>, de 1946, ecoando a importância da conexão entre arte, vida e política, Fast conclama os escritores ao engajamento, recordando a extensa tradição americana de literatura social e politicamente consciente e comprometida:

What has happened in this land of ours? There were giants here once. I think of Thoreau, who went to jail rather than support an unjust, imperialist war; I think of Clemens, who hated injustice and bigotry, and fought it on every hand; I think of Emerson and his clear vision of democracy, of Whitman and the songs he sang, of Bryant, who hated so murderously those who made men slaves, of Garrison, who would not retreat or equivocate, of Stowe, who wrote to expose slavery, of John Swinton, who wrote to make men free<sup>184</sup>.

I think back further, and there were giants of revolution who served revolution so well with their pens, Tom Paine and Timothy Dwight and Joel Barlow and Philip Freneau<sup>185</sup>.

<sup>183</sup> FAST, Howard. "Reveille for Writers". In: *New Masses*, vol. 59, n. 4, 23/04/1946, p. 3.

<sup>184</sup> Henry David Thoreau (1817-1862), poeta e ensaísta transcendentalista, conhecido por obras como o clássico *Walden* (1854) e o seu ensaio sobre a Desobediência Civil (1849); Clemens provavelmente refere-se a Samuel Langhorne Clemens, mais conhecido como Mark Twain (1835-1910), escritor e satirista, autor dos clássicos *The Adventures of Tom Sawyer* (1876) e *The Adventures of Huckleberry Finn* (1885); Ralph Waldo Emerson (1803-1882), prolífico poeta e ensaísta transcendentalista; Walt Whitman (1819-1892), poeta, célebre pelo clássico *Leaves of Grass* (1855); William Cullen Bryant (1794-1878), poeta e jornalista, ardente abolicionista e defensor da liberdade de expressão; William Lloyd Garrison (1805-1879), jornalista, editor do periódico abolicionista *The Liberator* (1831-1865); Harriet Beecher Stowe, escritora abolicionista, autora do célebre *Uncle Tom's Cabin* (1852); e John Swinton (1829-1901), jornalista, editor do *John Swinton's Paper*, importante periódico trabalhista da década de 1880. HACHT; HAYES. *Op. Cit.*, p. 1567-1570, 1582-1587, 491-494, 1654-1658, 216-219, 382, 1532-1534; FONER, Philip. *History of the Labor Movement in the United States*. Vol. 2. New York: International Publishers, 1980, p. 29-30.

<sup>185</sup> Thomas Paine (1737-1809), filósofo e teórico político; Timothy Dwight (1752-1817), acadêmico e poeta; Joel Barlow (1754-1812), poeta e diplomata; e Philip Freneau (1752-1832), jornalista e poeta; foram todos

And in the near, close past, there were Jack London, and Vachel Lindsay and Upton Sinclair and Frank Norris and Lincoln Steffens and Theodore Dreiser and John Reed and a hundred more who hate bigotry and shame and degradation of man<sup>186</sup>.

And only yesterday, in the immediate yesterday of our own lives, there were pens that knew neither fear nor intimidation – the pens of Ernest Hemingway, John Steinbeck, Erskine Caldwell, Clifford Odets, Albert Halper and Sinclair Lewis – to name only a few<sup>187</sup>.

Then what has happened in this land of ours? What dry terror has muted these voices, paralyzed the pens, allowed wrong to be added to wrong and shame to shame – with only silence as commentary?<sup>188</sup>.

Ao remeter-se a esta grande relação de escritores americanos, Fast, por um lado, lamenta que ela tenha sido em grande parte abandonada em favor de uma valorização da

---

importantes escritores, intelectuais e pensadores ligados ao movimento de Independência dos Estados Unidos. IMBARRATO et al. *Op. Cit.*, p. 851-853, 272-273, 78-80, 380-383.

<sup>186</sup> Jack London (1876-1916), romancista identificado com o ideário socialista e com a defesa dos direitos dos trabalhadores, autor dos clássicos *The Call of the Wild* (1903), *White Fang* (1906) e *The Iron Heel* (1908); Nicholas Vachel Lindsay (1879-1931) foi um poeta também identificado com as ideias socialistas e militantemente antirracista; Upton Sinclair (1878-1968), romancista ligado ao movimento socialista americano, autor da obra *The Jungle* (1904), onde expõe as péssimas condições de trabalho da indústria frigorífica no país; Frank Norris (1870-1902), romancista autor de *The Octopus: a story of California* (1901) e *The Pit* (1903), obras em que critica, respectivamente, o monopólio ferroviário e a especulação financeira do trigo no Oeste americano; Lincoln Steffens (1866-1936), jornalista simpatizante dos ideais comunistas, autor do livro *The Shame of the Cities* (1904), em que critica o sistema político corrupto do país; Theodore Dreiser (1871-1945), escritor também comprometido com os ideais socialistas, autor de obras como *The Financier* (1912) e *The Titan* (1914), que expunham as contradições do sistema financeiro americano; e John Reed (1887-1920) célebre jornalista e ativista socialista, autor de *Ten Days That Shook the World* (1919). HACHT; HAYES. *Op. Cit.*, p. 1005-1008, 998-1001, 1477-1480, 1193-1157, 477, 450; IMBARRATO et al. *Op. Cit.*, p. 1036, 954-955.

<sup>187</sup> Ernest Hemingway (1899-1961), um dos mais aclamados escritores americanos do século XX, autor de clássicos como *For Whom the Bell Tolls* (1940) e *The Old Man and the Sea* (1951); John Steinbeck (1902-1968), outro grande romancista americano, de inclinações políticas radicais, autor de obras como *Of Mice and Men* (1937) e *The Grapes of Wrath* (1939); Erskine Caldwell (1903-1987), escritor progressista que criticou o racismo e os problemas sociais nos Estados Unidos, em obras como *Tobacco Road* (1932) e *God's Little Acre* (1933); Clifford Odets (1906-1963), dramaturgo e roteirista de cinema, de inclinações comunistas, tendo sido perseguido pela HUAC, autor de peças como *Golden Boy* (1937); Albert Halper (1904-1984), romancista, autor de obras que expunham as dificuldades da vida urbana durante a Depressão, como *Union Square* (1933) e *The Foundry* (1934); e Harry Sinclair Lewis (1885-1951), escritor que criticou o materialismo, o vazio e o conformismo da sociedade capitalista americana, particularmente da classe média, em obras como o clássico *Babbitt* (1922). *Ibid.*, p. 523-528, 1037-1041, 218, 828-831, 511-512, 670-673.

<sup>188</sup> “O que aconteceu nesta nossa terra? Havia gigantes aqui. Penso em Thoreau, que foi para a prisão em vez de apoiar uma guerra injusta e imperialista; penso em Clemens, que odiava a injustiça e a intolerância, e lutou contra elas em toda parte; penso em Emerson e sua clara visão de democracia, em Whitman e nos cantos que cantou, em Bryant, que odiava tão violentamente aqueles que escravizavam os homens, em Garrison, que não recuava nem tergiversava, em Stowe, que escreveu para expor a escravidão, em John Swinton, que escreveu para tornar os homens livres.

Eu penso mais anteriormente, e havia gigantes da revolução, que serviram a revolução tão bem com suas canetas, Tom Paine e Timothy Dwight e Joel Barlow e Philip Freneau.

E no passado próximo, havia Jack London e Vachel Lindsey e Upton Sinclair e Frank Norris e Lincoln Steffens e Theodore Dreiser e John Reed e centenas de outros que odeiam a intolerância, a vergonha e a degradação do homem.

E apenas ontem, no imediato ontem de nossas vidas, havia canetas que não conheciam medo ou intimidação – as canetas de Ernest Hemingway, John Steinbeck, Erskine Caldwell, Clifford Odets, Albert Harper e Sinclair Lewis – para citar apenas alguns.

Então o que aconteceu com esta nossa terra? Que terror árido emudeceu estas vozes, paralisou as canetas, permitiu injustiça atrás de injustiça e vergonha atrás de vergonha – com apenas silêncio como comentário?”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 3.



neutralidade e da busca por excelência estética desprovida de conteúdo por parte da crítica literária de sua época, ao mesmo tempo em que, por outro lado, busca vincular-se a esta tradição que apresenta. No mesmo sentido, podemos nos remeter novamente ao trecho citado nas páginas 70 a 72, no qual Fast se reporta a uma imensa tradição americana operária, trabalhista, de luta social, a qual reivindica para si. Em ambos os casos, Fast aponta para a existência nos Estados Unidos de uma ampla tradição de luta democrática, seja no campo social, trabalhista ou literário, com a qual se identificava e com a qual buscava contribuir.

A questão da existência e da importância desta tradição democrática americana é aprofundada por Fast em um artigo posterior, de 1947, intitulado *One Man's Heritage*<sup>189</sup>. Nele, refletindo acerca de uma chamada “herança americana”, Fast acaba por identificar uma dupla herança, duas tradições políticas, sociais e de pensamento concorrentes.

The American heritage is no simple thing. There is a clause which John Brown wrote, to wit: “I leave you courage and high honor. I leave you the right to hate and oppose what is unjust and evil. I leave you the injunction to speak your thoughts – to die rather than see your brother in slavery”.

(...) but there are those who read otherwise. There are those who probate on the basis of Robert Rogers<sup>190</sup>, whose “Rangers” made a record for bloodlust and infamy during the Revolution of '76. It was Rogers who said, “I have no mercy for patriots, no courts, no trials, but only a noose” Is he part of our heritage? Did he write in the general will: “Dishonor, I leave to all Americans. To them I leave tortures unspeakable, cruelty and hatred for all that is good and decent?”

They are both in our heritage, but who was the American in the best sense of the word? Which is the American heritage, the heritage of Robert Rogers, or the heritage of John Brown?<sup>191</sup>.

<sup>189</sup> FAST, Howard. “One Man's Heritage”. In: *New Masses*, vol. 65, n. 1, 30/09/1947, p. 6-7. Uma análise mais detida deste artigo, enfatizando o caráter dual da herança política americana e identificando os diversos paralelismos traçados por Fast entre personagens e eventos históricos pertencentes à tradição progressista e à tradição reacionária, é feita por mim em KLEIN, Rafael Belló. “O Caminho da Liberdade: Americanismo, Radicalismo e o Passado na Obra de Howard Fast”. In: *Comunicações do 3º Encontro Discente de História da UFRGS*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, p. 133-143.

<sup>190</sup> Robert Rogers (1731-1795) foi um *frontiersman* e soldado americano, famoso pela formação da companhia de infantaria leve conhecida como *Rogers' Rangers*, que lutou pela coroa britânica contra a Independência dos Estados Unidos, especializada em operações de reconhecimento e táticas de guerrilha.

<sup>191</sup> “A herança americana não é uma coisa simples. Há uma cláusula que John Brown escreveu, a saber: 'Eu os deixo coragem e alta honra; Eu os deixo o direito de odiar e opor o que é injusto é mau. E os deixo a injunção de expor seus pensamentos – de morrer antes de ver seu irmão em escravidão'.

(...) mas há aqueles que leem de outra forma. Há aqueles que ratificam com base em Robert Rogers, cujos “Rangers” estabeleceram um registro sanguinário e infame durante a Revolução de '76. Foi Rogers quem disse, “Eu não tenho clemência para patriotas, não tenho cortes, não tenho julgamentos, mas somente a força”. Ele é parte de nossa herança? Ele escreveu no testamento geral: 'Desonra eu deixo a todos americanos. A eles eu deixo inomináveis torturas, crueldade, e ódio a tudo que é bom e decente'?

Ambos estão em nossa herança, mas quem era o americano, no melhor sentido da palavra? Qual é a herança americana, a herança de Robert Rogers, ou a herança de John Brown?”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 6.

Fast remete-se a estes dois personagens históricos, o abolicionista John Brown e o miliciano Robert Rogers, que lutou ao lado do exército britânico contra a Independência dos Estados Unidos, visto que seus discursos personificam duas tradições concorrentes, que atravessam a história americana. A primeira representa uma tradição progressista, que busca promover os ideais de democracia e liberdade, ao passo que a segunda representa uma tradição reacionária, excludente e violenta, à qual Fast também relaciona outros personagens, como Benedict Arnold e o congressista John E. Rankin<sup>192</sup>. De fato, para Fast, a herança americana compreende ambas as vertentes, ambas podem ser consideradas como parte do legado americano, ainda que, para ele, como veremos, uma delas deva ter precedência sobre a outra. Esta concepção apresentada por Fast é reflexo de uma leitura bastante lúcida do desenvolvimento histórico americano, processo eivado de contradições:

(...) America grew out of many contradictions. Born in revolution, there were those forces within the army of revolution itself that turned upon the revolution and prevented its consummation until the time of Jefferson. Hailed as the first land of liberty, America contained within itself, even at the very beginning, that cancer of all freedom, human slavery. Setting forth the ideal of individual right and liberty, America proceeded to exterminate thousands of Indians, who also believed in the rights of individual. One could go on and on, listing and expounding these contradictions out of which America arose; one could also point out how these contradictions existed in individuals, such as Washington and Jefferson, and Lincoln too, and so many others.

But the important factor in this: until this day, howsoever long and terrible the struggle, *it was the heritage of freedom and democracy that emerged dominant and triumphant*. A John Brown did not die in vain; a great war was fought and human slavery in the South was smashed. An Albert Parsons did not die in vain, for in their militant might, organized labor fought for and won the eight-hour day. Sacco and Vanzetti did not die in vain; the great organizational march of the CIO and the AFL gave them to immortality. And wherever men struggle for freedom, march on the picket line, battle to organize, the mighty shadow of Gene Debs is with them.

This heritage, the heritage of freedom and democracy, is the part of the American heritage which the people chose. The Bill of Rights is a part of that heritage today because in his struggle to destroy it, Grover Cleveland was frustrated by organized labor. We still lived in a democracy because the people backed Jefferson against the merchant princes of his time. We live under the American Constitution because the people supported Jackson in his struggle to save that constitution. Again and again, the American people have been faced with a choice between the heritage of Benedict Arnold and the heritage of Thomas Jefferson; again and again they have chosen the heritage of freedom<sup>193</sup>.

<sup>192</sup> Benedict Arnold (1741-1801) foi um general do exército americano conhecido por sua deserção para o lado britânico durante a Guerra de Independência Americana. John E. Rankin (1882-1960) foi um congressista democrata do Mississippi, contemporâneo de Fast, notório por seus posicionamentos racistas, segregacionistas, antisemitas e anticomunistas, tendo inclusive integrado o comitê da HUAC no final da década de 1940. BRINKLEY, Alan. *The Unfinished Nation*. A Concise History of the American People. New York: McGraw-Hill, 2010, p. 124; DEERY, Phillip. *Red Apple*. Communism and McCarthyism in Cold War New York. New York: Fordham University Press, 2014, p. 21-24, 171.

<sup>193</sup> “(...) a América cresceu a partir de muitas contradições. Nascida em revolução, havia forças dentro do próprio exército revolucionário que se voltaram contra a revolução e evitaram sua consumação até o tempo de Jefferson.

Em suma, Fast apresenta aqui a ideia de que tanto aquela tradição de liberdade e democracia, quanto a de reação e opressão fazem igualmente parte da história dos Estados Unidos, sendo duas faces complementares e concorrentes de seu processo de constituição enquanto nação, profundamente permeado por contradições. A partir disso, neste mesmo artigo, Fast rebate a designação de “un-American” dirigida pelos setores mais conservadores aos intelectuais e militantes de esquerda nos Estados Unidos à sua época, particularmente aos comunistas. Para ele, políticos como Rankin podem reivindicar – como, de fato, o faziam – a pertença à herança americana. Porém, a sua seria uma tradição de exclusão, opressão e violência que perpassou vergonhosamente a história nacional. Por outro lado, aqueles a quem Rankin e os demais conservadores chamavam de antiamericanos, na realidade, vinculavam-se à mais elevada das tradições americanas, essencialmente ligada à defesa dos direitos individuais, da liberdade e da democracia. De fato, Fast faz questão de frisar, no trecho citado acima, que é esta herança de liberdade e democracia que definitivamente emergiu triunfante deste processo, devido à escolha do próprio povo americano.

Neste sentido, ao retomar os vários personagens que lutaram pelos ideais de liberdade e democracia ao longo da história americana, Fast afirma que “(...) they fought the good fight; they left us a heritage of victory, honor and democracy. *They are our American heritage*”<sup>194</sup>. Esta é a herança americana que Fast reivindica para si e para aqueles que no seu tempo “combatiam o bom combate” em defesa dos mesmos ideais; e para ele, os que mais radicalmente lutavam por liberdade e democracia eram justamente os militantes do

---

Aclamada como a primeira terra da liberdade, a América continha dentro de si mesma, mesmo bem no começo, aquele câncer de toda liberdade, a escravidão humana. Estabelecendo o ideal do direito e liberdade individual, a América procedeu ao extermínio de milhares de índios, que também acreditavam nos direitos do indivíduo. Pode-se continuar listando e expondo estas contradições a partir das quais a América se ergueu; pode-se também ressaltar como estas contradições existiram em indivíduos, como Washington e Jefferson, e Lincoln também, e tantos outros.

Mas o fator importante nisto: até hoje, por mais longa e terrível que seja a luta, *foi a herança da liberdade e democracia que emergiu dominante e triunfante*. Um John Brown não morreu em vão; uma grande guerra foi lutada e a escravidão humana no Sul foi esmagada. Um Albert Parsons não morreu em vão, pois no seu poderio militante, o trabalho organizado lutou e conquistou o dia de oito horas. Sacco e Vanzetti não morreram em vão; a grande marcha organizacional do CIO (*Congress of Industrial Organizations*) e da AFL (*American Federation of Labor*) os deu à imortalidade. E onde quer que os homens lutem por liberdade, marchem em piquetes, lutem para se organizar, a poderosa sombra de Gene Debs está com eles.

Esta herança, a herança da liberdade e democracia, é parte da herança americana que o povo escolheu. *A Bill of Rights* é uma parte desta herança hoje porque, em sua luta para destruí-la, Grover Cleveland foi frustrado pelo trabalho organizado. Nós ainda vivemos em uma democracia porque o povo apoiou Jefferson contra os príncipes mercantes de seu tempo. Nós vivemos sob a Constituição Americana porque o povo apoiou Jackson em sua luta para salvar esta constituição. Repetidamente, o povo americano foi confrontado com a escolha entre a herança de Benedict Arnold e a herança de Thomas Jefferson; repetidamente, ele escolheu a herança da liberdade”. Tradução minha. Ibid., p. 6-7.

<sup>194</sup> “(...) combateram o bom combate; eles nos deixaram uma herança de vitória, honra e democracia. *Eles são a nossa herança americana*”. Tradução minha. Ibid., p. 7.

movimento comunista. Por outro lado, a herança americana rejeitada por Fast, a tradição que envolveu a escravidão, a exclusão e a violência, possui as mesmas bases daquela que floresceu na Europa a partir do movimento fascista<sup>195</sup>.

Esta vinculação de Fast com os ideais americanos e seu comprometimento com eles continua a se manifestar em diversos outros de seus escritos. No artigo *The Way for a Nation*<sup>196</sup>, de 1946, por exemplo, Fast deixa clara sua admiração pelo *Bill of Rights*, a Carta de Direitos dos Estados Unidos, que corresponde às dez primeiras emendas à Constituição Americana. Um dos documentos mais fundamentais da democracia americana, o *Bill of Rights* é considerado por Fast como “a charter of freedom demanded by the people, a blueprint to show all people how to protect liberty”<sup>197</sup>.

De fato, Fast salienta a importância da manifestação e da pressão popular para a promulgação destas dez emendas que constituem a base dos direitos individuais da democracia americana; o povo teve papel fundamental ao exigir estes direitos, ausentes da primeira versão da Constituição:

However, one thing was conspicuous by its absence... the question of the people who made up the nation, who had created the nation, who had fought for their freedom for eight long years. Somehow or other the people were not there; the rights of the people were quietly omitted; the famous rights of man, from which the militant slogans of the Revolution had derived, were seemingly forgotten.

It was a good Constitution; it was a nice Constitution: it was even a workable Constitution; the only thing it did not consider was the question of personal freedom.

And all over the land, in anger, in defiance, in disgust, in contempt, too, the voice of the people was raised. In mass meetings, in town halls, on the streets, in the taverns, in the shops, on the farms, over dinner tables, in workrooms, everywhere... the bitter voice of the people:

What about my religion? Where does it say I'll be free to worship God as I please?

What about my gun? This gun won my freedom. Where does it say that no man can take my musket from me? Am I to bow down to an army, a military dictatorship?

What about my home, my house? The British turned my home into their barracks and pigpen. Where does it say my home is mine? Where does it say they can't enter my home, take it away from me?

Where are my rights in front of a court? Where does it say they can't haul me into court, frame a case and hang me for it? Where does it say that what's mine is mine?

<sup>195</sup> Novamente aparece aqui um elemento relacionado ao engajamento antifascista de Howard Fast. Para ele, a escalada de um pensamento e de atos vinculados a esta tradição americana de exclusão, violência e escravidão refletia o avanço do fascismo nos Estados Unidos. Examinaremos melhor esta característica de seu pensamento na seção a seguir.

<sup>196</sup> FAST, Howard. “The Way for a Nation”. In: *Seventeen*, julho/1946, p. 55.

<sup>197</sup> “(...) uma escritura de liberdade exigida pelo povo, um modelo para mostrar a todos os povos como proteger a liberdade”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 55.

Where is the right to trial by jury? Where is my right to defend myself?

They jailed my friend for opening his mouth and put bail at ten thousand dollars. Where does it say they can't do that to me?

Where is my freedom of speech? I fought this war to talk my mind... to say what I please. That's democracy. Where does it guarantee my freedom of speech?

What about freedom of the press? I thought we fought for that, too. Where does this Constitution talk about freedom of the press?

And meetings? The only way the common man wins anything is to get together and talk loud and strong about it. Where is my right to hold public meetings? Where is my right to petition the Government?<sup>198</sup>.

Sintetizando desta forma o *Bill of Rights*, e apresentando-o como tendo surgido eminentemente a partir da vontade popular, da demanda do povo por direitos, Fast faz a seguir uma defesa da importância destes direitos individuais em seu próprio tempo. Neste sentido, ele conclama os cidadãos a relerem estas emendas à Constituição, com o senso desta importância, considerando que, na visão de Fast, havia pouco tempo, milhões de pessoas haviam morrido em defesa destes direitos individuais democráticos, ao combater a ameaça fascista na Segunda Guerra Mundial.

Em essência, Fast apresenta-se aqui como um defensor dos direitos civis e das liberdades individuais, preconizadas pela democracia americana. Neste sentido, seu posicionamento de esquerda está intimamente relacionado a uma tradição americana democrática de protesto, e sua adesão ao movimento comunista reflete seu entendimento de

---

<sup>198</sup> “Contudo, uma coisa era conspícua por sua ausência... a questão do povo que fez a nação, que criou a nação, que lutou pela sua liberdade por oito longos anos. De uma maneira ou outra, o povo não estava ali, os direitos do povo foram quietamente omitidos; os famosos direitos do homem, de onde os slogans militantes da Revolução eram derivados, foram aparentemente esquecidos.

Era uma Constituição boa; era uma Constituição agradável: era ainda uma Constituição funcional; a única coisa que não considerava era a questão da liberdade pessoal.

E por toda a terra, em raiva, em desafio, em desgosto, em desprezo também, a voz do povo foi levantada. Em reuniões, nas prefeituras, nas ruas, nas tavernas, nas lojas, nas fazendas, nas mesas de jantar, nas oficinas, em toda parte... a amarga voz do povo:

E quanto à minha religião? Onde diz que eu serei livre para adorar a Deus como me aprouver?

E quanto à minha arma? Esta arma ganhou minha liberdade. Onde diz que nenhum homem pode retirar meu mosquete de mim? Terei que me curvar a um exército, a uma ditadura militar?

E quanto ao meu lar, à minha casa? Os britânicos transformaram minha casa em seu quartel e chiqueiro. Onde diz que meu lar é meu? Onde diz que não podem entrar em meu lar, tirá-lo de mim?

Onde estão meus direitos frente a uma corte? Onde diz que não podem me arrastar a uma corte, armarem um caso e me enforcarem por isso? Onde diz que o que é meu é meu?

Onde está o direito a julgamento por júri? Onde está o meu direito de me defender?

Aprisionaram meu amigo por abrir sua boca e colocaram a fiança em dez mil dólares. Onde diz que não podem fazer isto comigo?

Onde está minha liberdade de expressão? Eu lutei esta guerra para falar o que penso... dizer o que me aprouver. Isso é democracia. Onde ela garante minha liberdade de expressão?

E quanto à liberdade de imprensa? Eu lutei por isso também. Onde esta Constituição fala sobre liberdade de imprensa?

E reuniões? O único modo do homem comum ganhar qualquer coisa é reunindo-se e falar alto e forte sobre isso. Onde está meu direito de organizar reuniões públicas? Onde está meu direito de peticionar ao governo?”.

Tradução minha. Ibid., p. 55.

que a via comunista representava a culminação e a melhor alternativa para a real e radical concretização dos ideais democráticos americanos. Dessa forma, dentro do pensamento político e teórico de Howard Fast, o americanismo, a defesa dos ideais de liberdade e democracia, e o comunismo, a adesão aos princípios do materialismo dialético e do realismo soviético, não são, de modo algum, perspectivas conflitantes, mutuamente excludentes, mas, ao contrário, complementares.

Isto contrasta radicalmente com o posicionamento assumido por Gerald Sorin em sua biografia de Fast. Sorin insistentemente postula que o comprometimento com os ideais comunistas era inerentemente incompatível com uma verdadeira defesa dos direitos e liberdades civis. Quando Fast, por exemplo, em um artigo que analisaremos na seção a seguir, se posiciona a favor da limitação da liberdade de expressão dos fascistas, postura justificada por ele em nome da defesa da democracia, Sorin o critica, afirmando que o ponto de vista de Fast é absolutamente contrário a uma real defesa das liberdades civis. Mais do que isso, Sorin analisa o posicionamento geral de Fast em relação a este tema dos direitos civis não a partir de seus próprios escritos teóricos, mas do comportamento geral dos artistas e escritores de esquerda e das diretrizes defendida pelo Partido Comunista Americano – os quais, em geral, defenderam a supressão das vozes dos fascistas e apoiaram a perseguição aos trotskistas durante o macarthismo. Quando esta perseguição política se voltou para os comunistas, Sorin afirma que “súbita e cinicamente” estes, e Howard Fast entre eles, tornaram a questão das liberdades civis um assunto de primordial importância<sup>199</sup>.

Talvez a passagem mais exemplar a este respeito seja aquela em que Sorin comenta o debate entre Fast e um de seus leitores, chamado Clarence W. Donnelly, que envia uma carta a ele expressando sua surpresa em relação aos rumores de que Fast, sendo um admirador dos ideais pregados por Thomas Paine, seria também um comunista, ou simpatizante do comunismo. Nas contundentes palavras de Donnelly:

But what I cannot understand is how so an ardent admirer of Thomas Paine – who probably had an influence greater than any other human being in bringing freedom to our country and in unshackling the truth – can reconcile getting into bed with a harlot ideology which, as practiced in Russia and preached in this country and elsewhere, everlastingly perverts, distorts and suppresses the truth ... and in which freedom of the individual – for which Paine fought right down to his last gasp – is reviled and spat upon as an outworn notion of the bourgeoisie<sup>200</sup>.

<sup>199</sup> SORIN, *Op. Cit.*, p. 75-76.

<sup>200</sup> “Mas o que eu não consigo entender é como um tão ardente admirador de Thomas Paine – que provavelmente teve uma influência maior do que qualquer outro ser humano em trazer a liberdade a nosso país e em desalgemar a verdade – possa conciliar ir para a cama com uma ideologia prostituta que, como praticada na Rússia e pregada

A resposta de Fast, apesar de um tanto exaltada, procurou reafirmar sua posição de defesa das liberdades civis, bem como de promoção da justiça social e da paz e que, se isto era ser um comunista, então ele o era. Sorin, no entanto, não se deixa convencer pela resposta de Fast, afirmando que a asserção de Fast de que acreditava na democracia e na paz era um discurso vazio, meramente “(...) a phrase parroted by Communists with irritating persistency”<sup>201</sup>. Além disso, Sorin rejeita expressamente que Fast ou qualquer outro comunista pudesse efetivamente advogar em favor dos direitos civis, duvidando da compatibilidade do comunismo com a defesa da liberdade:

But Fast, who was no champion of civil liberties, has attempted here to don the mantle of the First Amendment in order to pose as a democrat victimized by a government intent on violating its own ideals. And he followed this exploitation of a truth in which he did not believe by writing something that could not be less true. “Communists *everywhere*”, Fast claimed, “fight for the rights of the individual”<sup>202</sup>.

No entanto, uma leitura atenta e abrangente dos escritos políticos de Fast nos permite refutar esta perspectiva adotada por Sorin como eivada de preconceitos em relação ao engajamento de Fast com o movimento comunista. Ao contrário do que Sorin afirma, Fast não apenas acreditava que os Estados Unidos haviam se desviado do caminho e abandonado seus ideais primordiais – e que o comunismo seria a melhor via para se conquistar a plena liberdade e democracia – como também frequentemente se apresentava, ele próprio, como defensor dos direitos e liberdades individuais que estavam na base da nação americana.

No artigo de 1948 *An Open Letter to the American People*<sup>203</sup>, por exemplo, Fast trata de rejeitar, novamente, o epíteto de “*un-American*” dirigido pelos setores conservadores a ele, aos membros da *Joint Anti-Fascist Refugee Committee (JAFRC)*<sup>204</sup>, da qual fazia parte, e, por extensão, aos militantes comunistas americanos em geral:

There are those who say we are un-American. I call them un-American – for I know of no better Americans than my fellow members of this board, none more loyal,

---

neste país e em outras partes, eternamente perverte, distorce e suprime a verdade ... e na qual a liberdade individual – pela qual Paine lutou até seu último suspiro – é insultada e cuspidada como uma antiquada noção da burguesia”. Tradução minha. Ibid., p. 117-118.

<sup>201</sup> “(...) uma frase papagaiada pelos comunistas com irritante persistência”. Tradução minha. Ibid., p. 118.

<sup>202</sup> “Mas Fast, que não era nenhum campeão das liberdades civis, tentou aqui vestir o manto da Primeira Emenda a fim de posar como um democrata vitimado por um governo decidido a violar seus próprios ideais. E ele seguiu esta exploração de uma verdade em que ele não acreditava escrevendo uma coisa que não poderia ser menos verdade. “Comunistas *em toda parte*”, Fast afirmou, “lutam pelos direitos individuais”. Grifos do autor. Tradução minha. Ibid., p. 118.

<sup>203</sup> FAST, Howard. “An Open Letter to the American People”. In: *Masses & Mainstream*, vol. 1, n. 5, Julho/1948, contracapa.

<sup>204</sup> O Joint Anti-Fascist Refugee Committee (JAFRC), foi um comitê formado para angariar fundos para providenciar auxílio médico e humanitário aos refugiados republicanos, derrotados pelos franquistas na Guerra Civil Espanhola. SORIN. *Op. Cit.*, p. 110-111.

none more devoted to those splendid principles that once made the very name *America* such a good sound in the ears of all men<sup>205</sup>.

Escrito como um protesto contra seu indiciamento e dos demais membros da diretoria do JAFRC, processo que levaria à sua prisão dois anos mais tarde, condenado pela HUAC, o artigo de Fast repudia a acusação de antiamericano dirigida a ele e a seus companheiros. De fato, para Fast sua postura e dos demais antifascistas e comunistas representava, ao contrário, a postura mais afinada e devotada aos princípios americanos de democracia e liberdade, aquela que realmente lutava pela sua efetivação e difusão. Ao contrário, seus detratores eram os verdadeiros antiamericanos ao se oporem a esta luta, sendo coniventes com o fascismo e empregando eles próprios métodos considerados “fascistas” por Fast e seus correligionários para combaterem seus adversários políticos.

Esta mesma crítica aparece no artigo de 1954, *Why the Fifth Amendment?*<sup>206</sup>. Nele, Fast faz uma extensa defesa da Quinta Emenda à Constituição Americana, que determina o direito do indivíduo de não se incriminar, de não produzir provas contra si mesmo. Partindo da ideia de que “(...) an explanation of the origin of this amendment is most important in the struggle for our civil liberties, as well as to augment our knowledge of our democratic heritage”<sup>207</sup>, Fast traça um histórico da origem deste preceito constitucional. De fato, no contexto vivido por Fast, onde políticos e agentes do Estado empreendiam uma verdadeira “caça às bruxas” anticomunista e tentavam intimidar e incriminar diversos cidadãos, particularmente os ligados ao meio artístico, fazia-se necessário afirmar a constitucionalidade e a legitimidade deste direito civil, atacado por muitos como uma “proteção a criminosos”:

This is not a protection for criminals against justice. It was never intended as such. The privilege against self-incrimination was intended specifically to protect people against torture, against being forced to incriminate themselves by either their voice or their silence, in the very manner that they are being so forced by our congressional committees today<sup>208</sup>.

<sup>205</sup> “Há quem diga que somos antiamericanos. Eu chamo a eles de antiamericanos – pois não conheço melhores americanos do que meus colegas membros desta diretoria, nenhum mais leal, nenhum mais devotado àqueles esplêndidos princípios que outrora fizeram o próprio nome *América* soar tão bem aos ouvidos dos homens”. Tradução minha. FAST, Howard. “An Open Letter to the American People”. In: *Masses & Mainstream*, vol. 1, n. 5, Julho/1948, contracapa.

<sup>206</sup> FAST, Howard. “Why the Fifth Amendment?”. In: *Masses & Mainstream*, vol. 7, n. 2, fevereiro de 1954, p. 44-50.

<sup>207</sup> “(...) uma explanação da origem dessa emenda é de suma importância na luta pelas nossas liberdades civis, bem como para aumentar nosso conhecimento de nossa herança democrática”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 47.

<sup>208</sup> “Isto não é uma proteção para criminosos contra a justiça. Nunca teve esta intenção. O privilégio contra a auto-incriminação foi concebido especificamente para proteger as pessoas contra a tortura, contra serem forçadas a se incriminarem seja por sua voz ou por seu silêncio, da mesma maneira que estão sendo forçadas hoje pelos nossos comitês congressionais”. *Ibid.*, p. 49. Tradução minha.



Neste sentido, Fast apresenta-se aqui como um participante ativo nesta luta pela defesa dos direitos e liberdades civis e reivindica-se como partícipe desta herança democrática americana. Por outro lado, identifica, novamente, nos seus perseguidores políticos os verdadeiros antiamericanos, desta vez na pessoa do Procurador-Geral dos Estados Unidos, Herbert Brownell, e do o Senador Robert McCarthy, taxados por Fast de “enemies of the civil rights”<sup>209</sup>, justamente por suas declarações no sentido de restringir a proteção oferecida pela Quinta Emenda.

No mesmo sentido, cabe ainda mencionarmos o artigo de 1956, *The Disclaimer*<sup>210</sup>. Nele, Fast enfatiza o comprometimento do movimento comunista americano com uma postura eminentemente humanista, característica que já examinamos na segunda seção deste capítulo:

The record of the Communist Party, U.S.A., irrespective of whatever mistakes and tactical blunders it has committed, reveals a principled and dedicated position as follows: against fascism and for peace; for the trade union movement; for trade union unity; for the full rights of the Negro people; for civil liberties and against anti-Semitism; for social medical care; for public child care; for more and better schools; for more and better hospitals; for a social welfare program and against a war economy; for social security and unemployment benefits; for an end to imperialism and colonialism; for low cost housing – and these are only a part of an entire humanistic position”<sup>211</sup>.

Este posicionamento humanista do movimento comunista que, como vimos, acaba por orientar a sua plataforma de atuação política e social, correspondia, na ótica de Fast, ao que havia de mais elevado na tradição democrática americana. Dessa forma, em *The Disclaimer*, Fast critica o fato de que quando um indivíduo, uma instituição ou um jornal americano defendesse uma postura humanística, consonante com os ideais tipicamente americanos de liberdade, de direitos civis democráticos, frequentemente eles sentiam a necessidade de um “*disclaimer*”, ou seja, de anunciar publicamente que não tinham uma orientação comunista, tampouco pertenciam a uma organização que a tivesse. Com isto, Fast acaba por salienta, novamente, a correspondência dos ideais americanos com as diversas lutas e reivindicações feitas pelos comunistas nos Estados Unidos, sugerindo mais uma vez que, para ele, o

<sup>209</sup> “Inimigos dos direitos civis”. Tradução minha. Ibid., p. 44.

<sup>210</sup> FAST, Howard. “The Disclaimer”. In: *Daily Worker*, 28/05/1956.

<sup>211</sup> “A ficha do Partido Comunista dos Estados Unidos, independente de quaisquer equívocos e erros táticos que tenha cometido, revela um posicionamento dedicado e com princípios, como segue: contra o fascismo e pela paz; pelo movimento dos sindicatos; pela unidade dos sindicatos; pelos plenos direitos do povo negro, pelas liberdades civis e contra o antissemitismo; pelo cuidado médico social; pelo cuidado infantil social; por mais e melhores escolas; por mais e melhores hospitais; por um programa de bem-estar social e contra uma economia de guerra; pela segurança social e auxílio ao desemprego; por um fim ao imperialismo e ao colonialismo; por uma política habitacional de baixo custo – e estes são apenas parte de um posicionamento inteiramente humanístico”. Tradução minha. Ibid., s/p.

movimento comunista era o caminho para se alcançar a real concretização destes ideais de democracia e liberdade.

Talvez o artigo em que mais fique explícito o comprometimento de Fast com os Estados Unidos e de seus ideais fundacionais de liberdade e democracia seja *No Man Can Be Silent*<sup>212</sup>, de 1947. Neste artigo, em que Fast torna a exortar seus conterrâneos a se posicionarem, ele também deixa clara sua filiação a sua terra natal:

People have asked me, too often perhaps, why I write the kind of books I do; they ask me where my ideas come from, and if I were to say that my writing and all in it comes from the land that bore me and nurtured me, it would be pat and evident, but the truth nevertheless. (...).

Whatever I am, America made me; I say that proudly and will, I trust, continue to say it until I die. For a decade and a half I have tried, in every way I know, to understand my country and to serve her. I have never put pen to paper except with that purpose in mind, and sometimes I have succeeded poorly and sometimes well<sup>213</sup>.

Neste trecho, Fast deixa claro que ele próprio, toda sua escrita e os temas e ideias em suas obras são um produto eminentemente americano, estão ligados de modo fundamental à sua terra, aos Estados Unidos. Mais do que isto, Fast assinala que a sua literatura representa uma tentativa de compreender e de servir ao seu país. Além disso, à semelhança de outros de seus escritos, Fast enaltece os ideais de democracia, liberdade e direitos individuais, e os vincula aos Estados Unidos:

Liberty, democracy, human rights – these are words we wrote across the sky in starry letters. It was our tiny revolutionary army that taught the world an eternal lesson in freedom. It was in our land that the dignity of the individual was exalted. It was our Bill of Rights that sanctified the security of the citizen, and it was our Civil War that taught the world a lesson in the price that freedom requires<sup>214</sup>.

A citação acima nos suscita duas importantes considerações. Primeiramente, por meio do uso dos termos “*we*” e “*our*”, Fast manifesta a sua pertença à nação americana, a esta terra revolucionária que primeiro ergueu a bandeira da liberdade, democracia e dos direitos

<sup>212</sup> FAST, Howard. “No Man Can Be Silent”. In: *New Masses*, vol. 62, n. 13, 25/03/1947, p. 12.

<sup>213</sup> “As pessoas têm me perguntado, talvez com demasiada frequência, porque eu escrevo o tipo de livros que escrevo; elas me perguntam de onde vêm minhas ideias, e se eu dissesse que minha escrita e tudo que há nela vêm da terra que me criou e nutriu, isto seria claro e evidente, mas a verdade ainda assim. (...). O que quer que eu seja, a América me fez; eu digo isto com orgulho e, eu acredito, continuarei a dizê-lo até que eu morra. Por uma década e meia eu tentei, de toda maneira que conheço, entender e servir meu país. Eu nunca coloquei a caneta no papel exceto com este propósito em mente, e algumas vezes eu fui malsucedido e outras bem”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 12.

<sup>214</sup> “Liberdade, democracia, direitos humanos – estas são palavras que nós escrevemos pelo céu em letras estreladas. Foi nosso minúsculo exército revolucionário que ensinou ao mundo uma lição eterna sobre liberdade. Foi em nossa terra que a dignidade do indivíduo foi exaltada. Foi nosso *Bill of Rights* que santificou a segurança do cidadão, e foi nossa Guerra Civil que ensinou ao mundo a lição sobre o preço que a liberdade requer”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 12.

humanos – valores que Fast preconizava e defendia em sua atuação política e em sua escrita literária.

Em segundo lugar, é interessante considerarmos o modo como Fast identifica a luta e conquista destes direitos como uma questão determinante que perpassa a história americana. Podemos conjugar este ponto com a asserção do próprio Fast de que sua literatura emana essencialmente dos Estados Unidos e de seus ideais e com o desenvolvido por ele no artigo *American Literature and the Democratic Tradition*<sup>215</sup>. Nele, Fast busca defender a ideia de que a verdadeira força da literatura americana está no seu comprometimento com os ideais democráticos. Para tanto, inicia criticando os críticos literários de seu tempo, que concebiam a literatura a partir de classificações estéticas, que as aproximam de outras obras, de um mesmo local ou não, diminuindo a importância da sua relação com a sociedade e o povo que a produziu, e das suas lutas: “It seems to me that in our approach to many problems today we fail to survey the picture as a whole. It is that sort of piecemeal thinking that sees American literature apart from the whole long and unique struggle for democracy here”<sup>216</sup>.

Fast, no entanto, apresenta uma ótica completamente diferente da dos críticos de seu tempo. Para ele, essencialmente, a literatura americana emanava da grande e constante luta pela afirmação da democracia americana. Neste sentido, a luta é, em primeiro lugar, americana: “I would see it another way; I would see American literature coming out of the American struggle”<sup>217</sup>. Em outras palavras, não se deveria associar em uma mesma escola artística obras literárias americanas e de outras localidades, ignorando a importância fundamental da luta nacional. Em segundo lugar, e sobretudo, a luta se dá em torno da tradição democrática americana: “Without doubt, the main literary factor is the democratic tradition, or, to put it another way, the struggle for progress. And not a general struggle, but the struggle within the American frame – our struggle”<sup>218</sup>. Vale ressaltar, novamente, que pelo uso da expressão “nossa luta”, Fast se inclui dentro desta luta pela tradição democrática que move a história e a literatura americana.

---

<sup>215</sup> FAST, Howard. “American Literature and the Democratic Tradition”. In: *College English*, vol. 8, n. 6, março/1947, p. 279-284.

<sup>216</sup> “Parece-me que em nossa abordagem a muitos problemas, hoje, nós fracassamos em observar a imagem como um todo. É este tipo de pensamento fragmentário que vê a literatura americana apartada da longa e singular luta por democracia aqui”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 279.

<sup>217</sup> “Eu veria de outra forma; eu veria a literatura americana advindo da luta americana”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 279.

<sup>218</sup> “Sem dúvida, o principal fator literário é a tradição democrática, ou, colocando de outra forma, a luta pelo progresso. E não uma luta geral, mas a luta dentro do quadro americano – nossa luta”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 280.

Contudo, tal como no artigo *One Man's Heritage*, que citamos na página 80, onde reconhece a existência de duas heranças americanas conflitantes, uma democrática e uma antidemocrática, Fast admite que a democracia americana é incompleta:

By no means is this a country of unadulterated or pure democracy – and anyone who lives by such illusions need not go back to our history but need only look around at the national scene today. It is no land of full democracy that breeds the murderous lynching and race hatred of the South, the chauvinism of the North, the fascism and call to terror of American Action, the frenetic anti-labor crusades, the flouting of the people's will and needs in pricing and housing – this and a hundred more things. American democracy is not a thing achieved but rather a thing in motion (...)<sup>219</sup>.

Ao reconhecer a democracia americana como incompleta e em movimento, Fast demonstra a existência de uma luta do povo americano em torno da conquista de direitos democráticos que permanece em seu próprio tempo. Esta luta, como já citamos, é uma luta histórica, e, analisando brevemente os pilares da história recente dos Estados Unidos, Fast identifica a fonte de onde emana a literatura americana:

Then, like a bursting storm, America changed (...). With the gold in California, the West opened. The wheels of machines turned, and the contradiction of the South exploded into civil war.

Out of these struggles, a literature was born – a literature that rose and fell like a barometer measuring these struggles. The minor injustices which were the topics of the literary indignation of the past became themes of major tragedy in the industrial era. The working class organized and struggled like a half-born giant for its very life. Small business became big business – and big business became monopoly. America came of age and took her place in the world scene<sup>220</sup>.

É interessante considerarmos a citação acima também em função do recorte estabelecido no presente trabalho. Como vimos, Fast atribui o surgimento de uma literatura verdadeiramente americana ao desenvolvimento dos Estados Unidos enquanto nação, à sua consolidação como potência no cenário mundial, e às contradições que emergiram deste processo, a partir da luta do povo americano por direitos e por acesso à plena democracia. Não é casualidade, portanto, que justifiquemos a escolha das três obras, *The Last Frontier*,

---

<sup>219</sup> “De modo algum este é um país de democracia pura ou não adulterada – e qualquer um que viva sob tais ilusões não precisa se voltar para nossa história, mas apenas olhar para a cena nacional de hoje. Não é uma terra de democracia completa que gera o linchamento assassino e o ódio racial do Sul, o chauvinismo do Norte, o fascismo e chamada ao terror da *American Action*, as frenéticas cruzadas anti-trabalhistas, o desprezo à vontade popular e às necessidades em termos de preços e de habitação – isto e centenas de outras coisas. A democracia americana não é algo conquistado, mas algo em movimento (...)”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 279.

<sup>220</sup> “Então, como uma tempestade estourando, a América mudou (...). Com o ouro na Califórnia, o Oeste se abriu. As rodas das máquinas giraram, e a contradição do Sul explodiu em uma guerra civil. A partir destas lutas, uma literatura nasceu – uma literatura que subiu e desceu como um barômetro medindo estas lutas. As pequenas injustiças que eram os tópicos da indignação literária do passado se tornaram temas maiores de tragédia na era industrial. A classe trabalhadora se organizou e lutou por sua própria vida como um gigante nascendo. O pequeno negócio se tornou grande negócio – e o grande negócio se tornou monopólio. A América amadureceu e tomou seu lugar na cena mundial”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 281-282.

*Freedom Road* e *The Passion of Sacco and Vanzetti*, de modo semelhante. Com o objetivo de entrevermos as concepções do autor acerca da história americana, recorreremos aos três romances – que abordam episódios como a abertura do Oeste, as contradições do Sul e o pós-Guerra Civil, a organização da classe operária, as consequências destes processos e a luta do povo por liberdade e por direitos democráticos ao longo deles – justamente por considerarmos, como Fast, que tratam-se de períodos fundamentais para compreendermos a história dos Estados Unidos e sua construção como nação e sua consolidação como potência mundial.

Dessa forma, podemos entrever também neste artigo o comprometimento de Fast com os ideais americanos. Compreendendo a história americana como perpassada pela constante luta por liberdade e democracia, luta da qual se considerava participante ativo em seu tempo, Fast considera também que a própria literatura nacional emerge essencialmente a partir da luta por estes ideais e direitos. De fato, criticando os padrões literários e classificações estéticas de sua época, a partir de um viés materialista centrado na vida humana, que já analisamos anteriormente, Fast entende que “(...) good books do not arise from other books. They arise only from life – and here in America, historically and constantly, they arose from the democratic tradition that marked each stage of the people’s battle for freedom and a better life”<sup>221</sup>. Neste sentido, também a sua literatura buscava emanar a partir destes valores de liberdade e democracia próprios da tradição americana, inserindo-se na luta constante por sua conquista e disseminação.

Em suma, a partir destas considerações, podemos perceber um elemento de capital importância para o pensamento político e teórico de Howard Fast: uma profunda identificação e um comprometimento com os ideais basilares da nação americana, sobretudo os de liberdade, democracia e direitos individuais. Neste sentido, sua adesão aos conceitos do materialismo dialético e ao movimento comunista de modo algum representava uma contradição em relação ao seu americanismo, mas, ao contrário, estava intimamente relacionada à sua defesa destes ideais. De fato, para Fast, a via comunista representava a culminação dos ideais democráticos que estavam na base de seu pensamento; representava a melhor possibilidade para a sua real e radical concretização na sociedade americana.

---

<sup>221</sup> “(...) bons livros não surgem de outros livros. Eles apenas surgem da vida – e aqui na América, histórica e constantemente, eles surgiram da tradição democrática que marcou cada estágio da luta do povo por liberdade e por uma vida melhor”. Tradução minha. Ibid., p. 283.

## 2.5 Howard Fast e o engajamento antifascista

Tendo examinado as bases americanistas do pensamento político de Howard Fast, cabe-nos, neste momento, analisar mais um traço característico de seu pensamento social e teórico, que reflete de modo fundamental em suas obras literárias: um acentuado e militante posicionamento antifascista. Este elemento, que já transpareceu em diversos momentos e excertos que citamos ao longo desta análise dos seus principais pressupostos teóricos, origina-se justamente a partir da dupla matriz conceitual, que coexiste no universo intelectual de Fast. De fato, tanto o seu comprometimento e sua identificação com os ideais americanistas de liberdade e democracia, quanto a sua adesão aos pressupostos do materialismo dialético e ao movimento comunista estão intimamente relacionados à sua ativa e efetiva rejeição ao fascismo.

Neste sentido, pode-se dizer que a conjunção de uma vertente de pensamento de esquerda com os ideais democráticos clássicos dos Estados Unidos, direcionados para uma militância antifascista se efetivaram na trajetória pessoal de Fast por meio de seu engajamento no *Office of War Information*. Conforme o relato do próprio Fast em sua obra memorialística *Being Red*, o período entre dezembro de 1942 e fevereiro de 1944, no qual se envolveu no serviço ao OWI, foi fundamental para colocá-lo em contato com membros do Partido Comunista Americano, com as ideias e conceitos que circulavam em seu meio e, em última instância, foi essencial para sua adesão ao Partido em 1943. No entanto, o jovem Fast que ingressou no serviço do OWI já era alguém que desejava ardentemente combater o nazifascismo que se alastrava na Europa devido às suas próprias convicções. Sua vontade de participar concreta e ativamente da guerra contra o fascismo originava-se tanto de sua identificação com os valores americanos de liberdade e democracia, quanto de seu posicionamento de esquerda, que para ele significava a radicalização destes valores, e que se aprofundava cada vez mais ao longo da década de 1940. Em certo sentido, pode-se dizer que a identificação de Fast com os Aliados e contra o nazifascismo dava-se tanto pelo lado americano, quanto pelo soviético.

Como já mencionamos, este seu posicionamento antifascista expressava-se frequentemente em seus escritos, teóricos e literários. No artigo de 1945, *The Negro Finds His History*<sup>222</sup>, por exemplo, Fast situa brevemente a luta histórica dos negros americanos por direitos sociais e pelo reconhecimento de seu lugar na história, admitindo ao mesmo tempo os

---

<sup>222</sup> FAST, Howard. "The Negro Finds His History". In: *New Masses*, vol. 55, n. 7, 15/05/1945, p. 17.

avanços e limitações desta luta naquele tempo. Neste sentido, em um momento em que os trabalhadores negros começavam a reivindicar sua participação política, seu acesso aos direitos sociais e, particularmente, seu direito à história, Fast defende que esta história seja entendida a partir de um ponto de vista muito particular: “(...) a world frame of a terrible struggle against fascism and for democracy”<sup>223</sup>. Neste trecho, Fast insere a trajetória histórica dos negros americanos dentro da lógica geral que concebe para a história, a qual reúne as diversas faces de seu pensamento teórico: ela faz parte da grande luta histórica do homem por libertar-se (como via a partir dos conceitos materialistas marxistas) e por conquistar direitos democráticos (como via a partir de sua valorização dos ideais americanos), luta esta que é também, essencialmente, uma luta contra o fascismo.

Desta forma, de acordo com sua visão de mundo, Fast entendia ser seu papel, e papel de todos os escritores conscientes e engajados, inserir-se e tomar parte ativa na luta contra o fascismo de seu tempo, por meio de sua produção artística. Neste sentido, Fast identificava, por meio da atuação das forças reacionárias nos Estados Unidos, aquelas mesmas forças que compunham a vergonhosa tradição antidemocrática americana analisada no artigo *One Man's Heritage*, uma escalada do fascismo no país. Por sua vez, esta escalada manifestava-se de modo concreto, na ótica de Fast, por duas vias.

A primeira delas diz respeito à violência praticada contra a classe trabalhadora, contra os grupos sociais desfavorecidos e sem acesso à cidadania plena. Um caso exemplar é a descrição de Fast, em um artigo de 1946, intitulado *Four Brothers and You*<sup>224</sup>, da abordagem truculenta e preconceituosa de um policial branco a quatro irmãos negros, que terminou com a morte de dois deles e a absolvição do policial envolvido. Utilizando-se da arma do policial em questão que vitimou aos irmãos negros como metáfora para o fascismo, Fast alerta para o perigo que a normalização deste tipo de violência representa para a sociedade americana:

It will only be enough when we learn the nature of the gun. Consider the gun; consider its muzzle on, as it looked to those four brothers, as they stood with their backs to the wall.

(...) The same gun that stalked through Berlin in a brown uniform, then in a black one; the gun that punched holes in the heads of anti-fascists who lay in the concentration camps, too weak to rise; the gun that slashed the faces of Russian and Polish and French children and battered in their skulls; the gun that murdered and killed until the whole world was a slaughterhouse.

<sup>223</sup> “(...) um quadro global de uma terrível luta contra o fascismo e pela democracia”. Tradução minha. Ibid., p. 17.

<sup>224</sup> FAST, Howard. “Four Brothers and You”. In: *New Masses*, vol. 59, n.1, 02/04/1946, p. 6-7.

And today, the gun is in your own back yard<sup>225</sup>.

Como vemos, para Fast, a disseminação deste tipo de violência, que seguia acontecendo por todo país, era um indicativo perigoso de uma caminhada em direção ao fascismo, semelhante ao que se viveu na Alemanha nazista. O segundo elemento no qual Fast via uma guinada rumo ao fascismo na sociedade americana diz respeito à perseguição política ao movimento comunista e a seus membros empreendida pelos setores conservadores ligados ao macarthismo. Naturalmente, como o próprio Fast se viu alvo da perseguição macarthista aos intelectuais de esquerda, a denúncia à utilização de meios políticos e judiciais na “caça às bruxas” do comunismo como uma via fascista é bastante frequente e eloquente nos escritos políticos de Fast.

Em *Reveille For Writers*, por exemplo, Fast descreve a atuação do Comitê de Atividades Antiamericanas macarthista da seguinte forma: “(...) in Washington, a group of native fascists, styling themselves a 'Committee on Un-American Activities', traduce democracy, violate every ethic of decency, and lead an all-out attack on the constitutional rights of Americans”<sup>226</sup>.

De modo semelhante, em *No Man Can Be Silent*, Fast descreve um conjunto de políticas anticomunistas, por meio das quais ele enxergava o avanço do fascismo nos Estados Unidos:

And what do we see now? A congressman whose very name has become a shameful and international badge of iniquity and hatred proposes in Congress a bill which at one stroke would wipe out all our rights, all our hard-won freedom. And there are men who stay silent<sup>227</sup>.

A member of the Cabinet calls for the suppression of a political party which has worked tirelessly and unceasingly for civil rights and for the cause of labor and the

<sup>225</sup> “Só será suficiente quando conhecermos a natureza da arma. Considere a arma; considere-a de frente, como quando ela olhava para estes quatro irmãos, enquanto eles estavam com as costas para a parede.

(...) A mesma arma que espreitava por Berlim em um uniforme marrom, e então em um preto; a arma que abriu buracos nas cabeças dos antifascistas que jaziam nos campos de concentração, muito fracos para se erguerem; a arma que cortou as faces das crianças russas, polonesas e francesas e golpeou seus crânios; a arma que assassinou e matou até que o mundo todo fosse um matadouro.

E hoje, a arma está no seu próprio quintal”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 7.

<sup>226</sup> “(...) em Washington, um grupo de fascistas nativos, estilizando a si mesmos como um 'Comitê de Atividades Antiamericanas', traduz a democracia, viola toda ética da decência, e lidera um ataque total aos direitos constitucionais dos americanos”. Tradução minha. FAST, Howard. “Reveille for Writers”. In: *New Masses*, vol. 59, n. 4, 23/04/1946, p. 3.

<sup>227</sup> Fast faz referência aqui ao congressista democrata Howard Smith que propôs o chamado *Alien Registration Act*, mais conhecido como *Smith Act*, aprovado em 1940. Uma das leis mais representativas do período do macarthismo, o *Smith Act* criminalizava qualquer indivíduo ou organização que tivesse como objetivo derrubar o governo americano pela força e pela violência. Na prática, o *Smith Act* configurou um instrumento legal para respaldar a perseguição política a socialistas, comunistas e anarquistas nas décadas de 1940 e 1950. BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS. *Op. Cit.*, p. 755-756.



people. And some men say: after all it is not my party, and I will stay silent; perhaps they will forget me and leave me alone.

A President of this land calls for a world empire, for forcible intervention in any land which strikes our fancy, and implicit in his words is the threat of a war which could wipe out a hundred million or five hundred million human souls, a war against a former ally of ours – and the Congress listens to him and applauds him.

(...) The simple fact is this: that all we believe in and all we value is at stake<sup>228</sup>.

Em essência, a disseminação de uma agressiva política conservadora e imperialista nos Estados Unidos, envolvendo sua condenação da União Soviética e constante clima de tensão de Guerra Fria, a proscricção do Partido Comunista, e a perseguição a seus membros por meio do *Smith Act*, representava para Fast uma ameaça a tudo que os americanos mais prezavam: os ideais de democracia e liberdade, seus valores fundacionais. De fato, a predominância de uma vertente política reacionária e antidemocrática, que, como vimos, Fast também reconhecia ser parte da história americana, representava para ele não apenas uma rejeição e abandono dos ideais mais elevados da nação, mas também, justamente em função disto, uma perigosa e verdadeira guinada rumo ao fascismo.

Tal percepção é exposta por ele, também, em diversos textos escritos em protesto diante de situações de perseguição política que perpassaram a sua própria trajetória como intelectual ligado ao Partido Comunista. No artigo *An Open Letter to the American People*, de 1948, por exemplo, Fast critica o indiciamento dos membros da diretoria do *Joint Anti-Fascist Refugee Committee* (JAFRC), da qual fazia parte, e que estava sendo acusada de desacato ao Congresso, por se negar a informar à HUAC os nomes de contribuintes financeiros para a construção de hospitais para atender às vítimas da luta contra o fascismo durante a Guerra Civil Espanhola. Para Fast, estava muito claro que o processo que se instaurava contra os onze diretores da JAFRC, incluindo ele próprio, se dava primeiramente em função de eles serem antifascistas: “(...) anti-fascism becomes a crime under the law of the land”<sup>229</sup>. Mais do que

<sup>228</sup> “O que vemos agora? Um congressista, cujo nome se tornou uma vergonhosa e internacional marca de iniquidade e ódio, propõe no Congresso uma lei que de uma só vez iria apagar todos nossos direitos, toda nossa duramente conquistada liberdade. E há homens que ficam em silêncio.

Um membro do Gabinete clama pela supressão de um partido político que trabalhou incansável e incessantemente pelos direitos civis e pela causa do trabalho e do povo. E alguns homens dizem: afinal de contas não é o meu partido, e eu ficarem em silêncio; talvez eles esqueçam de mim e me deixem em paz.

Um presidente desta terra clama por um império mundial, por intervenção forçada em qualquer terra que bem entendermos, e implícita em suas palavras está a ameaça de uma guerra que poderia eliminar cem milhões ou quinhentos milhões de vidas humanas, uma guerra contra um antigo aliado nosso – e o Congresso o escuta e o aplaude.

O simples fato é este: tudo em que acreditamos e que valorizamos está em jogo”. Tradução minha. FAST, Howard. “No Man Can Be Silent”. In: *New Masses*, vol. 62, n. 13, 25/03/1947, p. 12.

<sup>229</sup> “(...) antifascismo se torna um crime sob a lei desta terra”. Tradução minha. FAST, Howard. “An Open Letter to the American People”. In: *Masses & Mainstream*, vol. 1, n. 5, julho/1948, contracapa.

isto, seu indiciamento representava um passo efetivo em direção ao fascismo na sociedade americana: “(...) for this is a long step toward the beginning of the awful night, that terrible and inhuman night which has descended upon so many nations, and which men call *fascism*”<sup>230</sup>.

Do mesmo modo, no artigo de 1950, *Howard Fast: On Going to Prison*<sup>231</sup>, escrito em protesto pela sua sentença à prisão, Fast considera-se manifestamente como um preso político, e enxerga na sua condenação judicial um sinal claro da transformação dos Estados Unidos em um estado policial, do declínio da democracia americana, e da conversão de suas instituições em instrumentos do fascismo:

There are many statements by men going to prison in America these days, for the political prisoner is no longer singular; but rather a manifestation of these times, of the cold-war terror, of the transition of the free and beautiful land we still remember into a police state. And the virtues with which we grew to manhood, the tradition and rights of our democratic past, are now being replaced with the ethics of the stool-pigeon and informer. The courts have become open and unashamed instruments of fascism, and the very word “justice” rings hollow in today’s America<sup>232</sup>.

De fato, para ele, a HUAC, a quem se refere ironicamente como o “Comitê Antiamericano”, como “(...) this mean and miserable committee of fascist-minded men”<sup>233</sup>, é o grande símbolo institucional do abandono dos valores democráticos tradicionais e da promoção do fascismo na sociedade americana:

What have we become, here in America that after so many of our brothers and sons have died in the struggle against fascism, we should allow a little group of evil men to impose fascism upon us and make our proud name a vile thing in the lips of all men of good will?<sup>234</sup>

---

<sup>230</sup> “(...) pois isto é um longo passo em direção ao começo da horrível noite, aquela terrível e desumana noite que descendeu sobre tantas nações, e que os homens chamam de *fascismo*”. Tradução minha. Ibid., contracapa.

<sup>231</sup> FAST, Howard. “Howard Fast: On Going to Prison”. In: *Daily Worker*, 05/06/1950.

<sup>232</sup> “Há muitas declarações feitas por homens indo para a prisão na América nestes dias, pois o prisioneiro político não é mais algo singular; mas ao contrário uma manifestação destes tempos, do terror da Guerra Fria, da transição desta livre e bela terra que ainda lembramos para um estado policial. E as virtudes com as quais crescemos, as tradições e direitos do nosso passado democrático, estão agora sendo substituídas com a ética do alcaguete e do informante. As cortes se tornaram instrumentos abertos e desavergonhados do fascismo, e a própria palavra “justiça” soa vazia na América de hoje”. Ibid., s/p. Tradução minha.

<sup>233</sup> “(...) este mesquinho e miserável comitê de homens com uma mentalidade fascista”. Tradução minha. Ibid., s/p.

<sup>234</sup> “O que nos tornamos aqui na América para que, depois de que tantos de nossos irmãos e filhos morreram na luta contra o fascismo, nós devamos permitir que um pequeno grupo de homens maus nos imponha o fascismo e torne nosso orgulhoso nome uma coisa vil nos lábios de todos os homens de boa vontade?”. Tradução minha. Ibid., s/p.

Outro incidente no qual Fast identificava um evidente sinal da escalada do fascismo na sociedade americana foi o episódio de Peekskill em 1949<sup>235</sup>. No final de agosto deste ano, a organização *Civil Rights Congress*, que militava em favor dos direitos civis daqueles perseguidos pelo anticomunismo macarthista, decidiu promover um concerto beneficente<sup>236</sup> na região de Peekskill, no estado de Nova York. A atração principal do concerto seria o cantor negro Paul Robeson<sup>237</sup>, amigo pessoal de Howard Fast, além de outros músicos de renome como Woody Guthrie e Pete Seeger<sup>238</sup>. Fast, que havia alugado uma casa nas proximidades, onde estava passando tempo com seus filhos pequenos e empenhado na escrita de *Literature and Reality*, foi convidado e aceitou ser o mestre de cerimônias do concerto. No entanto, o evento marcado para o dia 27 de agosto não chegou a ser realizado. Instigada pela imprensa local e pela *American Legion*, organização de veteranos de guerra americanos de caráter conservador, uma multidão se reuniu em frente ao local do evento, em um protesto de tom marcadamente anticomunista, racista e antisemita, impedindo a chegada da maior parte dos organizadores e do público. Armados com pedras, paus e facas, a multidão atacou violentamente aqueles que haviam chegado cedo ao local do concerto – inclusive o próprio Fast, que organizou a defesa dos que ali estavam – resultando em um grande número de feridos.

Em uma segunda tentativa, no dia 4 de setembro, o concerto acabou sendo realizado, mas não sem nova resistência da multidão conservadora. Apesar de uma maior segurança ter sido organizada, inclusive com respaldo policial, homens armados com rifles foram avistados em uma colina próxima. Temendo pela vida de Paul Robeson, o principal alvo dos protestos

---

<sup>235</sup> Fast escreveu um relato do episódio de Peekskill no livro FAST, Howard. *Peekskill USA: Inside the Infamous 1949 Riots*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon]. Uma descrição geral dos acontecimentos também pode ser encontrada na biografia de Fast escrita por Sorin, *Op. Cit.*, p. 181-188.

<sup>236</sup> A renda do concerto seria em prol, especificamente, da defesa de onze líderes comunistas que iriam a julgamento, acusados pelo *Smith Act*, e do chamado *Trenton Six*, seis jovens afro-americanos acusados de assassinato e condenados por um júri composto unicamente por brancos. *Ibid.*, p. 182.

<sup>237</sup> Paul Leroy Robeson (1898-1976) foi um cantor e ator afro-americano, conhecido por sua militância política em favor do movimento trabalhista, dos direitos civis, contra o linchamento de negros nos Estados Unidos e pela sua simpatia à União Soviética e ao movimento comunista. Por seu posicionamento político, Robeson foi investigado pelo FBI e pela HUAC durante o período do macarthismo e teve seu nome incluído na *blacklist*, dificultando sua atuação no meio cultural na década de 1950. BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS. *Op. Cit.*, p. 700-701.

<sup>238</sup> Woody Guthrie (1912-1967) foi um dos principais nomes da música *folk* dos Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1950, conhecido pelas suas canções de protesto e por seu posicionamento pacifista, antifascista (frequentemente se apresentava com o slogan “This machine kills fascists” afixado em seu violão) e sua simpatia ao movimento comunista. De modo semelhante, Pete Seeger (1919-2014) foi também um dos maiores nomes do *folk* e da música de protesto americana ao longo do século XX, envolvido em diversas causas de ativismo social, como o movimento dos Direitos Civis, a oposição ao armamentismo e à Guerra do Vietnam e a defesa de causas ambientalistas, tendo inclusive sido ligado ao Partido Comunista Americano no início da década de 1940 e perseguido pelo macarthismo nos anos 1950. *Ibid.*, p. 230-232, 283-284, 738-739.

por ser negro e ligado ao movimento comunista, Fast e outros catorze voluntários fizeram um escudo humano em torno do cantor enquanto ele se apresentava. Além disso, novos episódios de violência ocorreram na saída do concerto, com uma multidão armada com pedras danificando carros, ônibus e ferindo cerca de 150 pessoas<sup>239</sup>.

Todos estes episódios configuravam, para Fast, um sintoma claro do avanço do fascismo no país. De fato, na obra *Peekskill USA*, publicada em 1951, onde descreve os acontecimentos de Peekskill, Fast reiteradamente chama os agressores de fascistas e afirma que “(...) *fascist* is the only correct, scientific term for them, whether they called themselves legionnaires, veterans, patriots or what you will (...)”<sup>240</sup>. Resumindo todo episódio como “the first great open manifestation of American fascism (...)”<sup>241</sup> e “(...) an important step in the preparation for the fascization of America and for the creation of receptive soil for the promulgation of World War III”<sup>242</sup>, Fast acreditava que efetivamente havia uma escalada do fascismo no país, e que este movimento serviria para contribuir com a deflagração de uma guerra mundial contra o comunismo e a União Soviética. Para além dos episódios de violência, carregados de antissemitismo e anticomunismo, presenciados por Fast em Peekskill, sua convicção de que o fascismo avançava sobre a sociedade americana é respaldada, de acordo com ele, pelos próprios acontecimentos desde então:

Since then the McCarran Act<sup>243</sup> has legalized the police state in America, and the creeping rot of fascism is infesting the country. Since then, the Korean war – and the immense war propaganda which accompanies it – has put severe penalties upon any form of protest or dissent, and thousands of “liberals” and “progressives” have run for cover. At the time of *Peekskill*, there was almost no political prisoner in American jails; today there are a great many. At the time of *Peekskill*, the leaders of the Communist Party of the United States were on trial; since then they have been found guilty and the Communist Party has been placed under indictment by the McCarran Act. At the time of *Peekskill*, mass deportation of aliens had not yet begun nor was the concentration camp at Ellis Island in operation as it is today. At the time of *Peekskill*, this was not wholly a land of loyalty oaths, witch hunts, and terror for all who might hate war and love peace and democracy. At the time of

<sup>239</sup> SORIN. *Op. Cit.*, p. 185-186.

<sup>240</sup> “(...) *fascista* é o único termo científico e correto para eles, quer eles se chamassem de legionários, veteranos, patriotas ou o que for (...)”. Tradução minha. FAST, Howard. *Peekskill USA: Inside the Infamous 1949 Riots*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 1296-1303.

<sup>241</sup> “a primeira grande manifestação aberta do fascismo americano (...)”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 8.

<sup>242</sup> “(...) um importante passo na preparação para a fascistização da América e para a criação de um solo receptivo para a promulgação da Terceira Guerra Mundial”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1311.

<sup>243</sup> O *McCarran Act*, ou *Subversive Activities Control Act*, de 1950, foi uma lei proposta pelo senador democrata e anticomunista Pat McCarran, e promulgada pelo Congresso americano, se sobrepondo ao veto do presidente Harry Truman, que determinava: a obrigatoriedade de organizações comunistas de se registrarem junto ao governo; a criação de um conselho para investigar cidadãos suspeitos de envolvimento em atividades subversivas; e dava ao presidente o poder de deter pessoas que tinham uma “razoável probabilidade” de se envolver em atividades de conspiração ou espionagem. Uma das principais leis do período macarthista, ela previa a perda de direitos individuais aos “subversivos”, incluindo a limitação a sair ou entrar no país, a perda da cidadania e a extradição para os estrangeiros. BUHLE; BUHLE; GEROGAKAS. *Op. Cit.*, p. 5, 931.

*Peekskill*, the plan to divide and betray the American labor movement had not yet been brought to fruition<sup>244</sup>.

Neste mesmo contexto, cabe ainda citarmos a análise empreendida por Fast diante da condenação de Julius e Ethel Rosenberg, casal de origem judaica, notoriamente acusados de serem espiões soviéticos e executados na cadeira elétrica em 1953<sup>245</sup>. Um ano antes de sua execução, no artigo *Save the Rosenbergs!*<sup>246</sup>, Fast faz um apelo não apenas pela vida do casal e pela suspensão da pena de morte, mas pela sua própria inocência. Identificando no processo carregado de irregularidades judiciais do caso Rosenberg um reflexo do antissemitismo da sociedade americana, Fast sugestivamente chama atenção para a presença deste mesmo traço na sociedade alemã que engendrou o nazismo:

Are the Jewish people in America so blind, so forgetful, so dulled to the meaning of history that they themselves will not ask certain questions? (...) Can they avoid asking why the first peace-time death sentence for espionage in all the history of the United States was reserved for these two people who are Jews? Can they avoid asking why this death sentence was pronounced for an alleged espionage in favor of a country which was not only our ally in the Second World War, but to the valor of whose troops thousands and thousands of American soldiers owe their very lives?

If American Jews cannot and do not ask these questions, if they are willing to accept with all its hideous implications this terrible judicial murder of two innocent, brave, and good people, then indeed one can only hang one's head with shame and look into the future with fear and misgiving. For it would mean that the great mass of the Jewish people in America have chosen supinely to accept the fate which fascism historically reserves for Jewish people everywhere, and which has been shared by Jews wherever fascism triumphed.

(...)

<sup>244</sup> “Desde então o McCarran Act legalizou o estado de polícia na América, e a furtiva podridão do fascismo está infestando o país. Desde então, a Guerra da Coreia – e a imensa propaganda de guerra que a acompanha – impôs severas penalidades sobre qualquer forma de protesto ou dissidência, e milhares de ‘liberais’ e ‘progressistas’ fugiram a procura de abrigo. Na época de *Peekskill*, quase não havia presos políticos nas cadeias americanas; hoje existem muitos. Na época de *Peekskill*, os líderes do Partido Comunista dos Estados Unidos estavam sendo julgados; desde então eles foram considerados culpados e o Partido Comunista foi indiciado pelo McCarran Act. Na época de *Peekskill*, a deportação em massa de estrangeiros ainda não havia começado nem o campo de concentração em Ellis Island estava em operação como hoje. Na época de *Peekskill*, esta não era totalmente uma terra de juramentos de lealdade, caça às bruxas, e terror para todo aquele que odeie a guerra e ame a paz e a democracia. Na época de *Peekskill*, o plano para dividir e trair o movimento trabalhista americano não havia ainda sido colocado em ação”. Tradução minha. FAST, Howard. *Peekskill USA: Inside the Infamous 1949 Riots*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 1269-1273.

<sup>245</sup> Este processo ficou conhecido como o caso Rosenberg e gerou grande comoção mundial, com vários apelos de clemência e denúncias de irregularidades no processo, principalmente por parte de intelectuais e artistas ligados ao movimento comunista e da comunidade judaica mundial (ainda que nos Estados Unidos esta tivesse ficado dividida em relação ao caso). Muitos, como o próprio Fast, estavam convictos de sua inocência. No entanto, a abertura de arquivos secretos relacionados à Guerra Fria em 1995 revelou que, de fato, Julius Rosenberg foi um espião soviético e que sua mulher Ethel tinha conhecimento e foi cúmplice de algumas de suas atividades. De todo modo, seu processo foi efetivamente repleto de controvérsias judiciais e sua execução exemplar, um reflexo do clima anticomunista do macarthismo. BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS. *Op. Cit.*, p. 703-706.

<sup>246</sup> FAST, Howard. “Save the Rosenbergs!”. In: *Masses & Mainstream*, Abril/1952, p. 48-50.

In a special way, the Rosenberg case defines the epoch we live in. Through the Rosenberg case the Truman administration squarely and undisguisedly uses the death penalty for those who stand in opposition to it. More subtly, perhaps, than Adolph Hitler proceeded, more cleverly, perhaps, but with the same tactic, the Truman administration seeks to inflame anti-Semitism.

I do not say that this is Germany in 1933. This is America in 1952, and for that very reason the masses of American people still have both the time and the strength to say, "Ethel and Julius Rosenberg must not and shall not die!"<sup>247</sup>.

Aproveitando para criticar o antagonismo dos Estados Unidos com seus antigos aliados soviéticos, que foram fundamentais para a derrocada do fascismo na Europa, Fast condena as táticas políticas da administração Truman que, para ele, explícita e diretamente, se aproximam de uma política fascista, na medida em que promovem o antissemitismo e a eliminação, exemplar e efetiva, de seus adversários políticos, por meio de meios legais eivados de irregularidades.

Como pudemos observar por meio dos exemplos citados, o pensamento político de Fast é permeado por um ferrenho antifascismo. Este seu posicionamento se manifesta de modo mais rígido, talvez, em um de seus primeiros artigos escritos para o periódico *New Masses*, intitulado *Free Speech for Fascists?*<sup>248</sup>. Este texto foi escrito por Fast a pedido da revista, que convidou diversas figuras públicas e intelectuais a debaterem a questão da legitimidade da supressão do direito de fala de fascistas nos Estados Unidos – questão que surgiu da polêmica entre Alexander Meiklejohn<sup>249</sup>, um dos principais defensores das

---

<sup>247</sup> “O povo judeu da América é tão esquecido, tão cego ao significado da história que eles não irão se fazer certas perguntas? (...) Eles podem evitar se perguntar por que a primeira sentença de morte por espionagem em tempo de paz de toda história dos Estados Unidos foi reservada para estas duas pessoas que são judias? Eles podem evitar se perguntar por que esta sentença de morte foi pronunciada por uma suposta espionagem em favor de um país que não apenas foi nosso aliado na Segunda Guerra Mundial, mas também que ao valor de cujas tropas milhares e milhares de soldados americanos devem suas vidas?

Se os judeus americanos não puderem e não se fizerem estas questões, se eles estiverem dispostos a aceitar com todas suas hediondas implicações este terrível assassinato judicial de duas inocentes, bravas e boas pessoas, então de fato só se pode abaixar a cabeça com vergonha e olhar para o futuro com medo e apreensão. Pois isso significaria que a grande massa do povo judeu na América supostamente escolheu aceitar o destino que o fascismo historicamente reserva para o povo judeu em toda parte, e que tem sido compartilhado pelos judeus onde quer que o fascismo triunfou.

(...) De um modo especial, o caso Rosenberg define a época em que vivemos. Através do caso Rosenberg a administração Truman de forma direta e sem disfarces usa a pena de morte para aqueles que se opõem a ela. Mais sutilmente, talvez, do que procedeu Adolf Hitler, mais astutamente, talvez, mas com a mesma tática, a administração Truman procura inflamar o antissemitismo.

Eu não digo que isto é a Alemanha em 1933. Isto é a América em 1952, e por esta mesma razão as massas do povo americano ainda têm tanto tempo como força para dizer, “Ethel e Julius Rosenberg não devem e não irão morrer!”. Tradução minha. Ibid., p. 49-50.

<sup>248</sup> FAST, Howard. “Free Speech for Fascists?”. In: *New Masses*, 11/01/1944, p. 18.

<sup>249</sup> Alexander Meiklejohn (1872-1964) foi um filósofo americano, professor da Brown University, e um dos mais ardentes defensores da Primeira Emenda e da liberdade de expressão como um pilar essencial da democracia americana. BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS. *Op. Cit.*, p. 873.

liberdades individuais garantidas pela Primeira Emenda, e o diretor do Partido Comunista Americano, Earl Browder<sup>250</sup>, publicada pelo próprio *New Masses* em dezembro de 1943.

Browder defendia um combate total e implacável ao fascismo, compreendido como a grande ameaça mundial à liberdade, ao progresso e à democracia, inclusive por meio da supressão da liberdade de expressão dos fascistas americanos que, para Browder, usavam seus direitos para promover o racismo, o antissemitismo, para atacar a democracia, e para incitar à violência. Meiklejohn, ao contrário, criticava duramente o posicionamento de Browder e dos comunistas americanos, afirmando que uma mentalidade de guerra – que, cabe lembrar, ainda se desenrolava na Europa – os havia tornado hostis aos direitos individuais e liberdades constitucionais asseguradas pela Primeira Emenda<sup>251</sup>. De certa forma, tal posicionamento de Meiklejohn prefigurava a acusação de antiamericanos e, em última análise, antidemocráticos, dirigida aos comunistas no pós-guerra, particularmente durante o período do macarthismo.

A postura de Fast em relação a este debate se aproxima claramente da apresentada por Browder. Porém, a sua defesa da restrição da liberdade de expressão dos fascistas está ancorada nos próprios princípios democráticos americanos, nos próprios direitos civis garantidos pelo Bill of Rights:

Are we to defend to the death Adolf Hitler's right to promulgate his vicious race theories? Are we to defend to the death the right of all other fascists, native and foreign, to mouth their lies, their attacks upon democracy? Is it inherent in democracy that it must, for the sake of a vague and mystical ideal, give its enemies a legal opportunity to destroy it?

I don't think so. Article I of the Bill of Rights states: "Congress shall make no law abridging the freedom of speech or of the press". Such is the guarantee of free speech, as written into the Constitution of the United States; but, obviously, as represented through a century and a half of practice, this guarantee is interpreted to operate as a defense of that democracy which is defined by the Constitution. And such was its original conception – free speech as a weapon to forge and uphold the republic.

But let it be noted that again and again, during times of crisis in American history, when free speech was used as a weapon to destroy American democracy, such free speech was ruthlessly proscribed<sup>252</sup>.

<sup>250</sup> Earl Browder (1891-1973) foi um ativista político americano ligado ao movimento comunista, tendo sido diretor do Partido Comunista Americano entre 1934 e 1945. Acabou sendo retirado da liderança do PC acusado de adotar uma postura revisionista, descentralizada, emanando das raízes americanas – desvio da ortodoxia partidária que foi chamado de "*Browderism*". Foi substituído por William Z. Foster (1881-1961), que conduziu uma linha partidária mais afinada com as diretrizes vindas de Moscou. Ibid. p. 109-110, 237-238.

<sup>251</sup> FAST, Howard. "Free Speech for Fascists?". In: *New Masses*, 11/01/1944, p. 18.

<sup>252</sup> "Devemos defender até a morte o direito de Adolf Hitler de promulgar suas perversas teorias raciais? Devemos defender até a morte o direito de todos os outros fascistas, nativos e estrangeiros, de proferir suas mentiras, seus ataques à democracia? É inerente à democracia que ela deva, em nome de um vago e místico ideal, dar a seus inimigos a oportunidade legal de destruí-la?"

Gerald Sorin, como vimos, critica severamente esta postura. Em diversos momentos da trajetória política e intelectual de Fast, Sorin o acusa de ter um pensamento ou comportamento antidemocrático, contrário aos princípios de liberdade individual e direitos civis americanos. No trecho que citamos acima, no entanto, percebemos claramente que a defesa da democracia é a principal preocupação de Fast. Inclusive a sustentação de um argumento que seria, em princípio, considerado antidemocrático, como a defesa da supressão da liberdade de expressão de determinada parte da população, se dá por meio da referência ao documento mais basilar da ideia de liberdades individuais e de democracia americana.

Neste sentido, não se pode dizer que Fast abandona a luta pela defesa dos direitos civis e democráticos, tal como o acusa Sorin. É necessário ter uma maior clareza acerca do contexto histórico da época, bem como dos princípios que compunham o pensamento político e teórico de Fast no período. O julgamento apresentado por Sorin frequentemente parece mais resultado de suas próprias concepções acerca do comunismo, da esquerda, e das questões que se colocavam na época, do que uma análise dos elementos históricos do pensamento de Fast. Como vimos, uma parte significativa do universo conceitual de Howard Fast provém justamente de uma base americanista, centrada na valorização dos ideais de liberdade e democracia. Seu próprio envolvimento no movimento comunista e seu ferrenho posicionamento antifascista derivam, de certo modo, de uma radicalização desta base americanista. Dessa forma, independentemente de como responderíamos à questão da liberdade de expressão devida aos fascistas que se colocava para Fast, cabe-nos compreender que seu posicionamento, que aos olhos modernos pode parecer contraditório e antidemocrático, provém justamente de uma radicalização de seu ideal de defesa da democracia diante da ameaça fascista.

Diante deste contraponto que propomos à análise empreendida por Sorin, é preciso ainda chamarmos atenção para o fato de que os trechos citados nesta seção que evidenciam o posicionamento antifascista de Fast referem-se a dois momentos distintos. O primeiro deles diz respeito ao período de avanço do fascismo pela Europa e da Segunda Guerra Mundial, onde, diante da ameaça real e evidente de que a sombra do fascismo se alastrasse pelo mundo,

---

Eu penso que não. O artigo I do *Bill of Rights* declara: 'O Congresso não fará qualquer lei restringindo a liberdade de expressão ou de imprensa'. Tal é a garantia da liberdade de expressão, conforme está escrita na Constituição dos Estados Unidos; mas, obviamente, como representado através de um século e meio de prática, esta garantia é interpretada para operar como uma defesa daquela democracia que é definida pela Constituição. E tal foi sua concepção original – liberdade de expressão como uma arma para forjar e defender a república. Mas note-se que repetidamente, durante tempos de crise na história americana, quando a liberdade de expressão foi usada como uma arma para destruir a democracia americana, tal liberdade de expressão foi impiedosamente proscrita”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 18.



Fast buscou combatê-lo ativamente por meio de suas palavras e do seu engajamento no OWI. Já o segundo refere-se ao período que vai do final da década de 1940 até o seu desligamento efetivo do Partido Comunista em 1957, onde a perseguição anticomunista do macarthismo, levada a cabo por meios legais, sociais e culturais, aliada à continuidade da segregação e violência racial, fizeram com que Fast estivesse convicto da disseminação do fascismo no país, chegando a sugerir a existência de um processo de fascistização dos Estados Unidos. Dificilmente poderíamos respaldar historicamente a concepção de Fast de que a sociedade americana vivia efetivamente um processo de fascistização. Porém, tampouco fazemos como Sorin que atribui esta interpretação a uma “miopia do comunismo americano” – título, aliás, de um dos capítulos de sua obra – afirmando ironicamente que ao invés de buscar produzir uma literatura de qualidade, “(...) Fast cast his pen into a long jousting spear with which he continued to tilt at the windmill of American fascism”<sup>253</sup>. Ao contrário, devemos buscar perceber que, tanto a violência e o preconceito racial contra negros e judeus persistentes na sociedade americana, quanto a perseguição política por ele vivenciada sob o macarthismo, configuravam para Fast a emergência de forças eminentemente antidemocráticas nos Estados Unidos, sinalizando uma proximidade assustadora em relação ao processo de surgimento do fascismo na Europa, ainda muito recente. Certamente que esta percepção da escalada do fascismo americano foi influenciada por sua adesão aos conceitos e ao movimento comunista. No entanto, ela não está tão dissociada da realidade como Sorin nos apresenta, visto que efetivamente diversas forças reacionárias, conservadoras e que ameaçavam a liberdade e a democracia – as quais, como o próprio Fast analisou, faziam também parte de uma tradição política americana – manifestavam-se de modo significativo naquele momento.

## 2.6 O radicalismo secular judaico

Por fim, cabe mencionarmos, ainda que brevemente, a inserção de Howard Fast em uma tradição de artistas, escritores e intelectuais de origem judaica, envolvidos na luta por justiça social, muitos dos quais engajados com o ideário de esquerda e com o movimento comunista.

---

<sup>253</sup> “(...) Fast transformou sua caneta em uma longa lança de justa, com a qual continuou a atacar o moinho do fascismo americano”. Tradução minha. SORIN, *Op. Cit.*, p. 188.

Apesar de ter escrito alguns livros de temática judaica ao longo de sua carreira, como *The Jews, Story of a People* (1968)<sup>254</sup> e os já citados *My Glorious Brothers* (1948) e *Moses, Prince of Egypt* (1958), Fast nunca teve uma relação muito íntima com o judaísmo enquanto religião. De fato, desde sua infância, sua relação identitária com o judaísmo se dava mais a partir de uma matriz étnica, em função do preconceito sofrido, devido à persistência do antissemitismo na sociedade americana. Com efeito, em *Being Red*, Fast chega a relatar os diversos xingamentos dirigidos a ele e seu irmão mais velho, por parte das crianças de origem italiana e irlandesa de seu bairro, inclusive a acusação de serem responsáveis pela morte de Cristo<sup>255</sup>. Por outro lado, o núcleo familiar de Fast nunca cultivou durante sua infância a tradição ou a cultura judaica, de modo que a sua percepção de ser judeu aflorou mais tardiamente, justamente quando foi confrontado com o preconceito e a hostilidade à sua origem nas ruas de Nova York:

The Jewish matter was doubly confusing, for until my mother died, I had no sense of being Jewish. We were not an Orthodox family; we belonged to no temple, observed none of the kosher laws; and since my father loved bacon and seafood, both forbidden to Orthodox Jews, I had only the vaguest notion that such laws existed. Also, the accusation that I was personally responsible for the death of Jesus Christ was not simply confusing but harrowing<sup>256</sup>.

De fato, o estranhamento de Fast para com boa parte das tradições judaicas ainda permanecia durante o início de sua vida adulta, como o seu desconhecimento do iídiche, idioma de importância fundamental para a identidade judaica, conforme na situação relatada por ele ao começar a trabalhar em uma fábrica de operários predominantemente judeus, antes de despontar na sua carreira como escritor:

The factory where I did my eight or nine hours of survival work each day had a solidly Jewish immigrant working force – cutters, machine operators, everyone – and the chatter and gossip that never stopped were carried on in Yiddish. On my first day there, when I had to have orders translated, they named me the *goy*, Yiddish for Gentile<sup>257</sup>.

<sup>254</sup> FAST, Howard. *The Jews, Story of a People*. New York: Open Road Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

<sup>255</sup> Além dos xingamentos comuns, havia aqueles que se referiam diretamente à identidade judaica: “*kike, sheeny, dirty Jew, Jew bastard*”. FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, p. 34.

<sup>256</sup> “A questão judaica era duplamente confusa, pois até minha mãe morrer, eu não tinha nenhuma noção de que era judeu. Nós não éramos uma família ortodoxa; nós não pertencíamos a nenhum templo, não observávamos nenhuma das leis kosher; e como meu pai amava bacon e frutos do mar, ambos proibidos para os judeus ortodoxos, eu tinha apenas a mais vaga noção de que tais leis existiam. Além disso, a acusação de que eu era pessoalmente responsável pela morte de Jesus Cristo era não apenas confusa, mas angustiante”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 34.

<sup>257</sup> “A fábrica onde eu realizava minhas oito ou nove horas diárias de trabalho para sobreviver tinha uma sólida força de trabalho de imigrantes judeus – cortadores, operadores de máquinas, todos – e a conversa e fofoca que nunca parava era conduzida em iídiche. No meu primeiro dia lá, quando precisei ter minhas ordens traduzidas, eles me apelidaram de *goy*, iídiche para gentio”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 64.

Mesmo ao pedir um cigarro no ambiente de trabalho, para saciar o novo hábito de fumar que adquiriu na sua tentativa de levar adiante seus projetos literários durante a noite, Fast esbarrava no entrave linguístico:

(...) And since I never smoked more than two or three cigarettes during work time, and since practically everyone in the factory smoked, I could always find a butt. But only if I asked for it in Yiddish, and thereby my first Yiddish word was *papyrus*, Yiddish for cigarette. Whatever my question, the workers would fling back at me, “*Freg mir in Yiddish*” (Ask me in Yiddish)<sup>258</sup>.

No entanto, a partir dos primeiros anos de sua trajetória como escritor, sua identidade passou progressivamente a se articular em função da percepção de uma herança universalista judaica e da secularização de seus princípios de promover a justiça e melhorar o mundo, relacionando-se, assim, com suas crescentes inclinações políticas à esquerda<sup>259</sup>.

Por própria admissão de Fast, seu primeiro despertar para uma identidade judaica, universalista e secular, se deu em 1940, quando, ainda despontando no cenário literário americano, foi convidado pela *Hebrew Publishing Company* a escrever uma breve história do povo judeu destinada ao público juvenil. Na ocasião, reconhecendo sua ignorância em relação ao tema, Fast foi presenteado pela editora com um grande número de obras sobre história judaica, à sua escolha, para que pudesse pesquisar para a escrita do livro encomendado. A partir da leitura desta seleção bibliográfica e dos relatos da perseguição aos judeus na Europa pelo nazismo é que se desenvolve em Fast a consciência de seu judaísmo:

“My reading”, Fast remembered, “was in concert with the ... stories of Nazi atrocities that [were in some] ... newspapers of the time”. This confluence of events “converted [me] to Judaism”, Fast said, “not as a religion, but as an incredible heritage that moved through time and history almost like a measuring gauge of man’s civilization”<sup>260</sup>.

Esta identificação com o judaísmo, não como religião, mas como esta grande herança universal e secular não foi algo restrito a Fast, mas sim um fenômeno social compartilhado por vários judeus americanos – particularmente, nova-iorquinos – compondo assim uma importante tradição judaica de radicalismo secular. De fato, muitos destes judeus, em grande

<sup>258</sup> “(...) E como eu nunca fumava mais de dois ou três cigarros durante o horário de trabalho, e como praticamente todo mundo na fábrica fumava, eu sempre conseguia encontrar uma ponta. Mas só se eu pedisse em ídiche, e, portanto, minha primeira palavra em ídiche foi *papyrus*. Ídiche para cigarro. Qualquer que fosse minha pergunta, os trabalhadores me respondiam, ‘*Freg mir in Yiddish*’ (Pergunte-me em ídiche)”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 65.

<sup>259</sup> SORIN, *Op. Cit.*, p. 36.

<sup>260</sup> “‘Minha leitura’, lembrou Fast, ‘estava de acordo com as... histórias das atrocidades nazistas que [estavam em alguns] ... jornais da época’. Esta confluência de eventos ‘[me] converteu ao judaísmo’, disse Fast, ‘não como uma religião, mas como uma incrível herança que se moveu através do tempo e da história, quase como um medidor da civilização humana’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 37.

parte intelectuais e artistas, desenvolveram ou ampliaram suas inclinações políticas de esquerda, radicais, por meio de sua própria identidade judaica. No caso de Fast, ela contribuiu de modo importante para sua aproximação com o movimento comunista:

Though the Communist movement did not always live up to its own exhortations, its progressive ideology and its celebration of universalism were attractive to Jews who were moving away from the faith of their more traditional parents, even as the injunctions of the Hebrew prophets continued to inform their changing belief-systems. Communist organizations also afforded Jews an opportunity to teach and write, and to interact generally with non-Jews. This openness contrasted sharply in the 1930s with Jewish exclusion from many professions in an economically depressed and increasingly antisemitic American society.

Jews were also disproportionately attracted to the culture of writers, artists, composers, actors, directors, screenwriters and the like. (...). The large number of Communists, and Jewish Communists at that, in these areas often played an important role for young aspiring Jews, especially those like twenty-nine-year-old Fast, already possessing of left-leanings. They helped make Communism respectable, acceptable, certainly something to be taken seriously, and as Fast had witnessed, even glamorous<sup>261</sup>.

Logicamente, este processo não foi vivido pela totalidade da comunidade judaica americana; uma boa parte dela permaneceu do lado oposto do espectro político, profundamente conservadora e anticomunista. Um episódio descrito na análise de Sorin é útil tanto para entrevermos esta polarização, quanto para visualizarmos o modo como Fast e outros judeus envolvidos nesta tradição de radicalismo secular articulavam seu posicionamento político com sua identidade étnico-religiosa. No ano de 1948, Fast estava envolvido no processo de escrita da obra *My Glorious Brothers*, que de certo modo refletia suas preocupações em relação ao processo de criação do Estado israelense que então se desenrolava. Neste mesmo ano, ele recebeu uma carta de uma organização chamada *American Jewish League Against Communism*. Nela, seu remetente, o rabino Benjamin Schultz, movido pelo fenômeno crescente do radicalismo secular judaico e, talvez, também pelo então apoio da União Soviética à criação do Estado de Israel, expressava sua preocupação diante da constante “calúnia” de que o comunismo seria um movimento judaico e conclamava os

---

<sup>261</sup> “Apesar de o movimento comunista nem sempre corresponder às suas próprias exortações, sua ideologia progressista e sua celebração do universalismo eram atrativas aos judeus que estavam distanciando-se da fé de seus mais tradicionais pais, ainda que as determinações dos profetas hebraicos continuassem a informar seus sistemas de crenças em transformação. As organizações comunistas também proporcionavam aos judeus a oportunidade de ensinar e escrever, e de interagir de modo geral com não-judeus. Esta abertura contrastava fortemente nos anos 1930 com a exclusão dos judeus de muitas profissões em uma sociedade americana economicamente em depressão e crescentemente antisemita.

Os judeus foram também desproporcionalmente atraídos à cultura dos escritores, artistas, compositores, atores, diretores, roteiristas e semelhantes. (...). O grande número de comunistas, e de judeus comunistas, nestas áreas frequentemente teve um importante papel para jovens aspirantes judeus, especialmente aqueles que, como Fast aos vinte e nove anos de idade, já possuíam inclinações de esquerda. Eles ajudaram a tornar o comunismo respeitável, aceitável, certamente algo a se levar a sério e, como Fast presenciou, até glamoroso”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 55.

destinatários da carta a defenderem a causa americana e israelense. Naturalmente, o rabino recebeu uma resposta pouco amigável de Fast, que condenou veementemente sua postura anticomunista. Deste incidente, Sorin sintetiza bem as duas posições extremas que prevaleciam no interior da comunidade judaica americana:

Schultz's American Jewish League Against Communism was representative of an important position held by many post-Holocaust Zionist Jews, emphasizing Americanization, anti-Communism, and pro-Israelism, even while remaining antifascist. Fast and his comrades represented another position, seeing no conflict in their loyalty to radicalism, devotion to America, and the values of their Jewish heritage<sup>262</sup>.

Neste sentido, conviviam no pensamento político e teórico de Howard Fast, bem como no de outros judeus de sua geração representantes deste posicionamento de secularismo radical, diferentes vertentes que o alimentavam e compunham. Radicalismo, americanismo e judaísmo coexistiam dentro do universo conceitual de Fast em permanente tensão, porém, de modo algum, em contradição:

Jewishness as part of Fast's identity, despite his distancing disclaimers when he first became a member of the CPUSA, was in tension with, but hardly a contradiction of, his internacionalism or his progressivism. Indeed, Fast believed, and rightly so, that his Jewish values, rooted as they were in the prophetic idealism of the Hebrew scriptures, fed his universalistic radicalism. This is not to say that Fast completely avoided confusion about these connections. He generally claimed that his "religion" was strictly cultural, but at times he would espouse a Faith in the power of love and pacifism – values with religious dimensions that he clearly linked to Jesus, whom Fast saw as the ultimate Jew. Just as often, however, Fast, perhaps with the whip-wielding Jesus in mind, would promote revolutionary violence in the cause of liberation (...).<sup>263</sup>

No trecho acima, podemos perceber como existiam dentro da tradição judaica diversos valores compartilhados que favoreciam uma aproximação com ideologias políticas radicais. Entre eles podem-se contar uma noção de internacionalismo e universalismo, uma significativa vertente de pensamento progressista, e mesmo alguns valores religiosos secularizados, como a crença no pacifismo e na vida e a justificação da violência como forma

---

<sup>262</sup> “A *American Jewish League Against Communism* de Schultz era representativa de uma importante posição defendida por muitos judeus sionistas do período pós-holocausto, enfatizando a americanização, o anticomunismo, e o pró-israelismo, mesmo permanecendo antifascistas. Fast e seus companheiros representavam outra posição, não vendo conflito algum entre sua lealdade ao radicalismo, sua devoção à América, e os valores de sua herança judaica”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 150.

<sup>263</sup> “O judaísmo como parte da identidade de Fast, apesar de suas declarações de distanciamento quando ele primeiro se tornou um membro do PC Americano, estava em tensão, mas dificilmente em contradição, com seu internacionalismo ou seu progressismo. De fato, Fast acreditava, corretamente, que seus valores judaicos, enraizados como estavam no idealismo profético das escrituras hebraicas, alimentou seu radicalismo universalista. Isto não quer dizer que Fast evitava completamente uma confusão em relação a estas conexões. Ele geralmente afirmava que sua ‘religião’ era estritamente cultural, mas às vezes ele desposava uma fé no poder do amor e do pacifismo – valores com dimensões religiosas que ele claramente ligava a Jesus, a quem Fast via como o judeu definitivo. Tão frequentemente, no entanto, Fast, talvez com o Jesus empunhando o chicote em mente, promovia a violência revolucionária pela causa da libertação (...)”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 152.

de transformar as injustiças sociais. Dessa forma, ainda que não se manifestasse diretamente nos artigos políticos escritos por Fast no período que analisamos, coube-nos chamar atenção, nesta seção, para a sua inserção e identificação com uma importante tradição judaica de radicalismo secular, a qual certamente se envolvia e articulava com outras dimensões de seu pensamento político e teórico, como seu comprometimento com os princípios americanistas e, sobretudo, sua adesão à ideologia radical comunista.

É interessante para o presente trabalho fazermos referência a este traço distintivo do universo identitário e intelectual de Howard Fast, na medida em que consideramos a sua repercussão na sua escrita literária. Não me refiro aqui apenas aos livros que escreveu dentro desta temática específica, sobre a história do povo hebreu ou com personagens de origem reconhecidamente judaica, mas sim à influência que este aspecto teve na escolha das temáticas históricas a serem abordadas de uma forma mais ampla, no conjunto de sua obra. De fato, podemos argumentar que, ainda que a maior parte de seus romances não lide com assuntos diretamente judaicos, uma parte significativa deles aborda temas que emanam indiretamente da peculiar experiência cultural, política e intelectual do reconhecer-se como judeu no século XX, ainda que como uma herança identitária mais secular do que propriamente religiosa.

Efetivamente, pode-se dizer que ao menos três aspectos oriundos da experiência histórica judaica desempenham uma espécie de função arquetípica junto à obra de Fast. Com efeito, estes eventos e situações foram de tal modo marcantes no interior da tradição hebraica, que chegam a configurar modelos, padrões através dos quais observar e analisar os demais acontecimentos passados, bem como reproduzi-los narrativamente. O mais evidente e imediato deles é a própria experiência do antissemitismo, tanto no sentido da consciência histórica da discriminação e perseguição à população judaica ao longo do tempo, quanto no da vivência pessoal de Fast com a continuidade das práticas antissemitas na sociedade americana de sua época, fatores tornados ainda mais sensíveis pelo episódio traumático do Holocausto, do qual foi contemporâneo e que influenciou decisivamente no acirramento de seu engajamento antifascista. Diante deste quadro, não surpreende que Fast, em grande parte de suas obras, criticasse e denunciasses, por correspondência, diversas formas de discriminação racial e cultural existentes ao longo da história, sobretudo dentro da própria história dos Estados Unidos. De modo significativo, muitos dos casos narrados por Fast acabam, inclusive, com a eliminação física de membros do grupo social envolvido, como por exemplo no caso do extermínio indígena, do linchamento de uma comunidade negra e da execução

sumária de dois imigrantes italianos, retratados nos livros que compõem o recorte desta pesquisa.

O segundo aspecto ao qual podemos nos reportar neste sentido diz respeito à narrativa bíblica da história do povo israelita na sua relação com a escravidão. De fato, tanto através do relato da servidão no Egito, quanto do cativeiro babilônico, a temática da escravidão constitui um mote central dentro das escrituras e da religião judaica, sendo que, inclusive, uma de suas maiores festas, a Páscoa, celebra justamente a libertação do povo de Israel da escravidão egípcia. Neste sentido, podemos estabelecer uma correlação entre a importância deste tema para a história e a tradição judaica e o interesse de Fast em abordar literariamente a questão da escravidão moderna da população afro-americana dos Estados Unidos, tematizada, por exemplo, em *Freedom Road*.

Por fim, em sentido semelhante, podemos tomar a narrativa bíblica da diáspora do povo hebreu no deserto em busca da Terra Prometida. Não vamos nos aprofundar aqui na mitologia que identifica os Estados Unidos como a materialização desta grande “terra da promessa”, noção político-religiosa tomada dos *pilgrim fathers*, puritanos ingleses que empreenderam a travessia do Atlântico para fundar as primeiras colônias, e que perpassou o imaginário social americano ao longo da história, influenciando diversas ondas migratórias impulsionadas pela ideia do *american dream*. No entanto, certamente era significativo para um americano imerso na tradição cultural judaica retratar literariamente a história de grupos sociais que buscaram conquistar seu espaço para habitar e viver plenamente nessa grande Terra Prometida americana, como Fast o fez em muitas de suas obras. Mais do que isso, Fast pôde encontrar na história americana, e refigurar narrativamente, o episódio de um povo separado de sua terra, que empreende uma verdadeira peregrinação, uma diáspora no deserto, buscando retornar a ela: o êxodo dos *cheyenne*, retratado por Fast em *The Last Frontier*.

Podemos refletir acerca da identificação de Fast com estes aspectos da experiência histórica judaica, e de outros grupos sociais que possuem correspondências e semelhanças com ela, através da ideia de *prosthetic memory* desenvolvida por Alison Landsberg<sup>264</sup>. Este conceito foi cunhado pela autora a partir da reflexão em torno do filme *The Thieving Hand* (1908), no qual um mendigo sem um braço ganha uma prótese de um rico transeunte que se compadece dele. No entanto, seu novo braço tem memórias de sua própria vida anterior e,

---

<sup>264</sup> LANDSBERG, Alison. *Prosthetic Memory*. The Transformation of American Remembrance in the Age of Mass Culture. New York: Columbia University Press, 2004.

tendo pertencido a um ladrão, começa a furtar as pessoas que passam pelo mendigo. Inspirada nesta narrativa cinematográfica onde um corpo externo com lembranças alheias à experiência pessoal do indivíduo em questão é incorporado por ele e altera suas ações e sua subjetividade, a autora cria a noção de memória protética:

As I have begun to describe, prosthetic memories are those not strictly derived from a person's lived experience. Prosthetic memories circulate publicly, and although they are not organically based, they are nevertheless experienced with a person's body as a result of an engagement with a wide range of cultural technologies<sup>265</sup>

Cabe fazer a ressalva de que, como indica a parte final da citação acima, para a autora esta modalidade de apreensão e compartilhamento de memórias é típica da experiência da cultura de massas, sendo especialmente veiculada e tornada possível através da tecnologia do cinema, e alcança seu apogeu na sociedade do capitalismo tardio americano. Contudo, é possível também pensarmos nesta ideia de memórias protéticas aplicada a outros contextos. Eventos históricos partes da memória de determinado grupo social podem circular publicamente por meio de outros veículos culturais (ainda que com um menor alcance que o cinema), como notadamente através dos livros, sejam obras literárias ou historiográficas, e a partir deles passar a ser adotada por indivíduos não originários do grupo a que a memória do acontecimento em questão pertence. Dessa maneira, com base nessas memórias protéticas:

(...) people take on and inhabit memories of traumatic historical events that they did not live through. Such memories have the ability to alter a person's sense of cultural belonging and genealogy. In the best cases, prosthetic memories can produce empathy and thereby enable a person to establish a political connection with someone from a different class, race, or ethnic position<sup>266</sup>.

De fato, o engajamento com memórias fora da zona da própria experiência pessoal tem a capacidade de auxiliar na formação de um senso de solidariedade política, promovendo o que Landsberg chama de “pensamento ético”:

Part of the political potential of prosthetic memory is its ability to enable ethical thinking. Thinking ethically means thinking beyond the immediacy of one's own

---

<sup>265</sup> “Conforme eu comecei a descrever, memórias protéticas são aquelas não estritamente derivadas da experiência vivida por uma pessoa. Memórias protéticas circulam publicamente e, apesar de não terem uma base orgânica, ainda assim elas são experienciadas no corpo de uma pessoa como resultado de um engajamento com uma ampla gama de tecnologias culturais”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 25-26.

<sup>266</sup> “(...) as pessoas adotam e habitam em memórias de eventos históricos traumáticos que elas não vivenciaram. Tais memórias têm a capacidade de alterar o senso de pertença e genealogia cultural das pessoas. Nos melhores casos, memórias protéticas podem produzir empatia e, assim, permitir que uma pessoa estabeleça uma conexão política com alguém de uma classe, raça, ou posição étnica diferente”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 48.



wants and desires. Prosthetic memory teaches ethical thinking by fostering empathy<sup>267</sup>.

Em vista disso, podemos relacionar a identidade judaica de Howard Fast com a ideia de *prosthetic memory*, em dois graus diferentes. Em um primeiro nível, há a relação com a própria herança da tradição hebraica, cujas situações históricas que apontamos, à exceção do antisemitismo vivenciado por Fast, não ocorreram diretamente a ele, e sim a seus antepassados e contemporâneos judeus, com cuja experiência se identificava. Em um segundo nível, esta sua identificação com a tradição judaica, aliada à sua própria trajetória de vida que lhe colocou em contato com a pobreza e o preconceito vigentes nas grandes cidades americanas nas primeiras décadas do século XX, proporcionaram-lhe uma maior abertura à identificação com memórias de acontecimentos ligados à história de outros grupos sociais marginalizados (negros, indígenas, outros grupos de imigrantes, etc.), pela proximidade e familiaridade de suas experiências. Assim, ao identificar-se com as memórias traumáticas destes diferentes grupos sociais, de uma forma que poderíamos chamar de “protética”, Fast adota e, através da inserção destas histórias em sua literatura, promove uma postura de empatia<sup>268</sup>, de solidariedade política para com seu sofrimento, suas lutas e suas demandas sociais.

Dessa forma, dificilmente poderíamos tentar traçar um panorama do universo conceitual de Howard Fast sem fazermos menção à sua identificação cultural com a tradição judaica, bem como à imbricação desta sua identificação com os demais aspectos que orientavam sua visão de mundo, particularmente o radicalismo político de esquerda e seu engajamento antifascista. De modo semelhante, abordar sua vinculação com esta herança nos leva a considerar, ainda que brevemente, o peso que os conceitos e experiências inerentes a ela tiveram para a sua produção intelectual, não apenas em termos da presença de temas especificamente judaicos na sua literatura, mas também no sentido de encontrar semelhanças, paralelismos com acontecimentos de fora desta tradição, da história americana em geral, e de ser capaz de promover uma empatia para com eles. Em outras palavras, não podemos nos esquecer de que Fast era um judeu americano, ainda que fosse uma identidade mais cultural

<sup>267</sup> “Parte do potencial político da memória protética é sua capacidade de permitir o pensamento ético. Pensar eticamente significa pensar além do imediatismo das próprias vontades e desejos. A memória protética ensina o pensamento ético por meio da promoção de empatia”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 149.

<sup>268</sup> Parece-nos importante distinguir, como Landsberg, entre a ideia de empatia e a da mera simpatia. Simpatia é um conceito essencialmente sentimental, de conexão emocional com o sofrimento alheio, que pressupõe uma relação de hierarquia, de condescendência, e que pode inclusive reforçar relações imperialistas. Ao contrário, a empatia, produz uma relação de igualdade, e contém um componente cognitivo, que estabelece uma conexão não apenas sentimental, mas também intelectual, de compreensão do sofrimento alheio. Deste modo, a empatia possui um maior potencial político e progressista. *Ibid.*, p. 149.

do que religiosa, que perscrutava eventos passados e produzia narrativas literárias a respeito deles também a partir dos paradigmas e conceitos próprios desta tradição, os quais também tiveram um papel na constituição de uma solidariedade política para com os grupos sociais perseguidos e marginalizados da sociedade americana.

Em suma, procuramos demonstrar, ao longo deste primeiro capítulo, a partir da análise de diversos de seus artigos, os principais elementos que compunham e orientavam o pensamento político e a escrita, literária e teórica, de Howard Fast. Pudemos identificar, sobretudo, dois grandes conjuntos de valores, complementares e interligados, que constituíam a base de seu pensamento.

Em primeiro lugar, temos a sua identificação com os ideais de esquerda, sua aproximação com o movimento comunista, sua adoção dos conceitos do materialismo dialético e a sua inserção na vertente literária do chamado realismo soviético. Este primeiro conjunto de ideias e conceitos tem importantes desdobramentos que, de modo especial, influenciaram a literatura de Fast: uma noção de história profundamente ancorada nos conceitos materialistas, centrada em uma ideia de continuidade da luta histórica do homem por liberdade e pela emancipação de seu trabalho; e a adoção de uma postura artística essencialmente humanista, que coloca o homem em primeiro lugar e vincula a arte à vida humana, a seu trabalho e a sua luta política, de modo indissociável.

O segundo grande conjunto de conceitos e valores centrais ao pensamento teórico de Howard Fast diz respeito à sua identificação e compromisso com os ideais americanos de liberdade e democracia. De fato, como também vimos, a sua própria adoção de uma postura política de esquerda e aproximação com o movimento comunista decorre essencialmente da sua concepção de que esta seria a via mais adequada para se alcançar, plena e radicalmente, a extensão destes direitos democráticos a toda a sociedade americana. Da conjunção de seus ideais americanistas com os comunistas e do materialismo dialético, floresceu em Fast, desde muito cedo, um firme posicionamento antifascista, parte fundamental de seu engajamento político. De modo semelhante, sua peculiar afiliação a estas diversas matrizes de pensamento e posicionamento político – comunismo, marxismo, americanismo, antifascismo e sua herança judaica – o inseria em um lugar muito particular dentro de uma tradição judaica secular radical, de grande relevância no cenário intelectual norte-americano e, especialmente, nova-iorquino.

Em essência, todos estes traços de seu pensamento que analisamos no presente capítulo, de uma forma ou outra, se fazem presentes em sua escrita literária, desde a escolha dos temas a serem tratados, até os diversos conceitos que integram sua narrativa. Dessa forma, é essencial lembrarmos a asserção de Hayden White de que “Escolhemos o nosso passado da mesma forma que escolhemos o nosso futuro”<sup>269</sup>, no sentido de que a elaboração de um enredo narrativo, seja historiográfico ou literário, depende essencialmente das escolhas do autor. Assim, consideramos que os aspectos analisados no presente capítulo, componentes fundamentais do universo conceitual de Howard Fast, influenciaram decisivamente as escolhas narrativas feitas por ele no processo de enredamento: em termos dos temas abordados, dos elementos históricos evocados, do seu viés marcadamente humanista, de esquerda e socialmente engajado, da orientação temporal marcada pela ideia de continuidade e, em suma, do sentido dado à narrativa como um todo.

---

<sup>269</sup> WHITE, Hayden. “O Fardo da História”. In: *Trópicos do Discurso*. Ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 2014, p. 51.

### 3 O PASSADO NAS OBRAS DE HOWARD FAST: TEXTOS E CONTEXTOS HISTÓRICOS

*I am the people – the mob – the crowd – the mass.  
Do you know that all the great work of the world is done through me?  
I am the workingman, the inventor, the maker of the world's food and clothes.  
I am the audience that witnesses history. The Napoleons come from me and the  
Lincolns. They die. And then I send forth more Napoleons and Lincolns.  
I am the seed ground. I am a prairie that will stand for much plowing. Terrible  
storms pass over me. I forget. The best of me is sucked out and wasted. I forget.  
Everything but Death comes to me and makes me work and give up what I have. And  
I forget.  
Sometimes I growl, shake myself and spatter a few red drops for history to  
remember. Then – I forget.  
When I, the People, learn to remember, when I, the People, use the lessons of  
yesterday and no longer forget who robbed me last year, who played me for a fool –  
then there will be no speaker in all the world say the name: "The People", with any  
fleck of a sneer in his voice or any far-off smile of derision.  
The mob – the crowd – the mass – will arrive then.*

Carl Sandburg<sup>270</sup>

*The past is never dead. It's not even past.*

William Faulkner<sup>271</sup>

Tendo examinado, no primeiro capítulo, os principais pressupostos teóricos que compunham a visão de mundo própria de Howard Fast e que pautaram decisivamente sua escrita literária na primeira fase de sua carreira, buscaremos analisar, nos capítulos que seguem, como o passado é retratado por Fast nos três romances que compõem nosso recorte de pesquisa, *The Last Frontier*, *Freedom Road*, e *The Passion of Sacco and Vanzetti*. De modo a iniciar esta análise, abordaremos no presente capítulo a questão de como Fast situa os

<sup>270</sup> “Eu sou o povo – a turba – a multidão – a massa. / Você sabe que todos grandes trabalhos do mundo são feitos através de mim? / Eu sou o trabalhador, o inventor, o criador da comida e das roupas do mundo. / eu sou a audiência que testemunha a história. Os Napoleões vêm de mim e os Lincolns. Eles morrem. E então eu envio mais Napoleões e Lincolns. / Eu sou o solo das sementes. Eu sou uma pradaria que aguenta muito arar. Terríveis tempestades passam sobre mim. Eu esqueço. O melhor de mim é sugado e desperdiçado. Eu esqueço. Tudo menos a Morte vem a mim e me faz trabalhar e abrir mão do que eu tenho. E eu esqueço. / Algumas vezes eu rosno, me sacudo e respingo algumas gotas vermelhas para a história lembrar. Então – eu esqueço. / Quando eu, o Povo, aprender a lembrar, quando eu, o Povo, usar as lições de ontem e não mais esquecer quem me roubou ano passado, quem me fez de tolo – então não haverá orador em todo mundo que diga o nome: “O Povo”, com qualquer sombra de desdém em sua voz ou qualquer sorriso distante de escárnio. / A turba – a multidão – a massa – chegará então”. Tradução minha. SANDBURG, Carl. “I am the People, the Mob”. In: *Chicago Poems*. New York: Henry Holt and Company, 1916, p. 172.

<sup>271</sup> “O passado nunca está morto. Ele nem sequer passou”. Tradução minha. FAULKNER, William. *Requiem for a Nun*. New York: HarperCollins, 2012, p. 46.

eventos e períodos históricos tematizados nestas obras, como o contexto histórico a partir do qual se desenrola a trama narrativa elaborada por Fast é apresentado e descrito por ele ao longo de cada uma delas.

Antes, porém, de adentrarmos nesta questão específica, cabe tecermos algumas considerações a respeito do contexto de produção destas obras, do fundo de pesquisa que elas apresentam, bem como sobre algumas experiências vivenciadas por Fast que tiveram um importante reflexo nelas, a fim de demonstrarmos seu comprometimento em elaborar uma narrativa que reproduzisse o mais fielmente possível a realidade histórica em questão.

Cronologicamente, a primeira das obras que compõem nosso recorte é *The Last Frontier*, publicada em 1941. Nesta época, Fast ainda era um escritor em princípio de carreira, lutando para manter-se financeiramente, com apenas quatro romances publicados até então, dos quais somente *Conceived in Liberty* (1939) poderia ser considerado um grande sucesso. De acordo com o próprio Fast, seu primeiro contato com a história da travessia do povo *cheyenne* pelo deserto, se deu a partir da leitura de um livro sobre a região do rio Powder, escrito por Maxwell Struthers Burt<sup>272</sup>, que a mencionava brevemente. Imediatamente interessando-se em narrá-la na forma de um romance, ele entrou em contato com a editora Simon and Schuster, que já havia publicado *Conceived in Liberty*, e conseguiu um adiantamento para que pudesse obter mais informações sobre o êxodo dos *cheyenne* e escrever um livro sobre ele.

Para tanto, Fast escreveu para o professor Stanley Vestal, da Universidade de Oklahoma, segundo ele, a maior autoridade no estudo dos indígenas das planícies nos Estados Unidos<sup>273</sup>:

In 1939, he wrote to Professor Stanley Vestal at the University of Oklahoma in Norman, a specialist in Indian history and lore, and in return received a five-page single-spaced letter full of information and leads about Indian anthropology, ritual, history, and language, with specific material on the Cheyenne.

Vestal added a handwritten note: “p.s. I am an historian. Since your book is fiction, I prefer that you do not mention me in your acknowledgements. You see how that is”<sup>274</sup>.

<sup>272</sup> Fast provavelmente refere-se ao livro intitulado *Powder River: Let'er Buck*, de 1938, parte de uma coletânea sobre os rios dos Estados Unidos. FAST, Howard. *The Last Frontier*. A new edition with a special introduction by the author. Armonk: M.E. Sharpe, 1997 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 122.

<sup>273</sup> *Ibid.*, pos. 135.

<sup>274</sup> “Em 1939, ele escreveu para o professor Stanley Vestal da Universidade de Oklahoma em Norman, um especialista em história e cultura indígena e, em resposta, recebeu uma carta de cinco páginas com espaçamento

O pós-escrito de Vestal reflete aquela conservadora postura da historiografia de demarcar uma fronteira bem definida entre a história e a ficção a que já aludimos na introdução deste trabalho. No entanto, o material de pesquisa enviado por ele certamente contribuiu em muito para a escrita de *The Last Frontier*. Ainda assim, Fast queria ter a sua própria experiência da fronteira, ver com seus próprios olhos o trajeto percorrido pelos *cheyenne* e conversar com os descendentes dos indígenas do Oklahoma. Assim, ele e sua esposa, Bette, embarcaram rumo ao Oeste, experiência recontada por Fast em *Being Red*:

I had read bits and pieces, never a full story, of the magnificent running battle and flight to freedom of Chief Little Wolf and his Cheyenne Indians. I wanted desperately to write about it, but the only way I could do so would be to go to Oklahoma, where the old Cheyenne reservation had been, and talk to some of the old Cheyennes still there. Also, in Norman, Oklahoma, at the university, there were Indian students and, on the faculty, a man named Stanley Vestal, who knew more about the Cheyennes than any white man in America. I told the story to Simon and Schuster and talked them into paying me \$100 a month for an entire year. We had \$200 in our bank account. Ninety dollars bought us an ancient Pontiac to replace our Ford, and with \$110 to live on, we set off for Oklahoma. It was a wonderful trip; (...) the world of the Great Plains was an incredible change for this survivor of the city streets. The country overwhelmed us, awed us. We spent a month in Norman, and then drove west to the Rockies and Arizona and New Mexico (...), and then we turned back on a new road through the White Mountains of the Southwest to the Rio Grande and into Mexico – and all with the excitement and awe of great personal discovery<sup>275</sup>.

Nesta viagem, além de poder ver as paisagens e sentir a atmosfera e o ambiente do Oeste em primeira mão, Fast pôde ampliar seus conhecimentos acerca dos *cheyenne*:

But it was during our time at Norman that I tracked down the facts that became *The Last Frontier*. It was a wonderful adventure for two city kids, to sit through an evening with young Cheyenne and Crow students and listen to them play their ancient tribal music on wooden flutes, to talk to old, wrinkled Indians who remembered a childhood before the white man came, to watch Cheyenne athletes,

---

simples, cheia de informações e pistas sobre antropologia, rituais, história e linguagem indígena, com materiais específicos sobre os *cheyenne*.

Vestal adicionou um bilhete escrito à mão: “p.s. Eu sou um historiador. Como seu livro é ficção, eu prefiro que você não me mencione nos seus agradecimentos. Sabe como é”. Tradução minha. SORIN, Gerald. *Howard Fast: Life and Literature on the Left Lane*. Bloomington: University of Indiana Press, 2012, p. 38.

<sup>275</sup> “Eu havia lido trechos e partes, nunca uma estória completa, da magnífica batalha andante e fuga para a liberdade do chefe Lobo Pequeno e seus índios *cheyenne*. Eu queria desesperadamente escrever sobre ela, mas a única maneira de fazer isso seria ir para o Oklahoma, onde ficava a velha reserva *cheyenne*, e falar com alguns dos velhos *cheyenne* ainda lá. Além disso, em Norman, Oklahoma, na universidade, havia estudantes indígenas e, na faculdade, um homem chamado Stanley Vestal, que sabia mais sobre os *cheyenne* do que qualquer homem branco nos Estados Unidos. Eu contei a estória para a Simon and Schuster e os convenci a me pagar 100 dólares por mês durante um ano inteiro. Nós tínhamos 200 dólares em nossa conta bancária. Com noventa dólares, compramos um velho Pontiac para substituir nosso Ford, e com 110 dólares para viver, partimos para o Oklahoma. Foi uma viagem maravilhosa; (...) o mundo das Grandes Planícies era uma incrível mudança para este sobrevivente das ruas da cidade. O campo nos impressionou, nos deslumbrou. Passamos um mês em Norman, e então dirigimos para o Oeste, para as Montanhas Rochosas e o Arizona e o Novo México, (...) e então voltamos por uma nova estrada através das White Mountains do sudoeste até o Rio Grande e adentrando o México – com toda excitação e deslumbramento de uma grande descoberta pessoal”. Tradução minha. FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, p. 71-72.

tall, magnificently muscled men, playing football in their bare feet, and of course to meet Stanley Vestal. We spent hours with him, listening to his stories (...).

On our way back to New York, hoarding our last few dollars, we stopped off at the Library of Congress in Washington to go through the single English-Cheyenne dictionary that existed, compiled by a Quaker missionary. It was available only in manuscript, an enormous scholarly work of almost 100,000 words. For the first time I realized the complexity of tribal language and the difficulty of conveying facts without modern verb forms. Stanley Vestal had suggested that while in Washington we try to see and speak with the son of the great Apache chief Geronimo. (...) But he had no desire to talk to us or any other white writer<sup>276</sup>.

Além disso, segundo Sorin, Fast teria examinado vários outros documentos no *Bureau of Indian Affairs* da Biblioteca do Congresso, em Washington, e do *State Historical Society*, de Oklahoma<sup>277</sup>. Contudo, mesmo compilando uma boa quantidade de informações históricas sobre os indígenas e sobre as Grandes Planícies, e tendo entrado em contato, pessoalmente, com a paisagem, as pessoas, as experiências do Oeste americano, a editora Simon and Schuster recusou o manuscrito enviado por Fast após nove meses de trabalho, e requisitou a devolução do adiantamento pago. Ao saber disso, Sam Sloan, da editora Duell, Sloan and Pearce, pediu para ler o que Fast havia escrito e, ao concluir, pediu para falar com ele:

He read it promptly and asked to see me, and the first thing he put to me was whether I knew how I went wrong. I didn't know, and then he explained, gently, that I had tried to tell the story from the Indians' point of view. "You can't", he said. "You can't get inside Little Wolf's head and you can't translate Indian speech into English and make it believable". Then what to do with what I had? That was when Sam told me to throw it away and begin again and tell the whole story from the white man's point of view<sup>278</sup>.

Conseguindo o financiamento de uma nova editora, Fast reescreveu *The Last Frontier* em poucos meses. O resultado agradou não apenas a Sam Sloan, que publicou o livro, mas ao

---

<sup>276</sup> “Mas foi durante nosso tempo em Norman que eu segui o rastro dos fatos que se tornaram *The Last Frontier*. Foi uma maravilhosa aventura para dois garotos da cidade sentar por uma noite com jovens estudantes *cheyenne* e *crow* e escutá-los tocar sua antiga música tribal em flautas de madeira, conversar com velhos, enrugados indígenas que se recordavam de uma infância anterior à chegada do homem branco, assistir atletas *cheyenne*, homens altos, magnificamente musculosos, jogando futebol americano de pés descalços, e, é claro, conhecer Stanley Vestal. Nós passamos horas com ele, escutando suas histórias. (...)”

No nosso caminho de volta a Nova York, nos agarrando aos nossos últimos poucos dólares, nós paramos na Biblioteca do Congresso em Washington para examinar o único dicionário inglês-*cheyenne* que existia, compilado por um missionário quaker. Ele só era disponível em manuscrito, um enorme trabalho de erudição de quase 100.000 palavras. Pela primeira vez eu percebi a complexidade da linguagem tribal e a dificuldade de transmitir fatos sem formas verbais modernas. Stanley Vestal havia sugerido que, enquanto estivéssemos em Washington, nós tentássemos ver e falar com o filho do grande chefe apache Geronimo. (...) Mas ele não desejava falar conosco ou com qualquer outro escritor branco”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 72.

<sup>277</sup> Respectivamente, o “Escritório de Assuntos Indígenas” e a “Sociedade Histórica Estadual”. SORIN, *Op. Cit.*, p. 39.

<sup>278</sup> “Ele o leu prontamente e pediu para ver-me, e a primeira coisa que ele me falou foi se eu sabia onde havia errado. Eu não sabia, e então ele explicou, gentilmente, que eu havia tentado escrever a estória do ponto de vista dos indígenas. ‘Você não pode’, ele disse, ‘Você não pode entrar na cabeça de Lobo Pequeno e você não pode traduzir a fala indígena para o inglês e tornar isso acreditável’. Então, o que fazer com o que eu tinha? Foi quando Sam me disse para jogar fora e começar de novo e contar toda estória a partir do ponto de vista do homem branco”. Tradução minha. FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, p. 73.

público e à crítica em geral, que fizeram de *The Last Frontier* o maior sucesso de Howard Fast até então. Entre as avaliações positivas da obra estava, por exemplo, a do escritor americano Carl Van Doren<sup>279</sup>:

*The Last Frontier* is an amazing restoration and recreation. The characters breathe, the landscape is solid ground and sky, and the story runs flexibly along the zigzag trail of a people driven by a deep instinct to their ancient home. I do not know of any other episode of Western history that has been so truly and subtly perpetuated as this one. A great story has been found again, and as here told promises to live for generations<sup>280</sup>.

É interessante que Van Doren apresentasse esta concepção de que o romance de Fast recuperava uma parte da história do Oeste americano que havia sido esquecida, prometendo mantê-la viva na memória social americana, e que o fazia de forma “verdadeira”, por dois motivos. Primeiro, porque esta perspectiva se coaduna com um dos principais postulados da presente pesquisa, o de que a literatura constitui uma representação legítima do passado e age no sentido de criar uma identificação do público leitor para com ele, alimentando memórias de eventos e períodos históricos, bem como fomentando debates e questionamentos relevantes, junto à opinião pública de uma sociedade. Segundo, porque esta parece ter sido justamente a intenção de Fast ao escrever *The Last Frontier*: narrar literariamente um episódio histórico em grande parte esquecido e negligenciado tanto pela historiografia como pelos veículos culturais de sua época, que, tendo uma postura majoritariamente conservadora e racista, viam as Guerras Indígenas como parte necessária da conquista do Oeste, da expansão e consolidação do território nacional, da aculturação e civilização dos nativos americanos e da marcha do progresso capitalista. Esta postura é expressa por ele, por exemplo, na introdução da edição de 1997 de *The Last Frontier*, ao recordar o impacto que a experiência de viagem ao Oeste teve diante das concepções que ele e Bette tinham a partir do retrato dos indígenas feito pela indústria cultural daquela época:

We were two kids in a strange country, seeing the reality of people we had encountered only in books and films, and very soon we came to understand that everything we had read and seen on film was part of a gigantic lie. We were in

---

<sup>279</sup> Carl Van Doren (1885-1950) foi um editor, biógrafo e crítico literário americano, professor na Universidade de Columbia e vencedor do prêmio Pulitzer por sua biografia de Benjamin Franklin. IMBARRATO, Susan Clair et al (org.). *Encyclopedia of American Literature*. 1607 – To the Present. 4 vols. New York: Infobase Publishing, 2008, p. 1129.

<sup>280</sup> “*The Last Frontier* é uma incrível restauração e recriação. Os personagens respiram, a paisagem é chão e céu sólidos, e a estória flui flexivelmente ao longo da trilha em ziguezague de um povo movido por um profundo instinto ao seu antigo lar. Eu não conheço nenhum outro episódio da história do Oeste que tenha sido tão verdadeira e sutilmente perpetuado como este. Uma grande estória foi encontrada novamente e, como contada aqui, promete viver por gerações”. Tradução minha. FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, p. 74.



contact with a noble and beautiful people – and perhaps we were overwhelmed by the difference between the fact and the fiction<sup>281</sup>.

Neste sentido, a percepção *a posteriori* de Fast era de que sua obra, de certa forma, abrisse novos caminhos para a compreensão da história indígena por parte do povo americano: “This was years before books began to be written and films made that attempted to tell the truth of our battles with the Plains Indians; so in a way, we were breaking a trail”<sup>282</sup>. Com efeito, livro mais icônico no sentido de chamar a atenção do público americano para o extermínio dos nativos americanos, *Bury My Heart at Wounded Knee*, escrito por Dee Brown<sup>283</sup>, seria publicado somente em 1970, no auge das reivindicações pelos direitos dos povos indígenas nos Estados Unidos, que se mobilizaram e tomaram maior força a partir do final da década de 1960, com o surgimento do chamado movimento *Red Power*<sup>284</sup>.

De todo modo, podemos ver como Fast, pretendendo escrever um romance fidedigno à realidade passada, que resgatasse a “verdade” sobre o êxodo dos *cheyenne*, procurou realizar uma sólida pesquisa, consultando documentos e bibliografia sobre o tema, entrevistando especialistas e descendentes dos indígenas, buscando aprender um pouco do vocabulário nativo e conhecer pessoalmente o território onde aconteceu o evento histórico. É interessante

---

<sup>281</sup> “Nós éramos dois garotos em um país estranho, vendo a realidade de pessoas que só havíamos encontrado em livros e filmes, e muito logo compreendemos que tudo o que havíamos lido e visto em filmes era parte de uma gigantesca mentira. Nós estávamos em contato com um nobre e belo povo – e talvez nós estivéssemos abismados com a diferença entre o fato e a ficção”. Tradução minha. FAST, Howard. *The Last Frontier*. A new edition with a special introduction by the author. Armonk: M.E. Sharpe, 1997 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 135.

<sup>282</sup> “Isto foi anos antes de que começassem a ser estritos livros e feitos filmes que tentassem contar a verdade de nossas batalhas com os índios das planícies; então, de certa forma, nós estávamos abrindo uma trilha”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 135-140

<sup>283</sup> O clássico de Dee Brown, traduzido como “Enterrem Meu Coração na Curva do Rio”, ainda que possa ser criticado, como o foi à época pelo escritor de origem indígena Vine Deloria Jr., por trazer uma visão um tanto homogeneizadora das diversas culturas indígenas, de apresentá-las como tendo sido completamente destruídas e, assim, acabar por diluir as reivindicações contemporâneas pelos direitos civis dos povos nativos americanos, teve o grande mérito de despertar a atenção do grande público e dar visibilidade para o extermínio indígena cometido ao longo da história americana, bem como de ajudar a desconstruir o mito *western* que vilanizava os nativos e apresentá-los como vítimas da violência do processo de expansão territorial dos Estados Unidos. SMITH, Sherry L. *Hippies, Indians and the Fight for Red Power*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 156-159.

<sup>284</sup> O movimento *Red Power* insere-se dentro do contexto mais amplo de reivindicações por direitos civis por parte de diversas minorias, característico das décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos. A partir da fundação de associações como a *American Indian Movement* (AIM), em 1968, ativistas indígenas passam a reivindicar de forma mais organizada o fim das políticas governamentais que desagregavam as comunidades indígenas, defendendo a preservação da cultura dos nativos americanos, a sua autodeterminação e o acesso à educação e outros direitos civis, e denunciando a violência a que as populações indígenas foram submetidas ao longo da história americana. Para tanto, promoveram ações como a ocupação da ilha de Alcatraz por dezenove meses, entre novembro de 1969 e junho de 1971; a chamada *Trail of Broken Treaties* (“Trilha dos Tratados Quebrados”), grande marcha nacional para apresentar reivindicações ao Escritório de Assuntos Indígenas em Washington, entre outubro e novembro de 1972; e a ocupação de Wounded Knee na Dakota do Sul por cerca de dois meses, em 1973. JOHNSON, Troy. *Red Power*. The Native American Civil Rights Movement. New York: Chelsea House, 2007, p. 7, 32-43, 53-55, 60-68; SMITH, Sherry, *Op. Cit.*, p. 89-112, 183-193, 194-212; NAGEL, Joane. *American Indian Ethnic Renewal*. Red Power and the Resurgence of Identity and Culture. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 158-178.

destacarmos que todo este esforço de pesquisa e aprofundamento realizado por Fast transparece em vários elementos do texto de *The Last Frontier*.

A característica mais evidente é a marca de referência temporal inserida por Fast junto a cada capítulo, os quais apresentam, todos, uma datação precisa<sup>285</sup> – evidenciando sua tentativa de convencer o leitor de que se trata de uma história verdadeira. Porém, além disso, em diversos momentos, Fast parece aludir ao próprio levantamento documental realizado por ele. Logo no início do romance, por exemplo, Fast relata o episódio de duas reuniões em sequência dos líderes da tribo *cheyenne* com o administrador da reserva indígena, o quaker John Miles. Em ambas ocasiões, é mencionado que o auxiliar de Miles, o também quaker Joshua Trueblood, estava presente e fazia anotações, registrando o encontro<sup>286</sup>. Por meio desta breve menção, Fast parece indicar que a descrição feita na sua narrativa estava, de fato, baseada em documentos encontrados ao longo de sua pesquisa.

De modo semelhante, em diversas passagens do texto, existem referências a relatórios, comunicações entre os setores da burocracia e documentos oficiais, comentando a movimentação dos indígenas e a perseguição do exército. Um dos trechos mais ilustrativos a esse respeito é o que introduz no romance a figura do General William T. Sherman<sup>287</sup>:

Meanwhile, Colonel Mizner had wired a complete report to the War Office at Washington. And Agent Miles has reported his side of the matter to the Indian Office. William Nicholson, who was superintendent of Indian Affairs at Lawrence, Kansas, sent a more or less detailed report to the Department of Interior. He also sent a warning to Agent Miles to make no statements for reporters. Mizner's report, with many connotations and few footnotes, reached its ultimate destination in the basement of William Tecumseh Sherman's house. (...)

The report had come through as a matter of routine, with a stack of other communications concerning troop movements in the plains country. There were disturbances among the Apaches and two Comanche raids in the south. A drunken Nez Percé had killed a white man, and a cavalry company was out hunting him down. (...). A Major James T. Fredricks wrote an impassioned denunciation of a

<sup>285</sup> Todos os capítulos apresentam um balizamento temporal: 1. *The Incident at Darlington* (“O Incidente em Darlington”), julho de 1878; 2. *Three Men Who Ran Away* (“E Três Homens Fugiram...”), Agosto de 1878; 3. *The Chase Begins* (“Começa a Busca”), 4. *A Washington Interlude* (“Intervalo em Washington”), 5. *Cowboys and Indians* (“Índios e Vaqueiros”) e 6. *The Trap Closes* (“Fecha-se a Armadilha”), setembro de 1878; 7. *Matters of Justice* (“Questões de Justiça”), setembro a outubro de 1878; 8. *The Victors and the Vanquished* (“Vencedores e Vencidos”), outubro a novembro de 1878; 9. *Freedom* (“Liberdade”), novembro de 1878 a janeiro de 1879; e 10. “The End of the Trail” (“O Fim da Busca”), janeiro a abril de 1879. Traduções da edição brasileira: FAST, Howard. *Fronteira de Fogo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

<sup>286</sup> FAST, Howard. *The Last Frontier*. A new edition with a special introduction by the author. Armonk: M.E. Sharpe, 1997 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 377 e 787.

<sup>287</sup> William Tecumseh Sherman (1820-1891) foi um general estadunidense, célebre por sua atuação nas campanhas, pelo lado da União, na Guerra Civil Americana, após a qual serviu como Comandante Geral das Forças Armadas dos Estados Unidos, entre 1869 e 1891. FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. New York: W.W. Norton & Company, 2011, p. 576-577, 586-587.

gang of whiskey peddlers who were running the stuff into the Panhandle<sup>288</sup> by the thousands of gallons<sup>289</sup>.

Ainda que a descrição acima possa ser completamente fictícia, no sentido de não ter sido embasada em acontecimentos registrados nos documentos, parece-nos muito provável que, ao contrário, ela tenha sido baseada em relatórios e comunicações oficiais encontrados por Fast durante o levantamento que empreendeu. Neste sentido, esta contextualização funciona de maneira a dotar o texto de uma maior impressão de veracidade, ao enumerar uma série de episódios que ocorriam paralelamente no Oeste americano e ao mencionar a documentação que os descreve, e a que detalha a movimentação relacionada ao próprio caso dos *cheyenne*.

Assim, por meio desta pesquisa, evidenciada em alguns momentos da obra, Fast buscava atingir o objetivo de corrigir o tratamento injusto dispensado à imagem dos nativos americanos em sua época e contar uma “história verdadeira”, como ele mesmo afirma no posfácio de *The Last Frontier*:

The story told here is, as far as I can ascertain, absolutely true. If incredible, its incredibility can only be explained by the fact that it happened. All of the principal characters in the story, with the exception of Captain Murray, are persons who lived and played their parts as much as I have detailed here<sup>290</sup>.

A segunda obra que analisaremos aqui, *Freedom Road*, de 1944, sendo o primeiro romance publicado por Fast como membro do Partido Comunista, ainda que grande parte tenha sido escrita antes de sua adesão, apresenta várias semelhanças com a trajetória de *The Last Frontier*, lançado havia apenas três anos. A exemplo dele, *Freedom Road* foi resultado

<sup>288</sup> *Panhandle* é o termo em inglês que designa uma faixa de terra de uma unidade geopolítica que se projeta para dentro do território de outra. Neste caso específico, Panhandle refere-se à região do norte do Texas e do Noroeste do Oklahoma.

<sup>289</sup> “Enquanto isso, o Coronel Mizner enviou por telégrafo um relatório completo para o Escritório de Guerra em Washington. E o agente Miles relatou seu lado da questão ao Escritório Indígena. William Nicholson, que era superintendente de Assuntos Indígenas em Lawrence, Kansas, enviou um relatório mais ou menos detalhado para o Departamento do Interior. Ele também enviou um aviso para o agente Miles não dar declarações a repórteres. O relatório de Mizner, com muitas conotações e poucas notas de rodapé, alcançou seu destino final no porão da casa de William Tecumseh Sherman. (...)”

O relatório chegou por meio de uma questão de rotina, com uma pilha de outras comunicações relativas a movimentos de tropas no território das planícies. Havia perturbações entre os apaches e duas incursões comanche no sul. Um *nez percé* bêbado havia matado um homem branco e uma companhia da cavalaria estava à sua caça (...). Um Major James T. Fredricks escreveu uma apaixonada denúncia de uma gangue de traficantes de uísque que estavam contrabandeando milhares de galões do produto para a região do Panhandle”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1310-1332.

<sup>290</sup> “A estória contada aqui é, tanto quanto posso verificar, absolutamente verdadeira. Se é incrível, sua incredibilidade só pode ser explicada pelo fato de que ela aconteceu. Todos os personagens principais na estória, com a exceção do Capitão Murray, são pessoas que viveram e desempenharam seus papéis conforme eu detalhei aqui”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 4069.

da confluência de diversas influências, tanto literárias e bibliográficas, quanto de experiências vividas por Fast.

De acordo com seu relato memorialístico em *Being Red*, a ideia de escrever um romance situado no período da Reconstrução ocorreu a Fast durante seu período de serviço no *Office of War Information*, quando se deparou com a questão da integração dos afro-americanos nas forças armadas que combatiam o fascismo<sup>291</sup>:

During the months at the Office of War Information, I conceived the notion of a book about black Reconstruction in the South, more specifically in South Carolina. A number of things led me in this direction. While at the OWI, I set my researchers to work on the problem of the Negro (the word of the time) integration in the armed forces. Then there was the afternoon at Carl Van Doren's apartment, when Bette and I argued with Sinclair Lewis about anti-Semitism. Reports were beginning to filter out of Germany about the destruction of the Jews, and the question was sensitive indeed.

After that discussion about intolerance, all the notes and thinking that I had done for a novel about Reconstruction came together – and every moment I could steal from my work at the OWI was put to writing the new book. I would call it *Freedom Road*<sup>292</sup>.

A passagem acima coloca em questão um aspecto muito interessante envolvido nas motivações que levaram Fast a escrever *Freedom Road*: o estabelecimento de uma correlação entre a discriminação, intolerância e violência racial nos Estados Unidos, dirigida à população negra, com o antissemitismo, presente também na sociedade americana, mas tornado ainda mais sensível devido ao extermínio dos judeus promovido pelo nazismo na Europa. Podemos aqui novamente nos reportarmos à ideia, já explorada no capítulo anterior, de *prosthetic memory*, no sentido do estabelecimento de uma identificação com memórias de eventos e situações históricas características de outros grupos sociais, pelas semelhanças entre suas experiências, e, assim, a produção de uma empatia, uma solidariedade política. Certamente que podemos aplicar este conceito também para a identificação de Fast com o extermínio indígena em *The Last Frontier* e com a execução dos militantes anarquistas italianos em *The Passion of Sacco and Vanzetti*, como de fato buscamos fazer. No entanto, esta solidariedade

<sup>291</sup> Momento que, segundo Sorin, teria ocorrido em 1943. SORIN, *Op. Cit.*, p. 62.

<sup>292</sup> “Durante os meses no *Office of War Information*, eu concebi a ideia de um livro sobre a Reconstrução negra no Sul, mais especificamente na Carolina do Sul. Uma porção de coisas me levaram nesta direção. Enquanto estava na OWI, eu coloquei meus pesquisadores a trabalhar no problema da integração do negro (a palavra da época) nas forças armadas. Então houve a tarde no apartamento de Carl Van Doren, quando Bette e eu discutimos com Sinclair Lewis sobre o antissemitismo. Relatórios estavam começando a emergir da Alemanha sobre a destruição dos judeus, e a questão era realmente sensível.

Depois daquela discussão sobre intolerância, todas as anotações e o pensamento que eu havia feito para um romance sobre a Reconstrução confluíram – e cada momento que eu podia roubar de meu trabalho no OWI foi direcionado à escrita do novo livro. Eu iria chamá-lo de *Freedom Road*”. Tradução minha. FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, p. 76.

política em relação à questão do racismo negro nos Estados Unidos é manifestada aqui de uma maneira mais explicitamente consciente por Fast.

De fato, um dos traços fundamentais do posicionamento político-social de Fast era justamente a sua posição marcadamente antirracista. Significativamente, esta era uma característica que Fast identificava, com bastante propriedade, na postura política dos comunistas americanos, sendo também um aspecto importante do seu engajamento no partido:

This was before the civil right movement became a great national crusade. In 1948, no black could be seated in any first-class restaurant in New York; blacks went to black schools, whites to white schools. There were exceptions, but only to prove the case. One of the finer glories of the Communist Party of the United States was that we fought and often enough died for black freedom, and the truth that nobody much remembers is that in the very early years of the struggle for civil rights, we were at the side of the blacks, and precious few others who were not black were there with us. There is enough to be said against the party, but it's wrong to wipe out all the brave and wonderful things we did (...)<sup>293</sup>.

Entretanto, como bem coloca Sorin, este seu comprometimento com a questão dos direitos civis e com o ativismo antirracista não é algo que pode ser explicado unicamente por seu envolvimento político com o movimento comunista, mas também, e talvez sobretudo, pelo paralelismo com a situação dos judeus e a luta antissemita, e pela sua imbricação na tradição de radicalismo judaico americano:

Fast antiracist radicalism, to which large numbers of Jewish American were drawn, was home-grown. It grew out of the heartfelt conviction about the circumstances of racial segregation and injustice in the United States. It was not something imposed by Moscow; even if the rhetoric and behavior of American Communists flip-flopped dramatically on signals from the USSR about various other issues, changes in Soviet politics did not markedly influence the attitudes or behavior of Jewish American Communists about racial justice. (...) His Communism, however, was mediated by New York Jewish radicalism, which was profoundly committed to racial equality<sup>294</sup>.

<sup>293</sup> “Isto foi antes do movimento dos direitos civis se tornar uma grande cruzada nacional. Em 1948, nenhum negro poderia se sentar em nenhum restaurante de primeira classe em Nova York; negros iam para escolas negras, brancos para escolas brancas. Havia exceções, mas somente para confirmar a regra. Uma das maiores glórias do Partido Comunista dos Estados Unidos foi que nós lutamos e frequentemente morremos pela liberdade negra, e a verdade que ninguém lembra muito é que bem nos primeiros anos da luta pelos direitos civis, nós estávamos ao lado dos negros e muito poucos outros que não eram negros estavam conosco. Há coisas suficientes a serem ditas contra o partido, mas é errado eliminar todas as corajosas e maravilhosas coisas que fizemos (...)”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 183.

<sup>294</sup> “O radicalismo antirracista de Fast, para o qual um grande número de judeus americanos era atraído, era feito em casa. Ele cresceu a partir da sincera convicção a respeito das circunstâncias de segregação e injustiça racial nos Estados Unidos. Não era algo imposto por Moscou; mesmo que a retórica e o comportamento dos comunistas americanos variasse dramaticamente a partir dos sinais da União Soviética sobre várias outras questões, mudanças nas políticas soviéticas não influenciaram marcadamente as atitudes ou o comportamento dos comunistas judeus americanos sobre justiça racial. (...) Seu comunismo, entretanto, era mediado pelo radicalismo judaico nova-iorquino, que era profundamente comprometido com a igualdade racial”. Tradução minha. *SORIN, Op. Cit.*, p. 63.

Efetivamente, dentro da cena cultural nova-iorquina, Fast cultivava amizade com muitos artistas e intelectuais negros, compartilhando com eles os ideais de defesa dos direitos civis e de aversão ao racismo e à discriminação. Em *Being Red*, Fast chega a citar algumas destas personalidades que frequentavam sua casa, bem como a relatar a sua irritação diante de um episódio racista protagonizado por seu porteiro:

We lived in a good apartment house, 315 Central Park West, doorman and all, and one time Pearl Primus, the talented black dancer, came to see us and the doorman insisted she go around to the servant entrance. Of course, she would not, and she telephoned me, weeping, asking how this could happen at the home of Howard Fast. I told the doorman and elevator men that if it ever happened again, I'd kill them, and I was so furious I imagine they believed it.

But that didn't solve the problem. Blacks arrived there constantly: Paul Robeson, again and again, Bill Patterson the civil rights leader, black dancers, fighters, musicians. Shirley Graham was practically living with us; and her brother Bill Graham, the largest beer and soda distributor in Harlem, and Dr. Du Bois<sup>295</sup> and any number of others were frequently at our house; and I was always uneasy, fearing that something rotten would happen at the door again<sup>296</sup>.

Neste sentido, ao olhar de Fast, “(...) antiblack prejudice and antisemitism were cut from the same cloth”<sup>297</sup>, de modo que a rejeição, denúncia e combate a um deles, deveria estar acompanhada da mesma postura para com o outro. Dessa forma, não é surpreendente que um

---

<sup>295</sup> Pearl Eileen Primus (1919-1994) foi uma coreógrafa, nascida em Trinidad e radicada em Nova York, que buscou promover a dança de matriz africana no cenário artístico-cultural americano; William Lorenzo Patterson (1891-1980) foi um advogado afro-americano envolvido com o Partido Comunista Americano e a *International Labor Defense*, organização que oferecia assistência legal a membros de minorias que eram réus em casos suspeitos de perseguição política ou racial, inclusive no caso de Sacco e Vanzetti; Shirley Graham Du Bois (1896-1977) foi uma escritora americana, ativista pela causa dos direitos civis, também membra do Partido Comunista e, posteriormente, casada com W.E.B. Du Bois; William Edward Burghardt (W.E.B.) Du Bois (1868-1963) foi um dos maiores intelectuais afro-americanos do século XX: sociólogo, historiador, pan-africanista e com inclinações políticas de esquerda, Du Bois foi autor de diversas obras de profundo impacto sobre a questão racial nos Estados Unidos, que, como veremos, influenciaram a própria escrita de *Freedom Road*. BUHLE, Mari Jo; BUHLE, Paul; GEORGAKAS, Dan (org.). *Encyclopedia of the American Left*. Oxford: Oxford University Press, 1998, p. 923, 1063-1064, 389-394.

<sup>296</sup> “Nós vivíamos em um bom apartamento, na Central Park West, número 315, com porteiro e tudo, e uma vez Pearl Primus, a talentosa dançarina negra, veio nos visitar e o porteiro insistiu que ela desse a volta e usasse a entrada de serviço. É claro que ela não iria usar e ela me telefonou, chorando, perguntando como isto podia acontecer na casa de Howard Fast. Eu disse ao porteiro e aos homens do elevador que se isso acontecesse de novo, eu os mataria, e eu estava tão furioso que eu imagino que eles acreditaram.

Mas isto não resolveu o problema. Negros chegavam lá constantemente: Paul Robeson, repetidamente, Bill Patterson, o líder dos direitos civis, dançarinos, lutadores, músicos negros. Shirley Graham estava praticamente vivendo conosco; e seu irmão, Bill Graham, o maior distribuidor de cerveja e refrigerante no Harlem, e o Dr. Du Bois e um sem número de outros estavam frequentemente em nossa casa; e eu estava sempre apreensivo, temendo que algo podre ocorresse à porta de novo”. Tradução minha. FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, p. 183.

<sup>297</sup> “(...) o preconceito contra os negros e o antissemitismo eram feitos do mesmo tecido”. Tradução minha. SORIN, *Op. Cit.*, p. 64.

dos personagens históricos de atuação destacada em *Freedom Road* seja o ativista e político negro Francis Cardozo<sup>298</sup>, que também possuía ascendência judaica<sup>299</sup>.

De maneira prática, durante o processo de escrita de *Freedom Road*, Fast teve a oportunidade de visitar a Carolina do Sul e entrar em contato com os preconceitos persistentes entre as famílias ricas do Sul – tanto direcionado aos negros como aos judeus. A oportunidade surgiu por meio de Charles Duell, outro dos diretores de sua nova editora, Duell, Sloan and Pearce:

At a party given by Charles Duell, one of my new publishers, I met his wife Jo, who before her marriage had been Jo Pringle-Smith. If one accepts the idea, at least in a historic sense, that there was a true antebellum aristocracy in the South, and that the high domain of it was South Carolina, then the Pringle-Smiths occupied that upper tier. At the time I write of, they still maintained their old plantation as well as their mansion on the Charleston waterfront. Jo Duell was a beautiful, delightful woman, without the slightest pretense, and when I outlined the story I intended to tell, she became very interested and told me that to do it properly, I must spend a few days with her parents in Charleston. She said she would arrange it as soon as I could go, and that while her mother and father were delightful and hospitable people – as I found them to be – they did nurse certain prejudices, and I was not to let drop that I was Jewish. I suppose that if they had asked me, I would have admitted it, but they were too well bred to ask a personal question. Their house was like a museum, and my few days with them were invaluable to me in my attempt to finish *Freedom Road*. The recognition that such gentle and kind people could harbor the prejudices they did was another step in my understanding of class position and racism, even as was Sinclair Lewis's<sup>300</sup> anti-Semitism<sup>301</sup>.

<sup>298</sup> Francis Lewis Cardozo (1836-1903) foi um político, educador e ministro presbiteriano, nascido em Charleston, filho de uma mulher negra livre e um judeu. Cardozo foi eleito delegado na Convenção Estadual da Carolina do Sul, em 1868, fato retratado em *Freedom Road*, e posteriormente serviu como Secretário de Estado da Carolina do Sul. FONER, Eric. *Reconstruction. America's Unfinished Revolution, 1863-1877*. New York: Harper Perennial, 2015, p. 142, 390.

<sup>299</sup> SORIN, *Op. Cit.*, p. 64.

<sup>300</sup> Cabe esclarecer que Fast está se referindo à visão de Sinclair Lewis sobre o antissemitismo, não que ele o defendia. Ao contrário, Lewis era um crítico ferrenho do antissemitismo, e o denunciava em muitas de suas obras, notadamente em *It Can't Happen Here* (1933), onde alertava os americanos para os perigos do nazismo. CHIEL, Arthur A. "Sinclair Lewis – a Pro-Jewish Stance" In: *American Jewish Historical Quarterly*. Vol. 64, n. 3, março de 1975. Baltimore: Johns Hopkins University Press, p. 260.

<sup>301</sup> "Em uma festa dada por Charles Duell, um de meus novos editores, eu conheci sua mulher Jo, que antes de seu casamento havia sido Jo Pringle-Smith. Se se aceita a ideia, ao menos em um sentido histórico, de que havia uma verdadeira aristocracia pré-Guerra no Sul, e que seu alto domínio era a Carolina do Sul, então os Pringle-Smiths ocupavam este alto escalão. Na época sobre a qual escrevo, eles ainda mantinham sua antiga *plantation*, assim como sua mansão na orla de Charleston. Jo Duell era uma linda e encantadora mulher, sem a menor pretensão, e quando eu esbocei a estória que eu pretendia contar, ela ficou muito interessada e me disse que, para escrevê-la devidamente, eu precisava passar alguns dias com seus pais em Charleston. Ela disse que o arranjaria assim que eu pudesse ir, e que, ainda que sua mãe e seu pai fossem pessoas encantadoras e hospitaleiras – como eu pude ver que eles eram – eles alimentavam certos preconceitos, e eu não deveria mencionar que eu era judeu. Eu acho que se eles tivessem me perguntado, eu o teria admitido, mas eles eram educados demais para fazerem uma pergunta pessoal. Sua casa era como um museu e meus poucos dias com eles foram inestimáveis para mim na minha tentativa de terminar *Freedom Road*. O reconhecimento de que pessoas tão gentis e amáveis pudessem nutrir os preconceitos que eles nutriam foi outro passo para minha compreensão de posição de classe e racismo, assim como o antissemitismo de Sinclair Lewis". Tradução minha. FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, p. 76.

No entanto, esta viagem a Charleston, tendo a oportunidade de entrar em contato com os preconceitos da antiga alta classe escravista não foi a única experiência de Fast no Sul que impactou a escrita de *Freedom Road*. Em sua juventude, em abril de 1933, juntamente com um amigo chamado Devery Freeman, Fast partiu em direção ao Sul, com pouco dinheiro e viajando por meio de caronas e pegando trens clandestinamente, mas com muita vontade de conhecer aquela parte do país. Passando por diversas cidades, como Richmond (Virgínia), Winston-Salem (Carolina do Norte), Savannah (Geórgia), Tampa, Fort Lauderdale e, o destino final, Miami (Flórida), ele pôde conhecer pessoalmente o povo e as paisagens do Sul, experiência que levaria para a escrita de seu romance sobre a Reconstrução e que recordava positivamente:

But there are other memories I have of hot, delicious sunshine, the live oaks and the Spanish moss and the magnolias, the South that one never forgets. There was one unforgettable day on a dirt road in Pee Dee Swamp. We were picked up by two white kids who were riding the tailgate of an old wagon driven by an old black man and drawn by a lazy mule. For the next three hours we rode with them, no faster than a man walking, but lazy in the sunshine. We fought the Civil War again, all easy and laughing, the way kids are when they hold no animosity, and the Civil War was not so far away then, more than half a century ago. We made good friends with those boys, and I had some of the South and its feeling sink into me, a knowledge that stood me in good stead when I came to write a book called *Freedom Road*<sup>302</sup>.

Mas, a exemplo de *The Last Frontier*, *Freedom Road* não foi escrito apenas a partir de memórias e experiências pessoais de Fast. Houve também uma boa dose de leitura e pesquisa bibliográfica. Neste sentido, a principal referência usada por ele para retratar a sociedade sulista do período da Reconstrução foi o clássico *Black Reconstruction in America* do intelectual afro-americano W.E.B. Du Bois<sup>303</sup>:

On Fast's return train trip from Hollywood, in the summer of 1943, Frank Tuttle<sup>304</sup> had been raving about *Black Reconstruction in America*, a book he'd just read, by the African American scholar and activist W.E.B. Du Bois. Tuttle's comments resonated immediately in Fast's mind with the conversation he had had with Paul Robeson only days earlier. At that moment on the train, the image of the black

---

<sup>302</sup> “Mas há outras memórias que eu tenho da luz do sol, quente e deliciosa, os vivos carvalhos e as barbas-de-velho e as magnólias, o Sul que nunca se esquece. Houve um dia inesquecível em uma estrada de terra em Pee Dee Swamp. Nós fomos apanhados por dois garotos brancos que estavam montados na caçamba de uma velha carreta guiada por um velho negro e puxada por uma mula preguiçosa. Pelas próximas três horas nós viajamos com eles, não mais rápido que um homem caminhando, mas preguiçosos na luz do sol. Nós lutamos a Guerra Civil novamente, despreocupados e rindo, do modo como garotos são quando não têm nenhuma animosidade, e a Guerra Civil não estava tão distante naquela época, mais de meio século atrás. Fizemos uma boa amizade com estes garotos, e um pouco do Sul e do seu sentimento penetrou em mim, um conhecimento que se provou muito útil quando eu vim a escrever um livro chamado *Freedom Road*”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 57.

<sup>303</sup> DU BOIS, William Edward Burghardt. *Black Reconstruction in America*. Piscataway: Transaction Publishers, 2013.

<sup>304</sup> Frank Tuttle (1892-1963) foi um diretor de cinema americano. Tendo sido membro do Partido Comunista na década de 1940, Tuttle delatou diversos outros integrantes do partido ao comitê da HUAC, em 1951. Em 1943, Tuttle viajou com Fast para Hollywood, para explorar a possibilidade de uma adaptação cinematográfica de *Citizen Tom Paine*. SORIN, *Op. Cit.*, p. 51.



singer-activist became for Fast, “the catalyzing center” of the book he would write about a large and powerful former slave and Union soldier, Gideon Jackson. (...).

When Fast got home he read Du Bois’s eight-hundred-page book. “The thing burned a hole in me”, he said. First published in 1935, *Black Reconstruction* completely overturned the anecdotal, racist notions that were the foundation of the “scholarship” of the Reconstruction period up to 1935. Du Bois’s research completely discredited, even if it did not fully destroy, the myth that the post-emancipation South had degenerated, because of “negro incapacity”, into economic and political anarchy and that it had been kept on a state of chaos by the Union forces during their military occupation<sup>305</sup>.

Com efeito, o livro de Du Bois representou um importante marco na historiografia sobre a Reconstrução, na medida em que rompia aberta e contundentemente com postulados racistas que permeavam tanto o senso comum quanto boa parte da produção acadêmica sobre o período. Com base em uma extensa e profunda pesquisa, Du Bois implodiu o mito de que a Reconstrução havia sido um período essencialmente corrupto, degenerado pela miscigenação e livre contato entre brancos e negros, fracassado e caótico pela incapacidade intelectual, política e administrativa do negro.

De fato, havia nos Estados Unidos toda uma corrente historiográfica calcada nestes pressupostos racistas sobre o período da Reconstrução, a chamada Dunning School<sup>306</sup>. William Archibald Dunning, professor da Universidade de Columbia que deu nome a esta vertente, defendia que a Reconstrução havia sido “(...) an unspeakable disaster, leading, among other atrocities, to ‘the hideous crime against white womanhood which now assumed new meaning in the annals of outrage’. Its lesson was that slavery, while undesirable, had been a useful and natural *modus vivendi* between a superior and an inferior race”<sup>307</sup>. Em essência, os historiadores da Dunning School esforçaram-se por apresentar o Sul como vítima

<sup>305</sup> “Na viagem de trem de Fast retornando de Hollywood, no verão de 1943, Frank Tuttle estava entusiasmado com *Black Reconstruction in America*, um livro que ele recém havia lido, escrito pelo erudito e ativista afro-americano W.E.B. Du Bois. Os comentários de Tuttle ressoaram imediatamente na mente de Fast com a conversa que ele teve com Paul Robeson apenas dias antes. Naquele momento no trem, a imagem do cantor-ativista negro se tornou para Fast “o centro catalizador” do livro que ele iria escrever sobre o grande e poderoso ex-escravo e soldado da União, Gideon Jackson (...).

Quando Fast chegou em casa, ele leu o livro de oitocentas páginas de Du Bois. “Aquilo queimou um buraco em mim”, ele disse. Publicado pela primeira vez em 1935, *Black Reconstruction* derrubou completamente as noções racistas e anedóticas que eram a fundação do “conhecimento” sobre o período da Reconstrução até 1935. A pesquisa de Du Bois desacreditou completamente, mesmo que não tenha destruído inteiramente, o mito que o Sul pós-emancipação havia degenerado, por causa da “incapacidade do negro”, em uma anarquia política e econômica e que havia sido mantida em um estado de caos pelas forças da União durante sua ocupação militar”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 62.

<sup>306</sup> Sobre ela, pode-se consultar: SMITH, John David; LOWERY, J. Vincent (org.). *The Dunning School. Historians, Race and the Meaning of Reconstruction*. Lexington: The University Press of Kentucky, 2013.

<sup>307</sup> “(...) a Reconstrução havia sido um indescritível desastre, levando, entre outras atrocidades, ao ‘hediondo crime contra a feminilidade branca, que agora assumia novo significado nos anais do ultraje’. Sua lição era que a escravidão, ainda que indesejável, havia sido um útil e natural *modus vivendi* entre uma raça superior e uma inferior”. Tradução Minha. NOVICK, Peter. *That Noble Dream. The “Objectivity Question and the American Historical Profession*. New York: Cambridge University Press, 2005, p. 77.

não apenas do processo da Reconstrução, humilhante, degenerado e fracassado pela incapacidade do negro, mas também das mentiras e calúnias do Norte a respeito desta época, as quais eles estariam “valentemente tentando corrigir”<sup>308</sup>.

Ao contrário desta historiografia racista, Du Bois demonstrou em sua pesquisa o sucesso, ainda que efêmero, da experiência da Reconstrução, no sentido da expansão dos direitos civis, da ampliação da democracia e da real integração do negro na sociedade. Além disso, Du Bois analisava em *Black Reconstruction* a emergência e disseminação das práticas racistas e repressivas contra a população negra, não como resultado de uma suposta justa resposta da sociedade sulista contra a opressão do norte, como alguns defendiam, e sim da divisão da classe trabalhadora do Sul:

The kernel of DuBois’s argument was that black and white laborers were divided after the Civil War and so were unable to present a solid front against the white propertied class. The racial split in the working class ensured the failure of the Reconstruction and was the fundamental reason for the rise of Jim Crow laws between 1865 and 1890, as well as the perpetration of other serious, indeed deadly, racial injustices. DuBois’s sociological analysis of Reconstruction was clearly rooted in his Marxist ideology; but his meticulous historical scholarship and use of primary source data on the postwar political economy of the South was groundbreaking<sup>309</sup>.

A leitura de *Black Reconstruction in America* calou fundo em Howard Fast e a escrita de *Freedom Road* foi profundamente influenciada por suas ideias. Na avaliação de Sorin, inclusive, um dos principais méritos do romance de Fast seria justamente o de ter trazido “W.E.B. Du Bois’s scholarship to a wider audience, one mostly fed on blatantly racist films and on history written by authors intent on showing that black suffrage was the greatest error of the Civil War era”<sup>310</sup>.

Esta percepção de Sorin nos remete a dois pontos essenciais, semelhantes ao que já postulamos a respeito de *The Last Frontier*: o de que Fast pretendia escrever uma “história verdadeira”, que retificasse as distorções racistas da historiografia de seu tempo sobre a Reconstrução, e que pretendia fazer isso através de uma base de pesquisa bibliográfica, da

<sup>308</sup> Ibid., p. 80.

<sup>309</sup> “O cerne do argumento de Du Bois é que os trabalhadores negros e os brancos estavam divididos após a Guerra Civil e, por isso, não foram capazes de apresentar uma frente sólida contra a classe proprietária. A cisão racial na classe trabalhadora assegurou o fracasso da Reconstrução e foi a razão fundamental para a emergência das leis Jim Crow entre 1865 e 1890, bem como da perpetração de outras sérias, em realidade mortais, injustiças raciais. A análise sociológica da Reconstrução de Du Bois estava claramente enraizada na sua ideologia marxista; mas sua metódica erudição histórica e uso de fontes primárias sobre a política econômica do Sul no pós-guerra era inovadora”. Tradução minha. Ibid., p. 62-63.

<sup>310</sup> “o estudo de W.E.B. Du Bois para uma audiência mais ampla, uma alimentada, em sua maior parte, por filmes flagrantemente racistas e por uma história escrita por autores decididos a mostrarem que o sufrágio negro foi o maior erro da era da Guerra Civil”. Tradução minha. Ibid., p. 66.

qual *Black Reconstruction in America* era a principal referência, complementada por meio das suas próprias experiências pessoais de viagem pelo Sul.

O próprio Fast faz uma declaração neste sentido, no posfácio de *Freedom Road*, enumerando também outras obras de referência e documentos de pesquisa que lhe auxiliaram na escrita do romance:

(...) all the essentials of this story are true. There was not one Carwell<sup>311</sup> in the south at that period, but a thousand, both larger and smaller. All that I have told about as being done at Carwell was duplicated in many other places. White men and black men lived together, worked together, and built together, much as I have described here. In many, many places, they died together in defense of what they had built. There are enough sources for the person who cares to check on these facts. On the Ku Klux Klan Conspiracy, there is the testimony taken by the Joint Select Committee to inquire into the condition of affairs in the late insurrectionary states, thirteen volumes of incredible material. There is the report of the State Committee detailed to inquire into the Mississippi elections of 1875, two volumes. There is Carl Schurz's report to Congress on Conditions in South Carolina, Georgia, etc. There is Hollowell's *Negro as a Soldier in the War of Rebellion*. There is *South Carolina During Reconstruction*, by Simkins and Woody. And that is only a beginning; there are the newspapers of the time; there are Congressional debates; there are editorials, from both northern and southern papers, that showed complete awareness of the wholesale slaughter and destruction that was going on.

As for Gideon Jackson, he is a combination of several Negro statesmen of the time. All the things attributed to him were shared in good part by one or several of these men<sup>312</sup>.

Como vimos, Fast deixa implícito que procurou fazer uma pesquisa, tanto bibliográfica quanto nas próprias fontes da época, para a escrita de *Freedom Road*, e estava convicto de que ela lhe havia proporcionado uma boa base para escrever uma história verdadeira em essência. O próprio Du Bois, intelectual que Fast muito admirava e com o qual manteve uma relação de proximidade ao longo dos anos<sup>313</sup>, elogiou a fidelidade histórica do

<sup>311</sup> Carwell é o nome da propriedade rural fictícia onde se desenrola a trama de *Freedom Road*.

<sup>312</sup> "(...) todos elementos essenciais desta estória são verdadeiros. Não havia uma Carwell no Sul naquele período, mas milhares, tanto maiores como menores. Tudo que eu contei como acontecendo em Carwell foi duplicado em muitos outros lugares. Homens brancos e negros viveram juntos, trabalharam juntos e construíram juntos, tanto quanto eu descrevi aqui. Em muitos, muitos lugares, eles morreram juntos em defesa do que construíram. Existem fontes suficientes para a pessoa que se importar em checar estes fatos. Sobre a conspiração do Ku Klux Klan, há o testemunho colhido pelo *Joint Select Committee* para investigar as eleições do Mississippi de 1875, dois volumes. Há o relatório de Carl Schurz ao Congresso sobre as condições na Carolina do Sul, Geórgia, etc. Há o *Negro as a Soldier in the War of Rebellion* ("O Negro como Soldado na Guerra de Rebelião") de Hollowell. Há o *South Carolina During Reconstruction* ("Carolina do Sul durante a Reconstrução"), de Simkins e Woody. E isto é apenas um começo; há jornais da época; há debates congressionais; há editoriais, tanto de jornais do Norte como do Sul, que mostravam completa consciência da matança e destruição generalizadas que estavam ocorrendo.

Quanto a Gideon Jackson, ele é uma combinação de vários estadistas negros da época. Todas as coisas atribuídas a ele foram compartilhadas em boa parte por um ou vários destes homens". Tradução minha. FAST, Howard. *Freedom Road*. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 262.

<sup>313</sup> SORIN, *Op. Cit.*, p. 7, 153.

romance: “His story is fiction, but his basic historical accuracy is undisputable (...)”<sup>314</sup>. Mais do que isto, Fast desejava contribuir para restaurar a história e a verdade de um momento da história americana, que, do seu ponto de vista, havia sido deliberadamente apagada e distorcida:

When the eight-year period of Negro and white freedom and cooperation in the south was destroyed, it was destroyed completely. Not only were material things wiped out and people slain, but the very memory was expunged.

Powerful forces did not hold it to be a good thing for the American people to know that once there had been such an experiment – and that the experiment had worked. That the Negro had been given the right to exist in this nation as a free man, a man who stood on equal ground with his neighbor, that he had been given the right to work out his own destiny in conjunction with the southern poor whites, and that in an eight-year period of working out that destiny he had created a fine, a just, and a truly democratic civilization<sup>315</sup>.

Em suma, vimos como, também em *Freedom Road*, Fast procurou se basear em obras de referência sobre diversos temas relativos à vida no Sul, além de suas próprias experiências de viagem pelos estados sulistas, com o objetivo de escrever um romance que se apresentasse ao público como uma história real, verdadeira, e que dissipasse a narrativa prevalente a respeito da Reconstrução, distorcida por concepções racistas.

Por fim, o terceiro livro que abordaremos, *The Passion of Sacco and Vanzetti*, apesar de compor o escopo de nossa pesquisa junto às outras duas obras, apresenta características bastante diferentes delas, a começar por seu próprio impacto e recepção. Ao passo que *The Last Frontier* e *Freedom Road* foram dois romances muito aclamados pela crítica e de muito sucesso comercial, impulsionando a carreira de Fast na direção de um crescente reconhecimento nacional<sup>316</sup>, *Sacco and Vanzetti* teve uma circulação bem mais restrita. Sorin imputa este sucesso relativamente baixo ao caráter militante do livro, de fato, mais pronunciado do que nos demais aqui analisados: seu explícito engajamento teria prejudicado a

---

<sup>314</sup> “Sua história é ficção, mas sua precisão histórica básica é incontestável (...)”. Tradução minha. FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, p. 84.

<sup>315</sup> “Quando o período de oito anos de liberdade e cooperação dos negros e brancos no Sul foi destruído, ele foi destruído completamente. Não apenas as coisas materiais foram aniquiladas e as pessoas mortas, mas a própria memória foi expurgada.

Forças poderosas não consideraram ser uma boa coisa para o povo americano saber que uma vez houve tal experimento – e que o experimento havia funcionado. Que ao negro foi dado o direito de existir nesta nação como um homem livre, um homem que estava em pé de igualdade com seu vizinho, que a ele havia sido dado o direito de resolver seu próprio destino em conjunção com os brancos pobres do Sul, e que e um período de oito anos de resolução deste destino ele havia criado uma boa, justa e verdadeiramente democrática civilização”. Tradução minha. FAST, Howard. *Freedom Road*. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 262

<sup>316</sup> O próprio Fast reconhecia que seu sucesso como escritor adveio principalmente a partir destes dois romances. FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, p. 135.

qualidade do livro e o tornado pouco interessante fora do círculo da esquerda<sup>317</sup>. Tal avaliação, como já mencionamos, parece-nos fruto de suas próprias concepções acerca do partido comunista e de sua influência; cabe-nos atentar para o contexto de produção do romance para compreendermos melhor este aspecto.

Publicado em 1953, *The Passion Sacco and Vanzetti* foi escrito no ano anterior, em meio ao que pode ser considerado o auge do engajamento político de Fast junto ao Partido Comunista Americano, assim como da consequente repressão sofrida por ele por parte dos instrumentos macarthistas. Isto por si só já representa uma diferença significativa em relação a *The Last Frontier* e *Freedom Road*, publicados, respectivamente, antes de sua adesão ao partido e nos seus primeiros meses como membro.

Depois de ter passado três meses na prisão, em 1950, devido a ter se negado, junto com os demais diretores da JAFRC, a revelar ao comitê macarthista da HUAC os nomes daqueles que contribuíram com o financiamento de hospitais para vítimas do combate ao franquismo na Espanha, Fast procurou dar sequência a sua carreira de escritor. Empolgado com a ideia que teve enquanto esteve recluso, ao ler sobre a vida de Rosa Luxemburgo e a liga espartaquista que ajudou a criar, ele se empenhou na escrita daquele que viria a ser um dos seus maiores sucessos, *Spartacus*. Ao concluir o manuscrito e enviá-lo a Angus Cameron, da editora Little, Brown & Company de Boston, que já havia publicado dois livros de Fast, *My Glorious Brothers* (1948) e *The Proud and the Free* (1950), tudo parecia correr bem quando este foi recebido com muito entusiasmo e aprovação. No entanto, Fast começou a sentir o impacto da sua inclusão na *blacklist* por meio de um telefonema de Cameron:

(...) Angus telephoned and said he was coming to New York and would I have lunch with him, and the following day he told me an incredible story. J. Edgar Hoover<sup>318</sup> had sent his personal emissary, a federal agent, to Boston, where he met with the president of Little, Brown. He told him that he was not to publish any more books by Howard Fast, that these were the express instructions of J. Edgar Hoover, and that if he continued to publish Howard Fast, action would be taken against his company. The details of the action were not specified.

An editorial meeting followed, during which Angus pointed out that this was a blow at the most constitutional freedom, the First Amendment, that it was utterly disgraceful, and that there was no precedent to this in all American history – an appointed member of the federal government instructing a publisher not to publish a book under dire consequences. I have no details of the debate that followed, only that it was hot and heavy, as Angus indicated, and that the majority of the editorial

<sup>317</sup> SORIN, *Op. Cit.*, p. 279.

<sup>318</sup> John Edgar Hoover (1895-1972) foi diretor do FBI desde 1924 (quando ainda se chamava *Bureau of Investigation*, nome alterado para a forma atual em 1935) até seu falecimento, em 1972. Por suas convicções conservadoras e antirradicais, Hoover usou os recursos do FBI na repressão a grupos de esquerda nos Estados Unidos, particularmente a partir de 1946, quando lançou uma grande ofensiva anticomunista. BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS. *Op. Cit.*, p. 419-423.

board sided with the president. Finally, Angus said that his basic self-respect, his ability to live with himself, led him to this conclusion. Either they published *Spartacus*, or he would have to resign as vice president and editor in chief. They refused to undertake publication, and thereupon Angus resigned; he was without a job and I without a publisher<sup>319</sup>.

Este foi o início das dificuldades relacionadas à publicação de *Spartacus*, descritas em detalhe em *Being Red*<sup>320</sup>. Após ter sido rejeitado pela Little, Brown, mesmo com o respaldo oferecido por Angus Cameron, Fast foi atrás de outras editoras, na esperança de que publicassem seu livro. Contudo, a pressão exercida por J. Edgar Hoover, diretor do FBI, parece ter sido geral, pois outras seis editoras – Viking Press, Scribner's, Harper, Alfred A. Knopf, Simon and Schuster e Doubleday – não aceitaram publicar, deram desculpas, ou simplesmente se recusaram a ler o manuscrito. A alternativa encontrada por Fast veio a partir de outro telefonema, desta vez de um certo George Hecht, ligado à companhia editorial Doubleday, que havia rejeitado *Spartacus*. Hecht havia lido o manuscrito de *Spartacus* submetido para publicação e, compreendendo que dificilmente alguma editora se arriscaria a publicá-lo, sugeriu que Fast publicasse o livro por conta própria e que, caso o fizesse, ele encomendaria uma remessa para sua rede de livrarias<sup>321</sup>.

A partir de então, Fast toma a iniciativa, difícil e trabalhosa, de colocar em funcionamento sua própria companhia editorial, a que deu o nome de Blue Heron Press. Dessa forma, lhe foi possível empreender a publicação de *Spartacus*, com uma tiragem de 50.000 cópias, das quais 48.000 foram vendidas nos primeiros três meses – que correspondem ao início do ano de 1952, visto que sua publicação data de dezembro de 1951<sup>322</sup>. Entretanto, esta não foi a única adversidade encontrada por Fast em decorrência de seu *blacklisting*.

---

<sup>319</sup> “(...) Angus telefonou e disse que estava vindo a Nova York e eu almoçaria com ele, e no dia seguinte ele me contou uma história inacreditável. J. Edgar Hoover havia enviado seu emissário pessoal, um agente federal, a Boston, onde ele se encontrou com o presidente da Little, Brown. Ele lhe disse que ele não deveria mais publicar nenhum livro de Howard Fast, que estas eram as instruções expressas de J. Edgar Hoover, e que se ele continuasse a publicar Howard Fast, ações seriam tomadas contra sua companhia. Os detalhes das ações não foram especificados.

Uma reunião editorial se seguiu, durante a qual Angus destacou que isto era um golpe contra a liberdade mais constitucional, a Primeira Emenda, que isto era completamente vergonhoso, e que não havia precedentes disto em toda história americana – um membro designado do governo federal instruindo um editor a não publicar um livro sob ameaça de terríveis consequências. Eu não tenho detalhes sobre o debate que se seguiu, apenas que foi acalorado e pesado, como Angus indicou, e que a maioria do conselho editorial tomou o lado do presidente. Finalmente, Angus disse que seu respeito próprio básico, sua capacidade de viver consigo mesmo, o levou a esta conclusão. Ou eles publicavam *Spartacus*, ou ele teria que se demitir do cargo de vice-presidente e editor-chefe. Eles se recusaram a empreender a publicação, e então Angus se demitiu; ele estava sem emprego e eu sem uma editora”. Tradução minha. FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, p. 288-289.

<sup>320</sup> *Ibid.*, p. 288-295.

<sup>321</sup> *Ibid.*, p. 290.

<sup>322</sup> *Ibid.*, p. 296-298.

A editora Signet Books, pertencente a Kurt Enoch, um refugiado da Alemanha nazista, havia recentemente publicado reedições em *paperback* de *Conceived in Liberty* (1939) e *The Unvanquished* (1942), dois romances de Fast sobre o período colonial e a Independência americana, escritos antes de seu ingresso no partido comunista<sup>323</sup>. Assim mesmo, J. Edgar Hoover tomou providências para evitar a circulação de livros escritos por Fast, comunista cujas ideias eram consideradas demasiado perigosas e subversivas:

It must have gotten through to J. Edgar Hoover that, while he had knocked the props from under me at Little, Brown and Company, here was a publisher flooding the market with thousands of copies of Fast books, and he promptly sent one of his agents to Signet with instructions that Mr. Kurt Enoch should sell no more of Howard Fast's books and that those books he had in stock were not to be sold. When Enoch asked what he was to do with the books in stock, the federal agent said that he was to destroy them<sup>324</sup>.

Ao saber disso, de modo a preservar suas publicações, Fast ligou para Enoch e acabou comprando os 130 mil livros que ele tinha em estoque por 300 dólares, guardando-os em um depósito que seu sogro possuía em Nova Jersey. Diante da pressão exercida por J. Edgar Hoover, a editora Little, Brown entrou em contato com Fast para fazer uma proposta:

Then a letter arrived from Little, Brown, explaining that since they had taken over Duell, Sloan and Pearce when it went bankrupt, they had plates for all my books back to *The Last Frontier*. They also had three thousand or so copies of all my titles. They wanted to be rid of every bit of evidence that connected them to Howard Fast, and they would be happy to sell me the plates and contractual rights to these books for \$4,683.31. This covered plates and thirteen titles. The plates alone were worth more than that, and the residual rights to these books in due time came to over a million dollars – and all this for \$4,683 to get them off the hook and, figuratively speaking, J. Edgar Hoover out of their editorial chambers<sup>325</sup>.

Com certo esforço, Fast conseguiu adquirir o material e salvaguardar mais uma parte de sua produção literária ameaçada pela perseguição política do macarthismo, que o afetava de modo intenso no início da década de 1950, após sua prisão. É importante mencionarmos estas dificuldades, justamente porque é neste contexto que se dá, em 1953, a publicação de

---

<sup>323</sup> Ibid., p. 296-297.

<sup>324</sup> “Deve ter chagado ao conhecimento de J. Edgar Hoover que, ainda que ele tenha me dado um duro golpe na Little, Brown and Company, aqui estava um editor inundando o mercado com milhares de cópias de livros de Fast, e ele prontamente enviou um de seus agentes para a Signet com instruções que o Sr. Kurt Enoch não deveria mais vender os livros de Howard Fast e que aqueles livros que ele tivesse em estoque não deveriam ser vendidos. Quando Enoch perguntou o que ele iria fazer com os livros em estoque, o agente federal disse que ele deveria destruí-los”. Tradução minha. Ibid., p. 296.

<sup>325</sup> “Então chegou uma carta da Little, Brown, explicando que, como eles haviam assumido a Duell, Sloan and Pearce quando ela faliu, eles tinham placas de impressão para todos os meus livros desde *The Last Frontier*. Eles também tinham cerca de três mil cópias de todos os meus títulos. Eles queriam se livrar de toda evidência que os conectava a Howard Fast, e eles ficariam felizes de me vender as placas e os direitos contratuais a estes livros por 4.683,31 dólares. Isto cobria placas e treze títulos. Somente as placas valiam mais do que isto e os direitos residuais a estes livros, no tempo devido, chegaram a superar um milhão de dólares – e tudo isto por 4.683 dólares para livrá-los de problemas e, figurativamente falando, tirar J. Edgar Hoover de suas salas editoriais”. Tradução minha. Ibid., p. 297-298.

*The Passion of Sacco and Vanzetti*, segundo livro publicado por iniciativa de Fast, através da Blue Heron Press. Além disso, esta mesma perseguição macarthista nos ajuda a compreender os limites da obra em termos de circulação e recepção.

Cabe também mencionarmos o acirramento do envolvimento político de Fast neste período. Desde princípios da década de 1950, Fast vivia um aprofundamento de sua desconfiança em relação ao partido comunista, particularmente diante das crescentes evidências de antissemitismo na União Soviética<sup>326</sup>. Recusando-se a acreditar nos rumores, que atribuía à propaganda anticomunista, ainda que aumentasse sua descrença e seu desconforto em relação ao partido, ele continuou a ser seu membro e, mais do que isso, engajou-se ativamente na política. De fato, em 1952, ano em que estava redigindo *Sacco and Vanzetti*, Fast concorreu a uma vaga no Congresso pelo Vigésimo Terceiro Distrito Congressional do South Bronx. A partir desta iniciativa, ele participou de diversas atividades de campanha, como discursos, carreatas e distribuição de panfletos, muito embora o resultado das urnas não tenha refletido seu empenho na corrida eleitoral<sup>327</sup>. Não obstante, queremos chamar atenção para o fato de que a política estava ainda mais intimamente presente na vida e na carreira de Fast quando da escrita de *Sacco and Vanzetti*, de modo que dificilmente poderíamos dissociar o aspecto político da sua redação.

Especificamente, *Sacco and Vanzetti* tinha um propósito político muito evidente, ao fazer uma clara associação do caso dos imigrantes italianos com outro célebre processo judicial que estava em curso naquela época, o caso Rosenberg. Em 1950, o casal de origem judaica Julius e Ethel Rosenberg, ligados ao movimento comunista, foram processados por “conspiração para cometer espionagem”, acusados de terem repassado informações a respeito da produção da bomba atômica americana para agentes soviéticos. À semelhança do caso Sacco e Vanzetti, as inclinações políticas dos réus influenciou fortemente o processo dos Rosenberg, e sua condenação gerou grande comoção mundial pedindo clemência para os acusados. Entretanto, a sentença foi mantida e Julius e Ethel foram executados em 1953<sup>328</sup>.

---

<sup>326</sup> Ibid., p. 324-235.

<sup>327</sup> Fast acabou derrotado pelo candidato democrata Isidore Dollinger que, segundo ele, sequer pisou no South Bronx durante a campanha eleitoral. Fast obteve cerca de dois mil votos; Dollinger, quarenta mil. Ibid., p. 313.

<sup>328</sup> O caso de “espionagem atômica” de Julius e Ethel Rosenberg foi um dos mais famosos julgamentos políticos da história americana. De fato, o processo dos Rosenberg foi influenciado pelo clima de anticomunismo, e repleto de impropriedades jurídicas. Boa parte da comunidade internacional, particularmente dos setores da esquerda, protestou pedindo clemência ao casal, incluindo personalidades como Pablo Picasso e Jean-Paul Sartre. Entretanto, a única forma de clemência admitida pelo governo americano dependia da confissão dos Rosenberg de terem cometido espionagem, o que jamais foi aceito por eles, que sempre se afirmaram inocentes. Mesmo após sua execução, muitas pessoas permaneceram convictas de sua inocência e de que sua condenação



Imerso na política e no movimento comunista, Fast estava certo da inocência dos Rosenberg e de que seu julgamento e condenação representavam mais um episódio de perseguição política contra integrantes da esquerda, como ele próprio havia sofrido. Neste sentido, Fast pretendia que seu romance sobre Sacco e Vanzetti tivesse um impacto no julgamento dos Rosenberg, ao fazer um paralelo entre as injustiças e impropriedades presentes nos dois processos:

Fast had begun working on *The Passion of Sacco and Vanzetti* in mid-1952, just as he was picking up the cudgels for Ethel and Julius. And in June 1953, a week before the Rosenbergs died, he wrote that he had “finishing writing [his] new novel” about Sacco and Vanzetti, which he hoped “would prove to be an important factor” in the Rosenberg case. “Twenty-five years after the fact”, Fast said, “it is so easy to see the unjustness of the verdict against [Sacco and Vanzetti] – and now twenty-five years later, we [should] also understand full well” the injustice being done to the Rosenbergs<sup>329</sup>.

Infelizmente, para os propósitos de Fast, seu romance não foi publicado a tempo de ter qualquer impacto no sentido de salvar o casal Rosenberg, executados antes do lançamento do livro. De toda forma, a obra representa a consolidação, no pensamento de Fast, do reconhecimento do processo de Sacco e Vanzetti como o caso paradigmático do julgamento tendencioso de minorias étnicas e/ou políticas nos Estados Unidos. Referimo-nos à “consolidação” porque o caso Sacco e Vanzetti já era conhecido e evocado por Fast como tal desde, pelo menos, a década de 1940, quando o menciona em alguns de seus artigos<sup>330</sup>. Efetivamente, por exemplo, Fast também o utiliza como baliza para avaliar o julgamento do militante comunista Steve Nelson<sup>331</sup>: “This trial, Fast said, ranks in ‘grandeur and heroism with the court fights of the greatest working class heroes such as Sacco [and] Vanzetti’”<sup>332</sup>.

---

havia sido por motivos políticos. Em 1995, a abertura de arquivos secretos ligados ao projeto Venona, iniciativa de contra inteligência americana para a decodificação de mensagens soviéticas, revelou o envolvimento de Julius no repasse de informações relativas a projetos tecnológicos a agentes soviéticos e o mero conhecimento de Ethel das atividades do marido. De toda forma, permanecem as críticas tanto à parcialidade política do seu julgamento, quanto à aplicação da pena capital. BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS, *Op. Cit.*, P.1272-1279.

<sup>329</sup> “Fast havia começado a trabalhar em *The Passion of Sacco and Vanzetti* em meados de 1952, justo quando assumia a defesa de Ethel e Julius. E em junho de 1953, uma semana antes dos Rosenberg morrerem, ele escreveu que ele havia ‘terminado de escrever [seu] novo romance’ sobre Sacco e Vanzetti, o qual ele esperava que ‘provaria ser um importante fator’ no caso Rosenberg. ‘Vinte e cinco anos depois do fato’, Fast disse ‘é muito fácil ver a injustiça do veredito contra [Sacco e Vanzetti] – e agora vinte e cinco anos depois, nós [devemos] também entender muito bem a injustiça que está sendo feita aos Rosenberg’. Tradução minha. SORIN, *Op. Cit.*, p. 276.

<sup>330</sup> Como, notadamente, em FAST, Howard. “One Man’s Heritage”. In: *New Masses*, vol. 65, n. 1, 30/09/1947, p. 6-7 e FAST, Howard. “Working Class Materials Challenge Creative Artists”. In: *Daily Worker*, 02/09/1946, s/p.

<sup>331</sup> Steve Nelson (1903-1993), nascido Stjepan Mesaros, foi um ativista político americano natural da Croácia. Por seu envolvimento com o Partido Comunista Americano, Nelson foi processado pelo *Smith Act* em 1953, sob a acusação de “promover a derrubada do governo pela força”. Fast foi um dos principais porta-vozes em defesa de Nelson, tendo também se correspondido com ele enquanto Nelson esteve preso. SORIN, *Op. Cit.*, p. 245-247.

<sup>332</sup> “Este julgamento, Fast disse, se compara em ‘grandeza e heroísmo com as lutas nos tribunais dos maiores heróis da classe trabalhadora como Sacco [e] Vanzetti’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 246.

Contudo, Fast não era o único a recordar Sacco e Vanzetti como exemplos de abusos judiciais contra militantes de esquerda. Jean-Paul Sartre, com quem Fast teve a oportunidade de conversar no pós-guerra<sup>333</sup>, manifestava a mesma opinião com referência ao caso Rosenberg: “You pulled the same on us”, he said, “with Sacco and Vanzetti”<sup>334</sup>. De fato, as semelhanças entre os dois casos, que tiveram repercussão mundial, tal como as percebiam Fast e seus contemporâneos, eram significativas:

There were some important differences between the Rosenberg “conspiracy to commit espionage” trial and the Sacco and Vanzetti robbery-murder trial. But for Fast as for Sartre and many others, the parallels between the cases were more obvious and significant. Indeed, Fast’s sense of the similarities led him to hope that his novel about Sacco and Vanzetti would get significant attention and help in the Rosenberg case. Both cases involved the conviction and death sentence for two members of minority groups suspected of disloyalty. Evidence presented by the respective prosecutors was tainted or questionable, and there were many judicial improprieties during the two trials. Neither the Rosenberg nor the oft-changing Sacco and Vanzetti defense team was particularly strong. In the 1950s as in the 1920s, a political atmosphere unfavorable to the defendants was palpable: anti-Communism and concern for national security in the case of the Rosenbergs, and xenophobia and anti-radicalism in the case of Sacco and Vanzetti. The Rosenbergs had been arrested in the summer of 1950 when McCarthyism was riding high; Sacco and Vanzetti were arrested on suspicion of murder during the “Red Scare” of 1919-1920, which intensified after a number of bombings and bomb plots were directed at U.S. Attorney General A. Mitchell Palmer<sup>335</sup> and other American leaders. These attacks and schemes led to the most extreme period of anti-radical repression in American history.

(...) Fast, however, thought both cases were “frame-ups” – of progressive Jews in the one instance, and detested foreign radicals in the other. Fast also believed that Judge Irving Kaufman of the Rosenberg case and Webster Thayer, the presiding judge in the Sacco Vanzetti trial, were corrupted – Kaufman by his desperate need to dissociate Jews from Communism, and Thayer by his deep prejudice against “aliens”, especially Italian radicals<sup>336</sup>.

<sup>333</sup> De acordo com Sorin, o encontro entre os dois ocorreu em 1945. *Ibid.*, p. 89-90.

<sup>334</sup> “‘Vocês fizeram o mesmo conosco’, ele disse, ‘com Sacco e Vanzetti’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 275.

<sup>335</sup> Alexander Mitchell Palmer (1872-1936) foi Procurador Geral dos Estados Unidos entre 1919 e 1921, durante o governo de Woodrow Wilson. Palmer foi responsável, neste período, pela prisão em massa de indivíduos supostamente subversivos, em sua maioria de origem estrangeira, os quais foram deportados – iniciativa que ficou conhecida como *Palmer Raids*. BUHLE, BUHLE, GEORGAKAS. *Op. Cit.*, p. 1661.

<sup>336</sup> “Havia algumas importantes diferenças entre o julgamento da ‘conspiração para cometer espionagem’ dos Rosenberg e o julgamento de roubo-assassinato de Sacco e Vanzetti. Mas para Fast, como para Sartre e muitos outros, os paralelos entre os casos eram mais óbvios e significativos. De fato, a noção que Fast tinha das similaridades o levou a esperar que seu romance sobre Sacco e Vanzetti obteria significativa atenção e ajudaria no caso Rosenberg. Ambos os casos envolviam a condenação e sentença de morte para dois membros de grupos de minorias suspeitos de deslealdade. As evidências apresentadas pelos respectivos promotores eram contaminadas ou questionáveis, e houve muitas impropriedades jurídicas durante os dois julgamentos. Nem a equipe defesa dos Rosenberg nem a frequentemente cambiante de Sacco e Vanzetti era particularmente forte. Nos anos 1950 como nos 1920, uma atmosfera política desfavorável aos réus era palpável: anticomunismo e preocupação pela segurança nacional no caso dos Rosenberg, e xenofobia e antirradicalismo no caso de Sacco e Vanzetti. Os Rosenberg haviam sido presos no verão de 1950, quando o macarthismo estava a pleno vapor; Sacco e Vanzetti foram presos sob suspeita de homicídio durante o *Red Scare* de 1919-1920, que se intensificou depois que uma série de atentados a bomba foi direcionada ao Procurador Geral dos Estados Unidos A. Mitchell Palmer e outros líderes americanos. Estes ataques e conspirações levaram ao período mais extremo de repressão antirradical na história americana.

De fato, estas semelhanças entre os dois casos eram incontestáveis para Fast: o processo, condenação e execução de indivíduos de minorias étnicas, ligados a movimentos de esquerda, os anarquistas italianos Sacco e Vanzetti e os judeus comunistas Julius e Ethel Rosenberg, condenados por meio de provas inconsistentes ou suspeitas de terem sido manipuladas, em julgamentos tendenciosos, permeados por preconceitos em relação à sua origem étnica e à sua orientação política. Contudo, outra característica ainda aproximava os dois casos, aos olhos de Fast. Apesar de que, desde o acesso aos documentos, antes confidenciais, do projeto Venona, boa parte dos historiadores consideram que ao menos Julius estava de fato envolvido com atividades de espionagem para a União Soviética<sup>337</sup>, e da dificuldade, como veremos mais adiante, persistente até hoje, em determinar o envolvimento ou não de Sacco e Vanzetti com o latrocínio em South Braintree, Fast estava convicto não apenas de que ambos os processos foram marcados pelo preconceito e por impropriedades jurídicas, mas também da inocência de todos os acusados.

Dessa forma, como em *The Last Frontier e Freedom Road*, de modo a expressar a sua visão a respeito da história de seu processo, a escrita de *The Passion of Sacco and Vanzetti* também passou por uma etapa de pesquisa. Neste sentido, a principal referência de Fast foi o extenso artigo, posteriormente transformado em livro, *The Case of Sacco and Vanzetti*, do então professor de direito de Harvard e futuro juiz da Suprema Corte Americana, o judeu austríaco Felix Frankfurter<sup>338</sup>. O artigo de Frankfurter, publicado na revista *Athlantic Monthly* de Boston, em março de 1927, tinha por objetivo apontar todas as falhas, inconsistências nas evidências, e impropriedades cometidas pela acusação e pelo juiz Webster Thayer durante o processo de Sacco e Vanzetti, e, se não os apontava como claramente inocentes, ao menos manifestava a necessidade de um novo julgamento, tendo em vista a parcialidade de Thayer e o surgimento de novas provas. O artigo, lançado meses antes da execução dos réus, teve grande repercussão na época, ampliando ainda mais a visibilidade do caso e os clamores por um novo julgamento, que nunca foi concedido pela justiça americana.

---

(...) Fast, contudo, pensava que ambos os casos eram “incriminações” – de judeus progressivos em uma instância e de odiados radicais estrangeiros na outra. Fast também acreditava que o juiz Irving Kaufman do caso Rosenberg e Webster Thayer, o juiz que presidiu o julgamento de Sacco e Vanzetti, eram corruptos – Kaufman por sua desesperada necessidade de dissociar os judeus do comunismo, e Thayer por seu profundo preconceito contra “forasteiros”, especialmente radicais italianos”. Tradução minha. SORIN, *Op. Cit.*, p. 276-277.

<sup>337</sup> HAYNES, John Earl; KLEHR, Harvey. *Venona: Decoding Soviet Espionage in America*. New Haven: Yale University Press, 2000, p. 14-18; 307-311.

<sup>338</sup> FRANKFURTER, Felix. “The Case of Sacco and Vanzetti”. In: *Atlantic Monthly*. Março de 1927. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1927/03/the-case-of-sacco-and-vanzetti/306625/>. Acesso em fevereiro de 2019.

Pela sua clareza, contundência e relevância, e por sintetizar muitos de seus pontos de vista a respeito do caso, Fast fez das considerações de Frankfurter a sua principal referência para a escrita de *Sacco and Vanzetti*. Sua influência foi tamanha, que Sorin chega a acusar Fast de ter plagiado partes do seu artigo:

(...) Thayer's integrity was the target of a major attack by Felix Frankfurter, then a professor of law at Harvard, and in 1953 a Supreme Court justice and potential protagonist in the Rosenberg case. Fast was so taken with Frankfurter's book *The Case of Sacco and Vanzetti* (1927), and the article that preceded it in the *Atlantic Monthly*, that he made these the chief source of his novel – unfortunately with no attribution to Frankfurter, even though several sections of *The Passion of Sacco and Vanzetti* were plagiarized. Fast either thought he was doing nothing wrong or justified his illicit behavior in his rush to help the Rosenbergs avoid execution<sup>339</sup>.

De fato, ao compararmos os textos de Fast e de Frankfurter, percebemos claramente os trechos a que Sorin se refere como um suposto plágio. Estes configuram justamente a explanação geral do caso Sacco e Vanzetti, com todas suas inconsistências e impropriedades, feitas por um dos personagens da obra<sup>340</sup>, e realmente apresentam semelhanças quase literais com o artigo de Frankfurter. Entretanto, um atenuante desta situação é que o personagem em questão é designado simplesmente como “The Criminal Law Professor”, manifestamente baseado no próprio Frankfurter. Em outras palavras, no romance, Fast atribui ao personagem de Frankfurter as palavras que o Frankfurter real havia escrito em relação ao caso.

Ainda que, em termos intelectuais e editoriais, a ausência de uma referência bibliográfica explícita seja problemática, Fast não parecia muito preocupado com esta questão, talvez acreditando que o termo “Professor de Direito Criminal” deixava claro de quem estava se tratando, tanto que chegou a enviar a Frankfurter uma cópia do romance, na expectativa de que ele o movesse a engajar-se no caso Rosenberg:

Fast apparently sent to Supreme Court Justice Felix Frankfurter a pre-publication copy of *The Passion* that carried an inscription saying, “if only it were possible because of [your] brilliant work on Sacco and Vanzetti, where [you] stood up against a whole nation as a Jew at a time of great anti-Semitism” and defended the Italian immigrants, that Frankfurter “might remember those days and be ... inspired

<sup>339</sup> “(...) a integridade de Thayer foi alvo de um grande ataque por parte de Felix Frankfurter, então um professor de direito de Harvard, e em 1953 um juiz da Suprema Corte e potencial protagonista no caso Rosenberg. Fast estava tão encantado com o livro de Frankfurter *The Case of Sacco and Vanzetti* [“O Caso de Sacco e Vanzetti”] (1927), e com o artigo que o precedeu na *Athlantic Monthly*, que ele fez destes as principais fontes de seu romance – infelizmente sem qualquer atribuição a Frankfurter, apesar de que várias passagens de *The Passion of Sacco and Vanzetti* foram plagiadas. Fast ou pensava que não estava fazendo nada de errado ou justificava seu comportamento ilícito a partir de sua pressa para ajudar a evitar a execução dos Rosenberg”. Tradução minha. SORIN, *Op. Cit.*, p. 277.

<sup>340</sup> O trecho em questão refere-se a uma palestra proferida pelo personagem do Professor de Direito, dando um panorama do caso e dos problemas ao longo do julgamento, com frases quase idênticas ao texto de Frankfurter. Esta passagem encontra-se em FAST, Howard. *The Passion of Sacco & Vanzetti*. A New England Legend. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 472-609.

by this book into doing something of the same today”. The justice did not respond. He “never acknowledged the book or what I had written”, Fast said, “nor did his position [on the Rosenbergs] change”. If Frankfurter had actually read the book, he might have taken great umbrage, not only at what looked like plagiarism in places, but also at the radical rhetoric, wholly alien to his own, that Fast puts in the mouth of the thinly disguised “Law Professor”<sup>341</sup>.

Cabe mencionar que, ainda que proceda a crítica de Sorin neste caso, sua avaliação de *The Passion of Sacco and Vanzetti* é claramente influenciada por suas próprias convicções com relação à suposta “má qualidade” das obras escritas por Fast durante seu engajamento no partido comunista. De fato, Sorin afirma que, se considerarmos a obra como um livro de não-ficção, ele seria “an abject failure, full of speculation, error, and even theft of intellectual property” e que, ainda que possa ter algum apelo enquanto literatura, “in the end we are left with a political pamphlet, consciously written in good part to serve a political goal – clemency for the Rosenbergs”<sup>342</sup>. Além disso, considerando Sacco como “provavelmente culpado” do crime e Vanzetti como “provavelmente inocente”<sup>343</sup>, Sorin manifesta a opinião de que Fast estava “following his worst literary inclinations”, tendo “swallowed whole the patently spurious confession of Celestino Medeiros”<sup>344</sup>, que inocentava a ambos.

Discordamos radicalmente destas colocações de Sorin, tanto no sentido de que uma obra que tenha algum fundo de objetivo político perderia automaticamente sua qualidade e validade como literatura, quanto no de considerar que o romance seja uma “falha abjeta” e que seja repleto de erros e especulações. Ao contrário, a obra é solidamente baseada nas observações de Frankfurter, consideradas uma das melhores, mais coerentes e mais bem fundamentadas sínteses do caso Sacco e Vanzetti contemporâneas a ele, quase ao ponto do plágio – esta sim, uma crítica passível a obra. No mesmo sentido, como veremos adiante, a confissão de Celestino Medeiros (às vezes, escrito como Medeiros), criminoso de origem portuguesa que assumiu a participação no latrocínio e afirmou que Sacco e Vanzetti não

---

<sup>341</sup> “Fast aparentemente enviou para o juiz da Suprema Corte Felix Frankfurter uma cópia pré-publicação de *The Passion*, que carregava uma inscrição dizendo “se apenas fosse possível, por causa de [seu] brilhante trabalho sobre Sacco e Vanzetti, onde [você] se levantou contra toda uma nação como judeu em um tempo de grande antissemitismo” e defendeu os imigrantes italianos, que Frankfurter “pudesse lembrar daqueles dias e ser ... inspirado por este livro a fazer algo semelhante hoje”. O juiz não respondeu. Ele “nunca reconheceu o livro ou o que eu havia escrito”, disse Fast, “nem sua posição [sobre o caso Rosenberg] mudou”. Se Frankfurter tivesse realmente lido o livro, ele talvez tivesse tomado grande ofensa, não apenas pelo que parecia plágio em alguns lugares, mas também pela retórica radical, completamente alheia à sua própria, que Fast colocou na boca do pouco disfarçado “Professor de Direito”. Tradução minha. SORIN, *Op. Cit.*, p. 279.

<sup>342</sup> “uma falha abjeta, cheio de especulações, erros e até roubo de propriedade intelectual”; “no fim, nos resta um panfleto político, conscientemente escrito, em boa parte, para servir a um objetivo político – clemência para os Rosenberg”. Traduições minhas. *Ibid.*, p. 279.

<sup>343</sup> *Ibid.*, p. 278.

<sup>344</sup> “seguindo suas piores inclinações literárias”; “engolindo inteiramente a patentemente espúria confissão de Celestino Medeiros”. Traduições minhas. *Ibid.*, p. 278.

estavam presentes, não é “patentemente espúria” ou falsificada, mas compõe o amplo espectro de evidências que contradiz o veredito final do caso e dá suporte a uma teoria alternativa em relação à execução do crime.

*The Passion of Sacco and Vanzetti* tem claramente um posicionamento, o de que tanto os italianos quanto o casal Rosenberg eram inocentes e haviam sido condenados por suas posições políticas e sua origem étnica. Diante disso, Fast buscou fontes bibliográficas que corroborassem este ponto de vista para escrever o romance. De fato, mesmo tendo uma posição que, até onde se sabe, é praticamente impossível de ser provada jurídica e documentalmente, Fast buscava passar a impressão de estar contando a história real do caso Sacco e Vanzetti, como de fato acreditava estar fazendo. Neste sentido, é notável não apenas o uso extensivo da consistente argumentação de Frankfurter, mas também a presença de diversos personagens históricos reais, ferramenta que contribui para criar uma atmosfera de veracidade.

Efetivamente, ainda que todos os personagens, com exceção de Madeiros, Vanzetti, Sacco e sua família, não sejam explicitamente nomeados, muitos deles são caracterizados por meio de designações que permitem sua fácil identificação. Além do já mencionado “Professor of Criminal Law”, inspirado na figura de Felix Frankfurter, Fast também caracteriza outros personagens centrais no caso Sacco e Vanzetti, como o juiz Webster Thayer, referido como “The Judge”; A. Lawrence Lowell, presidente da universidade de Harvard e membro do conselho consultivo que negou o apelo a um novo julgamento aos acusados, alcunhado de “The President of the University”; Oliver Wendell Holmes, juiz da Suprema Corte americana que negou a suspensão de sua execução, designado como “The Justice”; e mesmo o governador de Massachusetts, Alvin T. Fuller (“The Governor”), o então presidente dos Estados Unidos, Calvin Coolidge (“The President of the United States”) e o ditador italiano Benito Mussolini (“The Dictator”) <sup>345</sup>.

A exemplo das demais obras aqui analisadas, algumas vivências pessoais de Fast tiveram um impacto determinante em sua escrita. No caso de *The Passion of Sacco and Vanzetti*, romance que se passa em um único dia, apesar de sua narrativa acompanhar o ponto de vista de diversos personagens a respeito do caso de Sacco e Vanzetti, a penitenciária onde os dois condenados aguardam sua execução constitui um dos seus principais cenários. Neste sentido, a própria experiência de Fast de seu tempo na prisão, ainda recente em sua memória,

---

<sup>345</sup> Ibid., p. 279.

visto que apenas dois anos a separam da escrita de *Sacco and Vanzetti*, é um fator que perpassa a sua redação. De fato, ao lermos o relato memorialístico acerca do impacto da prisão, da descrição de suas instalações e do procedimento a que foi submetido, elaborado por ele em *Being Red*, somos confrontados com muitas semelhanças com o tom da narrativa do romance:

I had imagined that the jail in the District of Columbia would be small, since it was not considered a penitentiary but a common jail; it turned out to be an enormous institution, red brick walls, armed guards, towering cell blocks – and tight, so incredibly tight that an adventurous mouse would have gone insane trying to escape. We were led through and electric gate, then another and another. Already, I could sense the stripping away of humanity and dignity. Prison does that to you; prison guards do that to you. They look through you, up you, and down you, but they never look at you as they would if they considered you human.

We entered a long corridor, and there I saw a sight that I recall most vividly, for all the years gone by. At the end of the corridor was a large room. There on long benches sat about a hundred men, black men and white men, all of them naked. They sat despondently, hunched over, heads bent, evoking pictures of the extermination camps of World War Two.

We entered the room, and there we were told to undress. We stripped down, made bundles of our clothes and possessions, and joined the men on the benches. The dignity we had clung to so desperately was now taken from us. Naked I sat, and naked were the men beside me, the doctors, lawyers, labor leaders, and the college professor. Naked we were processed, fingerprinted again, questioned, filed, indexed. Then showers, antiseptic soap, antiseptic footbaths. Then the faded blue uniforms, and we were ready for our cells<sup>346</sup>.

Neste trecho, Fast retrata a sua chegada, junto aos demais companheiros da JAFRC, condenados por desacato ao Congresso, na prisão de Washington onde aguardariam a transferência para o local onde cada um cumpriria a sua pena. Nas cenas descritas, ele enfatiza o clima de opressão, a desumanização e a perda de dignidade sofrida pelos condenados ao adentrarem o sistema prisional. Esta é uma perspectiva muito presente na narrativa de *Sacco*

---

<sup>346</sup> “Eu imaginava que a prisão no Distrito de Columbia seria pequena, visto que não era considerada uma penitenciária, mas uma cadeia comum; ela acabou se revelando uma enorme instituição, com muros de tijolos vermelhos, guardas armados, imponentes blocos de celas – e apertada, tão incrivelmente apertada que um camundongo aventureiro teria ficado louco tentando escapar. Fomos conduzidos através de um portão elétrico, então outro e outro. Eu já podia sentir a humanidade e a dignidade sendo arrancadas. A prisão faz isto com você; os guardas da prisão fazem isto com você. Eles olham através de vocês, olham de cima a baixo, mas nunca olham para você como eles olhariam se lhe considerassem humano.

Entramos em um longo corredor e lá eu vi algo de que me lembro muito vivamente, mesmo tendo passados muitos anos. No final do corredor havia uma grande sala. Lá, em longos bancos, sentavam-se cerca de cem homens, negros e brancos, todos nus. Eles sentavam abatidos, encurvados, de cabeça baixa, evocando imagens dos campos de extermínio da Segunda Guerra Mundial.

Entramos na sala e nos disseram para nos despirmos. Nos despimos, fizemos trouxas com nossas roupas e nossas posses, e nos juntamos aos homens nos bancos. A dignidade à qual havíamos nos apegado tão desesperadamente foi agora tirada de nós. Nu eu sentava, e nus estavam os homens ao meu lado, os médicos, advogados, líderes trabalhistas, e o professor universitário. Nus fomos processados, tivemos nossas digitais colhidas novamente, questionados, arquivados, indexados. Então, duchas, sabão antisséptico, banhos de pés antissépticos. Então, os desgastados uniformes azuis e estávamos prontos para nossas celas”. Tradução minha. FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, p. 249.

*and Vanzetti*, que, na visão de Fast, haviam sido injustamente presos e submetidos a esta experiência cruel e opressiva, a exemplo do que ocorria a ele próprio. Ao continuar a descrever a sua rotina no cárcere, ele insiste neste aspecto de cruel desumanização e evoca também a figura de seu companheiro de cela:

My cell was five by seven, and I shared it with another prisoner, a poor frightened kid of eighteen who had first been caught when he was twelve and had already spent years of his young life in prisons and reformatories. He was a slender, blue-eyed, handsome kid with cornsilk hair, and he had been raped by fellow prisoners at least a hundred times. It took a while to win his confidence and get him to talk. He was in prison for “carnal knowledge” (...) charged by the father of the girl he kissed. He had been there for fifty-eight days without indictment.

In that five-by-seven space were two beds, a toilet, a sink, and a little table. No window, and the whole front of the cell was bars, the rest metal sheeting, and when the heavy electric door clanged shut behind me, I experienced a kind of hopeless cessation of the will to struggle<sup>347</sup>

Este clima de completa desesperança e de sufocamento da vontade de lutar e de viver, experimentado por Fast quando de sua prisão reflete-se na escrita de *Sacco and Vanzetti*, na atmosfera criada por ele ao retratar os momentos finais dos trabalhadores italianos. Além disso, é interessante considerarmos o perfil de seu companheiro de cela, cuja descrição, na passagem acima, se assemelha muito à caracterização do personagem de Madeiros, feita por Fast no romance.

I spent nine days in that tiny cell with the kid whose life had been washed out before he had had a chance to grow and look around, whose soul had been crushed, and I spent nine nights listening to eight convicts, two rows beneath us, who had been sentenced to death, and who were being held in the district jail until they could be sent out to another prison for execution. I recommend the experience to those who believe in capital punishment! And I ate three meals a day with convicts who were thieves and hoodlums, and in the afternoons, on the top tier, I listened to them. I listened to a great deal. Lie awake most of the night in a tiny cell and listen to men pray to God that they don't want to die, and plead with God to give them another chance, and weep out their confessions with no priest to hear them, and beg God to understand the hate and bruises and mistakes and cruelties inflicted on them by others, so that their path to hell was laid out for them before they took their first step – and then you will learn of the human condition what can't otherwise be taught<sup>348</sup>.

---

<sup>347</sup> Minha cela media cinco por sete, e eu a dividia com outro prisioneiro, um pobre e assustado garoto de dezoito anos, que havia sido primeiro capturado quando tinha doze, e já havia passado anos de sua jovem vida em prisões e reformatórios. Ele era um garoto magro, de olhos azuis, bonito, com cabelos loiros e sedosos, e ele havia sido estuprado por seus companheiros de prisão ao menos uma centena de vezes. Demorou um tempo a conquistar a sua confiança e convencê-lo a falar. Ele estava preso por “conhecimento carnal” (...) acusado pelo pai da garota que ele havia beijado. Ele estava ali por cinquenta e oito dias sem ter sido indiciado. Naquele espaço de cinco-por-sete, havia duas camas, uma privada, uma pia e uma pequena mesa. Não havia janelas e em toda a frente da cela havia barras, o resto era de folhas de metal, e quando a pesada porta elétrica fechou atrás de mim, eu experienciei um tipo de desesperada cessação da vontade de lutar”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 249-250.

<sup>348</sup> “Eu passei nove dias naquela minúscula cela com o garoto cuja vida havia sido desbotada antes que ele tivesse uma chance de crescer e olhar em volta, cuja alma havia sido esmagada, e eu passei nove noites escutando oito presos, duas fileiras abaixo da nossa, que haviam sido sentenciados à morte, e que estavam sendo



Ao descrever o personagem de Madeiros no romance, Fast apresenta justamente esta mesma concepção: a de que o jovem prisioneiro, envolvido em atividades criminais desde muito cedo, teve o seu caminho determinado pelas circunstâncias da vida na pobreza e acabou tendo seu destino selado antes que pudesse crescer, amadurecer e tomar consciência da própria trajetória. Mais do que isto, a brutalidade do sistema prisional e o desespero dos encarcerados condenados à morte, vivenciados e relatados por Fast nesta citação, são elementos bastante presentes ao longo do romance, particularmente no que se refere à angústia diante da proximidade da execução apresentada, sobretudo, pelo próprio Madeiros e, algumas vezes, por Sacco e Vanzetti. Estes aspectos, oriundos da própria experiência da prisão de Fast, contribuem para a construção de toda uma atmosfera de opressão, desesperança e desumanização, que constitui a tônica do romance.

Neste sentido, diante do exposto até aqui no presente capítulo, pudemos perceber como os três romances aqui analisados, *The Last Frontier*, *Freedom Road* e *The Passion of Sacco and Vanzetti*, tiveram duas grandes linhas de influências ao longo de seu processo de escrita. Visando a criação de obras que apresentassem “histórias verdadeiras”, os romances passaram por uma importante fase de pesquisa, documental e bibliográfica, de modo a constituir, dessa forma, imagens e representações legítimas do passado histórico americano junto ao seu público leitor, que corrigissem versões errôneas ou insuficientes a respeito dos episódios retratados. De modo semelhante, as obras também continham elementos oriundos da própria vivência pessoal de Fast, relacionados às suas viagens ao Sul e ao Oeste e à sua experiência da prisão, que auxiliavam a dar uma maior profundidade aos romances e a produzir uma maior impressão de veracidade.

Tendo examinado estes aspectos da maneira como esta base de pesquisa e suas experiências subjetivas orientaram o processo de construção de sua narrativa, cabe-nos, nas seções a seguir, examinarmos mais detalhadamente, de que forma os contextos passados envolvidos nestes romances são construídos por Fast, visando situar o leitor dentro do período histórico abordado.

---

mantidos na cadeia do distrito até que pudessem ser enviados à outra prisão para execução. Eu recomendo a experiência para aqueles que acreditam na pena de morte! E eu comi três refeições por dia com presos que eram ladrões e bandidos, e às tardes, no andar mais alto, eu os escutava. Eu escutei muita coisa. Fique deitado acordado a maior parte da noite em uma cela minúscula e escutei homens rezarem a Deus que eles não querem morrer, e suplicar a Deus para que lhes deem uma nova chance, e chorar suas confissões sem um padre para os escutar, e implorar a Deus para entender o ódio e os machucados e os erros e as crueldades infligidas a eles pelos outros, de modo que seu caminho para o inferno estava definido para eles antes que dessem seu primeiro passo - e então você aprenderá sobre a condição humana o que não pode ser ensinado de outra forma”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 251.

### 3.1 *The Last Frontier* e a situação dos *cheyenne* no Oeste

Como já viemos analisando, a narrativa de *The Last Frontier*, cronologicamente o primeiro dos romances que analisamos publicado por Fast, busca retratar o trágico êxodo dos *cheyenne* do norte, em sua tentativa de fuga da reserva no Território Indígena do Oklahoma de volta para as Black Hills de Dakota. Entretanto, este episódio faz parte de um contexto mais amplo da história indígena, do Oeste americano, e dos Estados Unidos como um todo. Este diz respeito à fase final de conquista do território situado a Oeste do rio Mississippi, até então habitado pelas tribos indígenas das planícies.

Efetivamente, nos trinta anos entre 1860 e 1890, a região passou por um processo de transformação, marcado pelo assentamento e colonização do homem branco e pela implementação do modelo americano de sociedade, juntamente com o desalojamento das populações indígenas e o desenraizamento do seu modo de vida<sup>349</sup>. Cabe destacar que este processo de conquista e ocupação do Oeste foi marcado pela prevalência de uma ideia romantizada acerca deste território, muito conectada à ideia de fronteira. De fato, ao longo deste período, prevaleceu uma concepção de que a fronteira Oeste era um território livre, democrático e aberto à ocupação, que instigava a imaginação dos americanos: “The rapidly developing West occupied a special place in the Anglo-American imagination. Many white Americans continued to consider it a romantic place, a wilderness where individuals could experience true freedom”<sup>350</sup>.

Esta mitologia a respeito da fronteira Oeste americana, que a caracterizava como o grande motor da nacionalidade, da democracia e do progresso nacional dos Estados Unidos, teve grande força ao longo da história do país, sobretudo ao longo do próprio processo de conclusão do expansionismo continental americano no século XIX. Significativamente, este mito da fronteira foi inclusive inserido dentro do ambiente acadêmico, a partir da obra do historiador Frederick Jackson Turner.

---

<sup>349</sup> NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. *Breve História dos Estados Unidos*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986, p. 331-332.

<sup>350</sup> “O Oeste que se desenvolvia rapidamente ocupava um lugar especial na imaginação anglo-americana. Muitos brancos americanos continuavam a considerá-lo como um lugar romântico, uma região selvagem onde os indivíduos podiam experienciar a verdadeira liberdade”. Tradução minha. BRINKLEY, Alan. *The Unfinished Nation*. A Concise History of the American People. New York: McGraw-Hill, 2010, p. 412.

Em um artigo de 1893, intitulado “*The Significance of the Frontier in American History*”<sup>351</sup>, Turner expunha as bases da sua *frontier thesis* e refigurava o mito da fronteira, revestindo-o de cientificidade historiográfica<sup>352</sup>. Como celebrenemente afirmado por ele, logo no parágrafo inicial do artigo:

Up to our own day American history has been in large degree the history of the colonization of the Great West. The existence of an area of free land, its continuous recession, and the advance of American settlement westward, explain American development. (...) Now, the peculiarity of American institutions is the fact that they have been compelled to adapt themselves to the changes of an expanding people, to the changes involved in crossing a continent, in winning a wilderness, and in developing at each area of this progress out of the primitive economic and political conditions of the frontier into the complexity of city life<sup>353</sup>.

De fato, em sua *frontier thesis*, Turner sustentava que a fronteira como o motor essencial da história dos Estados Unidos, apresentando uma noção processual de fronteira, que avançava conforme a marcha da população para o Oeste. Mais do que isso, a fronteira era um aspecto definidor do próprio povo americano, de sua cultura e política: “In it he boldly claimed that the experience of western expansion had stimulated individualism, nationalism, and democracy; kept opportunities for advancement alive; and made Americans the distinctive people that they were”<sup>354</sup>. De fato, a *frontier thesis* postulava justamente que estas características da cultura democrática americana derivavam essencialmente da experiência da fronteira e da existência de uma vasta porção de terras “livres” para serem colonizadas<sup>355</sup>.

Não pretendemos nos aprofundar aqui nas diversas nuances da obra de Turner, a qual já foi extensivamente debatida e analisada<sup>356</sup>. Entretanto, cabe salientar esta cientifização que

<sup>351</sup> TURNER, Frederick Jackson. “The Significance of the Frontier in American History”. In: *History, Frontier and Section*. Three Essays by Frederick Jackson Turner. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1993, p. 59-91.

<sup>352</sup> ÁVILA, Arthur Lima de. *E da Fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2006, p. 90.

<sup>353</sup> “Até os nossos dias, a história americana tem sido, em grande medida, a história da colonização do Grande Oeste. A existência de uma área de terra livre, sua contínua recessão e o avanço do povoamento americano em direção ao oeste explicam o desenvolvimento americano. (...) Agora, a peculiaridade das instituições americanas é o fato de que elas foram compelidas a se adaptarem às mudanças de um povo em expansão, às mudanças envolvidas na travessia de um continente, na conquista de uma região selvagem, e no desenvolvimento de cada área deste progresso desde as primitivas condições políticas e econômicas da fronteira até a complexidade da vida urbana”. Tradução minha. TURNER, *Op. Cit.*, p. 59.

<sup>354</sup> “Nela, ele ousadamente afirmava que a experiência da expansão para o oeste estimulou o individualismo, o nacionalismo e a democracia; manteve vivas as oportunidades de progresso; e fez dos americanos o povo distinto que eram”. Tradução minha. BRINKLEY, *Op. Cit.*, p. 414.

<sup>355</sup> Como bem colocou Peter Novick, a *frontier thesis* de Turner apresentava “(...) the expanding frontier and the availability of free land as the foundation of American democratic institutions”. “(...) a fronteira em expansão e a disponibilidade de terras livres como a fundação das instituições democráticas americanas”. Tradução minha. NOVICK, *Op. Cit.*, p. 88.

<sup>356</sup> Como notadamente por KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. Narrating the European Conquest of Native America, 1890-1990. Berkeley: University of California Press, 1997.

ela operou do mito da fronteira e do destino manifesto da nação americana. De fato, a concepção de que as terras existentes ao Oeste do continente eram desocupadas, livres e destinadas ao desenvolvimento dos Estados Unidos era uma das principais bases da ideia de destino manifesto, segundo a qual, “(...) the United States had a divinely appointed mission, so obvious as to be beyond dispute, to occupy all of North America”<sup>357</sup>. Esta missão divina estava profundamente ligada à concepção de liberdade americana:

A sense of spatial openness, of the constant opportunity to pick up and move when the pursuit of happiness seemed to demand it, became more and more a central component of American freedom. Like its predecessors, this generation of Americans believed that the United States had been selected by God for the greatest experiment in human history, the achievement of liberty, and that westward expansion was part and parcel of this destiny<sup>358</sup>.

A geração a que se refere esta citação, que via a expansão territorial como um cumprimento da vontade divina e uma parte essencial do exercício da liberdade americana, é justamente aquela que empreendeu a marcha para o Oeste na segunda metade do século XIX. Efetivamente, muitos americanos consideravam a faixa de terra entre o Mississippi e o Pacífico como a última fronteira<sup>359</sup> que se fazia disponível a eles para colonização, desenvolvimento e progresso da nação, como parte de seu destino manifesto.

Neste sentido, é fundamental pensarmos também o processo de conquista territorial do Oeste, alimentado pela mitologia da fronteira e do destino manifesto, em conjunção com os interesses econômicos dos Estados Unidos. De fato, este grande ímpeto de expansão para o Oeste foi constantemente motivado pelo desenvolvimento de atividades econômicas que atendiam aos anseios do capitalismo americano. Com efeito, podemos identificar ao menos quatro grandes empreendimentos movimentaram a colonização do Oeste americano: a descoberta de ouro, e de outras riquezas minerais, que impulsionaram diversas ondas mineradoras, desde a corrida do ouro da Califórnia de 1849, até a do Colorado em 1859 e mesmo no território da Dakota na década de 1870, e levaram ao surgimento de diversos povoados; a extensiva criação de gado, com proliferação de ranchos que aproveitavam como pastagem a enorme área das Grandes Planícies; a atuação das grandes companhias

---

<sup>357</sup> “(...) os Estados Unidos tinham uma missão divinamente designada, tão óbvia a ponto de ser incontestável, a de ocupar toda América do Norte”. Tradução minha. FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. New York: W.W. Norton & Company, 2011, p. 352.

<sup>358</sup> “Um senso de abertura espacial, da constante oportunidade de levantar-se e mudar-se quando a busca da felicidade parecia demandar, se tornou mais e mais um componente central da liberdade americana. Como seus predecessores, esta geração de americanos acreditava que os Estados Unidos haviam sido selecionados por Deus para o maior experimento da história humana, a conquista da liberdade, e que a expansão para o Oeste era parte e parcela deste destino”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 352.

<sup>359</sup> BRINKLEY, *Op. Cit.*, p. 414.

ferroviárias, que promoveram a expansão das estradas de ferro através das pradarias até o Pacífico, negócio extremamente lucrativo que envolvia as terras adjacentes às linhas férreas; e a instalação de propriedades agrícolas, sobretudo a partir da década de 1870, que cultivavam trigo e milho, cuja mão-de-obra foi reforçada por uma nova leva de imigrantes europeus, principalmente escandinavos<sup>360</sup>.

Entretanto, como sabemos, estas terras que os americanos se achavam no direito de ocupar e explorar economicamente não eram desabitadas; ao contrário, eram território ancestral de diversas tribos indígenas, desde os *sioux* e os *cheyenne* mais ao norte, até os apaches e comanches mais ao sul. Como bem colocou Stephen Rockwell, “(...) federal officials *created* the ‘uninhabited wilderness’ we romanticize by removing Indians from the land”<sup>361</sup>. Com efeito, ao expandirem-se para o Oeste, os americanos se depararam com o “problema indígena”, que resistiram à conquista de seu território:

Thus “the Indian problem”: how to gain access to Indian resources. Of course, there was more to Indian affairs than this. For federal and state authorities, for policymakers and philanthropists, Indian-White relations were more complex than so simple a statement implies. For them, “the Indian problem” was variously one of protecting the frontiers from the Indians; protecting the Indians from the unscrupulous; keeping peace among Indians themselves; promoting Euro-American civilization; negotiating treaties and land cessions; distributing education, Christianity, food, annuities, and other odds and ends among the tribes; and coping with the many persons and interests making claims to some part of the Indian business. But all of these aspects of Indian-White relations were in one way or another derivative of their essence: U.S. expansion over Indian lands and consequent Indian resistance<sup>362</sup>.

Diante deste objetivo de conquista das terras indígenas, visando sua ocupação e exploração econômica, o governo dos Estados Unidos empregou duas principais estratégias para alcançá-lo:

At a rather abstract level methods of acquiring Indian land fell into two broad categories: assimilation and removal. The premise of assimilation as a mode of land

<sup>360</sup> Ibid., p. 409-412, 421-425; FONER, *Op. Cit.*, p. 261-262; 352; 644-645.

<sup>361</sup> “(...) oficiais federais *criaram* a ‘região selvagem desabitada’ que romantizamos, ao remover os indígenas da terra”. Tradução minha. ROCKWELL, Stephen J. *Indian Affairs and the Administrative State in the Nineteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 217.

<sup>362</sup> “Assim, o ‘problema indígena’: como ganhar acesso aos recursos indígenas. Claro, havia muito mais nos assuntos indígenas do que isto. Para as autoridades federais e estaduais, para os legisladores e filantropos, as relações entre índios e brancos eram mais complexas do que uma tão simples declaração sugere. Para eles, o ‘problema indígena’ era, variadamente, o de proteger as fronteiras dos indígenas; proteger os indígenas dos inescrupulosos; manter a paz entre os próprios indígenas; promover a civilização euro-americana; negociar tratados e cessões de terras; distribuir educação, cristianismo, comida, anuidades e outras miudezas entre as tribos; e lidar com as muitas pessoas e interesses reivindicando alguma parte do negócio indígena. Mas todos estes aspectos das relações entre indígenas e brancos eram, de uma maneira ou outra, derivadas de sua essência: a expansão dos Estados Unidos sobre as terras indígenas e a consequente resistência indígena”. Tradução minha. CORNELL, Stephen. *The Return of the Native*. American Indian Political Resurgence. Oxford: Oxford University Press, 1988, p. 40.

acquisition was that Native Americans, in contact with or under pressure from non-Indians, could be persuaded to abandon nomadic or seminomadic hunting economies and “communal” patterns of landholding in favor of settled agriculture, private property, and other aspects of Euro-American society. Vast hunting lands thereby would be made superfluous to Indian livelihood and available to Whites. Acquisition by assimilation was dependent, in other words, on the transformation of tribal life and culture or on the willingness of large number of individual Indians to abandon that life in favor of Euro-American designs.

Removal was less complicated. It involved not culture change but culture relocation: Native Americans would give up a piece of land and go somewhere else. This might be accomplished through negotiated land purchase (the usual case), conquest, legislative fiat, or some combination of these, particularly of the first two, with conquest or the threat of it providing a favorable climate for tribal land sales. (...) <sup>363</sup>.

Ambas estas estratégias, a assimilação e a remoção territorial, configuravam métodos complementares da política indígena dos Estados Unidos visando o objetivo maior de conquista e ocupação de suas terras <sup>364</sup>. Nessa perspectiva, a implementação do sistema de reservas foi fundamental, na medida em que conjugava estas duas modalidades. Por meio da criação de reservas indígenas, o governo promovia a transferência das tribos indígenas das terras economicamente interessantes que ocupavam para outras localidades menos atrativas, ao mesmo tempo em que buscava promover a sua civilização e aculturação à sociedade americana:

Reservations emerged from removal’s philosophy that the means to save Indians from the pernicious effects of contact with whites was to establish Indian communities in safe areas in the West. An idea with antecedents among the colonial efforts of earlier European powers, a reservation system would protect Indians and tribes from white onslaughts. Segregated Indian communities, in turn, could be policed and managed by federal agents. The policy was meant to be a temporary one, designed to carry Indians along until such time as they had been sufficiently “civilized” to assimilate into white society, a peculiar application of isolation in service of assimilation <sup>365</sup>.

---

<sup>363</sup> “Em um nível um tanto abstrato, os métodos de adquirir terras indígenas dividiam-se em duas categorias amplas: assimilação e remoção. A premissa da assimilação como um modo de aquisição de terra era que os nativos americanos, em contato com ou sob pressão de não-indígenas, poderiam ser persuadidos a abandonar economias caçadoras nômades ou seminômades e padrões ‘comunais’ de posse de terras, em favor da agricultura fixa, da propriedade privada e de outros aspectos da sociedade euro-americana. Vastas terras de caça se tornariam, assim, supérfluas à subsistência indígena e disponíveis para os brancos. Aquisição por assimilação era dependente, em outras palavras, da transformação da vida e cultura tribal ou na vontade de um grande número de indivíduos indígenas de abandonar aquela vida em favor dos desígnios euro-americanos.

A remoção era menos complicada. Não envolvia uma mudança cultural, mas uma realocação cultural: os nativos americanos abririam mão de um pedaço de terra e iriam para outro lugar. Isto poderia ser conseguido através da compra negociada de terras (o caso usual), conquista, decreto legislativo, ou alguma combinação destes, particularmente os dois primeiros, com a conquista ou a ameaça dela provendo um clima favorável para venda de terras tribais (...)”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 40-41.

<sup>364</sup> *Ibid.*, p. 41.

<sup>365</sup> “As reservas emergiram da filosofia da remoção de que a maneira de salvar os indígenas dos efeitos perniciosos do contato com os brancos era estabelecer comunidades indígenas em áreas seguras do Oeste. Uma ideia com antecedentes entre os esforços coloniais dos poderes europeus, um sistema de reservas poderia proteger indígenas e tribos de massacres brancos. Comunidades indígenas segregadas, por sua vez, poderiam ser policiadas e administradas por agentes federais. A política deveria ser temporária, projetada para conduzir os

A reserva indígena configurava, assim, um instrumento utilizado pelo governo americano, desde a época colonial, para solucionar o “problema” da presença de tribos indígenas que entravavam a sua conquista do continente, o qual no século XIX se converteu em um verdadeiro sistema de contenção, remoção e assimilação das populações nativas<sup>366</sup>. Neste sentido, a administração dos assuntos indígenas por meio do sistema de reservas da segunda metade do século XIX mostrou-se eficaz em “(...) neutralizing the influence of Indian communities upon U.S. expansion and development through a combination of concentration, containment, isolation and control”, além de corresponder aos interesses econômicos, ao promover “(...) the dispossession of Indians and redistribution of their lands – to the benefit of development interests like railroads, mining and grazing interests, and land speculators, even as they effectively pursued social control and ‘civilization’ measures”<sup>367</sup>.

Paralelamente à política governamental de reservas, que revelava uma postura paternalista para com as tribos indígenas, outro fator contribuiu para a dissolução de seu modo de vida no Oeste: o extermínio do búfalo. De fato, as tribos das planícies dependiam, em boa parte, da caça ao búfalo para seu sustento. Os animais, que circulavam pela região em grandes manadas, eram usados tanto como fonte de alimento quanto de matéria prima para a confecção de variados objetos. A virtual extinção do búfalo nas planícies do Oeste esteve relacionada a diversos aspectos do avanço do homem branco sobre a região: o interesse dos caçadores de peles, que matavam os animais, retiravam o couro e deixavam a carne apodrecer; a atuação de oficiais do exército, como o general Philip H. Sheridan, que, sabendo de sua importância central para o modo de vida indígena, incentivavam e promoviam ações deliberadas para sua eliminação; e o progressivo avanço das companhias ferroviárias, que os abatiam para alimentar os trabalhadores, atividade que celebrou William Frederick Cody, conhecido por seu apelido de Buffalo Bill, pelo grande número de animais que dizimou<sup>368</sup>.

Este panorama, que apresentamos aqui de uma maneira bastante sintética, corresponde justamente ao contexto em que se desenrola a trama de *The Last Frontier* – a fase final de

---

indígenas até que eles tivessem sido suficientemente ‘civilizados’ para serem assimilados à sociedade branca, uma peculiar aplicação do isolamento a serviço da assimilação”. Tradução minha. ROCKWELL, *Op. Cit.*, p. 228.

<sup>366</sup> Ibid., p. 246.

<sup>367</sup> “(...) neutralizar a influência das comunidades indígenas sobre a expansão e desenvolvimento dos Estados Unidos, através de uma combinação de concentração, contenção, isolamento e controle”; “(...) a desapropriação dos indígenas e redistribuição de suas terras – em benefício dos interesses de desenvolvimento como ferrovias, interesses de mineração de pastoreio, e especuladores de terras, ao mesmo tempo em que elas efetivamente perseguiram medidas de controle e ‘civilização’”. Traduições minhas. Ibid., p. 269.

<sup>368</sup> FONER, *Op. Cit.*, p. 648-649.

ocupação e integração das terras do Oeste à economia americana, juntamente com a desestruturação do modo de vida indígena, por meio de ações militares, do extermínio do seu principal meio de subsistência, o búfalo, e da aplicação de políticas de aculturação e remoção das tribos levada a cabo pela criação de reservas indígenas, visando tornar suas terras economicamente disponíveis aos colonizadores. Neste sentido, ao procurar escrever um romance que retratasse a realidade passada, Fast faz questão de descrever a conjuntura histórica em questão ao longo de sua narrativa. De fato, o prefácio do livro cumpre muito esta função, a de apresentar ao leitor o contexto maior da expansão americana rumo ao Oeste, no qual se deu o episódio do êxodo dos *cheyenne*:

For two hundred years, like a sprawling young giant, America had flung itself across a continent, ocean to ocean, peak to peak. In 1878, the job was done, the mountains climbed, the valleys filled. The frontier had gone, and already it was a wistful refrain in songs and stories. The railroads spanned the plains, north to south, east to west. (...) The Texans had driven their cattle north to the lush valleys of Wyoming, and already the Swedes and Norwegians were swarming onto the prairies to get the feel of the rich brown earth winding back from their plow blades. It was a good time, with a nation coming of age, with Tom Edison inventing the electric light to spill away the darkness once and forever, with prosperity coming back, with the wounds of that bitter, best-forgotten war healing themselves (...)<sup>369</sup>.

Nesta passagem, situada logo nas primeiras linhas da obra, Fast situa para seu leitor muitos dos elementos relacionados à expansão para o Oeste que analisamos acima. Primeiramente, Fast aborda a questão de sua centralidade para a construção da nação americana, ao evocar a imagem de um “gigante que se espalhava” de uma ponta a outra do continente. Neste sentido, a conclusão deste processo de ocupação territorial, que, de acordo com Fast, estava terminado em 1878, ano em que se iniciam os acontecimentos retratados no romance, marcava o amadurecimento dos Estados Unidos enquanto nação. Além disso, Fast menciona as diversas atividades econômicas que estiveram envolvidas na ocupação das terras do Oeste, conforme já analisamos, à exceção da mineração: o grande empreendimento ferroviário que atravessou o território até o Pacífico; a atividade pecuária, baseada em grandes ranchos no Texas, que conduziam o gado através das planícies; e o assentamento dos

---

<sup>369</sup> “Por duzentos anos, como jovem gigante que se espalhava, a América se lançou através de um continente, oceano a oceano, pico a pico. Em 1878, o trabalho estava feito, as montanhas escaladas, os vales preenchidos. A fronteira havia desaparecido e já era um saudoso refrão em canções e histórias. As ferrovias atravessavam as planícies, norte a sul, leste a oeste. (...) Os texanos haviam conduzido seu gado norte para os exuberantes vales do Wyoming, e os suecos e noruegueses já estavam acorrendo às pradarias para ter a sensação da rica terra marrom revolvendo a partir das lâminas de seus arados. Era um bom tempo, com o amadurecimento de uma nação, com Tom Edison inventando a luz elétrica para dispersar a escuridão de uma vez por todas, com a prosperidade voltando, com as feridas daquela amarga, melhor-esquecida guerra se curando (...)”. Tradução minha. FAST, Howard. *The Last Frontier*. A new edition with a special introduction by the author. Armonk: M.E. Sharpe, 1997 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 148-157.



imigrantes, particularmente noruegueses e suecos na região do Meio-Oeste, os quais passaram a se dedicar à agricultura.

Outro elemento de destaque neste trecho é a própria questão da fronteira, da sua centralidade ao desenvolvimento dos Estados Unidos enquanto nação, uma vez que Fast traça um paralelo entre a conclusão do processo de expansão para o Oeste e o fim da fronteira, que passava a ser apenas uma memória saudosamente recordada em histórias e canções, e o amadurecimento definitivo da nação americana. Neste sentido, Fast ecoa também a ideia de fronteira processual, progressiva, cujo avanço acabou por pautar este amadurecer dos Estados Unidos:

The colonies became a nation, and the nation rushed westward with such a mighty surge as the world had never seen before. What we called the “frontier” was like the edge of a surf when the tide comes in. It went on until it reached the Pacific Ocean, and then America had come of age<sup>370</sup>.

Neste contexto, em que os Estados Unidos estavam concluindo a sua constituição territorial, Fast aponta para a existência da “última fronteira”, o árido território do Oklahoma, que passaria a ser destinado aos indígenas. Simultaneamente, Fast faz referência à ideia do destino manifesto divinamente conferido à nação americana, ao mesmo tempo em que começa a criticá-la ao apontar para a existência dos povos indígenas que habitavam as terras do Oeste:

In this swirl of a country completing itself, Oklahoma had remained as an island in a continent. After all other frontiers were gone, a circular frontier still bound Indian Territory.

This land of many states and territories, which God had given to Americans and which Americans had given to the world, had once been inhabited by another people. They were dark-skinned, and the first white men to reach this hemisphere had called them Indians, being somewhat confused as to geography<sup>371</sup>.

A partir deste ponto, ainda no prefácio, Fast expõe sinteticamente um panorama da situação dos povos nativos americanos anteriormente e diante do expansionismo do homem branco:

---

<sup>370</sup> “As colônias tornaram-se uma nação, e a nação correu em direção ao Oeste, com um ímpeto tão poderoso como o mundo jamais havia visto antes. O que nós chamamos de ‘fronteira’ era como a linha da espuma das ondas quando vem a maré. Ela foi adiante até que atingiu o Oceano Pacífico, e então a América havia amadurecido”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 173.

<sup>371</sup> “Neste turbilhão de um país se completando, o Oklahoma havia permanecido como uma ilha em um continente. Depois que todas as outras fronteiras haviam desaparecido, uma fronteira circular ainda envolvia o Território Indígena.

Esta terra de muitos estados e territórios, que Deus havia dado aos americanos e que os americanos haviam dado ao mundo, havia outrora sido habitada por outro povo. Eles tinham a pele escura, e os primeiros homens brancos a atingir este hemisfério os haviam chamado de índios, estando um tanto confusos quanto à geografia”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 157-166.

They lived a simple life; they hunted and they fished, and sometimes they raised crops and sometimes they killed one another, sometimes with as little reason as white men have for killing one another. There were not many of them. They took no census, but we estimate that at no time in the past three hundred years were there many more than three hundred thousand of them. In tribes, in clans, in scattered villages, they were in most of the land, from the Atlantic to the Pacific. However, they had one unforgivable fault; they considered that the land on which they had always lived was their own. They believed that it was enough their own for them to fight and die for it. And the eloquent persuasion of the white men, who taught them many refinements in the art of killing, and also the gentle art of scalping, could not change their simple beliefs.

So they fought back, as savages will; and they fought for what they fondly believed to be their homeland (...).

In the end, they signed treaties, so that some of their land might remain with them. But the treaties were broken, and land companies sold their acres for anything from twenty cents to twenty dollars<sup>372</sup>.

A caracterização feita por Fast do modo de vida indígena e do processo de conquista de suas terras levado a cabo pelos homens brancos de modo algum configura uma descrição precisa e meticulosa dos acontecimentos, mas uma contextualização mais genérica para introduzir o leitor na atmosfera da narrativa que se segue. Neste sentido, era fundamental mencionar, mesmo sem muitos detalhes, as maneiras como o governo lidava com os assuntos indígenas – por meio de tratados, em geral descumpridos, e de ações militares, contra as quais os indígenas lutavam e resistiam. O interesse de especuladores nas terras indígenas, mencionado na citação acima, foi uma das forças econômicas que motivaram o estabelecimento de tratados e, também, a política de remoção para as reservas, que não chega a ser citada aqui por Fast. Entretanto, ao final do prefácio, Fast situa a questão da criação de um território destinado especificamente a abrigar as reservas indígenas (o que favorecia a liberação das terras economicamente interessantes antes ocupadas pelas tribos), local onde tem início a narrativa do romance propriamente dito:

They had to go somewhere, and the solution was discovered in Oklahoma, in that dreary and least-attractive part of all the plains country. So Congress set it aside for

---

<sup>372</sup> “Eles viviam uma vida simples; eles caçavam e eles pescavam, e às vezes eles cultivavam plantações e às vezes eles matavam uns aos outros, algumas vezes com tão pouca razão quanto os homens brancos tem para matar uns aos outros. Não havia muitos deles. Eles não faziam censos, mas estimamos que em nenhum momento dos últimos trezentos anos havia mais do que trezentos mil deles. Em tribos, em clãs, em vilarejos dispersos, eles estavam na maior parte da terra, do Atlântico ao Pacífico. No entanto, eles tinham uma falta imperdoável; eles consideravam que a terra onde eles sempre viveram pertencia a eles. Eles acreditavam que ela era suficientemente sua para que eles lutassem e morressem por ela. E a eloquente persuasão dos homens brancos, que os ensinaram muitos refinamentos na arte de matar e na gentil arte de escalpelar, não pôde mudar suas simples crenças.

Então eles lutaram de volta, como selvagens fazem; e eles lutaram por aquilo que eles ternamente acreditavam ser sua terra natal (...)

No final, eles assinaram tratados, para que parte de suas terras pudesse permanecer com eles. Mas os tratados foram quebrados e as companhias de terras venderam seus acres por qualquer valor entre vinte centavos e vinte dólares”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 168-173.

them, called it Indian Territory, and proceeded with a plan to settle there what tribes of Indians still roamed as free men<sup>373</sup>.

A agência de Darlington, no Território Indígena do Oklahoma, onde começa a se desenrolar a trama de *The Last Frontier*, era uma reserva demarcada para o assentamento de indígenas das tribos *arapaho* e *cheyenne*. Neste sentido, cabe também tecermos algumas breves considerações sobre a trajetória do povo *cheyenne*.

Os *cheyenne* são um povo nativo americano que até o início do século XIX habitava a região do chamado Rio Cheyenne, próximo das Black Hills, no atual estado da Dakota do Sul. No inverno, a tribo migrava para o sul, para a região das nascentes dos rios South Platte e Arkansas, no estado do Colorado<sup>374</sup>. Entretanto, a abertura de novos territórios de migração para os *cheyenne* acabou por ocasionar a sua divisão em dois grupos, os *cheyenne* do norte e os *cheyenne* do sul:

Soon the Cheyennes began a larger migration, one that relocated much of the tribe. The way was opened in the eighteenth century, when the large Comanche nation moved from the northern Rockies into the horse-rich lower plains and forced the Apaches south. In the wake of the Comanches came the Kiowas. These tribes ultimately became allied and formed a single entity. Their departure from the high plains east of the Rockies left a vacuum into which the Cheyennes moved. Initially, they ventured south on only a temporary basis: As late as 1825, the majority of the Cheyenne population still lived the Black Hills. About this time, the tribe separated into two groups. Some Cheyenne bands preferred the northern country; others began to take up permanent residence along the Arkansas River in southern Colorado. There was no enmity between the two groups; they maintained their clan and family contacts but they pulled apart: The Southern Cheyennes remained in their new home, and the Northern Cheyennes roamed west from the Black Hills to the high country of Wyoming and Montana along the North Platte, the Powder, and the Tongue rivers. As time passed, the split became more distinct<sup>375</sup>.

Os primeiros contatos das tribos *cheyenne* com os homens brancos se deram no início do século XIX e eram inicialmente amistosos, com o estabelecimento de trocas entre eles.

---

<sup>373</sup> “Eles tinham que ir para algum lugar, e a solução foi descoberta no Oklahoma, naquela parte lúgubre e menos atrativa de toda região das planícies. Então, o Congresso a separou para eles, a chamou de Território Indígena, e procedeu com um plano de assentar ali aquelas tribos de indígenas que ainda vagavam como homens livres”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 179.

<sup>374</sup> HOIG, Stan. *The Cheyenne*. New York: Chelsea House, 2006, p. 21.

<sup>375</sup> “Logo os *cheyenne* começaram uma migração maior, uma que realocou boa parte da tribo. O caminho foi aberto no século XVIII, quando a grande nação comanche se mudou das Rochosas do norte para as planícies baixas ricas em cavalos e forçou os apaches para o sul. Na esteira dos comanches vieram os kiowas. Estas tribos eventualmente se tornaram aliadas e formaram uma única entidade. Sua partida das planícies altas a leste das Rochosas deixou um vácuo para o qual os *cheyenne* se mudaram. Inicialmente, eles se aventuravam para o sul somente em uma base temporária: ainda em 1825, a maioria da população *cheyenne* ainda vivia nas Black Hills. Por volta desta época, a tribo se separou em dois grupos. Alguns bandos de *cheyenne* preferiam as regiões do norte; outros começaram a tomar residência permanente ao longo do Rio Arkansas no sul do Colorado. Não havia inimizade entre os dois grupos; eles mantiveram seus contatos de clã e familiares, mas se distanciaram: os *cheyenne* do sul permaneceram em sua nova casa, e os *cheyenne* do norte rumaram para oeste das Black Hills para a região alta de Wyoming e de Montana, ao longo dos rios North Platte, Powder e Tongue. Com o passar do tempo, a divisão se tornou mais distinta”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 21-22.

Porém, as suas relações começaram a se tornarem mais complexas a partir das décadas de 1840 e 1850, quando se intensificou o avanço e o trânsito dos colonizadores sobre as terras dos *cheyenne*<sup>376</sup>. De fato, os *cheyenne* estavam entre as várias tribos que participaram da assinatura do grande tratado de Fort Laramie em 1851<sup>377</sup>, o qual reconhecia e delimitava os territórios das tribos indígenas das planícies, ao mesmo tempo em que previa a possibilidade da circulação de colonizadores por entre eles e a fundação de fortes dentro de sua área, na tentativa de criar uma coexistência pacífica na região. O tratado, porém, logo se provaria ineficaz:

Like so many of the treaties Indians signed with the U.S. government, the agreement devised at Fort Laramie created more confusion than harmony. The Indians who signed it had no inkling that their land would subsequently be invaded. Nor did they imagine that white settlers would pour into their land in large numbers. In 1853 alone – two years after the treaty was signed – fifteen thousand whites passed through Fort Laramie on Nebraska’s Platte Trail. These intruders not only killed a great deal of game, they also brought diseases and often abused the Indians they encountered<sup>378</sup>.

Dessa forma, a não compreensão, ou não consciência, dos indígenas dos exatos termos do tratado, aliada aos abusos e descumprimentos por parte dos americanos, que invadiam seu território, acabaram gerando diversos atritos. A própria percepção dos indígenas de que os colonizadores brancos eram invasores em suas terras, fato ampliado pela descoberta de ouro no Colorado, somada à animosidade gerada pela matança generalizada dos rebanhos de búfalos e os frequentes abusos e violências cometidos pelos americanos, levaram a que estes atritos escalassem para confrontos armados, retaliações de ambos os lados, e inclusive massacres de aldeias inteiras. No caso dos *cheyenne*, o mais trágico e infame episódio destes conflitos foi o massacre de Sand Creek, em 1864, quando um bando liderado pelo chefe Black Kettle<sup>379</sup>, que achava estar sobre a proteção do governo americano, foi dizimado por tropas comandadas pelo coronel John Chivington<sup>380</sup>.

---

<sup>376</sup> Ibid., p. 35.

<sup>377</sup> Outras tribos incluíam os *arapahos*, os *assiniboines*, os *shoshones*, os *arikaras*, os *gros ventres*, os *mandans*, os *sioux* e os *crows*. Ibid., p. 40.

<sup>378</sup> “Como tantos dos tratados que os indígenas assinaram com o governo dos Estados Unidos, o acordo concebido em Fort Laramie criou mais confusão do que harmonia. Os indígenas que o assinaram não tinham ideia de que suas terras seriam subsequentemente invadidas. Nem imaginavam que colonizadores brancos afluiriam para suas terras em grandes números. Só em 1853 – dois anos depois que o tratado foi assinado – quinze mil brancos passar por Fort Laramie na trilha do Platte do Nebraska. Estes intrusos não apenas mataram grande quantidade de caça, mas também trouxeram doenças e frequentemente abusavam dos indígenas que encontravam”. Tradução minha. Ibid., p. 44.

<sup>379</sup> Nome traduzido como “Chaleira Negra”.

<sup>380</sup> Ibid., p. 50-54.

A partir das décadas de 1860 e 1870, os indígenas das planícies, e particularmente os *cheyenne* passaram cada vez mais a ser um problema para a expansão americana no Oeste, promovendo diversos ataques e incursões violentas contra os brancos americanos. Dessa forma, o governo buscou a resolução deste “problema indígena” através do instrumento das reservas. Neste sentido, foi criada em 1867 a agência indígena de Darlington no Oklahoma, destinada ao alojamento dos *arapaho* e dos *cheyenne* do sul. No entanto, muitos destes resistiram à transferência para a reserva, preferindo manter seu modo de vida tradicional. Porém, diante da continuidade dos ataques dos guerreiros *cheyenne* aos colonizadores do Texas e do Kansas, o general Philip H. Sheridan obteve liberação do governo para combater e pressionar militarmente os indígenas, de modo a acabar com a violência dos nativos nas planícies e forçá-los a viver na reserva<sup>381</sup>:

Throughout 1874, Sheridan’s army continued to harass the Cheyennes. The troops killed few Cheyennes, but they pushed families to the brink of starvation, destroyed their homes, and depleted their all-important horse herds and ammunition supplies. The Cheyennes could no longer hide, and by year’s end many had surrendered. In March 1875, the last 821 holdouts came into Darlington<sup>382</sup>.

Os *cheyenne* do norte, que protagonizaram o episódio retratado em *The Last Frontier*, resistiram por mais alguns anos. Na década de 1860, com a descoberta de ouro em Montana e o afluxo de mineradores, os *cheyenne* do norte aliaram-se aos *sioux* liderados pelo chefe Red Cloud<sup>383</sup>, para repelir os invasores de suas terras. Grande parte deles recusava qualquer tentativa de assentamento em reservas, preferindo viver de forma seminômade e caçar pelas suas tradicionais terras no norte. No entanto, até 1873, cerca de 1.900 *cheyenne* do norte, sob a liderança dos chefes Dull Knife e Little Wolf, passaram a viver com os *sioux* na Red Cloud Agency, situada entre o Wyoming e Nebraska<sup>384</sup>. Quando o governo americano manifestou o desejo de transferi-los para a agência de Darlington, junto aos seus parentes do sul, os *cheyenne* do norte resistiram, negando-se a deixar as terras que sustentavam seu modo de vida. A questão complicou-se ainda mais com a descoberta de ouro nas Black Hills, território sagrado para os *cheyenne* e os *sioux*, e com os eventos que levaram à célebre batalha de Little Bighorn e à vitória dos indígenas sobre as forças do coronel George A. Custer, em 1876.

<sup>381</sup> Ibid., p. 70-72.

<sup>382</sup> “Ao longo de 1874, o exército de Sheridan continuou a assediá-los. As tropas mataram poucos *cheyenne*, mas levaram famílias à beira da fome, destruíram suas casas e esgotaram seus essenciais rebanhos de cavalos e suprimentos de munição. Os *cheyenne* não podiam mais se esconder e, até o final do ano, muitos haviam se rendido. Em março de 1875, os últimos 821 resistentes foram para Darlington”. Tradução minha. Ibid., p. 72.

<sup>383</sup> Nome traduzido como “Nuvem Vermelha”.

<sup>384</sup> Literalmente, a Agência de Nuvem Vermelha. Ibid., p. 75.

Temendo uma retaliação pela sua participação no confronto, os *cheyenne* do norte tentaram fugir para uma localidade mais isolada, porém foram localizados e seu vilarejo foi destruído:

The survivors fled into the snowbound hills and canyons. Many – including Dull Knife and Little Wolf – eventually found refuge with the Sioux. Despite that tribe’s hospitality, the Cheyennes sank into destitution. They possessed few horses, robes, or blankets and had no food. They struggled through a terrible winter, and in April 1877, Dull Knife was forced to surrender at Fort Robinson, Nebraska. Other Cheyennes also turned themselves over to U.S. authorities.

Now the U.S. government could accomplish by force what it had failed to do by treaty – remove the Cheyennes of the north and consolidate them with the Southern Cheyennes in Indian Territory. When the Northern Cheyennes still refused to leave their beloved high country, their food rations were withheld. Finally they agreed to go, but only on a trial basis<sup>385</sup>.

Dessa forma, os *cheyenne* do norte acabaram sendo realocados e conduzidos à reserva destinada a eles no Território Indígena do Oklahoma. Toda esta trajetória é abordada por Fast na narrativa literária de *The Last Frontier* de forma bastante panorâmica, de modo a introduzir para o leitor as origens e as causas que motivaram o episódio retratado na trama:

Dull Knife’s band of Cheyenne were the last Indians to come into the Cheyenne and Arapahoe Agency. Their original home was in the Black Hills of Wyoming; from time beyond memory they had lived there, making seasonal trips onto the plains of Montana and North Dakota to hunt buffalo, but always returning to their home in the hills. Of all the Cheyenne bands, they were the last to be touched by civilization. In their hills and in the lush fertility of the Powder River valley, they had all that they wanted, and the white men were a long time coming.

In 1865, the Harney-Sanborn Treaty was signed. It guaranteed to the Indians of the northern plains, the Sioux, Cheyennes, and Arapahoes, the land which they occupied, the whole basin of the Powder River. This land extended westward from the foothills of the Rocky Mountains. It seemed at the time that the Indians would be able to live in this great stretch of land for generations to come. It was well-stocked with game and beyond the railroad’s reach. And the cattle country was fifteen hundred miles to the south.

Then the Union Pacific finished building. In the Powder River country the grass grew as high as a horse’s rump. In all the world, there was no such cattle country. The Texans drove their herds north fifteen hundred miles, opening the Chisholm trail, and the government built forts to protect them from the Indians. The Indians struck back, and Congress sent diplomats to break the Harney-Sanborn Treaty. It was the old story all over again, cattle, railroads, land-companies – and the Indians had to go.

---

<sup>385</sup> “Os sobreviventes fugiram para as colinas e cânions cobertos de neve. Muitos – incluindo Faca Cega e Lobo Pequeno – encontraram ao final refúgio com os *sioux*. Apesar da hospitalidade daquela tribo, os *cheyenne* afundaram na indigência. Eles possuíam poucos cavalos, mantos ou cobertores e não tinham comida. Eles sofreram através de um terrível inverno e, em abril de 1877, Faca Cega foi forçado a se render em Fort Robinson, Nebraska. Outros *cheyenne* também se entregaram às autoridades dos Estados Unidos. Agora o governo dos Estados Unidos conseguiu conquistar pela força o que ele não havia conseguido por meio de tratados – remover do norte os *cheyenne* e consolidá-los com os *cheyenne* do sul no Território Indígena. Quando os *cheyenne* do norte ainda se recusaram a deixar seu amado território alto, suas rações de comida foram retiradas. Finalmente, eles concordaram em ir, mas somente em caráter experimental”. Tradução minha. Ibid., p. 80-81.

Dull Knife and his people fought on longer than most of the tribes. It wasn't until the spring of 1877 that they surrendered to General Mackenzie and his troops. They were told that they would have to leave their homeland and go south, where a great territory had been set aside for the Indian tribes. They were also told that once there, the government would care for them, and they would live in peace and prosperity. A branch of their tribe, the Southern Cheyennes, had been living in Oklahoma for generations; that was added to other arguments, and the final argument was a regiment of the U.S. cavalry. The final argument persuaded them, and by now they had been on the reservation for something more than a year<sup>386</sup>.

Neste trecho, ainda que relativamente extenso, Fast elabora uma síntese da trajetória dos *cheyenne* no contexto da conquista do Oeste americano até sua chegada à agência de Darlington. Vemos demonstrado aqui todo o conhecimento sobre o tema acumulado por Fast em suas pesquisas. Além disso, nesta sua sucinta recomposição narrativa da história do povo *cheyenne*, ele acaba por mencionar várias das dimensões características do processo de expansão para o Oeste, conforme já analisamos anteriormente: os interesses econômicos dos empreendimentos ferroviários, da grande criação de gado e da especulação fundiária sobre o território das planícies ocupado pelos indígenas, bem como a atuação do governo americano no sentido de garantir estes interesses, por meio do estabelecimento e rompimento de tratados, conforme a sua conveniência, da pressão e repressão militar, que gerou conflitos e massacres, e da política de remoção e realocação das tribos para reservas.

Neste ponto, cabe enfatizarmos as precárias condições de vida dos indígenas na reserva de Darlington – situação bastante explorada por Fast no início do romance, cuja função é justamente contextualizar as motivações dos *cheyenne* para tentar retornar à sua terra

---

<sup>386</sup> “O bando de *cheyenne* de Faca Cega foram os últimos indígenas a virem para a Agência Cheyenne e Arapaho. Seu lar original era nas Black Hills de Wyoming; desde tempos imemoriais eles viveram ali, fazendo viagens sazonais para as planícies de Montana e da Dakota do Norte para caçar búfalo, mas sempre retornando para seu lar nas colinas. De todos os bandos de *cheyennes*, eles foram os últimos a serem tocados pela civilização. Em suas colinas e na exuberante fertilidade do vale do rio Powder eles tinham tudo que queriam, e a vinda do homem branco era uma questão de tempo.

Em 1865, o Tratado Harney-Sanborn foi assinado. Ele garantia aos indígenas das planícies do norte, os *sioux*, os *cheyenne* e os *arapaho*, a terra que eles ocupavam, toda a bacia do rio Powder. Esta terra se estendia na direção oeste até o sopé das Montanhas Rochosas. Parecia, naquele momento, que os indígenas poderiam viver nesta grande faixa de terra pelas gerações vindouras. Ela era bem abastecida de animais de caça e fora do alcance da ferrovia. E o território do gado estava mil e quinhentas milhas ao sul.

Então, a Union Pacific terminou de construir. No território do rio Powder a grama crescia na altura da garupa de um cavalo. Em todo o mundo não havia um território de gado como aquele. Os texanos conduziram seus rebanhos mil e quinhentas milhas para o norte, abrindo a trilha Chisholm, e o governo construiu fortes para protegê-los dos indígenas. Os indígenas revidaram, e o Congresso enviou diplomatas para quebrar o Tratado Harney-Sanborn. Era a velha história toda de novo, gado, ferrovia, companhias de terra – e os indígenas tiveram que ir.

Faca Cega e seu povo lutaram por mais tempo que a maioria das tribos. Não foi até a primavera de 1877 que eles se renderam ao General Mackenzie e suas tropas. Eles foram informados que teriam de deixar sua terra natal e ir para o sul, onde um grande território havia sido separado para as tribos indígenas. Eles também foram informados que, uma vez lá, o governo iria cuidar deles e eles viveriam em paz e prosperidade. Um ramo de sua tribo, os *cheyenne* do sul, estava vivendo no Oklahoma por gerações; isto foi adicionado a outros argumentos, e o argumento final foi um regimento da cavalaria americana. O argumento final os persuadiu e agora eles estavam vivendo na reserva por pouco mais de um ano”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 300-316.

de origem, tão cara a eles. De fato, ao contrário das promessas do governo americano, o quadro com que Dull Knife e sua tribo se depararam ao chegar ao Oklahoma foi de estranhamento, escassez e desolação. Efetivamente, embora alguns grupos estivessem dispostos a irem para o Território Indígena devido a relações de parentesco com os *cheyenne* do sul, a maioria dos *cheyenne* do norte era contrária à realocação entendendo que a:

(...) removal to Indian Territory threatened to destroy their geographic and political unity and to disrupt their cultural traditions. Not only had they grown increasingly independent from the Southern Cheyenne by 1877, they did not relish the idea of being moved to the unfamiliar territory of Oklahoma<sup>387</sup>.

Essa já esperada desconexão com seus parentes distantes das tribos *cheyenne* do sul acabou se concretizando quando de sua mudança efetiva para a reserva:

On May 28, 1877, 937 Northern Cheyennes left the Red Cloud Agency for the Cheyenne-Arapaho Agency at Darlington, Oklahoma, near Fort Reno. Lieutenant Henry W. Lawton, Fourth Cavalry, escorted the group on its seventy-day journey, reaching Fort Reno on August 5, 1877. Two days later John D. Miles, Indian Agent at the Cheyenne-Arapaho Agency, assumed jurisdiction for the new arrivals. Almost immediately, the Northerners expressed their dissatisfaction with Indian Territory. Standing Elk and others who had wanted to join the Southern Cheyennes were greeted hospitably by their kinsmen, but other Northerners experienced open hostility upon arrival<sup>388</sup>.

Mais do que isso, as condições climáticas e materiais da agência de Darlington causaram um profundo impacto negativo no modo de vida dos *cheyenne* e, conseqüentemente, foram motores de grande insatisfação entre os indígenas:

During the next year, conditions failed to improve for the Northern Cheyennes. Rivalries persisted between the two groups, and additional problems worsened the unstable situation. Disease, homesickness, and inadequate medical attention intensified Northern Cheyenne resistance to Oklahoma, but the change in climate and insufficient rations produced a hopeless situation that could only be relieved by flight and rebellion<sup>389</sup>.

<sup>387</sup> “(...) a remoção para o Território Indígena ameaçava destruir a sua unidade geográfica e política e a romper suas tradições culturais. Não apenas haviam eles se tornado crescentemente independentes dos *cheyenne* do sul em 1877, mas eles não apreciavam a ideia de serem movidos para o território não-familiar do Oklahoma”. Tradução minha. SVINGEN, Orlan J. *The Northern Cheyenne Indian Reservation, 1877-1900*. Niwot: The University Press of Colorado, 1993, p. 13.

<sup>388</sup> “Em 28 de maio de 1877, 937 *cheyennes* do norte deixaram a Agência de Nuvem Vermelha em direção à Agência Cheyenne-Arapaho em Darlington, Oklahoma, perto de Fort Reno. O tenente Henry W. Lawton, da Quarta Cavalaria, escoltou o grupo na sua jornada de setenta dias, chegando a Fort Reno em 5 de agosto de 1877. Dois dias depois, John D. Miles, agente indígena na Agência Cheyenne-Arapaho, assumiu a jurisdição dos recém-chegados. Quase imediatamente os nortistas expressaram sua insatisfação com o Território Indígena. Alce Em Pé e outros que tinham desejado se juntar aos *cheyenne* do sul foram recebidos com hospitalidade por seus parentes, mas outros nortistas experienciaram uma aberta hostilidade ao chegar”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 19.

<sup>389</sup> “Durante aquele ano, as condições não melhoraram para os *cheyenne* do norte. Rivalidades persistiam entre os dois grupos e problemas adicionais pioraram a instável situação. Doenças, saudades de sua terra natal e atenção médica inadequada intensificaram a resistência dos *cheyenne* do norte ao Oklahoma, mas as mudanças climáticas e rações insuficientes produziram uma situação desesperada que só poderia ser aliviada pela fuga e rebelião”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 19.



De fato, esta situação de precariedade material, envolvendo práticas alimentares, médicas, sanitárias e de moradia inadequadas e insuficientes, somada à dificuldade de adaptação ao clima inóspito do Oklahoma, levaram à crescente insatisfação dos indígenas com a política de reservas, a qual, a seus olhos, os havia tirado de sua terra ancestral, onde viviam de maneira estável e reproduzindo seus hábitos e costumes tradicionais. Este cenário de pobreza e privação material vivido pelos *cheyenne* em Darlington e sua consequente indignação diante dele é muito bem desenhado por Fast ao situar o seu romance.

Efetivamente, dentro da conjuntura mais ampla da conquista do Oeste americano por meio da política de remoção e aculturação dos indígenas, levada à cabo por meio das reservas, este é o contexto específico que Fast coloca em cena logo nas primeiras páginas do romance: as dificuldades vividas pelos indígenas na agência de Darlington, como causa motivadora do êxodo dos *cheyenne*. Neste sentido, Fast faz questão de traçar o panorama de precariedade material da agência, de falta de rações alimentares e de outras provisões para o bom funcionamento dela, a dificuldade de conviver com o calor, a aridez e a geografia do Oklahoma, e a insistência dos agentes em “civilizar os selvagens”, bem como a resistência dos *cheyenne* a deixar seus antigos hábitos.

Nas primeiras cenas de *The Last Frontier*, Fast introduz o ambiente da reserva, a atuação do agente quaker John Miles e a sua relação com os indígenas e suas reivindicações, evidenciando este quadro de precariedade. O romance inicia justamente apresentando a paisagem desoladora e desértica do Oklahoma, pela percepção de Miles:

From where he stood, he could see the fall of land to the dry bed of the Canadian River, dust and withered yellow grass, on which somehow thickets of blackjack pine managed to find an existence. Beyond, the yellow and red Oklahoma landscape dashed headlong to the metal sky. The Indian village of cone-shaped lodges sucked futilely at the dry riverbed. Aside from the shuffling shape of Robert Bleating-Hawk, not a thing was alive in all that braised surface. Most of the Indians had already left on their summer buffalo hunt, from which they would return bitter and empty-handed<sup>390</sup>.

---

<sup>390</sup> “De onde ele estava, ele podia ver a descida de terra até o leito seco do Rio Canadian, poeira e grama seca amarelada, na qual, de algum modo, grupos de pinheiros conseguiam encontrar uma existência. Mais adiante, o panorama amarelo e vermelho do Oklahoma corria impetuosamente em direção ao céu metálico. O vilarejo indígena de cabanas cônicas sugava futilmente o seco leito do rio. Com exceção da embaralhada forma de Robert Gavião-Berrante, nada estava vivo em toda aquela superfície abrasada. A maioria dos índios já havia partido em sua caçada de búfalo de verão, da qual voltariam amargos e de mãos vazias”. Tradução minha. FAST, Howard. *The Last Frontier*. A new edition with a special introduction by the author. Armonk: M.E. Sharpe, 1997 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 235.

Juntamente às condições climáticas de calor e seca, que o próprio Miles achava difícil tolerar<sup>391</sup>, Fast coloca em cena também as dificuldades de adaptação à reserva, no que diz respeito aos hábitos alimentares. O personagem Robert Bleating-Hawk<sup>392</sup> é um indígena *arapaho* que vivia na reserva e estava indo se encontrar com Miles para reclamar que os mantimentos fornecidos pela agência eram insuficientes, e que as próprias galinhas que eles receberam não estavam dando ovos<sup>393</sup>. Além disso, Fast menciona a própria tentativa dos indígenas de manter a prática da caça ao búfalo, a qual bem como a extinção do animal nas planícies do Oklahoma. É interessante destacar, neste sentido, o fato de que o personagem de Miles, dentro de uma perspectiva civilizatória dos indígenas, repudiava esta prática e buscava evitar que as crianças acompanhassem os pais e aprendessem a caçar, ao determinar sua permanência na escola da agência: ““(…) It’s bad enough for their fathers and mothers to go wandering through this wasteland, looking for buffalo where no buffalo exist, without dragging their children with them””<sup>394</sup>.

De modo semelhante, Fast apresenta também a precariedade geral das condições materiais da agência, associada ao calor do Oklahoma:

On his way back to his house, he passed several of the newly constructed shacks which were to replace the tepees the Indians lived now. They had not been painted, and already the green pine boards were curling and warping with the heat, drawing the nails that held them to the beams<sup>395</sup>.

Este trecho ilustra muito bem, por um lado, novamente, a tentativa de demover os indígenas de seu modo de vida tradicional, desta vez de seu modo de morar em tendas; e por outro, as dificuldades materiais de Darlington, diante do clima e da falta de recursos: as novas habitações destinadas aos indígenas são descritas como barracos, que sequer puderam ser pintados e já estavam sendo danificados pelo calor. Além destas dificuldades de adaptação climática, da imposição de mudanças no seu modo de vida, de escassez de alimentos e de precariedade material-habitacional, os indígenas eram assolados, como consequência, pela fome e pelas doenças:

<sup>391</sup> Ibid., pos. 190-201.

<sup>392</sup> Nome traduzido como Robert Gavião-Berrante, na versão brasileira da obra. FAST, Howard. *Fronteira de Fogo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

<sup>393</sup> FAST, Howard. *The Last Frontier*. A new edition with a special introduction by the author. Armonk: M.E. Sharpe, 1997 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 217-227.

<sup>394</sup> ““(…) É ruim o suficiente que seus pais e mães saiam perambulando por esse deserto, procurando por búfalos onde nenhum búfalo existe, sem arrastar suas crianças com eles””. Tradução minha. Ibid., pos. 247.

<sup>395</sup> “No seu caminho de volta à sua casa, ele passou por vários dos barracos recém construídos que deveriam substituir as tendas nas quais os indígenas viviam agora. Eles não haviam sido pintados e já as tábuas verdes de pinho estavam se retorcendo e empenando com o calor, removendo os pregos que as prendiam às vigas”. Tradução minha. Ibid., pos. 260.

Coming from the dry plains and hills of the north into the malaria-ridden lowlands of Indian Territory, they came down like flies with fever and disease. A hunting, meat-eating people, from a land thick with game, they were in a place as bare of game as it was of beauty. Even before they arrived, Miles was always short of rations. And since his supplies were not increased, he was not disposed to waste what he had on godless savages who sulked in their skin tepees. For a year they had been dying and starving, and now the thin men on their thin ponies seemed like the very ghosts of the dead<sup>396</sup>.

Cabe destacar o quadro de desumanização dos *cheyenne* delineado por Fast, evidenciado pela sua designação como “fantasmas dos mortos”. Como já mencionamos, Fast denunciava, como parte de seu posicionamento político e literário, a retirada da humanidade da classe trabalhadora e da população negra e indígena como parte da lógica de exploração que regia o desenvolvimento econômico americano e mundial. Diante destas condições insustentáveis, o próprio personagem do agente Miles, retratado com nuances de quem legitimamente desejava contribuir para o processo de assimilação dos indígenas, critica a política de reservas como o verdadeiro problema por trás das primeiras fugas de *cheyennes* da agência: ““(…) it’s not that, not the three men, but this whole rotten reservation policy – putting people into a prison””<sup>397</sup>.

Efetivamente, Fast, por meio de Miles, alude à presença do exército americano nas proximidades como forma de assegurar a permanência dos indígenas dentro dos limites da agência, lamentando que a prioridade do governo americano fosse em termos de contenção militar dos nativos e não de investimento em estrutura e suprimentos para a manutenção da reserva:

The fact that the obstacles were almost insurmountable, that the rations were short, that he lacked competent and sufficient help, that the government preferred to quarter a regiment of cavalry upon the reservation rather than a regiment of schoolteachers or carpenters or plumbers or engineers, made no difference<sup>398</sup>.

Em suma, é deste modo que Fast constrói o cenário e o contexto histórico onde vai se desenrolar sua trama narrativa sobre o êxodo dos *cheyenne*: situando minimamente o leitor na

<sup>396</sup> “Vindo das secas planícies e colinas do norte para as planícies infestadas de malária do Território Indígena, eles caíram como moscas com febre e doenças. Um povo caçador e carnívoro, de uma terra repleta de animais de caça, eles estavam em um lugar tão desprovido de animais quanto o era de beleza. Mesmo antes de eles chegarem, Miles estava sempre com falta de rações. E como seus suprimentos não foram aumentados, ele não estava disposto a desperdiçar o que ele tinha em selvagens ímpios que se lamuriavam em suas tendas de couro. Por um ano eles estiveram morrendo e passando fome e agora os magros homens em seus magros pôneis pareciam os próprios fantasmas dos mortos”. Tradução minha. Ibid., pos. 316-322.

<sup>397</sup> ““(…) não é isso, não são os três homens [que fugiram], mas toda esta política de reservas podre – colocar pessoas dentro de uma prisão”. Tradução minha. Ibid., pos. 723.

<sup>398</sup> “O fato de que os obstáculos eram quase intransponíveis, que as rações faltavam, que ele não tinha ajuda competente e suficiente, que o governo preferia aquartelar um regimento de cavalaria sobre a reserva ao invés de um regimento de professores ou carpinteiros ou encanadores ou engenheiros, não fazia diferença”. Tradução minha. Ibid., pos. 705-710.

conjuntura mais ampla da expansão e conquista americana do território a Oeste do Mississippi, traçando uma breve trajetória do povo *cheyenne* do norte e sua relação com o governo e o homem branco, e apresentando o panorama de escassez e precariedade que a tribo enfrentava desde sua realocação para a agência indígena de Darlington.

### **3.2 *Freedom Road* e a contextualização da Reconstrução no Sul**

À semelhança do que desenvolvemos com relação à *The Last Frontier*, cabe-nos também examinarmos o modo como Fast compõe o cenário do pós-Guerra Civil e da Reconstrução no Sul dos Estados Unidos no romance *Freedom Road*. Para tanto, também, é necessário apresentarmos, em linhas gerais, uma breve contextualização deste período histórico.

Como é amplamente notório, a Guerra Civil Americana, o grande conflito armado que abalou os Estados Unidos entre 1861 e 1865, acarretou importantes transformações sociais e deixou profundas marcas na memória coletiva nacional. De fato, poucos eventos na história americana foram tão celebrizados, rememorados e disputados no âmbito da narrativa histórica nacional. Pode-se afirmar, muito seguramente, que seu principal desdobramento foi a desarticulação do sistema escravista de *plantations* até então vigente na sociedade sulista e a libertação dos afrodescendentes escravizados, através da Proclamação de Emancipação emitida pelo presidente Abraham Lincoln em 1863.

Ainda que a relação do lado da União com a causa abolicionista tenha sido até certo ponto ambígua, principalmente nos primeiros estágios da guerra, ainda durante o conflito uma das principais questões que emergiram dizia respeito à situação social e política dos negros, na transição da escravidão para a liberdade. Neste sentido, mesmo antes do final do conflito, houve alguns “ensaios da Reconstrução”, algumas experiências, nas ilhas da Carolina do Sul e na Louisiana e no vale do Mississippi, de integração dos libertos na nova ordem social que emergia<sup>399</sup>.

O período que ficou conhecido como Reconstrução, que se estende do final da Guerra Civil até 1877<sup>400</sup>, significou efetivamente a tentativa de reconstruir a nação fraturada e

<sup>399</sup> FONER, *Op. Cit.*, p. 574-576.

<sup>400</sup> Convencionalmente, atribui-se a periodização da Reconstrução entre os anos de 1865 e 1877. Eric Foner, porém, em seu estudo sobre o período, opta por incluir neste mesmo contexto os anos finais da Guerra Civil,

abalada por um devastador conflito interno. Um dos principais dilemas que colocavam neste momento, além da recuperação material e econômica do Sul propriamente dita e da reintegração dos estados secessionistas à União, dizia respeito justamente à incorporação da população negra recém-liberta à sociedade americana. Neste contexto, a era da Reconstrução acabou por colocar em pauta os limites e o significado de liberdade e de cidadania para os Estados Unidos enquanto nação:

In the years following the Civil War, former slaves and their white allies, North and South, would seek to redefine the meaning and boundaries of American freedom. Previously an entitlement of whites, freedom would be expanded to include black Americans. The laws and Constitution would be rewritten to guarantee African-Americans, for the first time in the nation's history, recognition as citizens and equality before the law. Black men would be granted the right to vote, ushering a period of interracial democracy throughout the South. Black schools, churches, and other institutions would flourish, laying the foundation for the modern African-American community. Many of the advances of Reconstruction would prove temporary, swept away during a campaign of violence in the South and the North's retreat from the ideal of equality. But Reconstruction laid the foundation for future struggles to extend freedom to all Americans<sup>401</sup>.

Neste balanço da Reconstrução feito pelo historiador Eric Foner, é tangenciada a questão do significado e da abrangência da liberdade americana. Como veremos, também Fast entra nesta discussão, que permanecia contemporânea a ele: o que está envolvido nos ideais americanos de liberdade e democracia? No período da Reconstrução, entretanto, esta problemática emergiu com particular força diante da abolição e do imenso contingente de negros agora libertos, tomando contornos raciais. Ser livre significava meramente não ser escravo, ou envolvia algo mais?

Did freedom mean simply the absence of slavery, or did it imply other rights for the former slaves, and if so, which ones: equal civil rights, the vote, ownership of property? During Reconstruction, freedom became a terrain of conflict, its substance open to different, often contradictory interpretations.

(...) African-Americans' understanding of freedom was shaped by their experiences as slaves and their observations of the free society around them. To begin with, freedom meant escaping the numerous injustices of slavery – punishment by the lash, the separation of families, denial of access to education, the sexual exploitation

---

adotando 1863 como marco inicial da Reconstrução. FONER, Eric. *Reconstruction*. America's Unfinished Revolution, 1863-1877. New York: Harper Perennial, 2015, p. 20.

<sup>401</sup> “Nos anos que se seguiram à Guerra Civil, antigos escravos e seus aliados brancos, no Norte e no Sul, procurariam redefinir o sentido e os limites da liberdade americana. Anteriormente uma prerrogativa dos brancos, a liberdade seria expandida para incluir os negros americanos. As leis e a Constituição seriam reescritas para garantir aos afro-americanos, pela primeira vez na história da nação, reconhecimento como cidadãos e igualdade perante a lei. Homens negros receberiam o direito ao voto, inaugurando um período de democracia interracial através do Sul. Escolas, igrejas e outras instituições negras prosperariam, lançando os alicerces da moderna comunidade afro-americana. Muitos dos avanços da Reconstrução provariam ser temporários, varridos durante uma campanha de violência no Sul e o recuo do Norte do ideal de igualdade. Mas a Reconstrução lançou o alicerce das futuras lutas para estender a liberdade para todos os americanos”. Tradução minha. FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. New York: W.W. Norton & Company, 2011, p. 586.

of black women by their owners – and sharing in the rights and opportunities of American citizens<sup>402</sup>.

Para além da compreensão mais imediata de que a liberdade significava, ou deveria significar, o fim do regime de trabalho escravocrata, com as inúmeras crueldades físicas, psicológicas e sociais que impunha à população afro-americana, os libertos passaram progressivamente a atrelar a ideia de liberdade ao acesso a três grandes direitos sociais, que lhes eram negados sob o jugo da escravidão. O primeiro deles estava relacionado ao acesso à educação:

Perhaps the most striking illustration of the freedmen's quest for self-improvement was their seemingly unquenchable thirst for education. Before the war, every Southern state except Tennessee had prohibited the instruction of slaves, and while many free blacks had attended school and a number of slaves became literate through their own efforts or the aid of sympathetic masters, over 90 percent of the South's adult black population was illiterate in 1860. Access to education for themselves and their children was, for blacks, central to the meaning of freedom, and white contemporaries were astonished by their "avidity for learning"<sup>403</sup>.

Em segundo lugar, a nova liberdade conquistada pela população negra deveria acarretar, para eles, o fim da exploração de sua força de trabalho e o desenvolvimento de uma nova relação para com ela. Isto não significava, absolutamente, um desejo de vadiagem, ou uma natureza preguiçosa e indolente, ou ainda uma incapacidade do negro – características de que eram frequentemente acusados pelos brancos sulistas. Ao contrário, este aspecto configurava o desejo de emancipação econômica e autonomia sobre sua força de trabalho. Esta compreensão acabou por vincular a ideia de liberdade ao direito à posse de terras:

For blacks, the abolition of slavery meant not an escape from all labor, but an end to unrequited toil. (...) Yet freedom meant more than simply receiving wages. Freedmen wished to take control of the conditions under which they labored, free themselves from subordination to white authority, and carve out the greatest

---

<sup>402</sup> “A liberdade significava simplesmente a ausência da escravidão, ou implicava outros direitos para os antigos escravos, e, se sim, quais: direitos civis igualitários, o voto, o direito a propriedade? Durante a Reconstrução, a liberdade se tornou um terreno de conflito, sua essência aberta a diferentes, frequentemente contraditórias interpretações.

(...) A compreensão de liberdade dos afro-americanos era pautada por suas experiências enquanto escravos e suas observações da sociedade livre ao seu redor. Para começar, liberdade significava escapar das numerosas injustiças da escravidão – a punição pelo açoitamento, a separação das famílias, a negação do acesso à educação, a exploração sexual de mulheres negras por seus proprietários – e partilhar dos direitos e oportunidades dos cidadãos americanos”. *Ibid.*, p. 587.

<sup>403</sup> “Talvez a mais notável ilustração da busca dos libertos pelo auto aperfeiçoamento tenha sido sua aparentemente insaciável sede por educação. Antes da guerra, todos estados sulistas, exceto o Tennessee, havia proibido a instrução dos escravos e, ainda que muitos negros livres tenham frequentado escolas e certo número de escravos tenha se alfabetizado através de seus próprios esforços ou da ajuda de senhores compreensivos, mais de 90 por cento da população negra adulta do Sul era analfabeta em 1860. Acesso à educação para si mesmos e para seus filhos era, para os negros, central para o significado de liberdade, e seus contemporâneos brancos ficaram assombrados por sua ‘avidez por aprendizagem’”. Tradução minha. FONER, Eric. *Reconstruction. America's Unfinished Revolution, 1863-1877*. New York: Harper Perennial, 2015, p. 36.

measure of economic autonomy. As in the case of their families, churches, and social life, economic emancipation meant freedom from white control.

(...) The desire to escape from white supervision and establish a modicum of economic independence profoundly shaped blacks' economic choices during Reconstruction, leading them to prefer tenancy to wage labor, and leasing land for a fixed rent to sharecropping<sup>404</sup>. Above all, it inspired the quest for land of their own. Indeed, the same blacks arraigned for idleness sacrificed and saved in the attempt to acquire land, and those who succeeded clung to it with amazing tenacity. (...) Owning land, the freedmen believed, would "complete their independence." Without land, there could be no economic autonomy, for their labor would continue to be subject to exploitation by their former owners.<sup>405</sup>

Cabe ainda mencionar que muitos ex-escravos consideravam que tinham direito à posse de parte da terra de seus antigos senhores em função das gerações de trabalho não remunerado às quais haviam sido submetidos. Contudo, exemplos de libertos que conseguiram acesso à terra no Sul durante a Reconstrução configuraram casos isolados. Em sua maioria, a população negra advinda da escravidão não foi financeiramente capaz de adquirir terras e esbarrou na resistência da comunidade branca, que em sua maioria se manteve alinhada no ideal de se recusar a conceder crédito e a negociar suas propriedades com os negros<sup>406</sup>.

Por fim, o terceiro conjunto de direitos que passou a ser associado pelos afro-americanos ao conceito de liberdade dizia respeito ao direito ao voto e à igualdade civil:

If the goal of autonomy inspired blacks to withdraw from religious and social institutions controlled by whites and to attempt to work out their economic destinies for themselves, in the polity, "freedom" meant inclusion rather than separation. Recognition of their equal rights as citizens quickly emerged as the animating impulse of Reconstruction black politics. In the spring and summer of 1865, blacks organized a seemingly unending series of mass meetings, parades, and petitions demanding civil equality and the suffrage as indispensable corollaries of emancipation.<sup>407</sup>

<sup>404</sup> *Sharecropping* diz respeito a um regime de arrendamento de terras no qual a locação é paga por meio da cessão de parte da colheita ao dono da terra.

<sup>405</sup> "Para os negros, a abolição da escravidão significava não uma fuga de todo trabalho, mas um fim ao labor não-remunerado. (...) Porém, a liberdade significava mais que simplesmente receber salários. Os libertos desejavam tomar o controle das condições sob as quais eles trabalhavam, libertar-se da subordinação à autoridade branca, e conquistar a maior medida de autonomia econômica. Como no caso de suas famílias, igrejas e vida social, a emancipação econômica significava a liberdade do controle branco.

(...) O desejo de escapar da supervisão branca e estabelecer uma medida de independência econômica pautou profundamente as escolhas econômicas dos negros durante a Reconstrução, levando-os a preferir o arrendamento ao trabalho assalariado, e arrendar as terras por um aluguel fixo ao *sharecropping*. Acima de tudo, ele inspirou a busca por terras próprias. De fato, os mesmos negros acusados de ociosidade se sacrificaram e economizaram na tentativa de adquirir terras, e aqueles que conseguiram agarraram-se a elas com impressionante tenacidade. (...) A posse de terras, acreditavam os libertos, iria 'completar sua independência'. Sem terras, não poderia haver autonomia econômica, pois seu trabalho continuaria sujeito à exploração por seus antigos senhores". Tradução minha. *Ibid.*, p. 143-144.

<sup>406</sup> *Ibid.*, p. 147.

<sup>407</sup> "Se o objetivo de autonomia inspirou os negros a se retirarem de instituições religiosas e sociais controladas por brancos e tentar resolver seus destinos econômicos por si mesmos, na esfera política, 'liberdade' significava

De fato, com a conquista de direitos políticos, boa parte dos afro-americanos acabou por se registrar como eleitor, e muitos ainda foram eleitos para cargos públicos. Entretanto, ao contrário do que a narrativa vinculada à Dunning School apresentava, a política do período não foi dominada pela presença negra, muito embora o envolvimento dos afro-americanos na esfera pública tenha gerado avanços e benefícios para os libertos, ainda que restritos, a longo prazo, pelas próprias limitações do processo de Reconstrução:

But African-Americans did not control Reconstruction politics, as their opponents frequently charged. The highest offices remained almost entirely in white hands, and only in South Carolina, where blacks made up 60 percent of the population, did they form a majority of the legislature. Nonetheless, the fact that some 2,000 African-Americans occupied public offices during Reconstruction represented a fundamental shift of power in the South and a radical departure in American government.

African-Americans were represented at every level of government. Fourteen were elected to the national House of Representatives. Two blacks served in the U.S. Senate during Reconstruction, both representing Mississippi.

(...) Pinckney B.S. Pinchback of Louisiana, the Georgia-born son of a white planter and a free black woman, served briefly during the winter of 1872-1873 as America's first black governor. (...) some 700 blacks sat in state legislatures during Reconstruction, and scores held local offices ranging from justice of the peace to sheriff, tax assessor, and policeman. The presence of black officeholders and their white allies made a real difference in southern life, ensuring that blacks accused of crimes would be tried before juries of their peers and enforcing fairness in such aspects of local government as road repair, tax assessment, and poor relief<sup>408</sup>.

Estas conquistas foram possíveis sobretudo devido à legislação da Reconstrução, particularmente as Emendas 14 e 15 à Constituição dos Estados Unidos, que, respectivamente, garantia a proteção da lei aos direitos à vida, liberdade e propriedade de todos cidadãos americanos, incluindo a população negra, e proibia o governo, federal ou estadual, de negar o

---

inclusão ao invés de separação. O reconhecimento de seus direitos iguais como cidadãos rapidamente emergiu como o impulso animador da política negra da Reconstrução. Na primavera e no verão de 1865, negros organizaram uma aparentemente interminável série de reuniões em massa, paradas e petições demandando igualdade civil e o sufrágio como corolários indispensáveis da emancipação”. Tradução minha. Ibid., p. 152.

<sup>408</sup> “Mas os afro-americanos não controlaram a política da Reconstrução, como seus oponentes frequentemente alegaram. Os cargos mais altos permaneceram quase inteiramente em mãos brancas, e apenas na Carolina do Sul, onde os negros compunham 60 por cento da população, eles formaram uma maioria da legislatura. Ainda assim, o fato de que cerca de 2 mil afro-americanos ocuparam cargos públicos durante a Reconstrução representou um fundamental deslocamento de poder no Sul e uma mudança radical no governo americano.

Os afro-americanos estavam representados em cada nível do governo. Quatorze foram eleitos para a Câmara dos Representantes nacional. Dois negros serviram no Senado americano durante a Reconstrução, ambos representando o Mississippi.

(...) Pinckney B.S. Pinchback da Louisiana, o filho de um agricultor branco com uma mulher negra livre nascido na Geórgia, serviu brevemente durante o inverno de 1872-1873 como o primeiro governador negro dos Estados Unidos. (...) cerca de 700 negros ocuparam assentos em legislaturas estaduais durante a Reconstrução, e inúmeros ocuparam cargos locais, desde juiz de paz até xerife, assessor fiscal e policial. A presença de negros ocupantes de cargos públicos e seus aliados brancos fez uma diferença real na vida sulista, garantindo que negros acusados de crimes fossem julgados perante júris de seus pares e aplicando justiça em aspectos do governo local como reparos de estradas, tributação e assistência aos pobres”. Tradução minha. FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. New York: W.W. Norton & Company, 2011, p. 611-612.



direito ao voto baseado em critérios de cor, raça ou condição prévia de servidão. Neste sentido, as leis do período não apenas proporcionaram a emergência dos afro-americanos com atores políticos relevantes<sup>409</sup>, mas também redesenharam os próprios limites da liberdade e da cidadania americana. Antes da Guerra Civil, diversos mecanismos de exclusão restringiam a cidadania aos brancos – e faziam dos Estados Unidos um “governo do homem branco”. Entretanto, como bem afirmou Eric Foner, as leis e emendas da Reconstrução contribuíram para difundir o princípio de igualdade perante a lei e modificar a concepção de que a cidadania era uma prerrogativa e um privilégio restrito aos brancos<sup>410</sup>.

Em suma, estes três elementos – o direito ao voto, o direito à educação e o direito à propriedade de terras – atrelados à concepção de liberdade apresentada pela população negra após o fim da escravidão têm um papel fundamental na narrativa da Reconstrução apresentada por Fast em *Freedom Road*. Analisaremos eles em maior detalhe no próximo capítulo. Por ora, cabe-nos apresentarmos um pouco o contexto do Sul após o término da Guerra Civil, e o modo como foi retratado por Fast em seu romance.

Inicialmente devemos destacar o cenário de devastação e desolação, material, psicológica e econômica do Sul após o conflito. De fato, tendo o território sulista dos estados Confederados como principal campo de batalha, a Guerra Civil trouxe como consequência a destruição de cidades, campos e propriedades rurais, bem como uma enorme perda de vidas, que dizimou grande parte de sua população masculina:

The appalling loss of life, a disaster without parallel in the American experience, affected all classes of southerners. Nearly 260,000 men died for the Confederacy – more than one-fifth of the South’s adult male white population. The widespread destruction of work animals, farm buildings, and machinery ensured that economic revival would be slow and painful<sup>411</sup>.

Com isto, também, a região ficou à beira da falência, com a queda de produção de seus principais gêneros agrícolas (algodão, tabaco, açúcar e arroz), a queda do valor das propriedades, o endividamento dos grandes proprietários e da aristocracia sulista ocasionado

---

<sup>409</sup> Cabe destacar, ainda, a emergência de dois outros grupos de atores sociais e políticos no Sul durante o período da Reconstrução: os chamados *carpetbaggers*, indivíduos oriundos do Norte que se estabeleceram no Sul após a guerra; e os *scalawags*, republicanos brancos nascidos no próprio Sul. Ambas designações têm uma conotação pejorativa e refletem o desprezo dos ex-Confederados por estes grupos, os primeiros considerados aventureiros corruptos vindos do Norte para se aproveitarem do Sul arrasado, e os últimos, traidores de sua raça e região. Estes dois grupos são frequentemente mencionados por Fast em *Freedom Road* como parte importante do cenário político-social da Reconstrução. Ibid., p. 614.

<sup>410</sup> Ibid., p. 607-608.

<sup>411</sup> “A impactante perda de vidas, um desastre sem paralelo na experiência americana, afetou todas as classes de sulistas. Cerca de 260.000 homens morreram pela Confederação – mais de um quinto de toda população branca masculina adulta do Sul. A destruição generalizada de animais de trabalho, edifícios agrícolas e de maquinário garantiram que a recuperação econômica seria lenta e dolorosa”. Tradução minha. Ibid., p. 591.

pela guerra e, sobretudo, com a perda de seu principal capital, fonte de trabalho e renda: o escravo<sup>412</sup>.

Southern planters<sup>413</sup> emerged from the Civil War in a state of shock. Their class had been devastated—physically, economically, and psychologically. Thousands of wealthy young men had heeded the Confederacy’s call only to die in battle. The loss of the planters’ slaves and life savings (to the extent that they had invested in Confederate bonds) wiped out the inheritance of generations<sup>414</sup>.

Este estado de prostração humana, material e financeira do Sul quando do início da era da Reconstrução é bem delineado por Fast ao longo de *Freedom Road*. De fato, logo no início do romance, somos deparados com a comunidade de ex-escravos à qual pertence o protagonista Gideon Jackson, que permaneceu nas antigas terras senhoriais, a Carwell Plantation. Propriedade do personagem fictício Dudley Carwell, a *plantation*, que abrangia “twenty-two thousand acres of good South Carolina soil”<sup>415</sup>, havia sido abandonada por seu senhor ao longo do curso do conflito em razão de dívidas oriundas do contexto da Guerra Civil. Por sua vez, a população negra que compunha a força de trabalho escravizada da grande fazenda, sem muita alternativa, acabou por continuar a ocupar as terras onde habitavam e trabalhavam:

Debt and unpaid taxes had thrown the plantation into that curious state of suspension that had overtaken so many of the great southern manors.

(...) Meanwhile, the freed slaves lived there. A good many of them had stayed on all through the war, putting in crop after crop and caring for the place. Other, like Gideon, had gone off and joined the Union Army. Still others had run away and hidden themselves. But even when emancipation came, most of them stayed, not so much because they feared the dire punishment set out for runaways as that they had no place in particular to go. This was their home, their land, their country – it had always been so<sup>416</sup>.

<sup>412</sup> FONER, Eric. *Reconstruction*. America’s Unfinished Revolution, 1863-1877. New York: Harper Perennial, 2015, p. 169-170.

<sup>413</sup> Cabe esclarecer que o termo “planters” refere-se à aristocracia agrária sulista. Por questão de convenção, o traduzimos como “plantadores”.

<sup>414</sup> “Os plantadores sulistas emergiram da Guerra Civil em estado de choque. Sua classe havia sido devastada – fisicamente, economicamente e psicologicamente. Milhares de jovens ricos havia ouvido o chamado da Confederação, apenas para morrer em batalha. A perda dos escravos e das economias de vida (na medida em que eles haviam investido em títulos confederados) dos plantadores acabou com a herança de gerações”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 172.

<sup>415</sup> “Vinte e dois mil acres de bom solo da Carolina do Sul”. Tradução minha. FAST, Howard. *Freedom Road*. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 6.

<sup>416</sup> “Dívidas e impostos não pagos havia jogado a *plantation* naquele curioso estado de suspensão que havia tomado tantas das grandes propriedades senhoriais sulistas.

(...) Enquanto isto, os escravos libertos viviam ali. Uma boa quantidade deles havia permanecido ao longo de toda guerra, plantando colheita após colheita e cuidando do lugar. Outros, como Gideon, haviam saído e aderido ao exército da União. Outros ainda haviam fugido e se escondido. Mas mesmo quando veio a emancipação, a maioria deles permaneceu, não tanto porque temiam o terrível castigo estipulado para escravos fugidos, mas

Esta descrição inicial de Fast nos apresenta brevemente duas importantes dimensões do contexto histórico do período: as dificuldades econômicas, dívidas e situação de falência da aristocracia rural do Sul, que deixou as propriedades em estado de abandono; e a vinculação de parte da população negra liberta à terra que sempre haviam cultivado, com a continuidade de ocupação das fazendas desabitadas por seus antigos senhores<sup>417</sup>. Este primeiro contexto serve para nos dar o panorama a partir do qual se desenrola a narrativa do romance. Um retrato mais amplo a respeito do contexto do Sul no pós-guerra é delineado com muita precisão por Fast – abordando muitos dos pontos que levantamos acima e, assim, demonstrando todo o conhecimento sobre o período acumulado através da pesquisa para a escrita do livro – em uma passagem que relata a permanência de Gideon na cidade de Charleston para participar da Convenção estadual. Apesar de bastante extenso, reproduzimos a seguir o referido trecho, devido à sua importância enquanto contextualização histórica e à solidez de sua análise:

There was hardly one of the great white Georgian houses that had not felt its portion of death and economic ruin. The mighty fortunes that built this cluster of white and wonderful houses, unequaled anywhere in America, were founded upon one thing, the broad back of the black slave. Not only was labor, the source of all wealth, tied up in the slaves, but the slaves themselves had been capital, the most important capital the south owned, in a sense primitive machine tools, bought and bred and sold, and in their fluid state the bottom rock of southern economy. Then, in the course of a ruinous war, a war that wrecked the monetary system of the south, blockaded its ports, Charleston among them, and sent armies marching and countermarching across its lands for four years, the slaves were liberated: liberated by an edit signed by the great, tired man in the White House, a liberation enforced by the strength and guns of the Union Army.

In the immediate post-war period, the south lay stunned and sick. Two hundred thousand black slaves had taken up the arms and the uniform of the north and fought in the last fierce struggle for their freedom. The southern armies had dissolved; the southern leaders sat back in exhaustion, staring wonderingly at the dissolution – a house of sugar which upon being thoroughly saturated suddenly collapses. And the plantation kings, the men behind the war, the men who had engineered it, made it, and plunged their hands elbow-deep in blood that their great empires of cotton, rice and sugar and tobacco might endure, saw the impossible happen, the slaves emancipated, millions and millions and millions in capital they once owned taken from them and overnight dissolved into thin air.

Perhaps never before in human history had a whole class, a ruling class of a nation been so stunningly and quickly deprived of its property. The first reaction of the

---

porque eles não tinham nenhum lugar em particular para ir. Esta era sua casa, sua terra, seu país – sempre havia sido assim”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 6-7.

<sup>417</sup> De fato, como bem observou Eric Foner, “A small number did, however, obtain land through other means, squatting on unoccupied real estate in sparsely populated states like Florida and Texas, buying tiny city plots, or cooperatively purchasing farms and plantations”. “Um pequeno número [de libertos] conseguiu, no entanto, obter terras por outros meios, assentando-se ilegalmente em propriedades desocupadas em estados esparsamente povoados como a Florida e o Texas, comprando minúsculos lotes urbanos, ou adquirindo cooperativamente fazendas e *plantations*”. Tradução minha. FONER, Eric. *Reconstruction. America’s Unfinished Revolution, 1863-1877*. New York: Harper Perennial, 2015, p. 147.

planters was silence, a sick and bewildered silence during which time they contemplated the ruin that had been accomplished. They could not rebel, because they possessed no means of rebellion; they could not plan because they never envisioned a future without slaves. Some of them had counterbalanced their wealth of slaves with large loans, and when the collateral of slavery disappeared, their empires went with it. Great plantations stood empty and abandoned, or worked in a desultory way by the Negroes who stayed upon the soil because they had no place in particular to go; other plantations were put up to auction, sold for debt or taxes. Fields lay fallow; cotton planting dwindled and in many sections disappeared.

When the first paralyzing shock passed, the planters bestirred themselves. This farce of Emancipation, they thought, would not be played through; the slaves could be kept slaves; a nigger<sup>418</sup> was a nigger; that was the beginning, it would also be the end; what went on in Washington was one thing, practical needs of the south were another. With almost hysterical haste, they set about inaugurating a set of laws called 'Black Codes'. Laws that returned the Negro legally to precisely the position he was in before the war; it was simple at first. There was a president in the White House who played along with them, who generously supported the terror they were establishing. They smiled to each other, 'Tennessee Johnson is useful', despising the man and using him at the same time. Once more the planters saw a future, the same future they had always seen, propped on the backs of four million black slaves.

And then the house of cards fell down. A bitter, wrathful, revolutionary Congress that had fought one of the most terrible wars known to mankind, decided that the blood spilt should not be in vain. In their anger, they almost impeached the president; they sent troops into the south and smashed the incipient terror. They legally nullified the rebellious states, established military districts, and called upon the whole population to vote for delegates to state Conventions, Conventions which would frame new state constitutions and create a new democracy in the south, one in which the black man and the white man stood side by side, building together.

In South Carolina, the black population outnumbered the white. Under this second stunning blow, the planters could see only one course of action, one device – to show their contempt by remaining away from the polls. Let the illiterate niggers and white trash vote, and the result would destroy this incredible and monstrous plan of Congress. The result, much as they had planned, gave the Negroes an overwhelming majority of delegates to the Convention; yet where the result went askew was that instead of making a circus, the black and white Convention was slowly, painfully but certainly nevertheless, beginning to operate as a sound legislative body. A constitution was emerging.

And in Charleston, while that happened, the white aristocrats locked their doors, barred their shutters, and waited. Yankee bayonets in the streets made them impotent for the time. There was no future and no past in this moment. In the deep strange hole that had been violently scooped in the stream of history, something was happening<sup>419</sup>

---

<sup>418</sup> Como se sabe, o termo *nigger* é uma designação altamente pejorativa, racista e ofensiva para a população negra, tendo sido posteriormente apropriada por ela. No capítulo 4, daremos maior atenção à questão dos insultos dirigidos aos negros no Sul dos Estados Unidos, conforme aparecem em *Freedom Road*. Por ora, cabe apenas chamar atenção para sua presença na narrativa do romance e manifestar a nossa opção, consciente de seu peso racista, de traduzi-lo de forma unificada como "preto". Contudo, estamos conscientes também das diferentes conotações adquiridas pelo termo, a depender de que personagem o está enunciando e com que sentido.

<sup>419</sup> "Difícilmente havia alguma das grandes casas brancas georgianas que não haviam sentido sua parcela de morte e ruína econômica. As poderosas fortunas que construíram este aglomerado de brancas e maravilhosas casas, sem iguais em qualquer lugar dos Estados Unidos, eram fundadas sobre uma coisa, as largas costas do escravo negro. Não apenas o trabalho, a fonte de toda riqueza, estava vinculado aos escravos, mas os próprios escravos haviam sido o capital, o mais importante capital que o Sul possuía, em certo sentido, primitivas máquinas-ferramentas, compradas e criadas e vendidas, e em seu estado fluido, a rocha fundamental da economia sulista. Então, no curso de uma ruinoso guerra, uma guerra que destruiu o sistema monetário do Sul,

Este é o trecho, por excelência, onde Fast expõe para o leitor todo o desenvolvimento histórico que antecedeu ao período da narrativa de *Freedom Road* – efetivamente situando-o nas questões políticas, sociais e econômicas importantes para se compreender a era da Reconstrução e o pano de fundo contra o qual se desenrola a trama do romance. De fato, Fast aborda diretamente aqui os impactos devastadores da Guerra Civil para a sociedade e a economia sulista, identificando, com grande lucidez, a libertação dos escravos como a causa

---

bloqueou seus portos, Charleston entre eles, e enviou exércitos marchando e contramarchando através de suas terras por quatro anos, os escravos foram libertados: libertados por um édito assinado pelo grande, cansado homem na Casa Branca, uma libertação imposta pela força e pelas armas do Exército da União.

No imediato período pós-guerra, o Sul jazia atordoado e doente. Duzentos mil escravos negros haviam pegado em armas e vestido o uniforme do Norte e combatido na última luta feroz por sua liberdade. Os exércitos sulistas haviam se dissolvido; os líderes sulistas sentaram-se exaustos, contemplando pensativamente a dissolução – uma casa de açúcar que, ao ser completamente saturada, subitamente entra em colapso. E os reis das *plantations*, os homens por trás da guerra, os homens que a engendraram, a fizeram, e mergulharam suas mãos até os cotovelos em sangue para que seus grandes impérios de algodão, arroz e açúcar e tabaco pudessem persistir, viram o impossível acontecer, os escravos emancipados, milhões e milhões e milhões em capital que outrora possuíam tirados deles e de um dia para o outro dissolvidos no ar.

Talvez nunca antes na história humana uma classe inteira, uma classe dominante de uma nação havia sido tão atordoantemente e rapidamente privada de sua propriedade. A primeira reação dos plantadores foi o silêncio, um doente e desconcertado silêncio, durante o qual eles contemplaram a ruína que havia sido alcançada. Eles não podiam rebelar-se, porque não possuíam meios de rebelião; eles não podiam planejar, porque nunca imaginaram um futuro sem escravos. Alguns deles haviam contrabalançado sua fortuna de escravos com grandes empréstimos e, quando a garantia dos escravos desapareceu, seus impérios se foram junto. Grandes *plantations* ficaram vazias e abandonadas, ou trabalhadas de modo desordenado pelos negros que ficaram na terra porque não tinham nenhum lugar em particular para ir; outras *plantations* foram à leilão, vendidas por dívidas ou impostos. Campos jaziam incultos; o cultivo do algodão definhou e, em muitos setores, desapareceu.

Quando o primeiro choque paralisante passou, os plantadores se agitaram. Esta farsa de Emancipação, eles pensaram, não seria levada a cabo; os escravos podiam ser mantidos escravos; um preto era um preto; este era o começo, e seria também o fim; o que acontecia em Washington era uma coisa, as necessidades práticas do Sul eram outras. Com uma pressa quase histérica, eles começaram a inaugurar uma série de leis chamadas de ‘Códigos Negros’. Leis que retornavam legalmente o negro precisamente para a posição em que ele estava antes da guerra; foi simples no início. Havia um presidente na Casa Branca que colaborava com eles, que generosamente apoiava o terror que eles estavam estabelecendo. Eles sorriam uns para os outros, ‘o Tennessee Johnson é útil’, desprezando o homem e usando-o ao mesmo tempo. Mais uma vez os plantadores enxergavam um futuro, o mesmo futuro que eles sempre haviam enxergado, apoiado nas costas de quatro milhões de escravos negros.

E então o castelo de cartas caiu. Um amargo, irado, revolucionário Congresso, que havia lutado uma das mais terríveis guerras conhecidas pela humanidade, decidiu que o sangue derramado não seria em vão. Em sua raiva, eles quase fizeram o impeachment do presidente; eles enviaram tropas para o Sul e esmagaram o terror incipiente. Eles anularam legalmente os estados rebeldes, estabeleceram distritos militares, e conclamaram toda a população a eleger delegados para Convenções estaduais, Convenções que iriam moldar as novas constituições estaduais e criar uma nova democracia no Sul, uma na qual o homem negro e o homem branco estivessem lado a lado, construindo juntos.

Na Carolina do Sul, a população negra era mais numerosa que a branca. Sob este segundo golpe atordoante, os plantadores podiam ver somente um plano de ação, um artifício – mostrar seu desprezo permanecendo longe das urnas. Deixar os pretos analfabetos e o lixo branco votar e o resultado destruiria este inacreditável e monstruoso plano do Congresso. O resultado, bem como haviam planejado, deu aos negros uma esmagadora maioria na Convenção; porém, onde o resultado deu errado foi que, ao invés de criar um circo, a Convenção negra e branca estava lentamente, dolorosamente, mas, não obstante, certamente, começando a operar como um sólido corpo legislativo. Uma constituição estava emergindo.

E em Charleston, enquanto isso acontecia, os aristocratas brancos trancavam suas portas, barravam as janelas, e esperavam. Baionetas ianques nas ruas os deixavam impotentes por ora. Não havia futuro nem passado neste momento. No profundo e estranho buraco que havia sido violentamente escavado no fluxo da história, algo estava acontecendo”. Tradução minha. FAST, Howard. *Freedom Road*. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 69-71.

fundamental para a catástrofe vivida pela aristocracia branca dos senhores das *plantations*. Os antigos impérios agrícolas de algodão, tabaco e açúcar encontravam-se em ruínas com a destruição causada pelo conflito, aliada à perda da mão-de-obra escravizada para cultivar os campos e o acúmulo de dívidas dos senhores oriundas de empréstimos que tinham como garantia justamente os escravos que outrora eram sua propriedade. Além disso, Fast também aborda as etapas do processo de Reconstrução, desde a moderada e complacente fase Reconstrução presidencial de Andrew Johnson, quando houve a tentativa de reação da classe branca dominante por meio da imposição dos racistas e segregacionistas “Black Codes”; até a fase da Reconstrução radical capitaneada pelo Congresso. No mesmo sentido, Fast aborda a questão das eleições para a Convenção estadual na Carolina do Sul – estado de população majoritariamente negra e, não por acaso, o local onde se passa o romance – que, com o desprezo da antiga classe senhorial, acabou elegendo um corpo legislativo composto em sua maioria por negros e brancos pobres, evento histórico central na narrativa de *Freedom Road*.

Para além desta grande contextualização, feita por Fast por meio do narrador, é interessante apontarmos ainda alguns outros elementos relacionados à situação do Sul no pós-guerra aludidos por ele. Um deles diz respeito à questão da desigualdade econômica e social entre brancos e negros, expressa, por exemplo, na passagem em que Gideon chega a Charleston e se depara com as diferenças entre os bairros onde morava a população negra e onde morava a antiga classe senhorial:

He wandered the muddy lanes where the Negroes lived, shacks hastily constructed in the time since the war ended, a few more imposing houses abandoned by the whites. (...) He walked through the old part of the city, the fine white houses with their Grecian porticos, the palmettos, the wrought-iron gates and balconies. No kind looks here, no kind word flung at him, a city withdrawn into itself to suffer the terrible indignity of a Convention made by such men as Gideon Jackson – and that Gideon felt, like a quivering wall of frustrated hate<sup>420</sup>.

Por meio desta descrição paralela das partes da cidade de Charleston, Fast nos apresenta literariamente os contrastes entre os modos de vida da antiga classe senhorial e dos negros libertos, nos centros urbanos dos estados do Sul. Enquanto os primeiros se refugiavam da ameaça da Reconstrução no interior de suas opulentas mansões, construídas a partir da exploração do trabalho escravo, os últimos abrigavam-se em casas abandonadas ou em

---

<sup>420</sup> “Ele perambulou pelas vias enlameadas onde viviam os negros, barracos construídos apressadamente no tempo desde que a guerra havia terminado, algumas casas mais imponentes abandonadas pelos brancos. (...) Ele caminhou pela parte antiga da cidade, as belas casas brancas com seus pórticos gregos, as palmeiras, os portões de ferro fundido e as varandas. Nenhum olhar gentil aqui, nenhuma palavra gentil dirigida a ele, uma cidade recolhida em si mesma para sofrer a terrível indignidade de uma Convenção feita por homens como Gideon Jackson – e isso Gideon sentiu, como uma trêmula parede de ódio frustrado”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 42.

precárias cabanas erguidas nas piores partes da cidade. Neste trecho, podemos perceber ainda a questão do preconceito, da segregação espacial e do latente ódio racial, herdados do sistema escravocrata e que persistiam e perpassavam a sociedade sulista. Devido à manifesta centralidade destes aspectos para a compreensão do contexto da época, não os analisaremos na presente seção, mas, justamente pelo destaque que recebem na narrativa do romance, os dedicaremos atenção especial no capítulo 4 deste trabalho.

Outro elemento interessante de considerarmos, ainda que apareça de forma mais pontual na narrativa de Fast, diz respeito à permanência do exército da União nos estados do Sul, e a perspectivas dos americanos do Norte em relação ao processo da Reconstrução. De fato, em alguns momentos, ao narrar a participação de Gideon na Convenção estadual, Fast menciona repetidas vezes a presença de militares “ianques”<sup>421</sup> nas ruas de Charleston, aludindo também ao estabelecimento de distritos militares nos em dez dos onze estados Confederados<sup>422</sup>. Neste sentido também, o romance apresenta em determinado momento a percepção do personagem do Major James Allen, militar do Norte, sobre os grupos sociais sulistas participantes deste processo de Reconstrução, manifestando a sua desconfiança tanto em relação aos negros, quanto aos brancos pobres e à antiga aristocracia escravocrata:

Major James did not like the south; it was enemy territory. He trusted neither the white nor the blacks, nor did he understand either group too well. He had no love for ‘niggers’, whom he held at fault for the war; he had no love for Bourbon whites, whom he hated instinctively, out of his middle-class upbringing; and as for the plain, impoverished southern whites – well, they were the men who had killed his comrades – the god damned rebels<sup>423</sup>.

<sup>421</sup> Por exemplo, nas passagens: “In front of the building were a guard of a dozen Yankees (...)”; “Maybe you noticed how they’s Yankee soldiers everywhere?”; “(...) he had seen half dozen southern cities occupied by Yankee troops”; e “Yankee bayonets in the street made them impotent for the time”. “Em frente ao edifício havia uma guarda de uma dúzia de ianques (...)”; “Talvez você tenha notado como os soldados ianques estão em todo lugar”; “(...) ele havia visto meia dúzia de cidades sulistas ocupadas por tropas ianques”; e, “Baionetas ianques nas ruas os deixavam impotentes por ora”. Traduções minhas.

Ibid., p. 42, 47, 48, 72.

<sup>422</sup> Com efeito, uma das questões essenciais da Reconstrução dizia respeito à reintegração dos estados secessionistas à União. De pronto, o *Reconstruction Act* de 1867 estabeleceu nos estados rebeldes, com exceção do Tennessee, cinco distritos militares (1º Distrito: Virgínia; 2º Distrito: Carolina do Norte e Carolina do Sul; 3º Distrito: Geórgia, Alabama e Flórida; 4º Distrito: Arkansas e Mississippi; 5º Distrito: Texas e Louisiana), que iriam realizar esta transição. Até 1870, todos os estados haviam sido formalmente readmitidos à União (Tennessee em 1866, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Flórida, Alabama, Arkansas e Louisiana em 1868, Virgínia, Geórgia, Mississippi e Texas em 1870). FONER, Eric. *Reconstruction. America’s Unfinished Revolution, 1863-1877*. New York: Harper Perennial, 2015, p. 336.

<sup>423</sup> “O Major James não gostava do Sul; era território inimigo. Ele não confiava nem nos brancos nem nos negros, nem compreendia os dois grupos muito bem. Ele não gostava dos ‘pretos’, a quem culpava pela guerra; ele não gostava dos aristocratas brancos, a quem odiava instintivamente a partir de sua origem de classe média; e quanto aos simples, empobrecidos brancos sulistas – bem, eles eram os homens que haviam matado seus camaradas – os malditos rebeldes”. Tradução minha. FAST, Howard. *Freedom Road. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner*. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 48-49.

Dentro deste contexto mais amplo do panorama do pós-guerra elaborado por Fast, é fundamental destacarmos ainda o modo como ele aborda a situação específica da população negra recém-liberta. Efetivamente, com a queda do sistema escravista, houve o fortalecimento e a expansão da autonomia das instituições negras que constituíam as referências fundamentais da comunidade sob o jugo da escravidão. Estas diziam respeito, sobretudo, à família e à igreja:

Before the war, (...) slaves had forged a semiautonomous culture centered on the family and church. With freedom, these institutions were consolidated, expanded, and liberated from white supervision, and new ones—particularly political organizations—joined them as focal points of black life. In stabilizing their families, seizing control of their churches, greatly expanding their schools and benevolent societies, staking a claim to economic independence, and forging a distinctive political culture, blacks during Reconstruction laid the foundation for the modern black community, whose roots lay deep in slavery, but whose structure and values reflected the consequences of emancipation<sup>424</sup>.

Como bem aponta Eric Foner, fortes relações familiares haviam existido durante o período da escravidão, mas sempre foram vulneráveis a rupturas subordinadas à vontade dos senhores de escravos. Dessa forma, com a emancipação, muitos libertos buscaram reafirmar e solidificar suas bases familiares<sup>425</sup>. De modo semelhante, antes da guerra, a maioria das comunidades negras, livres ou escravizadas, possuíam algum tipo de associação religiosa – seja na forma de uma congregação organizada, seja na de um escravo que assumia o papel de pregador. Com o início da Reconstrução, a exemplo da instituição familiar, a igreja negra teve a oportunidade de se fortalecer e se libertar do controle branco, consolidando-se como um ponto de referência fundamental da moderna comunidade negra americana<sup>426</sup>:

The church was “the first social institution fully controlled by black men in America,” and its multiple functions testified to its centrality in the black community. Places of worship, churches also housed schools, social events, and political gatherings. In rural areas, church picnics, festivals, and excursions often provided the only opportunity for fellowship and recreation. The church served as an “Ecclesiastical Court House,” promoting moral values, adjudicating family disputes, and disciplining individuals for adultery and other illicit behavior. In every black community, ministers were among the most respected individuals, esteemed for their

---

<sup>424</sup> “Antes da guerra, (...) os escravos haviam forjado uma cultura semiautônoma centrada na família e na igreja. Com a liberdade, estas instituições foram consolidadas, expandidas e liberadas da supervisão branca, e novas – particularmente organizações políticas – se juntaram a elas como pontos focais da vida negra. Ao estabilizar suas famílias, assumir o controle de suas igrejas, expandir enormemente suas escolas e sociedades beneficentes, reivindicar sua independência econômica e forjar uma distintiva cultura política, os negros durante a Reconstrução lançaram as bases da moderna comunidade negra, cujas raízes jaziam profundamente na escravidão, mas cuja estrutura e cujos valores refletiam as consequências da emancipação”. Tradução minha. FONER, Eric. *Reconstruction. America’s Unfinished Revolution, 1863-1877*. New York: Harper Perennial, 2015, p. 117.

<sup>425</sup> *Ibid.*, p. 123.

<sup>426</sup> *Ibid.*, p. 128.



speaking ability, organizational talents, and good judgment on matters both public and private<sup>427</sup>.

Como em sua análise das dificuldades econômicas do Sul também aqui a abordagem de Fast é muito apropriada e está em consonância com estas recentes compreensões da historiografia sobre este tema. De fato, o retrato da comunidade negra de Carwell desenhado por Fast está profundamente calcado nestas duas instituições. A família é um componente essencial na narrativa de *Freedom Road*, na medida em que o romance busca retratar o estabelecimento e o florescimento de uma comunidade de ex-escravos, composta por vários núcleos familiares dentro do terreno da antiga *plantation*, enfocando de modo especial a dinâmica doméstica de Gideon Jackson, sua esposa Rachel e seus três filhos, Jeff, Marcus e Jenny. Da mesma forma, a associação religiosa da comunidade de Carwell aparece com destaque ao longo da narrativa, com a construção de uma igreja para servir como local de culto, mas também como espaço de reuniões e de deliberação coletiva. Além disso, merece destaque o personagem de Irmão Peter<sup>428</sup>, um dos ex-escravos da *plantation* que, por sua familiaridade com a Bíblia, atuava como pregador da comunidade, desempenhando também o papel de conselheiro, sendo altamente respeitado por todos.

Muito relacionada a esta questão do fortalecimento da igreja afro-americana, é preciso mencionarmos a importância da religiosidade na vida da comunidade negra, chegando a pautar o modo como eles enxergavam o processo histórico da escravidão e da Reconstrução:

Throughout Reconstruction, religious convictions profoundly affected the way blacks understood the momentous events around them, the very language in which they expressed aspirations for justice and autonomy. Blacks inherited from slavery a distinctive version of Christian faith, in which Jesus appeared as a personal redeemer offering solace in the face of misfortune, while the Old Testament suggested that they were a chosen people, analogous to the Jews in Egypt, whom God, in the fullness of time, would deliver from bondage. (...)

Emancipation and the defeat of the Confederacy strongly reinforced this messianic vision of history. Blacks endowed these experiences with spiritual import, comprehending them in the language of Christian faith<sup>429</sup>.

<sup>427</sup> “A igreja foi ‘a primeira instituição social completamente controlada por homens negros nos Estados Unidos’, e suas múltiplas funções testemunhavam sua centralidade para a comunidade negra. Lugares de adoração, as igrejas também abrigavam escolas, eventos sociais e reuniões políticas. Em áreas rurais, piqueniques, festivais e excursões da igreja frequentemente proporcionavam a única oportunidade de convívio e recreação. A igreja servia como um ‘Tribunal Eclesiástico’, promovendo valores morais, julgando disputas familiares e disciplinando indivíduos por adultério ou outros comportamentos ilícitos. Em toda comunidade negra, os ministros estavam entre os indivíduos mais respeitados, estimados por sua habilidade oratória, talentos organizacionais e bom julgamento em matérias públicas e privadas”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 132.

<sup>428</sup> “Brother Peter”, no original. Pela tradução preservar o sentido comunitário e religioso do termo, optamos por citá-lo em português ao longo do texto.

<sup>429</sup> “Ao longo da Reconstrução, convicções religiosas afetaram profundamente o modo como os negros compreendiam os importantes eventos ao seu redor, a própria linguagem através da qual eles expressavam suas

Efetivamente, podemos afirmar que esta religiosidade muito própria da comunidade afro-americana foi um dos traços centrais da experiência negra durante a Reconstrução, perpassando e imbuindo de sentidos seu pensamento político, sua compreensão da história e sua própria linguagem ao longo deste período. Esta maneira como os libertos se expressavam com relação à sua emancipação e ao seu futuro em liberdade, carregada de uma matriz de sentidos cristã e messiânica, transparece diversas vezes de forma direta nas falas dos personagens de *Freedom Road*<sup>430</sup>.

Logo no início do livro, a religiosidade aparece nos diálogos como um componente importante na vida da comunidade negra de Carwell. Por exemplo, na conversa de Gideon com Irmão Peter, onde expressa o sentimento de despreparo em sua participação na votação que elegeria delegados para a Convenção estadual: ““We come like children, ignorant and unknowing. Brother Peter, we pray to God we done right””<sup>431</sup>.

Em sentido semelhante, em alguns trechos fica evidente como muitas vezes conceitos associados à religiosidade eram utilizados para a compreensão dos demais aspectos da vida, em particular do novo contexto político que os negros se encontravam. Um exemplo neste sentido é a explicação de Irmão Peter sobre a Convenção e o papel da nova constituição estadual que deveria elaborar: ““Makes out the laws. Constitution’s like a Bible book. Can’t have a world with nigger running around like wild hogs. White folks hate the nigger – nigger fears the white folks. That ain’t the good way””<sup>432</sup>. Em essência, o personagem de Irmão Peter se utiliza, neste excerto, de algo próximo da realidade da comunidade – um elemento extraído da sua religiosidade – para explicar didaticamente a função deste instrumento democrático com o qual ela não estava familiarizada: assim como a Bíblia orientava a vida espiritual, a Constituição era o documento que deveria reger as relações na vida política e social.

---

aspirações por justiça e autonomia. Os negros herdaram da escravidão uma versão característica da fé cristã, na qual Jesus aparecia como um redentor pessoal, oferecendo consolo em face do infortúnio, enquanto o Velho Testamento sugeria que eles eram um povo escolhido, análogo aos judeus no Egito, a quem Deus, na plenitude do tempo, iria livrar da escravidão. (...)

A emancipação e a derrota da Confederação fortemente reforçaram esta visão messiânica da história. Os negros dotaram essas experiências de importância espiritual, compreendendo-as na linguagem da fé cristã”. Tradução minha. *Ibid.*, 133.

<sup>430</sup> Cabe recordar que, conforme analisamos no primeiro capítulo, o próprio universo de sentidos que orientava a escrita de *Fast* também possuía uma importante base em uma linguagem religiosa, a do judaísmo, a qual tem uma forte conexão com a temática messiânica do cativo e da libertação.

<sup>431</sup> ““Nós fomos como crianças, ignorantes e sem conhecimento. Irmão Peter, nós pedimos a Deus que tenhamos feito a coisa certa””. Tradução minha. *FAST*, Howard. *Freedom Road*. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 12.

<sup>432</sup> “Faz as leis. A Constituição é como uma Bíblia. Não podemos ter um mundo com os pretos correndo por aí como porcos selvagens. Os brancos odeiam os pretos – os pretos temem os brancos. Este não é o bom caminho”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 18.

Nesta perspectiva ainda, cabe mencionar a efetiva utilização da terminologia cristã a fim de expressar seu sentimento de alegria e gratidão diante do momento promissor de liberdade e de esperança no futuro. Isto fica claro na conversa entre Gideon e sua esposa Rachel, que estava com medo de sua ida a Charleston para participar da Convenção: ““Why for a woman should cry in a time of rejoicing? This is the best time ever for a black man. This is the hallelujah time, honey child. (...) This here’s the sun rising. (...)””<sup>433</sup>. Podemos perceber este aspecto ainda em outras passagens. Talvez a mais significativa seja a que relata o sermão de Irmão Peter para a comunidade de Carwell, após a volta de Gideon da Convenção:

‘(...) The good God seen fit to give us our freedom, he hear our prayer; he seen fit to reward us here with the blessing of the land, rich as milk and honey, when other black folk, they don’t eat, they don’t have a place to lay the head. The good Lord God seen fit to give us a voting and been along with Brother Gideon far off there in Charleston Town. How that was? Brother Gideon he sat there in Convention Hall with the high and mighty folk – the good Lord exalted him like he done with young King David, praise God!’<sup>434</sup>.

Por último, dentro desta proposta de apresentarmos de forma preliminar o modo como Fast apresenta e descreve o contexto histórico próprio de *Freedom Road*, precisamos ainda apontar o modo como ele trata a questão do final do processo de Reconstrução, a partir das eleições de 1876. Até hoje considerada uma das eleições mais controversas da história americana, ela foi disputada pelo republicano Rutherford B. Hayes e pelo democrata Samuel J. Tilden. A apuração final do voto popular apontava a vitória de Tilden, por uma margem de cerca de 51% dos votos a 48%. No entanto, a contagem dos votos por colégio eleitoral, que efetivamente determina o resultado das eleições americanas, deu a vitória a Hayes, por 185 votos contra 184 de Tilden. O pleito foi tão disputado que o resultado nos estados da Carolina do Sul, Flórida e Louisiana foi contestado entre os dois oponentes, de modo que uma comissão, de maioria republicana, foi composta para arbitrar a questão e, não surpreendentemente, indicou a vitória do republicano Hayes nestes três estados. Ao longo da deliberação desta comissão foi notória a existência de uma negociação “por debaixo dos panos” entre os líderes dos dois partidos, ficando acordado que os democratas reconheceriam a vitória de Hayes nestes estados – e, conseqüentemente, nas eleições como um todo –

<sup>433</sup> ““Por que uma mulher deveria chorar neste tempo de alegria? Este é o melhor momento de todos os tempos para um homem negro. Este é o tempo de aleluia, minha querida. (...) Este é o sol que está nascendo. (...)””. Tradução minha. Ibid., p. 14.

<sup>434</sup> ““(...) O bom Deus resolveu nos dar nossa liberdade, ele ouviu nossa prece; ele resolveu nos recompensar aqui com a benção da terra, rica como leite e mel, enquanto outros homens negros, eles não comem, eles não têm um lugar para deitar a cabeça. O bom Senhor Deus resolveu nos dar uma votação e esteve junto do Irmão Gideon lá longe na cidade de Charleston. Como foi isto? O Irmão Gideon, ele se sentou no Salão da Convenção com os grandes e poderosos – o bom Senhor o exaltou como fez com o jovem Rei Davi, louvado seja Deus!””. Tradução minha. Ibid., p.102.

contanto que este, ao assumir a presidência, se compromettesse em retirar o restante das tropas da União do Sul, restituindo sua autonomia nos assuntos locais, e reconhecesse o controle dos democratas naquela região. Na prática, esta negociata significava o fim da Reconstrução e a culminação de um processo de resistência a ela por parte dos democratas sulistas, os chamados “Redeemers”<sup>435</sup>, que progressivamente foram retomando o controle político do Sul<sup>436</sup>.

Todo este contexto é referido por Fast no início da segunda parte do romance, intitulada “The Fighting”, ou “A Luta”. Neste ponto, a história dá um salto temporal, indo de 1868 para 1877, retomando a narrativa a partir do episódio da ida de Gideon a Washington para se encontrar com o então presidente Ulysses Grant. Em face do contexto político que se configurava, Gideon faz nesta reunião um eloquente monólogo, quase um discurso diante do presidente, em favor da Reconstrução e das importantes conquistas alcançadas por ela nos últimos anos, e contra a negociata partidária que estava para sepultá-la:

‘You remember the South Carolina Convention? (...)

In a way of speaking, that began the reconstruction. I served on the Convention. Two years later, I served a term in the State Senate, and five years ago I came to Congress. In the light of that, I think I can speak with some knowledge of what happened. The word *reconstruction*, which they use for all that happened in the south since 1868, is too pat. It is meaningless. It was not essentially a problem of reconstruction, not even a problem of remission of the rebel states into the Union. (...)

What is reconstruction? What has it been? What has it meant? Why has it been destroyed? I ask you because you’re the only man in the country who can bring it back to life (...).

Reconstruction was the beginning of the new and the death of the old. The plantation slave system, a feudal thing, abhorrent to the nature of this country, only a few years ago set out to rule and conquer this nation. It had to be destroyed or it would destroy democracy. It was destroyed, and in the course of that destruction, my people were freed. (...)

Out of that terrible war came reconstruction – essentially a test for democracy, a test of whether freed Negroes and freed whites – for the poor white was as much a slave before the war as the black – could live and work and build together. I say that test was taken and proven, that democracy worked in the south – with all its faults, its blunders, its boasting extravagances, its fools and loudmouths – with all that, it worked! For the first time in the history of this nation, black men and white men together built a democracy in the south. You have the proof, the schools, the farms, the just courts, a whole literate, eager generation. But this was not done easily and never done completely; the planters organized their army, white-shirted scum by the thousands. They haven’t given up. You yourself, Mr. President, said that only the

<sup>435</sup> “Redeemers”, ou redentores, era o modo como democratas sulistas se autodenominavam, alegando estar buscando “redimir” o Sul branco, assolado pela suposta corrupção e incapacidade da administração dos negros e dos aproveitadores do Norte durante a Reconstrução. FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. New York: W.W. Norton & Company, 2011, p. 620.

<sup>436</sup> *Ibid.*, p. 621-622.

presence of Union troops in the south preserves order, I tell you, the day Rutherford B. Hayes takes office, those troops will be withdrawn – and the Klan will strike. In one form or another, it will strike everywhere, and there will be terror such as this land never knew, murder and destruction and burning and looting, until every vestige of that democracy we built is destroyed. We will be put back a hundred years, and for generations to come men will suffer and die-<sup>437</sup>.

O personagem do presidente Grant, ainda que se mostrasse preocupado pelas afirmações de Gideon, permanece cético quanto a elas. Dessa forma, Gideon passa a fornecer evidências – as quais refletem a profundidade da pesquisa histórica feita por Fast para a escrita do romance:

‘Here are the statistics of the election. The popular vote for Tilden is 4,300,000 and Hayes’ popular vote is 4,036,000. That is the first lie; I say that half a million Negroes and whites in the south who voted the Republican ticket had their votes destroyed, miscounted, tampered with (...). Actually, it does not matter; these two men, Tilden and Hayes, are both corrupt, sad commentaries on what our presidency has sunk to. (...) We come to the electoral votes, 184 for Tilden, the Democrat, for Hayes, the Republican 166 undisputed votes. With one more vote, Tilden could be president, but Hayes claimed South Carolina, Louisiana and Florida, enough to give him the 185 that would make him president.

(...) Yes – evidently our southern Democrats knew that the two men were of a stripe. once and they had failed; they were not prepared to risk it again. They made their deal with Hayes. He could have South Carolina They threw Tilden aside; he would be too much trouble; they had risked a civil war, Florida, Louisiana – and to make the deal certain, Oregon, too. In return, he would give them a very small and inconsequential thing, control of South Carolina and Louisiana, and withdrawal of Union troops from the south. Such a small matter to stand between a man and the presidency, between the Republican party, Lincoln’s party and power! Here is the

<sup>437</sup> “‘Você se lembra da Convenção da Carolina do Sul? (...)”

De certa forma, ela começou a reconstrução. Eu servi na Convenção. Dois anos depois, eu servi um mandato no Senado Estadual, e cinco anos atrás eu cheguei ao Congresso. A luz disso, eu acho que posso falar com certa propriedade do que aconteceu. A palavra *reconstrução*, que se usa para tudo que aconteceu no Sul desde 1868, é muito simples. É sem sentido. Não se tratava essencialmente de um problema de reconstrução, nem mesmo de um problema de remissão dos estados rebeldes à União. (...)

O que é a reconstrução? O que ela foi? O que significou? Por que foi destruída? Eu lhe pergunto porque você é o único homem no país que pode trazê-la de volta à vida (...).

A Reconstrução foi o começo do novo e a morte do velho. O sistema escravista das *plantations*, algo feudal, abominável à natureza deste país, apenas alguns anos atrás tentou dominar e conquistar esta nação. Ele precisava ser destruído ou iria destruir a democracia. Ele foi destruído e, no curso desta destruição, meu povo foi libertado. (...)

Daquela terrível guerra veio a reconstrução – essencialmente um teste para a democracia, um teste para determinar se os negros libertos e os brancos libertos – pois o branco pobre era tão escravo antes da guerra quanto o negro – poderiam viver e trabalhar e construir juntos. Eu digo que o teste foi feito e foi comprovado que a democracia funcionava no Sul – com todas suas falhas, seus erros, suas vangloriosas extravagâncias, seus tolos e faladores – com tudo isso, ela funcionou! Pela primeira vez na história desta nação, homens negros e brancos juntos construíram uma democracia no Sul. Você tem a prova, as escolas, as fazendas, as cortes justas, toda uma geração letrada e ansiosa. Mas isso não foi feito facilmente e nunca foi feito completamente; os plantadores organizaram seu exército, uma escória vestida de branco aos milhares. Eles não desistiram. Você mesmo, Sr. Presidente, disse que somente a presença das tropas da União no Sul preserva a ordem, e eu lhe digo, no dia em que Rutherford B. Hayes tomar posse, essas tropas serão retiradas – e o Klan vai atacar. De uma forma ou de outra, ele vai atacar em toda parte, e haverá um terror como esta terra nunca conheceu, assassinato e destruição e queima e pilhagem, até que cada vestígio daquela democracia que construímos tenha sido destruído. Regrediremos cem anos, e por gerações vindouras os homens irão sofrer e morrer-’”. Tradução minha. FAST, Howard. *Freedom Road*. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 167-168.

proof, a record made by two of Mr. Hayes' friends, Stanley Matthews and Charles Foster. It gives the gist of certain talks they had with Senator John B. Gordon of Georgia and the Kentucky Congressman J. Young Brown. This is an exact copy, made and brought to me by a coloured servant of Mr. Foster; I will swear to that. I'll read it:

<sup>438</sup>Referring to the conversation we had with you yesterday in which Governor Hayes' policy as to the status of certain southern states was discussed, we desire to say that we can assure you in the strongest possible manner of our great desire to have him adopt such a policy as will give the people of the States of South Carolina and Louisiana the right to control their own affairs in their own way, subject only to the Constitution of the United States and the laws made in pursuance thereof, and to say further that from an acquaintance with and knowledge of Governor Hayes and his views, we have the most complete confidence that such will be the policy of his administration' <sup>439</sup>.

Em suma, por meio desta longa exposição, fundamentada em evidências, feita pelo personagem de Gideon Jackson, que relata para o presidente americano toda a situação política do momento e as suas implicações para o processo de Reconstrução vivido pelo Sul, Fast contextualiza para seu leitor todo um novo cenário que se configurava dentro do novo marco temporal da narrativa, situado quase uma década após o transcorrido na primeira parte do livro. Na conclusão deste diálogo de Gideon com o presidente Grant, é interessante ainda notarmos, além de alguns elementos que já analisamos, um questionamento muito pertinente ao romance:

'If I were to stand up in the House and say to them what I just said to you, ten of our cultured Bourbon members would be screaming that this damned, insolent, lying nigger be lynched'.

<sup>438</sup> This document may be found in Williams' *Life of Rutherford B. Hayes*, Vol I, p. 533 (Nota do Autor).

<sup>439</sup> "Aqui estão as estatísticas da eleição. O voto popular para Tilden é de 4.300.000 e o de Hayes é 4.036.000. Esta é a primeira mentira; eu digo que meio milhão de negros e brancos no Sul que votaram na legenda republicana tiveram seus votos destruídos, desconsiderados, adulterados (...). Na verdade, não importa; estes dois homens, Tilden e Hayes, ambos são corruptos, tristes comentários sobre o quanto nossa presidência afundou. (...) Chegamos aos votos dos colégios eleitorais, 184 para Tilden, o democrata, para Hayes, o republicano, 166 votos incontroversos. Com mais um voto, Tilden seria presidente, mas Hayes obteve a Carolina do Sul, a Louisiana e a Flórida, o suficiente para lhe dar os 185 votos que o tornariam presidente. (...) Sim – evidentemente nossos Democratas sulistas sabiam que os dois homens eram da mesma estirpe. Eles descartaram Tilden; ele daria muito transtorno; eles haviam arriscado uma guerra civil uma vez e haviam falhado; eles não estavam preparados para arriscar uma nova. Eles fizeram seu acordo com Hayes. Ele poderia ficar com a Carolina do Sul, a Flórida, a Louisiana – e para garantir o acordo, o Oregon também. Em troca, ele daria a eles uma pequena e inconsequente coisa, o controle da Carolina do Sul e da Louisiana e a retirada das tropas da União do Sul. Um problema tão pequeno para ficar entre um homem e a presidência, entre o Partido Republicano, o partido de Lincoln, e o poder! Aqui está a prova, um registro feito por dois amigos do Sr. Hayes, Stanley Matthews e Charles Foster. Ele mostra a essência de certas conversas que eles tiveram com o Senador John B. Gordon da Geórgia e o Congressista do Kentucky J. Young Brown. Esta é uma cópia exata, feita e trazida a mim por um criado negro do Sr. Foster; eu posso jurar quanto a isso. Eu a lerei: 'Referente à conversa que tivemos com você ontem, na qual foi discutida a política do Governador Hayes quanto ao status de certos estados sulistas, nós queremos dizer que podemos lhe assegurar, da maneira mais enfática possível, nosso grande desejo de fazê-lo adotar uma política tal que irá dar ao povo dos estados da Carolina do Sul e da Louisiana o direito de controlar seus próprios assuntos da sua própria maneira, sujeita apenas à Constituição dos Estados Unidos e às leis feitas no seu cumprimento, e dizer ainda que, de uma familiaridade e conhecimento do Governador Hayes e seus posicionamentos, nós temos a mais completa confiança de que tal vai ser a política de sua administração'". Tradução minha. *Ibid.*, p. 169-170.

‘Why should I believe you?’

‘Because the whole future of this country is at stake. Because when we fought our revolution, when we fought our civil war, we were moving down a proud and shining road, what my people call a hallelujah road. We were moving with all the good men who lived behind us, and we had our faces turned to God. Do you hear me, Mr. President? Now we’re going to leave that road; from here on, we turn our face to darkness. For how long, Mr. President? How many shall have to die before we can call this a government of the people, by them and for them?’<sup>440</sup>.

Novamente aqui transparecem os elementos da religiosidade associada ao povo negro, que permeava sua linguagem e seu entendimento político, e da conclusão a respeito das consequências da negociata eleitoral de 1876 para as conquistas da Reconstrução. Merece destaque também a alusão de Gideon à existência de duas estradas, uma iluminada e que foi trilhada pelos “bons homens” da história americana, e uma de escuridão, que se desvia deste caminho – aspecto que nos remete à compreensão de Fast, já analisada no capítulo anterior<sup>441</sup>, de que existiam duas heranças americanas, uma progressista e democrática e outra reacionária e violenta, dentro das quais ele acaba por enquadrar os posicionamentos dos grupos sociais envolvidos na Reconstrução. Mais do que isto, a pergunta dirigida por Gideon ao presidente parece ser dirigida por Fast à sociedade americana contemporânea a ele: quantos mais deveriam morrer até que os Estados Unidos se tornassem um governo efetivamente popular, como propunham os ideais democráticos desta tradição progressista? De certa forma, este questionamento parece muito indicar a tônica de toda narrativa de *Freedom Road* e, em alguma medida, do conjunto de sua obra literária politicamente engajada.

### 3.3 *The Passion of Sacco and Vanzetti* e a caracterização do caso de South Braintree

Ao contrário de *The Last Frontier* e *Freedom Road*, a narrativa de *The Passion of Sacco and Vanzetti* não aborda tão diretamente o contexto do período histórico em questão,

<sup>440</sup> “‘Se eu comparecesse perante a Casa e dissesse a eles o que eu acabei de falar para você, dez dos nossos cultos membros da aristocracia sulista estariam gritando que este preto maldito, insolente e mentiroso seja linchado’.

‘Por que eu deveria acreditar em você?’

‘Porque todo futuro deste país está em jogo. Porque quando nós lutamos nossa revolução, quando nós lutamos nossa guerra civil, nós estávamos andando em uma orgulhosa e brilhante estrada, o que o meu povo chama de uma estrada de aleluia. Nós estávamos andando com todos os bons homens que viveram antes de nós, e nós tínhamos nossas faces voltadas para Deus. Você me ouviu, Sr. Presidente? Agora nós iremos deixar esta estrada; de agora em diante, nós voltaremos nossa face para a escuridão. Por quanto tempo, Sr. Presidente? Quantos mais terão que morrer antes que possamos chamar isto de um governo do povo, pelo povo e para o povo?’”. Tradução minha. *Ibid.*, p.171.

<sup>441</sup> A partir do artigo FAST, Howard. “One Man’s Heritage”. In: *New Masses*, vol. 65, n. 1, 30/09/1947, p. 6-7.

com exceção dos grandes temas que analisaremos em separado nos capítulos que se seguem. Não obstante, cabe-nos traçar algumas breves considerações sobre a conjuntura histórica nos Estados Unidos da década de 1920, particularmente no que diz respeito à imigração e à composição da força de trabalho americana.

A temática da imigração foi e continua sendo um mote central dentro da historiografia, da intelectualidade e das discussões político-sociais no interior da esfera pública norte-americana. De fato, recorrentemente se afirmou que os Estados Unidos são uma nação formada por imigrantes, um *melting pot* de diferentes culturas<sup>442</sup>, assim como, inversamente, muitos argumentaram em favor de restrições à política imigratória no país. Para os nossos propósitos, no entanto, cabe abordarmos um pouco da história da imigração nos Estados Unidos, particularmente no século XIX e início do XX, enfocando a trajetória dos imigrantes italianos, como o eram Sacco e Vanzetti.

Com efeito, Leonard Dinnerstein e David Reimers apontam para a existência um grande ímpeto imigratório da Europa para os Estados Unidos ao longo de todo o século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Contudo, nos cinquenta anos compreendidos entre 1820 e 1870, a maior parte dos imigrantes europeus que afluíram para o país era de origem alemã, irlandesa, britânica e escandinava<sup>443</sup>. Somente em uma segunda onda deste grande movimento imigratório, entre as décadas de 1870 e 1920, que os italianos assumiram grande protagonismo, juntamente aos gregos, russos e outras populações do leste europeu, especialmente de origem judaica. De fato, ao longo deste intervalo de tempo, mais de quatro milhões de italianos aportaram nos Estados Unidos, segundo dados do próprio Serviço de Imigração e Naturalização do país<sup>444</sup>. Considera-se que o pico desta onda imigratória foi entre os anos de 1905 e 1920, quando cerca de 2,2 milhões de italianos adentraram no país<sup>445</sup>. Sua principal motivação para deixar sua terra natal, assim como no caso de populações de outras nacionalidades, eram as precárias condições de vida dos trabalhadores camponeses italianos, particularmente na região sul da Itália:

---

<sup>442</sup> Entre os que defenderam e difundiram tal ideia, podemos destacar, por exemplo, o historiador Frederick Jackson Turner, que, em seu célebre artigo *The Significance of the Frontier in American History*, afirmou que “In the crucible of the frontier the immigrants were Americanized, liberated and fused into a mixed race”. “No crisol da fronteira, os imigrantes foram americanizados, liberados e fundidos em uma raça mista”. Tradução minha. TURNER. *Op. Cit.*, p. 76.

<sup>443</sup> DINNERSTEIN, Leonard; REIMERS, David M. *Ethnic Americans. A History of Immigration*. New York: Columbia University Press, 1999, p. 19.

<sup>444</sup> *Ibid.*, p. 218.

<sup>445</sup> *Ibid.*, p. 51.



Just as the Germans, Irish, and Scandinavians had before them, southern and eastern Europeans were escaping from economic strangulation and despair. Southern Italians, especially, fled horrendous conditions, including unemployment, high birth rates, overpopulation, and cholera and malaria epidemics<sup>446</sup>

Em contraste com esta situação, os Estados Unidos figuravam para os imigrantes como um destino especialmente atraente por seu padrão de vida mais elevado e sua reputação como uma “terra da oportunidade”<sup>447</sup>. Dessa forma, ainda que muitos italianos tenham ido para outras localidades, como o Brasil e a Argentina, grande parte deles acabou optando pelos Estados Unidos por enxergarem lá um país mais próspero e com mais oportunidades de trabalho e vida, mesmo com as dificuldades econômicas que o país vivia na virada para o século XX.

A maioria dos imigrantes advindos deste segundo impulso – italianos e europeus do sul, judeus russos e do leste europeu – permaneceu na região nordeste dos Estados Unidos:

Eighty percent of the new immigrants settled in the northeastern quadrant of the United States, roughly delineated by Washington in the southeast, St. Louis in the southwest, the Mississippi River, Canada, and the Atlantic Ocean. Two thirds of the immigrants could be found in New York, New England, Pennsylvania, and New Jersey; sizable numbers also gravitated toward states like Illinois and Ohio. Relatively few went to the South.

Major cities, especially New York and Chicago, proved particularly attractive because of the jobs available, their location as major transportation depots, and the presence of compatriots who could help the immigrants adjust to the New World. A majority of the Jews and many Italians remained in New York City. Other groups also found city life desirable. According to the census records of 1910, about three quarters of the population of New York City, Chicago, Detroit, Cleveland, and Boston consisted of immigrants and their children<sup>448</sup>.

Tendo se estabelecido nestas localidades, como ocorrido também com outros grupos de imigrantes, os italianos foram, via de regra, recebidos com frieza e tratados com desprezo pelos americanos “nativos”, sendo alvo de preconceito, estereotipização e discriminação:

---

<sup>446</sup> “Assim como os alemães, irlandeses e escandinavos antes deles, os europeus do sul e do leste buscava escapar do estrangulamento econômico e do desespero. Italianos do sul, especialmente, fugiram de horrendas condições, incluindo desemprego, altas taxas de natalidade, superpopulação e epidemias de cólera e malária”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 49.

<sup>447</sup> *Ibid.*, p. 49.

<sup>448</sup> “Oitenta por cento dos novos imigrantes estabeleceram-se no quadrante nordeste dos Estados Unidos, mais ou menos delineado por Washington no sudeste, St. Louis no sudoeste, o rio Mississippi, o Canadá e o Oceano Atlântico. Dois terços dos imigrantes podiam ser encontrados em Nova York, na Nova Inglaterra, Pensilvânia e Nova Jérsei; números consideráveis também gravitaram em torno de estados como Illinois e Ohio. Relativamente poucos foram para o Sul.

Grandes cidades, especialmente Nova York e Chicago, provaram ser particularmente atraentes por causa dos empregos disponíveis, sua localização como grandes depósitos de transporte e a presença de compatriotas que podiam ajudar os imigrantes a se ajustarem ao Novo Mundo. A maioria dos judeus e muitos dos italianos permaneceram em Nova York. Outros grupos também acharam a vida na cidade desejável. De acordo com registros do censo de 1910, cerca de três quartos da população de Nova York, Chicago, Detroit, Cleveland e Boston consistiam de imigrantes e seus filhos”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 53-54.

Italians, who outnumbered all other twentieth-century European immigrants, were one of the most despised groups. Old-stock Americans called them “wops,” “dagos,” and “guineas” and referred to them as the “Chinese of Europe” and “just as bad as the Negroes.” In the South some Italians were forced to attend all-black schools, and in both the North and the South they were victimized by brutality<sup>449</sup>.

Efetivamente, difundiu-se o estereótipo preconceituoso de que os italianos eram uma raça de ignorantes, simplórios e, inclusive, criminosos por natureza, opinião que chegou a ser manifesta em jornais da época<sup>450</sup>. Estes aspectos, por sua centralidade à experiência ítalo-americana e à narrativa de *The Passion of Sacco and Vanzetti* serão retomados no capítulo 4. Por ora, cabe enfatizar que, ainda que carregassem o estigma deste preconceito no seu cotidiano, os italianos, assim como outros grupos de imigrantes, acabaram por compor importante parte da classe trabalhadora americana na virada para o século XX:

No amount of prejudice or hostility toward the newcomers, however, prevented employers from putting the greenhorns to work. The industrial sections of the country needed cheap labor and foreigners provided the necessary hands. Older immigrants and native-born workers would not tolerate conditions the immigrants had to accept, and so toward the end of the nineteenth century Slavs and Italians replaced British, Irish, and Germans in Pennsylvania coal mines; Portuguese, Greeks, Syrians, Armenians, and Italians worked alongside French Canadians in the New England textile mills; east European Jews and southern Italians took over the jobs formerly held by the Irish and Germans in New York City’s garment factories; and the Japanese on the West Coast did the agricultural and menial tasks that had formerly been the province of the Chinese. The United States was certainly not paradise for the foreigners. However, one immigrant residing in Chicago probably summarized the majority feeling when he wrote to his mother in Europe: “Nowhere there is heaven, everywhere misery, in America no good, but still better than in the [old] country”<sup>451</sup>.

Os italianos, em especial, acabaram por desempenhar uma ampla gama de tarefas, por todos os lugares onde se assentaram:

---

<sup>449</sup> “Os italianos, que superavam em número todos os outros imigrantes europeus do século XX, foram um dos grupos mais desprezados. Os americanos antigos os chamavam de *wops*, *dagos* e *guineas* e se referiam a eles como os ‘chineses da Europa’ e ‘tão ruins como os negros’. No Sul, alguns italianos foram forçados a frequentar escolas para negros e, tanto no Norte como no Sul, eles forma vitimados pela brutalidade”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 54.

<sup>450</sup> *Ibid.*, p. 55.

<sup>451</sup> “Nenhuma quantidade de preconceito ou hostilidade em relação aos novos-chegados, no entanto, impediu os patrões de colocar os novatos para trabalhar. Os setores industriais do país precisavam de mão-de-obra barata e os estrangeiros forneceram as mãos necessárias. Imigrantes mais antigos e trabalhadores nativos não iriam tolerar as condições que os imigrantes tiveram de aceitar e, assim, no final do século XIX, eslavos e italianos substituíram britânicos, irlandeses e alemães nas minas de carvão da Pensilvânia; portugueses, gregos, sírios, armênios e italianos trabalharam com franceses canadenses nas fábricas têxteis da Nova Inglaterra; judeus do leste europeu e italianos do sul assumiram empregos anteriormente desempenhados pelos irlandeses e alemães nas fábricas de roupas de Nova York; e os japoneses na Costa Oeste realizaram as tarefas agrícolas e subalternos que anteriormente haviam sido da alçada dos chineses. Os Estados Unidos certamente não eram um paraíso para os estrangeiros. No entanto, um imigrante residente de Chicago provavelmente sintetizou o sentimento da maioria quando escreveu para sua mãe na Europa: ‘Em nenhum lugar existe o céu, em todo lugar miséria, na América não é bom, mas ainda é melhor que no [velho] país’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 56.

Italians settled everywhere and entered almost every occupation, or so it seems at first glance. They built subways in New York, manufactured cigars in Florida, and made wine in California. In Chicago they manned the stockyards, and in San Francisco they caught fish. They constituted a large segment of New England's textile workers and were second only to the Jews in New York's garment trades. They provided gang labor on railroads and construction projects and worked underground in the bituminous coal fields of Illinois, Kansas, and Oklahoma, the iron mines of Michigan and Minnesota, and the copper and silver mines of Colorado, Arizona, and Montana.

(...) But Italians also yearned for the security of their own businesses, and as soon as they were able, they bought pushcarts or opened small stores. In New York City they dominated the fruit business in all its phases, from produce market to retail outlet. They opened shoe-repair shops, restaurants, groceries, and bakeries. Some made spaghetti, others made candy. Many cut hair, and by 1910 more than half the barbers in New York City were Italian<sup>452</sup>.

As citações acima servem para ilustrar a grande variedade de atividades profissionais que os imigrantes italianos, fugindo de condições ainda piores em seu país natal, aceitaram realizar em solo americano. É interessante ressaltarmos o fato, de particular interesse para o presente estudo e mencionado no trecho supracitado, de que a força de trabalho italiana acabou por compor parte substancial da mão-de-obra industrial da região da Nova Inglaterra: cabe lembrar que o crime de South Braintree, que analisaremos em maior detalhe adiante, consistiu no roubo do salário dos funcionários de uma fábrica de calçados no estado do Massachusetts, e que o próprio Sacco trabalhava como sapateiro, em uma empresa do setor.

Nestas indústrias da região, como em muitas outras atividades que os grupos imigrantes acabaram por desempenhar, as condições de trabalho eram bastante precárias. Os patrões exploravam seu trabalho em jornadas exaustivas, insalubres e pouco seguras; acidentes de trabalho eram comuns, assim como danos permanentes à saúde dos empregados, ocasionados por péssimas condições sanitárias nas instalações das fábricas. Somado a isto, os bairros habitados pelos trabalhadores estrangeiros nas grandes cidades eram superpopulosos, sujos e locais de proliferação de doenças<sup>453</sup>.

---

<sup>452</sup> “Os italianos estabeleceram-se em toda parte e entraram em quase toda ocupação, ou assim parecia à primeira vista. Eles construíram metrô em Nova York, manufaturaram charutos na Flórida e fizeram vinho na Califórnia. Em Chicago eles operavam os currais, e em San Francisco eles pegaram peixes. Eles constituíam um grande segmento dos trabalhadores têxteis da Nova Inglaterra e perdiam apenas para os judeus nos comércios de roupas de Nova York. Eles forneceram grupos de trabalhadores nas ferrovias e projetos de construção e trabalharam no subterrâneo nos campos de carvão betuminoso de Illinois, Kansas e Oklahoma, nas minas de ferro de Michigan e Minnesota e nas minas de cobre e prata do Colorado, Arizona e Montana.

(...) Mas os italianos também ansiavam pela segurança do seu próprio negócio e, assim que foram capazes, eles compraram carrinhos de mão ou abriram pequenas lojas. Em Nova York eles dominaram o negócio de frutas em todas suas fases, desde a venda em mercados de produtos até em pequenas lojas. Eles abriram lojas de conserto de sapatos, restaurantes, mercearias e padarias. Alguns fizeram espaguete, outros fizeram doces. Muitos cortaram cabelo e, em 1910, mais de metade dos barbeiros na cidade de Nova York eram italianos”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 57.

<sup>453</sup> *Ibid.*, p. 59-61.

Neste sentido, tais condições de trabalho e vida levaram muitos trabalhadores – grande parte deles, imigrantes – a aderir a greves, movimentos sindicais e ideologias de esquerda, sobretudo nas primeiras décadas do século XX. Nesta época, o movimento que mais atraiu adeptos nos Estados Unidos foi o anarquismo, que, baseado em premissas anticapitalistas, antiestatistas e em princípios do socialismo libertário, parecia propor um horizonte de vida e trabalho mais dignos aos trabalhadores americanos.

American anarchists numbered in the tens of thousands throughout this period, peaking around 1910 at probably more than a hundred thousand. The vast majority of these radicals were immigrants, inextricably linking anarchism and immigration in the American experience and popular imagination. However, anarchism was not merely a foreign import brought across the Atlantic by unwashed foreigners. In fact, only a small handful of avowed anarchist exiles and labor migrants carried these doctrines with them from Europe. The majority of foreign-born anarchists were not yet anarchists when they arrived in America (...)<sup>454</sup>.

Efetivamente, consolidou-se no imaginário político estadunidense a ideia de que o anarquismo era um fenômeno estrangeiro, “importado”, trazido pelos imigrantes europeus e artificialmente transplantado para a sociedade americana. Ao contrário, como bem notou Kenyon Zimmer, “American conditions rather than European ones produced America’s anarchist movement”<sup>455</sup>. E foram justamente as precárias condições de trabalho no país que engendraram o movimento anarquista como um dos principais movimentos de trabalhadores nos Estados Unidos entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Diversas linhagens do anarquismo surgiram no país, a partir das ideias de pensadores e lideranças como Benjamin Tucker, Johann Most, Lucy e Albert Parsons, Emma Goldman e Alexander Berkman<sup>456</sup>. Muitas destas vertentes, especialmente na virada do século,

---

<sup>454</sup> “Os anarquistas americanos eram dezenas de milhares ao longo deste período, culminando, por volta de 1910, provavelmente em mais de cem mil. A grande maioria destes radicais eram imigrantes, conectando inextricavelmente o anarquismo e a imigração na experiência americana e na imaginação popular. No entanto, o anarquismo não era meramente uma importação estrangeira trazida através do Atlântico por estrangeiros sujos. De fato, apenas uma pequena quantidade de exilados anarquistas declarados e migrantes trabalhadores carregaram estas doutrinas consigo da Europa. A maioria dos anarquistas nascidos no exterior não eram ainda anarquistas quando chegaram nos Estados Unidos (...)”. Tradução minha. ZIMMER, Kenyon. *Immigrants Against the State. Yiddish and Italian Anarchism in America*. Champaign: University of Illinois Press, 2015, p. 1.

<sup>455</sup> “Condições americanas, ao invés de europeias, produziram o movimento anarquista nos Estados Unidos”. *Ibid.*, p. 2.

<sup>456</sup> Benjamin Tucker (1854-1939) foi um anarquista individualista americano, que se destacou pela publicação do periódico anarquista *Liberty* (1881-1908), e pela afirmação de que os anarquistas seriam simplesmente “unterrified Jeffersonian Democrats” (“destemidos democratas jeffersonianos”).

Johann Most (1846-1906) foi um anarquista alemão, estabelecido em Nova York em 1882, tornando-se a principal voz do anarquismo americano na década de 1880. Célebre pela publicação do periódico *Freiheit* (1879-1906), Most foi um dos grandes difusores da “propaganda pela ação”, a partir de sua crença na necessidade da revolução violenta para a libertação da classe trabalhadora do capitalismo, denunciando a política eleitoral e o sindicalismo como ilusões fúteis – pensamento expresso no seu mais conhecido panfleto *The Science of Revolutionary Warfare* (1885), verdadeiro manual de terrorismo urbano, e que levou à sua constante perseguição pela polícia e repetidas prisões.

advogavam a chamada “propaganda pela ação”, ou seja, a difusão dos ideais anarquistas por meio da execução de grandes atos violentos contra inimigos do proletariado, como assaltos, assassinatos e atentados à bomba, que deveriam servir de exemplos a serem imitados. Talvez o mais célebre exemplo deste tipo de estratégia de ação tenha sido o assassinato do presidente dos Estados Unidos William McKinley pelo anarquista Leon Czolgosz, filho de imigrantes poloneses<sup>457</sup>.

Diante desta linha de ação, o governo americano buscou tomar medidas para conter o avanço do movimento anarquista e reprimir seus membros e lideranças:

The American government, for its part, strove to eradicate the physical and discursive threat that anarchism and its cosmopolitan ideals posed. Anarchists were censored, beaten, arrested, imprisoned, deported, shot, and executed under a variety of pretexts. It would have been rare to find a member of the movement who had *not* experienced some form of government persecution (a fact that some anarchists used to justify violence against political figures and government functionaries). Constrained, under normal conditions, by constitutional protections of free speech and freedom of association, authorities concentrated most of their efforts on taking advantage of the foreign character of the anarchist movement by passing exclusionary immigration and naturalization legislation<sup>458</sup>.

Neste contexto que estamos traçando, de modo a compreendermos as variáveis históricas envolvidas no período retratado em *The Passion of Sacco and Vanzetti*, é fundamental nos debruçarmos um pouco sobre a figura do imigrante italiano e líder anarquista

Lucy Parsons (1853-1942) foi uma anarquista afro-americana, nascida em condição de escravidão, também defensora da “propaganda pela ação”, que adquiriu notoriedade pela defesa de seu marido, Albert Parsons, e dos demais militantes falsamente implicados no atentado à bomba de Haymarket, bem como em outros casos de incriminação de lideranças de esquerda. Sobre Albert Parsons, ver nota 166, no capítulo 1.

Emma Goldman (1869-1940) foi uma militante anarquista de origem judaica nascida na Lituânia e imigrada para os Estados Unidos, onde trabalhou no setor industrial no estado de Nova York, tendo se radicalizado a partir da condenação dos líderes anarquistas acusados do atentado em Haymarket. Discípula de Johann Most, Goldman advogava também a libertação sexual e psicológica (apesar de seu distanciamento do movimento feminista), tornando-se um dos principais símbolos de militância proletária e de revolta feminina na virada para o século XX. Suportou repetidas prisões e foi deportada para a Rússia revolucionária em 1919, ao lado de seu amigo e amante Alexander Berkman.

Alexander Berkman (1870-1936) foi um anarquista russo de origem judaica, imigrado para os Estados Unidos em 1888. Berkman ficou conhecido por tentar assassinar Henry Clay Frick, então diretor da Carnegie Steel Company, durante uma greve de metalúrgicos em Homestead, Pensilvânia, em 1892, ficando quatorze anos preso. Foi preso novamente em 1917, por violar as leis de convocação para a Primeira Guerra Mundial, sendo posteriormente deportado para a Rússia junto com Emma Goldman. BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS, *Op. Cit.*, p. 84, 273-275, 517, 581-582, 832.

<sup>457</sup> *Ibid.*, p. 114-115.

<sup>458</sup> “O governo americano, por sua parte, buscou erradicar a ameaça física e discursiva que o anarquismo e seus ideais cosmopolitas representava. Anarquistas foram censurados, agredidos, presos, encarcerados, deportados, baleados e executados por meio de uma variedade de pretextos. Seria raro encontrar um membro do movimento que *não* tivesse experienciado alguma forma de perseguição governamental (um fato que muitos anarquistas usaram para justificar a violência contra figuras políticas e funcionários do governo). Constritos, sob circunstâncias normais, pelas proteções constitucionais da liberdade de expressão e liberdade de associação, as autoridades concentraram a maioria dos seus esforços em tirar vantagem do caráter estrangeiro do movimento anarquista, ao aprovar legislações de imigração e naturalização excludentes”. Tradução minha. ZIMMER, *Op. Cit.*, p. 9.

Luigi Galleani. Nascido em Vercelli, na região do Piemonte, Luigi Galleani (1861-1931) foi a figura mais expressiva do movimento anarquista italiano nos Estados Unidos. Advindo de uma família de classe média e tendo recebido uma educação burguesa e estudado direito na Universidade de Turim, Galleani foi inflamado pela efervescência revolucionária da década de 1880. Por meio de seus escritos em periódicos operários, discursos públicos e proeminente envolvimento em greves e organizações de trabalhadores, Galleani logo se tornou um dos mais ardentes líderes do emergente movimento radical do norte da Itália, atividades que chamaram a atenção das autoridades, levando a prisões e um período de exílio<sup>459</sup>.

Tendo imigrado para os Estados Unidos em 1901, Galleani prontamente retomou seu papel de militância. De fundamental importância para a difusão e circulação de suas ideias foi o periódico *Cronaca Sovversiva*, fundado por ele em Barre, Vermont, em 1903. Chegando a produzir tiragens de cinco mil exemplares, o *Cronaca* funcionou por dezesseis anos como uma espécie de palanque para a divulgação dos ideais de Galleani, chegando a ser distribuído inclusive na Europa. Seus escritos, no entanto, não eram tanto teóricos, mas possuíam um caráter propagandista e agitador, buscando disseminar sua concepção de anarquismo<sup>460</sup>:

For Galleani, anarchism was simply the absolute negation of authority and the autonomy of the individual in free association with others. But he rejected individualistic anarchism, emphasizing the solidarity of the proletariat as the basis for anarcho-communism. The anarchist society, in his opinion, could only be realized through social revolution, which required the violent and total destruction of the existing social order. Galleani hailed all spontaneous expressions of the revolutionary spirit, including the individual violent acts of Gaetano Bresci<sup>461</sup> and Leon Czolgosz, as preparation of the masses for the final battle, the general strike that would bring about the collapse of the capitalist system<sup>462</sup>.

De fato, acreditando em uma sociedade anarquista que tivesse como premissa atender às necessidades humanas, Galleani proclamava a inevitabilidade da ação violenta diante das condições intoleráveis suportadas pelos trabalhadores e da incapacidade dos governos de melhorar sua situação. Mais do que isso, ele exaltava o potencial revolucionário de tais ações, pelo exemplo de rebelião que dava à classe trabalhadora (e também aos governantes), e

<sup>459</sup> BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS, *Op. Cit.*, p. 478.

<sup>460</sup> *Ibid.*, p. 478-479.

<sup>461</sup> Gaetano Bresci (1869-1901) era um tecelão anarquista italiano, célebre por assassinar o rei Umberto I da Itália em 1900, ação que inspirou Leon Czolgosz a fazer o mesmo com o presidente americano William McKinley. *Ibid.*, p. 1059.

<sup>462</sup> “Para Galleani, o anarquismo era simplesmente a negação absoluta da autoridade e a autonomia do indivíduo em livre associação com outros. Mas ele rejeitava o anarquismo individualista, enfatizando a solidariedade do proletariado como a base do anarco-comunismo. A sociedade anarquista, na sua opinião, somente poderia ser realizada através da revolução social, o que requeria a violenta e total destruição da ordem social existente. Galleani aclamava todas expressões espontâneas do espírito revolucionário, incluindo os atos violentos individuais de Gaetano Bresci e Leon Czolgosz como preparação das massas para a batalha final, a greve geral que traria o colapso do sistema capitalista”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 478.

incentivava o uso de bombas, tendo escrito inclusive um manual para sua confecção<sup>463</sup>. Além disso, Galleani se opôs radicalmente à participação do proletariado na Primeira Guerra Mundial, mantendo uma postura antimilitarista e antinacionalista, denunciando o conflito como uma mesquinha disputa burguesa por poder e lucro. Para ele, os trabalhadores deveriam se unir para lutar pelo pão, pela terra e pela liberdade ao invés de pegar em armas uns contra os outros<sup>464</sup>.

Identificado pelo governo americano como um agitador estrangeiro, autor de um manual de produção de explosivos, Galleani foi deportado dos Estados Unidos em 1919, semanas após uma série de atentados à bomba<sup>465</sup>, levada a cabo por seus seguidores. Com efeito, sua doutrina anarquista encontrou grande eco em solo americano, particularmente entre os imigrantes italianos, angariando diversos adeptos – conhecidos como *galleanisti* – que continuaram a propagar o ideal anarquista de Galleani, com seu componente violento, mesmo após sua deportação. Estas considerações são relevantes ao presente estudo, na medida em que Sacco e Vanzetti eram, ambos, *galleanisti*. Neste sentido, cabe-nos, neste ponto, traçarmos uma muito breve apresentação biográfica dos dois anarquistas italianos, bem como do crime que levou à sua execução.

Nicola Sacco (1891-1927) nasceu em Torremaggiore, na região da Puglia no sul da Itália, em uma família de pequenos proprietários de terra, produtores de azeite e vinho. Junto com seu irmão mais velho Sabino Sacco, ele imigrou para os Estados Unidos em 1908, tendo recebido a promessa de auxílio para encontrar trabalho e habitação de um amigo da família residente em Milford, Massachusetts. Seu irmão acabou retornando para a Itália no ano seguinte; Sacco, porém, permaneceu e, tendo participado de um programa de treinamento para imigrantes na Milford Shoe Company, tornou-se um trabalhador qualificado na indústria sapateira da Nova Inglaterra. Em 1912, Sacco casou-se com Rosina Zambelli, com quem teve dois filhos, Dante e Ines, nascida quando ele já se encontrava preso<sup>466</sup>.

<sup>463</sup> De fato, o panfleto *La Salute è in voi!*, (literalmente, “A Saúde está convosco!”), escrito por Galleani, contém instruções para a fabricação de explosivos. SHONE, Steve J. *American Anarchism*. Leiden: Brill, 2013, p. 9, 200-202.

<sup>464</sup> BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS, *Op. Cit.*, p. 479; SHONE, *Op. Cit.*, p. 202-203.

<sup>465</sup> Além das explosões ocorridas em pelo menos oito cidades, as autoridades americanas interceptaram diversas bombas de fabricação caseira destinadas a grandes empresários, como J.P. Morgan e John D. Rockefeller, e autoridades notoriamente conservadoras e antianarquistas, como o Procurador-Geral dos Estados Unidos A. Mitchell Palmer e o juiz da Suprema Corte Americana Oliver Wendell Holmes – que posteriormente teria envolvimento no julgamento do caso Sacco e Vanzetti. BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS, *Op. Cit.*, p. 478; SHONE, *Op. Cit.*, p. 203-204.

<sup>466</sup> TEJADA, Susan. *In Search of Sacco and Vanzetti*. Double Lives, Troubled Times and the Massachusetts Murder Case That Shook the World. Boston: Northeastern University Press, 2012, p. 12-13, 34-36, 48

Por sua vez, Bartolomeo Vanzetti (1888-1927) nasceu na pequena Villafalletto, região do Piemonte, no norte da Itália. Advindo de uma família de agricultores, Vanzetti começou a trabalhar ainda na adolescência, tendo sido encaminhado por seu pai para aprender o ofício de padeiro e confeitoiro na cidade de Cuneo e, posteriormente, em outras da região. Após a morte de sua mãe, ele decidiu deixar sua terra natal e imigrou para os Estados Unidos, também em 1908. Chegando, ao contrário de Sacco, sozinho e sem referências no país, Vanzetti perambulou, nos anos que se seguiram, entre Nova York, Connecticut e Massachusetts, tendo exercido uma ampla gama de ocupações, como operário na construção civil, empregado no setor de mineração, lavador de pratos e confeitoiro em restaurantes. Eventualmente, Vanzetti acabou se fixando na cidade de Plymouth, Massachusetts, onde, após rodar por mais alguns empregos, se estabeleceu como vendedor ambulante de peixes<sup>467</sup>.

Durante estes anos em Massachusetts, Sacco e Vanzetti não se conheceram. Entretanto, ambos foram tomando contato, paralelamente, com literatura subversiva, particularmente os escritos de Galleani, e se aproximando do movimento anarquista. De fato, os dois eram assinantes da *Cronaca Sovversiva* desde cerca de 1912, e os dois chegaram a participar de greves ocorridas na região: Sacco na da Draper Company de Hopedale, Massachusetts, empresa fabricante de maquinário têxtil, em 1913; e Vanzetti na da Plymouth Cordage Company, empresa produtora de cordames, em 1916. Tendo aderido às ideias de Galleani, acredita-se que Sacco e Vanzetti se conheceram em meados de 1917, provavelmente em encontros dos *galleanisti* para planejar maneiras de evitar o alistamento militar para a Primeira Guerra Mundial, a qual, como vimos, era condenada por eles. Efetivamente, entre maio e setembro de 1917, Sacco, Vanzetti e um grupo de anarquistas *galleanisti* fugiram para o México, estabelecendo-se em Monterrey, justamente para fugir à convocação para a guerra<sup>468</sup>. Entre os anarquistas que escaparam com eles para o México estavam o militante e fabricante de bombas Mario Buda – também conhecido pela americanização de seu nome, "Mike Boda" – e o tipógrafo da *Cronaca* Andrea Salsedo, figuras que, posteriormente, se ligariam à narrativa de sua prisão em função do crime de South Braintree.

O crime em questão consistiu no roubo do salário dos funcionários da empresa Slater & Morrill Shoe Company, empresa fabricante de calçados da cidade South Braintree, Massachusetts, no dia 15 de abril de 1920. O tesoureiro assistente da companhia, Frederick Parmenter, e um guarda, Alessandro Berardelli, carregavam o montante de \$15.776,51 dólares

---

<sup>467</sup> Ibid., p. 9-12, 37-41.

<sup>468</sup> Ibid., p. 51-54, 66-68.



em dinheiro, para o pagamento dos salários dos empregados, em duas pesadas caixas de metal, de um prédio da empresa até o outro, distantes poucos metros entre si. Durante o trajeto, dois homens que estavam na rua, posteriormente identificados por testemunhas como tendo rondado a fábrica de forma suspeita ao longo de todo dia, avançaram na sua direção, sacaram pistolas e dispararam ao menos seis tiros contra eles. Berardelli morreu na hora; Parmenter, pouco depois no hospital. Os atiradores pegaram as caixas e subiram em um carro, identificado como um Buick preto, onde estavam mais três cúmplices e fugiram. Tudo isto em menos de um minuto. O carro da fuga ainda foi parado duas vezes em cruzamentos ferroviários, antes de desaparecer. Dias depois, a polícia o encontrou abandonado à beira da estrada, sem placas, com rastros de pneus indo na direção oposta, indicando que os criminosos trocaram de veículo. Apesar da rapidez do acontecido, testemunhas na rua e nos prédios ao redor manifestaram a opinião de que os assaltantes eram estrangeiros, possivelmente italianos – com exceção do motorista, que possuía uma aparência pálida e doentia. Alguns ainda afirmaram que um dos atiradores falou com Berardelli antes de disparar, indicando poderiam ser conhecidos<sup>469</sup>.

Uma tentativa de assalto semelhante havia ocorrido meses antes na cidade de Bridgewater, na também nas imediações de Boston. Assaltantes, identificados por testemunhas como estrangeiros, tentaram, sem sucesso, roubar o dinheiro do pagamento da fábrica L.Q. White Shoe Company e fugiram em um carro<sup>470</sup>. Dessa forma, pode-se dizer que uma onda de crimes violentos perpassava a região da Nova Inglaterra, alguns dos quais eram cometidos por grupos anarquistas, dentro da lógica da “propaganda pela ação”. Neste contexto, a movimentação de pessoas ligadas ao movimento anarquista e a ocorrência destes dois crimes violentos, cujos suspeitos eram possivelmente italianos que possuíam acesso a um veículo, chamou a atenção do chefe de polícia Michael Stewart, que fez a seguinte associação:

On April 16, 1920 – four months after Bridgewater, one day after South Braintree – Chief Stewart was asked to assist in an immigration investigation of Feruccio Coacci, an Italian who until recently had worked at the Slater & Morrill factory. Coacci was an anarchist deportable under the Anarchist Exclusion Act of 1918. He had been arrested two years earlier, but had posted bond and been released. Now the bond had expired and he was requesting an extension in order, he said, to care for his sick wife.

Coacci lived with his family and with a friend, Mario Buda, also known as Mike Boda, in a small house that Buda rented in West Bridgewater. Buda also owned a car, a 1914 hand-cranked, right-hand-drive Overland automobile, which he garaged in a shed out back.

---

<sup>469</sup> Ibid., p. 3-8.

<sup>470</sup> Ibid., p. 22.

Stewart sent one of his officers to assist the immigration inspector in questioning Coacci. Against expectations, they found Mrs. Coacci healthy enough, and Coacci himself packing to leave. He declined the inspector's offer of a temporary delay of deportation. He was taken into custody, and within two days was aboard a ship bound for Italy.

When Stewart learned what happened at the house, he had a eureka moment. "Something hit me," he later recalled, "the dates involved, the bond, and the phony illness." [A] Former suspect (...) had said that Italian anarchists were responsible for the attempted Bridgewater crime, anarchists who kept a car in a shack. Coacci's strange behavior followed the South Braintree murders by one day. Stewart put these pieces together and decided that both crimes must have been committed by the same gang, a gang of which Coacci must have been a member. The theory was reinforced a day later, when the abandoned Buick was discovered in woods less than two miles from Coacci's house.<sup>471</sup>

Aos olhos do inspetor, tudo parecia indicar o envolvimento de um grupo anarquista italiano liderado por Feruccio Coacci como o responsável pelas atividades criminosas. Contudo, o carro que supostamente teria sido utilizado nos crimes em questão não estava no galpão que servia de garagem quando das idas do chefe Stewart à casa de Coacci e Buda. Segundo este último, ele havia sido levado para reparos em uma oficina mecânica de propriedade de um certo Simon Johnson. Interessado em descobrir as identidades dos outros três membros da suposta gangue que agira em South Braintree, Stewart foi até a oficina de Johnson e pediu para que o avisasse se alguém viesse buscar o carro. Alguns dias depois, já pela noite, quatro homens vieram atrás do carro: Buda, Sacco, Vanzetti e o também anarquista italiano Ricardo Orciani. Johnson, porém, os dissuadiu da ideia de levar o carro naquele momento, enquanto sua esposa comunicava à polícia a presença dos quatro italianos. Eles então partiram, Buda e Orciani em uma motocicleta, Sacco e Vanzetti em um bonde que ia na direção da cidade de Brockton. Em Brockton, dois policiais abordaram e prenderam Sacco e

---

<sup>471</sup> "Em 16 de abril de 1920 – quatro meses depois de Bridgewater, um dia depois de South Braintree – o chefe Stewart foi convidado a auxiliar na investigação de imigração de Feruccio Coacci, um italiano que até recentemente trabalhava na fábrica Slater & Morrill. Coacci era um anarquista deportável sob a Lei de Exclusão Anarquista de 1918. Ele havia sido preso dois anos antes, mas havia pagado fiança e sido solto. Agora, a fiança havia expirado e ele estava pedindo uma extensão para, ele dizia, cuidar de sua esposa doente.

Coacci morava com sua família e com um amigo, Mario Buda, também conhecido como Mike Boda, em uma pequena casa alugada por Buda em West Bridgewater. Buda também possuía um carro, um automóvel Overland à manivela, com direção à direita, o qual ele estacionava em um galpão nos fundos.

Stewart enviou um de seus oficiais para assistir o inspetor de imigração a questionar Coacci. Contrário às expectativas, eles encontraram a Sra. Coacci bem de saúde e o próprio Coacci arrumando as malas para partir. Ele declinou a oferta do inspetor para um adiamento temporário da deportação. Ele foi tomado sob custódia e dentro de dois dias estava à bordo de um navio para a Itália.

Quando Stewart descobriu o que havia acontecido na casa, ele teve um momento de eureka. "Algo me atingiu", ele lembrou mais tarde, "as datas envolvidas, a fiança e a falsa doença". [Um] Antigo suspeito (...) havia dito que anarquistas italianos eram responsáveis pela tentativa de crime de Bridgewater, anarquistas que guardavam um carro em um galpão. O estranho comportamento de Coacci havia sido no dia seguinte aos assassinatos de South Braintree. Stewart juntou estas peças e decidiu que ambos os crimes deviam ter sido cometidos pela mesma gangue, uma gangue da qual Coacci deveria ter sido membro. A teoria foi reforçada quando o Buick abandonado foi descoberto em um bosque a menos de duas milhas da casa de Coacci". Tradução minha. *Ibid.*, p. 24.

Vanzetti no bonde. Ambos portavam pistolas carregadas e munição extra, e mentiram para a polícia sobre onde estiveram naquela noite, sobre se conheciam Mario Buda, sobre serem anarquistas e sobre possuírem material subversivo<sup>472</sup>.

O fato de estarem armados e mentirem para a polícia configurou a base do principal argumento que levaria à sua condenação, a chamada “*consciousness of guilt*”, ou consciência de culpa. Por outro lado, a sua prisão naquela noite por serem “figuras suspeitas”, além de seu interrogatório sem terem sido informados de seu direito de não responderem às perguntas e de possuírem um advogado presente, marcariam o início de um processo carregado de impropriedades jurídicas. No entanto, apesar de as circunstâncias e evidências contra eles parecerem bastante incriminadoras, havia outra explicação para o comportamento de Coacci, para o repentino interesse dos quatro anarquistas no carro de Buda e para o fato de Sacco e Vanzetti terem mentido em seu primeiro depoimento à polícia.

A série de atentados à bomba – e tentativas de atentados – levados a cabo pelos *galleanisti* em 1919 generalizou um sentimento de temor, insegurança e efetivo medo da “ameaça vermelha”, conhecido como a primeira onda de *Red Scare* nos Estados Unidos. Como resposta, o governo americano buscou reagir, endurecendo a repressão ao anarquismo e demais movimentos de esquerda. De fato, o Procurador-Geral A. Mitchell Palmer orquestrou, entre 1919 e 1920, uma série de batidas policiais que levaram à investigação, prisão e, em alguns casos, deportação de indivíduos, na maioria imigrantes, suspeitos de atividades subversivas ou de terem simpatia por ideologias radicais, as quais ficaram conhecidas como *Palmer Raids*. Milhares foram detidos para questionamento e centenas foram deportados<sup>473</sup>.

Neste contexto, dois tipógrafos da *Cronaca Sovversiva*, Roberto Elia e Andrea Salsedo, haviam sido detidos e levados para um edifício do Bureau of Investigation em Nova York, onde ficaram reclusos por cerca de dois meses, sendo questionados sobre os atentados anarquistas. Em 25 de abril de 1920, poucos dias após a ida do chefe de polícia Stewart à casa de Buda, Vanzetti chegou a ir para Nova York e se reuniu com o jornalista anarquista Carlo Tresca<sup>474</sup>, para obter maiores informações sobre a situação de Elia e Salsedo. Tresca

---

<sup>472</sup> Ibid., p. 24-29.

<sup>473</sup> BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS, *Op. Cit.*, p. 932.

<sup>474</sup> Carlo Tresca (1879-1943) foi um jornalista italiano, ligado ao movimento socialista e, posteriormente, anarquista, imigrado para os Estados Unidos em 1904. Estabelecendo-se na Pensilvânia e depois em Nova York, Tresca publicou vários jornais radicais (como *La Plebe*, *L'Avvenire* e *Il Martello*) e participou diretamente de diversos movimentos grevistas. Por seu posicionamento radical e antifascista, sofreu várias tentativas de assassinato, até a derradeira, que o vitimou em 1943. Tresca chegou a se envolver ativamente com o caso Sacco e Vanzetti, sendo o responsável por trazer para representar a defesa o advogado californiano Fred Moore, que

recomendou a ele que voltasse para casa e avisasse a todos seus companheiros que escondessem toda e qualquer literatura radical que possuíssem, temendo que ocorresse, no dia 1º de maio, uma série de buscas policiais coordenadas nas casas de suspeitos de atividades subversivas. As batidas, no entanto, não chegaram a ocorrer<sup>475</sup>.

Contudo, no dia 3 de maio, Salsedo caiu da janela do décimo-quarto andar do prédio onde se encontrava confinado, sob circunstâncias até hoje misteriosas; não se sabe se sua morte foi um acidente, suicídio ou assassinato. De todo modo, a atmosfera de tensão que pairava sob os grupos e militantes anarquistas diante da crescente repressão do governo americano se intensificou ainda mais com a morte de Salsedo. Como inferiu Susan Tejada, os *galleanisti* daquela região do Massachusetts “(...) had not yet acted on Vanzetti’s advice to gather and hide their anarchist tracts. Now they must have felt an urgent need to do so. They would need a car for the task”<sup>476</sup>. De fato, o carro de Mario Buda seria providencial para que pudessem recolher e esconder os escritos radicais que possuíam – tarefa que seguramente lhes era premente diante das intimidações, prisões e deportações decorrentes das *Palmer Raids* e, mais ainda, diante da suspeita morte de Salsedo.

Neste sentido, esta é uma razoável explicação alternativa para a ida dos quatro anarquistas à oficina de Johnson na noite de 5 de maio – dois dias após a morte de Salsedo – e para a “consciência de culpa” de Sacco e Vanzetti que os levou à mentir para a polícia, ocultando seu envolvimento com atividades radicais, e a portar armas, diante da situação de insegurança que viviam. Não obstante, o julgamento dos dois acusados, que, entre condenação e repetidos recursos, se arrastou de 1920 até 1927, acabou com a execução de Sacco e Vanzetti na cadeira elétrica na prisão de Charlestown, Massachusetts. O processo que levou à sua condenação foi marcado por arbitrariedades e impropriedades em seu procedimento, devido ao manifesto preconceito contra imigrantes estrangeiros e militantes de movimentos de esquerda, apresentado pelo júri, pela acusação, representada pelo promotor Frederick Katzmann, e pelo juiz do caso, Webster Thayer.

Não nos cabe aqui examinar em profundos detalhes todos os meandros processuais e as inconsistências das provas que condenaram os dois italianos. Porém, entre estes podemos

---

possuía a reputação de ser bem-sucedido defendendo radicais, e ajudando a obter considerável publicidade e apoio financeiro aos dois acusados. Ibid., p. 826-828.

<sup>475</sup> TEJADA, *Op.Cit.*, p. 25.

<sup>476</sup> “(...) não haviam ainda seguido o conselho de Vanzetti de reunir e esconder seus folhetos anarquistas. Agora eles devem ter sentido uma urgente necessidade de fazê-lo. Eles precisariam de um carro para a tarefa”. Tradição minha. Ibid., p. 26.

citar: a não apresentação de seus direitos a um advogado e a permanecer em silêncio quando do primeiro interrogatório; a mudança repentina do depoimento de diversas testemunhas, algumas das quais eram trabalhadores coagidos por meio de demissões (ou ameaças de), que subitamente passaram a “lembrar” de detalhes impossíveis do crime e a incriminar os acusados; o depoimento dúbio do perito em balística que ligou (apenas) uma das balas retiradas das vítimas à arma de Sacco – e, posteriormente, retificou sua declaração, afirmando ter sido mal interpretado – além da suspeita de manipulação e adulteração da arma do crime ao longo do desenrolar do julgamento; e a desconsideração da confissão de Celestino Madeiros, criminoso de origem portuguesa, que afirmou ter tomado parte no assalto e isentou a ambos de participação nele. Madeiros acabou condenado e executado junto a Sacco e Vanzetti; sua confissão não serviu para absolver os dois italianos, apenas para condená-lo junto a eles.

O que permanece, no entanto, é a incerteza sobre a real participação de Sacco e Vanzetti no crime de South Braintree. Eram eles simplesmente trabalhadores comprometidos com a causa anarquista, com conhecimento e participação em suas atividades subversivas, e acoados pela repressão do governo durante o *Red Scare*? Ou eram eles efetivamente parte de uma gangue de criminosos que planejou e executou o latrocínio a sangue frio? Mesmo com as sucessivas reaberturas das discussões ocorridas em diversos momentos nas décadas seguintes, com reanálises de provas e reinterpretações dos autos, é juridicamente impossível afirmar categoricamente sua inocência ou sua culpa. O que é possível determinar, sim, é a irregularidade do julgamento e sua evidente parcialidade, que revela o desejo de representantes do governo americano em culpar Sacco e Vanzetti pelo crime, dois radicais anarquistas, para que servissem de exemplo aos demais.

A autora Susan Tejada faz um bom apanhado de todas as provas e contraprovas, e das novas evidências que surgiram ao longo das décadas, na tentativa de lançar luz sobre o caso. O primeiro grande conjunto de informações diz respeito à identificação de Sacco e Vanzetti feita por testemunhas dos acontecimentos:

Presentation of identification testimony took up the most time at trial. Seven witnesses identified Sacco as someone they had seen before, during, or after the crime in South Braintree, but “[n]ot one of the witnesses against Sacco was at all times [including pre-trial] consistently positive in the identification.” More than four times as many witnesses – thirty-one – contradicted or refuted the seven witnesses who identified Sacco. Four witnesses identified Vanzetti as someone they had seen right before or soon after the crime; eight witnesses contradicted or refuted them. No witness identified Vanzetti as being at the scene while the crime was in progress.

Three new eyewitnesses came forward after the trial. All swore in affidavits that neither Sacco nor Vanzetti was among the bandits they had seen. In the end all the identification witnesses probably cancelled each other out.<sup>477</sup>

Além disso, cabe mencionar que nove testemunhas sustentavam o álibi de Sacco, de que no dia do crime ele estivera em no consulado italiano em Boston para tentar obter passaportes para ir com a família para a Itália, e seis testemunhas corroboravam o álibi de Vanzetti, de que no dia ele havia percorrido com seu carrinho de peixes sua rota habitual em Plymouth<sup>478</sup>. Por sua vez, o argumento – que acabou sendo determinante na condenação – da “consciência de culpa” dos acusados, pode ser sintetizado da seguinte forma:

Evidence in this category grew more important as the trial progressed. Arguments centered on two facts: that Sacco and Vanzetti were armed when arrested, and that they lied when interrogated.

These facts were undisputed, but the reasons behind them were a matter of fundamental disagreement. The defense claimed that Sacco and Vanzetti carried guns for self-defense and “to shoot in the woods,” and that they lied to protect themselves and their comrades from political harassment and possible deportation. No, said the prosecution; the guns showed that Sacco and Vanzetti were criminals, and the lies showed that they were concealing criminal acts.

More than half a century after the trial, in 1977, the Massachusetts State Police released records that cast doubt on the prosecution’s consciousness of guilt argument, and showed that some of the defendants’ “lies” were not lies after all.

When Katzmann cross-examined the defendants at trial, he read aloud a long list of responses from their jailhouse interrogations and got them to admit that they were lies. He read from what was assumed to be an accurate transcript of the interrogations, but he never introduced it as evidence, and the defense never had a copy of it. The transcript surfaced in 1977 as part of the police files. It shows, William Young and David Kaiser point out in *Postmortem*<sup>479</sup>, that Katzmann misquoted or distorted statements from the interrogations. (...)

Minutes of the secret grand jury proceedings also surfaced after 1977. In them, Young and Kaiser discover “that Sacco simply did not make the most damaging statement attributed to him – namely, that he had been working on 15 April.” On the contrary, according to the testimony of a state police officer who heard him, Sacco, when questioned after his arrest, said that on April 15 “he was in Boston . . .

<sup>477</sup> “A apresentação de testemunhos de identificação tomou a maior parte do tempo no julgamento. Sete testemunhas identificaram Sacco como alguém que eles haviam visto antes, durante ou depois do crime em South Braintree, mas “[nenhuma] das testemunhas contra Sacco estiveram em todo tempo [incluindo antes do julgamento] consistentemente certas da identificação”. Mas de quatro vezes mais testemunhas – trinta e uma – contradisseram ou refutaram as sete testemunhas que identificaram Sacco. Quatro testemunhas identificaram Vanzetti como alguém que haviam visto longo antes ou pouco depois do crime; oito testemunhas as contradisseram ou refutaram. Nenhuma testemunha identificou Vanzetti como estando na cena enquanto o crime estava em progresso.

Três novas testemunhas oculares se apresentaram depois do julgamento. Todas declararam sob juramento que nem Sacco nem Vanzetti estavam entre os bandidos que haviam visto. No final, todas a testemunhas de identificação provavelmente anulavam umas às outras”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 289.

<sup>478</sup> *Ibid.*, p. 289.

<sup>479</sup> Refere-se à publicação YOUNG, William; KAISER, David E. *Postmortem: New Evidence in the Case of Sacco and Vanzetti*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1985, a qual apresenta um balanço das evidências surgidas nas décadas posteriores à execução de Sacco e Vanzetti.

[m]aking some arrangement about his passport . . . [t]o go to Italy” – exactly what he would later claim at trial.

Still, didn't the fact that Sacco and Vanzetti were armed when arrested show consciousness of guilt? In 1927 Katzmann himself conceded that such behavior was commonplace. “It has been my experience,” he told members of the governor's advisory committee, “that Italians carry some sort of weapons”.

Carrying weapons and using them are two completely different matters. Judge Thayer told jurors that if they believed the defendants tried to reach for their weapons when arrested, as the prosecution contended, that was evidence of consciousness of guilt. Sacco and Vanzetti both denied going for their guns.

The account of the men's attempted gun grabs originated with Brockton policeman Michael Connolly, who testified at the Dedham trial that, when arrested, both defendants tried to draw their guns – Vanzetti, on the streetcar; Sacco, twice in the police car. However, Connolly had not made this claim earlier – not at Vanzetti's Plymouth trial, not to the grand jury, and not in a statement he gave to Chief Stewart a mere twelve days before the Dedham trial began. The fact that Connolly had at least three opportunities before Dedham to speak about the attempted gun grab but said nothing casts deep doubt on his later claim.<sup>480</sup>

---

<sup>480</sup> “Evidências desta categoria cresceram em importância conforme o julgamento avançava. Os argumentos se centraram em dois fatos: que Sacco e Vanzetti estavam armados quando foram presos e que eles mentiram quando interrogados.

Estes fatos eram indiscutíveis, mas as razões por trás deles era uma questão de fundamental desacordo. A defesa afirmava que Sacco e Vanzetti carregavam armas para autodefesa e “para atirar no bosque” e que eles haviam mentido para proteger a si mesmos e a seus camaradas de assédio político e possível deportação. Não, dizia a acusação; as armas demonstravam que Sacco e Vanzetti eram criminosos e as mentiras mostravam que eles estavam ocultando atos criminosos.

Mais de meio século depois do julgamento, em 1977, a Polícia Estadual de Massachusetts divulgou registros que lançavam dúvida sobre o argumento de consciência de culpa da acusação, e mostrava que algumas das “mentiras” dos réus não eram mentiras afinal.

Quando Katzmann questionou os réus no julgamento, ele leu em voz alta uma longa lista de respostas de suas interrogações na cadeia e os fez admitir que haviam sido mentiras. Ele leu do que se presumiu ser uma transcrição precisa das interrogações, mas ele nunca a introduziu como evidência e a defesa nunca teve uma cópia dela. A transcrição veio à tona em 1977, como parte dos arquivos policiais. Ela demonstra, William Young e David Kaiser destacam em *Postmortem*, que Katzmann citou incorretamente ou distorceu depoimentos das interrogações. (...)

Minutas dos procedimentos secretos do grande júri também vieram à tona depois de 1977. Nelas, Young e Kaiser descobriram ‘que Sacco simplesmente não fez a mais prejudicial afirmação atribuída a ele – a saber, que ele estava trabalhando em 15 de abril’. Ao contrário, de acordo com o testemunho de um oficial da polícia estadual que o ouviu, Sacco, quando questionado sobre sua prisão, disse que em 15 de abril ‘ele estava em Boston... [f]azendo alguns preparativos sobre seu passaporte... [p]ara ir para a Itália – exatamente o que ele iria posteriormente afirmar no julgamento.

Ainda assim, o fato de que Sacco e Vanzetti estavam armados quando foram presos não demonstra consciência de culpa? Em 1927, o próprio Katzmann admitiu que tal comportamento era comum. ‘Tem sido minha experiência’, ele disse a membros do comitê consultivo do governador, ‘que italianos carregam algum tipo de arma’.

Carregar armas e usá-las são duas questões completamente diferentes. O juiz Thayer disse aos jurados que se eles acreditassem que os réus tentaram sacar suas armas quando foram presos, como a acusação sustentava, isso era evidência de consciência de culpa. Sacco e Vanzetti ambos negaram terem tentado sacar suas armas.

O relato da tentativa de pegar suas armas se originou com o policial de Brockton Michael Connolly, que testemunhou no julgamento de Dedham que, quando foram presos, ambos os réus tentaram sacar suas armas – Vanzetti no bonde; Sacco, duas vezes no carro da polícia. Contudo, Connolly não havia feito esta afirmação antes – nem no julgamento de Vanzetti em Plymouth, nem no grande júri, nem na declaração que ele deu ao Chefe Stewart meros doze dias antes do julgamento de Dedham começar. O fato de que Connolly teve ao menos três oportunidades antes de Dedham para falar sobre a tentativa de sacar armas mas não disse nada lança profundas dúvidas sobre sua afirmação posterior”. Tradução minha. TEJADA, *Op. Cit.*, p. 289-291.

Quanto às evidências físicas, várias questões podem ser pontuadas. Primeiramente, a polícia encontrou impressões digitais no Buick abandonado, porém jamais divulgou o resultado de seu exame. Pode-se especular que um motivo para isso seja que elas não correspondiam às de Sacco e Vanzetti. Em segundo lugar, um boné encontrado na cena do crime foi introduzido como evidência, apontado como pertencente a Sacco, que, de fato, costumava usar um. Porém, o boné era menor do que tamanho utilizado por ele – não o servia – e havia sido encontrado em South Braintree mais de 24 horas depois do crime. Além disso, o dinheiro roubado jamais foi encontrado, ou conectado de qualquer maneira aos dois acusados – e tampouco estes deram sinais de terem alterado seu comportamento após a data do crime<sup>481</sup>.

Por fim, o conjunto de evidências de natureza física mais abundante e igualmente polêmico diz respeito à questão balística. Vanzetti portava, quando de sua prisão, um revólver Harrington & Richardson, calibre .38, que a acusação afirmava ter pertencido ao guarda Alessandro Berardelli e tomado por um dos dois durante o crime. Contudo, nenhuma das testemunhas afirmava que Berardelli estivesse armado aquele dia, tampouco que um dos criminosos a tenha roubado durante o crime. A única evidência neste sentido era o modelo do revólver, que efetivamente era o mesmo. No entanto, nenhuma identificação assertiva pôde ser feita, visto que não se conseguiu obter o número de série da arma de Berardelli. Em 1977, porém, com a abertura dos mesmos autos policiais que levantaram dúvidas acerca da “consciência de culpa” dos dois acusados, pôde-se perceber que o chefe de polícia Stewart teve acesso ao número de série de um revólver deste modelo adquirido pela empresa Slater & Morrill na mesma época da contratação de Berardelli – e provavelmente entregue a este para uso no desempenho de suas atividades. O número de série era diferente do da pistola encontrada na posse de Vanzetti<sup>482</sup>.

Por sua vez, a arma encontrada com Sacco, mais do que a de Vanzetti, esteve no centro da argumentação que levou ao veredito final:

Sacco was carrying a .32 caliber Colt automatic pistol (...) when he was arrested. The prosecution contended that, of four bullets removed from Berardelli's body, the one that had actually killed Berardelli – the bullet marked “III” by the doctor who extracted it from the guard's body, and the only one of the six bullets removed from both bodies that “was assuredly of Winchester manufacture” – this bullet, and only this bullet, had been fired by Sacco's gun.

---

<sup>481</sup> Ibid., p. 291, 299.

<sup>482</sup> Ibid., p. 291-292.



This was the single most damning argument to emerge from the entire trial. If Bullet III came through Sacco's Colt, then Sacco must be guilty of murder (unless someone else had used his gun, a claim which no one ever made).

At trial in 1921, expert witnesses disagreed about Bullet III. (...) The controversy surrounding Bullet III intensified after the trial.

In 1923 Captain Proctor withdrew his testimony that Bullet III was "consistent with being fired by [Sacco's] pistol," saying he had found no "affirmative evidence whatever that this so-called mortal bullet had passed through the particular Sacco's pistol." The same year that Proctor recanted, Albert Hamilton, an expert witness on ballistics matters hired by the defense, also swore in an affidavit that Bullet III had not been fired by Sacco's gun.

Four years later, in 1927, the defense shocked members of the advisory committee by suggesting that the prosecution had tampered with the bullet. William Thompson and Herbert Ehrmann made the charge in a letter they sent to Governor Fuller on June 15, 1927.

(...) Thompson and Ehrmann repeated the allegation of doubts about the authenticity of the mortal bullet in a brief for the advisory committee, and Ehrmann restated it again in oral arguments to the committee.

(...) The advisory committee roundly rejected the theory as "devoid of truth" and characterized the case as "rather desperate on its merits when counsel feel it necessary to resort to a charge of this kind." Defense lawyers *were* desperate in the summer of 1927. Nevertheless, the substitution theory may explain otherwise inexplicable testimony. Six bullets were pumped into the victims. Bullet III was the only one fired by a Colt. The other five were fired by a different gun. However, no witness saw one bandit shoot two guns, and the only witness who claimed to have seen two bandits shoot Berardelli did not identify Sacco or Vanzetti. Thus, "[t]here is no testimony which accounts for the single bullet from Sacco's Colt." If one gunman fired all the bullets, then, say Young and Kaiser, the inauthenticity of Bullet III is "[v]irtually conclusive" and probably due to substitution of a test-fired bullet for the original Bullet III by police officers.

In 1927, 1944, 1961, 1982, and, most recently, 1983, various experts examined the aging ballistics evidence in the Sacco-Vanzetti case. The 1982 tests were inconclusive, and details of the 1944 tests are unknown. In the other cases, experts determined that Bullet III was fired by Sacco's Colt (which would be true whether it had been fired at the crime scene or during testing)<sup>483</sup>.

---

<sup>483</sup> "Sacco estava carregando uma pistola automática Colt calibre .32 (...) quando foi preso. A acusação sustentava que, das quatro balas removidas do corpo de Berardelli, a que efetivamente havia matado Berardelli – a bala marcada com o número "III" pelo médico que a extraiu do corpo do guarda e a única das seis balas removidas dos dois corpos que era "certamente de fabricação Winchester" – esta bala, e somente esta bala, havia sido disparada da arma de Sacco.

Este foi o argumento mais condenatório a emergir de todo julgamento. Se a Bala III passou pela Colt de Sacco, então Sacco deveria ser culpado de assassinato (a menos que outra pessoa tivesse usado sua arma, afirmação que ninguém jamais fez).

No julgamento em 1921, peritos discordaram sobre a Bala III. (...) A controvérsia em torno da Bala III se intensificou após o julgamento.

Em 1923, o Capitão Proctor retirou seu testemunho de que a Bala III era 'consistente com tendo sido disparada da pistola [de Sacco]', dizendo que não encontrava nenhuma 'evidência afirmativa de que esta suposta bala mortal tenha passado através da particular pistola de Sacco'. No mesmo ano que Proctor se retratou, Albert Hamilton, um perito em matéria balística contratado pela defesa, também declarou sob juramento que a Bala III não havia sido disparado pela arma de Sacco.

Quatro anos depois, em 1927, a defesa chocou os membros do comitê consultivo ao sugerir que a acusação havia adulterado a bala. William Thompson e Herbert Ehrmann fizeram a acusação em uma carta que enviaram ao Governador Fuller em 15 de junho de 1927.

De todo este desenrolar, pode-se depreender que a bala mortal em questão muito provavelmente foi sim disparada pela pistola de Sacco. Porém, é impossível determinar sua real autenticidade, diante da sua diferença com relação às outras balas e da desconfiança de adulteração das provas. Há ainda suspeitas, corroboradas pela confissão de um sargento da polícia de Boston em 1937, de adulteração da própria arma de Sacco, pela sua possível substituição por outra pistola, ou então pelo seu desmonte e troca de suas peças<sup>484</sup>.

Podemos ainda juntar a este apanhado das evidências, a confissão de Celestino Madeiros, que estava preso na prisão de Dedham devido a outro crime – um assalto a banco em que havia matado um funcionário – que veio a público em novembro de 1925 e que isentava Sacco e Vanzetti de envolvimento no crime:

According to Madeiros, very early in the morning of April 15, 1920, four Italians in a Hudson picked him up by prearrangement at the boardinghouse where he lived in Providence, Rhode Island. They drove to South Boston, where they met someone in a saloon “to get information . . . about the money,” then back to Providence, and then on to South Braintree, where they spent time in a speakeasy. At some point they also drove to woods in Randolph, Massachusetts; transferred from the Hudson to a Buick brought there by another Italian; and later transferred back to the Hudson after they “did the job at South Braintree.” Madeiros said he had known the men for “three or four months” and had seen them in a Providence saloon “two or three nights before” April 15, when they persuaded him to join them. His assignment was to sit on the backseat of the getaway car with a gun and to use it if necessary to “hold back the crowd in case they made a rush.” Madeiros said he had never been in South Braintree before April 15. He was eighteen years old at the time and “scared to death when I heard the shooting begin.” He said one of the Italians was about thirty-five years old; one, about forty; two, in their twenties; and all, professional gangsters “engaged in robbing freight cars in Providence” who had “done lots of jobs of this kind”.

Madeiros refused to tell “the last names of the gang.” He did tell the two first names that he said he could remember – Mike and Bill – but also said those names were meaningless since “they change them whenever they want to.” The men were supposed to meet him the night after the crime in a Providence saloon to split the money, but “they did not come.” He later searched for them in New York and

---

(...) Thompson e Ehrmann repetiram a alegação de dúvidas sobre a autenticidade da bala mortal em uma declaração para o comitê consultivo, e Ehrmann a repetiu em argumentos orais perante o comitê.

(...) O comitê consultivo veementemente descartou a teoria como ‘desprovida de verdade’ e caracterizou o caso como ‘bastante desesperada nos seus méritos, quando advogados consideraram necessário recorrer a uma acusação deste tipo’. Os advogados de defesa *estavam* desesperados no verão de 1927. Ainda assim, a teoria da substituição pode explicar testemunhos de outra forma inexplicáveis. Seis balas atingiram as vítimas. A Bala III foi a única disparada de uma Colt. As outras cinco foram disparadas de uma arma diferente. Contudo, nenhuma testemunha viu um bandido atirar com duas armas, e a única testemunha que afirmou ter visto dois bandidos atirar em Berardelli não identificou Sacco e Vanzetti. Assim, “[n]ão há testemunho que explique a única bala da Colt de Sacco”. Se um atirador disparou todas as balas, então, dizem Young e Kaiser, a inautenticidade da Bala III é ‘[v]irtualmente conclusiva’ e provavelmente devida à substituição de uma bala disparada como teste pela Bala III original por oficiais da polícia.

Em 1927, 1944, 1961, 1982 e, mais recentemente, 1983, vários peritos examinaram a antiga evidência balística do caso Sacco-Vanzetti. Os testes de 1982 foram inconclusivos e os detalhes dos testes de 1944 são desconhecidos. Nos outros casos, peritos determinaram que a Bala III foi disparada da Colt de Sacco (o que seria verdade se ela tivesse sido disparada na cena do crime ou durante testes)”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 292-294.

<sup>484</sup> *Ibid.*, p. 294.

Chicago, “hoping to find them in cabarets spending the money,” but never found them, and did not know where they were. He said the mastermind of the South Braintree job was “the oldest of the Italians in Providence,” and “Sacco and Vanzetti had nothing to do with this job”<sup>485</sup>.

Diante deste conjunto de evidências e ausência de provas conclusivas, como colocou Tejada, conhecemos apenas partes do caso Sacco e Vanzetti. Como sintetiza a autora: “The guilt of Sacco and Vanzetti seems unlikely, but neither their guilt nor their innocence can be proven”<sup>486</sup>. Neste ponto, uma vez que muitos à época e posteriormente, como o próprio Fast, acreditavam firmemente na sua inocência – o que, como vimos, é um posicionamento perfeitamente possível diante do caráter controverso e frágil das provas e do manifesto preconceito, da parcialidade e das impropriedades cometidas na condução do caso – cabe apresentarmos uma teoria alternativa para os executores do crime de South Braintree.

Ao longo do tempo, muitos peritos manifestaram a opinião de que o assalto era obra de criminosos profissionais; e uma gangue que operava a partir da cidade de Providence se encaixava muito bem no perfil descrito pelas evidências, pelas testemunhas e pela confissão de Madeiros: a chamada “Morelli gang”.

Joe Morelli and his four brothers – Mike, Frank, Fred, and Pasquale – were, by any standard, professional criminals.

Joe, the oldest, age 39 in 1920, was the boss of the Morelli gang at the time of the South Braintree crime. He boasted of his gang leadership. Between stretches of jail time, Joe Morelli was accused of engaging in “robbery, murder, counterfeiting, dope peddling, living off prostitution, [and] rum-running.” *The Providence Evening*

<sup>485</sup> “De acordo com Madeiros, muito cedo na manhã de 15 de Abril, 1920, quatro italianos em um Hudson o pegaram como pré-arranjado na pensão onde ele vivia em Providence, Rhode Island. Eles dirigiram para o sul de Boston, onde encontraram alguém em um *saloon* para ‘pegar informações... sobre o dinheiro’, e então de volta a Providence, e daí para South Braintree, onde eles passaram tempo em um bar clandestino. Em algum ponto, eles também dirigiram para um bosque em Randolph, Massachusetts; transferiram-se do Hudson para um Buick trazido para lá por outro italiano; e depois transferiram-se de volta para o Hudson depois de terem ‘feito o trabalho em South Braintree’. Madeiros disse que conhecia os homens por ‘três ou quatro meses’ e os havia visto em um *saloon* de Providence ‘duas ou três noites antes’ de 15 de abril, quando eles o persuadiram a se juntar a eles. Sua tarefa era sentar no banco traseiro do carro de fuga com uma arma e usá-la se necessário para ‘conter a multidão no caso tumulto’. Madeiros disse que nunca havia estado em South Braintree antes de 15 de abril. Ele tinha dezoito anos na época e estava ‘morrendo de medo quando eu ouvi o tiroteio começar’. Ele disse que um dos italianos tinha cerca de trinta e cinco anos; outro, cerca de quarente; dois, nos seus vinte anos; e todos, gângsteres profissionais ‘envolvidos em roubos de vagões de carga em Providence’ que haviam ‘feito muitos trabalhos deste tipo’.

Madeiras se recusou a dizer ‘os sobrenomes da gangue’. Ele falou sim dois nomes próprios que ele disse conseguir lembrar – Mike e Bill – mas também disse que aqueles nomes eram insignificantes pois ‘eles mudavam quando queriam’. Os homens deveriam se encontrar com ele na noite depois do crime em um *saloon* de Providence para dividir o dinheiro, mas ‘eles não foram’. Ele posteriormente procurou por eles em Nova York e Chicago, ‘na esperança de encontrá-los em cabarés gastando o dinheiro’, mas nunca os encontrou e não sabia onde estavam. Ele disse que o mentor do trabalho de South Braintree era ‘o mais velho dos italianos em Providence’ e que ‘Sacco e Vanzetti não tiveram nada a ver com este trabalho’. Tradução minha. *Ibid.*, p. 209-211.

<sup>486</sup> “A culpa de Sacco e Vanzetti parece improvável, mas nem sua culpa nem sua inocência podem ser provadas”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 299-300.

*Bulletin* called him a “white slaver,” a term that police officers also used to describe his brother Mike Morelli, “known as a ‘pimp’” and “an astute car thief.”

Joe may have been the boss in 1920, but it was his brother Frank (Butsey) Morelli who was “the toughest of the mob,” “the most dangerous of the brothers,” “a tough stone killer” (...). He would go on to become the first organized crime boss of New England.

All the brothers lived in Providence except Mike, and he lived only thirty miles away in New Bedford. Together with various accomplices, the Morellis were “notorious freight car thieves in the immediate post–World War I years.”

In October 1919, Joe, Fred, and Pasquale Morelli were arrested in Providence and accused of stealing from freight cars at the city train yards. Their preferred merchandise, their “specialty,” was shoes and textiles. They knew exactly where to find what they wanted because, in the factory towns where the shipments originated, they posted lookouts to tell them into which cars the goods were loaded. (...)

In December 1919, and again in March 1920, Joe, Fred, and Pasquale – “Joseph Morelli et als.” – were indicted on multiple counts related to the railroad heists, including the theft of several hundred pairs of shoes shipped from the Rice & Hutchins and the Slater & Morrill factories in South Braintree, a town where they were said to have employed lookouts. (...)

On April 15, the day that robbers hijacked the Slater & Morrill payroll and murdered the guards, Fred Morelli was in jail, but his four brothers were “out on bail or otherwise at liberty”<sup>487</sup>.

Em face deste perfil – uma gangue de criminosos profissionais da Nova Inglaterra, de origem italiana, cujos membros estavam em sua maioria em liberdade, conhecidos por empregar cúmplices e vigias, inclusive na própria cidade de South Braintree – alguns policiais de New Bedford chegaram a suspeitar do envolvimento dos irmãos Morelli imediatamente após o crime. Um oficial chegou a notar a alteração de placas de veículos, um deles um

<sup>487</sup> “Joe Morelli e seus quatro irmãos – Mike, Fred, Frank e Pasquale – eram, por qualquer padrão, criminosos profissionais.

Joe, o mais velho, com 39 anos em 1920, era o chefe da gangue Morelli. À época do crime de South Braintree. Ele se gabava de sua liderança de gangue. Entre períodos de prisão, Joe Morelli foi acusado de se envolver em ‘roubo, assassinato, falsificação, tráfico de drogas, exploração de prostituição [e] contrabando de álcool’. O *Providence Evening Bulletin* o chamava de um ‘escravizador branco’, termo que oficiais de polícia também usavam para descrever seu irmão Mike Morelli, ‘conhecido como um ‘cafetão’ e ‘um astuto ladrão de carros’. Joe poderia ser o chefe em 1920, mas era seu irmão Frank (Butsey) Morelli quem era o ‘o mais violento do grupo’, ‘o mais perigoso dos irmãos’, ‘um assassino implacável’ (...). Ele iria se tornar o primeiro chefe do crime organizado da Nova Inglaterra.

Todos os irmãos moravam em Providence, exceto Mike, e ele vivia a apenas trinta milhas de distância em New Bedford. Junto com vários cúmplices, os Morellis eram ‘notórios ladrões de vagões de carga nos anos imediatamente posteriores à Primeira Guerra Mundial’.

Em outubro de 1919, Joe, Fred e Pasquale Morelli foram presos em Providence e acusados de roubar vagões de carga do pátio de trens da cidade. Sua mercadoria preferida, sua ‘especialidade’, eram calçados e têxteis. Eles sabiam exatamente onde encontrar o que queriam porque, nas cidades fabris de onde as remessas se originavam, eles postavam vigias para lhes dizer em quais vagões os produtos eram carregados. (...)

Em dezembro de 1919, e de novo em Março de 1920, Joe, Fred e Pasquale – ‘Joseph Morelli et als.’ – foram indiciados por múltiplas acusações relacionadas a assaltos a ferrovias, incluindo o roubo de várias centenas de pares de sapatos enviados das fábricas da Rice & Hutchins e da Slater & Morrill em South Braintree, uma cidade onde se dizia que eles haviam empregado vigias. (...)

Em 15 de abril, o dia em que os assaltantes roubaram a folha de pagamento da Slater & Morrill e assassinaram os guardas, Frank Morelli estava na cadeia, mas seus quatro irmãos estavam ‘sob fiança ou em liberdade’. Tradução minha. *Ibid.*, p. 300-301.

Buick, conduzidos por Mike e Frank Morelli naquele mesmo mês. No entanto, com a prisão de Sacco e Vanzetti, os policiais abandonaram as suspeitas, das quais não tinham provas concretas<sup>488</sup>. O nome dos Morelli provavelmente jamais teria sido citado novamente, se não fosse pela confissão de Madeiros, que atribuiu o planejamento e execução do crime a uma experiente gangue de italianos de Providence, envolvida no roubo de cargas como sapatos e tecidos, chegando a mencionar o nome “Mike” como um dos bandidos.

O advogado Herbert Ehrmann, parte da equipe de defesa de Sacco e Vanzetti, consultou a polícia de Providence, que indicou que efetivamente havia uma gangue de criminosos operando na cidade que correspondia àquela descrição, a gangue Morelli. Ehrmann então procurou construir uma versão alternativa dos fatos:

Ehrmann built a circumstantial case alleging that the five bandits in South Braintree had been Joe and Frank Morelli, plus accomplices Tony Mancini, Celestino Madeiros, and Steve “the Pole” Benkosky as driver, with a sixth bandit, Mike Morelli, stationed in the woods to handle the exchange of getaway cars.

No jury would ever have the opportunity to consider the Morelli/Madeiras hypothesis. On October 23, 1926, Judge Thayer denied the motion for a new trial. The five criminals whom Ehrmann had placed in the murder car would never be called to testify about South Braintree.

But if hearsay can be believed, both Frank Morelli and Joe Morelli eventually confessed to taking part in the crime. (Of the other three bandits whom Ehrmann placed in the car, Madeiros had already confessed; Benkosky was murdered before Ehrmann’s investigation began; and Mancini, doing time for murder, told Ehrmann that “there isn’t anything I know” about South Braintree, but that Sacco and Vanzetti were “not stick-up men”)<sup>489</sup>.

Desta teoria, fundamentada pela investigação de Ehrmann, a presença de Steve “o Polonês” Benkosky era corroborada por testemunhas que descreveram os assaltantes como sendo italianos, exceto um, de cabelos louros e aspecto “pálido e doentio”. Quanto às supostas confissões, Frank Morelli teria confessado a Vincent Teresa, criminoso do alto escalão do submundo da Nova Inglaterra que se converteu em delator. Em seu livro *My Life in the Mafia*, Teresa reproduz um diálogo com Frank, no qual este confessaria ter executado o crime e que

<sup>488</sup> Ibid., p. 301.

<sup>489</sup> “Ehrmann construiu um caso circunstancial alegando que os cinco bandidos em South Braintree haviam sido Joe e Frank Morelli, mais os cúmplices Tony Mancini, Celestino Madeiros e Steve ‘o Polonês’ Benkosky como motorista, com um sexto bandido, Mike Morelli, posicionado no bosque para lidar com a troca dos carros de fuga.

Nenhum júri jamais teria a oportunidade de considerar a hipótese Morelli/Madeiras. Em 23 de outubro de 1926, o Juiz Thayer negou a moção por um novo julgamento. Os cinco criminosos a quem Ehrmann havia apontado como estando no carro do crime jamais seriam chamados a testemunhar sobre South Braintree.

Mas for possível acreditar em boatos, ambos Frank Morelli e Joe Morelli acabaram confessando ter participado do crime. (Dos outros três bandidos que Ehrmann apontou como estando no carro, Madeiros já havia confessado; Benkosky foi assassinado antes da investigação de Ehrmann começar; e Mancini, cumprindo pena por assassinato, disse a Ehrmann que ‘não há nada que eu saiba’ sobre South Braintree, além de que Sacco e Vanzetti ‘não eram assaltantes’). Tradução minha. Ibid., p. 302.

Sacco e Vanzetti levaram a culpa por eles. Por sua vez, Joe Morelli teria confessado ao advogado Morris Ernst, que estava investigando o caso por conta própria, em troca de ajuda para publicar sua autobiografia. O manuscrito de sua autobiografia, que acabou não publicada e que veio a público após sua morte, porém, não apresenta uma confissão, apenas demonstra familiaridade com detalhes do assalto<sup>490</sup>.

Outro aspecto que corrobora a teoria do envolvimento dos Morelli, gangue profissional conhecida por utilizar vigias em fábricas (inclusive em South Braintree), é a possibilidade levantada por Tejada de que Berardelli tenha sido cúmplice do crime, passando informações privilegiadas para os assaltantes. Com efeito, os criminosos conheciam detalhes do procedimento de pagamento daquele dia que só alguém com acesso à fábrica poderia saber:

The South Braintree bandits planned the job carefully. They possessed information that was not widely available. They knew that Thursday was payday, even though it had been on Wednesdays until fairly recently. They seemed to know that Parmenter and Berardelli would be delivering the money on foot, even though they “always” delivered it by car. The paymaster and guard were alone on their delivery route on April 15, even though they had previously often been accompanied by others. Most significantly, the bandits seemed confident that no one would return fire. They claimed, according to Madeiros, that “they just had to show [their] gun and the man would give them the [box] right away.” Indeed, unlike Parmenter, “Berardelli didn’t hold onto his box.” And while three of Berardelli’s co-workers would later say that the guard carried a weapon “day after day,” “invariably,” and “always,” no one actually saw him with a weapon on April 15<sup>491</sup>.

Além disso, esta hipótese explicaria o relato de Madeiros, segundo o qual eles teriam se encontrado na manhã do crime com um contato que deu detalhes sobre a movimentação do dinheiro, e o fato de Berardelli ter sido morto, para que não pudesse reconhecer os assaltantes. Mais do que isto, ela justificaria o estranho comportamento de Berardelli às vésperas do crime. Efetivamente, sua esposa manifestou ter percebido diversas atitudes incomuns do marido, que revelavam preocupação, ansiedade, e até o convívio com ameaças e pessoas suspeitas no entorno da fábrica, tais como:

---

<sup>490</sup> Ibid., p. 302-304.

<sup>491</sup> “Os bandidos de South Braintree planejaram o trabalho cuidadosamente. Eles possuíam informações que não eram amplamente disponíveis. Eles sabiam que quinta-feira era o dia de pagamento, apesar de ter sido nas quartas-feiras até bem recentemente. Eles pareciam saber que Parmenter e Berardelli estariam entregando o dinheiro a pé, apesar de ‘sempre’ entregarem de carro. O tesoureiro e o guarda estavam sozinhos na sua rota de entrega em 15 de abril, apesar de anteriormente estarem frequentemente acompanhados por outros. Mais significativamente, os bandidos pareciam confiantes que ninguém atiraria de volta. Eles afirmavam, de acordo com Madeiros, que ‘eles apenas tinham que mostra [suas] armas e os homens os entregariam as caixas imediatamente’. De fato, ao contrário de Parmenter, ‘Berardelli não se agarrou à sua caixa’. E, ainda que três dos colegas de Berardelli diriam mais tarde que o guarda carregava uma arma ‘dia após dia’, ‘invariavelmente’ e ‘sempre’, ninguém realmente o viu com uma arma em 15 de abril”. Tradução minha. Ibid., p. 307.

(...) his comment about “bad men around the factory,” his fear that he was being stalked, his refusal to act like a coward, his violent argument with threatening strangers, his sleeplessness and lack of appetite, his sense of impending doom, his early departure from home on the day of the crime, even the unaccustomed goodbye kiss and “final instructions” to his wife (...) <sup>492</sup>.

Estes são, em suma, alguns dos principais pontos de interesse para a compreensão do caso Sacco e Vanzetti. Passando por uma descrição do crime, do contexto do movimento anarquista da região, da fragilidade das evidências e das impropriedades processuais, e de elementos que sustentam uma hipótese alternativa para os executores do assalto, abordamos estes aspectos de forma relativamente abrangente aqui de modo a podermos construir um panorama compreensivo do caso. De alguma forma, grande parte destes elementos está integrado à narrativa de *The Passion of Sacco and Vanzetti*, sejam aludidos de forma indireta, sejam explicitamente postos ao longo do enredo do romance.

Neste sentido, há duas grandes descrições do crime de South Braintree ao longo da narrativa. A primeira delas é feita pelo personagem de Celestino Madeiros, ao lembrar de sua participação no delito de dentro de sua cela na prisão de Charlestown:

It was the miserable logic of his life and existence <sup>493</sup> that, when he was just eighteen years and one month old, they should come to him in Providence where they knew about him. Two men came to him. They were men with cold, hard eyes and evil ways, and they had already said to themselves that he, Celestino Madeiros, was of their own kind. So they came to him and told him about a job they had planned and prepared, and did he want to be in it?

(...) Yes – he would be on it.

A day after this discussion, on April 15<sup>th</sup> in the year 1920, this thief, Celestino Madeiros, got into a car with three other men. They drove north from Providence, Rhode Island, to the town of South Braintree in Massachusetts, where they arrived shortly before three o'clock in the afternoon. They parked their car in front of a shoe factory. Inside the shoe factory, a payroll of \$15,776.00 was being made up. They knew about this payroll, because they had their contacts inside the factory. Now they parked their car and waited until the payroll make-up was completed, and the two payroll guards came out of the factory, carrying the money in heavy metal boxes. That was just a minute or two before three o'clock. When these two guards appeared, two of the men who were in the car got out of the car and walked over to them and shot them down in cold blood – without even giving them a chance to

---

<sup>492</sup> “(...) seu comentário sobre ‘homens maus rondando a fábrica’, seu medo de que estivesse sendo seguido, sua recusa em agir como covarde, sua discussão violenta com estranhos que o ameaçavam, sua insônia e falta de apetite, seu senso de perdição iminente, sua saída mais cedo de casa no dia do crime, mesmo o beijo de adeus não-costumeiro e as ‘instruções finais’ à sua esposa (...)”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 308.

<sup>493</sup> Cabe mencionar, ainda que de passagem, que esta expressão da “lógica miserável de sua vida e existência” utilizada por Fast no início desta passagem alude ao trecho anterior em que ele apresenta Celestino Madeiros como um produto das desigualdades do capitalismo americano da virada para o século XX. Aquele é uma das poucas vezes que este contexto mais amplo é criticado de forma direta pelo romance. FAST, Howard. *The Passion of Sacco & Vanzetti*. A New England Legend. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 53-68.

surrender or run away. The two men picked up the payroll boxes and leaped back into the car, and then the car drove away”<sup>494</sup>.

Por meio deste trecho, situado logo no começo do livro, Fast busca não apenas expor para o leitor as circunstâncias do crime, mas também apresentar esta narrativa dos fatos como sendo correspondente à realidade do ocorrido, plasmando-a através da voz do personagem de Madeiros, participante confesso do assalto e, portanto, conhecedor de seus detalhes. A outra descrição dos eventos apresentada por Fast diz respeito à exposição oral do caso feita pelo personagem do Professor de Direito, diante da iminência da execução de Sacco e Vanzetti. Esta fala, que se estende ao longo de todo capítulo 3 do romance e contém diversos aspectos fundamentais para situar o leitor no contexto do caso, é justamente o trecho que possui uma correspondência direta com o artigo de Felix Frankfurter.

“As you know, the events which led to this pending execution, began a little more than seven years ago, on the fifteenth of April, in the year 1920, in the town of South Braintree, Massachusetts. At that time, Parmenter, a paymaster, and Berardelli, who was the paymaster’s guard, were shot and killed by two armed men. The weapons used were pistols. The paymaster and the guard were carrying two boxes which contained the payroll of the shoe factory of Slater and Morrill, which payroll amounted \$15,776.51. When the double murder occurred, the money was being carried from the shoe’s company office building to the factory, along the main street. Simultaneously with the murder, a car containing two other men, approached and halted at the spot, whereupon the thieves threw the payroll money into the car, leaped in, and drove away at high speed. After two days had passed, this car which had been used in the robbery, was found abandoned in the woods some distance from South Braintree and the police discovered tracks of a smaller car leading away from that spot. In other words, a separate car had met the murder car, taken on the criminals, and driven them away to safety.

At this very time, the police were investigating a crime of like nature in the town of Bridgewater, not far away. The two crimes were linked by the fact that, in each case, a car was used, and in each case observers expressed the opinion that the criminals were Italians.

---

<sup>494</sup> “Era a lógica miserável de sua vida e existência que, quando ele tinha apenas dezoito anos e um mês de idade, eles fossem procurá-lo em Providence, onde ouviram falar dele. Dois homens vieram a ele. Eram homens de olhar frio, duro e atitudes perversas, e eles já haviam dito a si mesmos que ele, Celestino Madeiros, era um dos seus. Então eles vieram até ele e lhe contaram de um trabalho que haviam planejado e preparado, e se ele queria participar dele?

(...) Sim – ele iria participar.

Um dia depois desta conversa, em 15 de abril do ano de 1920, este ladrão, Celestino Madeiros, entrou em um carro com três outros homens. Eles dirigiram para o norte de Providence, Rhode Island, para a cidade de South Braintree, Massachusetts, onde chegaram pouco antes das três horas da tarde. Eles estacionaram o carro em frente a uma fábrica de calçados. Dentro da fábrica de calçados, uma folha de pagamento de \$15.776,00 dólares estava sendo elaborada. Eles sabiam sobre a folha de pagamento, porque eles tinham seus contatos dentro da fábrica. Agora eles estacionaram o carro e esperaram até que a composição da folha de pagamento estivesse concluída e os dois guardas do pagamento saíssem da fábrica, carregando o dinheiro em pesadas caixas de metal. Isto foi apenas um ou dois minutos antes das três horas. Quando estes dois guardas apareceram, dois dos homens que estavam no carro saíram do carro e caminharam até eles e os abateram a sangue frio – sem sequer lhes dar uma chance de se render ou fugir. Os dois homens pegaram as caixas da folha de pagamento e saltaram de volta para dentro do carro, e então o carro foi embora”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 68-86.



Thereby, we have before us a situation where the police do have certain clues as to the perpetrators of a crime; they are looking for an Italian who owns a car; since in one of those crimes, the Bridgewater crime, the car had driven away in the direction of Cochesett, the police accepted the not unreasonable assumption that the Italian who owned the car might be living in that town.

I must interpose at this point, the fact that such a presumption would have been applicable to any New England industrial town; since there is no industrial town in this state which does not have a considerable Italian population, and since the very law of averages guarantees that at least one of the Italian residents would own a car. But this did not deter the police, who discovered in Cochesett, an Italian named Boda, who owned such a car.

Eliminating some of the details, we come to a garage owned by one Johnson, where Boda's car was found – having been brought there for repairs. The police instituted a watch, to determine who would call for the car. On the night of May fifth, about three weeks after the original crime, Boda and other three Italians did, in fact, call.

At this point something must be said of the framework, the milieu in which these events occurred, and something of the world as it existed at that time in terms of an Italian radical. I say an Italian radical, because this is an accurate description, philosophically, of both Sacco and Vanzetti, whether we refer to them as anarchists, as communists, or as socialists. In any case, they are radicals. At that time, in the spring of 1920, the life of a radical was a most uneasy life. Attorney General Palmer had undertaken proceedings for wholesale deportation of reds. Actions against radicals of foreign extraction were particularly savage, and very often these actions were taken in such terms as one finds difficult to accept today. For example, pertinent to this inquiry, is the case of Salsedo, an Italian, a radical, and a printer, who, in the spring of 1920, was held incommunicado in a room that was one of the offices of the Department of Justice – on the fourteenth floor of a building on Park Row in New York. The Italian Boda, who owned the car, and his comrades, were friends of the printer Salsedo. When they learned, on the fourth of May, that the smashed body of Salsedo had been found dead on the sidewalk outside the building on Park Row, after having fallen by force or accident, fourteen stories, they felt that a threat against themselves was imminent. They had radical literature which they felt the necessity to hide. There were friends of theirs who they felt were in danger and must be notified. In order to do those things, Boda's car would be helpful, and Boda and three friends called to see in the car was ready. They were told that the car was not ready, and no sooner had they left than Mrs. Johnson, the wife of the man who owned the garage, notified the police.

Sacco and Vanzetti were the two men who had come to call for the car with Boda. After leaving the garage, Sacco and Vanzetti got on a street car. A police officer boarded the car with them, and arrested them on the car. They appeared to have no notion as to why they were arrested; they made no resistance; they went with him quietly and peaceably<sup>495</sup>.

---

<sup>495</sup> ““Como vocês sabem, os eventos que levaram a esta pendente execução, começaram pouco mais de sete anos atrás, em quinze de abril, no ano de 1920, na cidade de South Braintree, Massachusetts. À época, Parmenter, um tesoureiro, e Berardelli, que era o guarda do tesoureiro, foram baleados e mortos por dois homens armados. As armas utilizadas eram pistolas. O tesoureiro e o guarda estavam carregando duas caixas que continham a folha de pagamento da fábrica Slater e Morrill, cujo valor totalizava \$15.776,51. Quando o duplo assassinato ocorreu, o dinheiro estava sendo carregado do prédio do escritório da companhia de calçados para a fábrica, ao longo da rua principal. Simultaneamente com o assassinato, um carro contendo dois outros homens se aproximou e parou no local, após o que os ladrões jogaram a folha de pagamento para dentro do carro, saltaram para dentro, e fugiram em alta velocidade. Depois de dois dias, o carro que havia sido usado no roubo foi encontrado abandonado em um bosque a pouca distância de South Braintree e a polícia descobriu rastros de um carro menor que se afastava daquele local. Em outras palavras, um outro carro havia encontrado o carro do assassinato, pegado os criminosos e os levado para segurança.

Ao compararmos esta síntese como o escrito por Frankfurter em seu artigo, podemos perceber, de fato, que as frases são muito semelhantes entre si, ainda que levemente modificadas. A construção da linha argumentativa, no entanto, é praticamente idêntica. Isso se deve ao fato, como já argumentado, do personagem do Professor ser um *alter ego* de Felix Frankfurter, na época professor de direito em Harvard, que argumentou contra os procedimentos judiciais que condenaram Sacco e Vanzetti. Neste sentido – não justificando um possível uso indevido de propriedade intelectual – a utilização de seu texto, na fala do pouco disfarçado Professor, está relacionada à produção de um efeito de credibilidade à narração dos acontecimentos, apresentando para o leitor o transcorrer do caso de forma idônea, legítima, verdadeira.

Na mesma perspectiva, Fast reproduz no discurso do Professor os argumentos apresentados por Frankfurter sobre o problema da identificação de Sacco e Vanzetti como os criminosos, a partir dos depoimentos das testemunhas:

---

Nesta mesma época, a polícia estava investigando um crime da natureza semelhante na cidade de Bridgewater, não muito longe dali. Os dois crimes estavam ligados pelo fato de que, em cada caso, um carro foi usado e, em cada caso, observadores expressaram a opinião de que os criminosos eram italianos.

Desse modo, temos diante de nós uma situação em que a polícia tem certas pistas quanto aos perpetradores do crime; eles estão procurando por um italiano que possua um carro; como em um destes crimes, o crime de Bridgewater, o carro fugiu na direção de Cochesett, a polícia aceitou a não despropositada suposição de que o italiano que possuía o carro poderia estar morando naquela cidade.

Eu devo interpor neste ponto o fato de que tal pressuposição seria aplicável a qualquer cidade industrial da Nova Inglaterra; visto que não há nenhuma cidade industrial neste estado que não tenha uma considerável população italiana e visto que a própria lei da média garante que ao menos um dos residentes italianos possua um carro. Mas isto não deteve a polícia, que descobriu em Cochesett um italiano chamado Boda, que possuía tal carro.

Eliminando alguns dos detalhes, chegamos à garagem de propriedade de um certo Johnson, onde o carro de Boda foi encontrado – tendo sido levado até lá para reparos. A polícia instituiu uma vigia, para determinar quem iria atrás do carro. Na noite de cinco de maio, cerca de três semanas após o crime original, Boda e três outros italianos de fato foram atrás.

Neste ponto algo deve ser dito do enquadramento, do ambiente em que estes eventos ocorreram, e algo do mundo tal como ele existia na época em termos de um radical italiano. Eu digo um radical italiano, porque esta é uma descrição precisa, filosoficamente, de ambos Sacco e Vanzetti, quer nos refiramos a eles como anarquistas, como comunistas ou como socialistas. Em todo caso, são radicais. Na época, na primavera de 1920, a vida de um radical era uma vida bastante intranquila. O Procurador Geral Palmer havia tomado medidas para a deportação generalizada de ‘vermelhos’. Ações contra radicais de origem estrangeira eram particularmente ferozes e muito frequentemente estas ações foram tomadas em termos tais que seriam difíceis de aceitar hoje em dia. Por exemplo, pertinente a esta investigação é o caso de Salsedo, um italiano, um radical e um tipógrafo, que, na primavera de 1920, foi mantido incomunicável em um quarto que era um dos escritórios do Departamento de Justiça – no décimo quarto andar de um prédio na Park Row em Nova York. O italiano Boda, que era dono do carro, e seus camaradas eram amigos do tipógrafo Salsedo. Quando eles souberam, no dia quatro de maio, que o corpo esmagado de Salsedo havia sido encontrado morto na calçada do edifício na Park Row, depois de ter caído à força ou por acidente, por quatorze andares, eles sentiram que uma ameaça contra eles mesmos era iminente. Eles possuíam literatura radical que sentiram a necessidade de esconder. Havia amigos deles que eles sentiram que estavam em perigo e precisavam ser avisados. De modo a fazer tais coisas, o carro de Boda seria útil, e Boda e três amigos foram ver se o carro estava pronto. Foi dito a eles que o carro não estava pronto e, assim que saíram, a Sra. Johnson, a mulher do homem que possuía a oficina, notificou a polícia.

Sacco e Vanzetti eram os dois homens que haviam ido checar o carro com Boda. Depois de deixarem a oficina, Sacco e Vanzetti entraram em um bonde. Um oficial da polícia embarcou no bonde com eles e os prendeu no bonde. Eles pareciam não ter ideia de por que estavam presos; eles não resistiram; eles foram com ele quieta e pacificamente”. Tradução minha. Ibid., 469-503.

“During the course of the Trial, fifty-nine witnesses testified for the prosecution, for the Commonwealth of Massachusetts. Their testimony included statements that they had seen the defendants in South Braintree on the morning of the murder, that they had recognized Sacco as one of the murderers, and Vanzetti as one of the people in the car. On the other hand, witnesses for the defense provided both Sacco and Vanzetti with alibis. Sworn witnesses for the defense testified that on April 15<sup>th</sup>, Sacco was in Boston, making inquiries concerning a passport for Italy. These witnesses are supported by an official of the Italian consulate, who deposed that Sacco had visited the consulate in Boston at 2:15 p.m., the day the murder took place. Witnesses for Vanzetti testified that on April 15<sup>th</sup>, the day the murder took place, he was pursuing his trade as a fish peddler, a goodly distance from South Braintree, at the very time the murders were committed. In other words, witness after witness gave sworn testimony to the fact that it would have been utterly impossible for either Sacco or Vanzetti to have been involved in the crime which was committed at South Braintree.

One would think, in the light of this, that questions of the guilt or innocence of Sacco and Vanzetti could not readily arise or find support among thoughtful people. However, it is not quite so simple, nor are all people thoughtful in that sense. There were also numerous witnesses for the Commonwealth of Massachusetts, who swore under oath that Sacco and Vanzetti took part in the crime. Thus we are faced with the question of totally contradictory evidence<sup>496</sup>.

Diante da ausência da chamada “undisputable eyewitness evidence”<sup>497</sup> para a condenação, como previa a lei anglo-saxã, o veredito de Sacco e Vanzetti foi baseado em evidências circunstanciais – às quais Fast passa a analisar por meio da palestra do professor. Como exemplos de depoimentos problemáticos que acabaram por ter um peso na decisão condenatória, ele cita os casos emblemáticos das declarações das testemunhas Mary Splaine e Lewis Pelsler, também retirados do texto de Frankfurter:

“I will not and cannot, in the time that I have here, go into a witness by witness examination of the evidence or of the character of those who gave evidence. I desire instead to establish some general conditions as to the trustworthiness of evidence funneled through the eyes of angry or prejudiced people. One witness, for example, gave a most extraordinary performance in powers of observation, memory and recollection. It is worth repeating here, because it is so typical of the manner in

<sup>496</sup> “Durante o curso do julgamento, cinquenta e nove testemunhas depuseram para a acusação, para a Comunidade de Massachusetts. Seus testemunhos incluíram declarações de que eles haviam visto os réus em South Braintree na manhã do assassinato, que eles haviam reconhecido Sacco como um dos assassinos, e Vanzetti como uma das pessoas no carro. Por outro lado, testemunhas pela defesa providenciaram alibis tanto para Sacco como para Vanzetti. Testemunhas juramentadas pela defesa depuseram que, em 15 de abril, Sacco estava em Boston, fazendo consultas quanto a um passaporte para a Itália. Estas testemunhas são amparadas por um oficial do consulado italiano, que depôs que Sacco havia visitado o consulado em Boston às 2:15 da tarde, no dia que aconteceram os assassinatos. Testemunhas para Vanzetti depuseram que em 15 de abril, o dia que aconteceu o assassinato, ele estava exercendo sua ocupação como vendedor ambulante de peixes, a uma boa distância de South Braintree, na hora exata em que os assassinatos foram cometidos. Em outras palavras, testemunha após testemunha deram depoimentos juramentados com relação ao fato de que teria sido completamente impossível que tanto Sacco como Vanzetti estivessem envolvidos no crime que foi cometido em South Braintree.

Poder-se-ia pensar, em vista disso, que questões sobre a culpa ou a inocência de Sacco e Vanzetti não poderiam facilmente surgir ou encontrar apoio entre pessoas sensatas. No entanto, não é tão simples, nem são sensatas todas as pessoas neste sentido. Houve também várias testemunhas para a Comunidade de Massachusetts, que juraram que Sacco e Vanzetti participaram do crime. Assim, somos deparados com a questão de evidências totalmente contraditórias”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 522-531.

<sup>497</sup> “Evidência indiscutível de testemunhas oculares”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 574.

which these identifications of Sacco and Vanzetti as the criminals were obtained. This witness' name is Mary E. Splaine. Shortly after the crime was committed, the Pinkerton Detective Agency showed Miss Splaine some rogues' gallery of criminals, and Miss Splaine selected a picture of one Tony Palmisano as a bandit she saw in the automobile. However, fourteen months later, she identified Nicola Sacco as the person seen in the automobile.

The circumstances of her original observation of the crime are equally interesting. She was working on the second floor of a building across the street from where the murder occurred. When the explosion of shots sounded, she dropped her work and rushed to the window. You can imagine with what excitement such an action was accompanied. When she reached the window, the murder car was already pulling away, and thus, she had just a momentary glimpse of the car before it vanished. But fourteen months after she had that momentary glimpse, here is how she exercised her powers of recollection as a witness. I now quote from the trial record.

*Question:* 'Can you describe him to these gentlemen here?'

Whereupon, Miss Splaine answered: 'Yes, sir. He was a man that I would say was slightly taller than I am. He weighted possibly from 140 to 155 pounds. He was a muscular – he was an active looking man. I noticed particularly the left hand was a good-sized hand, a hand that denoted strength or a shoulder that-

*Question:* 'So that the hand you said you saw where?'

*Answer:* 'The left hand, that was already on the back of the front seat, on the back of the front seat. He had a gray, what I thought was a shirt, had a grayish, like navy color, and the face was what we would call clear-cut, clean-cut face. Through here he was a little narrow, just a little narrow. The forehead was high. The hair was brushed back and it was between, I should think, two inches and two and one-half inches in length, and had dark eyebrows, but the complexion was a white, peculiar white that looked greenish'.

There is her description of what she had seen in her brief glimpse fourteen months before. Also in the course of the recollection, she identified Nicola Sacco as the man she had seen. One would say, in the normal course of things, that such recollection under the circumstances, and such identification, is not only impossible, but to some extent, monstrous. Monstrous, that is, in a manner better explained through the experience of one Lewis Pelsler. Like Miss Splaine, Pelsler at first could not identify Sacco and Vanzetti, but again like Miss Splaine, he recovered remarkable powers of recall. At the time that Sacco and Vanzetti were arrested, Pelsler was taken by the police to look at them. He stated that he could not possibly identify them as the criminals. Whereupon, Pelsler, who worked for a shoe company closely associated with Slater and Morril, the firm which had been robbed, was suddenly discharged and found himself jobless. A few weeks later, his power of recall freshened. He was re-employed by the same shoe company, and now he was suddenly able to identify Sacco and Vanzetti as the criminals. He was not the only one. In case after case, recollection and joblessness were intimately linked. Sometimes, when the weapon of discharge could not be employed, the District Attorney and those who cooperated with him on such matters, in their zealotry to bring the criminals to justice, used every manner of threat, both directly and by innuendo. Sometimes this procedure was so bare-faced that the proof of it remains for us in the trial record itself<sup>498</sup>.

---

<sup>498</sup> “Eu não posso e não vou, no tempo que tenho aqui, entrar em um exame, testemunha por testemunha, das evidências ou do caráter daqueles que forneceram as evidências. Eu quero, em vez disso, estabelecer algumas condições gerais quanto à confiabilidade de evidências canalizadas através dos olhos de pessoas raivosas ou preconceituosas. Uma testemunha, por exemplo, mostrou um desempenho extraordinário em termos de poderes de observação, memória e recordação. É válido repeti-lo aqui, porque ele é muito típico da maneira como estas identificações de Sacco e Vanzetti como os criminosos foram obtidas. O nome desta testemunha é Mary E. Splaine. Pouco depois que o crime foi cometido, a Agência de Detetives de Pinkerton mostrou para a Senhorita

Tendo apresentado estes exemplos de testemunhos, que chegam a ser chocantes pelo absurdo de terem sido considerados válidos enquanto provas, Fast segue tratando, por meio do Professor, o problema das evidências, abordando a seguir a polêmica da questão balística:

“I come to the circumstantial evidence now. When Sacco and Vanzetti were arrested, Sacco possessed a pistol. That pistol was introduced as evidence in the trial, and a famous ballistic expert, Captain Proctor by name, was called in to examine the pistol found on Sacco, and to offer an opinion as to whether a bullet taken from a murder victim’s body was actually fired from this pistol. A capable ballistics expert is able to make a fairly certain determination in such cases, and Captain Proctor was considered to be this type of expert. He made his examination, and he came to the conclusion that the bullet used in the murder could not have been fired from the pistol owned by and found on Nicola Sacco. However, the District Attorney in the case seems to have discussed the matter with Captain Proctor, and rather than have his case shattered, prevailed upon Captain Proctor to answer the question: ‘Have you an opinion as to whether the bullet number three was fired from the Colt automatic which is in evidence [Sacco’s pistol]?’ in this strange manner: ‘My opinion is that it is consistent with being fired from that pistol’.

---

Splaine uma galeria de criminosos e a Senhorita Splaine selecionou uma foto de um certo Tony Palmisano como o bandido que ela viu no automóvel. No entanto, quatorze meses depois, ela identificou Nicola Sacco como a pessoa vista no automóvel.

As circunstâncias de sua observação inicial do crime são igualmente interessantes. Ela estava trabalhando no segundo andar de um prédio do outro lado da rua de onde o assassinato ocorreu. Quando a explosão dos tiros soou, ela largou o trabalho e correu para a janela. Vocês podem imaginar de quanta excitação tal ação foi acompanhada. Quando ela alcançou a janela, o carro do assassinato já estava indo embora e, portanto, ela teve somente um vislumbre momentâneo do carro antes que ele desaparecesse. Mas quatorze meses depois que ela teve aquele vislumbre momentâneo, aqui está como ela exerceu seus poderes de recordação como testemunha. Eu agora cito dos registros do julgamento.

*Pergunta:* ‘Você pode descrevê-lo para os cavalheiros aqui?’

A partir do que, a Senhorita Splaine respondeu: ‘Sim, senhor. Ele era um homem que eu diria que era um pouco mais alto do que eu. Ele pesava possivelmente entre 140 e 155 libras. Ele era um musculoso – ele era um homem que parecia ativo. Eu notei particularmente que a mão esquerda era uma mão de bom tamanho, uma mão que denotava força ou um ombro que-’

*Pergunta:* ‘Então esta mão, você disse que viu aonde?’

*Resposta:* ‘A mão esquerda, que já estava atrás do banco dianteiro, atrás do banco dianteiro. Ele tinha uma cinza, o que eu achei que era uma camiseta cinza, de cor como marinho, e o rosto era o que poderíamos chamar de bem definido, bem delineado. Apesar de que aqui ele era um pouco estreito, só um pouco estreito. A testa era alta. O cabelo era penteado para trás e tinha entre, eu acredito, duas polegadas e duas polegadas e meia de comprimento, e tinha sobrancelhas escuras, mas a compleição era de um branco, um branco peculiar que parecia esverdeado’.

Aí está sua descrição do que ela havia visto em seu breve vislumbre quatorze meses antes. Também, no curso de sua recordação, ela identificou Nicola Sacco como o homem que havia visto. Poder-se-ia dizer, no curso normal das coisas, que tal recordação, sob estas circunstâncias, e tal identificação é não apenas impossível, mas, até certo ponto, monstruosa. Monstruosa, isto é, na maneira melhor explicada através da experiência de um certo Lewis Pelser. Como a Senhorita Splaine, Pelser de início não pôde identificar Sacco e Vanzetti, mas, novamente como a Senhorita Splaine, ele recuperou notáveis poderes de recordação. Na época que Sacco e Vanzetti foram presos, Pelser foi levado pela polícia para olhá-los. Ele afirmou que não poderia de maneira nenhuma identificá-los como os criminosos. A partir disto, Pelser, que trabalhava para uma companhia de calçados intimamente associada à Slater e Morrill, a firma que havia sido roubada, foi subitamente despedido e se encontrou desempregado. Algumas semanas depois, seu poder de recordação se revigorou. Ele foi readmitido pela mesma companhia de calçados, e agora ele foi subitamente capaz de identificar Sacco e Vanzetti como os criminosos. Ele não foi o único. Caso após caso, recordação e desemprego estavam intimamente ligados. Algumas vezes, quando a arma da demissão não podia ser empregada, o Promotor e aqueles que cooperavam com ele em tais assuntos, em seu zelo por trazer os criminosos à justiça, usaram toda forma de ameaça, tanto direta como por insinuação. Algumas vezes este procedimento foi tão descarado que provas dele permanecem para nós nos próprios registros do julgamento”’. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 531-557.

There is an answer, gentlemen, that will echo and reecho for a long time in the pages of history. What does *consistent* mean in this case? The jury evidently took it to mean that he identified Sacco's pistol as the murder weapon. Such it would seem to me in plain English, as we know plain English. However, it meant nothing of the sort. It was the compromise decided upon by the District Attorney and the ballistics expert, and afterwards, in a deposition, this same ballistics expert said the following:

'Had I been asked the direct question: whether I had found any affirmative evidence whatever that this so called mortal bullet had passed through this particular Sacco's pistol, I should have answered then, as I do now without hesitation, in the negative'<sup>499</sup>.

Esta apresentação feita pelo personagem do Professor de Direito, discorrendo sobre as inadequações das provas contra Sacco e Vanzetti, é complementada pela afirmação da parcialidade do julgamento. De fato, o próprio Professor descreve o promotor e o juiz como: "(...) a venal district attorney and a prejudiced judge"<sup>500</sup>. Além disso, ele lança dúvidas sobre a idoneidade da condução dos interrogatórios quando da prisão dos acusados:

"(...) it must be noted that at the time of their arrest, Sacco and Vanzetti spoke English very poorly. Neither of them, at the time, could make himself clearly understood in the English language, nor was either of them capable of comprehending the meaning of English directed at him and spoken quickly. In the seven years since then, this situation has changed, and as prisoners, both of these men have applied themselves to the language and have to, a large extent, mastered it. However, at that time, they often misunderstood questions put to them, and answers which they gave were misinterpreted. The court interpreter who was used, indulged in practices which raise grave doubts as to his honesty"<sup>501</sup>.

<sup>499</sup> "Eu chego às evidências circunstanciais agora. Quando Sacco e Vanzetti foram presos, Sacco possuía uma pistola. Aquela pistola foi introduzida como evidência no julgamento e um famoso perito em balística, Capitão Proctor, por nome, foi chamado a examinar a pistola encontrada com Sacco e a oferecer uma opinião sobre se a bala retirada do corpo de uma vítima do assassinato foi efetivamente disparada desta pistola. Um perito em balística qualificado é capaz de fazer uma determinação bastante certa em tais casos, e o Capitão Proctor era considerado como este tipo de perito. Ele fez seu exame e chegou à conclusão de que a bala usada no assassinato não poderia ter sido disparada da pistola de propriedade de e encontrada com Nicola Sacco. No entanto, o Promotor do caso parece ter discutido a questão com o Capitão Proctor, e ao invés de ter seu caso despedaçado, prevaleceu sobre o Capitão Proctor que respondesse a seguinte pergunta: 'Você tem uma opinião sobre se a bala número três foi disparada da Colt automática que está como evidência [a pistola de Sacco]?' desta estranha maneira: 'Minha opinião é de que é consistente com tendo sido disparado desta pistola'.

Aí esta uma resposta, cavalheiros, que irá ecoar e re-ecoar por um longo tempo nas páginas da história. O que *consistente* significa neste caso? O júri evidentemente entendeu que ele queria dizer que identificava a pistola de Sacco como a arma do crime. Tal me pareceria em inglês simples, como conhecemos o inglês simples. No entanto, não significava nada disso. Foi o compromisso a que chegaram o Promotor e o perito em balística e, depois, em um depoimento, este mesmo perito em balística disse o seguinte:

'Se eu tivesse sido perguntado a questão direta: se eu encontrei alguma evidência afirmativa de que essa assim chamada bala mortal passou através desta pistola particular de Sacco, eu teria respondido então, como eu faço agora sem hesitação, negativamente'. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 583-591.

<sup>500</sup> "(...) um promotor venal e um juiz preconceituoso". Tradução minha. *Ibid.*, pos. 600.

<sup>501</sup> "(...) deve ser notado que à época de sua prisão, Sacco e Vanzetti falavam inglês muito mal. Nenhum deles, na época, podia se fazer compreender o sentido de palavras em inglês dirigidas a eles e faladas rapidamente. Nos sete anos desde então esta situação mudou e, como prisioneiros, ambos se dedicaram à língua e, em grande medida, a dominaram. No entanto, na época, eles frequentemente entendiam errado questões dirigidas a eles e as respostas que deram foram mal interpretadas. O intérprete da corte que foi usado recorreu a práticas que levantam sérias dúvidas quanto à sua honestidade". Tradução minha. *Ibid.*, pos. 514.

Todas estas impropriedades, de acordo com a narrativa construída por Fast, são o resultado do deliberado desejo de condenar Sacco e Vanzetti, diante do contexto da época:

“(…) Certain people believe with great intensity that Sacco and Vanzetti cannot be allowed to remain alive. I state this gravely but unhesitatingly.

It is important to recollect that the crime at South Braintree took place at a particular time, a strange, and to some extent, awful time in the history of this country. The passions of the entire country were inflamed by the notorious mass arrests which were instituted by Attorney General Palmer. Reds and Bolsheviks were everywhere, on every corner, in every dark alley, in every factory, and particularly in those factories where workers murmured that their wages were insufficient to feed and clothe their families. Strangely, or not so strangely, this condition created bewhiskered devils who, loaded with bombs, were found behind every bush – and the identity of these Bolsheviks and agitators with Americans of foreign extraction was implied if not stated every day in almost every newspaper in the land. Millions and millions of people were led to believe that there was a radical threat to the very existence of this country as a free nation. Within this inflamed situation, a particularly cold-blooded and brutal crime took place here in Massachusetts, and the fairly trustworthy identification of the criminals as Italians, further inflamed already existing prejudices”<sup>502</sup>.

Este é um dos poucos trechos em que este contexto de agitação anarquista, de “Red Scare” e da consequente repressão aos movimentos de esquerda é posto de forma explícita para o leitor. A partir desta realidade, Fast acreditava que Sacco e Vanzetti haviam sido intencionalmente incriminados, por serem anarquistas, de modo a servirem de exemplo aos outros radicais do país. Efetivamente, o principal elemento de contextualização apresentado por Fast no decorrer de *The Passion of Sacco and Vanzetti* é justamente o próprio posicionamento muito claro e irredutível, o de que Sacco e Vanzetti eram inocentes e haviam sido incriminados por sua militância política.

Em conclusão, expusemos aqui alguns elementos de relevância para compreendermos minimamente o contexto dos Estados Unidos na virada do século XX. Diante do progresso da sociedade capitalista americana e da demanda por mão-de-obra nas mais variadas atividades

---

<sup>502</sup> ““(…) Certas pessoas acreditam com grande intensidade que Sacco e Vanzetti não podiam ser permitidos a continuarem vivos. Eu afirmo isso gravemente mas sem hesitação.

É importante lembrar que o crime em South Braintree teve lugar em um momento particular, uma estranha e, até certo ponto, terrível época na história deste país. As paixões de todo o país estavam inflamadas pelas notórias prisões em massa que foram instituídas pelo Procurador-Geral Palmer. ‘Vermelhos’ e bolcheviques estavam em toda parte, em todo beco escuro, em toda fábrica e particularmente em toda fábrica onde trabalhadores murmuravam que seus salários eram insuficientes para alimentar e vestir suas famílias. Estranhamente, ou não tão estranhamente, esta condição criou demônios bigodudos que, carregados de bombas, eram encontrados atrás de todo arbusto – e a identificação destes bolcheviques e agitadores com americanos de origem estrangeira foi insinuada, senão afirmada, todos os dias em quase todo jornal do país. Milhões e milhões de pessoas foram levadas a acreditar que havia uma ameaça radical à própria existência deste país como uma nação livre. Dentro desta situação inflamada, um crime particularmente brutal e executado a sangue frio aconteceu aqui em Massachusetts e a relativamente confiável identificação dos criminosos como italianos inflamou ainda mais os preconceitos existentes””. Tradução minha. Ibid., pos. 565-574.

industriais, um grande contingente de imigrantes europeus, dos quais grande parte era italiana, se estabeleceu no país, em busca de melhores oportunidades de emprego e de vida. Ao mesmo tempo, porém, as precárias condições de trabalho e de remuneração nas fábricas americanas fizeram deste um momento de efervescência de ideologias e movimentos de trabalhadores de esquerda – entre eles, o anarquismo – aos quais muitos imigrantes se vincularam e, ao mesmo tempo, de disseminação de um temor pela “ameaça vermelha”, que levou a diversas medidas de repressão governamental. No mesmo sentido, apresentamos, envolvidos neste contexto, os fatos, argumentos e evidências necessários para o entendimento do caso, julgamento e condenação de Sacco e Vanzetti, com todas suas fragilidades e impropriedades.

Todos estes elementos são importantes para compreendermos o período e os acontecimentos aos quais a obra *The Passion of Sacco and Vanzetti* faz referência. Mais do que isto, a própria narrativa do romance introduz muitos destes aspectos, particularmente detalhes importantes do caso, sobretudo, a partir dos argumentos sintetizados pelo artigo de Felix Frankfurter. Neste sentido, também, o principal posicionamento em termos desta contextualização apresentado pelo livro diz respeito à concepção defendida por Howard Fast de que Sacco e Vanzetti eram inocentes, trabalhadores imigrantes incriminados de forma exemplar por seu envolvimento com o movimento anarquista. É justamente a partir da base deste entendimento que se desenrolam as questões que abordaremos nos capítulos seguintes – e, de modo equivalente, as noções e panoramas analisados anteriormente neste capítulo a respeito de *The Last Frontier* e *Freedom Road* configuram o fundamento das questões pertinentes a estas obras que analisaremos na sequência.



#### 4 DIREITOS POLÍTICOS, TERRA E EDUCAÇÃO: UM PASSADO DE LUTAS E REIVINDICAÇÕES

*Democracy will not come  
Today, this year  
Nor ever  
Through compromise and fear.*

*I have as much right as the other fellow has  
To stand  
On my two feet  
And own the land.*

*I tire so of hearing people say,  
Let things take their course.  
Tomorrow is another day.  
I do not need my freedom when I'm dead.  
I cannot live on tomorrow's bread.*

*Freedom  
Is a strong seed  
Planted  
In a great need.  
I live here, too.  
I want freedom  
Just as you.*

Langston Hughes<sup>503</sup>

Em um artigo intitulado *Reading Hayden White Reading*<sup>504</sup>, Hans Kellner, estudioso da obra de White, traça algumas considerações a respeito de como interpretar determinados aspectos dela, presentes, sobretudo, em seu livro seminal, *Meta-história*. Conforme sugerido no próprio título do artigo, Kellner procura enfatizar a questão da leitura de White, que pauta suas análises. De fato, podemos destacar duas ideias centrais desenvolvidas por ele ao longo do texto: a de que a principal realização de White em *Meta-história* foi introduzir um método muito particular e original de leitura dos textos históricos, inspirado nas leituras estilísticas de Erich Auerbach em *Mimesis*, focado em citar as palavras diretas dos autores, em vez de recorrer à paráfrase; e a de que subjaz a *Meta-história* uma importante base existencialista, segundo a qual os seres humanos tem a liberdade de constituírem seus próprios presentes,

<sup>503</sup> “A democracia não virá / Hoje, este ano / Nem nunca / Através de compromisso e medo. Eu tenho tanto direito quanto a outra pessoa tem / De me erguer / Com meus dois pés / E possuir a terra. Eu canso de ouvir as pessoas dizerem, / *Deixe as coisas seguirem seu curso / Amanhã é outro dia.* / Eu não preciso de minha liberdade quando eu estiver morto. / Eu não posso viver do pão de amanhã. Liberdade / É uma forte semente / Plantada / Em uma grande necessidade. / Eu vivo aqui, também. / Eu quero liberdade / Assim como você”. Tradução minha. LANGSTON HUGHES, James Mercer. “Democracy”. In: *Selected Poems of Langston Hughes*. New York: Vintage Books, 1990, p. 77.

<sup>504</sup> KELLNER, Hans. “Reading Hayden White Reading”. *Storia della Storiografia*, vol. 65, n. 1. Pisa: Fabrizio Serra Editore, 2014, p. 77-88.

seus próprios passados e escolherem as suas identidades, elemento que é um traço fundamental do conjunto da obra de White.

De fato, esta última concepção já havia sido prefigurada por White em seu pouco conhecido artigo “*What is a Historical System?*”, no qual delineou uma abordagem liberacionista para a interpretação histórica:

“What Is A Historical System” was delivered at a conference on biological systems and must have seemed quite peculiar in that context because White’s basic contention was that, while biological ancestry is determinate and follows the forward arrow of time, historical ancestry is theoretically free and drawn from a choice of the elements of the given past with which a group wishes to identify at a moment of cultural crisis. A historical system, in other words, allows us to *choose our ancestors*; using White’s later language, we fulfill the past by selecting the figures that we wish to define us<sup>505</sup>.

Tal abordagem, que considera que as pessoas são livres para escolherem seus próprios passados, para conformarem sua própria identidade e projetarem o futuro a que almejam, passa de modo fundamental pela questão da leitura, a qual, por sua vez, constitui uma prática essencialmente figurativa:

The logic of Hayden White as a strong reader leads us to say, then, that writing is always figurative. The author, or scriptor, or whatever productive force one chooses to posit, is never complete, always an artifact from the past in need of an infusion of realization, a meaning, and perhaps an inflation. And this fulfillment comes from a reader. Reading is both fulfillment and choice. It is the existential freedom to choose an identity or to create a new set of cultural possibilities, new precursors, by filling old texts and forms with new contents. This is where the thread of existential freedom that has been a part of White’s vision from the start finds its true expression. Reading is fulfillment in the sense of existential choice. It is also, for Hayden White, an opportunity to bring reason, meaning, and form into an environment that many have found to be chaos, absurdity, and mere nature. It is not too much to say that, for White, reading itself is the most important cultural product.

Forty years after the appearance of *Metahistory*, we might consider it as more than a theory of the historical text, and rather as a book of readings with a methodological preface. The readings, in my opinion, are too little studied and commented upon, while the theoretical preface, large and rich as it is, has commanded much attention, then and now, by those who sought guidance for their work. I believe, however, that the readings in *Metahistory* are the heart of this book about the nineteenth-century historical imagination, and that White may have undertaken the whole venture to show how Michelet, Tocqueville, Croce, Nietzsche, and the others, could be *read*, rather than to present a template of analytical angles<sup>506</sup>.

<sup>505</sup> “‘*O que é um Sistema Histórico*’ foi proferido em uma conferência sobre sistemas biológicos e deve ter parecido bastante peculiar naquele contexto, porque a afirmação básica de White era que, enquanto a ancestralidade biológica era determinada e seguia uma linha progressiva no tempo, a ancestralidade histórica era teoricamente livre e derivada de uma escolha dos elementos de determinado passado com os quais um grupo deseja se identificar em um momento de crise cultural. Um sistema histórico, em outras palavras, nos permite *escolher nossos ancestrais*; usando a linguagem posterior de White, nós realizamos o passado ao selecionar as figuras que desejamos que nos definam”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 77.

<sup>506</sup> “A lógica de Hayden White como um leitor forte nos leva a dizer, então, que a escrita é sempre figurativa. O autor, ou escritor, ou qualquer força produtiva que se escolha postular, nunca é completo, é sempre um artefato

Essencialmente, Kellner está preocupado com a questão de como White lê seus autores, e, para ele, o grande mérito de *Meta-história* é ser um livro de leituras de escritores clássicos, demonstrando formas pelas quais eles podem ser lidos, mais do que um livro que pretendia estabelecer grandes corolários teóricos. Neste sentido, Kellner salienta ainda que, para ele: “(...) White is above all a reader who teaches by examples, always coming upon something that he wants to use to illustrate an idea. And *Metahistory*, of course, is the most striking instance of this”<sup>507</sup>. Efetivamente, em *Meta-história*, White apresenta um modo de trabalhar com textos, recorrendo diretamente a trechos e citações de modo – algo que, de acordo com Kellner, os historiadores não estão acostumados a fazer, tomando, em geral, textos como transparentes, dados, com um sentido já dado, determinado, unívoco:

Pre-*Metahistory*, White spoke of his authors with an assured voice that needed few citations to make its points. The reader was presumed to know the works mentioned (or at least know about them), and, as reasonable people, to accept one obvious reading, which could be used to justify analytical comments about matters larger than the works themselves or their authors. One might call this a historian’s reading. What is distinctive here is White’s belief that a novelist and a philosopher are to be spoken of as equals in intellectual historical reflection. This belief, this faith in literature, will grow steadily as the decades pass, until he suggests that the novelists are the true historians<sup>508</sup>.

Nossa análise ao longo deste trabalho, sobretudo neste e nos dois capítulos que se seguem, encontra inspiração nos pressupostos acima explanados. De fato, considerando que a literatura pode ter uma importância tão significativa quanto a historiografia para a reflexão

---

do passado que necessita de uma infusão de realização, um sentido, e talvez uma inflação. E esta realização vem de um leitor. A leitura é tanto realização quanto escolha. É a liberdade existencial de escolher uma identidade ou de criar um novo conjunto de possibilidades culturais, novos precursores, ao preencher textos e formas antigos com novos conteúdos. Aqui é onde a linha de liberdade existencial que tem sido parte da visão de White desde o início encontra sua verdadeira expressão. A leitura é realização no sentido de escolha existencial. É também, para Hayden White, uma oportunidade para trazer razão, sentido e forma a um ambiente que muitos consideram ser caos, absurdo e mera natureza. Não é demasiado dizer que, para White, a leitura em si mesma é o mais importante produto cultural.

Quarenta anos depois da aparição de *Meta-história*, nós podemos considerá-la como mais que uma teoria do texto histórico, e antes um livro de leituras com um prefácio metodológico. As leituras, na minha opinião, são muito pouco estudadas e comentadas, enquanto o prefácio teórico, grande e rico como é, chamou muita atenção, então e agora, para aqueles que buscaram orientação para seu trabalho. Eu acredito, no entanto, que as leituras em *Meta-história* são o coração deste livro sobre a imaginação histórica do século XIX, e que White pode ter realizado toda a empreitada para demonstrar como Michelet, Tocqueville, Croce, Nietzsche e os outros poderia ser lidos, mais do que para apresentar um modelo de ângulos analíticos”. Tradução minha. Ibid., p. 86.

<sup>507</sup> “Pois White é acima de tudo um leitor que ensina por meio de exemplos, sempre encontrando algo que quer usar para ilustrar uma ideia. E *Meta-história*, é claro, é o exemplo mais impressionante disto”. Tradução minha. Ibid., p. 78-79.

<sup>508</sup> “Antes de *Meta-história*, White falava de seus autores com uma voz confiante que necessitava de poucas citações para estabelecer seus argumentos. Presumia-se que o leitor conhecia os trabalhos mencionados (ou ao menos conhecia sobre eles) e, como pessoa razoável, aceitaria uma leitura óbvia, que podia ser usada para justificar comentários analíticos sobre questões maiores que as obras em si ou seus autores. Poder-se-ia chamar isto de uma leitura de historiador. O que é distintivo aqui é a crença de White de que um romancista e um filósofo devem ser referidos como iguais na reflexão intelectual histórica. Esta crença, esta fé na literatura, cresceria ao longo das décadas, ao ponto de ele sugerir que os romancistas são os verdadeiros historiadores”. Tradução minha. Ibid., p. 79.

histórica, podemos também conceber a leitura nesta acepção de White, como uma prática cultural eminentemente figurativa e de base existencialista, que permite ao leitor escolher seu passado e seus antepassados, conformando sua identidade e respaldando um projeto de futuro. Cabe reforçar que, logicamente, isto não significa que exista uma validade irrestrita nas afirmações sobre o passado, como algumas más interpretações da obra de White apontaram; ao contrário, tais escolhas são, em última análise, pautadas por valores morais e estéticos<sup>509</sup>. Além disso, o próprio modo de leitura peculiar de White, expresso em sua plenitude em *Meta-história*, nos incentiva a recorrer diretamente a exemplos do texto para apresentar e fundamentar nossos argumentos, ainda que de modo menos sofisticado.

Desta forma, no presente capítulo, pretendemos focalizar, em perspectiva transversal, as reivindicações e lutas dos grupos sociais envolvidos na narrativa de *The Last Frontier*, *Freedom Road* e *The Passion of Sacco and Vanzetti*. A partir da análise destes elementos, podemos começar a discernir alguns aspectos atribuídos por Fast como características do passado norte-americano.

#### **4.1 *The Last Frontier* e a luta indígena pela terra**

Todos os três romances que compõem nosso recorte de pesquisa apresentam uma conexão com lutas de grupos sociais considerados minoritários: indígenas, negros, imigrantes e trabalhadores de esquerda. Dentre eles, no entanto, o que possui uma relação mais fundamental com as reivindicações destes grupos talvez seja *The Last Frontier*. Efetivamente, toda narrativa da obra está primordialmente ligada ao drama vivido pelo povo *cheyenne* diante da precariedade material da agência de Darlington e suas dificuldades de adaptação ao ambiente do Oklahoma, tendo como força motriz o direito dos *cheyenne* à sua terra ancestral, em torno da qual se estruturava todo seu modo de vida. Este é, de fato, o grande mote do romance: a luta indígena pelo acesso à terra; a sua terra, aquela que haviam ocupado desde tempos imemoriais, investida de sacralidade, e que lhes proporcionava a sustentação de seu modo de vida baseado na caça ao búfalo.

No capítulo anterior, já dedicamos considerável atenção à precariedade material enfrentada pelos *cheyenne* na agência indígena de Darlington e o modo como Fast retratou isto na parte inicial de seu romance. De fato, como demonstramos, por exemplo, Fast esboça

---

<sup>509</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história*. A Imaginação Histórica do Século XIX. São Paulo: EDUSP, 1992, p. 440.

um cenário desolador da vida na reserva, a partir da tentativa de mudar os hábitos dos *cheyenne*, mesmo em condições adversas, por meio da substituição de suas tradicionais tendas por pobres cabanas de madeira, construídas rapidamente, sem acabamento e sem pintura, e que já estavam se desgastando pelo sufocante calor do Oklahoma, ilustrando perfeitamente as dificuldades estruturais da reserva, a falta de recursos e a ação do clima árido:

On his way back to his house, he passed several of the newly constructed shacks which were to replace the tepees the Indians lived now. They had not been painted, and already the green pine boards were curling and warping with the heat, drawing the nails that held them to the beams<sup>510</sup>.

Diante deste quadro de escassez, de dificuldades materiais, de falta de adaptação dos indígenas ao calor, o primeiro capítulo de *The Last Frontier* retrata a ida das principais lideranças *cheyenne* até a casa do administrador da reserva, o quaker John Miles, para expor a situação de seu povo e requerer providências por parte dos representantes do governo, que lhes fizeram sair de suas terras com a promessa de amparo e boas condições de vida. Fazendo pouco caso das reivindicações, o personagem do capataz da agência, John Seger, caracterizado como o típico *frontiersman* americano, sintetiza para o agente Miles, antes que os chefes indígenas chegassem à sua presença: “‘Same old thing’, Seger told Miles. ‘As far as I can make out – not enough food, no buffalo, sickness, heat, same damn thing as always (...)’”<sup>511</sup>.

No entanto, estas dificuldades habituais pontuadas por Seger, com as quais os indígenas conviviam diariamente e que eram rechaçadas pelos administradores brancos – pela própria escassez de recursos destinados pelo governo, mas também por impaciência com um povo que se recusava a se adaptar e converter ao modo de vida americano – tinham um significado maior e encontrava sua expressão em uma única grande reivindicação: o desejo de voltar para sua terra, para a região das Black Hills. Isto é frequentemente expresso, em diversos momentos da narrativa.

---

<sup>510</sup> “No seu caminho de volta à sua casa, ele passou por vários dos barracos recém construídos que deveriam substituir as tendas nas quais os indígenas viviam agora. Eles não haviam sido pintados e já as tábuas verdes de pinho estavam se retorcendo e empenando com o calor, removendo os pregos que as prendiam às vigas”. Tradução minha. Ibid., pos. 260.

<sup>511</sup> “‘A mesma velha coisa’, Seger disse a Miles. ‘Tanto quanto posso discernir – não há comida suficiente, não há búfalo, doença, calor, a mesma maldita coisa de sempre (...)’”. Tradução minha. FAST, Howard. *The Last Frontier*. A new edition with a special introduction by the author. Armonk: M.E. Sharpe, 1997 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 334.

O primeiro deles é justamente nesta reunião inicial dos chefes Little Wolf e Dull Knife com o agente Miles. O tradutor presente neste encontro, um mestiço chamado Edmond Guerrier apresenta esta reivindicação a Miles após a ouvir dos *cheyenne*:

‘They want to go home’.

(...) ‘They don’t mean to their camp’, Guerrier explained. ‘They mean home to Wyoming’.

‘Now that’s impossible’, Miles cried, slapping his hand down on his desk. ‘That’s out of the question. Tell them it’s impossible. Tell them no one can leave Indian Territory without permission from Washington. And make it clear to them the Great White Father is not giving such permission. This is to be the home of the Indians for all time to come, and it will be just the sort of a home they make it. If they’re lazy and worthless and lie in their lodges all day, then they will be repaid in coin of like kind. Make that clear to them. They have to stay here’<sup>512</sup>.

Ainda se utilizando da tradução de Guerrier, os *cheyenne* protestam contra a inflexibilidade de Miles e traçam uma argumentação que articula todas as dificuldades enfrentadas por eles no Território Indígena – fome, doenças, calor, tentativa de mudar o estilo de vida indígena – à demanda fundamental pela posse da sua terra original no Wyoming:

‘For how long must we stay here?’ Little Wolf said evenly, never raising his voice. ‘Until all of us are dead? You mock my people for staying in their lodges, yet what would you have them do? Work? Hunting is our work; we always lived that way and we never starved. For as long as men can remember, we lived in a country of our own, a land of meadows and mountains and tall pine forests. There was no sickness and few of us died. Since we’ve been here, we have all been sick and many of us have died. We’ve starved and we’ve watched our children’s bones poke out the skin. Is it so terrible that a man should want to go back to his own home? If you can’t give us permission to go, let some of us go to Washington and tell them how we suffer. Or send to Washington and get permission for us to leave this place before we are all dead’<sup>513</sup>.

<sup>512</sup> “‘Eles querem ir para casa’. (...)”

‘Eles não querem dizer pra o acampamento deles’, Guerrier explicou. ‘Eles querem dizer sua casa no Wyoming’. ‘Agora isso é impossível’, Miles gritou, batendo sua mão na mesa. ‘Isto está fora de questão. Diga a eles que é impossível. Diga a eles que ninguém pode deixar o Território Indígena sem permissão de Washington. E deixe claro a eles que o Grande Pai Branco não irá dar esta permissão. Esta deve ser o lar dos índios por todo o tempo que virá, e será exatamente o tipo de lar que eles fizerem dele. Se eles forem preguiçosos e inúteis e deitar em seus alojamentos o dia todo, então serão pagos na mesma moeda. Deixe isto claro para eles. Eles têm que permanecer aqui’”. Tradução minha. Ibid., pos. 367-375.

<sup>513</sup> “‘Por quanto tempo devemos ficar aqui?’ Little Wolf disse equilibradamente, sem nunca levantar sua voz. ‘Até que todos nós estejamos mortos? Você zomba de meu povo por ficar nos seus alojamentos, mas o que você quer que eles façam? Trabalhem? Caçar é nosso trabalho; nós sempre vivemos desta forma e nunca passamos fome. Por tanto tempo quanto o homem pode se lembrar, nós vivemos na nossa própria terra, uma terra de prados e montanhas e altas florestas de pinheiros. Não havia doenças e poucos de nós morriam. Desde que estamos aqui, todos nós estivemos doentes e muitos de nós morreram. Nós passamos fome e assistimos aos ossos de nossas crianças despontarem na pele. É tão terrível que um homem queira voltar ao seu próprio lar? Se você não pode nos dar permissão para ir, deixe alguns de nós ir para Washington e contar a eles como sofremos. Ou contate Washington e nos obtenha permissão para deixar este lugar antes que todos estejamos mortos’”. Tradução minha. Ibid., pos. 381-387.

Mesmo com a eloquência de Little Wolf, o agente Miles tentou contemporizar, insistindo que permanecessem na reserva – o que acabou em última instância levando a que todo povo *cheyenne*, em situação desesperadora, deixasse a agência e iniciasse a longa jornada de volta à sua terra natal. A partir de então, o exército americano entra em cena, passando a perseguir os indígenas. Entretanto, mesmo alguns militares afirmam em diversas passagens os indígenas apenas queriam era voltar para sua terra, objetivo que parecem considerar justo, manifestando certo conflito interno por terem de cumprir suas ordens de combater e capturar os *cheyenne*.

De fato, após o primeiro confronto armado entre a cavalaria e o acampamento indígena entrincheirado, que resultou em grandes baixas para as forças americanas, os capitães Murray e Wint, dois dos principais personagens envolvidos na perseguição aos *cheyenne*, lamentam a morte de seus subordinados: “Murray stood next to Wint and whispered: ‘Christ, don’t blame me for Freeland’. ‘We’re all in it’, Wint said, gently. ‘They wanted to go home’, Murray said. ‘God damn it, that was all they wanted’”<sup>514</sup>.

É interessante pensarmos nesta passagem, também, em uma possível metáfora empregada por Fast com relação ao nome de um dos militares mortos em combate e lamentado por Murray: o tenente Freeland. Nome que significa, literalmente, “terra livre”, Fast pode ter usado a morte do personagem – seja ele completamente fictício ou mesmo baseado em um nome real de um militar encontrado por ele nos autos dos acontecimentos – para aludir ao cerceamento e efetivo fim da liberdade dos povos indígenas nos Estados Unidos, ao fim da sua livre movimentação pelo território das planícies, e da livre ocupação e posse das suas terras ancestrais.

Também no encontro entre os personagens do ministro do interior, o alemão Carl Schurz, e do general William T. Sherman, à época Comandante Geral das Forças Armadas dos Estados Unidos, aparece a noção de que a principal razão que motivou a perseguição dos *cheyenne* e o conflito que se estendia ao longo das planícies do Meio Oeste era o simples desejo destes de ter o direito à sua terra ancestral. Schurz chega a argumentar que esta não era uma ideia tão despropositada assim, mas acaba esbarrando na intransigência de Sherman:

‘(...) They want to go home, so they go home. They make a long journey to the north, but to them it’s not impossible. It is not impossible for a man to do a plain thing like going home’.

<sup>514</sup> “Murray parou próximo a Wint e sussurrou: ‘Cristo, não me culpe por Freeland’. ‘Estamos todos nesta’, Wint disse, gentilmente. ‘Eles queriam ir para casa’, Murray disse. ‘Maldito seja, isto é tudo que eles queriam’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1226.

‘This time it is’, Sherman said<sup>515</sup>.

Em outro trecho, quando a grande peregrinação dos *cheyenne* passa pelas imediações de Dodge City, no estado do Kansas, acaba causando grande agitação entre seus habitantes, levando a formação de uma grande turba ávida por entrar em confronto com os indígenas, a qual acaba sendo organizada em uma espécie de milícia pelo xerife da cidade e pelo delegado de polícia<sup>516</sup>, respectivamente, os lendários Bat Masterson e Wyatt Earp<sup>517</sup>. Neste contexto, o editor do jornal local, um homem chamado Atkins, utiliza-se de seu veículo de comunicação para insuflar ainda mais a população contra a “ameaça indígena”. Enquanto estava redigindo, o personagem Stanly Garburg, operador do telégrafo em Dodge City, o confronta com relação a essa proposital tentativa de acirramento dos ânimos:

‘There will be trouble enough. Why make more? Those Indians haven’t come near Dodge. There’s no proof of depredations. Probably all they want is to go home, back to the north’.

‘And are we to remove from the land we fought for, say to them go, go in peace?’

‘Why not?’

‘Ayah!’ the editor spat out. ‘Go away! The breath of cowardice is too hot! Take yourself away!’<sup>518</sup>.

<sup>515</sup> “(...) Eles querem ir para casa, então eles vão para casa. Eles fazem uma longa jornada para o norte, mas para eles não é impossível. Não é impossível para um homem fazer uma coisa simples como ir para casa’.

‘Desta vez é’, Sherman disse”. Tradução minha. Ibid., pos. 1607.

<sup>516</sup> O cargo público chamado de *United States Marshal*, que pode ser traduzido como delegado de polícia dos Estados Unidos, tem entre suas atribuições a captura de fugitivos, a proteção de testemunhas e o transporte de prisioneiros federais, tendo sido usado como o principal instrumento de manutenção da ordem na chamada era do “Velho Oeste”, juntamente com o cargo de xerife. O xerife ou o delegado podia ainda empregar cidadãos civis para auxiliar no cumprimento da lei, formando uma espécie de milícia civil, popularmente conhecida como “*posse*”, a partir da designação deste direito em latim, *posse comitatus*. Este foi o dispositivo usado por Earp e Masterson em *The Last Frontier* para organizar a multidão sedenta por confrontar os indígenas em Dodge City.

<sup>517</sup> Wyatt Earp e Bat Masterson foram dois lendários *frontiersmen* e pistoleiros do Oeste americano, celebrizados na cultura popular por meio de uma imensa gama de filmes, tornando-se verdadeiros símbolos da cultura *western*. Earp (1848-1929) foi, entre outras coisas, condutor de gado, caçador de búfalos, minerador, dono de *saloon*, jogador profissional, além de ocupar diversos cargos públicos ligados à manutenção da ordem pública, como policial, xerife e delegado, e de envolver-se em vários tiroteios famosos, como o de O.K. Corral. Este foi celebrizado em filmes como *My Darling Clementine* (1948; em português, “*A Paixão dos Fortes*”), de John Ford e estrelado por Henry Fonda (Earp) e Victor Mature (Doc Hollyday); *Gunfight at the O.K. Corral* (1957; “*Sem Lei e Sem Alma*”), de John Sturges, com Burt Lancaster (Earp) e Kirk Douglas (Hollyday); e o mais recente *Wyatt Earp* (1994), de Lawrence Kadan, com Kevin Costner (Earp) e Dennis Quaid (Holliday).

Por sua vez, Masterson (1853-1921) foi também jogador profissional e caçador de búfalos, além de combatente de indígenas – celeberrimo envolvido na Segunda Batalha de Adobe Walls, contra guerreiros *comanche*, *kiowa* e *cheyenne* – e xerife em Dodge City.

<sup>518</sup> “Vai haver problema suficiente. Por que causar mais? Estes índios não chegaram perto de Dodge. Não há prova de depredações. Provavelmente tudo que eles querem é ir para casa, de volta para o norte’.

‘E nós devemos nos retirar da terra pela qual lutamos, dizer para eles vão, vão em paz?’

‘Por que não?’

‘Ayah!’ cuspiu o editor. ‘Vá embora! O bafo de covardia é muito forte! Ponha-se daqui para fora!’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1904.



A própria diáspora dos indígenas através das planícies, entrando em confronto com o exército e tentado fugir à sua perseguição, atesta o quão vital esta demanda era para o povo *cheyenne*, que preferia morrer a abrir mão dela. Esta perspectiva é manifestada, por exemplo, no seguinte trecho, onde Murray tenta situar o capitão Trask, de Fort Dodge, recém-envolvido na perseguição, no contexto dos *cheyenne*.

‘These aren’t the first Indians I’ve ever seen’, Trask said impatiently.

‘I know – but these Dog Soldiers<sup>519</sup>, they don’t die easily. And they want to die. You have to understand that. They’re not out raiding; they’re going home to the north, back to the Powder River country. They know how impossible that is, and because of that they’ve lost fear of everything. They’re dead already; you have to know Cheyennes to understand that (...)’<sup>520</sup>.

Um dos poucos personagens brancos que parece efetivamente tomar partido dos indígenas é o jornalista chamado Jackson, correspondente do *New York Herald*, que, a partir das notícias sobre a perseguição aos *cheyenne* no Oeste, passa a buscar mais informações a respeito do caso. Em determinado momento, Jackson consegue entrevistar o agente Miles na própria reserva de Darlington. Durante a conversa, Jackson tenta entender o que motivou a fuga dos *cheyenne*, ao passo que Miles, tentando omitir os problemas estruturais da agência, descarta qualquer explicação que não seja a natureza selvagem dos indígenas e sua incapacidade de compreender os desígnios civilizatórios da política de reservas. Neste diálogo, também Jackson manifesta o fato de que os *cheyenne* apenas estavam buscando retornar à sua terra:

Jackson said: ‘Look, Mr. Miles, I’m trying to get at the bottom of this, not to involve you in unjust blame, but to make it clear to the readers of my paper why a minority group in this republic of ours cannot legally occupy the land they have lived on for hundreds of years. Don’t you see that the problem goes deeper than your responsibility or mine, or this agency’s. We’re a nation of a hundred minorities held together by the simple principle that all men are created equal – politically, so that we won’t quibble on the word. Right now, every armed force the United States controls in the plains country is devoted to the single object of destroying an Indian village whose only crime is that they wish to live in peace in their own land’<sup>521</sup>.

<sup>519</sup> *Dog Soldiers*, ou Cães Soldados em português, é o nome de uma sociedade militar *cheyenne*, uma das mais temidas facções de guerreiros indígenas das planícies no século XIX. HOIG, Stan. *The Cheyenne*. New York: Chelsea House, 2006, p. 12.

<sup>520</sup> “‘Estes não são os primeiros índios que eu já vi’, Trask disse impacientemente. ‘Eu sei – mas estes Cães Soldados, eles não morrem facilmente. E eles querem morrer. Você tem que entender isso. Eles não estão saqueando; eles estão indo para a casa no norte, de volta ao território do Rio Powder. Eles sabem quão impossível é isto e, por causa disto, eles perderam o medo de tudo. Eles já estão mortos; você tem que entender os *cheyenne* para compreender isto (...)’”. Tradução minha. FAST, Howard. *The Last Frontier*. A new edition with a special introduction by the author. Armonk: M.E. Sharpe, 1997 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 2416.

<sup>521</sup> “Jackson disse: ‘Olhe, Sr. Miles, eu estou tentando chegar ao fundo desta questão, não lhe envolver em uma culpa injusta, mas deixar claro para os leitores do meu jornal por que um grupo minoritário nesta nossa república não pode legalmente ocupar a terra em que viveram por centenas de anos. Não vê que o problema vai mais a

Em ainda outro momento da narrativa, após a captura do grupo *cheyenne* liderado por Dull Knife e da sua condução até Fort Robinson, Nebraska, o chefe indígena é levado à presença do capitão Wessells. Utilizando-se do personagem do mestiço James Rowland como intérprete, Wessells tenta iniciar o diálogo propondo-se amigo dos indígenas, ao que Dull Knife responde: “‘That was what wanted, to be friends (...). He says he didn’t lead his people away to fight a war with the white men, just to go home and live in peace’”<sup>522</sup>. No entanto, a intransigência de Wessells de um lado, exigindo que os indígenas voltem para o Oklahoma, e, de outro, firmeza de Dull Knife em conduzir seu povo de volta à sua terra, levou ao confinamento dos indígenas em um dos barracões do forte e, posteriormente, ao seu massacre, quando da sua tentativa de fuga.

Por fim, já na parte final da narrativa, o capitão Murray, em conversa com o general Miles, de Fort Keogh, parece comentar em tom de lamentação todo o desenrolar da perseguição pelas planícies e o destino trágico dos indígenas, sendo respondido de forma condescendente pelo general:

‘I don’t know’, Murray said. ‘They wanted to go home. I think that was all they wanted’.

‘Of course’, the general added, ‘the primitive idea of freedom and liberty is not like ours’<sup>523</sup>.

Este último trecho acaba prefigurando o tema dos ideais envolvidos nestas reivindicações, que trataremos em maior detalhe no capítulo 5. Por sua vez, no entanto, todas as citações que apresentamos acima têm alguns pontos em comum. Primeiramente, é importante destacar a centralidade da ideia de lar, de casa, associada à terra reivindicada pelos indígenas, inserindo nela um elemento de afetividade. De fato, a terra pleiteada não é qualquer uma, mas sim aquela identificada pelos *cheyenne* como o seu lar ancestral.

Mais importante do que isto, talvez, o segundo traço em comum nos excertos supracitados está relacionado ao fato de que a ideia de que os indígenas estariam justificados ou teriam razão para fugirem da agência de volta para as Black Hills, mesmo quando

---

fundo do que sua responsabilidade ou minha, ou desta agência. Somos uma nação de uma centena de minorias unidas pelo simples princípio de que todos homens são criados iguais – politicamente, para não debatermos a palavra. Neste exato momento, todas as forças armadas que os Estados Unidos controlam no território das planícies estão devotadas ao único objetivo de destruir um vilarejo indígena cujo único crime é que eles desejam viver em paz em sua própria terra”. Tradução minha. Ibid., pos. 2867.

<sup>522</sup> “‘Isto era o que ele queria, ser amigos (...). Ele diz que não liderou seu povo embora para lutar uma guerra com o homem branco, apenas para ir para casa e viver em paz’”. Tradução minha. Ibid., pos. 3456.

<sup>523</sup> “‘Eu não sei’, Murray disse. ‘Eles queriam ir para casa. Eu acho que isto era tudo que eles queriam’. ‘Claro’, o general acrescentou, ‘a ideia primitiva de liberdade não é como a nossa’”. Tradução minha. Ibid., pos. 4038.

manifestada ou insinuada por homens brancos (como Murray, Schurz, Garburg, Jackson), esbarra na opinião intransigente e inflexível (como dos demais militares envolvidos na perseguição, Sherman, Atkins, Miles) de que esta reivindicação é impossível e os indígenas deveria se submeter à administração do homem branco. Tal inflexibilidade e intolerância com relação à demanda dos *cheyenne* – e aos próprios indígenas em si – será enfocada no capítulo seguinte.

O que queremos salientar, por ora, é a recorrente afirmação, por parte de diversos personagens, pertencentes a grupos sociais, que o grande objetivo da fuga e êxodo dos *cheyenne* seria voltar para sua terra natal, para seu lar, o território ancestral que sustentava fundamentalmente seu modo de vida, que passou a ser inviabilizado pelas precárias condições da agência de Darlington e o árido clima do Oklahoma. Mais do que isto, esta reivindicação e luta pela sua terra constitui o grande motor do romance como um todo, chamando atenção para a questão do direito dos povos indígenas ao seu território e da existência desta luta conduzida pelos próprios nativos americanos como uma questão premente do passado dos Estados Unidos – que continuava relevante ao tempo de sua escrita.

#### **4.2 *Freedom Road* e a luta dos negros por direitos políticos, educação e terra**

Assim como *The Last Frontier*, também *Freedom Road* tem um enfoque muito particular nas demandas de uma população minoritária e marginalizada, a comunidade negra do Sul dos Estados Unidos, recém-saída da condição de escravidão. Conforme desenvolvemos no capítulo anterior, a noção de liberdade apresentada pelos negros no contexto da Reconstrução estava fundamentalmente atrelada à três grandes demandas: pela conquista de direitos políticos, pelo acesso à educação e pela efetiva emancipação de seu trabalho, concretizada por meio do direito à posse de terras. Como veremos, em *Freedom Road*, Fast retrata muito bem estes aspectos, fazendo destas reivindicações elementos centrais de sua narrativa. Tais elementos se entrelaçam ao longo de todo o romance. No entanto, tentaremos aqui analisá-los, um a um.

O primeiro deles refere-se à questão dos direitos políticos e do acesso aos instrumentos democráticos do voto e da representação em instâncias políticas e legislativas. Esta é uma questão de grande destaque na primeira parte de *Freedom Road* – intitulada

justamente “*The Voting*”, ou “A Votação” – a qual retrata o efetivo uso destes dispositivos por parte da população negra da Carolina do Sul. Efetivamente, a metade inicial do romance menciona a votação da população de Carwell para escolher delegados para a Convenção que elaboraria a nova Constituição Estadual, retrata a eleição de Gideon como representante do distrito fictício de Carwell-Sinkerton, sua participação nos debates da Convenção na cidade de Charleston e a efetiva elaboração da Constituição. Além disso, cabe mencionar também a construção do personagem de Gideon, que se apresenta ao presidente Grant, na segunda parte do romance (situada nove anos após a Convenção, em 1877), como um político já experiente, tendo servido um mandato na câmara estadual da Carolina do Sul e, posteriormente, no Congresso americano<sup>524</sup>. Tal perspectiva se coaduna muito bem ao registrado pela historiografia sobre o período, segundo a qual diversos negros se engajaram ativamente como atores políticos durante o período da Reconstrução, ocupando diversos cargos públicos, conforme já analisamos no capítulo anterior.

Com relação a este aspecto, da dimensão de participação política e democrática, podemos afirmar que Fast possui uma abordagem apropriadamente nuançada. De fato, a narrativa de *Freedom Road* demonstra uma primeira reação de desconfiança e incerteza da comunidade negra com relação a este instrumento de votação e eleição até então desconhecido para eles, e evidencia a sua progressiva e efetiva apropriação destes dispositivos e conceitos de participação democrática, transformando-os em algo familiar, cotidiano e instrumentalizado por eles em favor das causas pelas quais lutavam.

Neste sentido, o sentimento inicial da população negra de Carwell com relação ao processo de votação é de dúvida quanto ao seu significado:

There was, in their own group, a certain doubt as to just what voting meant; both Gideon and Brother Peter had tried to explain it as a willful determination of their own destiny. They were free men and had a voice; when there was a matter in question concerning their lives, they used that voice, and that was voting. But all this things were abstracts, and abstracts bewildered them. They would wait and see just how it turned out<sup>525</sup>.

Mesmo Gideon, que desponta como liderança natural dentro da comunidade e parece ter maior compreensão destes processos de participação democrática, apresenta, no início do

<sup>524</sup> FAST, Howard. *Freedom Road*. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 167.

<sup>525</sup> “Havia, no próprio grupo deles, uma certa dúvida quanto ao que exatamente votar significava; tanto Gideon quanto o Irmão Peter tentaram explicá-la como uma voluntariosa determinação do seu próprio destino. Eles eram homens livres e tinham uma voz; quando houvesse um assunto em questão que dissesse respeito a suas vidas, eles usariam esta voz, e isto era votar. Mas todas estas coisas eram abstratas e abstrações os desconcertavam. Eles iriam esperar e ver o que aconteceria”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 11.

romance, dúvidas sobre sua eleição, chegando a acreditar que esta não se efetivaria: “Of late, he simply shunted the matter off. No Yankee men in their right senses would call on fool niggers to be delegates”<sup>526</sup>.

Ao mesmo tempo, também, permanecia entre a comunidade uma certa esperança, ainda que incerta, com relação aos possíveis efeitos benéficos da Convenção estadual: “(...) the Convention would make a new world, or so they said”<sup>527</sup> (p. 12). O próprio Gideon, ao ver-se efetivamente envolvido com a elaboração da nova Constituição, passa progressivamente também a entender o instrumento democrático da Convenção de forma positiva na construção de uma nova sociedade: “Strangely, the more he turned it over in his mind, the more clearly he saw the conception of a new state and a new life emerging from the Convention; enough to make a man frightened, and enough to make him proud”<sup>528</sup>.

Tal noção positiva de que a votação, a Convenção e a Constituição poderiam ser ferramentas importantes na construção de uma nova sociedade sulista estava muito associada à percepção de que avanços concretos poderiam desejados pela comunidade negra poderiam ser efetivamente alcançados por meio delas. O personagem de Irmão Peter, por exemplo, deixa isto claro para Gideon quando este vem se aconselhar com ele, ao estar inseguro sobre sua atuação na Convenção, sobre como discernir uma lei boa para seu povo de uma ruim.

‘How come you got no reading, no writing? Well, never was a school for niggers – never was a school for poor whites either. There’s a start. Make a law for schooling, that’s a good law. Here’s this Carwell place, maybe twenty thousand acres. Who it belong to? Belong to Mr. Carwell? To Government? To niggers, white folk? Nigger wants land – so does white folk. Well, there’s enough for all, plenty for all, but how it going to be divided?’<sup>529</sup>.

Nesta passagem vemos já uma grande ênfase nas questões da educação e da distribuição de terras, que abordaremos logo a seguir, como pautas fundamentais para se alcançar por meio dos novos direitos políticos conquistados pelos negros, manifestando uma intersecção entre estas três reivindicações que analisamos nesta seção. De modo semelhante, o próprio Gideon, mais convencido das possibilidades da nova Constituição, explica para o

<sup>526</sup> “Ultimamente, ele simplesmente descartava a questão. Nenhum ianque em seu juízo perfeito convocaria pretos tolos para serem delegados”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 21.

<sup>527</sup> “(...) a Convenção construiria um novo mundo, ou assim se dizia”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 12.

<sup>528</sup> “Estranhamente, quanto mais ele revirava a ideia em sua mente, mais claramente ele via a concepção de um novo estado e uma nova vida emergindo da Convenção; o suficiente para assustar um homem, e o suficiente para orgulhá-lo”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 32.

<sup>529</sup> “Por que você não sabe ler, não sabe escrever? Bem, nunca houve uma escola para pretos – nunca houve uma escola para brancos pobres também. Aí está um começo. Faça uma lei para a educação, esta é uma boa lei. Aqui está este lugar de Carwell, talvez vinte mil acres. A quem pertence? Pertence ao Sr. Carwell? Ao Governo? Aos pretos, à gente branca? Os pretos querem terra – o mesmo acontece com os brancos. Bem, há o suficiente para todos, bastante para todos, mas como será dividido?”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 18.

personagem de Francis Cardozo o que fariam os libertos advindos do campo eleitos para a Convenção:

‘They ain’t no black savages, like newspaper say. They got a wife and child and love in their heart. They say what is good for me, for woman, for the child, and they vote that in. They got a hunger for learning, and they vote for that. They know about slavery, and they vote for freedom. They ain’t going to be uppity; you lead them by the hand, and by God, they come. But you don’t take no lash to their back no more. They know how it taste to be free man’<sup>530</sup>.

Neste trecho, podemos perceber uma clara associação deste poder de escolha e de voto com a questão da manutenção da liberdade. Além disso, estes princípios de escolha democrática passaram cada vez mais a serem familiares aos negros libertos do Sul. De fato, relacionado a esta questão, *Freedom Road* retrata ainda o modo como a comunidade de Carwell se apropria, por intermédio de Gideon, do instrumento da votação democrática como instância decisória e maneira de arbitrar questões cotidianas de forma participativa, mesmo as disputas mais banais, ainda que, de início, com alguns estranhamentos:

They might have argued the question half the day, had not Gideon seized upon an inspiration and suggested that they had a vote. Even as he said it, he was not sure it would work, not certain of the application of so miraculous a principle to a work-a-day occupation like cutting wood. But the idea caught hold, and in the dead silence that followed his suggestion, Gideon applied the yes and no method. Even though the men had voted for the Convention, the mechanics of the thing was new and revolutionary. (...) But in the end, the principle was applied and it worked (...)<sup>531</sup>.

Quando o resultado da votação ainda continuou a gerar questionamentos, os homens de Carwell levaram adiante o princípio democrático e passaram a debater o problema antes de votar:

Again, when Trooper, big and strong as an ox, protested that he was sawing three times the wood he’d ever use, while a little man like Hannibal Washington didn’t contribute half his share of the work, Gideon fell back on the vote. Only this time, a new innovation appeared, for the men laid down their tools and discussed the whole matter of cooperation<sup>532</sup>.

<sup>530</sup> “Eles não são selvagens negros, como o jornal diz. Eles têm esposa e filhos e amor no seu coração. Eles dizem o que é bom para mim, para a mulher, para a criança, e eles votam nisso. Eles têm uma fome de aprendizado, e eles votam por isso. Eles sabem sobre a escravidão, e eles votam pela liberdade. Eles não vão ser arrogantes; você os conduz pela mão, e por Deus, eles virão. Mas você não mais levará o chicote às suas costas. Eles sabem o sabor de ser um homem livre”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 55.

<sup>531</sup> “Eles poderiam ter discutido a questão metade do dia, se Gideon não tivesse tido uma inspiração e sugerido que eles fizessem uma votação. Mesmo enquanto falava, ele não estava certo de que iria funcionar, não estava certo da aplicação de um tão miraculoso princípio a uma ocupação cotidiana como cortar madeira. Mas a ideia pegou e, no silêncio mortal que se seguiu à sua sugestão, Gideon aplicou o método de sim ou não. Apesar dos homens terem votado para a Convenção, a mecânica da coisa era nova e revolucionária. (...) Mas ao final, o princípio foi aplicado e funcionou (...)”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 22.

<sup>532</sup> “Novamente, quando Trooper, grande e forte como um touro, protestou que ele estava serrando três vezes mais madeira do que ele jamais usaria, enquanto um homem pequeno como Hannibal Washington não contribuía com metade de sua quota de trabalho, Gideon voltou ao voto. Mas dessa vez, uma nova inovação apareceu, pois os homens largaram suas ferramentas e discutiram toda a questão da cooperação”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 22.

Por fim, cabe destacarmos ainda a grande ênfase dada por Fast, na primeira parte do livro, aos debates da Convenção Constitucional, enquanto efetivo instrumento de abertura democrática do Sul à população negra, anteriormente privada de sua liberdade e da plena cidadania. De fato, este é um ponto que o próprio enredo do romance acaba por salientar. Além disso, esta abertura de novos horizontes e possibilidades, sem precedentes na história americana, é manifestada, por exemplo, pelo personagem de Francis Cardozo em diálogo com Gideon:

Now there comes a situation so strange, so open in its implications, that the world cannot fully realize it. The Union government, backed with a military machine it built during the war, says to the people of the south, white and black, build a new life. From the beginning. A new Constitution, new laws, a new society. The white planters rebel against this, but they are defeated. Yet they stay away from the voting, and as a result here in this state black men, slaves only yesterday, choose their own people and send them to the Convention. Do you know Gideon, that we, the blacks, are in the majority, that seventy-six out of the one hundred and twenty-four elected delegates are Negroes? That over fifty of these are former slaves? This is the year eighteen sixty-eight; how long have we been out of bondage? The Children of Israel wandered in the wilderness for forty years<sup>533</sup>.

Ecoando novamente tanto a questão da religiosidade associada ao vocabulário político neste contexto da Reconstrução, quanto a própria inserção de elementos associados à tradição judaico-cristã na escrita literária de Fast, o trecho acima demonstra o relativo espanto da população negra diante da oportunidade de constituir uma nova sociedade e inaugurar uma nova era no Sul, que lhes havia sido concedida tão pouco tempo após a abolição da escravidão. Além disso, a passagem acima acaba por ressaltar o envolvimento e a participação ativa dos negros, inclusive de ex-escravos das *plantations*, na construção da Reconstrução, demonstrando o quanto o acesso a estes direitos políticos foi efetivo.

A ideia de que despontava uma nova era a partir da construção de uma nova Constituição estadual é expressa também por Fast por meio do narrador, no momento da conclusão da Convenção:

Now it was finished, a constitution made, laws one after another set down, a definition of freedom, life, liberty and the pursuit of happiness as presented by the

---

<sup>533</sup> “Agora vem uma situação tão estranha, tão aberta em suas implicações, que o mundo não consegue compreender totalmente. O governo da União, apoiado por uma máquina militar que construiu durante a guerra, diz para o povo do Sul, branco e negro, construam uma nova vida. Do início. Uma nova Constituição, novas leis, uma nova sociedade. Os plantadores brancos se rebelam contra isto, mas são derrotados. No entanto, eles não participam da votação e, como resultado, aqui neste estado homens negros, escravos ainda ontem, escolhem seu próprio povo e o manda para a Convenção. Você sabia Gideon que nós, os negros, estamos em maioria, que setenta e seis dos cento e vinte quatro delegados eleitos são negros? Que mais de cinquenta destes são ex-escravos? Este é o ano 1868; por quanto tempo estivemos fora do cativeiro? Os Filhos de Israel vagaram no deserto por quarenta anos”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 54-55.

people of a state of this Union, the United States of America. It was the spring of the year 1868, a bright, fresh new year, a new era (...)<sup>534</sup>.

Em suma, com relação a este primeiro ponto, é muito interessante perceber a forma como Fast constrói a narrativa do romance de forma a demonstrar não apenas a importância da conquista de direitos políticos por parte da população negra do Sul dos Estados Unidos e as possibilidades abertas por meio dela, chegando a anunciar uma nova era de liberdade para os negros, mas também como estes princípios democráticos são paulatinamente apropriados por eles e implantados na sua vivência diária.

O segundo elemento das reivindicações refere-se à luta pelo acesso à educação. De fato, a narrativa de *Freedom Road* também aborda esta questão de maneira processual, apresentando, de início, um quadro de analfabetismo que passa a ser confrontado pela necessidade do protagonista Gideon de se instruir para poder participar da Convenção de modo apropriado, e uma demanda frequentemente pontuada pelos personagens negros da narrativa que amadurece em uma efetiva reivindicação incorporada na nova Constituição estadual, e em uma verdadeira luta e posicionamento político defendidos por Gideon.

Com efeito, no início do romance, Fast retrata em Carwell uma comunidade de escravos rurais que não sabia ler nem escrever. Isto é evidenciado, por exemplo, com a chegada de uma carta anunciando a eleição de Gideon, em torno da qual se reúne a comunidade inteira e cujo conteúdo os poucos que têm um mínimo domínio da leitura passam o dia tentando decifrar. Isto por si só gera um sentimento de desconforto em Gideon, que começa a associar a plena liberdade do povo negro à alfabetização: “Now, on top of everything else, Gideon’s election became, to him, a grotesque, a caricature of a thing that made a mockery of all their fine, new-won freedom”<sup>535</sup>.

Gideon frequente expressa no início de *Freedom Road* sua falta de educação e despreparo para atuar como delegado da Convenção. Logo nas primeiras páginas, ele expressa esta preocupação para sua esposa Rachel: “‘I’m a black nigger fool’, Gideon said miserably. ‘(...) What is there I know – can’t read, can’t write but my name’”<sup>536</sup>. No mesmo sentido,

<sup>534</sup> “Agora estava terminado, uma Constituição feita, leis estabelecidas uma após a outra, uma definição de liberdade, vida e a busca pela felicidade, como apresentada pelo povo de um estado desta União, os Estados Unidos da América. Era a primavera do ano 1868, um brilhante e fresco novo ano, uma nova era (...)”. Tradução minha. Ibid., p. 95.

<sup>535</sup> “Agora, além de todo o resto, a eleição de Gideon se tornou, para ele, um grotesco, uma caricatura de algo que zombava de toda sua bela e recém-conquistada liberdade”. Tradução minha. Ibid., p. 29.

<sup>536</sup> “‘Eu sou um preto tolo’, Gideon disse miseravelmente. ‘(...) O que eu sei – não sei ler, não sei escrever a não ser meu nome’”. Tradução minha. Ibid., p. 14.



quando Gideon encontra a caminho de Charleston um ex-escravo chamado James Allenby, que sabia ler e atuava como tutor de outros negros, ele reitera esta preocupação na conversa entre os dois:

‘Here’s me, black man made free, skinning his heels down the road to Charleston town, proud like a peacock to be a delegate in a Convention. But can’t read, can’t write, just wrapped in ignorance. Here’s maybe four million black men in this southland, just whimpering for a little bit of learning. Got freedom a mile high, like a gracious sweet song, but where that all get a man who bows his head with ignorance?’<sup>537</sup>.

Gideon, porém, não é o único delegado negro que não sabia ler ou escrever. Em uma janta na casa de Francis Cardozo, o personagem identificado como Mr. Wright, um dos negros intelectualizados de Charleston, expressa inquietação com o papel dos ex-escravos rurais não-alfabetizados que iriam participar da Convenção: “‘But when it come down to it, Francis, there are at least thirty delegates who can neither read nor write!’”<sup>538</sup>.

Tentando remediar esta situação, ao chegar a Charleston, Gideon esforça-se por estudar, e aprender a ler, tendo a ajuda de Francis Cardozo. Já antes de sair de Carwell, Irmão Peter já havia recomendado a Gideon que ele investisse em educar-se, assim que recebesse a remuneração devida pela sua participação na Convenção:

‘First time they give you delegate pay, like Yankee man said, maybe dollar a day, you take that dollar buy a book. Maybe you hunger like starving man, but you take that book, buy candle to read by, and you figure out them words’.

(...) ‘What kind of book first?’

‘Suppose a preaching man ought to say the Bible. But Bible ain’t easy, Gideon, (...). Get yourself a learning book first, spelling book. Then maybe a book of sums. Come that time, you know yourself what kind of book you want next’<sup>539</sup>.

No entanto, no mesmo jantar na casa de Cardozo que mencionamos acima, onde surgiu a questão da educação dos antigos escravos, o anfitrião presenteou Gideon com dois livros de caráter didático, chamados *Geldon’s Basic Speller* e *Usage of the English Language*

<sup>537</sup> “‘Aqui estou eu, homem negro libertado, esfolando os calcanhares pela estrada até a cidade de Charleston, orgulhoso como um pavão de ser um delegado em uma Convenção. Mas não sei ler, não sei escrever, apenas envolto em ignorância. Aqui estão talvez quatro milhões de homens negros nesta terra do Sul, choramingando por um pouco de instrução. Temos liberdade a uma milha de altura, como uma graciosa e doce canção, mas aonde tudo isso leva um homem que inclina sua cabeça com ignorância?’”. Tradução minha. Ibid., p. 38.

<sup>538</sup> “‘Mas no fim das contas, Francis, há ao menos trinta delegados que não sabem nem ler nem escrever!’”. Tradução minha. Ibid., p. 53.

<sup>539</sup> “‘A primeira vez que lhe derem o pagamento de delegado, como o homem ianque disse, talvez um dólar por dia, pegue este dólar e compre um livro. Talvez você passe fome, mas pegue este livro, compre uma vela para ler ao lado, e

(...) ‘Que tipo de livro primeiro?’

‘Presumo que um pregador deva dizer a Bíblia. Mas a Bíblia não é fácil, Gideon, (...). Compre primeiro um livro didático, um livro de ortografia. Então, talvez um livro de somas. Quando chegar o tempo, você mesmo saberá que tipo de livro você quer a seguir’”. Tradução minha. Ibid., p. 19.

de Fitzroy e James, além do Otelo de Shakespeare, requisitado por Gideon<sup>540</sup>. Mesmo com a dificuldade dos livros, Gideon se dedicou ao seu estudo, particularmente das gramáticas fornecidas por Cardozo, buscando aplicar os conhecimentos que ia adquirindo em mudanças na sua conduta:

‘While contractions as a whole are to be frowned upon, ‘ain’t’ is certainly the most vulgar. It is an indication of class, as well as a sign of whether or not a person desires to be taken for a gentleman. A gentleman will avoid contractions when possible, and will never, under any circumstances, use ‘ain’t’. (...)’. Gideon determined to avoid ‘ain’t’ like a plague; the more he read out of usage, the more his fears grew, the more awesome and terrible the matter of learning became<sup>541</sup>.

Exemplificando o grande anseio da população negra por educar-se na época da Reconstrução, Gideon lentamente progrediu nos seus estudos, em seu pequeno quarto alugado na casa dos Carters, casal de negros residente em Charleston que disponibilizou acomodações para membros da Convenção, passando a ler jornais e outros livros, incluindo o clássico abolicionista *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe:

Things bore fruit. The three books in his little room at the Carters increased to a dozen and then two dozen. Each night, as soon as he had finished dinner, he went in there, closed the door, and spread his books on the little table under the lamp. He rarely worked less than three hours, sometimes five, sometimes all night through – as was the case when he first opened *Uncle Tom’s Cabin*. It was his first novel, and (...) one of the members of the Convention, a colored man called DeLarge<sup>542</sup>, offered it to him (...)<sup>543</sup>.

No decorrer de sua formação, é mencionada ainda a leitura do *Commentaries on the Laws of England*, de William Blackstone, e do *Rights of a Man*, de Thomas Paine<sup>544</sup> – pensador revolucionário muito admirado por Fast. Este desenvolvimento pessoal do protagonista de *Freedom Road* é acompanhado pela constante afirmação da necessidade de garantir o acesso à educação para que se possa alcançar uma sociedade verdadeiramente livre.

<sup>540</sup> Ibid., p. 55-56. O ex-escravo letrado James Allenby, em conversa com Gideon a caminho de Charleston, havia mencionado para ele alguns autores que havia lido, entre eles Voltaire, Thomas Paine e Shakespeare, instigando-o a ler a “voz dourada” deste último. Ibid., p. 36.

<sup>541</sup> “‘Enquanto as contrações como um todo devem ser mal vistas, ‘ain’t’ é certamente a mais vulgar. É uma indicação de classe, bem como um sinal sobre se a pessoa deseja ou não ser tomada por um cavalheiro. Um cavalheiro deve evitar contrações quando possível e nunca deve, sob nenhuma circunstância, usar ‘ain’t’. (...)’. Gideon decidiu evitar ‘ain’t’ como uma peste; quanto mais ele lia sobre coisas fora de uso, mais seus medos cresciam e mais impressionante e terrível a questão do aprendizado se tornava”. Tradução minha. Ibid., p. 57.

<sup>542</sup> Fast faz referência aqui ao personagem histórico Robert C. DeLarge (1842-1874), político negro que efetivamente tomou parte na Convenção constitucional da Carolina do Sul e, posteriormente, foi eleito para a Câmara Estadual e para o Congresso Federal.

<sup>543</sup> “As coisas deram frutos. Os três livros em seu pequeno quarto na casa dos Carters aumentaram para uma dúzia, e então duas dúzias. Toda noite, assim que ele terminava o jantar, ele ia para lá, fechava a porta e espalhava seus livros na pequena mesa sob a lâmpada. Ele raramente trabalhava menos de três horas, às vezes cinco, às vezes a noite toda – como foi o caso quando ele primeiro abriu *A Cabana do Pai Tomás*. Foi seu primeiro romance e (...) um dos membros da Convenção, um homem de cor chamado DeLarge, o ofereceu para ele (...)”. Tradução minha. Ibid., p. 64.

<sup>544</sup> Ibid., p. 127.

De fato, a associação do princípio da liberdade com a educação é frequente e transparece, por exemplo, já no diálogo do personagem James Allenby com Gideon:

‘They even educated me into a tutor; they didn’t understand then that education was like a disease, that if you educated a man he was no good for slavery and that he would spread his freedom-sickness to others. (...) Learning and freedom – patience, Gideon. They come together’,<sup>545</sup>.

Tal concepção é posteriormente incorporada a um discurso proferido por Gideon durante os debates da Convenção, em prol da inclusão do ensino público obrigatório universal na Constituição estadual:

“(…) Why it was that slave owners would sell a slave so soon they found he could read or write? I can tell you only because ignorant people can be slaves. Democracy and Equality cannot understand themselves to men and women who have no knowledge to learn about these things. No people can be free without learning about it”<sup>546</sup>.

Esta ideia acaba amadurecendo e evoluindo para o conceito maior de que a educação representa uma verdadeira arma contra a opressão e a supressão da liberdade. Tal posicionamento é expresso por Gideon de forma particularmente intensa em outro jantar organizado por Cardozo, desta vez com a presença de Stephan Holms, membro da antiga aristocracia branca, também delegado na Convenção, que mantinha uma fachada de civilidade para com os representantes negros, porém trabalhava pela sua própria agenda de restauração do antigo Sul, inclusive, posteriormente, por meio do fomento à estruturação do Ku Klux Klan na Carolina do Sul. Nesta ocasião, interpelado por Holms a respeito do que pensava da questão educacional, Gideon responde direta e eloquentemente:

‘I think education is like a gun’, Gideon said.

‘(...) Take a man who got a gun, you want to enslave him, you got to take that gun away. You got to take your chances, maybe he kill you, maybe he don’t. But you got to take the gun away. (...)’

Now with education – that you cannot take away from a man who has learned, and I believe a man who has learned truly cannot be a slave. In one way, it like a gun, in other way, it is better than the gun,<sup>547</sup>.

<sup>545</sup> “Eles inclusive me educaram para ser um tutor; eles não entendiam então que a educação era como uma doença, que se você educasse um homem ele não servia mais para a escravidão e ele iria espalhar sua doença-de-liberdade para outros (...) aprendizado e liberdade – paciência, Gideon. Eles vêm juntos”. Tradução minha. Ibid., p. 36.

<sup>546</sup> “Por que é que os donos de escravos vendiam um escravo assim que descobriam que ele sabia ler ou escrever? Eu posso lhes dizer, porque somente pessoas ignorantes podem ser escravas. Democracia e Igualdade não podem ser entendidas por homens e mulheres que não têm conhecimento para aprender sobre estas coisas. Nenhum povo pode ser livre sem aprender sobre isso”. Tradução minha. Ibid., p. 66-67.

<sup>547</sup> “Eu acho que a educação é como uma arma’, Gideon disse.

‘(...) Tome um homem que tem uma arma, você quer escravizá-lo, você precisa tirar aquela arma dele. Você precisa se arriscar, talvez ele te mate, talvez não. Mas você precisa tirar a arma dele. (...)’

Também em uma breve declaração proferida na Convenção, Gideon reafirma esta ideia perante os representantes de todo estado, apresentando – como o próprio Fast – a história como uma grande luta pela liberdade: “‘No man stays free’, he said. ‘I know a little history and the little I know makes it a fight for freedom, all along. There’s one big gun for freedom – education. I say, arm ourselves’”<sup>548</sup>.

Isto é exatamente o que o próprio Gideon buscou fazer, munir-se com as armas da educação, princípio que também estimulou na sua comunidade local de Carwell. De fato, após sua volta de Charleston foi construída uma escola na pequena vila onde habitava, com o objetivo de instruir as crianças de todas as famílias. O comprometimento de Gideon, que assumiu uma posição de liderança natural dentro da comunidade, com a educação era tamanho que ele fazia questão de que as aulas das crianças continuassem, mesmo diante do estado de sítio em que se encontravam ao final do romance, cercados e apossados por um verdadeiro exército do Klan: “Mr. Winthrope has agreed to remain with us and teach the children. I think that is very important; I think that lessons will go on and should go on, regardless of what happens”<sup>549</sup>.

Esta é, em resumo, a segunda grande demanda associada no romance à comunidade negra durante a época da Reconstrução: não apenas uma grande avidez pessoal na busca por instrução, mas também a obtenção do acesso à educação universal como reivindicação política a ser conquistada e assegurada legislativamente na Convenção, a partir do entendimento de que ela representava uma verdadeira arma na luta pela manutenção da liberdade recém-conquistada.

Por fim, a última reivindicação que aparece em *Freedom Road* associada à luta dos negros durante o período da Reconstrução, diz respeito à questão da terra. De fato, era grande a expectativa da população de libertos com relação à possibilidade de divisão das terras das *plantations*, que formavam os grandes impérios agrícolas do Sul.

O próprio direito ao voto para delegados na Convenção, retratado no início do romance, é confundido por muitos com a repartição de terras, evidenciando também a falta de

---

Agora, com a educação – isso você não pode tirar de um homem que aprendeu e eu acredito que um homem que aprendeu verdadeiramente não pode ser um escravo. Por um lado, ela é como uma arma, por outro, ela é melhor que a arma”. Tradução minha. Ibid., p. 74.

<sup>548</sup> “‘Nenhum homem permanece livre’, ele disse. ‘Eu conheço um pouco de história e o pouco que eu conheço faz dela uma luta pela liberdade, ao longo de todo tempo. Há uma grande arma para a liberdade – educação. Eu digo, armem-se’”. Tradução minha. Ibid., p. 79.

<sup>549</sup> “O Sr. Winthrope concordou em permanecer conosco e ensinar as crianças. Eu acho que isto é muito importante; eu acho que as aulas vão continuar e devem continuar, independente do que aconteça”. Tradução minha. Ibid., p. 244.

familiaridade com os instrumentos democráticos: “Too many niggers who thought that voting was forty acres and a mule<sup>550</sup> to take home with them, too many who thought voting would make them rich – too many who stared baffled and angry at their empty hands after they had cast the vote”<sup>551</sup>.

Efetivamente, a questão da garantia de acesso à terra para os negros e os brancos pobres do Sul é muito presente ao longo dos capítulos que retratam as reuniões da Convenção. Logo na chegada de Gideon ao local da assembleia, ele presencia a discussão entre dois delegados, um velho homem negro e um branco pobre, chamado Anderson Clay, que viria a desenvolver uma relação de respeito para com Gideon ao trabalharem juntos em prol dos mesmos ideais. No diálogo em questão, Clay é interpelado sobre o que ele faria com relação ao desprezo com o qual a constituinte majoritariamente negra e pobre era tratada, demonstrando ao mesmo tempo as demandas pelas quais lutaria – semelhantes às da maioria dos delegados negros, com exceção da consciência que uma efetiva reforma agrária não adviria da Convenção:

‘Keep my head. Come out of this convention with schools and the right to vote. I know what my enemies are going to say’.

(...) ‘How about land? What good are schools and voting, if you ain’t got the means to take out a crop?’

‘Land’, the white man said, chewing at the word. ‘Brother, ask them for land and they’re going to lick you right down the line. No land’s going to come out of this Convention; if we want land, we’re going to work and sweat and buy it’<sup>552</sup>.

<sup>550</sup> A expressão “*forty acres and a mule*” ganhou notoriedade a partir da proclamação da chamada “Field Order nº 15”, expedida em 1865 pelo General da União William T. Sherman (o mesmo que havia sido retratado em seu cargo posterior de Comandante Geral das Forças Armadas em *The Last Frontier*). Esta ordem previa o assentamento de famílias negras em lotes de quarenta acres de terra, com a promessa da concessão de mulas do exército para auxiliar neste esforço. Tal medida foi ao encontro das expectativas de muitos libertos, que acreditavam ter direito à propriedade de terras, tendo trabalhado em regime de escravidão por tanto tempo, tornando-se uma espécie de slogan em favor da democratização fundiária. Na prática, no entanto, ela teve um alcance limitado, uma vez que o escopo da política de Reconstrução não abarcava uma reforma agrária profunda, sendo revertida pelo presidente Andrew Johnson. FONER, Eric. *Reconstruction. America’s Unfinished Revolution, 1863-1877*. New York: Harper Perennial, 2015, p. 108-109. É importante apresentarmos ainda alguns parâmetros de medidas, para que se possa ter uma noção do que esta extensão de terra representa. 1 acre corresponde a 4.046 m<sup>2</sup>, ou 0,4 hectares. Por sua vez, 40 acres equivalem a 161.874 m<sup>2</sup>, ou 16,18 hectares. Comparativamente, o Homestead Act de Lincoln, de 1862, previa a concessão de 160 acres de terra no Oeste, o que corresponde a 647.497 m, ou 64,74 hectares.

<sup>551</sup> “Havia muitos pretos que pensavam que a votação era quarenta acres e uma mula para levar para casa com eles, muitos que pensavam que votar iria deixá-los ricos – muitos que olhavam perplexos e irritados para suas mãos vazias depois de terem votado”. Tradução minha. FAST, Howard. *Freedom Road. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner*. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 11-12.

<sup>552</sup> “‘Manter a cabeça. Sair desta convenção com escolas e o direito ao voto. Eu sei o que meus inimigos vão dizer’.

(...) ‘E quanto à terra? De que adiantam escolas e voto, se você não tem meios de obter uma colheita?’

Ao ouvir isso, Gideon se aproxima e começa a conversar com Clay, reafirmando o quanto a terra era uma demanda indispensável para sua comunidade, para que pudessem continuar a viver e a plantar em sua própria propriedade.

‘I don’t mean to presume’, Gideon said. ‘It ain’t – it not I want to poke uppity, but I hear what you say about the land. That mighty important to me, that my people have land. You figure they won’t give us none?’

‘They damnwell won’t.’

‘How we going to live?’

‘Nigger, that’s one for you to figure out’<sup>553</sup>.

Esta constatação, que acabou se efetivando com a elaboração final da Constituição, de que a Convenção não traria como resultado a distribuição igualitária de terras para os libertos, fez com que Gideon e sua comunidade buscassem outros meios de terem acesso à terra que ocupavam. No entanto, este não era um problema localizado, mas generalizado por todo Sul. Os ex-escravos das zonas rurais em geral não detinham a propriedade de sua terra e, portanto, não tinham meios de subsistência próprios, passando necessidades e tendo que se submeter a outros regimes de trabalho exploratórios. Cardozo mostra-se bastante consciente deste problema e tenta inclusive esclarecer Gideon sobre esta situação: ““(…) so many colored folk are landless, footloose, starving. That’s a problem, Gideon, the biggest problem we face”<sup>554</sup>.

Posteriormente, após Gideon ter voltado a Carwell e elaborado com seus vizinhos um plano para a obtenção de suas terras, Cardozo, em nova conversa com o protagonista menciona o ousado projeto de reforma agrária elaborado pelo republicano Thaddeus Stevens<sup>555</sup>:

---

‘Terra’, o homem branco disse, mastigando a palavra. ‘Irmão, peça a eles por terra e eles vão te escorraçar na hora. Nenhuma terra virá desta Convenção; se quisermos terra, vamos ter que trabalhar e suar para comprá-la’<sup>553</sup>. Tradução minha. Ibid., p. 60.

<sup>553</sup> ‘Eu não quero presumir’, Gideon disse. ‘Não é – eu não quero ser arrogante, mas eu ouvi o que você disse sobre a terra. Isso é muito importante para mim, que meu povo tenha terra. Você acha que não vão nos dar nenhuma?’

‘Eles certamente não vão’.

‘Como iremos viver?’

‘Preto, isto é para vocês resolverem’. Tradução minha. Ibid., p. 61.

<sup>554</sup> ““(…) tantos homens de cor estão sem-terra, andarilhos, famintos. Este é um problema, Gideon, o maior problema que enfrentamos”<sup>554</sup>. Tradução minha. Ibid., p. 95.

<sup>555</sup> Thaddeus Stevens (1792-1868) foi um político americano, um dos líderes dos republicanos radicais durante o período da Reconstrução e uma das vozes mais eloquentes contra a escravidão e a discriminação da população negra. Seu radical projeto de reforma agrária previa o confisco de 400 milhões de acres de terras pertencentes à camada mais rica da sociedade sulista e a sua redistribuição em lotes de 40 acres, destinados a todos libertos adultos. Por meio dele, Stevens desejava acabar, de uma só vez, com os problemas da existência de uma aristocracia fundiária e de uma classe despossuída no Sul, ambas consideradas por ele como ameaças à república. Sua proposta, no entanto, acabou por ser considerada extremamente radical e foi rejeitada, inclusive

‘But can’t you see, Gideon, that this problem of land exists everywhere in the south, that it’s the single great problem upon which our future rests. How is it solved? A year ago this past March, Thaddeus Stevens introduced his Land-Division bill into Congress. What was his proposal? To take the great rebel plantations, break them down, and give each freedman forty acres and fifty dollars for a homestead’<sup>556</sup>.

Analisando o projeto proposto por Stevens, Cardozo reafirma também a necessidade da redistribuição de propriedades rurais para que se possa alcançar uma inclusão verdadeiramente igualitária e democrática dos negros libertos na sociedade sulista:

‘This plan would, no doubt, work a radical reorganization in Southern institutions, habits and manners. It is intended to revolutionize their principles and feelings. This may startle feeble minds and shake weak nerves. So do all great improvements in the political and moral world. The Southern States have been despotisms, not governments of the people. It is impossible that any practical equality of rights can exist where a few thousand men monopolize the whole landed property. How can republican institutions, free schools, free churches, free social intercourse, exist in a mingled community of nabobs and serfs, of the owners of twenty-thousand-acre manors with lordly palaces, and the occupants of narrow huts?’<sup>557</sup>.

Neste sentido ainda, cabe ressaltar também o reconhecimento manifestado por Cardozo com relação ao papel desempenhado pelos republicanos radicais em favor da Reconstrução, particularmente de Stevens, sintetizando as lutas empreendidas por eles, que se alinhavam às demandas da população negra do Sul: “‘(...) he pointed the way – make it plain to the people, enforce their power to vote, educate them, give them honest representatives, and legally in the halls of this state’s legislature and this country’s Congress, fight for legal, universal land division’”<sup>558</sup>.

Quanto ao caso específico da comunidade de Carwell, o enredo do romance acompanha a sua tentativa de obter a ocupação legal da terra onde permaneciam assentados. De fato, Gideon voltou de Charleston sem obter a garantia constitucional de terra aos libertos

---

pelos setores mais moderados do republicanismo. FONER, Eric. *Reconstruction. America’s Unfinished Revolution, 1863-1877*. New York: Harper Perennial, 2015, p. 281-289.

<sup>556</sup> “‘Mas você não vê, Gideon, que este problema da terra existe em todo lugar no Sul, que este é o maior problema sobre o qual depende nosso futuro. Como será resolvido? Um ano atrás, neste último março, Thaddeus Stevens introduziu seu projeto de divisão de terras no Congresso. Qual era sua proposta? Tomar as grandes *plantations* rebeldes, dividi-las, e dar a cada liberto quarenta acres e cinquenta dólares para estabelecer uma fazenda. Tradução minha. FAST, Howard. *Freedom Road. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner*. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 127-128.

<sup>557</sup> “‘Este plano iria, sem dúvida, operar uma reorganização radical das instituições, hábitos e costumes sulistas. Ele pretende revolucionar seus princípios e sentimentos. Isto pode perturbar mentes frágeis e estremecer nervos fracos. Assim o fazem todos grandes avanços no mundo político e moral. Os estados sulistas têm sido despotismos, não governos do povo. É impossível que qualquer igualdade de direitos prática possa existir aonde alguns milhares de homens monopolizam a propriedade de terra. Como podem instituições republicanas, escolas livres, igrejas livres, relações sociais livres existirem em uma comunidade mista de nabobos e servos, de proprietários de feudos de vinte mil acres com palácios senhoriais e ocupantes de exíguas cabanas?’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 128-129.

<sup>558</sup> “‘(...) ele apontou o caminho – deixar claro para as pessoas, fazer cumprir seu poder de voto, educá-las, lhes dar representantes honestos nos corredores da legislatura deste estado e no Congresso deste país, lutar pela divisão legal e universal das terras’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 129.

e tendo a consciência, já alertado por Anderson Clay, de que ele e seus companheiros teriam que trabalhar para conseguir comprar a terra que habitavam, mas com o otimismo de que conseguiriam tal façanha:

‘And what about us, us people here?’ Gideon said. ‘How do we fit in with the future? Well, I done gone and poked around and found out something. Dudley Carwell lost this here place to another man, who let it go for taxes. That means, sooner or later it come up on the auction block and knock down to the highest bidder. That time come, out we go, less we do something first. I don’t know what we going to do; I thought about it – give it a lot of thought, and whatever we do, we need money. Where we going to get the money, I don’t know yet. But it ain’t reason for despair. Reason for despair is dead and gone; it’s a bright new time we can see in front of us, bright new time coming up’<sup>559</sup>.

Mesmo mantendo a motivação para elaborar um plano de ação, Gideon permanece consciente de que o cenário pós-guerra havia deixado seu povo completamente despossuído e materialmente desamparado, deixando claro aos seus vizinhos que a terra que habitavam não era deles e que, caso fosse comprada por outro patrão branco, sua situação voltaria a ser semelhante à da escravidão pré-guerra:

“(...) nothing’s ours. Not the land, not even the shacks we live in. Nothing. Until now, everything was confused, no one to straighten out the records, no one to ask, what are them niggers doing there? Comes the first election, we’re going to have civil administration, and then there won’t be an acre unaccounted for’.

‘Who going to put us off the land, Gideon?’

‘Whoever buys it’.

‘Ain’t a white man going to work the land alone. Man’ll need niggers’.

‘Yes, he’ll need niggers, work it on shares the way white folks did before the war. Put every acre in cotton, and have the nigger come a begging for a little piece of fatback to feed his children. Like Brother Peter say, this is a land of milk and honey now. But why? Because we put the land into corn, into feed (...)’<sup>560</sup>.

<sup>559</sup> “‘E quando a nós aqui?’ Gideon disse. ‘Como nos encaixamos no futuro? Bem, eu fui atrás e apurei e descobria algo. Dudley Carwell perdeu este lugar aqui para outro homem, que o perdeu para os impostos. Isso significa que, cedo ou tarde, ele vai ir a leilão e ser arrematado pelo maior lance. Quando isso acontecer, teremos que sair, a não ser que façamos algo primeiro. Eu não sei o que vamos fazer; eu pensei sobre isso – pensei bastante e, o que quer que façamos, precisamos de dinheiro. Onde iremos arrumar o dinheiro, eu não sei ainda. Mas não é motivo para desespero. O motivo para desespero está morto e desapareceu; é um novo e brilhante tempo que podemos ver à frente de nós, um novo e brilhante tempo que está vindo’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 103.

<sup>560</sup> “‘(...) nada é nosso. Nem a terra, nem os barracos em que vivemos. Nada. Até agora, tudo estava confuso, ninguém para esclarecer as coisas, ninguém para perguntar, o que estes pretos estão fazendo aqui? Vem a primeira eleição, nós teremos uma administração civil e então não haverá um acre desconsiderado’.

‘Quem vai nos tirar da terra, Gideon?’

‘Quem a comprar’.

‘Nenhum homem branco vai trabalhar a terra sozinho. O homem vai precisar de pretos’.

‘Sim, ele vai precisar de pretos, trabalhar a terra em lotes como os brancos faziam antes da guerra. Colocar algodão em cada acre e fazer o preto implorar por um pequeno pedaço de carne para alimentar seus filhos. Como diz o Irmão Peter, esta é uma terra de leite e mel agora. Mas por quê? Porque nós plantamos na terra milho, alimento (...)’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 105.



Podemos também perceber na citação acima a associação fundamental da questão da terra com a conquista da autonomia sobre o próprio trabalho e da produção do próprio sustento, à qual já aludimos no capítulo anterior. De fato, em sua longa caminhada rumo a Charleston, passando junto a um campo, Gideon presencia um exemplo da continuidade da exploração do trabalho negro em condições análogas à escravidão:

Later in the day, he passed by a plantation; there were the black men in the fields with a White overseer, digging a drainage ditch in the hard ground. ‘Working for wages?’, Gideon called.

They answered never a word and the overseer yelled, ‘Get on to hell, you black bastard’<sup>561</sup>.

Em contraste com esta situação, a solução planejada pela comunidade de Carwell para o problema da obtenção de suas terras envolvia a plena e efetiva apropriação da sua própria força de trabalho: um contingente de vinte e dois homens, incluindo o protagonista Gideon, resolve oferecer sua mão-de-obra na construção de uma ferrovia, financiada por um patrão ianque, em troca de um salário diário. Esta experiência é retratada por Fast em termos bastante materialistas, evocando a imbricação, fundamental em seu pensamento, entre trabalho, vida e liberdade:

For most of the black men who made up the gangs, this work on the railroad was the first free labor they had ever performed.

(...) for the black men, it was something else. For the first time, Gideon had an inkling of the relationship of labor to the whole of life and civilization. As slaves, he and his people had worked, year in and year out, having nothing, gaining nothing, the way the mule or the ox works. Now the railroad had advertised for a product they wanted to buy; the product was labor; Gideon and his people came and sold their labor for a dollar a day, and out of their labor was coming a conception and a dream, a causeway, shining steel rails, a train screaming in the night. They would go away free men, men with some money, and they in turn would buy. And they would leave behind them what their strength and sweat had built<sup>562</sup>.

---

<sup>561</sup> “Mais tarde naquele dia, ele passou por uma *plantation*; lá estavam os homens negros no campo com um capataz branco, cavando uma vala de drenagem no chão duro. ‘Trabalhando por salários?’, chamou Gideon. Eles não responderam palavra alguma e o capataz gritou, ‘Vá para o inferno, seu bastardo negro’”. Tradução minha. Ibid., p. 39-40.

<sup>562</sup> “Para a maioria dos homens negros que compunham as equipes, este trabalho na ferrovia era o primeiro trabalho livre que eles haviam desempenhado.

(...) para os homens negros, era algo diferente. Pela primeira vez, Gideon teve uma noção da relação do trabalho com o todo da vida e da civilização. Como escravos, ele e seu povo haviam trabalhado, ano após ano, possuindo nada, ganhando nada, à maneira em que trabalham a mula e o boi. Agora, a ferrovia havia feito um anúncio para um produto que queria comprar; o produto era trabalho; Gideon e seu povo vieram e venderam seu trabalho por um dólar por dia, e do seu trabalho estava emergindo uma ideia e um sonho, uma ponte, brilhantes trilhos de aço, um trem gritando na noite. Eles iriam embora como homens livres, homens com algum dinheiro, e eles por sua vez iriam comprar. E eles deixariam para trás aquilo que sua força e suor haviam construído”. Tradução minha. Ibid., p. 111-112.

A partir desta experiência de livre trabalho assalariado, Gideon conseguiu mobilizar seus companheiros para que não gastassem seus salários individualmente, mas colocassem o pagamento de todos em comum, com o objetivo de comprar suas terras. Além disso, no intuito de dar maior força e legitimidade à sua empreitada, Gideon encabeça ao mesmo tempo um movimento inovador de aproximação com os brancos pobres que habitavam dentro da antiga propriedade senhorial e nos arredores, para que também eles entrassem no negócio de compra da terra. O principal personagem retratado, neste sentido, é o de Abner Lait, cujo arco narrativo transita do desprezo a Gideon e aos negros de Carwell, até a plena cooperação, integração e desenvolvimento de uma relação de respeito e mesmo de amizade. No trecho a seguir, Gideon tenta convencer Lait a se juntar aos seus esforços, compreendendo de forma alinhada os destinos dos brancos pobres e dos negros no Sul do pós-Guerra Civil:

‘(...) War’s a sad thing, sad and wasteful. You took up a gun, I took up a gun, and in a way of speaking you and me fought against each other. Why for? Sure the Yankees come in here, freed the niggers and maybe half the plantation owners see themselves ruined. But how many plantations are there? Just look around you – everywhere the eyes rest, there’s the same old Carwell place. Me, I’m a free man instead of just a nigger slave; you got the same as before the war, maybe better. Never had no hope of owning your own piece before the war. Every inch of good land was part of some plantation – poor white could have some swamp or patch of pines to raise a crop. The Yankees left us the land, and maybe a little more hope than before (...).

What’s this future going to be except what we make it? And it won’t be no good unless we make it for black and white the same. Ain’t no end of hate here unless the future belongs to both of us. We’re stronger to buy the land if you come in, if Max Bromly comes in, if the Carson brothers come in, if Fred McHugh comes in’<sup>563</sup>.

Lait e a maioria dos brancos habitantes das proximidades da comunidade negra de Carwell acabaram por concordar em participar de sua operação de compra das terras. Mesmo enfrentando negativas de financiamento por parte de instituições bancárias do Sul, que explicitamente não desejavam ver terras nas mãos de negros, o grupo conseguiu arrematar parte das terras da antiga *plantation* que haviam ido a leilão, por meio do auxílio de um

---

<sup>563</sup> “‘(...) A guerra é uma coisa triste, triste e desperdiçadora. Você tomou uma arma, eu tomei uma arma e, de certa forma, você e eu lutamos um contra o outro. Por quê? Claro que os ianques vieram aqui, libertaram os pretos e talvez metade dos donos de *plantations* se viram arruinados. Mas quantas *plantations* existem? Olhe ao seu redor – em toda parte onde pousa o olhar, há a mesma velha Carwell. Eu, eu sou um homem livre ao invés de apenas um preto escravo; você está o mesmo de antes da guerra, talvez melhor. Nunca teve nenhuma esperança de possuir seu próprio pedaço de terra antes da guerra. Cada polegada de terra boa era parte de alguma *plantation* – o branco pobre poderia ficar com algum pântano ou trecho de pinheiros para cultivar uma colheita. Os ianques nos deixaram a terra e talvez um pouco mais de esperança do que antes (...). O que este futuro vai ser, a não ser o que fizemos dele? E não será bom a não ser que o fizemos para ambos negros e brancos. Não haverá fim do ódio aqui a não ser que o futuro pertença a nós dois. Somos mais fortes para comprara a terra se você entrar junto, se Max Bromly entrar, se os irmãos Carson entrarem, se Fred McHugh entrar’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 120-121.

advogado, chamado Daniel Greene. A partir disto, procuraram dividir igualmente as terras entre si, efetivamente conquistando este direito a que tanto almejavam.

Esta seria, em linhas gerais, a terceira grande demanda trabalhada ao longo do romance: a luta dos negros pelo acesso à propriedade de terras – à qual reivindicavam ter direito por nelas terem trabalhado em regime de escravidão e permanecido após a guerra – tanto por meio da tentativa de sua garantia legal, quanto de iniciativas pontuais de aquisição por meio da compra, além da essencial vinculação da posse de terra à noção de emancipação da sua força de trabalho e, em última instância, à própria liberdade conquistada a partir da emancipação.

Cabe ressaltarmos ainda o fato de que *Freedom Road* é muito incisivo e claro na apresentação destas três lutas que analisamos como algo fundamental para a efetiva inserção da população negra liberta da escravidão na sociedade americana, de forma inclusiva, democrática e igualitária. Neste sentido, como já mencionamos, elas frequentemente se interlaçam e coexistem nas falas dos personagens. Assim, é interessante apresentarmos ainda alguns trechos em que as três reivindicações aparecem explicitamente conjugadas na forma de uma síntese do que eram as demandas dos negros na época da Reconstrução. Uma destas passagens refere-se à resposta de Gideon aos convidados negros ilustrados presentes na janta na casa de Cardozo à qual compareceu, relativa ao que os negros iletrados dos campos esperavam da Convenção:

‘Talk about a man can’t read, can’t write, just an old nigger come walking out of the cotton fields, that’s me. What I want from Constitution? Maybe it ain’t what you folks want – want learning, want it for all, black and white. Want a freedom that’s sure as an iron fencepost. Want no man should push me off the street. Want a little farm where a nigger can put in a crop and take out a crop all his days. That’s what I want’<sup>564</sup>.

A síntese destas questões aparece de modo mais direto ainda no diálogo entre Gideon e o doutor Norman Emery, médico de Boston, presente na casa de Isaac Went, banqueiro da Nova Inglaterra que acaba financiando parte da compra das terras de Carwell por seus habitantes:

‘But by what means, Mr. Jackson, do you intend to hold onto the power?’

---

<sup>564</sup> “‘Se querem um homem que não sabe ler, não sabe escrever, apenas um velho preto vindo dos campos de algodão, esse sou eu. O que eu quero da Constituição? Talvez não seja o que vocês querem – eu quero educação, quero para todos, negros e brancos. Quero uma liberdade que seja segura como uma cerca de ferro. Quero que nenhum homem possa me impedir de andar na rua. Quero uma pequena fazenda onde um preto possa plantar e colher durante todos os seus dias. É isso que eu quero’”. Tradução minha. Ibid., p. 54.

‘In three ways’, Gideon said. ‘First, by the ballot. There on every count we got the planters beat, twenty votes to every one they can find. Second, we are going to educate. All we need is ten years and in that time we raise up a whole generation of educated children. That, Dr. Emery is going to be our biggest gun. The planters taught us that way back, when they made it a crime for a slave to want education, even to learn himself. Third way is the land (...). We’re a planting people down there, all of us (...). When we get the land, when we parcel it out, when we set up a nation of free farmers down there, like you got here, then we stand on our own feet and talk loud and sure. Once that land’s our own, we are not going to give it up, never’<sup>565</sup>.

Em conclusão, são estas três as lutas da população negra do Sul durante o período da Reconstrução retratadas por Fast na narrativa de *Freedom Road*, muito em consonância com os recentes desenvolvimentos historiográficos: a conquista e manutenção de direitos políticos, o acesso à educação e a garantia do direito à propriedade de terras.

#### **4.3 *The Passion of Sacco and Vanzetti* e a luta pela inocência e por imparcialidade no julgamento**

A questão das lutas representadas na narrativa de *The Passion of Sacco and Vanzetti* é apresentada de forma bem mais direta e simplificada que nos demais livros, e está intimamente relacionada à convicção do autor na inocência dos dois acusados. De fato, a grande reivindicação apresentada pelo romance oscila entre a constante rejeição da culpabilidade dos réus e a demanda por imparcialidade no julgamento.

Efetivamente, a questão da inocência de Sacco e Vanzetti é um dos motes mais presentes ao longo da narrativa do livro, o qual é postulado por uma ampla gama de personagens, sendo-nos possível elencar uma ampla gama de exemplos. Uma das figuras mais significativas do romance, o já mencionado personagem do Professor de Direito, versão ficcional do professor de Harvard Felix Frankfurter, em sua explanação sobre o caso e suas impropriedades, conclui, afirmando que sua condenação havia ocorrido em decorrência das suas crenças radicais e não por terem cometido atos criminosos: “(...) before today is over

---

<sup>565</sup> “‘Por quais meios, Sr. Jackson, vocês pretendem se manter no poder?’

‘De três modos’, Gideon disse. ‘Primeiro, pela urna. Nela, em todas contagens nós deixamos os plantadores para trás, vinte votos para cada um que eles conseguem encontrar. Segundo, vamos nos educar. Tudo que precisamos são dez anos e neste tempo iremos criar toda uma geração de crianças educadas. Isto, Dr. Emery, será a nossa maior arma. Os plantadores nos ensinaram lá atrás, quando tornaram crime um escravo querer educação, mesmo educar a si mesmo. O terceiro modo é a terra (...). Somos um povo agrícola lá, todos nós (...). Quando obtivermos a terra, quando a dividirmos, quando estabelecermos uma nação de fazendeiros livres lá, como vocês tem aqui, então nos manteremos de pé e falaremos alto e com segurança. Uma vez que esta terra for nossa, nós não vamos desistir, nunca’”. Tradução minha. Ibid., p. 136.

they will be made to pay with their lives for the beliefs they held, not for the crimes they committed”<sup>566</sup>.

Esta perspectiva é afirmada também, significativa e repetidamente, pelo ladrão confesso Celestino Madeiros, evocando a sua admissão de culpa, que havia sido ignorada no julgamento do caso. Logo nas primeiras páginas do romance, em sua cela na prisão de Charleston, Madeiros desabafa: “No one should suffer for me. I confessed my crime. I absolved the two others, the shoe maker and the fish peddler. What more may I do?”<sup>567</sup>.

Ainda sobre a confissão de Madeiros, o próprio narrador afirma:

During the years he spent in prison, he had thought very deeply about these two men who had been sentenced to death for a crime which they did not commit or have anything to do with, but which he himself did commit and did have much to do with<sup>568</sup>.

Em outro momento, por fim, já no clímax da narrativa, quando Sacco e Vanzetti estão para ser executados, o próprio Madeiros novamente manifesta, de forma desesperada:

‘Innocent, innocent – do you hear me! Innocent! Here are two men who are innocent! I know! I am Madeiros, thief and murderer! I sat in the car that drove into South Braintree! I was a part of the crime and a part of the murder! I know the faces and the names of those who killed! You are murdering innocent men!’<sup>569</sup>.

Por sua vez, de forma menos drâmica, o personagem não-nomeado do Diretor da Prisão, ao refletir sobre a execução pendente, pensa em dizer para sua esposa: “The execution will be postponed because it is quite obvious to anyone who knows anything about this case, that these two men are innocent”<sup>570</sup>. Já o personagem de um Escritor de Nova York<sup>571</sup>, introduzido na parte final da narrativa, acompanhando os protestos pela suspensão da execução dos dois acusados implora a clemência do personagem do Governador de

---

<sup>566</sup> “(...) antes que o dia de hoje acabe, eles irão pagar com suas vidas pelas crenças que defendiam, não pelos crimes que cometeram”. Tradução minha. FAST, Howard. *The Passion of Sacco & Vanzetti. A New England Legend*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon]., pos. 609.

<sup>567</sup> “Ninguém deveria sofrer por mim. Eu confessei meu crime. Eu absolvi os dois outros, o sapateiro e o vendedor de peixes. O que mais eu posso fazer?”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 46.

<sup>568</sup> “Durante os anos que ele passou na prisão, ele havia pensado muito profundamente sobre estes dois homens que haviam sido sentenciados à morte por um crime que eles não cometeram ou com o qual tiveram qualquer coisa a ver, mas que ele próprio havia cometido e com o qual teve muito a ver”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 90-97.

<sup>569</sup> “Inocentes, inocentes – vocês me ouviram! Inocentes! Aqui estão dois homens que são inocentes! Eu sei! Eu sou Madeiros, ladrão e assassino! Eu sentei no carro que dirigiu até South Braintree! Eu fui parte do crime e parte do assassinato! Eu conheço os rostos e os nomes daqueles que mataram! Vocês estão assassinando homens inocentes!”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 2489.

<sup>570</sup> “A execução vai ser adiada porque é bem óbvio para qualquer um que saiba qualquer coisa sobre este caso que estes dois homens são inocentes”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 207.

<sup>571</sup> Este personagem, apresentado simplesmente como “the Writer from New York”, aparenta muito bem ser um *alter ego* do próprio Fast, reafirmando sua convicção na incriminação e na inocência de Sacco e Vanzetti.

Massachusetts (Alvin T. Fuller): “I would be deceiving you, your Excellency, if i did not say that I myself believe these men are guilty of no crime except their radical beliefs”<sup>572</sup>.

Esta é uma outra contextualização feita por Fast do meio para o final da narrativa de *The Passion of Sacco and Vanzetti*, a qual não mencionamos no capítulo anterior: os protestos nos Estados Unidos e ao redor do mundo, em favor da inocência de Sacco e Vanzetti. De fato, todo capítulo oito do livro descreve um grande piquete<sup>573</sup> formado por trabalhadores justamente para protestar pela inocência e contra a execução dos dois acusados. Neste contexto, significativamente, é retratada também a prisão de um trabalhador negro como bode expiatório e para tentar fazê-lo incriminar outras pessoas pelos atentados à bomba a autoridades ligadas ao caso Sacco e Vanzetti, trazendo à tona assim um pouco do contexto de repressão aos trabalhadores da época, apresentando como comum a prática de atribuir uma falsa culpa a membros de minorias sociais ou militantes de movimentos operários, ao mesmo tempo em que constitui, de certa forma, uma espécie de alegoria do próprio caso de Sacco e Vanzetti.

No mesmo sentido, no capítulo nove, há a menção a uma série de protestos ao redor do mundo: desde na embaixada americana em Londres; em Paris, Toulouse, Lyon e Marselha na França; em Berlim, Frankfurt e Hamburgo na Alemanha; em Pequim, Moscou, Calcutá, Bruxelas; além de na Colômbia, Venezuela, Brasil, Chile, Argentina e África do Sul<sup>574</sup>. Dessa forma, Fast acaba retratando, assim, o ambiente de profunda dramaticidade e a grande comoção pública gerada pelo caso – em âmbito nacional e internacional – vinculada à crença na inocência dos acusados.

A raiz de todas estas reivindicações da inocência dos dois italianos está intimamente relacionada à convicção de que a condução de todo o processo havia sido manchada pelo comportamento tendencioso do juiz e da acusação, influenciado pela predisposição a condená-los por serem estrangeiros e terem um posicionamento político radical. No capítulo anterior, já ficou amplamente demonstrado o esforço de Fast por apresentar ao longo do texto o desenrolar do julgamento com certa minúcia, com o objetivo de demonstrar justamente as suas impropriedades, abusos e arbitrariedades – e pretendemos no próximo capítulo aprofundar este tema em mais alguns aspectos. Neste sentido, a demanda que subjaz à reivindicação pela inocência de Sacco e Vanzetti diz respeito ao direito a um julgamento

---

<sup>572</sup> “Eu estaria lhe enganando, Vossa Excelência, se eu não dissesse que eu mesmo acredito que estes homens não são culpados de crime algum exceto de suas crenças radicais”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1591.

<sup>573</sup> *Ibid.*, pos. 1049-1149.

<sup>574</sup> *Ibid.*, pos. 1344-1352.

justo, por imparcialidade no processo jurídico, por uma efetiva isonomia na aplicação da lei a todos os cidadãos.

O que é fundamental pontuarmos na conclusão deste primeiro capítulo mais analítico é a vigência de uma maneira de Fast olhar para o passado, expressa nos romances que compõem nosso recorte de pesquisa. De fato, as obras refletem uma interpretação, uma leitura, um olhar muito específico do autor com relação ao processo histórico americano, identificando e atribuindo a este passado uma qualidade bem definida, a saber, que a história dos Estados Unidos é e tem sido uma história eminentemente pautada por lutas e reivindicações de diversos grupos sociais considerados minoritários, oprimidos e marginalizados do processo de construção democrática nacional.

Neste capítulo, portanto, procuramos demonstrar como Fast identifica neste passado e, por sua vez, retrata em *The Last Frontier*, *Freedom Road* e *The Passion of Sacco and Vanzetti* o conjunto de demandas das populações que protagonizam os romances, respectivamente, nos contextos históricos do êxodo dos *cheyenne* durante a conquista territorial do Oeste, da Reconstrução no Sul e da repressão ao movimento anarquista na primeira onda de Red Scare: no caso dos indígenas, a luta pela sua terra ancestral; dos negros libertos, pelo voto e solidificação de seus direitos políticos, pelo acesso à educação e pelo direito à propriedade de terras; e dos anarquistas italianos, por uma isonomia do processo jurídico ao longo da tentativa de provar sua inocência.

Neste sentido, muito pautado pelo pressuposto de base materialista, que compunha seu universo conceitual, da existência de uma continuidade da luta humana pela sua libertação e emancipação ao longo de toda história, a história dos Estados Unidos aparecia para Fast essencialmente como uma história de lutas e reivindicações – porém, não unicamente, como tentaremos demonstrar nos capítulos que se seguem.

## 5 PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA: UM PASSADO DE TRAGÉDIAS

*Ask any Mexican, any Puerto Rican, any black man, any poor person – ask the wretched how they fare in the halls of justice, and then you will know, not whether or not the country is just, but whether or not it has any love for justice or any concept of it. It is certain, in any case, that ignorance, allied with power, is the most ferocious enemy justice can have.*

James Baldwin<sup>575</sup>

*America why are your libraries full of tears?*

Allen Ginsberg<sup>576</sup>

No capítulo anterior, procuramos apresentar uma leitura possível das obras *The Last Frontier*, *Freedom Road* e *The Passion of Sacco & Vanzetti*, identificando em sua narrativa uma compreensão muito peculiar de Fast acerca da história dos Estados Unidos, que a concebia como tendo sido fundamentalmente marcada por reivindicações e lutas de grupos sociais marginalizados ao longo do processo de construção nacional. Dando sequência à nossa análise aproximada e transversal das fontes, pretendemos examinar, ao longo do presente capítulo, um outro aspecto do passado norte-americano que podemos vislumbrar a partir de nossa leitura das obras de Fast: o preconceito, a discriminação e a violência dirigidos contra estes mesmos grupos sociais – indígenas, negros, imigrantes e militantes de esquerda. Neste sentido, a história americana, para Fast, é também uma história de intolerância, de opressão e de tragédias.

De fato, os enredos dos três romances aqui analisados possuem um caráter essencialmente trágico, culminando no extermínio violento, total ou parcial, dos grupos protagonistas. *The Last Frontier* tem como clímax a captura do grupo *cheyenne* liderado por Dull Knife, o seu confinamento, privados de mantimentos, em Fort Robinson após terem se negado a retornar para o Território Indígena, e o seu massacre indiscriminado por parte do exército americano, quando de sua tentativa de fuga. Por sua vez, *Freedom Road* culmina no

<sup>575</sup> “Pergunte a qualquer mexicano, qualquer porto-riquenho, qualquer negro, qualquer pessoa pobre – pergunte aos miseráveis como eles se saem nos corredores da justiça, e então você saberá não se o país é justo ou não, mas se ele possui ou não algum amor pela justiça ou alguma noção de justiça. É certo, em todo caso, que a ignorância, aliada ao poder, é o inimigo mais feroz que a justiça pode ter”. Tradução minha. BALDWIN, James A. *No Name in the Street*. New York: Vintage International, 2007, p. 94

<sup>576</sup> “América, por que suas bibliotecas estão cheias de lágrimas?”. Tradução minha. GINSBERG, Allen. “America”. In: *Howl and Other Poems*. San Francisco: City Lights Books, 1979, p. 43.



massacre da população de negros libertos e brancos pobres residentes na antiga *plantation* de Carwell, que haviam conseguido adquirir legalmente suas próprias terras, construindo ali um núcleo democrático comunitário, e que, ao final da narrativa, se encontravam verdadeiramente sitiados por uma horda de membros do Ku Klux Klan. Já *The Passion of Sacco & Vanzetti* termina com a execução dos dois anarquistas italianos na cadeira elétrica, mesmo diante dos inúmeros protestos ao redor do mundo por sua inocência e absolvição.

O fato de que os livros, ou ao menos seus desfechos, podem ser sintetizados desta forma por si só já sustenta em boa medida o argumento do presente capítulo, de que, em seus romances históricos, é possível percebermos em Fast a noção de que a história estadunidense havia sido indelevelmente marcada por acontecimentos violentos e trágicos para as classes subalternas. Para além deste aspecto de ordem estrutural – no sentido da estrutura da trama e da narrativa dos romances – podemos apontar ainda mais algumas considerações que dão suporte ao nosso argumento. Desta forma, nas páginas que se seguem elencaremos alguns elementos discursivos presentes em cada uma das três obras, por meio dos quais Fast busca evidenciar o preconceito, a intolerância, o desprezo, o ódio dirigido pela classe dominante norte-americana aos indígenas, negros, imigrantes e trabalhadores de esquerda.

### **5.1 *The Last Frontier*, desprezo, desumanização e ódio aos indígenas no Oeste**

Como já mencionamos anteriormente, a narrativa de *The Last Frontier*, apesar de ter sido originalmente concebida para representar o ponto de vista dos indígenas, acabou por ser escrita, ao contrário, a partir da perspectiva dos personagens brancos. Dessa forma, nas falas destes personagens é possível percebermos uma série de caracterizações, designações e qualificações atribuídas aos *cheyenne*, além de certas concepções acerca do que os indígenas significavam para boa parte dos brancos americanos daquele tempo, segundo a construção narrativa de Fast.

A mais frequente destas caracterizações está relacionada ao termo e à ideia de que os indígenas eram “selvagens”, não-civilizados, concepção carregada de uma conotação pejorativa e desqualificante, que servia para alimentar um desdém pelos indígenas e para justificar sua opressão e os atos violentos perpetrados ao longo da narrativa do romance. De fato, uma ampla gama de personagens usa esta palavra para se referir aos *cheyenne*. John Seger, o capataz da agência de Darlington, comenta sobre eles, diferenciando-os dos povos

indígenas já adaptados à vida nas reservas: “‘These Northern Cheyenne are kind of wild, uncivilized’, Seger explained”<sup>577</sup>. Também o próprio agente Miles enxerga os nativos desta forma, ao refletir sobre a dificuldade de dissuadir os *cheyenne* de seus velhos hábitos, como a caça ao búfalo, e de quererem voltar para seu antigo território: “‘(...) how could a man make savages understand the policy of a nation”<sup>578</sup>. O mesmo Miles, ao ser perguntado pelo jornalista Jackson sobre as causas que levaram os *cheyenne* a fugirem da reserva, reafirma simplesmente, desqualificando seus motivos: “‘They are savages’, Agent Miles said listlessly”<sup>579</sup>.

Outro exemplo é o do personagem identificado como Steve Jesky, caracterizado como um indivíduo pouco confiável, que vestia roupas de couro sujas e esfarrapadas, adornadas com um velho escalpo – denotando já ter matado indígenas no passado – e que perambulava pelo entorno do acampamento militar americano, oferecendo seus serviços como uma espécie de batedor informal em troca de um lugar para dormir, comida e bebida. Jesky, que conhecia um pouco do idioma *cheyenne*, acompanhou os militares na expedição para conter os indígenas fugidos, para atuar como intérprete, caso necessário. De sua tradução, o narrador faz o seguinte comentário, que demonstra o desprezo pelo idioma e pela cultura *cheyenne*: “‘To him, the rich, beautiful, abundant flowing tongue of these Indians was savage gibberish, and he translated accordingly”<sup>580</sup>.

Mesmo o capitão Murray, que em alguns momentos demonstra certa simpatia diante do suplício vivido pelos indígenas, pensa consigo mesmo a respeito da longa e árdua jornada empreendida pelos *cheyenne*: “‘How did the women and children stand it? They could be Indians, savages without too much sensitivity, without any real knowledge of good or bad or right or wrong or pain or comfort; but still their flesh was flesh”<sup>581</sup>. Em outra passagem, o

<sup>577</sup> “‘Estes *cheyenne* do norte são meio selvagens, não-civilizados”’. Tradução minha. FAST, Howard. *The Last Frontier*. A new edition with a special introduction by the author. Armonk: M.E. Sharpe, 1997 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 347.

<sup>578</sup> “‘(...) como poderia um homem fazer selvagens entenderem a política de uma nação”’. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 387-393).

<sup>579</sup> “‘Eles são selvagens’, o agente Miles disse apaticamente”’. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 2867.

<sup>580</sup> “‘Para ele, a rica, bela, abundante língua fluente destes indígenas era uma algaravia selvagem, e ele traduziu de acordo”’. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 549. O termo *gibberish* é de difícil tradução, referindo-se a uma série de sons inarticulados, considerados sem nexos, sem sentido, “bobagens”. Em alguns locais, encontramos a correspondência com o termo em português “algaravia”, relacionado ao idioma árabe andalusino falado na Península Ibérica sob o domínio mouro e, ao mesmo tempo, para descrever figurativamente uma linguagem incompreensível, uma confusão de vozes. Nota de tradução.

<sup>581</sup> “‘Como as mulheres e crianças aguentavam? Eles podiam ser índios, selvagens sem muita sensibilidade, sem qualquer conhecimento real do bem e do mal, ou do certo e do errado, ou de dor e conforto; mas ainda assim, sua carne era carne”’. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1035.

narrador atribui ao pensamento de Murray a seguinte caracterização dos indígenas que perseguia: “(...) naked savages with no sense of law or order or decency”<sup>582</sup>.

Por sua vez, o capitão Wessells, oficial a cargo do comando de Fort Robinson e que demonstra muito mais ojeriza e hostilidade aos indígenas do que Murray, quando da captura do bando liderado por Dull Knife, se quer considera o bem-estar de seus prisioneiros “selvagens”: “But there were no stoves to spare at the post, and it did not occur to Wessells to put in a requisition for additional stoves simply to aid the comfort of a rebellious band of savages”<sup>583</sup>.

Mesmo um peão mexicano – grupo social que também não escapava ao preconceito, estereotipização e discriminação por parte dos brancos americanos – que conduzia um rebanho de ovelhas para um certo Mr. Kent, ao dar informações a respeito do paradeiro dos indígenas para o destacamento do exército que passava, menciona “(...) a cloud of wild savages who had obscured the horizon”<sup>584</sup>, aprovando sua captura violenta.

Também o alemão Carl Schurz, Secretário do Interior e responsável por lidar com os assuntos indígenas, manifesta a concepção de que os *cheyenne* eram um povo selvagem, lembrando-o de outros povos da Eurásia. No entanto, o personagem de Schurz, como já vimos, mantém uma postura ambígua, duvidando que fossem totalmente selvagens sanguinários e ávidos pela guerra:

A troublesome people: thinking of the plains Indians always recalled the wild bands of Tatars and Cossacks on their lonely steppes. But the Cheyenne were wild and hard and bad, and the plains people who knew about such things said they lived for nothing but war. But he was inclined to doubt: he had never made such an opinion even of the Prussians, whom he hated, deeply, silently, with good reason. No people lived to kill and only to kill (...) <sup>585</sup>.

Voltaremos a tocar em questões semelhantes mais adiante. Cabe, antes de avançarmos, mencionar ainda um outro trecho muito significativo. Na passagem a seguir, o próprio Schurz encontra-se em uma reunião do gabinete presidencial, aguardando a chegada o presidente dos Estados Unidos, Rutherford Hayes, junto a outros membros do gabinete: George McCrary, o

<sup>582</sup> “(...) selvagens nus, sem nenhum senso de lei ou ordem ou decência”. Tradução minha. Ibid., pos. 1278.

<sup>583</sup> “Mas não havia fogões sobressalentes no posto, e não ocorreu a Wessells fazer uma requisição para fogões adicionais, simplesmente para ajudar no conforto de um bando de selvagens”. Tradução minha. Ibid., pos. 3381.

<sup>584</sup> “(...) uma nuvem de selvagens que obscureceu o horizonte”. Tradução minha. Ibid., pos. 2206.

<sup>585</sup> “Um povo problemático: pensar nos índios das planícies sempre lembrava os selvagens bandos de tártaros e cossacos nas suas estepes solitárias. Mas os *cheyenne* eram selvagens e duros e maus, e o povo das planícies que sabia sobre estas coisas dizia que eles viviam para nada além da guerra. Mas ele estava inclinado a duvidar: ele nunca teve esta opinião dos prussianos, a quem ele odiava, profunda e silenciosamente, com boa razão. Nenhum povo vivia para matar e somente para matar (...)”. Tradução minha. Ibid., pos. 1424-1430.

Secretário da Guerra, Charles Devens, o Procurador-Geral, e William Evarts, o Secretário de Estado. Na ocasião, Schurz recorda o Tratado Harney-Sanborn, que parecia garantir aos indígenas das planícies o direito a suas terras, e chega a se espantar com a reação de seus companheiros de gabinete, que desconsideraram completamente um acordo feito com “selvagens”:

Devens shrugged. ‘The whole thing’s a dead letter’, he said.

‘How?’

‘I don’t see either the pertinence or importance in a treaty made thirteen years ago with a pack of savages’.

‘We made the treaty’, Schurz shrugged.

‘It has no legality’.

‘No?’

‘A gesture’, Evarts said, smiling. ‘Surely that’s all any treaty with Indian tribes amounts to – a gesture’.

‘I could give you three legal counts to nullify such a treaty’, the Attorney-General said.

Schurz puffed his cigar and nodded.

‘Firstly, when a sovereign state makes a treaty with another sovereign state, that treaty remains in force so long as both states remain sovereign. There’s no need to go into the matter of sovereignty: even if those Indians once exercised sovereignty over the regions they inhabited, they don’t today. The mere fact that they’ve been expelled from the territory they inhabit precludes any claim of sovereignty’.

‘Secondly, such a treaty is conditional upon a state of friendly relations. The moment the Indians declared war, the treaty was nullified. (...)’<sup>586</sup>.

O Procurador-Geral não chega a expor a terceira causa para considerar nulo o tratado, tendo sido interrompido pela chegada do presidente Hayes. Entretanto, considerando que

---

<sup>586</sup> “Devens deu de ombros. ‘A coisa toda é letra morta’, ele disse.

‘Como?’

‘Eu não vejo a pertinência nem a importância de um tratado feito treze anos atrás com um bando de selvagens’.

‘Nós fizemos o tratado’, Schurz deu de ombros.

‘Ele não tem legalidade’.

‘Não?’

‘Um gesto’, Evarts disse, sorrindo. ‘Seguramente isto é tudo que qualquer tratado com tribos indígenas significa – um gesto’.

‘Eu poderia lhe dar três pontos legais para anular tal tratado’, o Procurador-Geral disse.

Schurz tragou seu charuto e assentiu.

‘Primeiramente, quando um Estado soberano faz um tratado com outro Estado soberano, este tratado permanece em vigor desde que ambos Estados permaneçam soberanos. Não é preciso adentrar na questão da soberania: mesmo que aqueles índios tenham outrora exercido soberania sobre as regiões que eles habitavam, eles não exercem hoje. O mero fato de que eles foram expulsos do território que habitavam impede qualquer reivindicação de soberania’.

‘Segundo, tal tratado é condicionado a um estado de relações amigáveis. No momento que os índios declararam guerra, o tratado foi anulado. (...)’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1457-1471.

tanto a perda da sua soberania sobre o território, quanto a quebra das relações amigáveis foram evidentemente causada por ações do governo americano, podemos sim perceber como esta passagem ilustra a fabricação de argumentos, falaciosos e cínicos, para justificar e racionalizar as ações que levaram à expropriação das terras indígenas.

Outra categoria de designação, de discriminação e de xingamento aos indígenas que aparece em *The Last Frontier* está relacionada à sua caracterização pejorativa como peles-vermelhas. É amplamente sabido que termo *redskin* talvez tenha sido o mais usual epíteto discriminatório para se referir aos indígenas ao longo da história dos Estados Unidos, sendo até hoje considerado carregado de negatividade e rejeitado pelas populações nativas americanas. No entanto, ele não chega a figurar amplamente no romance de Fast, aparecendo uma única vez ao longo da narrativa, em um trecho que citaremos mais adiante. A expressão mais usual neste sentido é “red bastard”, ou então “red” associado a outro xingamento – empregados de forma usual e corriqueira por muitos personagens para se referir aos indígenas.

Podemos elencar uma ampla gama de exemplos. O *frontiersman* Sutton, que chega a Dodge City no momento em que os *cheyenne* estão para passar pelas imediações da cidade, expressa para o barman do *saloon* local: “Christ, I’d like to get a crack at them red bastards”<sup>587</sup>. Em outra situação, doze vaqueiros de um rancho chamado Eagle Bar D, encontram dois *cheyenne* caçando um búfalo. Um deles conseguiu fugir; o outro, ferido, é capturado pelos peões. Marcy, um dos vaqueiros, exclama a respeito do indígena que escapou: “‘The dirty red bastard’, Marcy said good-naturedly”<sup>588</sup>.

O capitão Wessells é um dos personagens que utiliza com maior frequência esta expressão. Ao se deparar com um acampamento *cheyenne* entrincheirado, que o força a esperar o movimento dos indígenas, por exemplo, Wessells comenta: “‘Those red bastards’, he said calmly, ‘will keep us here until morning’”<sup>589</sup>. Depois de ter capturado o bando de Dull Knife, Wessells tenta convencer os chefes Wild Hog, Old Crow e Strong Left Hand<sup>590</sup> a voltar para a agência de Darlington. Sem sucesso, ele ordena: “Wessells said to the two troopers,

<sup>587</sup> “‘Cristo, eu gostaria de ensinar uma lição a estes bastardos vermelhos’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1757.

<sup>588</sup> “‘O sujo bastardo vermelho’, Marcy disse bem-humoradamente”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 2756.

<sup>589</sup> “‘Eles bastardos vermelhos’, ele disse calmamente, ‘vão nos manter aqui até de manhã’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 3289.

<sup>590</sup> Chefes indígenas cujos nomes significam, respectivamente, Porco Selvagem, Velho Corvo e Mão Esquerda Forte.

evenly, the cigar clenched in his teeth, ‘Put those red bastards in irons’”<sup>591</sup>. Por fim, quando da fuga desesperada dos *cheyenne* de seu confinamento em Fort Robinson, Wessells exclama: “‘My God, they won’t surrender’, Wessells said. ‘They want to die – those red bastards don’t want anything else’”<sup>592</sup>.

Este aspecto nos evoca uma interessante dimensão metafórica possível, considerando a trajetória pessoal de Fast. Um dos trechos em que ela se mostra mais evidente é o seguinte, no qual Atkins, o editor do jornal de Dodge City, incita a população local a combater a ameaça indígena:

How long shall free Americans live under the shadow of this dread fear? How long shall this red menace keep their homes, their hearths, their loved ones in the valley of shadow? We say it has been long enough! We say that no more of our loved ones shall die to feed the gaping maw of savagery. We say to free men, Rise up and destroy them! We say, Citizens of Dodge City, defend your homes, take up your guns in the cause of peace and freedom! Strike back! Strike them so that they will know that the wrath of the Lord has descended upon them! Teach them a lesson that will forever keep them within the confines of their reservations<sup>593</sup>.

Além de fazer relação dos “vermelhos” com a ideia de selvageria explorada anteriormente e de demonstrar a incitação à violência contra os nativos, podemos tomar a citação acima também em um sentido figurado. De fato, o termo “red” foi usado nos Estados Unidos de forma desdenhosa e derogatória para se referir aos comunistas, socialistas e militantes de esquerda de modo geral, particularmente nos contextos de pavor anticomunista – Fast mesmo foi chamado de “red”, tendo inclusive ironizado isto no título de seu livro de memórias, *Being Red*. Além disso, a expressão “red menace”, que figura no trecho supracitado, foi frequentemente utilizada no contexto do macarthismo para se referir à “ameaça comunista” que pairava sobre os Estados Unidos durante a Guerra Fria. Neste sentido, podemos perceber aqui a intenção de Fast de expor o hábito de setores da imprensa americana de usar argumentos relacionados à democracia, à liberdade, à religiosidade inclusive, para difamar e incitar a violência contra grupos que buscam uma outra alternativa

<sup>591</sup> “Wessells disse aos dois soldados, calmamente, com o charuto cerrado entre os dentes, ‘Prendam estes bastardos vermelhos’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 3609.

<sup>592</sup> “‘Meu Deus, eles não vão se render’, Wessells disse. ‘Eles querem morrer – estes bastardos vermelhos não querem outra coisa’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 3894.

<sup>593</sup> “Por quanto tempo os americanos livres viverão sob a sombra deste terrível medo? Por quanto tempo esta ameaça vermelha manterá suas casas, seus lares, seus amados no vale da sombra? Nós dizemos que já faz tempo suficiente! Nós dizemos que não mais nossos amados morrerão para alimentar a bocarra aberta da selvageria. Nós dizemos aos homens livres, Levantem-se e destruam-nos! Nós dizemos, cidadãos de Dodge City, defendam suas casas, tomem suas armas pela causa da paz e da liberdade! Contra-ataquem! Ataquem-nos para que eles saibam que a ira do Senhor desceu sobre eles! Ensinem-nos uma lição que irá para sempre mantê-los dentro dos limites de suas reservas”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1891.

de sociedade, como os *cheyenne* em *The Last Frontier*, e também como os comunistas da época de Fast, ambos depreciativamente apelidados de “reds”.

De modo semelhante, o personagem identificado como Frank Henick inflama os espectadores do Lady Gay Theatre, casa de espetáculos e diversões em Dodge City, contra esta “ameaça vermelha”:

‘Fellow citizens of Dodge City, fellow Americans, it is not in the spirit of humor I address you now. (...). I speak of a red menace that rolls over Kansas like a foul prairie fire. I speak of the red savage who burns and kills and destroys. I speak of brave men who crouch in their barricaded houses, women and children praying on their knees beside them, while he pumps out of the windows to repel the foul fiend who would destroy all that is dear to him. Can you sit there, my fellow citizens of Dodge City, and feel nothing of what he suffers? Or does wrath and horror rise in your true hearts? Can you sit there and feel no desire to take your guns in hand and go out and strike down this heartless monster of savageness, who doesn’t know what love and Christianity is, but only how to scalp and torture a man to death. (...)’<sup>594</sup>.

Consideramos que as semelhanças discursivas que podemos perceber entre esta incitação ao combate à ameaça indígena, presente em *The Last Frontier*, e a retórica anticomunista que se configurava quando da escrita da obra – a ideia de uma ameaça, “vermelha”, selvagem, impiedosa e pagã, que paira sobre os Estados Unidos e se alastra por seu território, aterrorizando as famílias e lares americanos, a qual se deve combater – não são meras casualidades. Ao contrário, entendemos que esta aproximação faz parte da compreensão geral de Fast de que havia uma continuidade da luta das populações oprimidas pela sua libertação ao longo da história, de modo que os movimentos de esquerda e as reivindicações das populações indígenas nos Estados Unidos, para ele, faziam parte deste mesmo processo histórico; e, correspondentemente, de que havia também uma continuidade do combate a esta luta por parte das forças conservadoras e reacionárias da sociedade, que se utilizavam de uma mesma base discursiva e argumentativa neste enfrentamento.

Outra característica da forma de tratamento dos *cheyenne* pelos homens brancos de *The Last Frontier* está relacionada a uma infantilização dos indígenas. Um exemplo desta

---

<sup>594</sup> “‘Caros cidadãos de Dodge City, caros americanos, não é no espírito do humor que eu me dirijo a vocês agora. (...) Eu falo de uma ameaça vermelha que rola pelo Kansas como um sórdido incêndio na pradaria. Eu falo do selvagem vermelho que queima e mata e destrói. Eu falo de bravos homens que se agacham em suas casas barricadas, mulheres e crianças rezando de joelhos ao seu lado, enquanto ele dispara pelas janelas para repelir o sórdido demônio que destrói tudo que lhe é caro. Vocês podem se sentar aí, meus caros cidadãos de Dodge City, e não sentir nada do seu sofrimento? Ou crescem a ira e o horror nos seus sinceros corações? Vocês podem se sentar aí e não sentir nenhum desejo de tomar suas armas em mãos e sair e abater este impiedoso monstro de selvageria, que não sabe o que é amor e cristandade, mas apenas como escalar e torturar um homem até a morte. (...)’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1987-1995.

perspectiva fica evidenciado na entrevista do jornalista Jackson com o agente Miles e sua esposa Lucy na reserva de Darlington:

‘But it couldn’t have been only the heat to make them go off like that?’

‘It’s difficult to understand why savages do things’, Agent Miles said. ‘Sometimes they’re like children’

‘You really believe that?’ Jackson asked curiously.

‘Of course’, Aunt Lucy said. ‘Why, I was just pointing out to John last night, about the windows. You see, they can’t understand that windows are to look out of, not to look into. Whenever they pass the house they stop and press their faces against the windows. And you can’t make them realize how wrong it is’.

‘Just like children in so many ways’, Agent Miles said<sup>595</sup>.

Por sua vez, o personagem de Carl Schurz, o homem responsável pela política indigenista no país, também manifesta em seus pensamentos esta ideia, condescendente e paternalista, de que os indígenas são como crianças: “Their minds were like children’s minds, and for that they would have to die. ‘They’ll die hard’, he agreed with himself. ‘That’s all those Indians seem to know, how to die’”<sup>596</sup>. Cabe mencionar que transparece, neste trecho, uma ideia recorrente – já perceptível em uma das citações do personagem do capitão Wessells apresentadas neste capítulo – de que toda empreitada do povo *cheyenne* rumo à sua terra natal representava, em última análise, um desejo de morrerem; era uma insensatez, uma infantilidade típica de “selvagens” incapazes de compreender as diretrizes da política nacional para eles.

Esta perspectiva apresenta algumas variantes discursivas, porém com o mesmo sentido. O personagem de Schurz é, talvez, o que com mais frequência faz alusão a uma suposta incapacidade dos indígenas de entender o projeto nacional, qualificando-os, por exemplo, de estúpidos. Este seu posicionamento desponta mais de uma vez em seu diálogo com o jornalista Jackson:

‘Because a few soldiers go after some stupid Indians who do not understand that the government is trying to make a life for them, that is not war. That is like policemen

<sup>595</sup> “‘Mas não pode ter sido apenas o calor para fazê-los fugir assim’.

‘É difícil entender porque os selvagens fazem as coisas’, o agente Miles disse. ‘Às vezes eles são como crianças’.

‘Você realmente acredita nisso?’ Jackson perguntou curiosamente.

‘É claro’, Tia Lucy disse. ‘Ora, eu estava justamente apontando para o John noite passada, sobre as janelas. Veja, eles não conseguem entender que as janelas são para olhar de dentro para fora, e não de fora para dentro. Sempre que eles passam pela casa eles param e pressionam seus rostos contra a janela. E você não conseguem fazê-los perceber quão errado é isso’.

‘Muito como crianças em tantos aspectos’, o agente Miles disse”. Tradução minha. Ibid., pos. 2846-2854.

<sup>596</sup> “‘Suas mentes eram como mentes de crianças e por isso eles teriam que morrer.’

Ibid., pos. 1430.



hunting down a train robber. They will be brought back and made into peaceful farmers, and that way is better, no?<sup>597</sup>.

Questionado por Jackson se os *cheyenne* não seriam, ao contrário, levados para o presídio de Dry Tortugas<sup>598</sup> quando capturados, Schurz responde impacientemente, repetindo sua caracterização como estúpidos: “Ach, no! What is this business about Dry Tortugas? We are not saints here in the Interior Department, but we do not send every stupid Indian to prison in Dry Tortugas”<sup>599</sup>.

Se, nestas linhas, Schurz designa os indígenas como estúpidos e considera-os como foras-da-lei, na conclusão deste mesmo diálogo, ele chega a chamá-los de loucos e estabelece uma semelhança, obviamente pejorativa, com um grupo de ciganos: “‘Maybe they were crazy’, Schurz said evenly. ‘Sometimes you think that an Indian is crazy, the way his mind works. But can you have three hundred gypsies going where they please?’”<sup>600</sup>.

Esta mesma comparação depreciativa dos *cheyenne* com os ciganos, no sentido de um bando nômade, sem rumo, é refeita por Schurz em reunião com o general Sherman, na qual também vemos expressa a sua caracterização como “selvagens tolos”: “‘It will be good if we keep it out of the papers, yet I suppose it doesn’t matter a great deal. The Indian resettlement plan is an act of government, and three hundred foolish savages cannot be allowed to wander around like gypsies’”<sup>601</sup>.

Crianças, estúpidos, loucos ou tolos: todas estas denominações pejorativas refletem o entendimento de que os indígenas não eram capazes de compreender os desígnios de civilização e progresso do homem branco, que supostamente visavam seu próprio bem e para o bem da nação. Em sentido semelhante, há ainda uma outra nuance deste aspecto, recorrente na narrativa de *The Last Frontier*: a afirmação de uma suposta impossibilidade de se argumentar com os indígenas.

<sup>597</sup> “‘Porque alguns soldados vão atrás de alguns índios estúpidos que não entendem que o governo está tentando construir uma vida para eles, isto não é guerra. Isso é como policiais caçando um ladrão de trens. Eles serão trazidos de volta e transformados em pacíficos fazendeiros, e assim é melhor, não?’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1518.

<sup>598</sup> Dry Tortugas é o nome dado a um conjunto de ilhas localizadas no Golfo do México, a sudoeste da Flórida. Uma das ilhas abriga uma fortaleza inacabada, Fort Jackson, que funcionou como uma prisão durante e após a Guerra Civil.

<sup>599</sup> “‘Ach, não! Que história é essa de Dry Tortugas? Não somos santos aqui no Departamento do Interior, mas nós não mandamos todo índio estúpido para a prisão em Dry Tortugas’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1518.

<sup>600</sup> “‘Talvez eles sejam loucos’, Schurz disse equilibradamente. ‘As vezes você chega a achar que os índios são loucos, do jeito que suas mentes funcionam. Mas podemos ter trezentos ciganos indo onde querem?’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1539.

<sup>601</sup> “‘Vai ser bom se mantivermos isto fora dos jornais, mas eu suponho que não importa muito. O plano de reassentamento indígena é um ato de governo, e não se pode permitir que trezentos selvagens tolos vagueiem por aí como ciganos’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1587.

Na mesma reunião entre Schurz e Sherman, acima mencionada, o Secretário do Interior tenta argumentar com o Comandante Geral das Forças Armadas que não era necessário prender os fugitivos *cheyenne* e mandá-los para o isolamento de Dry Tortugas, ao que o general responde menosprezando a capacidade de diálogo e compreensão dos indígenas:

‘I was hoping that we could settle this thing out in the Territory, that it wouldn’t be necessary to send them to Dry Tortugas’.

‘There’s no way to reason with an Indian’<sup>602</sup>.

O agente Miles, buscando explicar para o jornalista Jackson os motivos que levaram os *cheyenne* a deixar a agência de Darlington, manifesta a mesma posição, ainda que não a tenha generalizado para todos os povos indígenas:

‘They were obstinate. Some Indians can be reasoned with, but the Cheyennes are stiff-necked people, haughty and proud. Tell them to do this and they will do that. Tell them to live in the south, where the government takes care of them and they will answer, no – we will live in the north’<sup>603</sup>.

Mesmo o capitão Murray, que por certas vezes manifesta seu respeito pelos *cheyenne*, atribui sua fuga à “primitive stubbornness and race suicide”<sup>604</sup>, repetindo a ideia de que os nativos eram teimosos e obstinados. Por fim, também o Coronel Mizner, comandante das forças postadas em Fort Reno, nas imediações da agência de Darlington, reafirma a impossibilidade de se dialogar com indígenas, em conversa com o agente Miles, que havia ido lhe pedir ajuda para localizar e punir os primeiros três *cheyenne* que fugiram da reserva. Sobre Little Wolf e seu bando, Mizner afirma: “‘He’s bad medicine, that Dog Soldier. I fought him up north. You can’t reason with an Indian, and you can’t change them once they’re bad and wild. The only good ones are the dead ones. (...)’”<sup>605</sup>.

Vemos aqui reproduzido nesta citação o infame adágio de que “índio bom é índio morto”, expressão atribuída ao general Philip Sheridan, que a teria cunhado durante as Guerras Indígenas dos anos 1860-1870 contra os *sioux* e aliados *cheyenne* e *arapahos*. Esta não é a única vez que ele aparece integrado à narrativa do romance. De fato, quando da

<sup>602</sup> ‘Eu esperava que pudéssemos resolver isto lá no Território, que não seria necessário mandá-los para Dry Tortugas’.

‘Não há como argumentar com um índio’. Tradução minha. Ibid., pos. 1598-1606.

<sup>603</sup> “‘Eles eram obstinados. Com alguns índios pode-se argumentar, mas os *cheyenne* são cabeça-dura, arrogantes e orgulhosos. Diga a eles para fazer isto e eles farão aquilo. Diga a eles para viver no sul, onde o governo cuida deles, e eles responderão, não – nós iremos viver no norte’”. Tradução minha. Ibid., pos. 2854-2861.

<sup>604</sup> “teimosia primitiva e suicídio da raça”. Tradução minha. Ibid., pos. 667.

<sup>605</sup> “‘Ele é má notícia, aquele Cão Soldado. Eu lutei contra ele lá no norte. Você não consegue argumentar com um índio, e você não consegue mudá-los uma vez que eles se tornam maus e selvagens. Os únicos bons são os mortos’”. Tradução minha. Ibid., pos. 529.

captura dos *cheyenne* liderado por Dull Knife, o narrador nos apresenta o sentimento dos soldados postados em Fort Robinson:

Among the garrison, the feelings of the men were mixed; a good part were entirely indifferent. Not given to over-complication of motives or purposes, they adopted the simple philosophy that the only good Indians were dead Indians; and they directed their resentment toward the Cheyennes rather than toward the measures taken to subdue them<sup>606</sup>.

Neste ponto, chegamos a outra linha de conduta com relação aos indígenas apresentada por *The Last Frontier*, o ódio aos indígenas e a incitação à violência contra eles. Efetivamente, até aqui, as concepções apresentadas pelos personagens brancos sintetizam diversas formas de menosprezo às populações indígenas: a sua qualificação como selvagens, “bastardos vermelhos”, infantis, “ciganos”, teimosos, impossíveis de se argumentar. Além das analisadas, existem ainda outras denominações e ofensas mais pontuais, como por exemplo, sua adjetivação como “sujos” e “escória”.

O capitão J.B. Johnson, no comando da Terceira Cavalaria, que partiu de Fort Robinson para se juntar à perseguição aos *cheyenne*, por exemplo, ordena a um batedor *sioux* chamado Anxious Man<sup>607</sup> que sirva de intérprete: “‘Talk to them’, Johnson said. ‘You’re a dirty, yellow Indian. Talk to them’”<sup>608</sup>. Também o capataz de Darlington, John Seger, descreve os *cheyenne* de forma semelhante:

‘I call them buffalo hunters (...) Lord knows what I’d like to call them. Scum and riff-raff. Dirty-shirts – you know the kind, in buckskin. Maybe they hunted hides once, but they don’t know more. There’s more low characters and rustlers and two-bit gunmen right here in the territory than in all the rest of the states together’<sup>609</sup>.

Contudo, existem também ao longo do texto outras formas de concepção e de conduta dos homens brancos para com os indígenas que, para além de sua desqualificação e depreciação, se conectam a uma apologia à sua eliminação física. O general Sherman já afirmava, também ecoando o sentido da máxima do “índio bom é índio morto”: “‘I don’t have

---

<sup>606</sup> “Entre a guarnição, os sentimentos dos homens eram mistos; uma boa parte era inteiramente indiferente. Não dados a complicação de motivos ou propósitos, eles adotaram a simples filosofia de que os únicos índios bons eram índios mortos; e direcionaram seu ressentimento para os *cheyenne* ao invés de para as medidas tomadas para subjugar-los”. Tradução minha. Ibid., pos. 3516-3522.

<sup>607</sup> Literalmente, Homem Ansioso.

<sup>608</sup> “‘Fale com eles’, Johnson disse. ‘Você é um índio sujo e covarde. Fale com eles’”. Tradução minha. Ibid., pos. 3265. O termo “yellow” aqui pode significar tanto uma alusão ofensiva à cor de pele não-branca do personagem indígena, quanto um sinônimo de covardia, visto que ele afirmava estar com medo de ir ao encontro dos *cheyenne*, que, pela sua antiga amizade com o povo *sioux*, poderia considerá-lo um traidor e matá-lo. Nota de tradução.

<sup>609</sup> “‘Eu os chamo de caçadores de búfalo (...) Deus sabe do que eu gostaria de chamá-los. Escória e ralé. Camisas-sujas – você conhece o tipo, vestidos com couro de veado. Talvez eles tenham caçado couro outrora, mas eles não caçam mais. Há mais maus-caracteres e ladrões e pistoleiros de meia tigela bem aqui no território do que em todo resto dos estados juntos’”. Tradução minha. Ibid., pos. 279.

sympathy for Indians. If we had cleaned out the lot of them fifty years ago, the country would be the better for it”<sup>610</sup>. Neste trecho, se sobressai o sentido prático da extinção do “problema indígena”, supostamente para o melhor progresso e desenvolvimento da nação.

Alguns outros personagens também defendem o uso da violência contra os indígenas de uma forma desapaixonada. Um deles é o editor do jornal de Dodge City, Atkins, que, ao término de seu inflamado artigo contra a “ameaça vermelha”, citado mais acima, é questionado por Garburg, o operador do telégrafo local:

‘Do you hate Indians that much?’

‘Hate them? Never knew one, never spoke to one except halfbreed Micky. But they stand in the way of progress. Same as the gunmen. Progress can’t stop’<sup>611</sup>.

Se para Atkins, os indígenas eram simplesmente um empecilho ao progresso nacional, para o capitão Wessells eles representavam um estorvo, um incômodo que fazia parte de seu trabalho cotidiano nas planícies: “Wessells was adamant, yet he considered his methods reasonable. The Indians were a pressing source of annoyance, but he did not hate them”<sup>612</sup>.

Entretanto, parte significativa dos personagens brancos, por meio de suas falas e manifestações de outros personagens revelam o desejo de confronto e extermínio dos indígenas, motivado por ódio ou simples vontade de usar de violência contra eles. Esta perspectiva acaba despontando, por exemplo, entre alguns membros das forças armadas americanas. O coronel Mizner, ao tentar passar segurança ao agente Miles que havia ido lhe pedir ajuda, deixa implícita uma vontade de corrigir os indígenas por meio da força: “‘The post is here and I have a smart troop, and even if an outbreak should become general, I could hold the post a month if I had to. Two months’, he amended. He said to himself, ‘By God, I only wish they’d try’”<sup>613</sup>.

Os destacamentos de soldados envolvidos na perseguição ao território, conforme as batalhas vão os frustrando e os indígenas seguem os eludindo, começam progressivamente a

<sup>610</sup> “‘Eu não tenho simpatia por índios. Se tivéssemos eliminado todos eles cinquenta anos atrás, o país estaria melhor por isso’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1579.

<sup>611</sup> “‘Você odeia índios tanto assim?’

‘Odiá-los? Nunca conheci um, nunca falei com um, exceto o mestiço Micky. Mas eles ficam no caminho do progresso. Do mesmo jeito que os pistoleiros. O progresso não pode parar’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1897.

<sup>612</sup> “Wessells era inflexível, mas ele considerava seus métodos razoáveis. Os indígenas eram uma fonte premente de aborrecimento, mas ele não os odiava”. Tradução minha. Ibid., pos. 3533.

<sup>613</sup> “‘O posto é aqui e eu tenho uma tropa esperta, e mesmo se houver uma insurreição generalizada, eu poderia defender o posto por um mês se precisasse. Dois meses’, ele corrigiu. Ele disse para si mesmo, ‘Por Deus, eu só queria que eles tentassem’”. Tradução minha. Ibid., pos. 529.

nutrir um desejo de combate. O seguinte diálogo entre os capitães Wint e Murray expressa bem isto:

‘Have you ever hunted?’

‘Hunted?’

‘With a dog, I mean, say with a pointer after quail (...)’.

‘I hate hunting’, Murray said. ‘I always thought there was something bad about a man who had to hunt’.

Wint shrugged and said: ‘I like it, but that doesn’t matter. I was thinking of the men. Look at them’.

‘They’re tired’.

‘They want to fight now – they didn’t before’.

‘They want to find what they’re looking for’, Murray said. ‘You get that way. You dream about those damned Indians. You fell that there’s nothing else in the world’<sup>614</sup>.

Retomaremos mais adiante esta associação da perseguição aos *cheyenne* com a caça a animais, além do componente de desumanização que lhe fica subjacente. Importante, por ora, é notarmos o crescente desejo de confronto que se proliferava entre as tropas. O narrador nos revela que tal sentimento começava a se desenvolver no próprio Murray: “It had become an aching hurting desire in him, to find the Indians again and to hit them again, to fling more force against them”<sup>615</sup>.

Apesar de ser atribuído, significativamente, também aos soldados, este desejo de violência aparece de forma mais frequente associada aos personagens civis. A pequena cidade de Greensburg, no Kansas, ao ser acordada pelo exército que perseguia os *cheyenne*, rapidamente se agita e se inflama para o combate:

The whole town was up and awake now and the scent of Indians was in their nostrils. They didn’t mind being awakened now. Like old times, it was, and they

---

<sup>614</sup> ‘Você já caçou?’

‘Caçar?’

‘Com o cão, eu digo, digamos com um perdigueiro atrás de uma codorna (...)’.

‘Eu odeio caçar’, Murray disse. ‘Eu sempre achei que havia algo de mal em um homem que precisa caçar’.

Wint deu de ombros e disse: ‘Eu gosto, mas isso não importa. Eu estava pensando nos homens. Olhe para eles’.

‘Eles estão cansados’.

‘Eles querem lutar agora – eles não queriam antes’.

‘Eles querem encontrar o que estão procurando’, Murray disse. ‘Você fica assim. Você sonha com estes malditos índios. Você sente que não existe nada mais no mundo’”. Tradução minha. Ibid., pos. 2121.

<sup>615</sup> “Havia se tornado um ardente e doloroso desejo nele encontrar os indígenas novamente e atacá-los novamente, jogar mais força contra eles”. Tradução minha; Ibid., pos. 2179.

suggested barricading both ends of the street. ‘Fight it out and give them hell!’ the comment ran<sup>616</sup>.

O retrato deste sentimento de ódio e violência aos indígenas começa a ser traçado por Fast mais profusamente a partir do capítulo 5, intitulado *Cowboys and Indians*, onde as reações populares ao êxodo dos *cheyenne* passam a ficar mais em evidência. Já mencionamos, por exemplo, o personagem de Sutton, descrito por Fast como um “saddle bum”<sup>617</sup>, que externou para o barman de Dodge City sua vontade de “get a crack at them red bastards”<sup>618</sup>. Na sequência de sua chegada a Dodge, ele segue conversando sobre isto com seu companheiro McGrath:

‘It ought to be a white man’s country, but it ain’t’ (...). ‘Know what I’d do with a scalp?’

‘What’

‘Sew it right here on my elbow’<sup>619</sup>.

Tendo já inflamado o bar local com a notícia de que havia indígenas à solta na região, o próprio barman exclama: “‘Like to get a whack at them myself’, the bartender said eagerly”<sup>620</sup>. Esta sucessão de falas começa a revelar o desejo popular de confrontar, de “atingir”, de agredir os indígenas, como algo que era lugar comum, corriqueiro.

Stanly Garburg, o operador do telégrafo da cidade, em diálogo com um certo rancheiro identificado como Mr. Blake, traz a notícia oficial da passagem dos *cheyenne* pelas imediações de Dodge e, ao mesmo tempo, reflete sobre a agitação popular em torno do confronto aos indígenas:

‘Cheyennes who broke off the reservation. They’re supposed to be raiding north, but nobody seems to know anything about them. I kept quiet about it. People go crazy when they hear Indian talk’.

‘Like hunting’, Blake said reflectively. ‘Man’s big game, and in this country it’s always open season for red skins’<sup>621</sup>.

<sup>616</sup> “Toda a cidade estava de pé e acordada agora e o cheiro de índios estava em suas narinas. Eles não se importavam em serem acordados agora. Era como os velhos tempos e eles sugeriram erguer barricadas nas duas extremidades da rua. ‘Lutem e lhes mandem para o inferno!’ corria o comentário”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 2150.

<sup>617</sup> Literalmente, um “vagabundo de sela”, um *cowboy* errante.

<sup>618</sup> “ensinar uma lição a estes bastardos vermelhos”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1757.

<sup>619</sup> “‘Deveria ser um território do homem branco, mas não é’ (...). ‘Sabe o que eu faria com um escalpo?’ ‘O que?’

‘Costuraria bem aqui no meu cotovelo’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1769.

<sup>620</sup> “‘Eu mesmo gostaria de dar uma porrada neles’, o barman disse avidamente”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1804.

<sup>621</sup> “‘*Cheyennes* que escaparam da reserva. Eles deveriam estar saqueando ao norte, mas ninguém parece saber nada sobre eles. Eu fiquei quieto a respeito disso. As pessoas ficam loucas quando ouvem esse papo de índios’.

Este diálogo é a única vez na narrativa de *The Last Frontier* em que é mencionado o termo *redskin*. A associação do desejo popular de combater os indígenas com a atividade de caça, presente no trecho acima e também já sugerido no diálogo anteriormente citado entre os capitães Wint e Murray, além de produzir e reforçar uma bestialização dos povos indígenas, cria uma ideia do extermínio das populações nativas americanas quase como se fosse um esporte, uma forma de diversão. Esta mesma relação se faz presente no ato de escalpelar um indígena, o que é tratado por muitos destes personagens como uma marca de distinção, mas também como algo lúdico.

Tal perspectiva fica evidente quando o rancheiro Blake vai relatar a Wyatt Earp e Bat Masterson sua preocupação com relação à suposta aproximação dos indígenas. Perguntado sobre se havia ouvido os boatos, Earp responde: “‘Hell yes’, Earp said, smiling thinly. ‘You can’t help hearing. Every wild and wooly saddle bum who can’t find buffalo to kill, whiskey to trade or money to steal wants to play with a scalp’”<sup>622</sup>.

A culminação deste quase lúdico impulso de violência contra os indígenas é a formação de uma milícia civil, chamada de *posse*, por parte do xerife Bat Masterson. Mesmo tendo cedido ao desejo popular de formar e liderar esta milícia, Masterson tentou conter o furor contra os indígenas. De fato, seu primeiro diálogo no romance ocorre com o rancheiro Blake, que veio cobrar providências do xerife. Nele, Masterson argumenta contra a organização de uma força popular e contra o clamor por violência que se espalhava pela cidade, de modo que, por meio de sua fala, podemos perceber justamente a grande agitação popular que se formava, mesmo que a ameaça *cheyenne* até aquele momento fosse apenas um boato:

‘All right, all right! What do you want, a posse, a citizen army? Where are these Cheyennes? You seen them? God Almighty, I don’t even know how many there are loose, or where they’re headed. I could go around with the rest, waving a gun, yelling kill the God damn Injuns<sup>623</sup>, but what for? I never seen good come out of that. I’m trying to keep the peace’<sup>624</sup>.

---

‘Como uma caçada’, Blake disse reflexivamente. ‘A grande presa do homem, e nesta região é sempre temporada aberta para peles vermelhas’”. Tradução minha. Ibid. pos. 1804-1812.

<sup>622</sup> “‘Claro que sim’, Earp disse, sorrindo fino. ‘Não há como deixar de ouvir. Todo vagabundo errante selvagem e desgrenhado que não consegue encontrar búfalo para matar, uísque para negociar ou dinheiro para roubar quer brincar com um escalpo’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1846.

<sup>623</sup> O termo “Injun” é uma corruptela da palavra “Indian”, usada como uma forma depreciativa de se referir aos indígenas nos Estados Unidos.

<sup>624</sup> “‘Está bem, está bem! O que você quer, uma milícia, um exército de cidadãos? Onde estão estes *cheyenne*? Você os viu? Deus Todo-Poderoso, eu nem seu quantos estão à solta, ou para onde estão indo. Eu poderia sair por aí junto com o resto, brandindo uma arma, gritando matem os malditos índios, mas para quê? Eu nunca vi nada de bom vir disso. Eu estou tentando manter a paz’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1854.

Podemos perceber o mesmo em outra passagem, na qual Masterson tenta conter a grande multidão que se formara para sair em busca dos indígenas, ocasião em que relutantemente Masterson cria a milícia, colocando-a sobre seu comando, de modo a não perder o controle sobre a situação: ““All right! You’re hot as hell to fight Indians now! Maybe I can understand that. You hear stories that they’re plowing Kansas under, and naturally you get riled””<sup>625</sup>.

Neste sentido, a milícia formada em Dodge City é a maior expressão na narrativa de *The Last Frontier* do ódio popular aos indígenas e de sua sede de confrontá-los. De fato, ela é descrita pelo narrador como “(...) this mob, this posse, this witless, accumulated desire to kill Indians”<sup>626</sup>; e seus membros como “(...) bursting with resentment of the soldiers, hatred for the Indians”<sup>627</sup>. Entre seus integrantes, por exemplo, havia “A Texas stockman, hating Indians the way only Texans can”<sup>628</sup>, que celebrou a delegação de poderes à milícia pagando uma rodada de bebida a todos. Além dele, a descrição geral dos participantes nos apresenta um mosaico de homens da fronteira sedentos de violência, ansiosos por combater a ameaça indígena e eliminá-la das planícies:

The posse had narrowed down to a group of saddle bums who wanted to be able to boast an Indian fight or a scalp sewn onto their lapels, of hot-headed, scornful young Texas riders, of tin horn gamblers, faro<sup>629</sup> dealers, and bartenders who were tired of dodging bullets in saloon brawls and wanted a shooting of their own. There were also a few grocery clerks, who saw this as a wooly and wonderful adventure; two rather unintelligent English younger sons, brothers who took the whole thing as a picnic and a lark; the sheriff and four regular deputies; a telegraph operator who wanted to write newspaper stories; and lastly a half-dozen stockmen who were for anything that would help remove the Indians from the grasslands<sup>630</sup>.

Por fim, há ainda outra linha discursiva da relação dos personagens brancos para com os indígenas que precisamos considerar. Esta diz respeito a uma efetiva desumanização dos

<sup>625</sup> ““Está bem! Vocês estão loucos para lutar com os índios agora! Talvez eu consiga entender isso. Vocês ouvem histórias de que eles estão saqueando o Kansas e naturalmente vocês ficam inflamados””. Tradução minha. Ibid., pos. 2003.

<sup>626</sup> “(...) esta turba, esta milícia, este insensato desejo acumulado de matar índios”. Tradução minha. Ibid., pos. 2062.

<sup>627</sup> “(...) explodindo de ressentimento dos soldados, de ódio dos indígenas”. Tradução minha. Ibid., pos. 2234.

<sup>628</sup> “Um criador de gado texano, odiando índios como só os texanos podem odiar”. Tradução minha. Ibid., pos. 2018.

<sup>629</sup> Faro é um jogo de cartas de apostas, popular no Oeste dos Estados Unidos no século XIX.

<sup>630</sup> “A milícia havia diminuído para um grupo de vagabundos de sela que queriam poder ser vangloriar de terem lutado contra índios ou de um escalpo costurado em suas lapelas, de desdenhosos e irritadiços jovens cavaleiros do Texas, de presunçosos jogadores, croupiês de faro, e barmen que estavam cansados de desviar de balas em brigas de bar e queriam dar seus próprios tiros. Havia também alguns balconistas de mercearia, que viam isso como uma confusa e maravilhosa aventura; dois pouco inteligentes filhos mais novos ingleses, irmãos que consideravam a coisa toda como um piquenique e uma brincadeira; o xerife e quatro delegados regulares; um operador de telégrafo que queria escrever histórias para jornais; e, por último, meia dúzia de criadores de gado que eram a favor de qualquer coisa que ajudasse a remover os indígenas das pastagens”. Tradução minha. Ibid., pos. 2045-2051.



nativos, que transparece de variadas formas ao longo da narrativa. O capitão Murray, por exemplo, evita pensar no sofrimento dos *cheyenne* na sua longa e penosa caminhada, como forma de poder amenizar sua consciência para executar a tarefa que lhe fora conferida: “He didn’t want to think of their pain; their pain was none of his business; his business was only to run them down”<sup>631</sup>.

O fato de ignorar sua dor, de se recusar a reconhecer seu sofrimento, característica eminentemente humana, constitui em si mesmo uma forma de negação de sua humanidade. Em outras passagens, porém, esta desumanização se configura de modo mais explícito. Em uma cena de batalha, por exemplo, os *cheyenne* são descritos de forma diabólica, inumana: “On horseback, the Cheyennes were devils, hardly human, twisting, spinning, as difficult to hit as birds on the wing, fighting like savage wolves if the village was menaced, running otherwise in easy flight from the heavy gray horses”<sup>632</sup>. Ao final do enfrentamento, o próprio Murray diz para o capitão Wint: ““They’re not human – not men””<sup>633</sup>, diante da violência do confronto e do número de soldados mortos e feridos. Ironicamente, ao contrário, para os membros do exército americano atacar o acampamento indígena e matá-los não representava falta de humanidade de sua parte.

De modo semelhante, o tratamento dado pelo capitão Wessells ao bando de Dull Knife capturado e aprisionado em Fort Robinson, sem acesso a mantimentos os rebaixa a uma condição animalizada: “(...) the Indians suffered dumbly, animal-like in their obstinate existence”<sup>634</sup>. Wessells, inclusive, chegava mesmo a negar-lhes a natividade americana. Para ele, os indígenas não eram verdadeiramente nativos, eram uma intrusão artificial na terra destinada ao homem branco: “Vaguely, he resented foreign language, the more so since it was native to his own soil; and back of his mind there was always a feeling that the Indians were interlopers. They had come from somewhere else and they didn’t belong”<sup>635</sup>.

<sup>631</sup> “Ele não queria pensar na sua dor; sua dor não era da sua conta; seu trabalho era os alcançar”. Tradução minha. Ibid., pos. 2259.

<sup>632</sup> “A cavalo, os *cheyenne* eram demônios, dificilmente humanos, retorcendo-se, girando, tão difíceis de acertar quando pássaros em voo, lutando como lobos selvagens se o vilarejo era ameaçado, de outra forma fugindo facilmente dos pesados cavalos cinzas”. Tradução minha. Ibid., pos. 2485-2492.

<sup>633</sup> “Eles não são humanos – não são homens”. Tradução minha. Ibid. pos. 2497.

<sup>634</sup> “(...) os indígenas sofriam de maneira muda, animalesca em sua obstinada existência”. Tradução minha. Ibid., pos. 3385.

<sup>635</sup> “Vagamente, ele se ressentia sua língua estrangeira, ainda mais visto que era nativa a seu próprio solo; e no fundo de sua mente sempre havia um sentimento de que os indígenas eram intrusos. Eles haviam vindo de outro lugar e não pertenciam”. Tradução minha. Ibid., pos. 3475.

Tal perspectiva ecoa uma certa irrealidade da existência dos povos indígenas para os brancos americanos. Para Murray, a primeira vez em que os *cheyenne* se tornaram reais foi quando se deparou com seu acampamento abandonado: “There was something pathetically human about any place where men had been recently and were no more. In their presence the Cheyennes had never been as alive and real to him as they were now”<sup>636</sup>.

No mesmo sentido, a fuga do bando de Little Wolf pelas dunas do Nebraska, impossibilitando a continuidade da perseguição do exército, levanta uma reflexão sobre a real importância dos indígenas para a população branca americana:

‘No trace of the Cheyennes’, dot-dashed over the wires, again and again. ‘No trace of the Cheyennes-’ Monotonous enough to lay the country’s blood lust; and the country was beginning to forget. Indians were not so important – unless they were hunted or were themselves the hunters. The fact that they existed meant nothing; the fact that they were in the Nebraska sandhills was no more important than the sandhills themselves. Let them stay there<sup>637</sup>.

Como explicitado ao final da citação, os indígenas só eram importantes quando atacavam os brancos, ou quando eram atacados por eles. Um dos diálogos entre Wint e Murray nos permite entrever justamente esta mesma perspectiva:

‘I feel I know them well enough’, Wint said. ‘Every move they make’.

‘I feel that way’, Murray agreed.

‘You don’t get to know Indians’ Wint said. ‘You don’t get to think of them as people. Unless it’s this way’<sup>638</sup>.

Neste sentido, para boa parte dos personagens brancos do romance, os indígenas sequer eram pessoas, sequer eram humanos; apenas se tornavam reais em situação de violência. Uma manifestação desta perspectiva, frequentemente evocada ao longo do texto, diz respeito à sua consideração, ou desconsideração, como “apenas índios”. Efetivamente, tal maneira de caracterizar os indígenas possui um elemento de desumanização subjacente, na medida que ela possui um sentido inerente de depreciação e desqualificação: como se o fato

<sup>636</sup> “Havia algo de pateticamente humano sobre qualquer lugar onde homens estiveram recentemente e não estavam mais. Na sua presença, os *cheyenne* nunca foram tão vivos e reais para ele quanto o eram agora”. Tradução minha. Ibid., pos. 920-926

<sup>637</sup> “‘Nenhum sinal dos *cheyenne*’, pontilhavam os telégrafos, repetidamente. ‘Nenhum sinal dos *cheyenne*-’ Monótono o suficiente para diminuir a sede de sangue do país; e o país estava começando a esquecer. Índios não eram tão importantes – a não ser que estivessem sendo caçados ou eles mesmos fossem os caçadores. O fato de que eles existiam não significava nada; o fato de que eles estavam nas dunas do Nebraska era tão importante quanto as próprias dunas. Deixe-os ficar lá”. Tradução minha. Ibid., pos. 3033.

<sup>638</sup> “‘Eu sinto que os conheço suficientemente bem’. Wint disse. ‘A cada movimento que fazem’.

‘Eu me sinto assim’, Murray concordou.

‘Não se pode conhecer os índios’, Wint disse. ‘Não se pode pensar neles como pessoas. A não ser desta forma’”. Tradução minha. Ibid., pos. 2380.

de ser “apenas índio” os tornasse sub-humanos e por si só justificasse o tratamento opressivo, violento, cruel e, em suma, desumano.

Um dos oficiais que se junta à perseguição dos *cheyenne*, o capitão Trask, confronta Murray com relação a isto, por achar que ele se continha demais, era excessivamente cuidadoso no cumprimento de suas ordens de capturar os indígenas:

‘You’ve got a lot of respect for them’, Trask remarked almost with insolence (...).

‘Respect?’ Murray appeared puzzled.

‘They’re Indians, you know’, Trask said. ‘That’s all’<sup>639</sup>.

De fato, esta é uma retórica frequente entre os oficiais militares em *The Last Frontier*. O capitão Wint, por exemplo, questiona a decisão de Murray de não invadir o acampamento indígena em um ataque noturno, enquanto boa parte dos nativos dormia:

‘We should have gone in last night’, Wint said worriedly.

‘And take hell for shooting up women and kids?’ Murray demanded.

‘You can’t choose with Indians’, Wint said<sup>640</sup>.

Wessells é outro que, na execução de suas ordens, considera simplesmente que “The Indians were Indians, (...)”<sup>641</sup>. Quando da captura de Dull Knife e seu bando em Fort Robinson, após ter confiscado dos homens apenas algumas armas, Wessells discute com o capitão Johnson a possibilidade de revistar as mulheres:

‘Still, they must have had revolvers, some revolvers. We ought to search the women’.

‘The women?’, Johnson asked quietly.

‘They’re Indians’<sup>642</sup>.

Posteriormente, com a negativa dos chefes *cheyenne* em retornar para o Oklahoma, Wessells tranca todo o grupo em um galpão e recusa-se a lhes fornecer comida enquanto não concordarem em voltar. Um de seus subordinados, o tenente Allen, tenta interceder em favor, ao menos, das crianças famintas:

<sup>639</sup> ‘Você tem muito respeito por eles’, Trask comentou quase com insolência (...).

‘Respeito?’ Murray parecia confuso.

‘Eles são índios, sabe’, Trask disse. ‘Apenas isso’”. Tradução minha. Ibid., pos. 2347-2358.

<sup>640</sup> “‘Nós devíamos ter invadido ontem à noite’, Wint disse preocupadamente.

‘E ser condenado por atirar em mulheres e crianças?’”, Murray exigiu.

‘Não se pode escolher com índios’, Wint disse”. Tradução minha. Ibid., pos. 937.

<sup>641</sup> “Os índios eram índios (...)”. Tradução minha. Ibid., pos. 3381.

<sup>642</sup> “‘Ainda assim, eles devem ter tido revólveres, alguns revólveres. Devemos revistar as mulheres’.

‘As mulheres?’”, Johnson perguntou silenciosamente.

‘Eles são índios’”. Tradução minha. Ibid., pos. 3329.

Lieutenant Allen begged Wessells to do something about the children. ‘Those kids’, Allen said, ‘were starving when we brought them in. I’m not arguing about your methods, Captain. You’re in command here and it’s up to you’.

‘I’m willing to feed all of them’, Wessells said. ‘It’s their own choice’.

‘How much choice did the kids have?’

‘Indians-’ Wessells began.

‘Good God, sir, even Indians are human! You can’t starve little children and pass it off by calling them Indians’<sup>643</sup>.

Por fim, o fato de que as vidas indígenas pouco significavam para muitos membros do exército ou da burocracia é manifestado também de forma indireta em diversos trechos. O coronel Mizner, por exemplo, considerando que as ações de Murray para capturar os indígenas haviam sido demasiado brandas e acabaram por permitir a fuga de todo bando, refletiu, ao considerar uma punição para ele:

Too many sore points would be brought to light, one being whether his duty had been to arrest the Cheyenne or simply detain them from leaving the reservation, and the second being a consideration of what might have occurred had Murray decided to shell the village. Massacres had a way of getting into the eastern papers, and pressure on Washington had put an end to the career of many an aspiring officer<sup>644</sup>.

No trecho acima, fica evidente como, para alguns oficiais, a pressão que a imprensa progressista do Leste poderia exercer sobre o governo americano, prejudicando a carreira militar de jovens promissores, era um fator mais determinante para evitar a ocorrência de massacres do que a própria perda de vidas indígenas. Para a burocracia americana, da qual o personagem de Carl Schurz aparece como representante máximo, o caso do êxodo dos *cheyenne* era tratado com absoluta impessoalidade e indiferença – postura essencialmente burocrática – sendo destinado, em última análise, para os empoeirados arquivos dos atos da administração pública: “Now things were in order, and now the situation at Darlington would

<sup>643</sup> “O tenente Allen implorou que Wessells fizesse algo em relação às crianças. ‘Aqueles crianças’, Allen disse, ‘estavam famintas quando as trouxemos. Eu não estou questionando seus métodos, Capitão. Você está no comando aqui e você é quem decide’.

‘Eu estou disposto a alimentar todos eles’, Wessells disse. ‘A escolha é deles’.

‘Que escolha têm as crianças?’

‘Índios-’ Wessells começou.

‘Bom Deus, senhor, até índios são humanos! Você não pode matar crianças de fome e se safar chamando-as de índios’”. Tradução minha. Ibid., pos. 3546.

<sup>644</sup> “Muitos pontos sensíveis seriam trazidos à tona, sendo um deles se seu dever era prender os *cheyenne* ou simplesmente impedi-los de deixar a reserva, e o segundo uma consideração do que teria ocorrido se Murray tivesse decidido bombardear o vilarejo. Massacres costumavam sair nos jornais do leste, e a pressão em Washington havia posto um fim na carreira de mais de um oficial aspirante”. Tradução minha. Ibid., pos. 957.

go into a single manila folder. And then filed with a thousand other folders of the Department of the Interior, it would gather dust”<sup>645</sup>.

Efetivamente, para Schurz e para a máquina burocrática americana, o episódio retratado ao longo do romance configurava apenas mais um caso, e os nativos mortos eram apenas nomes ou números. O capítulo final do livro reforça esta concepção, ao apresentar o modo como Schurz sintetizou todo episódio, revelando a indiferença burocrática ao sofrimento indígena e a conivência para com o massacre promovido pelo exército:

In the January 18, 1879, edition of the *New York Herald*, the attitude of the Department of the Interior was presented clearly and tersely. In fact, a single sentence told the nation: ‘Secretary Schurz declined to speak on the matter’. Simply, so very simply, in such a matter-of-fact way was the incident filed in the dusty drawers of history<sup>646</sup>.

Por outro lado, o general Sherman recusa a classificação do episódio como um massacre, imputando a responsabilidade aos indígenas, ao atribuir uma qualidade criminosa a seus atos, e afirmando a posição de que o governo fez o que deveria ter feito:

‘Massacre, massacre!’ repeated General Sherman. ‘Why do you call it a massacre? A number of insubordinate, cunning, treacherous Indians, who had no more regard for the lives of our officers and soldiers than if they had been dogs, attempted to escape custody of our troops and used violence to carry on their rebellious act. They were treated just as they deserved to be, and it’s folly to attempt to extenuate such a crime by softsounding words’<sup>647</sup>.

Ironicamente, o personagem de Sherman não apesenta, ele mesmo, qualquer consideração pelas vidas indígenas tiradas pelo exército e considera “massacre” uma “palavra suave” usada pelos jornais. De fato, o posicionamento manifestado acima nos revela, novamente, a conivência do governo americano e a sua justificação das atrocidades cometidas pelas forças armadas no caso do êxodo dos *cheyenne*.

Em suma, ao longo da narrativa de *The Last Frontier*, pudemos perceber uma ampla gama de elementos discursivos empregados para retratar o preconceito e o desprezo aos indígenas e ao seu modo de vida, e como eles se articulam à opressão aos povos nativos e aos

<sup>645</sup> “Agora as coisas estavam em ordem, e agora a situação em Darlington iria para uma única pasta de papel pardo. E então, arquivada com milhares de outras pastas do Departamento do Interior, ela iria juntar poeira”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1419.

<sup>646</sup> “Na edição de 18 de janeiro de 1879 do *New York Herald*, a atitude do Departamento do Interior foi apresentada clara e concisamente. De fato, uma única frase disse para a nação: ‘O Secretário Schurz se recusou a comentar o assunto’. Simplesmente, tão simplesmente, de uma maneira tão casual, o incidente foi arquivado nas empoeiradas gavetas da história”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 3928.

<sup>647</sup> “‘Massacre, massacre!’ repetiu o General Sherman. ‘Por que você chama isso de massacre? Um número de índios insubordinados, ardilosos, traiçoeiros, que não tinham mais consideração pelas vidas de nossos oficiais e soldados do que se fossem cães, tentaram escapar da custódia de nossas tropas e usaram de violência para levar a cabo seu ato rebelde. Eles foram tratados exatamente como mereciam, e é tolice tentar atenuar tal crime por meio de palavras suaves’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 3959-3965.

atos violentos perpetrados contra eles. Entre estes elementos figuram qualificações eminentemente carregadas de um teor pejorativo, como selvagens, malditos, escória, sujos e vermelhos, possuindo este último uma possível associação metafórica com os militantes comunistas da época de Fast. Além disso, nossa leitura da obra nos deixa claro um impulso de infantilização, atribuindo-lhes uma suposta teimosia e incapacidade de compreender, e de desumanização dos indígenas, chegando mesmo a pautar uma percepção de sua irrealdade e uma indiferente e sub-humanizada consideração de que eram “apenas índios”. Por outro lado, demonstramos também como estes elementos depreciativos convergem em um ódio popular e um desejo de violência contra os indígenas, que encontra sua expressão máxima na milícia formada em Dodge City por Bat Masterson. Em sua totalidade, conforme argumentamos, todos estes aspectos acabam servindo para justificar as atrocidades cometidas contra os *cheyenne*, particularmente o massacre em Fort Robinson, e para fundamentar a conivência dos representantes do governo americano para com elas.

## **5.2 *Freedom Road*, discriminação, segregação e terrorismo racial no Sul**

*Freedom Road* é, essencialmente, um livro sobre a discriminação racial no Sul dos Estados Unidos; sobre como esta discriminação existia enquanto instituição social, cultural e política inerente à sociedade escravista; como foi ativamente combatida pela população negra após a emancipação, ao longo do esforço de democratização promovido pela Reconstrução; e como acabou por triunfar no Sul, com a negociação das eleições de 1876, que sepultou a experiência da Reconstrução. Tal como *The Last Frontier* com relação ao desprezo aos povos indígenas, *Freedom Road* nos apresenta este cenário de discriminação racial de uma forma constante e contextual, por meio de diversos elementos discursivos.

Uma das maneiras mais recorrentes por meio da qual este componente de discriminação racial se faz evidente na narrativa de Fast é a partir dos insultos e xingamentos que são dirigidos aos personagens negros. De fato, o principal deles, o termo *nigger*, altamente ofensivo e depreciativo, figura no romance de modo generalizado, aparecendo 185 vezes ao longo do texto. Sua presença ao longo da narrativa refere-se tanto ao seu uso por parte dos personagens brancos, como forma pejorativa de se referir aos negros, quanto pelos próprios negros, que se apropriaram desta denominação. Pelo uso extensivo do termo, Fast foi duramente criticado pela Seção Cultural do Partido Comunista Americano, acusado de “white

chauvinism”<sup>648</sup> – cabe lembrar que *Freedom Road* foi o primeiro livro publicado por ele enquanto membro do partido:

The “literary commissars” determined that some of the content and entire interpretative thrust of *Freedom Road* were in conflict with several Party policies. These “deviations”, especially Fast’s “error” in using the word “nigger” throughout the novel, “presented problems” in principle and were grave enough, it was thought, to necessitate “disciplinary action”. When Fast argued that the “N” word had been used pervasively in American history not only by whites, but by blacks themselves, he was accused of engaging in “bourgeois premises” and missing the whole point of “socialist realism”, which was to use art only in the service of the exploited classes. Informed that using the “N” word was in itself grounds for expulsion from the Party, Fast promised to mend his ways in the future and to work on divesting himself of any bourgeois residue. There was no expulsion. Party leaders believed that their withering criticism was enough to keep their new pup in line<sup>649</sup>.

Dessa forma, por causa do uso extenso da palavra, cabem algumas considerações sobre ela. A autora Grada Kilomba faz uma ótima síntese dos sentidos envolvidos e veiculados por meio dela, optando por não a grafar por extenso, e sim por meio da abreviação *N.*<sup>650</sup>, de modo a não reproduzir a violência da linguagem colonialista:

A palavra *N.* não é uma palavra neutra, mas um conceito colonial inventado durante a Expansão Europeia para designar todas/os as/os africanas/os subsaarianas/os. Ela é, portanto, um termo localizado dentro da história da escravização e da colonização, ligado a uma experiência coletiva de opressão racial, brutalidade e dor. (...)

Originalmente, a palavra *N.* deriva da palavra latina para a cor preta: *niger*. Porém, no final do século XVIII, a palavra *N.* já havia se tornado um termo pejorativo, usado estrategicamente como forma de insulto para implementar sentimentos de perda, inferioridade e submissão diante de pessoas *brancas*. Nesse sentido, quando a palavra *N.* é proferida, a pessoa que o faz não se refere somente à cor da pele *negra*,

<sup>648</sup> “Chauvinismo branco”. SORIN, Gerald. *Howard Fast: Life and Literature on the Left Lane*. Bloomington: University of Indiana Press, 2012, p. 70.

<sup>649</sup> “Os ‘comissários literários’ determinaram que parte do conteúdo e todo o impulso interpretativo de *Freedom Road* estava em conflito com diversas políticas do Partido. Estes ‘desvios’, especialmente o ‘erro’ de Fast ao usar a palavra ‘nigger’ ao longo do romance, ‘representavam problemas’ em princípio e eram graves o suficiente, se pensava, para requerer ‘ações disciplinares’. Quando Fast argumentou que a palavra com ‘N’ havia sido usada de forma generalizada na história americana, não apenas por brancos, mas pelos próprios negros, ele foi acusado de fazer uso de ‘premissas burguesas’ e de se afastar do objetivo do ‘realismo socialista’, que era usar a arte apenas em serviço das classes exploradas. Informado que o próprio uso da palavra com ‘N’ era motivo para expulsão do Partido, Fast prometeu corrigir sua conduta no futuro e trabalhar para se despojar de qualquer resquício burguês. Não houve expulsão. Os líderes do Partido acreditaram que sua mortificante crítica era o suficiente para manter seu novo filhote na linha”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 5.

<sup>650</sup> Em sua obra, Grada Kilomba faz referência ao histórico de problematização dos termos identitários e dos racialmente ofensivos na tradição de língua inglesa e alemã. Nelas, a designação mais apropriada tem sido *Black*, ou *Schwarz*, ambas grafadas em letra maiúscula de modo a indicar não uma cor, mas uma identidade política; não um termo atribuído por outros em posição de poder, mas uma autodefinição. Por sua vez, os termos ofensivos, *nigger* e *Neger*, têm sido comumente grafados de forma abreviada e em itálico (“*N.*”), justamente de modo a não reproduzir o peso da linguagem colonial e racista que ensinam. Em língua portuguesa, “negro” segue sendo o termo mais politicamente correto, e “preto” o insulto correspondente a *nigger* e *Neger*. Nossa opção, no presente trabalho, tem sido a de não omitir o uso do termo *nigger* dos textos originais em inglês, tampouco sua tradução, como “preto”, de acordo com a autora, o termo ofensivo mais comum e violento em língua portuguesa. Esta escolha se pauta pelo desejo de manter, na medida do possível, a dimensão impactante que a palavra possui, conforme o emprego original nos romances de Fast. KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 16-18.

mas também à cadeia de termos associados à palavra em si: primitividade – animalidade – ignorância – preguiça – sujeira – caos, etc. Essa cadeia de equivalências define o racismo<sup>651</sup>.

Conforme a autora, o racismo atua e se reproduz de forma eminentemente discursiva, “funciona através do discurso, através de uma cadeia de palavras e imagens que se tornam associativamente equivalentes, mantendo identidades no seu lugar”<sup>652</sup>. Assim, ao se enunciar a palavra *nigger*, qualificando e definindo uma pessoa desta forma se está, inerentemente, relacionando-a esta cadeia de significados que envolve uma inferiorização, submissão e associação a concepções racistas de desumanização. Neste sentido, enfim, o emprego do termo por Fast na narrativa de *Freedom Road* não tem por objetivo manifestar uma concordância, anuência ou convivência com o uso corrente deste signo, parte constituinte do racismo imperante na sociedade americana; ao contrário, ele serve ao propósito de evidenciar e denunciar a continuidade da opressão racial no Sul dos Estados Unidos, durante e após o período da Reconstrução, inclusive em suas formas verbais, e de desnudar seu componente intrínseco de desumanização.

Em face do exposto, não citaremos aqui de forma exaustiva as passagens nas quais figuram o termo *nigger*. No entanto, cabe trazermos alguns exemplos emblemáticos, de modo a ilustrar sua utilização. Nos trechos de *Freedom Road* já citados ao longo deste trabalho já pudemos perceber, vez ou outra, o uso da palavra por parte dos próprios personagens negros e mesmo do narrador. Por sua vez, com relação aos personagens brancos, logo sua primeira fala no romance adquire grande significância ao pautar, de início, esta relação de preconceito racial através de insultos e de uma variação do termo *nigger*. A fala é proferida pelo personagem de Cap Holstien, o encarregado do correio da região, que foi a Carwell entregar a Gideon a carta oficial que comunicava sua eleição para a Convenção Constitucional. Ao chegar à localidade, Holstien exclama: “‘Hey you nigra black bastards!’ (...) ‘Which one of you thieving coons is Gideon Jackson?’”<sup>653</sup>.

<sup>651</sup> Ibid., p. 155-156.

<sup>652</sup> Ibid., p. 157.

<sup>653</sup> “‘Ei seus pretos bastardos!’ (...) ‘Qual de vocês macacos ladrões é Gideon Jackson?’”. O uso termo *coon*, neste contexto é de difícil tradução. Originalmente, ele refere-se a uma corruptela da palavra “*racoon*”, guaxinim em português, de modo que a tradução literal mais apropriada seria “Qual de vocês guaxinins ladrões (...)”. No entanto, o termo adquiriu uma conotação racista, como um termo depreciativo para se referir aos negros, imputando-lhes a característica do roubo associado ao guaxinim. Optamos por traduzir a expressão neste contexto como “macacos”, apesar de inadequada literalmente, visto que ela mantém, em alguma medida, a associação à prática do roubo, bem como o caráter de desumanização e o forte peso racista implícito no termo original. Tradução minha. FAST, Howard. *Freedom Road*. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 26.



De modo semelhante, ainda que menos agressivo, o segundo personagem branco a figurar em um diálogo, o branco pobre Abner Lait, que possuía uma pequena propriedade nas redondezas de Carwell, também manifesta esta situação de hostilidade racial, abusando do uso do termo *nigger*. A caminho de Charleston para a Convenção, entoando uma canção sobre liberdade, Gideon passa pela cerca das terras de Lait e o cumprimenta:

‘Morning Mr. Lait’, Gideon said.

‘Now that’s a hell of a song for a nigger to be singing’.

‘When my feet walk the road, there’s a song in my mouth’, Gideon smiled. ‘When I marched with the Yankee men, that was the song we sing’.

‘God damn you to hell’, Abner said lazily. (...) ‘I do wish I might found you in my sights when you was with them damn Yanks’, Abner added. ‘I would of filled you fuller with holes than that there black coat you wearing. How come you all trussed up like a monkey, Gideon?’

‘Off to Charleston to the Convention’.

‘Convention! God damn, if that don’t beat it all’.

‘Got elected at the voting’.

Abner whistled and said, ‘What do you think of that. Nigger at a Convention at Charleston. Reckon they’ll damn well lynch you before you open your mouth, Gideon’.

‘Maybe so’, Gideon nodded. ‘But I got government writing right here in my pocket. You been at the voting?’

‘I been, but I don’t vote for no nigger’<sup>654</sup>.

O personagem de Abner Lait seria, posteriormente, um dos brancos pobres da região que se uniria aos negros de Carwell, para comprar legalmente suas terras e que contribuiria para a construção de um núcleo comunitário democrático na localidade. De fato, a narrativa nos mostra a evolução de seu personagem, que progressivamente abandona seu preconceito à população negra. No entanto, neste momento inicial da narrativa, as primeiras falas dos

<sup>654</sup> “‘Bom dia, Sr. Lait’, Gideon disse.

‘Agora este é um diabo de uma canção para um preto estar cantando’.

‘Quando meus pés caminham na estrada, há uma canção em minha boca’, Gideon sorriu. ‘Quando eu marchei com os ianques, esta era a canção que cantávamos’.

‘Deus te mande para o inferno’, Abner disse preguiçosamente. (...) ‘Eu gostaria de ter te encontrado à minha vista quando você estava com os malditos ianques’, Abner acrescentou. ‘Eu teria te enchido com mais buracos que este casaco preto que você está usando. Por que você esta todo preparado como um macaco, Gideon?’

‘Indo para Charleston para a Convenção’.

‘Convenção! Caramba, se isso não é o cúmulo’.

‘Foi eleito na votação’.

Abner assoviou e disse, ‘Que tal isto. Um preto em uma Convenção em Charleston. Aposto que vão te linchar antes de você abrir a boca, Gideon’.

‘Talvez’, Gideon assentiu. ‘Mas eu tenho um papel do governo bem aqui no meu bolso. Você esteve na votação?’

‘Estive, mas não votei em nenhum preto’”. Tradução minha. Ibid., p. 32-33.

personagens brancos, inclusive a de Lait servem ao intuito de expor a situação de intolerância racial ainda reinante no Sul pós-emancipação e de apresentar o uso insistente do insulto *nigger* e seus derivados como algo corriqueiro, cotidiano.

Na citação acima, podemos perceber ainda uma outra forma discursiva de discriminação aos negros presente no romance. Esta diz respeito à infame comparação dos afrodescendentes com macacos. Efetivamente, esta é uma analogia frequentemente empregada pelas forças conservadoras, particularmente pelos jornais, para injuriar e ofender a Convenção Constitucional e seus membros. Gideon se deparou com isto ao tentar ler um dois jornais de Charleston, quando ainda começava a aperfeiçoar sua capacidade de leitura: “Yet he labored through an editorial on the Convention, a mocking thing that compared the Negroes to monkeys, calling the coming assembly a circus, a zoo, a gathering of apes”<sup>655</sup>. Outro exemplo nos é apresentado quando a Convenção está para se iniciar e o narrador descreve a população branca de Charleston se aglomerando para ver os delegados negros, ecoando o vocabulário racista que era disseminado nos jornais: “And as if that was not enough, the Charleston people had finally come forth from their homes and pressed in to see the circus, to see the ‘ring-tailed monkeys’, and the ‘black baboons’”<sup>656</sup>.

Além desta comparação racista, outras formas de caracterização discriminatórias são igualmente atribuídas aos negros em *Freedom Road*. Uma delas, à semelhança das descrições dos indígenas feitas pelos personagens brancos de *The Last Frontier*, diz respeito à sua denominação como selvagens. Novamente durante suas tentativas de ler os jornais, Gideon se depara também com esta forma de insulto: “Stray words caught his eyes. ‘Black savages from the Congo –’ (...) Was the Congo in Carolina or Georgia? Savages was a familiar word; make a nigger out to be a red, wild Indian”<sup>657</sup>. Mesmo o personagem do major James Allen, militar nortista que estava em Charleston para garantir a ordem durante a realização da Convenção, reproduz esta perspectiva elitista e inerentemente preconceituosa da aristocracia sulista:

Major James began to see that there was some justice in the rebel contention that a Negro was a savage with the mind of a child, and his feeling was borne out when a huge Negro in a black frock coat, a white shirt so small that it had begun to split at the seams, and ancient patched pants, presented himself as the delegate from the

<sup>655</sup> “Porém, ele se esforçou para ler um editorial sobre a Convenção, algo zombeteiro que comparava os negros a macacos, chamando a assembleia vindoura de um circo, um zoológico, uma reunião de símios”. Tradução minha. Ibid., p. 46.

<sup>656</sup> “E como se isto não bastasse, o povo de Charleston havia finalmente saído de suas casas e se amontoava para ver o circo, para ver os ‘macacos de cauda anelada’ e os ‘babuínos negros’”. Tradução minha. Ibid., p. 58.

<sup>657</sup> “Palavras soltas lhe saltaram aos olhos. ‘Selvagens negros do Congo –’ (...) O Congo era na Carolina ou na Geórgia? Selvagens era uma palavra familiar; comparava um preto a um índio vermelho, selvagem”. Tradução minha. Ibid., p. 52.

Carwell-Sinkerton district. The Negro's name was Gideon Jackson; he had walked into Charleston. He could write his name and not much more. Could he read? A little, a proud possessor of perhaps a hundred words of literacy. Did he understand his duties as a delegate? Duties? Well, putting it a little differently, did he realize the significance of the Convention? Significance? No – of course, he didn't even realize the meaning of the word<sup>658</sup>.

A semelhança com a caracterização dos *cheyenne* em *The Last Frontier* é marcante e não é mera casualidade, mas faz parte da intenção de Fast em demonstrar a simetria das estratégias discursivas da elite americana para a depreciação e desqualificação das classes inferiores. Também aqui é atribuído aos negros o estigma de uma suposta selvageria e, como também pudemos perceber na citação anterior, de uma infantilização. Efetivamente, podemos perceber ao longo da narrativa alguns momentos pontuais onde há a imputação de uma infantilidade aos negros americanos, como, por exemplo, na conversa entre Gideon e Stephan Holms, representante da antiga classe senhorial da Carolina do Sul e um dos principais antagonistas do romance, em Washington, quando ambos já eram congressistas. Na ocasião, Holms rejeita a capacidade dos negros libertos em participar do governo: ““(…) nor the debased and childlike nigger field-hand is capable of rule””<sup>659</sup>.

Estas formas de depreciação e menosprezo dos negros por parte dos personagens brancos são reforçadas por uma explícita animalização. O personagem de Anderson Clay, branco pobre que havia sido eleito para a Convenção, expressa abertamente a vigência desta perspectiva a um grupo de delegados negros:

‘Uncle, why don't you niggers open your eyes? This equality thing ain't going to hold water unless you put your shoulders under it. Sure they'll talk you down; they'll talk me down. You're a nigger; I'm white trash. White trash elected me and niggers elected you, and maybe there was a few of your kind in my vote and a few of my kind in yours. I'm no nigger lover, but I like the kind of thinking that makes two and two add up to four. That kind of thinking tells me what we can do if we keep our senses; but it don't tell me they're going to stop calling us animals’<sup>660</sup>.

<sup>658</sup> “O major James começou a ver que havia alguma justiça no argumento rebelde de que o negro era um selvagem com a mente de uma criança, e seu sentimento foi confirmado quando um enorme negro em um casaco preto, uma camiseta branca tão pequena que havia começado a se rasgar nas costuras, e velhas calças remendadas, se apresentou como o delegado do distrito Carwell-Sinkerton. O nome do negro era Gideon Jackson; ele havia caminhado até Charleston. Ele sabia escrever seu nome e não muito mais. Ele sabia ler? Um pouco, um orgulhoso possuidor de talvez cem palavras de vocabulário escrito. Ele entendia seus deveres enquanto delegado? Deveres? Bem, colocando de forma um pouco diferente, ele entendia a significância da Convenção? Significância? Não – é claro, ele nem entendia o significado da palavra”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 49.

<sup>659</sup> ““(…) nem o degradado e infantil preto lavrador é capaz de governar””. Tradução minha. *Ibid.*, p. 181.

<sup>660</sup> ““Amigo, por que vocês pretos não abrem os olhos? Esta coisa de igualdade não vai se sustentar a menos que vocês se empenhem. Claro que vão desdenhar de vocês; eles vão desdenhar de mim. Você é um preto; eu sou lixo branco. Lixo branco me eleger e pretos elegeram você, e talvez houve um pouco do seu povo no meu voto e um pouco do meu povo no seu. Eu não sou nenhum amante de pretos, mas eu gosto do tipo de pensamento que faz dois e dois serem quatro. Este tipo de pensamento me diz o que podemos fazer se mantivermos nosso juízo; mas ele não me diz que vão parar de nos chamar de animais””. Tradução minha. *Ibid.*, p. 60.

De fato, tanto os brancos pobres quanto os negros sofreram com esta inferiorização por parte da antiga classe senhorial sulista. Porém, certamente, esta animalização era mais intensa com relação aos negros, reforçada que era pela permanência do estigma da escravidão. Uma passagem que deixa muito clara esta perspectiva é a da janta na casa de Cardozo, reunindo diversos convidados membros da Convenção, ocasião na qual Gideon e Stephan Holms são apresentados. Apesar da aparente cordialidade de Holms para com o ex-escravo Gideon, internamente ele o avalia conforme os critérios escravistas, comparando-o um “touro garanhão”:

When white men dined with black in the city of Charleston, the world stood on end and shivered, and that was a part of what Cardozo felt as he introduced Gideon Jackson, former slave to Stephan Holms, former slave-holder. And Holms said:

‘I am, honored to meet you, Mr. Jackson’, pleasantly and quietly, as if this were the most everyday thing, looking at Gideon appraisingly. Gideon was a matter for appraisal (...) – recalling to Holms that once such a man on the auction block would have created a near-riot, the bidding mounting in dizzy spirals, the auctioneer screaming, ‘My friends and gentlemen, you who know and value breed, here’s a bull stallion such as you never laid eyes on before!’<sup>661</sup>.

Cabe ainda mencionar um outro momento em que comparações desta ordem são feitas, desta vez como um xingamento direto. O mesmo Stephan Holms convida Gideon para outro jantar, desta vez em sua casa e na presença de diversos membros da antiga aristocracia sulista, entre eles militares confederados de alta patente e antigos senhores de escravos, incluindo Dudley Carwell, ex-proprietário da *plantation* de Carwell e do próprio Gideon. O objetivo de Holms era criar um constrangimento social e demonstrar aos seus pares a extensão do risco que corriam com os direitos que iam sendo conquistados pela população negra durante a Reconstrução. Neste contexto, um dos convidados, o coronel Fenton, conversa com Gideon à mesa de jantar:

‘You bear a fine southern name, Jackson. But I understand that niggers take their master’s name’.

‘Some do’, Gideon said. ‘I went without a family name until they made me a sergeant in the army. Yankee captain tells me, you got to have a name, Gideon, got to have a family name. Who owned you?’ Gideon paused, nodded at Carwell, half-believing that at that moment, were it not for the women present, they would have

<sup>661</sup> “Quando homens brancos jantavam com negros na cidade de Charleston, o mundo ficava em pé e tremia, e isto era parte do que Cardozo sentiu ao apresentar Gideon Jackson, ex-escravo a Stephan Holmes, ex-dono de escravos. E Holms disse:

‘Eu estou honrado em conhecê-lo, Sr. Jackson’, agradável e silenciosamente, como se isto fosse a coisa mais cotidiana, olhando para Gideon avaliativamente. Gideon era causa para apreciação (...) – recordando a Holms que outrora tal homem no bloco de leilão teria quase criado um tumulto, os lances aumentando em vertiginosas espirais, o leiloeiro gritando, ‘Meus amigos e cavalheiros, vocês que conhecem e valorizam a raça, aqui estão um touro garanhão como vocês nunca viram antes!’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 73.

killed him. ‘I tell him’, Gideon continued, ‘that man who own me for a slave, his name I never take. What about Jackson –’.

Gideon did not finish his story. Carwell rose and said, ‘Get out of here, you black swine!’<sup>662</sup>.

Também aqui vemos um exemplo de animalização do negro, mas como uma forma deliberada de insulto. Tal como no caso dos indígenas em *The Last Frontier*, todas estas modalidades discursivas que analisamos, que articulam uma perspectiva racista, uma infantilização, uma animalização, nos evidenciam também um componente intrínseco de desumanização da população negra. Em algumas passagens, esta desumanização ou sub-humanização se apresenta de forma mais explícita. O doutor Norman Emery, por exemplo, médico de Boston que auxilia Gideon a realizar o sonho de seu filho Jeff de cursar medicina, conseguindo que ele fosse estudar em Edimburgo, na Escócia, ironiza o racismo americano, em comparação com a Europa: “‘Our medical schools do not admit that a black man can either be sick or heal the sick. (...) Fortunately, in the old countries, they have not yet realized that a black skin makes a man sub-human’”<sup>663</sup>.

Mais para o final do romance, diante da ameaça de desarticulação das conquistas da Reconstrução representada pela realização da negociata política que elegeria Rutherford Hayes, Gideon se reúne com alguns aliados políticos – 4 negros e 3 brancos – para discutir os rumos a serem tomados. Nesta ocasião, de forma desesperançosa, Gideon argumenta:

‘And the curious part is’, Gideon said quietly, ‘that even those things which you cling to will be forgotten. The black men who sat in the House, in the Senate. They will be forgotten, the black men who built schools and justice – all of it, my friends. We will not be men any more. They will grind us down until we lose our humanity, until we hate the white men as truly as they hate us. They will make of us a tortured, debased people, unlike any other people on earth. And how long, my friends, before we see a little sunlight again? How long? Ask yourselves that’<sup>664</sup>.

<sup>662</sup> “‘Você tem um belo nome sulista, Jackson. Mas eu entendo que pretos tomam o nome de seus senhores’. ‘Alguns tomam’, Gideon disse. ‘Eu fiquei sem um sobrenome até que me tornarem sargento no exército. O capitão ianque me disse, você precisa ter um nome, Gideon, precisa ter um sobrenome. Quem era seu dono?’ Gideon pausou, acenou para Carwell, meio acreditando que naquele momento, se não fosse pelas mulheres presentes, eles o teriam matado. ‘Eu disse a ele’, Gideon continuou, ‘aquele homem que me possuiu como escravo, eu nunca vou tomar seu nome. Que tal Jackson –’.

Gideon não terminou sua história. Carwell se levantou e disse, ‘Saia daqui, seu porco negro!’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 86.

<sup>663</sup> “‘Nossas escolas de medicina não admitem que um negro possa ficar doente ou curar os doentes. (...) Felizmente, nos velhos países, eles ainda não se deram conta que uma pele negra torna um homem sub-humano’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 143.

<sup>664</sup> “‘E a parte curiosa é’, Gideon disse silenciosamente, ‘que mesmo aquelas coisas às quais vocês se agarram serão esquecidas. Os negros que sentaram no Congresso, no Senado. Eles serão esquecidos, os negros que construíram escolas e justiça – tudo, meus amigos. Nós não seremos mais homens. Eles irão nos triturar até perdermos nossa humanidade, até que odiemos o homem branco tão sinceramente quando eles nos odeiam. Eles farão de nós um povo torturado, degradado, como nenhum outro povo na terra. E quanto tempo, meus amigos,

Esta espécie de “profecia” a respeito da institucionalização do segregacionismo que adviria que Fast atribui ao discurso de Gideon reflete, justamente, o temor da legitimação da desumanização e degradação do povo negro. Há também aqui presente a proclamação explícita e direta do ódio racial do branco contra o negro que seguia pautando de modo essencial as relações sociais do Sul, mesmo durante a Reconstrução. Apontaremos, mais adiante, outros pontos da narrativa que explicitam esta relação de ódio e suas consequências para os afro-americanos. Antes, porém, cabe destacarmos ainda outras formas de discriminação racial que transparecem ao longo do romance.

Uma destas formas diz respeito à concepção de que, mesmo após a abolição, a população negra deveria manter uma posição socioeconômica subalterna, subordinada ao homem branco. Tal entendimento transparece em diversos momentos da narrativa, particularmente em situações onde surgem oportunidades para que os negros melhorassem sua situação de vida. Quando, por exemplo, uma companhia do Norte oferece trabalho para a construção de uma ponte ferroviária, empregando vários residentes de Carwell, os brancos da região reprovam, afirmando que o trabalho com uma remuneração tão elevada “estragava” os negros – e que eles só eram capazes de trabalhar sob ameaça de violência física, concepção à qual subjazia uma ideia de indolência e preguiça atribuída aos afro-americanos:

When the Yankee company set up employment offices in the nearby towns to recruit gangs for construction, the local merchants shook their heads and decided, ‘A waste of time. Nigger won’t work without a whip at his back or a master to own him’. It was scandalous, they said, to pay niggers a dollar a day; spoil them and ruin them – who ever heard of such a wage?<sup>665</sup>

Perspectiva semelhante é apresentada por Carl Robbins, vice-presidente do First National Bank of Columbia, quando Gideon se reúne com ele, munido das economias da comunidade de Carwell, na expectativa de conseguir um crédito para arrematar as terras em leilão público. A negativa do bancário é acompanhada por uma perspectiva eminentemente racista e preconceituosa:

‘You see, Jackson, things are not done so simply; if they were, we should have chaos. You come to me with a thousand dollars, tell me that you represent some motley lot of niggers and white trash, squatters on the Carwell place, and suggest

---

até que vejamos um pouco da luz do sol novamente? Quanto tempo? Perguntem-se isto” Tradução minha. *Ibid.*, p. 207.

<sup>665</sup> “Quando a companhia ianque estabeleceu escritórios de recrutamento nas cidades próximas para recrutar grupos para a construção, os comerciantes locais balançaram a cabeça e decidiram, ‘Uma perda de tempo. Preto não trabalha sem um chicote nas suas costas ou um senhor que o possua’. Era escandaloso, eles diziam, pagar um dólar por dia para pretos; os estragava e arruinava – quem já ouviu falar de tal salário?”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 111.

that I give you a draft on this bank to buy with at the public auction. That is completely fantastic’.

‘Not just a draft’, Gideon argued. ‘The sum you advance will be a mortgage –’.

‘Come now, Jackson’, Robbins interrupted. ‘Be sensible. These are bad times; one hesitates about taking any mortgages, much less a mortgage on land that doesn’t exist. What kind of security are a few footloose niggers’.

‘Please, sir, Mr. Robbins’, Gideon said, ‘we are not foot-loose. We have been on the land, this land, all our lives, most of us, worked it, took out three crops on our own. If you would only come over and see the Carwell place you would think differently, I am sure’.

‘I’m not used to having niggers tell me how to think’, Robbins said.

‘Mr. Robbins, sir, I didn’t mean that. I am acting in good faith and honestly, believe me, sir. Our only hope is to own a few acres of land’.

‘I don’t see that at all. (...) If you show good faith and a desire to work, whoever buys the land will keep you on the land to work it. As a matter of fact, I don’t approve of niggers owning land; spoils them. I’m sorry Jackson, but I’m a busy man –’ And that moment the guard came, took Gideon’s arm, and led him out<sup>666</sup>.

Fast nos demonstra, através de passagens como estas, como a discriminação racial se condensava em formas práticas de exclusão. De fato, o pensamento hegemônico da sociedade branca sulista apresentado em *Freedom Road* é o de que os negros não eram afeitos ao trabalho e não deveriam receber altos salários ou possuir terras – isto os “estragava”. Subjacente a isto está a concepção de que o trabalho manual nos campos, em condições análogas à escravidão, ao lugar que ocupavam na ordem escravocrata, era o apropriado para os negros na sociedade sulista pós-emancipação – uma posição subalterna, submissa, social e economicamente inferior.

Além disso, uma outra forma de discriminação, presente no Sul dos Estados Unidos e retratada no romance, refere-se à efetiva organização de uma segregação racial, que seria

---

<sup>666</sup> “‘Veja, Jackson, as coisas não são tão simples; se fossem, teríamos um caos. Você vem até mim com mil dólares, me diz que representa um grupo misto de pretos e lixo branco, assentados ilegalmente em Carwell, e sugere que eu lhe dê um crédito deste banco com o qual comprar no leilão público. Isto é completamente fantástico’.

‘Não um mero crédito’, Gideon argumentou. ‘A quantia que você nos adiantar será uma hipoteca –’.

‘Vamos, Jackson’, Robbins interrompeu. ‘Seja razoável. Estes são tempos difíceis; hesita-se em aceitar qualquer hipoteca, quanto mais uma hipoteca sobre uma terra que não existe. Que tipo de garantia são uns poucos pretos sem rumo’.

‘Por favor, senhor, Sr. Robbins’, Gideon disse, ‘nós não somos sem rumo. Nós estivemos na terra, nesta terra, todas nossas vidas, a maioria de nós, a trabalhamos, tiramos três colheitas por conta própria. Se você ao menos viesse e visse Carwell você pensaria diferente, tenho certeza’.

‘Eu não estou acostumado a ter pretos me dizendo como pensar’, Robbins disse.

‘Sr. Robbins, senhor, eu não quis dizer isso. Eu estou agindo de boa fé e honestamente, acredite em mim, senhor. Nossa única esperança é possuir alguns acres de terra’.

‘Eu não vejo isso de maneira alguma. (...) Se vocês demonstram boa fé e desejo de trabalhar, quem quer que compre a terra irá mantê-los na terra para trabalhá-la. Aliás, eu não aprovo que pretos possuam terra; os estraga. Desculpe Jackson, mas eu sou um homem ocupado –’ E naquele momento o guarda veio, pegou o braço de Gideon, e o conduziu para fora”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 124-125.

institucionalizada com o fim da experiência da Reconstrução. O impulso em favor do segregacionismo já era prefigurado quando das discussões em torno da Convenção Constitucional. De fato, um dos jornais de Charleston noticia:

THE INCREDIBLE MOVE OF RECKLESS BLACKS. Yesterday, abandoning all scruples, the circus that calls itself a Convention set in motion a proposition that will complete the ruin and bankruptcy of this state. Black and white children of all classes are to be herded together in the same schools. Southern womanhood is to be degraded and debauched even before the teen age is past, and honest citizens will be starved and ruined to support a corrupt school structure...<sup>667</sup>.

No discurso da matéria acima, podemos perceber a defesa da integração como uma degradação social, racial e moral, uma perversão, uma depravação; e, inversamente, da segregação como um valor, como algo que iria preservar a moralidade e a dignidade das instituições do Sul, em especial neste caso, a honra e a pureza das mulheres brancas sulistas. Este sentimento, intuído e prefigurado na primeira parte da narrativa, acaba, na segunda parte, se concretizando em ações efetivas de segregação racial, como evidenciado na narração da viagem de trem de Gideon e Jeff de Washington para a Carolina do Sul:

With Jeff, he walked down the platform, the length of the train. ‘The last car’, he said.

‘Why?’

‘You don’t know, do you?’ Gideon realized, looking at his son. ‘You remember, I told you it did not come like a bomb bursting. You see, it’s been going on’.

They came to the last car, an old and venerable veteran of the road. The windows were dirty; two of them had been replaced by boarding. Over the door, a sign said simply, ‘Colored’. Jeff read it and turned to his father.

‘No – no, it’s impossible! It’s rotten, do you hear me, rotten! You – a member of Congress-’

‘Get in, Jeff’, Gideon said. ‘This isn’t a new thing. It grows in popularity. One gets accustomed’<sup>668</sup>.

<sup>667</sup> “A INCRÍVEL ATITUDE DE NEGROS IRRESPONSÁVEIS. Ontem, abandonando todos os escrúpulos, o circo que se chama de Convenção pôs em movimento uma proposta que irá completar a ruína e a bancarrota deste estado. Crianças negras e brancas de todas as classes serão arrebanhadas juntas nas mesmas escolas. A feminilidade sulista será degradada e pervertida mesmo antes da adolescência, e cidadãos honestos passarão fome e serão arruinados para sustentar uma estrutura escolar corrupta ...”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 80-81.

<sup>668</sup> “Com Jeff, ele caminhou ao longo da plataforma, pela extensão do trem. ‘O último vagão’, ele disse. ‘Por quê?’

‘Você não sabe, não é?’ Gideon percebeu, olhando para seu filho. ‘Você se lembra, eu disse que não viria como uma bomba explodindo. Sabe, vem acontecendo’.

Eles chegaram ao último vagão, um velho e venerável veterano da estrada. As janelas estavam sujas; duas delas haviam sido substituídas por tapumes. Sobre a porta, uma placa dizia simplesmente, ‘De Cor’. Jeff a leu e virou para seu pai.

‘Não – não, é impossível! É podre, você me ouviu, podre! Você – um membro do Congresso –’

‘Entre, Jeff’, Gideon disse. ‘Isto não é algo novo. Está crescendo em popularidade. A gente se acostuma’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 182.



Este episódio, repleto de uma carga emocional de constrangimento e humilhação de um pai, diante a impotência, mesmo sendo um congressista, em evitar a existência de tão ostensivo dispositivo discriminatório, e da incredulidade de um filho, recém-retornado ao país, ao ver a deterioração do ideal democrático e inclusivo da década anterior, é onde vemos retratado diretamente no romance as primeiras consequências do segregacionismo que se impunha. Para além dele, Gideon menciona na referida reunião com seus aliados políticos outras medidas segregacionistas que se impunham neste ocaso da Reconstrução:

‘(...) You say there will be terror, that all we have built will be destroyed. Where is your proof?’

‘It is being destroyed’, Gideon said tiredly. ‘Look around you. No niggers in this train, no niggers on the bench, white only, white only – no niggers in this school; we built the school, but no niggers now, no niggers on this jury, the lawyer for the defense objects. Last year the Judge was a black man, a poor white – today a planter or a planter’s lacky supports the lawyer’s objection. A nigger is on trial, but no niggers on the jury’<sup>669</sup>.

Como já indicamos, outra maneira por meio da qual esta discriminação se faz presente na narrativa de *Freedom Road* diz respeito à explícita manifestação de um ódio de base racial. Algumas vezes, como na passagem que apresenta o personagem de Abner Lait, este ódio é apresentado de forma corriqueira, cotidiana, como algo esperado: “Abner Lait hated black men in the formal way of hatred he had always known, a thing expected”<sup>670</sup>. Também James Allenby, ao aconselhar Gideon acerca de sua viagem para o Norte, reafirma a existência do ódio racial não apenas no Sul, mas nos Estados Unidos como um todo:

‘If you go up north and see the Yankees, remember this – they aren’t cut of a cloth. Some of them hate a black man worse than any southerner, and to those people we are alien, strange creatures with black skins. Even to southern folk who hate use, we are never alien, but as much part of this land as the piney woods and the cotton and tobacco’<sup>671</sup>.

É interessante notar que, mesmo aqui, há a afirmação de um certo grau de desumanização da população negra ao considerá-la mais como parte da paisagem, da

<sup>669</sup> “‘(...) Você diz que haverá terror, que tudo que construímos será destruído. Onde estão suas provas?’

‘Está sendo destruído’, Gideon disse cansadamente. ‘Olhem em volta. Sem pretos neste trem, sem pretos no tribunal, apenas brancos, apenas brancos – sem pretos nesta escola; nós construímos a escola, mas sem pretos agora, sem pretos neste júri, o advogado de defesa protesta. Ano passado o juiz era um negro, um branco pobre – hoje um plantador ou o laçao de um plantador sustenta a objeção do advogado. Um preto está sendo julgado, mas não há nenhum preto no júri’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 205.

<sup>670</sup> “Abner Lait odiava os negros na maneira formal de ódio que ele sempre conheceu, algo esperado”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 32.

<sup>671</sup> “‘Se você for para o Norte e ver os ianques, lembre-se disso – eles não são todos iguais. Alguns deles odeiam o negro mais do que qualquer sulista, e para estas pessoas nos somos estranhas criaturas com peles negras. Mesmo para o povo do Sul que nos odeia, nós nunca somos estranhos, mas tão parte desta terra quanto as florestas de pinheiros e o algodão e o tabaco’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 127

natureza, ou mesmo da economia, como o cultivo de algodão e tabaco próprio do Sul, do que propriamente humana.

Entretanto, a questão do ódio racial aparece, na maior parte das vezes, atrelada a ações de violência, que lhe são consequentes. De fato, a primeira interação de um homem branco com um negro descrita no romance não é sequer um diálogo ou uma fala, mas a recordação de Jeff, filho de Gideon, da tentativa de dois ex-soldados de matá-lo:

Once, in the swamp, he had met two white men; this he hadn't told Gideon. They were soldier men, the old grey uniforms torn and stained. They looked at Jeff and swore at him, and when their guns came up, he leaped behind a tree. The two guns went off, and echoed like a battle in the swamp. If they had gotten him, it would have been just another nigger dead, face down in the water, gradually absorbed by the mud and slimy leaves and then forgotten. If anything marked young manhood for Jeff, it was this, for as they ran off through the swamp, he could have shot either of them; yet he didn't – just watched them curiously, quite unafraid, plumbing the mystery of why they should have desired to kill him so immediately and coldly<sup>672</sup>.

Este “mistério” que Jeff fica contemplando, de por que dois homens brancos quiseram matá-lo desta maneira, corresponde, obviamente, à continuidade da vigência do ódio racial no Sul, que explode em rompantes violentos. Efetivamente, a violência racial aparece como uma grande tônica subjacente ao romance, cuja trama é pontilhada por diversos episódios desta natureza, de início esparsos, mas que vão se intensificando até culminar na completa destruição de Carwell e no extermínio de seus habitantes.

Tal associação do ódio racial imperante com os episódios de violência que despontavam na região é feita de modo explícito por Gideon, em uma carta escrita em Charleston durante a Convenção a sua esposa Rachel um dos acontecimentos: “(...) the murder of four Negro people in Sinkerton by lawless men who hates us and use terror but such badness will stop when the Constitution is framed and a Civil Government makes our pretty Carolina a good land”<sup>673</sup>.

<sup>672</sup> “Uma vez, no pântano, ele havia encontrado dois homens brancos; isto ele não havia contado a Gideon. Eles eram soldados, os velhos uniformes cinzas rasgados e manchados. Eles olharam para Jeff e o xingaram, e quando suas armas se levantaram, ele pulou para trás de uma árvore. As duas armas dispararam e ecoaram como uma batalha no pântano. Se eles o houvessem atingindo, seria apenas mais um preto morto, de cabeça para baixo na água, gradualmente absorvido pela lama e pelas folhas gosmentas e então esquecido. Se algo marcou a juventude para Jeff foi isto, pois, enquanto eles fugiam através do pântano, ele poderia ter atirado em qualquer um deles; mas ele não o fez – apenas os assistiu curiosamente, de modo bastante destemido, sondando o mistério de porque eles quiseram matá-lo tão imediata e friamente”. Tradução minha. Ibid., p. 25-26.

<sup>673</sup> “(...) o assassinato de quatro pessoas negras em Sinkerton por homens sem lei que nos odeiam e usam o terror, mas tal maldade irá parar quando a Constituição for moldada e um Governo Civil tornar nossa bela Carolina uma boa terra”. Tradução minha. Ibid., p. 69.

Apesar do otimismo de Gideon, atos violentos contra a população negra seguem acontecendo. Ainda durante a Convenção, “Charles Cavour, an aged colored delegate was attacked and badly beaten by three former soldiers (...)”<sup>674</sup>. Enquanto os homens de Carwell estiveram fora, trabalhando na construção da ferrovia para arrecadar dinheiro para a compra de suas terras, a filha de um deles, Jessie, de apenas quatorze anos foi estuprada por dois homens brancos<sup>675</sup>. Ao retornar de Boston, onde conseguiu financiamento para a compra coletiva das terras de Carwell com Isaac Went, banqueiro amigo de Cardozo, e com Norman Emery, que também se comprometeu a auxiliar Jeff com seus estudos médicos, Brother Peter relata a Gideon um ataque ocorrido contra a comunidade: uma noite, enquanto voltavam do serviço religioso, o povo de Carwell se depara com uma enorme cruz flamejante erguida em uma colina próxima; naquela madrugada doze cavaleiros, armados e vestindo capuzes brancos, incendiaram o celeiro que era usado coletivamente e, na troca de tiros, acabaram matando Jackey Sherman, de nove anos, filho de uma família da comunidade. As autoridades policiais de Columbia, capital do estado, pouco se dispuseram a fazer sobre o caso<sup>676</sup>. Este acaba sendo o primeiro relato em *Freedom Road* de uma ação de violência e terrorismo racial claramente organizada por membros do Ku Klux Klan.

De fato, o autor Michael Fitzgerald não hesita em definir o Ku Klux Klan como uma organização terrorista:

The Ku Klux Klan is one of the best-known organizations in American history: the most recognizable group expression of militant white supremacy. (...) Hooded figures populate television and the cinema with frequency, and one can enter any bookstore and encounter works on the Klan. Since the events of 11 September 2001, this interest has intersected with the wider issue of terrorism. There are terminological issues regarding the use of this emotion-laden word, but by any sensible definition, the Ku Klux Klan of the Reconstruction era qualifies. The Klan is rightly viewed as America’s most important terrorist movement, an assessment that enhances its contemporary resonance<sup>677</sup>.

<sup>674</sup> “Charles Cavour, um idoso delegado de cor, foi atacado e duramente espancado por três ex-soldados (...)”. Tradução minha. Ibid., p. 76.

<sup>675</sup> Ibid., p. 113.

<sup>676</sup> Ibid., p. 148-151.

<sup>677</sup> “O Ku Klux Klan é uma das mais conhecidas organizações na história americana: a mais reconhecível expressão grupal da supremacia branca militante. (...) Figuras encapuzadas povoam a televisão e o cinema com frequência, e pode-se entrar em qualquer livreria e encontrar trabalhos sobre o Klan. Desde os eventos de 11 de setembro de 2001, este interesse se entrecruzou com a questão mais ampla do terrorismo. Existem questões terminológicas quanto ao uso desta palavra carregada de emoção, mas por qualquer definição sensata, o Ku Klux Klan da era da Reconstrução se qualifica. O Klan é corretamente visto como o mais importante movimento terrorista dos Estados Unidos, avaliação que aumenta sua ressonância contemporânea”. Tradução minha. FITZGERALD, Michael W. “Ex-Slaveholders and the Ku Klux Klan”. In: BAKER, Bruce; KELLY, Brian. *After Slavery. Race, Labor and Citizenship in Reconstruction South*. Gainesville: University Press of Florida, 2013, p. 143.

De acordo com Eric Foner, o Klan era essencialmente um movimento interclassista, contando entre seus integrantes tanto brancos pobres quanto antigos membros da aristocracia escravocrata, mas cuja agenda estava essencialmente ligada aos objetivos da elite. Para ele, “the Klan was a military force serving the interests of the Democratic Party, the planter class, and all those who desired the restoration of white supremacy”<sup>678</sup>. De fato, pode-se dizer que seu objetivo geral era a restauração da supremacia branca em todas as suas formas, por meio do uso generalizado da violência e do terror como estratégia para alcançar este objetivo.

Neste sentido, o retrato do período da Reconstrução elaborado por Fast em *Freedom Road* apresenta também não apenas os atos violentos cometidos pelos membros do Klan, mas a sua própria estruturação, como parte de uma conspiração da aristocracia branca do Sul, desejosa de recuperar sua posição econômica e social de antes da Guerra. Efetivamente, em um extenso trecho da narrativa, Fast descreve, no mesmo jantar em que Gideon foi convidado a participar e expulso por seu ex-senhor, Dudley Carwell, a conversa de Stephan Holms com outros representantes da alta classe da Carolina do Sul visando à organização de um movimento de reação às conquistas democráticas da Reconstrução, utilizando-se do Ku Klux Klan como ferramenta para retomar o poder. Dessa forma, uma iniciativa que historicamente foi algo social, coletivo e colocado em ação de forma nem tão consciente e explícita, é apresentado por Fast metaforicamente, como uma efetiva conspiração dos remanescentes da antiga elite branca escravocrata.

Nesta conversa, Holms começa por explicar porque havia convidado Gideon, um escravo desprezado pelos demais comensais, para participar daquele jantar:

‘Why did you bring that nigger here tonight?’ Fenton asked.

‘That, gentlemen, is the key to it. I object to the general’s terminology – circus of baboons. When we think that way, gentlemen, we defeat ourselves. This Convention is not a circus of baboons, it is a gathering of determined and intelligent men who, for the most part, are honest according to their own lights’.

‘You’re talking nonsense’, the general objected.

‘Am I? Have you been to one session?’

‘I read the papers’.

‘And the papers lie! Believe me, I have been at almost every session – and the papers lie! I brought this nigger here for only one reason; two or three years ago, he was completely illiterate. A few years before that, he was Carwell’s slave. Did you see him tonight? Was he a baboon? What is the potential of these black people

---

<sup>678</sup> “O Klan era uma força militar a serviço dos interesses do Partido Democrata, da classe plantadora e de todos aqueles que desejavam a restauração da supremacia branca”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 144.

we've bought and sold for two hundred years? We don't know, gentlemen, and we don't dare to guess. Will such men as this Gideon Jackson easily give up what they have? And they are not alone; they are learning to work with the white trash we despised until we needed them to fight a war. And these whites who fought the war for us are beginning to think. Gentlemen, when you gave the Convention over to these niggers and these whites, you made the second greatest blunder in these times; the first was the war itself. You said that the Convention would fall to pieces, it did not; it has been sitting for more than ninety days and it has framed a Constitution. You said that the nation would rise indignantly and crush this monster; the nation has not risen indignantly; instead, Yankee reporters are spreading the truth about this Convention all over the country. When we inaugurated our stupid reign of terror after the war, our fanciful Black Codes, we thought that we were bold enough and strong enough to snatch victory from a nation that just defeated us in battle; we used that fool Johnson, thinking that the people would follow him, and instead Congress crushed him. Now the niggers are winning the sympathy we sacrificed, and that too, gentlemen, is our fault'<sup>679</sup>.

A partir disto, Holms propõe uma avaliação das conquistas da Convenção Constitucional e do que isto significava para a sua classe aristocrata:

'Let's look at this Convention – and what it's done. Firstly, education; it has made it universal and compulsory throughout the state. Which means that niggers and white trash will be fighting us on equal terms-'

'They'll still be niggers and white trash!'

'God help me, can't I get you to look at the reality? One generation of such education, and we'll be a vague memory – I assure you. Now another point, the Convention has moved and petitioned for a subdivision of the land, a breaking down of the plantations to small farms. Combine that with education, and you have the death-knell of the plantation. The Convention has legalized equality of race and color everywhere – contemplate that, gentlemen. The Convention has assured us that

---

<sup>679</sup> ““Por que você trouxe aquele preto aqui hoje à noite?” Fenton perguntou.

'Isso, cavalheiros, é a chave de tudo. Eu protesto à terminologia do general – circo de babuínos. Quanto pensamos desta forma, cavalheiros, nós derrotamos a nós mesmos. Esta Convenção não é um circo de babuínos, é uma reunião de homens determinados e inteligentes que, em sua maioria, são honestos de acordo com seus próprios padrões'.

'Você está falando bobagens', o general protestou.

'Estou? Você esteve em alguma sessão?'

'Eu li os jornais'.

'E os jornais mentem! Acredite-me, eu estive em quase todas sessões – e os jornais mentem! Eu trouxe este preto aqui por uma única razão; dois ou três anos atrás, ele era completamente analfabeto. Alguns anos antes, ele era escravo de Carwell. Vocês o viram hoje à noite? Ele era um babuíno? Qual o potencial destas pessoas negras que compramos e vendemos por duzentos anos? Nós não sabemos, cavalheiros, e não ousamos supor. Irão homens como este Gideon Jackson desistir facilmente do que eles têm? E eles não estão sozinhos; eles estão aprendendo a trabalhar com o lixo branco que nós desprezamos até que precisamos deles para lutar uma guerra. E estes brancos que lutaram a guerra para nós estão começando a pensar. Cavalheiros, quando vocês cederam a Convenção para estes pretos e esses brancos, vocês fizeram a segunda maior tolice destes tempos; a primeira foi a própria guerra. Vocês disseram que a Convenção cairia em pedaços, ela não o fez; ela tem se reunido por mais de noventa dias e moldou uma Constituição. Vocês disseram que a nação iria se insurgir indignadamente e esmagar este monstro; a nação não se insurgiu indignadamente; em vez disso, repórteres ianques estão espalhando a verdade sobre esta Convenção por todo o país. Quando inauguramos nosso estúpido reino de terror depois da guerra, nossos caprichosos Códigos Negros, nós pensamos que éramos corajosos o suficiente e fortes o suficiente para arrancar a vitória de uma nação que recém havia nos derrotado em batalha; nós usamos aquele tolo Johnson, pensando que o povo o seguiria, e em vez disso o Congresso o esmagou. Agora os pretos estão ganhando a simpatia que sacrificamos, e isto também, cavalheiros, é nossa culpa'". Tradução minha. FAST, Howard. *Freedom Road*. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 89-90.

black men will sit with white men on juries, that black judges will sit on the bench; let that soak in, my friends. The Convention has safeguarded the ballot – and there goes whatever legalized dream of power you might have had. And last of all, gentlemen, the Convention has consistently made its appeal to black and white together; in every law, in every edict, every proposal, the poor white has been bracketed with the nigger. Does that awake a response, gentlemen?’<sup>680</sup>.

Todos estes elementos que a Reconstrução ia garantindo aos negros e brancos pobres eram vistos como absurdos para a elite sulista. Naturalmente, elas exigiam uma resposta; e a resposta proposta por Holms era justamente tomar a organização já existente do Ku Klux Klan e redirecioná-la para seus propósitos:

‘We’ve had power; we lost it; we propose to regain it: that is all, simply. You saw that nigger here tonight. Can you wheedle him, coddle him, deceive him?’

‘No-’ Fenton said thoughtfully. ‘But you could hang him’.

The general observed, ‘We tried terror and failed, Stephan. You pointed that out’.

‘Yes, we failed – because it was stupid terror, and because terror with only terror as the end is predestined to fail. We pitted mobs against Yankee bayonets; we indulged in adolescent outrages, prodding ex-soldiers to bludgeon and lynch and steal. And we had no plan, no goal – and this most of all, no organization’.

(...) Fenton said, ‘You’ve thought of the Klan, Stephan’.

‘Yes, I’ve given some thought to that. Their record in the two years or so they’ve existed doesn’t make for brilliance or cohesion, but at least there is an organization. And rather than split our forces and organize to counter them, we would be wiser to take what they have and work with it’<sup>681</sup>.

<sup>680</sup> “‘Vamos olhar para esta Convenção – e o que ela fez. Primeiramente, educação; ela a tornou universal e compulsória através do estado. O que significa que pretos e lixo branco vão estar nos combatendo em igualdade de condições –’

‘Eles ainda serão pretos e lixo branco!’

‘Deus me ajude, eu não consigo fazer vocês verem a realidade? Uma geração de tal educação e nós seremos uma vaga memória – eu lhes garanto. Agora outro ponto, a Convenção moveu uma petição para a subdivisão da terra, um fracionamento das *plantations* em pequenas fazendas. Combine isto com educação e você tem a sentença de morte da *plantation*. A Convenção legalizou a igualdade de raça e cor em toda parte – contemplem isso, cavalheiros. A Convenção nos garantiu que homens negros se sentarão com brancos em júris, que juízes negros se sentarão no tribunal; absorvam isto, meus amigos. A Convenção salvaguardou o voto – e aí se vai qualquer sonho legalizado de poder que você pudessem ter. E por último, cavalheiros, a Convenção consistentemente expôs seu apelo aos negros e brancos conjuntamente; em toda lei, em todo edito, em toda proposta, o branco pobre se alinhou ao preto. Isto suscita uma resposta, cavalheiros?’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 90-91.

<sup>681</sup> “‘Nós tivemos o poder; nós o perdemos; nós propomos recuperá-lo: isto é tudo, simplesmente. Vocês viram aquele preto aqui hoje à noite. Vocês podem adúlá-lo, bajulá-lo, enganá-lo?’

‘Não-’ Fenton disse pensativamente. ‘Mas podemos enforcá-lo’.

O general observou, ‘Nós tentamos terror e falhamos, Stephan. Você ressaltou isto’.

‘Sim, nós falhamos – porque era um terror estúpido, e porque terror somente como um fim em si mesmo é predestinado a falhar. Nós jogamos turbas contra baionetas ianques; nós nos entregamos a explosões adolescentes, incitando ex-soldados a espancar e linchar e roubar. E nós não tínhamos nenhum plano, nenhum objetivo – e isto mais do que tudo, nenhuma organização’.

(...) Fenton disse, ‘Você pensou no Klan, Stephan’.

‘Sim, eu pensei um pouco nisso. Seu histórico nos cerca de dois anos em que existem não é de inteligência ou coesão, mas ao menos existe uma organização. E ao invés de dividir nossas forças e nos organizar para combatê-los, seria mais sensato tomar o que eles têm e trabalhar com isto’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 91-92.

A seguir, Holms conclui sobre seu plano de ação e sobre o papel que o Klan teria no luta pela retomada da supremacia branca:

‘This business of white nightshirts and burning crosses is tomfoolery, but it has its use. The weasel type, the timid, the frightened – they become bolder when they hide their faces’.

‘I don’t like that kind of talk’.

‘Don’t you Dupre? Do *you* intend to put a white napkin on your head and go scampering through the night? No – this is a tool, let’s understand that. And to operate it, we’ll need men, thousands. (...) But there’ll be men enough, the scum that we used for overseers, the trash that bought and sold slaves and bred them, the kind who were men with bullwhip and filth without one, the kind who have only one virtue, a white skin. Gentlemen, we’ll play a symphony on that white skin, we’ll make it a badge of honor. We’ll put a premium on that white skin. We’ll dredge the sewers and the swamps for candidates, and we’ll give them their white skin – and in return, gentlemen, they will give us back what we lost through this insane war, yes, all of it’.

‘But how, Stephan?’ Fenton wanted to know. ‘When we tried before –’.

‘Yes, but this time, we know. We start slowly – organization and nothing but organization to begin. We enter the Klan, we subsidize it, gentlemen, yes, with what little we have left, we subsidize it. While the occupation troops are here, we do nothing – that is, nothing they could counter. A few acts, a nigger put in his place, a rape scare, a lynching – those will come about naturally; and when they come, the Klan can ride. As a matter of advertisement, you might say, romantic hooded figures dashing through the night; but only as a matter of advertisement. We wait; we organize; we do nothing premature. Concurrent with that, those of us who can enter politics, not as an opposition, but as men who wish to work with the reconstructionists. I propose to do that; others must join me. We move step by step, and we wait’<sup>682</sup>.

---

<sup>682</sup> ‘Este negócio de camisolas brancas e cruzeiros flamejantes é uma bobagem, mas tem seus usos. O sujeito canalha, o tímido, o assustado – eles se tornam corajosos quando escondem seus rostos’.

‘Eu não gosto deste papo’.

‘Não, Dupre? *Você* pretende colocar um guardanapo branco na sua cabeça e sair em debandada através da noite? Não – isto é uma ferramenta, vamos entender isso. E para operá-la, nós vamos precisar de homens, milhares. (...) Mas haverá homens o suficiente, a escória que usamos como capatazes, o sujeito que comprava e vendia escravos e os criava, o sujeito que era homem com o chicote e imundície sem ele, o sujeito que só tem uma virtude, uma pele branca. Cavalheiros, tocaremos uma sinfonia para esta pele branca, nós a tornaremos uma medalha de honra. Nós colocaremos um prêmio nesta pele branca. Nós drenaremos os esgotos e os pântanos atrás de candidatos, e nós lhes daremos sua pele branca – e em troca, cavalheiros, eles nos darão de volta tudo que perdemos através desta guerra insana, sim, tudo’.

‘Mas como, Stephan?’ Fenton queria saber. ‘Quando tentamos anteriormente –’

‘Sim, mas desta vez, nós sabemos. Nós começaremos devagar – organização e nada além de organização para começar. Nós entramos no Klan, nós o subsidiamos, cavalheiros, sim, com o pouco que nos resta, nós o subsidiamos. Enquanto as tropas de ocupação estiverem aqui, nós não fazemos nada – isto é, nada que eles possam combater. Uns poucos atos, um preto colocado no seu lugar, um estupro para assustar, um linchamento – estes aconteceram naturalmente; e quando eles vierem, o Klan pode cavalgar. Como forma de propaganda, vocês podem dizer, românticas figuras encapuzadas correndo através da noite; mas somente como forma de propaganda. Nós esperamos; nós nos organizamos; nós não fazemos nada prematuro. Concomitante a isto, aqueles de nós que podem entrar na política, não como uma oposição, mas como homens que desejam trabalhar com os reconstrucionistas. Eu me proponho a fazer isto; outros devem se juntar a mim. Nós nos movemos passo a passo, e nós esperamos’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 92-93.

Anos mais tarde, quando se encontram em Washington, o senador Stephan Holms confessa ao Congressista Gideon Jackson o uso político que fez do Klan, ao fomentar o preconceito e o ódio racial, como forma de reconquistar o poder perdido com a Guerra Civil:

‘I assure you, Gideon, that I am one of the few people of my class who does not draw back in horror from the color of a man’s skin. You see, I am essentially a reasonable and logical human being: so are you. We recognize that certain shibboleths have been set up. I can afford to smile at them, at the brainless, empty idiots – my friends, I admit – who look upon all creatures of your race, and so many of mine, as being inferior. God knows, I recognize their caliber. But my lot is with them, Gideon, partially by birth, partially by choice. Let us face the facts; my people lost a great deal by the war, not only power – which is no small thing in itself – but material things that result of power, a way of life. I wanted those things back, and I fought for them sensibly’<sup>683</sup>.

A organização e o financiamento da elite branca ao Klan, aliado ao recrutamento em massa dos brancos pobres que já haviam sido a base do exército confederado, acaba por desembocar em uma onda de violência e terror, representada na narrativa de *Freedom Road* por meio do relato de diversos episódios deste gênero. Os personagens de Fred McHugh e sua esposa Sally, brancos pobres que se uniram ao povo de Carwell desde a compra de suas terras, acabam açoitados por seis membros encapuzados do Klan. McHugh fica inválido e sua esposa acaba morrendo em decorrência do ataque<sup>684</sup>. Cinco dias após a desocupação militar do Sul, com a retirada das tropas da União celebrada pelos jornais locais, Zeke Hale, negro residente em Carwell é assassinado com dois tiros de espingarda na cabeça<sup>685</sup>.

A partir de então, o capítulo 10 do romance narra de forma impactante a completa destruição da comunidade de Carwell e a aniquilação de seus moradores. O episódio começa com a ida do xerife local, Bentley, junto com Jason Hugar, conhecido membro do Klan, até a localidade, com a intenção de levarem presos três homens negros de Carwell, sob uma falsa acusação de agressão e tentativa de estupro. Os dois, no entanto, são confrontados por Gideon e pelos demais líderes da comunidade, que apresentam álibis, respaldados por várias testemunhas, de que os acusados haviam estado em Carwell durante a ocorrência do crime. Não tendo aceitado o testemunho dos negros e tendo insistido em levar os três suspeitos sob

<sup>683</sup> “‘Eu lhe garanto, Gideon, que eu sou uma das poucas pessoas da minha classe que não recua horrorizado diante da cor da pele de um homem. Veja, eu sou essencialmente um ser humano lógico e razoável: você é também. Nós reconhecemos que certos arcaísmos se estabeleceram. Eu posso me dar ao luxo de sorrir deles, dos descerebrados e vazios idiotas – meus amigos, eu admito – que olham para todas as criaturas da sua raça, e tanta da minha, como sendo inferiores. Deus sabe, eu reconheço seu calibre. Mas meu lugar é com eles, Gideon, parcialmente por nascimento, parcialmente por escolha. Vamos encarar os fatos; meu povo perdeu muito com a guerra, não apenas poder – o que não é pouca coisa em si mesmo – mas coisas materiais que resultam do poder, um modo de vida. Eu queria estas coisas de volta e eu lutei por elas sensatamente’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 179.

<sup>684</sup> *Ibid.*, p. 196-197.

<sup>685</sup> *Ibid.*, p. 215.



custódia, Hugar e o xerife Bentley são expulsos das terras por Gideon, que se recusa a entregar os acusados, sabendo que o caso provavelmente acabaria com a injusta condenação de seus vizinhos.

Uma retaliação era esperada pelos membros da comunidade, que decidiram refugiar-se na antiga casa senhorial, na esperança de poderem se defender melhor. Ela efetivamente veio naquela madrugada, na forma de um ataque do Klan. Trooper, um dos negros que se recusou a deixar sua propriedade, a casa que havia construído, acaba morto a tiros junto com sua esposa, e sua casa é incendiada com suas duas filhas dentro: “‘Kids in there’, someone said. Someone else remarked, ‘Too damned many nigger kids anyway’”<sup>686</sup>. Depois disso, o Klan tenta atacar a casa-grande, mas, sendo rechaçado, acaba queimando todas as casas do povoado de Carwell. Marcus, o filho mais novo de Gideon, consegue furar o cerco e ir até Columbia para enviar uma mensagem pedindo ajuda. O operador, porém, ao ver o conteúdo da mensagem tenta enganar Marcus, que, ao perceber, insiste no seu envio presencial e acaba sendo morto a tiros pela polícia<sup>687</sup>.

Nova tentativa de pedir socorro é feita por Abner Lait, mas este é capturado há pouca distância do local:

It might have been done, but they shot down the horse half a mile from the house, and Abner Lait lay under it with a broken leg. They took him out, held him upright for Jason Hugar to tell him:

‘There’s a special way for nigger lovers. Fred McHugh had a taste of it’.

‘Go to hell’, Abner told him.

Abner Lait didn’t speak again. They hanged him up by his hands and whipped him all through the night. (...) All through the following day, they let him hang there; but he was no longer aware that his strength was part of the strength of many, no longer aware of the good fight that he had fought, of the good world of which he had seen a small piece, of the good comrades he had known<sup>688</sup>.

Outra passagem de grande impacto da conclusão do romance diz respeito à morte de Jeff. A partir de seu compromisso com a medicina, Jeff se dispõe a ir até o acampamento do

<sup>686</sup> “‘Tem crianças lá dentro’, alguém disse. Outra pessoa observou, ‘Tem crianças pretas malditas demais de todo modo’”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 236.

<sup>687</sup> *Ibid.* p. 242.

<sup>688</sup> “Poderia ter sido feito, mas eles atiraram no cavalo a meia milha da casa, e Abner Lait ficou preso embaixo dele com uma perna quebrada. Eles o tiraram de lá, seguraram de pé para Jason Hugar lhe dizer: ‘Há um jeito especial para amantes de pretos. Fred McHugh experimentou o gosto dele’. ‘Vá para o inferno’, Lait disse a ele.

Abner Lait não falou novamente. Eles o penduraram pelas mãos e o chicotearam durante toda a noite. (...) Ao longo do dia seguinte, eles o deixaram pendurado ali; mas ele não mais estava consciente de que sua força era parte da força de muitos, não mais consciente da boa luta que lutou, do bom mundo do qual ele havia visto uma pequena parte, dos bons camaradas que conheceu”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 258-259.

Klan para tratar dos feridos no ataque à casa-grande. Tendo concluído seu serviço, ele tenta voltar para junto de seus familiares:

He was tired; a plank in a field under the hot sun is not a place to operate. He had treated a dozen wounded men. He was tired. 'I'll go now', he said.

'Sir!'

He was bending over his bag, closing it; he glanced up at the man who had spoken, a broad-shouldered, sunburnt man whose hand rested on the butt of a revolver.

'I said I'll go now'.

'Sir'.

Jason Hugar, standing beside Sheriff Bentley, said, 'You're a doctor, Jackson. That's something that happened. When a nigger becomes a doctor, it's the sort of God damned thing that makes this trouble we're having'.

Jeff stared at him for a moment, then snapped shut his bag, picked it up, and started to walk away. The broad-shouldered man placed himself in Jeff's path.

'Sir', he said.

'What do you want' Jeff asked.

'I want you to act as a God damned nigger should! Say *sir* when you talk to your betters!'

(...) 'You want me to say *sir*, is that it?'

'That's it'.

'Sir', Jeff nodded, and added, 'If you'll permit me to go, sir?'

Bentley laughed. Jason Hugar said, 'You're not going, Jackson'.

'What do you mean?'

'You're not going back, that's all'.

(...) 'I came here', he said, 'because I felt it my duty to aid the hurt and the sick. Do you understand that? I came here because you asked me to come. As a doctor, I could not refuse. Can you, in all reason, demand that I stay here?'

The broad-shouldered man said, '*Sir*, you God damned nigger son of a bitch!'

Jeff shook his head. 'I'm going'. He pushed past the broad-shouldered man. That was all he knew, a memory that ceased to be a memory, an exploding crash that ceased as it came. He lay on the ground, his bag under him, and the broad-shouldered man said:

'That God damn nigger'<sup>689</sup>.

---

<sup>689</sup> "Ele estava cansado; uma tábua em um campo debaixo do sol quente não é lugar para operar. Ele tratou uma dúzia de feridos. Ele estava cansado. 'Eu vou ir agora', ele disse.

'Senhor!'

Ele estava encurvado sobre sua maleta, fechando-a; ele olhou para cima para o homem que havia falado, um homem de ombros largos queimado do sol, cuja mão descansava sobre a coronha de um revólver.

'Eu disse que eu vou agora'.

'Senhor'.

Daí para o final, o romance narra a destruição fatal dos membros remanescentes da comunidade, apossada por um contingente composto por entre quinhentos e seiscentos homens do Klan, armados com um canhão, com o qual bombardearam a casa-grande. Este desfecho, eminentemente trágico e que confere à leitura da obra um caráter de difícil digestão, corrobora o entendimento manifestado por alguns personagens a respeito dos objetivos do Klan. Anderson Clay, por exemplo, afirma:

‘You see, Gideon, we didn’t know. We started from nothing, groping around in the dark. We had only one idea, to build – schools, courts, hospitals, roads, people too. Maybe you could say that all of us, your people, mine, went a little insane when they saw there was freedom stretching ahead, maybe forever. All they thought was to build. The others wanted to destroy, and they organized for that’<sup>690</sup>.

Gideon, ao explicar para seu povo o que levou ao crime cometido contra Fred McHugh e sua esposa, afirma, ecoando a mesma concepção:

‘It took me a long time to realize what the Klan is, how it operates, why it was organized. I know now, just as you know. The Klan has only one purpose, to destroy democracy in the South, to kill off the independent farmer, to split, in so doing, the black man from the white man. The black man will become a peon, not too different from the slave he was before the war. And because he is that, a slave in effect if not in fact, the white man will be drawn down with him. A few will become great and mighty, as before the war. But only a few. For the rest of us, poverty, hunger, hatred – such hatred as will become a sickness for this nation.

That is the sin Fred McHugh committed at Carwell. He was tortured so that Abner Lait, Jake Sutter, Frank Carson, Leslie Carson, Will Boone – every white man here would take heed and play his correct part in the day of reckoning. That is up to you; there is a way out that is no way out. Join the Klan, cooperate with the Klan, don’t

---

Jason Hugar, de pé ao lado do xerife Bentley, disse, ‘Você é um médico, Jackson. Isto é algo que aconteceu. Quando um preto se torna médico, é o maldito tipo de coisa que causa esse problema que estamos tendo’.

Jeff o encarou por um momento, e então fechou sua maleta, a pegou, e começou a ir embora. O homem de ombros largos se colocou no caminho de Jeff.

‘Senhor’, ele disse.

‘Eu quero que você aja como um maldito preto deve! Diga *senhor* quando fala com seus superiores!’

(...) ‘Você quer que eu diga *senhor*, é isso?’

‘É isso’.

‘Senhor’, Jeff concordou, e acrescentou, ‘Se você me permitir ir, senhor?’

Bentley riu. Jason Hugar disse, ‘Você não vai ir, Jackson’.

‘O que você quer dizer?’

‘Você não vai voltar, isso é tudo’.

(...) ‘Eu vim aqui’, ele disse, ‘porque eu achei que era meu dever ajudar os feridos e os doentes. Você entende isso? Eu vim aqui porque vocês me pediram para vir. Como medico, eu não poderia recusar. Vocês podem, por qualquer motivo, exigir que eu fique aqui?’

O homem de ombros largos disse, ‘*Senhor*, seu maldito preto filho da puta!’

Jeff balançou a cabeça. ‘Eu estou indo’. Ele abriu caminho pelo homem de ombros largos. Isto foi tudo que ele soube, uma memória que deixou de ser uma memória, um estampido explosivo que cessou ao mesmo tempo que veio. Ele jazia no chão, sua maleta embaixo dele, e o homem de ombros largos disse:

‘Aquele preto maldito’”. Tradução minha. Ibid., p. 256-257.

<sup>690</sup> ‘Veja, Gideon, nós não sabíamos. Nós começamos do nada, tateando no escuro. Nós tínhamos uma única ideia, construir – escolas, tribunais, hospitais, estradas, pessoas também. Talvez você possa dizer que todos nós, seu povo, o meu, ficaram um pouco loucos quando eles viram que havia liberdade estendendo-se à frente, talvez para sempre. Tudo que eles pensavam era construir. Os outros queriam destruir, e eles se organizaram para isso’”. Tradução minha. Ibid., p. 208.

resist – and destroy yourselves. You know those men, the dirty, diseased, degenerate louts who were the slave runners, the overseers, the whip men, the hangers on, the toughs, the gamblers, the cheats, the sheriffs, the men who became brave with a gun in their hands but not brave enough to be seen at the front, not brave enough to die, the way thousands of southern men died because they loved their land. I don't have to describe them; when they dragged Sally McHugh out of her bed, hanged her up by the hands, and whipped her to death, they described themselves. They are scum, the dregs of this land. For every one of them, there are a hundred decent men in this South; but the scum are organized; the decent, good men are not. They have money; they have hirelings to plead their cause at Washington; they have rich planters to lead and direct them. We have none of those things – and I, for one, say thank God<sup>691</sup>.

Em síntese, em *Freedom Road*, Fast retrata a formação e o desenvolvimento das atividades terroristas do Ku Klux Klan, buscando denunciá-lo como uma organização que canalizou e promoveu ainda mais o ódio popular aos negros e às conquistas que obtiveram com a Reconstrução, uma ferramenta que instrumentalizou este ódio em favor da restauração da “supremacia branca” e do retorno da elite às condições sociais e econômicas privilegiadas de que desfrutavam antes da Guerra. Neste sentido, de modo a expor a continuidade da vigência do racismo no Sul dos Estados Unidos durante este período, Fast faz uso de diversos elementos narrativos, aqui analisados, como: o emprego de termos e xingamentos racistas; o questionamento da capacidade dos negros pelos personagens brancos e a sua desumanização; o retrato de formas de preconceito e discriminação racial que culminam em medidas segregacionistas; e, como mencionamos por último, a pontuação de diversas manifestações de ódio e atos de violência contra a população negra, que se institucionalizam por meio das ações do Klan, resultando no final trágico e funesto do romance.

### 5.3 *The Passion of Sacco and Vanzetti*, xenofobia e antirradicalismo nos Estados Unidos

---

<sup>691</sup> “Eu levei um longo tempo para perceber o que é o Klan, como ele opera, porque ele foi organizado. Eu sei agora, tal como vocês sabem. O Klan tem um único propósito, destruir a democracia no Sul, acabar com o fazendeiro independente, dividir, ao fazer isso, o homem negro do homem branco. O negro se tornará um peão, não muito diferente do escravo que era antes da guerra. E porque ele é isto, um escravo na prática, se não de fato, o branco afundará com ele. Alguns poucos se tornarão grandes e poderosos, como antes da guerra. Mas apenas uns poucos. Para o resto de nós, pobreza, fome, ódio – tanto ódio que se tornará uma doença para esta nação. Este é o pecado que Fred McHugh cometeu em Carwell. Ele foi torturado para que Abner Lait, Jake Sutter, Frank Carson, Leslie Carson, Will Boone – todo homem branco aqui ouça e desempenhe seu papel correto no dia do acerto de contas. Isto é com vocês; há uma saída que não é uma saída. Juntem-se ao Klan, cooperem com o Klan, não resistam – e destruam a si mesmos. Vocês conhecem estes homens, os sujeitos, doentes, degenerados facínoras que eram os traficantes de escravos, os capatazes, os homens do chicote, os enforcadores, os durões, os jogadores, os trapaceiros, os xerifes, os homens que ser tornavam bravos com uma arma nas mãos, mas não bravos o suficiente para serem vistos no front, não bravos o suficiente para morrer, do modo como milhares de homens do Sul morreram porque amavam sua terra. Eu não preciso descrevê-los; quando eles arrastaram Sally McHugh da sua cama, a penduraram pelas mãos e a açoitaram até a morte, eles descreveram a si mesmos. Eles são a escória, a ralé desta terra. Para cada um deles, há uma centena de homens decentes neste Sul; mas a escória está organizada; os homens bons e decentes não estão. Eles têm dinheiro; eles têm empregados para defender sua causa em Washington; eles têm plantadores ricos para liderá-los e direcioná-los. Nós não temos nenhuma destas coisas – e eu, por mim, digo graças a Deus”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 201-202.

Os temas do preconceito e da discriminação aparecem em *The Passion of Sacco and Vanzetti* vinculados a duas matrizes de sentidos: a xenofobia e o preconceito contra grupos de imigrantes, particularmente, os de origem italiana; e o antirradicalismo e a imputação de características negativas aos militantes de movimentos radicais. A exemplo das seções anteriores, procuraremos demonstrar aqui de que forma estas categorias são abordadas na narrativa do romance.

Com relação ao tratamento discriminatório dispensado aos radicais nos Estados Unidos, temos que o próprio termo “red”, usado indistintamente para se referir a todo partidário e militante de esquerda, configura em si mesmo a principal forma de designação preconceituosa, sendo usado extensivamente ao longo do romance. Sua ressonância se deve ao fato de não apenas constituir uma maneira de se ignorar, deliberadamente, as nuances das diferentes vertentes políticas e teóricas esquerdistas, cerceando a argumentação do seu interlocutor e o estabelecimento de um canal de diálogo, mas também por constituir ele mesmo uma modalidade de xingamento ao estabelecer esta estereotipização e carregá-la de negatividade – a qual adquire um peso ainda maior em tempos de repressão política.

A reflexão do Professor de Direito a respeito de se deveria ou não tomar a posição de defender publicamente Sacco e Vanzetti parece indicar um pouco deste contexto: “For months and months, he had grappled with this tantalizing and disturbing question, whether or not to take a position, whether or not to face the danger of being linked with reds and possibly being called a red himself (...).”<sup>692</sup>.

Como mencionado, o termo “red” é usado de forma indiscriminada pelos personagens que o empregam como xingamento para se referir às diversas correntes teóricas e políticas de esquerda. O trecho que mais deixa clara esta confusão terminológica é o da reação do juiz do caso, Webster Thayer, ao receber por correspondência uma matéria jornalística com a seguinte passagem circulada. Podemos notar como, para ele, a rotulação do periódico como comunista, socialista, anarquista, radical, ou “vermelho” é indiferente, são termos utilizados como sinônimos:

‘Howsoever he chooses to pass the day of Monday, August 22nd, the Judge will be constantly aware that he, like all other men and women, is mortal. Somewhere in the back of his mind, there will ring that solemn reminder, *Judge not, lest ye be judged*’.

---

<sup>692</sup> “Por meses e meses, ele havia lutado com esta questão atormentadora e perturbadora, a de tomar ou não uma posição, a de encarar ou não o perigo de ser ligado aos vermelhos e possivelmente ser chamado de vermelho ele mesmo (...)”. Tradução minha. FAST, Howard. *The Passion of Sacco & Vanzetti*. A New England Legend. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 434.

(...) he ruffled through the magazine angrily, eager to see which red, communist, radical, socialist or anarchist journal had taken this irritating tack. To his amazement, he discovered that the passage he had just perused, had been printed in the national journal of a Protestant sect, one closely allied to his own<sup>693</sup>.

Quanto ao seu uso como xingamento, é notória durante o desenrolar da narrativa a associação do termo “red”, ou de seus inadequados sinônimos (anarquistas, socialistas, comunistas) ao adjetivo desqualificatório “bastard”. A mais destacada utilização desta expressão se refere ao infame comentário feito justamente pelo juiz Thayer a um conhecido durante um jogo de futebol americano universitário: “Did you see what I did with those anarchistic bastards the other day. I guess that will hold them for a while (...)”<sup>694</sup>. Este fato é diversas vezes referido ao longo da obra, de modo a evocar a parcialidade do magistrado e a intolerância existente contra os militantes de esquerda. O personagem do Presidente da Universidade de Harvard, A. Lawrence Lowell, por exemplo, reprovava a linguagem usada por Thayer, mas, em última análise, concorda com o teor de sua afirmação:

Never, never would he put it so bluntly and vulgarly as the Judge in the case had put it, when the Judge said, *Well, I did give those anarchist bastards what was coming to them!* Yet he couldn't deny that he felt something of the same thing that the Judge must have felt<sup>695</sup>.

O mesmo Lowell ainda recorda as palavras de um dos advogados de defesa, ao caracterizar o juiz Thayer: “(...) a judge who refers to men on trial before him as ‘anarchistic bastards’, tells about how he will get them, and that ‘that will hold them’, and boasts about what he had done to them and what he is going to do”<sup>696</sup>. O próprio personagem do juiz admite, em conversa com um pastor seu amigo, ter usado a expressão, embora tente se justificar:

<sup>693</sup> “Como quer que ele escolha passar o dia de segunda-feira, 22 de agosto, o Juiz estará constantemente consciente de que ele, como todos os outros homens e mulheres, é mortal. Em algum lugar no fundo de sua mente, soará o solene lembrete, *Não julgue, para não ser julgado*”.

(...) ele folheou a revista com raiva, ansioso para ver que periódico vermelho, comunista, radical, socialista ou anarquista havia tomado este irritante curso. Para sua surpresa, ele descobriu que a passagem que ele havia recém lido havia sido impressa no periódico nacional de uma seita Protestante, uma intimamente aliada à sua própria”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1882.

<sup>694</sup> “Você viu o que eu fiz com aqueles bastardos anarquistas o outro dia. Eu suponho que isso irá mantê-los presos por um tempo (...)”. TEJADA, Susan. *In Search of Sacco and Vanzetti*. Double Lives, Troubled Times and the Massachusetts Murder Case That Shook the World. Boston: Northeastern University Press, 2012, p. 208.

<sup>695</sup> “Nunca, nunca ele teria colocado tão abrupta e vulgarmente como o Juiz do caso o havia colocado, quando o Juiz disse, *Bem, eu dei àqueles bastardos anarquistas o que eles mereciam!* Mas ele não podia negar que ele sentia algo parecido com o que o Juiz deve ter sentido”. Tradução minha. FAST, Howard. *The Passion of Sacco & Vanzetti*. A New England Legend. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 678.

<sup>696</sup> “(...) um juiz que se refere a homens sob seu julgamento como ‘bastardos anarquistas’, que fala sobre como ele vai pegá-los, e que ‘isso vai mantê-los presos’, e que se vangloria do que ele fez com eles e do que irá fazer”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 696.

‘It is quite true that I said something in irritation about what I did to those two anarchist bastards. Strong language, you will say, but I had some strong feelings at the moment it passed my lips, and I thought that I was saying it in the company of gentlemen. However, I found that the case was very different, and that my listeners were hardly gentlemen. The next day my words were all over, everywhere, and now they claim that I acted on the basis of personal hatred and malevolence’<sup>697</sup>.

Também Vanzetti, em seu discurso final antes de ser condenado, explicita justamente isto, o caráter profundamente tendencioso do julgamento de Thayer, marcado pelo ódio aos dois acusados, justamente pelo fato de serem radicais, o qual foi expresso pelo juiz na referida ocasião:

‘We have proved that there could not have been another Judge on the face of the earth more prejudiced and more cruel than you have been against us. We have proved that. Still they refuse the new trial. We know, and you know in your heart, that you have been against us from the very beginning, before you see us. Before you see us you already know that we are radicals, that we were underdogs.

We know that you have spoke yourself and have spoke your hostility against us, and your despisement against us with friends of yours on the train, at the University Club of Boston, on the Golf Club of Worcester, Massachusetts’<sup>698</sup>.

Para além do caso notório de Thayer, também outros personagens fazem uso de tal expressão, representativa de um ódio aos movimentos de esquerda e seus militantes – em geral, personagens em posições de poder. O representante do Departamento de Justiça que manda prender, como bode-expiatório, um trabalhador negro que participava do piquete em protesto contra a execução de Sacco e Vanzetti, ao tentar fazê-lo “colaborar” e incriminar indivíduos pré-selecionados pela polícia pelos recentes atentados à bomba, argumenta:

‘Let’s say that you will be cooperative with us, and then we won’t beat you? My goodness, that’s the last thing in the world we want. Did you know that someone tried to throw a bomb into the judge’s house? Can you imagine that! Here is a judge in a lawful court in this Commonwealth and these United States, and these two sons-of-bitches, Sacco and Vanzetti, come up before him and he does his honorable and Constitutional duty of hearing the evidence and weighing the evidence and then passing sentence. Why, such a man is the rock and the pillar of our lives, of your life as well as my life. You would think, wouldn’t you, that for such a man there would

<sup>697</sup> “‘É bem verdade que eu disse algo irritado sobre o que eu fiz àqueles dois bastardos anarquistas. Linguagem forte, você dirá, mas eu tinha alguns sentimentos fortes no momento que ela passou pelos meus lábios, e eu pensei que estava dizendo isto na companhia de cavalheiros. Contudo, eu descobri que o caso era bem diferente, e que meus ouvintes dificilmente eram cavalheiros. No dia seguinte minhas palavras estavam por toda parte, em todo lugar, e agora eles afirmam que eu agi com base em ódio pessoal e malevolência’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1953-1962.

<sup>698</sup> “‘Nós provamos que não poderia haver outro Juiz na face da terra mais preconceituoso e mais cruel do que você foi contra nós. Nós provamos isto. Ainda assim eles rejeitam um novo julgamento. Nós sabemos, e você sabe no seu coração, que você esteve contra nós desde o começo, antes de você nos ver. Antes de você nos ver, você já sabia que nós somos radicais, que nós éramos os azarões. Nós sabemos que você expressou seu pensamento e expressou sua hostilidade contra nós, e seu desprezo contra nós com amigos seus no trem, no Clube da Universidade de Boston, no Clube de Golfe de Worcester, Massachusetts’”. Tradução minha. Ibid., pos. 2056.

be hosannas and praise. But this is by no means the case. Instead of praise, people organize a bomb-throwing because he sentenced these two red bastards<sup>699</sup>.

O uso disseminado desta forma de xingamento está associado a manifestações explícita do ódio a indivíduos associados aos movimentos e lutas da esquerda, pelo simples fato de serem radicais, também em geral proferidas por aqueles que ocupam posições de poder. O personagem do Governador do Massachusetts, Alvan T. Fuller, ao refletir sobre como deveria ser sua conduta para alcançar sua ambição de ser presidente do país, professa: “In any case, an undeviating hatred of anything that was red, tinted red, faintly red or pink or anything like that, would be a very firm and reliable guide”<sup>700</sup>. Por sua vez, o personagem do próprio Presidente dos Estados Unidos, Calvin Coolidge, tem seus sentimentos de repulsa aos radicais expresso pelo narrador do romance: “He didn’t get angry, but the representative of the State Department knew that he didn’t like reds of any description. They were trouble makers, yet there had to be some significance to all the trouble that was being made anywhere and everywhere”<sup>701</sup>

Neste mesmo trecho, o representante do Departamento de Estado explica para o presidente o que era um método conhecido como “castor oil”, utilizadas pelos fascistas italianos para torturar os militantes esquerdistas, revelando certo grau de desumanização dos radicais, ao se mostrar indiferente ao seu sofrimento e justificar a necessidade a existência de tal tratamento bárbaro:

‘As nearly as we can find out, a way of treating reds. They are trussed up, their mouths are forced open, and a quart or so of castor oil is poured down their gullets. It sounds horrible, and probably feels like the very devil; but I suppose they had to resort to that kind of thing to shake them up a little’<sup>702</sup>.

---

<sup>699</sup> “Vamos dizer que você vai cooperar conosco e então nós não te batemos? Minha nossa, isso é a última coisa no mundo que queremos. Você sabia que alguém tentou jogar uma bomba na casa do juiz? Você pode imaginar isso! Eis aqui um juiz em uma corte legal dessa União e destes Estados Unidos, e estes dois filhos da puta, Sacco e Vanzetti, vêm diante dele e ele faz seu honorável e constitucional dever de ouvir as evidências e pesar as evidências e então passar a sentença. Ora, tal homem é a rocha e o pilar das nossas vidas, da sua vida e da minha. Você poderia pesar que para tal homem haveria hosannas e louvores. Mas este não é, de modo algum, o caso. Em vez de louvores, as pessoas organizaram um atentado à bomba porque ele sentenciou estes dois bastardos vermelhos”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1238.

<sup>700</sup> “Em todo caso, um inflexível ódio a tudo que era vermelho, tingido de vermelho, levemente vermelho ou rosa ou qualquer coisa do tipo, seria um guia muito firme e confiável”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1310.

<sup>701</sup> “Ele não ficou bravo, mas o representante do Departamento de Estado sabia que ele não gostava de vermelhos de qualquer descrição. Eles eram causadores de problemas, mas deveria haver algum significado para toda confusão que estava sendo feita em toda e qualquer parte”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1337.

<sup>702</sup> “Tanto quanto pudemos descobrir, é uma maneira de tratar os vermelhos. Eles são amarrados, suas bocas abertas de modo forçado e cerca de um quarto de galão de óleo de rícino é despejado garganta abaixo. Parece horrível, e provavelmente é o próprio diabo; mas eu suponho que eles têm de recorrer a este tipo de coisa para os abalar um pouco”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1337.



Novamente, o Governador Fuller, ao receber, impacientemente, diversos visitantes que vieram pedir clemência para Sacco e Vanzetti, manifesta seu ódio e desprezo pelos dois acusados, justamente pelo fato de serem “agitadores” e, ao seu ver, lutarem para destruir tudo que ele considerava bom na sociedade americana:

They had come to plead; and the Governor realized that this they had in common with all who entered his office today, large and small, rich and poor – people of fame or those of no consequence in his eyes, they all came to plead, to beg, to whine for the life of two dirty agitators, two men of broken speech and sneaking words, two men who had dedicated their lives to tearing down the beautiful erections of the Governor’s world<sup>703</sup>.

A referência a uma suposta “fala truncada” constitui uma alusão ao inglês pouco fluente dos dois italianos, havendo aí uma associação do radicalismo com intrusão estrangeira e, também, uma manifestação de xenofobia e preconceito às populações imigrantes, do qual trataremos mais adiante. Neste mesmo contexto, o Governador relembra sua visita a Sacco e Vanzetti no presídio, onde ele confirmou seu ódio aos dois condenados e ao que representam. Ao se deparar com a recusa de Sacco de sequer conversar com ele, Vanzetti explica ao Governador:

‘He doesn’t hate you personally, Governor, but you are a symbol of those forces he hates’. ‘What are those forces?’ ‘The forces of wealth and power’, Vanzetti answered calmly. Then they talked a little, and the Governor saw in Vanzetti’s eyes, as he had seen before in the eyes of Sacco, anger and contempt.

The Governor never forgot or forgave that look. He had said to himself then, ‘All right, you damned reds – think that if you wish to’<sup>704</sup>.

Esta afirmação, feita por diversos personagens de forma constante ao longo do romance, de um ódio e desprezo a Sacco e Vanzetti pelo fato de serem militantes anarquistas, corroborada e canalizada por meio de xingamentos associados ao termo “red”, funcionam de modo a, de certa forma, explicar a sua condenação em um processo tendencioso e eivado de preconceito contra os acusados. De fato, Fast entendia não apenas que Sacco e Vanzetti eram inocentes, mas também que sua condenação se dava exatamente por sua inclinação política

---

<sup>703</sup> “Eles vieram apelar; e o Governador percebeu que isto eles tinham em comum com todos que entraram no seu escritório hoje, grandes e pequenos, ricos e pobres – pessoas famosas ou sem nenhuma importância a seus olhos, todos eles vieram apelar, implorar, choramingar pela vida de dois agitadores sujos, dois homens de fala truncada e palavras furtivas, dois homens que dedicaram suas vidas a derrubar as belas construções do mundo do Governador”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1504.

<sup>704</sup> “‘Ele não te odeia pessoalmente, Governador, mas você é um símbolo daquelas forças que ele odeia’. ‘Que forças são essas?’ ‘As forças da riqueza e do poder’, Vanzetti respondeu calmamente. Então eles conversaram um pouco, e o Governador viu nos olhos de Vanzetti, como ele havia visto antes nos olhos de Sacco, raiva e desprezo.

O Governador nunca esqueceu ou perdoou aquele olhar. Ele disse a si mesmo então, ‘Tudo bem, seus malditos vermelhos – pensem isto se quiserem’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1521.

radical. Isto é expresso por diversos personagens que defendiam a causa dos dois acusados, principalmente pelo Professor de Direito:

‘I am just a Jew and not even native to this land; but no one drags me into a police station and beats me until I am blind with blood. Yet all this black working man did was to walk on the picket line. I have done more. I bearded a great man of the old blood of this land, and practically called him a liar whose hands were dirty with blood – but no punishment came to me. Suddenly I see that the punishment is reserved for the oppressed, as Vanzetti calls them, and we smile about that, the quaintness of the term, but we are putting these two people to death because they are radicals, and not for any other reason. The mighty have been challenged, and for that challenge, a shoemaker and a fish peddler must pay with their lives’<sup>705</sup>.

Em outro momento, mais para o final da narrativa, o Professor reafirma esta compreensão: “Oh, I agree that Sacco and Vanzetti are being put to death because they are working men, Italians, communists, agitators – because a scapegoat is needed, an example, a warning”<sup>706</sup>.

Outra nuance interessante de considerarmos nesta vilanização do anarquismo e demais vertentes políticas radicais por parte dos personagens em *The Passion of Sacco and Vanzetti* diz respeito à sua proximidade com o posicionamento fascista. Com efeito, todo capítulo sete do romance descreve o modo como o personagem do Ditador da Itália, Benito Mussolini, lida com o caso de Sacco e Vanzetti e com os apelos da população italiana pela sua absolvição. Recordando um discurso que havia feito alguns dias antes exaltando a eliminação da ameaça comunista no país, o Ditador relembra:

He spoke of what he had achieved for them. He informed them that the Bolshevik menace, the Godless, fanged monster of communism, had been slain, even as so long ago, the dragons of perfidy had been slain by the champions of chivalry. Italian Bolshevism was dead; Italian communism was dead. There was order all over the land, and for fascism, a thousand fruitful years; during which years the riches of the whole world would reward those who believed, obeyed, and followed<sup>707</sup>.

<sup>705</sup> “‘Eu sou apenas um judeu e nem mesmo nativo a esta terra; mas ninguém me arrasta para uma delegacia de polícia e me bate até que eu fique cego com sangue. No entanto, tudo que este trabalhador negro fez foi caminhar no piquete. Eu fiz mais. Eu afrontei um grande homem do velho sangue desta terra, e praticamente o chamei de mentiroso cujas mãos estavam sujas de sangue – mas nenhuma punição recaiu sobre mim. Subitamente eu vejo que a punição está reservada para os oprimidos, como Vanzetti os chama, e nós sorrimos disso, da excentricidade do termo, mas nós estamos condenando estas duas pessoas à morte porque eles são radicais, e não por qualquer outra razão. Os poderosos foram desafiados, e por esse desafio, um sapateiro e um vendedor de peixes devem pagar com suas vidas’”. Tradução minha. Ibid., pos. 2150-2159.

<sup>706</sup> “‘Oh, eu concordo que Sacco e Vanzetti estão sendo condenados à morte porque eles são trabalhadores, italianos, comunistas, agitadores – e porque um bode-expiatório é preciso, um exemplo, um aviso’”. Tradução minha. Ibid., pos. 2780.

<sup>707</sup> “‘Ele falou do que havia conquistado para eles. Ele os informou que a ameaça bolchevique, o monstro ateu e cheio de presas do comunismo havia sido morto, como, há tanto tempo, os dragões da perfídia haviam sido mortos pelos campeões do cavalheirismo. O bolchevismo italiano estava morto; o comunismo italiano estava morto. Havia ordem em toda terra e, para o fascismo, mil anos frutíferos; durante os quais as riquezas de todo mundo recompensariam aqueles que acreditaram, obedeceram e seguiram’”. Tradução minha. Ibid., pos. 895-903.

Fast procura nos mostrar ao longo do capítulo como o Ditador fascista exibiu um ódio profundo ao comunismo e demais doutrinas radicais. Neste sentido, ao mesmo tempo em que desprezava e odiava Sacco e Vanzetti, tratando o caso com impaciência, ele passou a entender sua importância para o povo italiano:

‘And here again is the case of Sacco and Vanzetti. Am I never to hear the end of this? Will I hear nothing but Sacco and Vanzetti from now until doomsday? At this point, the names make me sick. Let those communist bastards fry in hell! I tell you, the names make me sick! I don’t want to hear the names again’.

(...) ‘I understand. Nevertheless, Sacco and Vanzetti are important figures to the people’.

‘Tell them we have taken the matter under consideration, and will do all in our power to alleviate the severity justly meted out to the two red bastards’<sup>708</sup>.

De fato, mesmo sendo considerando os dois anarquistas como “red bastards”, tal qual os seus detratores americanos se referiam a eles, o Ditador não hesita em tentar utilizar-se politicamente do caso, lançando uma nota na imprensa italiana dizendo que apelou ao governo americano, mas não tinha mais poder para intervir:

‘Is it only communists who are concerned with the fate of those two red bastards? I tell you, no. I tell you, the indignities and the wrongs suffered by Sacco and Vanzetti are an affront to every Italian who loves his motherland and who cherishes liberty! Thereby, the people will understand that their leader is not insensitive to the sufferings of any Italian anywhere. The honor of Italy is sacred’<sup>709</sup>.

Neste sentido, ao apresentar o posicionamento de Mussolini para com Sacco e Vanzetti em particular, e com as ideologias de esquerda no geral, Fast pretende justamente demonstrar a sua semelhança com a postura dos governantes e membros do judiciário americano que condenaram os dois acusados. Dessa forma, ele estabelece um paralelo, uma aproximação da democracia americana, sob a sombra de uma histeria anticomunista e sua consequente repressão política, com o fascismo – o qual, como vimos no primeiro capítulo, ele acreditava estar se alastrando pelos Estados Unidos.

<sup>708</sup> ‘E aqui de novo está o caso de Sacco e Vanzetti. Eu nunca mais vou ouvir o fim disto? Eu não vou ouvir nada além de Sacco e Vanzetti até o dia do juízo final? A esta altura, os nomes me deixam doente. Que aqueles bastardos comunistas fritem no inferno! Eu lhe digo, os nomes me deixam doente! Eu não quero ouvir estes nomes novamente’.

(...) ‘Eu entendo. No entanto, Sacco e Vanzetti são figuras importantes para o povo’.

‘Diga-lhes que nós estamos considerando a questão, e faremos tudo ao nosso alcance para aliviar a severidade justamente dispensada aos dos bastardos vermelhos’’. Tradução minha. Ibid., pos. 956.

<sup>709</sup> “‘São apenas comunistas que estão preocupados com o destino daqueles dois bastardos vermelhos? Eu lhes digo, não. Eu lhes digo, as indignidades e injustiças sofridas por Sacco e Vanzetti são uma afronta para todo italiano que ama sua pátria e que estima a liberdade! Portanto, o povo entenderá que seu líder não é insensível aos sofrimentos de qualquer italiano em qualquer lugar. A honra da Itália é sagrada’’. Tradução minha. Ibid., pos. 1001-1010.

Por fim, cabe considerarmos ainda a associação do anarquismo e demais ideologias radicais com a ideia religiosa de mal. Vale destacar que *The Passion of Sacco and Vanzetti* é um romance que tem um tom religioso muito presente: o próprio uso do termo “paixão” em seu título; a aproximação das figuras de Sacco e Vanzetti com mártires, ou mesmo com o próprio Cristo, cuja morte pelo povo é referida diversas vezes<sup>710</sup>; a presença do termo “crucificar” como sinônimo de sua execução<sup>711</sup>; a comparação do Governador de Massachusetts com o governador romano da Judeia, Pôncio Pilatos<sup>712</sup>.

Por outro lado, muitos personagens associam seu radicalismo à ideia de mal, de maldade, ou ainda algo demoníaco. A explanação do Professor de Direito sobre o caso, por exemplo, ao apresentar o contexto de *Red Scare*, de paranoia anticomunista em que se deu o crime de South Braintree, já apontava para uma associação de trabalhadores adeptos de ideologias de esquerda como “diabos”:

‘Reds and Bolsheviks were everywhere, on every corner, in every dark alley, in every factory, and particularly in those factories where workers murmured that their wages were insufficient to feed and clothe their families. Strangely, or not so strangely, this condition created bewhiskered devils who, loaded with bombs, were found behind every bush (...)’<sup>713</sup>.

Mais adiante, o Professor postula, de modo bastante irônico, a existência de um grande número de pessoas nos Estados Unidos que acreditavam que Sacco e Vanzetti deveria morrer por suas crenças radicais, que eram contrárias não apenas à “decência”, mas aos desígnios de Deus para a nação:

‘In the United States, in Massachusetts, and in South Braintree as well, a situation was created in 1920, which caused a number of people to desire to see men like Sacco and Vanzetti the accused and convicted in a murder case, and thereby as men deserving of the death sentence. Were not these two men reds, and therefore enemies of all that is decent? Were they not radicals, and therefore unlike ordinary decent and upstanding citizens? Were they not against capitalism, which is certainly the only God-given way of life in these United States? Were they not opposed to war, and had we not just finished a war to make the world safe for democracy – a war to which no decent and upright citizen could be opposed? Did they not speak sneeringly of the profit system, and were we not dedicated by God and the Constitution to an eternal system of industry which bases itself upon profits, upon

<sup>710</sup> Ibid., pos. 1080, 2179, 2312, 2352, 2569.

<sup>711</sup> Ibid., pos. 334, 2567.

<sup>712</sup> Ibid., pos. 1513.

<sup>713</sup> “‘Vermelhos e bolcheviques estavam em toda parte, em todo beco escuro, em toda fábrica e particularmente em toda fábrica onde trabalhadores murmuravam que seus salários eram insuficientes para alimentar e vestir suas famílias. Estranhamente, ou não tão estranhamente, esta condição criou diabos bigodudos que, carregados de bombas, eram encontrados atrás de todo arbusto (...)’”. Tradução minha. Ibid., pos. 565-572.

the unflagging desire of one man to make more money than the next, even if he has to sweat it out of his neighbor's hide?'<sup>714</sup>.

Alguns personagens demonstram a internalização desta ideia e uma clara associação do radicalismo com o mal. Isto fica evidente na conversa do Diretor da Prisão com sua esposa, quando esta não entende como tantas pessoas podiam gostar de Sacco e Vanzetti, sendo eles representantes do anarquismo:

'I don't understand', his wife went on. 'Everyone connected with this thinks so well of these men'.

'They are very nice men. You would have to go a long distance to find two men like them. I can't explain it. They are very nice and very gentle men (...).'

'That's what makes it so strange', his wife said.

'Why is it so strange? This is just the way it is. They are very nice'.

'Anarchists', his wife began, 'are supposed to-'

'Neither of us knows anything about anarchists when you come right down to it', the Warden interrupted. 'This has nothing to do with their being anarchists or not being anarchists. I don't know much about anarchists or communists or socialists. Sacco and Vanzetti may be all three. They may be soaked in evil from head to foot. All I am saying is that you don't notice this when you talk to them. (...)'<sup>715</sup>.

Finalmente, talvez a menção mais significativa a esta conexão feita entre o radicalismo e o mal no sentido religioso seja a descrição feita dos pensamentos do padre confessor que foi até a prisão para atender os três condenados que estavam à beira da execução e opta por concentrar seus esforços em converter Madeiros e não em Sacco e Vanzetti:

GUILTS would not plague him for this choice, for was it not plainly evident that the sin of Sacco and Vanzetti was perhaps venial beyond forgiveness or reclamation? These two men were the point of the long tongue of the red dragon, the peculiar

<sup>714</sup> ““Nos Estados Unidos, em Massachusetts, e em South Braintree também, uma situação foi criada em 1920, que causou que um número de pessoas desejasse ver homens como Sacco e Vanzetti acusados e condenados em um caso de assassinato e, portanto, merecedores da pena de morte. Estes dois homens não eram vermelhos e, portanto, inimigos de tudo que é decente? Eles não eram radicais e, portanto, diferentes dos cidadãos comuns decentes e honestos? Eles não eram contra o capitalismo, que certamente é o único modo de vida outorgado por Deus nestes Estados Unidos? Eles não eram contra a guerra, e não havíamos recém terminado uma guerra pra tornar o mundo seguro para a democracia – uma guerra contra a qual nenhum cidadão decente e honesto poderia se opor? Eles não falavam mal do sistema de lucro, e não éramos dedicados por Deus e pela Constituição a um eterno sistema de indústria que se baseia no lucro, no incansável desejo de um homem ganhar mais dinheiro que o outro, mesmo que ele tenha que tirá-lo do suor do seu vizinho?””. Tradução minha. Ibid., pos. 600-609.

<sup>715</sup> ““Eu não entendo”, sua esposa continuou. ‘Todo mundo conectado com isto pensa tão bem destes homens’.

‘Eles são homens muito bons. Você teria que ir longe para encontrar dois homens como eles. Eu não consigo explicar. Eles são muito bons e muito gentis (...).'

‘Isto que torna tudo tão estranho’, sua esposa disse.

‘Por que é tão estranho? Este é apenas o jeito que as coisas são. Eles são muito bons.

‘Anarquistas’, sua esposa começou, ‘deveriam –’

‘Nenhum de nós sabe nada sobre anarquistas no fim das contas’, o Diretor interrompeu. ‘Isto não tem nada a ver com eles serem anarquistas ou não serem anarquistas. Eu não sei muito sobre anarquistas ou comunistas ou socialistas. Sacco e Vanzetti podem ser todos os três. Eles podem envoltos de maldade da cabeça aos pés. Tudo que estou dizendo é que você não nota isso quando fala com eles””. Tradução minha. Ibid., pos. 214-223.

monster of this priest's time, the beast – as he now saw it – which lapped with a gaping and fanged maw at all the sweetness and succulence of Europe<sup>716</sup>.

Em todos estes elementos de desprezo, ódio e vilanização do posicionamento político radical de Sacco e Vanzetti, também está envolvido um princípio de desumanização, ao qual já aludimos anteriormente. O próprio Vanzetti em seu discurso final do julgamento denuncia as atitudes tomadas pelo juiz Thayer neste sentido:

‘You waited a month or a month and a half and just lay down your decision on the eve of Christmas – just on the evening of Christmas. We do not believe in the fable of the evening of Christmas, neither in the historical way nor in the church way. You know some of our folks still believe in that, and because we do not believe in that, it don't mean that we are not human. We are human, and Christmas is sweet to the heart of every man. I think you have done that, to hand down your decision on the evening of Christmas, to poison the heart of our family and of our beloved’<sup>717</sup>.

Outro momento em que personagens do romance demonstram não terem pensado nos dois condenados como humanos é o trecho onde um jornalista da Nova Inglaterra vai até a casa de Sacco para entrevistar sua família. Na ocasião, ele próprio se dá conta de sua falta de humanização:

Never before had he felt the necessity to comprehend what motivated a poor fish peddler and a hard-working shoemaker who were both of them anarchists or communists or something of the sort. Such people came from elsewhere into the edge of his world. They embarked upon motion, and that motion might end in violent death or prison or starvation or the electric chair; but such an ending was expressly reserved for such people. It was no part of his own world and no business of his conscience.

Now it abruptly become a part of his world and the business of his conscience<sup>718</sup>.

A passagem acima demonstra a existência de um estranhamento social e uma desumanização, no sentido de um não-pensar nas experiências daquelas pessoas como sendo

<sup>716</sup> “Culpas não iriam lhe atormentar por esta escolha, por não era claramente evidente que o pecado de Sacco e Vanzetti era talvez venal além do perdão ou reparação? Estes dois homens eram a ponta da longa língua do dragão vermelho, o monstro peculiar do tempo deste padre, a besta – como ele agora o via – que salivava com uma bocarra aberta e cheia de presas em direção à toda doçura e suculência da Europa”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 2555-2564.

<sup>717</sup> “Você esperou um mês ou um mês e meio e somente apresentou sua decisão na véspera de Natal – somente na véspera de Natal. Nós não acreditamos na fábula da véspera de Natal, nem da maneira histórica nem na da igreja. Você sabe que alguns do nosso povo ainda acredita nisso, e porque nós não acreditamos, não significa que nós não somos humanos. Nós somos humanos, e o Natal é doce ao coração de todo homem. Eu acho que você fez isso, entregar sua decisão na véspera de Natal, para envenenar o coração na nossa família e dos nossos amados”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 2081.

<sup>718</sup> “Nunca antes ele havia sentido a necessidade de compreender o que motivou um pobre vendedor de peixes e um trabalhador sapateiro, que eram ambos anarquistas ou comunistas ou algo do tipo. Tais pessoas vinham de outra parte até a beira de seu mundo. Eles embarcaram em um movimento, e este movimento podia acabar em morte violenta ou prisão ou fome ou a cadeira elétrica; mas tal fim era expressamente reservado para tais pessoas. Não era parte de seu próprio mundo e não era da conta de sua consciência. Agora, abruptamente, ele se tornava parte de seu mundo e da conta de sua consciência”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 365-372.

humanas, não apenas com relação aos radicais, mas também para com os imigrantes – havendo o estabelecimento de uma leve interligação entre o ser imigrante e o ser radical.

Efetivamente, através da nossa leitura, percebemos que o foco narrativo principal no que se refere à questão discriminatória está relacionado ao posicionamento político radical de Sacco e Vanzetti. Entretanto, também em alguns momentos a questão da xenofobia e do preconceito direcionado aos grupos de imigrantes nos Estados Unidos é trabalhada por Fast, a começar pela própria associação da proliferação do radicalismo no país com os estrangeiros. Na mesma descrição do Professor acerca do contexto do crime de South Braintree que mencionamos, na qual ele apresenta o clima de paranoia anticomunista, ele já afirma que “the identity of these Bolsheviks and agitators with Americans of foreign extraction was implied if not stated every day in almost every newspaper in the land”<sup>719</sup>.

Um dos personagens que centraliza a questão do preconceito aos grupos minoritários e imigrantes nos Estados Unidos é o do Presidente da Universidade de Harvard, A. Lawrence Lowell. Fast aproveita, inclusive, a ascendência judaica de Felix Frankfurter, o personagem do Professor de Direito, e a reputação de discriminação generalizada de Lowell para trabalhar o tema do antissemitismo: “The President of the University had referred to him, the Professor, as ‘that Jew’, and had gone on to say that there was a little more than met the eye in the eagerness of Jews to leap to the defense of ‘two Italian communists’”<sup>720</sup>. Logo adiante, o narrador sintetiza a extensão dos preconceitos arraigados no Presidente da Universidade:

There was nothing either new or particularly revealing in the knowledge that the President of the University did not like Jews. Ever since he had come to the university, the Professor had been acutely aware of the fact that the President of the University had a most pointed dislike for Jews. It must be added that the President of the University practiced an equal dislike for most other minorities of the United States; if his dislike for Jews was more frequently and sharply expressed, it was only because the gates of the university could be less easily closed against Jews than against certain other groups<sup>721</sup>.

<sup>719</sup> “identificação destes bolcheviques e agitadores com americanos de origem estrangeira foi insinuada, senão afirmada, todos os dias em quase todo jornal do país”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 572.

<sup>720</sup> “O Presidente da Universidade se referiu a ele, o Professor, como ‘aquele judeu’, e prosseguiu dizendo que havia algo por trás da avidez dos judeus em saltar para a defesa de ‘dois comunistas italianos’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 389.

<sup>721</sup> “Não havia nada de novo ou particularmente revelador no conhecimento de que o Presidente da Universidade não gostava de judeus. Desde que ele havia vindo para a universidade, o professor esteve plenamente consciente do fato de que o Presidente da Universidade tinha uma acentuada aversão aos judeus. Deve ser acrescentado que o Presidente da Universidade praticava uma igual aversão à maioria das outras minorias dos Estados Unidos; se sua aversão aos judeus era mais frequentemente e ríspidamente expressada, era apenas porque os portões da universidade podiam ser menos facilmente fechados para os judeus do que para certos outros grupos”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 397.

A citação acima é bastante interessante, na medida que Fast coloca a discriminação a variadas minorias imigrantes dos Estados Unidos na mesma matriz de sentidos do antissemitismo, vivenciado por ele próprio, de modo a demonstrar a vinculação e o alinhamento dos variados preconceitos da classe dominante americana. Em outro trecho, o mesmo Lowell nega possuir um preconceito contra imigrantes de origem italiana, que tenha influenciado nas suas recomendações feitas no comitê de aconselhamento do caso Sacco e Vanzetti convocado pelo governador de Massachusetts, ao mesmo tempo em que a continuidade de sua fala aos seus colegas catedráticos de Harvard nos revela justamente o contrário:

‘I did not say these were Italians. Am I prejudiced against Latins? Some would say I am prejudiced against Jews. Not so. Not so!’ he repeated. ‘My ancestors planted a sturdy race on this soil, clear-eyed and fair of feature. We dealt with no such names as Sacco and Vanzetti then, but of Lodges and Cabots and Braces and Winthrops and Butlers and Proctors and Emersons<sup>722</sup>, there were plenty indeed. And when I look around me today – where is that race? Yet I did not used this when I was called upon. When the head of this Commonwealth asked me to serve in inquiry, weighing the facts in this case that has made our land like trollop’s name on the lips of people everywhere, I did not refuse. I served. I examined the facts. I sorted the wheat from the chaff’<sup>723</sup>

O uso da terminologia religiosa na última frase, ao afirmar que “separou o joio do trigo”, é interessante não apenas por trazer novamente uma ideia de separar o bem do mal, mas de fazer uma associação deste mal com os imigrantes italianos, ainda que o personagem negue explicitamente ter tido uma participação tendenciosa no comitê. Outro personagem que apresenta um preconceito contra minorias estrangeiras, particularmente os italianos é o do juiz Thayer. Na conversa com seu amigo pastor, Thayer admite ter tido a convicção da culpabilidade dos réus a partir de sua própria aparência:

‘My conscience is clear. I have no regrets about what I have done. I examined the evidence and I weighed I very thoughtfully; but it went deeper that the simple problem of evidence. I tell you, Pastor, when I first looked at those two men, I knew that they were guilty. I could see it in the way they walked, in their manner of

<sup>722</sup> Os sobrenomes aqui citados parecem fazer referência a alguns personagens de destaque no contexto do caso ou do estado de Massachusetts em si. Os dois primeiros, por exemplo, parecem estar relacionados à figura do senador de Massachusetts Henry Cabot Lodge, advindo de uma família tradicional do estado; Butler, possivelmente está associado ao também senador, William Butler, que substituiu Lodge após sua morte; Proctor pode estar relacionado ao capitão William Proctor, envolvido na perícia balística do caso Sacco e Vanzetti; e, por fim, Emerson parece ser uma referência ao célebre escritor Ralph Waldo Emerson.

<sup>723</sup> “‘Eu não mencionei que estes eram italianos. Eu tenho preconceito contra latinos? Alguns dirão que eu tenho preconceito contra judeus. Não é assim. Não é assim!’ ele repetiu. ‘Meus ancestrais plantaram uma raça robusta neste solo, de olhos claros e belas feições. Nós não lidávamos como nomes como Sacco e Vanzetti então, mas Lodges e Cabots e Braces e Winthrops e Butlers e Proctors e Emersons, de fato haviam muitos. E quando eu olho ao meu redor hoje – onde está esta raça? Mas eu não me usei disso quando fui convocado. Quando a cabeça desta Comunidade me pediu para servir no inquérito, medindo os fatos deste caso que transformou nossa terra como um nome de uma meretriz nos lábios das pessoas em toda parte, eu não recusei. Eu servi. Eu examinei os fatos. Eu separei o joio do trigo’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 659.



speech, in the way they stood before me. Guilt was written all over them. For seven years, their lawyers have entered motions and pleas and exceptions and arguments of every sort conceivable under the sun. Could anyone have listened to the arguments more patiently, heard the motions more patiently? Was there ever a motion I refused to hear? But how could I alter my original concept?’

‘If no evidence appeared to controvert it, then most certainly you could not’<sup>724</sup>.

Apesar de não ficar explicitamente colocado, fica intuído que o semblante, a postura, o modo de andar e de falar diferente que influenciou a convicção do personagem do juiz Thayer logo à primeira vista, estava relacionada à sua origem estrangeira, à sua aparência estrangeira. É interessante também considerarmos que estes dois personagens que mais representam a xenofobia e o preconceito às minorias imigrantes, Thayer e Lowell, são representantes da elite anglo-saxã que remonta à época colonial e, ao mesmo tempo, da elite intelectual e jurídica da Nova Inglaterra, de modo que o discurso atribuído por Fast aos personagens que os representam busca reproduzir justamente esta postura classista e elitista.

Como Lowell, também Thayer recusa a acusação de ter julgado baseado em seus preconceitos, mas ao mesmo tempo seu discurso reflete, ao contrário, justamente sua perspectiva preconceituosa para com os imigrantes italianos, estereotipando-os como criminosos:

‘So few people have any idea of what we have endured, myself, the District Attorney, the members of the jury, yes, and even many of the witnesses for the State. We have been accused of hating foreigners, of having biased feelings toward Italians. These people come to our countryside and lust through it and dirty it and rob and commit murder without restraint, and if we take exception to these deeds, we are told that we are filled with bias and prejudice and hatred’<sup>725</sup>.

A continuação deste diálogo de Thayer com o pastor constitui uma excelente síntese dos argumentos da presente seção deste capítulo. Nela podemos perceber a vigência de um preconceito às minorias imigrantes, particularmente aos italianos, e, simetricamente, aos movimentos e ideologias políticas de esquerda, os quais se condensam nas figuras de Sacco e

<sup>724</sup> “‘Minha consciência está tranquila. Eu não tenho arrependimentos sobre o que eu fiz. Eu examinei a evidência e eu a pesei muito atentamente; mas a questão era mais profunda que o simples problema da evidência. Eu lhe digo, Pastor, quando eu primeiro vi aqueles dois homens, eu soube que eles eram culpados. Eu podia ver na maneira que eles caminhava, na sua maneira de falar, na maneira que eles estavam diante de mim. A culpa estava escrita neles. Por sete anos, seus advogados entraram com moções e apelos e exceções e argumentos de todo tipo concebível debaixo do sol. Poderia alguém ter escutado os argumentos com mais paciência, escutado as moções com mais paciência? Houve alguma moção que eu me recusei a ouvir? Mas como eu poderia alterar minha concepção original?’

‘Se nenhuma evidência apareceu para contrariá-la, então certamente você não poderia’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1926-1936.

<sup>725</sup> “‘Poucas pessoas tem alguma ideia do que nós suportamos, eu, o Promotor, os membros do júri, sim, e mesmo muitas das testemunhas pelo Estado. Nós fomos acusados de odiar estrangeiros, de ter sentimentos tendenciosos com relação a italianos. Estas pessoas vêm para o nosso campo e se entregam à luxúria através dele e o poluem e roubam e cometem assassinatos sem restrição, e se fazemos objeção a estas ações, nos dizem que somos cheios de tendência e preconceito e ódio’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1971.

Vanzetti; a manifestação de um ódio a estes grupos e a associação de um com o outro, ou seja, do radicalismo aos imigrantes estrangeiros; e o estabelecimento de uma relação dos movimentos radicais e, por extensão, dos próprios grupos de minorias à ideia religiosa do mal:

‘It seems to me that these two men welcome death, seek death for their own dark purposes. In the beginning, they had only one thought, one desire – to destroy, to overthrow, to set aside all that we have built up, and treasure and venerate. When I look about me at this old New England of ours, at its tree-shaded houses, its green lawns, and its clear-eyed, open-faced children, then I shudder at the thought of all this passing away by fire and torch. Something has happened here in this land of ours. Alien people have come to it, slinking, dark-skinned people, people afraid to look you straightforwardly in the eye. They come with their own language and live in hovels and cast a pall of darkness all over the land. How I hate them! Is it wrong for me to hate them this way?’

‘I am afraid it is wrong to hate’, the Pastor said, almost regretfully.

‘I see your point of view’. The Judge nodded, continuing his pacing. ‘But what does one say to communists and socialists and anarchists? Suppose they were in power in the courts? How much justice would there be for people like you or me, or for any of our people of the old stock? They would only have to hear a clear voice or face a straightforward pair of blue eyes, and they would launch into their own dance of death. They come here with their cursed agitation, with their leaflets and their pamphlets, sowing discontent, agitating, disturbing the plain working people, setting brother against brother, whispering everywhere, *More pay! More wages! Your employer is evil! Your employer is a devil! Why shouldn't what is his belong to you?* Where there was peace and contentment before, there is only hatred and strife now. Where a garden bloomed before, they have made a desert. When I think that we could have here in this blessed New England of ours, the cursed ignorance and hatred, the slave camps and the famine and the forced labor of Russia, then my blood boils and my heart stops beating. Is it wrong, then, for me to hate those who violate my land, those who hate the name of America and the past of America?’

‘It is never wrong to hate the servants of the devil’, the Pastor said, grateful that he was able to bring comfort again. ‘You can rest assured on that point. How else can we struggle with the Prince of Darkness’<sup>726</sup>.

---

<sup>726</sup> “‘Parece-me que estes dois homens acolhem a morte, procuram a morte para seus próprios propósitos sombrios. No começo, eles tinham apenas um pensamento, um desejo – destruir, derrubar, descartar tudo que nós construímos, valorizamos e veneramos. Quando eu contemplo esta nossa velha Nova Inglaterra, as suas casas sombreadas por árvores, seus gramados verdes, suas crianças de olhos claros e rostos puros, eu me arrepio ao pensamento de tudo isto desaparecer pelo fogo e pela tocha. Alguma coisa aconteceu aqui nesta nossa terra. Pessoas estrangeiras vieram para ela, pessoas com gingado e de peles escuras, pessoas que temem olhá-lo francamente nos olhos. Eles vêm com sua própria língua e vivem em casebres e lançam uma mortalha de escuridão por toda a terra. Como eu os odeio! É errado eu odiá-los desta forma?’

‘Receio que é errado odiar’, o Pastor disse, quase pesarosamente.

‘Eu entendo seu ponto de vista’. O juiz assentiu, continuando seu andar. ‘Mas o que dizer dos comunistas e socialistas e anarquistas? Suponha que eles estivessem no poder nas cortes? Quanta justiça haveria para pessoas como você ou eu, ou para qualquer um do nosso povo da velha estirpe? Eles apenas teriam de ouvir uma voz clara ou encarar um par de francos olhos azuis e eles se lançariam na sua própria dança da morte. Eles vêm aqui com sua maldita agitação, com seus folhetos e panfletos, semeando descontentamento, agitando, perturbando o simples povo trabalhador, colocando irmão contra irmão, sussurrando em toda parte, *Mais pagamento! Mais salários! Seu empregador é mau! Seu empregador é um diabo! Por que não deve o que é dele pertencer a você?* Onde antes havia paz e contentamento, há apenas ódio e conflito agora. Onde antes um jardim florescia, eles fizeram um deserto. Quando eu penso que nós poderíamos ter aqui nesta nossa abençoada Nova Inglaterra a maldita ignorância e o ódio, os campos de escravos, e a fome e o trabalho forçado da Rússia, então meu sangue

O discurso final de Vanzetti durante o julgamento também nos apresenta de modo muito claro esta síntese, com menos ressonância simbólica do que o quase monólogo do Juiz com o Pastor, mas com o sentido categórico de denúncia da injustiça cometida contra eles:

‘We were tried during a time that has now passed into history. I mean by that, a time when there was a hysteria of resentment and hate against the people of our principles, against the foreigner, and it seems to me – rather, I am positive of it, that both you and District Attorney have done all what it was in your power in order to agitate still more the passion of the juror, the prejudice of the juror against us’.

(...)

‘I would not wish to a dog or a snake, to the most low and misfortunate creature of the earth – I would not wish to any of them what I have had to suffer for things that I am not guilty of. But my conviction is that I have suffered for things that I am guilty of. I am suffering because I am a radical and indeed I am a radical; I have suffered because I am an Italian, and indeed I am an Italian; I have suffered more for my belief than for myself; but I am so convinced to be right that if you could execute me two times, and if I could be reborn two other times, I would live again to do what I have done already’<sup>727</sup>.

Desta forma, a partir do exposto, procuramos demonstrar aqui o modo como Fast se utiliza dos personagens de *The Passion of Sacco and Vanzetti* para trazer à tona a atmosfera de preconceito, desprezo e ódio contra os militantes de ideologias radicais e às minorias de origem imigrante, pela existência de uma associação destas com o radicalismo, à época do caso de Sacco e Vanzetti – estrutura discriminatória que influenciou decisivamente o veredito do caso, quer acreditemos ou não na inocência dos dois acusados. Neste sentido, também, podemos inferir uma intenção de Fast em chamar atenção para a existência destas modalidades de preconceito, e das formas violências que acarretaram, não apenas ao longo da história dos Estados Unidos, mas também em seu próprio tempo presente, recordando a intenção da obra em servir como protesto à condenação de Julius e Ethel Rosenberg, cujo caso foi permeado por antissemitismo e pelo contexto anticomunista do macarthismo.

---

ferve e meu coração para de bater. É errado, então, para mim odiar aqueles que violam a minha terra, aqueles que odeiam o nome da América e o passado da América?’

‘Nunca é errado odiar os servos do diabo’, o Pastor disse, grato por poder trazer conforto novamente. ‘Você pode ter certeza disto. De que outra forma poderíamos lutar contra o Príncipe das Trevas’’. Tradução minha. Ibid., pos. 1936-1953.

<sup>727</sup> ‘Nós fomos julgados em um tempo que agora passou para a história. Eu quero dizer, um tempo onde havia uma histeria de ressentimento e ódio contra as pessoas de nossos princípios, contra o estrangeiro, e me parece – ou melhor, tenho certeza disso, que tanto você quanto o Promotor fizeram tudo que estava ao seu alcance para agitar ainda mais a paixão dos jurados, o preconceito dos jurados contra nós’.

(...)

‘Eu não desejaria a um cão ou a uma cobra, à mais desafortunada criatura da terra – eu não desejaria a nenhum deles o que eu tive de sofrer por coisas das quais eu não sou culpado. Mas minha convicção é que eu sofri por coisas das quais eu sou culpado. Eu estou sofrendo porque eu sou um radical e de fato eu sou um radical; eu sofri porque eu sou um italiano e, de fato, eu sou um italiano; eu sofri mais pelas minhas crenças do que por mim mesmo; mas eu estou tão convicto de estar certo que se você pudesse me executar duas vezes, e eu pudesse renascer outras duas vezes, eu viveria de novo para fazer o que eu já fiz’’. Tradução minha. Ibid., pos. 2059, 2090.

Em conclusão, ao longo de todo o presente capítulo, procuramos destacar o componente eminentemente trágico e violento que perpassa as três obras que compõem nosso recorte de pesquisa. De fato, *The Last Frontier*, *Freedom Road* e *The Passion of Sacco and Vanzetti* são romances que retratam episódios históricos de discriminação, opressão e violência contra populações marginalizadas nos Estados Unidos. Neste sentido, para Fast, o passado norte-americano era também um passado pautado por violências, massacres e tragédias cometidas contra grupos considerados minoritários – perspectiva que suas obras exibem em termos temáticos, pela sua opção por recuperar estes episódios como tema de seus romances; estruturais, no sentido da estrutura da trama narrativa, que culmina em desfechos trágicos; e discursivos, por meio da ampla gama de elementos narrativos, que funcionam de modo a delinear as condições de discriminação e preconceito contra estas populações vigentes na sociedade americana.

Cabe salientarmos que, ao afirmarmos que Fast identifica o passado americano como sendo pautado por esta história de opressão e violência, não estamos entendendo sua literatura como tendo o papel de fixar estes acontecimentos em uma realidade passada, que não tem mais vigência ou ressonância no presente – dilema que acaba por perpassar a historiografia profissional. Berber Bevernage e Chris Lorenz, por exemplo, chamaram atenção para o caráter essencialmente performativo da quebra do tempo operada pela disciplina histórica tradicional desde suas origens, como forma de autoafirmação disciplinar. De fato, a história ao criar seu próprio campo, instituiu também o passado, como uma instância dotada de alteridade, estabelecendo uma rígida fronteira entre ele e o presente, a qual foi (e ainda tem sido) ardentemente defendida pelos historiadores profissionais<sup>728</sup>. O que esta quebra faz, no entanto, é separar eventos acontecidos no passado como algo diferente do presente, o qual, não tendo mais ingerência sobre eles, pode apenas estudá-los; em contrapartida, estes acontecimentos já “passaram”, nada mais pode ser feito a respeito deles – postura que é fundamentalmente conservadora e antiutópica.

Bevernage destacou ainda a existência de um maniqueísmo temporal como consequência indesejada das recentes políticas de reparação histórica, baseado na dicotomia “past is evil/evil is past”, ou seja, o passado é mau/o mal está no passado<sup>729</sup>. De acordo com

<sup>728</sup> BEVERNAGE, Berber; LORENZ, Chris. “Breaking Up Time. Negotiating the Borders between Present, Past and Future”. In: *Storia della Storiografia*, vol. 63, n. 1. Pisa: Fabrizio Serra Editore, 2013, p. 31-50.

<sup>729</sup> BEVERNAGE, Berber, “The Past is Evil/Evil is Past: on Retrospective Politics, Philosophy of History, and Temporal Manichaeism”. In: *History and Theory*, vol. 54, n. 3. Middletown: Wesleyan University, 2015, p. 333-352.

ele, identificar injustiças e situações de opressão passada que exigem alguma forma de reparação, pode ajudar a reforçar a ideia de que o mal está unicamente localizado na realidade passada, suas consequências não mais afetam o presente, tampouco existem situações atuais de injustiça semelhante, criando “(...) a secular theodicy that exculpates us contemporaries in relation to chronologically past as well as chronologically present evils and injustice”<sup>730</sup>.

Também Michel-Rolph Trouillot traz uma argumentação congênere ao tratar de algumas formas de representação de eventos históricos traumáticos na esfera pública – citando o caso particular de um projeto de criação de um parque temático da Disney na Virgínia que abordasse o tema da escravidão. Para o autor, o que tais iniciativas fazem é justamente trivializar o passado, fixando-o como uma alteridade e como uma realidade pretérita, já acontecida, obliterando suas consequências no presente e eximindo os sujeitos contemporâneos de qualquer responsabilidade sobre ele<sup>731</sup>.

Argumentamos aqui que a literatura de Fast tem a intenção de servir exatamente à função contrária. Partido do pressuposto de continuidade do sofrimento, da exploração e da luta humana por sua libertação, que orienta seu pensamento e sua escrita, Fast, ao focalizar episódios históricos de discriminação, opressão e violência a minorias sociais nos Estados Unidos, e tornando este um mote fundamenta da história nacional, não pretende fixá-los no passado, tratando-os trivialmente como eventos que já aconteceram, sobre os quais não pode mais se fazer nada e sem consequências para o presente. Ao contrário, sua pretensão é a de recuperá-los do esquecimento histórico a que foram relegados, torná-los novamente presentes e relevantes para seus leitores contemporâneos e conectá-los às injustiças sociais que continuavam a ser cometidas contra estes e outros grupos em seu próprio tempo. A literatura, por não estar constricta aos rigores da historiografia disciplinar, entre eles, a ideia de um passado fixado em oposição ao presente, parece-nos uma ferramenta adequada para empreender este esforço.

---

<sup>730</sup> “(...) uma teodiceia secular, que exime de culpa a nós, contemporâneos, em relação a males e injustiças cronologicamente passadas, bem como cronologicamente presentes”. Tradução minha. Ibid., p. 350.

<sup>731</sup> TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silencing the Past. Power and the Production of History*. Boston: Beacon Press, 2015, p. 122-132.

## 6 LIBERDADE, IGUALDADE, DEMOCRACIA: UM PASSADO DE DEFESA DOS IDEAIS AMERICANOS

*Democracy is something more than a set of political procedures. To be worthy of its name, democracy should produce substantive outcomes that advance the well-being of the people. Many of the struggles for political democracy—the right to vote, assemble, petition, and dissent—have been largely propelled by the struggle for economic and social democracy, by a desire to democratize the rules of the political game (...).*

*Through the nineteenth and twentieth centuries, the moneyed classes resisted the expansion of democratic rights, be it universal suffrage, abolition, civil liberties, or affirmative action. They knew that the growth of popular rights would only strengthen popular forces and impose limits on elite privileges. They instinctively understood, even if they seldom publicly articulated it, that it is not socialism that subverts democracy, but democracy that subverts capitalism.*

Michael Parenti<sup>732</sup>

*Of Equality – as if it harm'd me, giving others the same chances and rights as myself – as if it were not indispensable to my own rights that others possess the same.*

Walt Whitman<sup>733</sup>

*(...) freedom for them was not an ideal but an obsession.*

Howard Fast<sup>734</sup>

Neste capítulo, focalizaremos o modo como Fast aborda, nas três obras que compõem nosso espectro de pesquisa, a questão dos valores que denominamos de americanistas, aqueles que estão na base fundacional dos Estados Unidos enquanto nação, sobretudo o trinômio liberdade, igualdade, democracia. De fato, tais ideais subjazem de modo fundamental às

<sup>732</sup> “Democracia é algo mais que um conjunto de procedimentos políticos. Para fazer jus a seu nome, a democracia deve produzir resultados substantivos que melhorem o bem-estar do povo. Muitas das lutas por democracia política – direito a voto, reunião, petição e dissidência – têm sido amplamente impulsionadas pela luta por democracia econômica e social, por um desejo de democratizar as regras do jogo político (...).

Através dos séculos XIX e XX, as classes endinheiradas resistiram à expansão de direitos democráticos, seja o sufrágio universal, abolição, liberdades civis ou ações afirmativas. Elas sabiam que o crescimento de direitos populares apenas fortaleceria as forças populares e imporá limites aos privilégios das elites. Elas instintivamente compreenderam, mesmo que raramente articulassem publicamente, que não é o socialismo que subverte a democracia, mas a democracia que subverte o capitalismo”. Tradução minha. PARENTI, Michael. *Democracy for the Few*. Boston: Bedford/St. Martin, 2002, p. 344.

<sup>733</sup> “Sobre Igualdade – como se me prejudicasse dar aos outros as mesmas chances e direitos que eu tenho – como se não fosse indispensável a meus próprios direitos que os outros possuam os mesmos”. Tradução minha. WHITMAN, Walt. “Thought”. In: *Leaves of Grass*. New York: Barnes & Noble Classics, 2004, p. 341.

<sup>734</sup> “(...) liberdade para eles não era um ideal, mas uma obsessão”. Tradução minha. FAST, Howard. *The Unvanquished*. New York: Bantam Books, 1967, p. 110.

narrativas de *The Last Frontier*, *Freedom Road* e *The Passion of Sacco and Vanzetti*, sendo expressamente vinculados por Fast às reivindicações e lutas dos grupos sociais envolvidos em cada um dos romances, já analisadas no terceiro capítulo. Como veremos ainda, as obras, cada uma à sua medida, acabam por se conectar à noção de continuidade que compõe o arcabouço conceitual da escrita de Fast, ao extrapolar os episódios retratados em específico e apresentar estes ideais como valores universais e essenciais da nação americana e sua defesa como algo necessário ao conjunto da sociedade; além de se vincularem ao ideal comunista professado por Fast, que nele enxergava a real possibilidade de concretização destes princípios americanistas de liberdade, igualdade e democracia. Cada uma das obras, no entanto, apresenta uma ênfase própria, diferentes nuances destes aspectos, de modo que as examinaremos separadamente, tal qual já qual viemos desenvolvendo.

Em essência, o que buscamos argumentar a partir do presente capítulo é a existência, nas obras analisadas, de ainda uma terceira concepção de Fast acerca do passado americano – a de que este era um passado pautado fundamentalmente pela defesa dos ideais americanistas de liberdade, igualdade e democracia.

### **6.1 A liberdade como valor fundamental de *The Last Frontier***

Em seu posfácio a *The Last Frontier*, Fast justifica a escolha em retratar literariamente a experiência do êxodo dos *cheyenne*, exaltando-a explicitamente como um dos episódios mais significativos da luta humana pelo exercício da sua liberdade na história dos Estados Unidos: “(...) possibly the greatest struggle against all odds in all human history – and also an epic man’s desire for personal freedom”<sup>735</sup>. Efetivamente, o romance tem a liberdade como o seu mote e tônica fundamental, como o valor político, social e humano de ressonância mais pronunciada no decurso de sua narrativa, sendo estreitamente associada por Fast à reivindicação indígena pelo direito à sua terra ancestral.

A consideração de que os *cheyenne*, ao empreenderem sua longa e penosa marcha de volta para a região das Black Hills, eram profunda e essencialmente motivados pelo ideal de liberdade é manifestada ou intuída diversas vezes ao longo de *The Last Frontier*. O capitão Murray é um dos personagens que apresenta este posicionamento mais claramente. De início,

---

<sup>735</sup> “(...) possivelmente a maior luta contra todas as probabilidades em toda história humana – e também um desejo épico do homem pela liberdade pessoal”. FAST, Howard. *The Last Frontier*. A new edition with a special introduction by the author. Armonk: M.E. Sharpe, 1997 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 4069.

no entanto, dentro da relação ambígua do personagem para com os indígenas, Murray mostra-se cético quanto à possibilidade dos *cheyenne* compreenderem a noção de liberdade do homem branco e serem movidos por ela:

Indians were a lasting puzzle to him, though he understood them better than many of his fellow officers. He could not understand a people who resisted overwhelming odds, who fought even when defeat was assured, and who had finally fought themselves close to extinction. He could never believe that they held ideas of freedom and liberty similar to that of most white men; he put it down to primitive stubbornness and race suicide<sup>736</sup>.

Entretanto, do meio para o final da narrativa, Murray chega a manifestar certa admiração pela terra e liberdade:

At first, the Indians had been simply Indians, a reason why troops were stationed on the plains. One fought the Indians; and one would possibly fight them again. Troops and Indians were like counterweights on a scale, and you needed one to have the other. But there was no real animosity. In this case, at the beginning, there was even, among the men, a sort of grudging admiration for the Cheyennes; call the Dog Soldiers what you liked, red savages or anything else – still you couldn't get away from the fact, the fact that a people would go to cross a thousand miles of garrisoned country to be home and free<sup>737</sup>.

Significativamente, pode-se dizer que o romance como um todo possui um certo tom de respeito e admiração pela grande marcha dos *cheyenne* em busca de sua liberdade, que fica expresso mais claramente por meio da citação acima. Ainda com relação à questão da associação da luta dos indígenas por sua terra à questão da liberdade, cabe recordarmos a metáfora, já mencionada no capítulo 3, possivelmente subjacente ao personagem do tenente Freeland<sup>738</sup>. Por meio de seu nome e de sua morte, Fast conecta a odisseia *cheyenne* em busca de sua terra com o exercício da plena liberdade, a qual é sufocada, retirada, assassinada pelas ações de repressão do exército americano. Neste sentido, a mesma batalha que tira a vida do tenente Freeland acaba também significando a morte dos Estados Unidos enquanto a terra da liberdade.

---

<sup>736</sup> “Os índios eram um enigma permanente para ele, ainda que ele os entendesse melhor do que muitos de seus colegas oficiais. Ele não conseguia entender um povo que resistia a adversidades esmagadoras, que lutava mesmo quando a derrota era certa, e que havia finalmente lutado até quase a extinção. Ele nunca poderia acreditar que eles possuíam ideias de liberdade semelhantes às da maioria dos homens brancos; ele atribuía à teimosia primitiva e suicídio da raça”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 662-667.

<sup>737</sup> “De início, os índios eram apenas índios, um motivo por que as tropas estavam postadas nas planícies. Lutava-se contra os índios; e possivelmente se lutaria contra eles novamente. Tropas e índios eram como contrapesos em uma balança, e você precisava de um para ter o outro. Mas não havia animosidade real. Neste caso, no começo, havia ainda, entre os homens, uma espécie de admiração relutante pelos *cheyenne*; chame os Cães Soldados do que quiser, selvagens vermelhos ou qualquer outra coisa – ainda assim não se podia fugir do fato, o fato de que um povo atravessaria mil milhas de território guarnecido para estar em casa e ser livre”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 2179.

<sup>738</sup> *Ibid.*, pos. 1226.



Contudo, a narrativa de *The Last Frontier* nos revela mais do que uma simples conexão do ideal de liberdade à luta empreendida pelos *cheyenne*, uma mera admiração por um idealismo dos nativos. O romance manifesta uma postura de comprometimento radical dos indígenas com o princípio fundamental de liberdade. De fato, os *cheyenne* liderados por Dull Knife e Little Wolf se mantêm inflexíveis em seu ideal de viver livremente em suas terras, frequentemente afirmando aos seus perseguidores que preferiam morrer a abandonar sua causa. É justamente este compromisso com a causa da sua liberdade que é mal-entendido pelos homens brancos como teimosia ou incapacidade de compreensão. Esta perspectiva, de que era preferível a morte a renunciar à sua liberdade, é profusamente presente ao longo do romance. Como exemplo, podemos citar o trecho seguinte à fuga dos *cheyenne* da reserva de Darlington, no qual o capitão Murray, tenta dialogar com o grupo, por meio do intérprete e batedor informal Steve Jesky:

‘Them Dog Soldiers want trouble’, he told Murray finally.

‘How do you make that out?’

‘They don’t sabbe. They figure they didn’t do nothing for you to take them to jail, only come away from the heat to where it’s cool and better to live. They say they can’t make out to live in this country anyway and if they have to die, they want to die here where it calls to mind the Black Hills or wherever the devil they come from (...)’<sup>739</sup>.

Little Wolf, acompanhado dos chefes Old Crow e Wild Hog na sede da agência, manifesta a mesma posição, diante da insistência do agente Miles em prender dez indígenas até que os três que primeiro fugiram fossem recapturados: “‘(...) It is a terrible thing when a whole nation dies, but if we have to die, it is better to die fighting than by what you call the white men’s law’”<sup>740</sup>. Mais adiante, quando os soldados comandados por Murray primeiro alcançam os *cheyenne* fugidos de Darlington, Little Wolf afirma que não quer lutar, mas que também não vai se render aos soldados para serem presos, ao que o capitão Murray responde que se não se renderem, ele irá matar a todos. A partir disto, traduzido por Jesky, Little Wolf

<sup>739</sup> “‘Os Cães Soldados querem problema’, ele disse para Murray finalmente.

‘Como você chegou a essa conclusão?’

‘Eles não entendem. Eles acham que não fizeram nada para você os levarem para a prisão, apenas saíram do calor para onde é fresco e melhor de viver. Eles dizem que não podem viver neste lugar de qualquer forma e, se eles têm que morrer, eles querem morrer aqui, onde os lembra das Black Hills ou de onde diabos eles vêm (...)’”. Tradução minha. Ibid., pos. 685.

<sup>740</sup> “‘(...) É algo terrível quando uma nação inteira morre, mas se nós tivermos que morrer, é melhor morrer lutando do que pelo que você chama de a lei do homem branco’”. Tradução minha. Ibid., pos. 823.

afirma: “He says he figures to do what he has to do, and you’ll do what you have to do. But sometimes it’s better for people to be dead than slaves”<sup>741</sup>.

O próprio Murray, com o passar do tempo, começa a compreender melhor a relação da luta dos indígenas com uma concepção radical de liberdade, ainda que a considere um “fatalismo”. De fato, para o povo *cheyenne* que peregrinava de volta para seu lar, a restrição de sua liberdade em si já significava uma forma de morte, consciência que os fazia perder o temor em relação à repressão do exército americano:

Vaguely, Murray could understand the strange fatalism of a people who would make up their minds to do something and then proceed to do it, regardless of what stood in their way. As if they had died already and had lost fear in knowledge that men can die only once<sup>742</sup>.

Em outra situação, quando já se encontravam capturados em Fort Robinson, os líderes do bando de Dull Knife são chamados à presença do capitão Wessells, que queria negociar seu retorno para o Território Indígena. Traduzidos por James Rowland, um mestiço *cheyenne* que foi ao forte para atuar como intérprete, os chefes indígenas, liderados pelo próprio Dull Knife, reafirmam este posicionamento de que a perda da sua terra, que significava a perda de sua liberdade, configurava em si mesmo uma espécie de morte, sendo preferível morrer tentando reconquistá-las:

‘They won’t go back’.

‘The hell they won’t! Tell them –’

‘It’s no use’, Rowland insisted. ‘Their own land is only a couple hundred miles from here. If they can never reach it, they’ll die here. They say they were dead a long time ago; they say a man is dead when his home is taken away from him, when he becomes a slave in jail. They say it’s good of you to make a council with them, but if the president wants them to die, they’ll die right here’<sup>743</sup>.

Houve ainda uma segunda tentativa de negociação de Wessells com os chefes indígenas, desta vez sem Dull Knife, que permaneceu junto a seu povo, que temia sua execução. Novamente as lideranças *cheyenne* se negam a retornar para Darlington, fazendo

<sup>741</sup> “Ele diz que acha que vai fazer o que tem que fazer, e você vai fazer o que tem que fazer. Mas às vezes é melhor para o povo estar morto do que ser escravo”. Tradução minha. Ibid., pos. 1114.

<sup>742</sup> “Vagamente, Murray conseguia entender o estranho fatalismo de um povo que resolvesse fazer algo e então procedesse a fazê-lo, independente do que ficasse em seu caminho. Como se eles já tivessem morrido e tivessem perdido o medo, sabendo que os homens só podem morrer uma vez”. Tradução minha. Ibid., pos. 1156.

<sup>743</sup> “Eles não vão voltar”.

‘O inferno que eles não vão! Diga-lhes –’

‘Não adianta’, Rowland insistiu. ‘A terra deles está a apenas algumas centenas de milhas daqui. Se eles não puderem alcançá-la, eles morrerão aqui. Eles dizem que morreram há muito tempo; eles dizem que um homem está morto quando seu lar lhe é tirado, quando ele se torna um escravo na prisão. Eles dizem que é bom de sua parte fazer um conselho com eles, mas se o presidente quer que eles morram, eles morrerão bem aqui’”. Tradução minha. Ibid., pos. 3494.

Rowland refletir sobre o comprometimento dos indígenas com o ideal de liberdade: “‘They’ll never go south, you can kill them, but that’s all –’ as if he was trying to peer into his ancestry and discover what would prompt such mad devotion to the nebulous thing white men called freedom”<sup>744</sup>.

Com a fuga em disparada dos indígenas que estavam confinados e o massacre que se seguiu, o narrador do romance nos afirma também: “For the troops, for the officers, this was the moment of release, complete release from the brooding presence of the Indians, from the specter of an unholy people who put insane and curious value upon what they called their freedom”<sup>745</sup>. Em todos os casos, transparecem a afirmação do compromisso radical dos indígenas com o ideal de liberdade. O próprio título deste capítulo, que narra desde seu aprisionamento em Fort Robinson até seu massacre pelos soldados americanos, denominado simplesmente de “Freedom” é sugestivo neste sentido: o capítulo retrata o modo como a liberdade de poderem viver em sua terra e de acordo com seu modo de vida tradicional é defendida pelos *cheyenne* até as últimas consequências; os indígenas enfrentam o aprisionamento, a privação de suprimentos e, enfim, a morte, antes de aceitarem renunciar a esta liberdade e viver como cativos, como prisioneiros.

Esta perspectiva, que aparece de forma disseminada no posicionamento dos *cheyenne* quando confrontada pelos homens brancos, acaba por ser explicitamente formulada e articulada pelo personagem de Carl Schurz em sua conversa com o general Sherman. Schurz, um imigrante alemão para os Estados Unidos, expõe a sua concepção sobre o real significado de pátria: “You know, I love this land. Sometimes they say to me, will you go back to Germany? Ach, I put that thought away from me twenty years ago. They say your fatherland. I say, a fatherland is where a man can be free”<sup>746</sup>. Na sequência, ele expressa justamente o entendimento de que na raiz da palavra estava a ideia de autodeterminação irrevogável de seu futuro; se nada mais é permitido ao homem escolher, ele ao menos pode optar pela morte, ao invés de se tornar escravo:

<sup>744</sup> “‘Eles nunca irão para o sul, você pode matá-los, mas isto é tudo –’ como se ele estivesse tentando perscrutar sua ancestralidade e descobrir o que levava à tal insana devoção à coisa nebulosa que os homens brancos chamavam de liberdade”. Tradução minha. Ibid., pos. 3609.

<sup>745</sup> “Para as tropas, para os oficiais, este era o momento de libertação, completa libertação da carrancuda presença dos indígenas, do espectro de um povo pagão que colocava um valor insano e curioso naquilo que eles chamavam de liberdade”. Tradução minha. Ibid., pos. 3721.

<sup>746</sup> “‘Sabe, eu amo esta terra. Às vezes me dizem, você vai voltar para a Alemanha? Ach, eu afastei este pensamento de mim vinte anos atrás. Eles dizem, sua pátria. Eu digo, uma pátria é onde um homem pode ser livre’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1594.

This word freedom, do you know how it comes? From the old Anglo-Saxon, free and doom. So we think what that meant; it meant the right of any man to choose death over slavery. It meant that no man could be enslaved, because from no man could the power to die be taken away. If everything else was taken away, he still had his free doom left<sup>747</sup>.

Este diálogo sintetiza toda a matriz de sentidos associados à noção de liberdade defendida por Fast no romance. Primeiramente, temos aqui a ideia de que a verdadeira pátria é aquela que permite ao homem viver em liberdade. Neste sentido, ao cercar a liberdade dos povos indígenas, Fast deixa claro que o projeto de nação dos Estados Unidos é um projeto que excluía os nativos como possuidores da plena cidadania. Em segundo lugar, e talvez principalmente, o princípio de liberdade é concebido por Fast – e atribuído por ele aos *cheyenne* – de maneira radical, no sentido de apegado à raiz do termo. De fato, ele estava relacionado ao direito à completa autodeterminação, que em sua dimensão extrema significava a possibilidade de escolher a morte antes de ser escravizado, de perder o controle sob o próprio destino. Neste caso em específico, a liberdade significava o pleno direito dos indígenas a viverem onde quisessem, da forma que quisessem, no local que lhes era de direito; a garantia da plena posse de sua terra ancestral. Renunciar a esta demanda significava renunciar à própria liberdade, sendo preferível lutarem por ela até a morte. Temos aqui, portanto, a vinculação da ideia de liberdade à de cidadania íntegra e efetiva e, destas duas, ao direito fundamental à terra.

Como mencionamos, estas concepções acerca do ideal de liberdade estavam também articuladas a uma noção de solidariedade, de compartilhamento da mesma necessidade e importância destes princípios para a nação democrática americana como um todo, inclusive para seus perseguidores. O narrador do romance, ao perscrutar a consciência do capitão Murray e seu conflito interno em relação à perseguição que liderava aos *cheyenne*, acaba por evidenciar esta perspectiva:

He was never at ease putting emotional conceptions into words or even thoughts; but he seemed to see his own fate as linked terribly close to the fate of the little village of savages. Just as they were an abstract in freedom, he was an abstract in bondage. But he no longer struggled, nor did he care to struggle. He was a uniformed servant with a gun, and he would go on to destroy the one thing that personalized all his vague dreamings and longings. He didn't know how he was wrong, just as he didn't know clearly how they were right, naked savages with no sense of law or order or

---

<sup>747</sup> “Esta palavra liberdade, você sabe de onde vem? Do velho anglo-saxão, livre e destruição. Isto é o que achamos que significava; significava o direito de todo homem escolher a morte sobre a escravidão. Significava que nenhum homem poderia ser escravizado, porque de nenhum homem poderia ser retirado o poder de morrer. Se tudo o mais lhe fosse retirado, ainda lhe restaria sua livre destruição”. Tradução minha. Ibid., pos. 1601.

decency. But he did know that in finally destroying them, he would kill the last whimpering of his conscience<sup>748</sup>.

Neste trecho, há novamente uma aproximação dos indígenas ao princípio americanista da liberdade, ao passo que as forças armadas são associadas ao cerceamento desta liberdade, ao cativo. Ao mesmo tempo, há também o reconhecimento, quase inconsciente e instintivo, de Murray da justiça da luta dos *cheyenne*, da fundamental interconexão de sua própria liberdade com a deles, e de que, ao cumprir seu papel de “servo da repressão”, ele estaria atacando sua própria consciência e mesmo sua própria liberdade. Como coloca a citação, o destino de Murray estava afinado com o dos indígenas. Neste sentido, a opressão violenta à liberdade dos povos indígenas representava uma ameaça, um ataque aos direitos democráticos de toda nação, inclusive a seus próprios.

Perspectiva semelhante é articulada pelo personagem do jornalista Jackson em sua entrevista com o agente Miles. O trecho a seguir já foi citado no capítulo três, ao tratarmos da demanda indígena pela terra, mas podemos recuperá-lo aqui com outro sentido:

Jackson said: ‘Look, Mr. Miles, I’m trying to get at the bottom of this, not to involve you in unjust blame, but to make it clear to the readers of my paper why a minority group in this republic of ours cannot legally occupy the land they have lived on for hundreds of years. Don’t you see that the problem goes deeper than your responsibility or mine, or this agency’s. We’re a nation of a hundred minorities held together by the simple principle that all men are created equal – politically, so that we won’t quibble on the word. Right now, every armed force in the United States controls in the plains country is devoted to the single object of destroying an Indian village whose only crime is that they wish to live in peace in their own land’<sup>749</sup>.

Jackson reconhece aqui a base fundacional dos Estados Unidos como uma nação formada por minorias, unidas pelos princípios de liberdade e de igualdade. A questão maior, portanto, não era estabelecer de quem era a culpa pelo episódio, mas o problema do exercício da liberdade no país. A restrição da liberdade de uma minoria, em uma nação que se

<sup>748</sup> “Ele nunca se sentia à vontade colocando concepções emocionais em palavras ou mesmo pensamentos; mas ele parecia ver seu próprio destino terrível e proximamente conectado ao destino do pequeno vilarejo de selvagens. Assim como eles eram uma abstração em liberdade, ele era uma abstração em cativo. Mas ele não mais relutava, nem se importava em relutar. Ele era um servo uniformizado com uma arma, e ele procederia a destruir a única coisa que personalizava todos seus vagos sonhos e desejos. Ele não sabia como ele estava errado, assim como ele não sabia claramente como eles estavam certos, selvagens nus sem nenhum senso de lei ou ordem ou decência. Mas ele sabia que ao finalmente destruí-los, ele estaria matando o último gemido de sua consciência”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1272-1278.

<sup>749</sup> “Jackson disse: ‘Olhe, Sr. Miles, eu estou tentando chegar ao fundo desta questão, não lhe envolver em uma culpa injusta, mas deixar claro para os leitores do meu jornal por que um grupo minoritário nesta nossa república não pode legalmente ocupar a terra em que viveram por centenas de anos. Não vê que o problema vai mais a fundo do que sua responsabilidade ou minha, ou desta agência. Somos uma nação de uma centena de minorias unidas pelo simples princípio de que todos homens são criados iguais – politicamente, para não debatermos a palavra. Neste exato momento, todas as forças armadas que os Estados Unidos controlam no território das planícies estão devotadas ao único objetivo de destruir um vilarejo indígena cujo único crime é que eles desejam viver em paz em sua própria terra’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 2867.

considerava democrática por excelência, não apenas expunha as suas fragilidades enquanto democracia, mas configurava um alerta para seus demais grupos sociais de que a sua liberdade também poderia ser colocada em risco.

O mesmo Jackson, na conclusão do romance, ao tentar obter, sem sucesso, uma declaração oficial do Secretário do Interior Carl Schurz sobre o acontecimento, reitera sua preocupação, de forma ainda mais contundente:

Jackson rose to go. At the door he paused and stared quizzically at the secretary. ‘Mr. Schurz’, he said quietly, ‘it’s not the dead Indians – we’ve had all that before. But those guns at Fort Robinson, they weren’t only pointed at the Indians; they were pointed at you and at me’.<sup>750</sup>

A metáfora das armas apontadas não apenas para os *cheyenne*, mas para eles mesmos, simboliza justamente a preocupação com o perigo representado pela supressão da liberdade de qualquer grupo social em uma sociedade que se pretendia democrática. Mesmo o personagem de Schurz, em determinada passagem, ao assinar a ordem de transferência dos indígenas presos em Fort Robinson para a agência de Darlington, alude à relação da luta dos *cheyenne* pela liberdade e o seu sofrimento com os de outras populações ao longo da história, não apenas nos Estados Unidos:

He hadn’t yet arrived at the point of declaring, ‘Minorities are a nuisance. And since every majority leaves a minority, democracy is cumbersome and foolish –’

He might have said to himself, finally signing the order returning the Cheyennes to the south, to the far-off Indian Territory of Oklahoma, across a thousand miles where their blood had marked a trail:

‘There are only one hundred and forty-nine of them in country of so many millions’.

Or perhaps: ‘It is over now and it must not occur again’, although sensing something of a future where it would occur again and again and again, where the trail would not be the trail of three hundred primitive horsemen over a thousand miles of green prairie, but of thousands and millions across the blackened and tear-wetted face of the earth<sup>751</sup>.

<sup>750</sup> “Jackson se levantou para ir. Na porta, ele parou e fitou interrogativamente o secretário. ‘Sr. Schurz’, ele disse quietamente, ‘não são os índios mortos – nós tivemos tudo isto antes. Mas aquelas armas em Fort Robinson, elas não estavam somente apontadas para os índios; elas estavam apontadas para você e para mim’”. Tradução minha. Ibid., pos. 4008.

<sup>751</sup> “Ele ainda não havia chegado a ponto de declarar, ‘Minorias são um estorvo. E como toda maioria deixa uma minoria, a democracia é pesada e tola –’

Ele poderia ter dito a si mesmo, ao finalmente assinar a ordem de retorno dos *cheyenne* para o sul, para o remoto Território Indígena do Oklahoma, através de mil milhas por onde seu sangue havia marcado uma trilha:

‘Há apenas cento e quarenta e nove deles em um país de tantos milhões’.

Ou talvez: ‘Acabou agora e não deve ocorrer novamente’, embora sentindo algo de um futuro onde ocorreria repetidas vezes, onde a trilha não seria a trilha de trezentos cavaleiros primitivos por mil milhas de pradarias verdes, mas de milhares e milhões através da face enegrecida e molhada de lágrimas da terra”. Tradução minha. Ibid., pos. 3358-3364.

No início deste trecho, podemos perceber a vigência – ainda que o narrador faça a ressalva de que Schurz ainda não havia chegado a este ponto – de um desprezo às minorias por parte das classes dirigentes dos Estados Unidos. De fato, Fast denuncia aqui a existência de um projeto de governo americano dentro do qual a liberdade e a democracia são para poucos, não são para todos, não são, sobretudo, para as minorias; em determinadas situações, a democracia configurava, em si mesma, um estorvo, um entrave ao desenvolvimento capitalista nacional. Entretanto, a parte final da citação acima associa a longa jornada dos *cheyenne* através das planícies ao passado de sofrimentos e lutas das populações marginalizadas, mas também à repetição desta busca pela liberdade por milhões de pessoas no futuro.

Podemos entender isto como uma sutil referência ao movimento comunista que, já na época da escrita de *The Last Frontier* era estimado por Fast como a vanguarda e o maior bastião na luta pela libertação dos oprimidos da terra. Nossa interpretação é reforçada pelo comentário feito por Fast no posfácio de *The Last Frontier*, ao afirmar sobre o episódio que buscou retratar: “In a few months, it was forgotten; and only today does a parallel begin to appear as all over the earth people begin the long trek to freedom”<sup>752</sup>. Não é absurdo, tampouco despropositado, a partir do que sabemos dos pressupostos políticos e teóricos professados por Fast, considerarmos que sua percepção de que seu tempo testemunhava a emergência de uma grande mobilização mundial pela libertação estava relacionada, para ele, ao florescimento do movimento comunista. Também a dedicatória do livro nos sugere perspectiva semelhante: “*For My Father* who taught me to love not only the America that is past, but the America that will be”<sup>753</sup>. Os Estados Unidos que estavam por vir eram, para Fast, um país que colocaria plenamente em prática seus ideais de liberdade, igualdade e democracia – o que, para ele, como já vimos, se concretizaria por meio do triunfo do movimento comunista.

Neste sentido, podemos perceber aqui uma aproximação, ainda que sutil e pouco explícita, com os ideais políticos comunistas aos quais Fast começava a aderir quando da escrita de *The Last Frontier*. De fato, a relativa timidez com que são expostos, talvez esteja relacionada justamente à sua ainda não efetiva adesão ao Partido Comunista Americano, ainda que já se identificasse nesta época com boa parte de seu ideário e seus princípios.

<sup>752</sup> “Em alguns meses, foi esquecido; e somente hoje um paralelo começa a aparecer, quando por toda a terra as pessoas começam a longa caminhada para a liberdade”. Tradução minha. Ibid., pos. 4132.

<sup>753</sup> “*Para Meu Pai* que me ensinou a amar não apenas a América do passado, mas a América que virá”. Tradução minha. Ibid., pos. 38.

Em suma, podemos perceber aqui, o modo como o valor americanista da liberdade está profundamente enraizado na narrativa de *The Last Frontier*. Para ele, a odisseia *cheyenne* através das planícies, que tinha como motivação principal a reivindicação indígena pelo direito às suas terras e a manter seu modo de vida tradicional, estava intimamente associada a uma luta pelo pleno exercício de sua liberdade. Além de se conectar a outras lutas passadas e futuras pela liberdade, dentro da ideia de continuidade histórica que orientava a escrita de Fast, a restrição da liberdade dos indígenas representava também, conforme o romance, uma ameaça aos princípios democráticos da nação como um todo. Neste sentido, a obra carrega um profundo tom de crítica ao cerceamento da liberdade e demais direitos indígenas ao longo da história americana.

## 6.2 Liberdade, democracia e a cidadania plena e igualitária em *Freedom Road*

‘There ain’t no grass grows under my feet,  
On freedom road,  
There ain’t no grass grows under my feet,  
On freedom road,  
Old John Brown, grand-daddy,  
We’re coming,  
We’re coming,  
Down freedom road’<sup>754</sup>.

A citação acima se refere a uma canção entoada por Gideon ao longo das estradas da Carolina do Sul, ao partir para Charleston para tomar parte na Convenção Constitucional que transformaria a situação social dos negros em seu estado<sup>755</sup>. Por meio dela, Fast nos exprime o clima de profunda alegria que prevalecia entre os afro-americanos diante da abolição da escravidão. Mais do que isto, ela nos aponta também para uma possível metáfora: este caminho percorrido por Gideon da antiga *plantation* de Carwell, símbolo do período escravista, para Charleston, local onde ocorreria a Convenção na qual se conquistariam importantes direitos sociais para a população negra, simboliza em um plano mais amplo o próprio “caminho da liberdade” que a experiência da Reconstrução prefigurava na sociedade americana. Tal qual no caso dos indígenas em *The Last Frontier*, vemos já aqui, no próprio sentido do título da obra expresso nesta metáfora, a associação das demandas por direitos

<sup>754</sup> “‘Nenhuma grama cresce debaixo de meus pés, / No caminho da liberdade, / Nenhuma grama cresce debaixo de meus pés, / No caminho da liberdade, / Velho John Brown, avozinho, / Nós estamos indo, / Nós estamos indo, / pelo caminho da liberdade’”. Tradução minha. FAST, Howard. *Freedom Road*. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 31.

<sup>755</sup> É interessante considerarmos também que esta parece ser uma legítima canção de trabalho, que dava o ritmo da lida dos escravos nas *plantations*; forma de expressão musical afro-americana que está nas origens remotas do blues e do jazz. HOBBSAWM, Eric. *História Social do Jazz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.



políticos, educação e acesso à terra ao ideal maior de liberdade. É inegável que *Freedom Road* tem como um de seus grandes temas a questão da liberdade; o caminho para a liberdade forjado e trilhado pelos negros no contexto pós-abolição no Sul dos Estados Unidos.

De fato, o início do romance procura situar o leitor no contexto histórico da Reconstrução no qual irá se desenrolar a narrativa. Além dos elementos já analisados no segundo capítulo do presente trabalho, também figura com especial destaque a questão da liberdade da população negra do Sul no pós-Guerra Civil: “And in the warm southland, there were four-million black men who were free. A hard-won freedom, a precious thing. A free man counts tomorrow and yesterday, and both of them are his; (...)”<sup>756</sup>. O retorno dos libertos que lutaram no exército da União é acompanhado pela realidade assombrosa de estarem, agora, livres: “The freedmen, as they returned, took up their lives in the old slave quarters, together with those who had never gone away. (...) They took up their lives with the deep wonder that they were free”<sup>757</sup>.

No entanto, o que exatamente esta liberdade recém-conquistada acarretava era algo que eles não tinham claro e iriam descobrir ao longo do romance. Efetivamente, quando começam a se constituir mais claramente relações comunitárias na vila de Carwell, e o fruto de determinados trabalhos era posto em comum mesmo que alguns produzissem mais do que outros, seus habitantes começam a se perguntar: “Why shouldn’t each man work for himself? If freedom didn’t mean that, what did it mean?”<sup>758</sup>.

A questão que emergia e se colocava era exatamente esta: qual era o real significado de liberdade? Era simplesmente não ser escravo, não ter seu trabalho explorado por outros sem qualquer retorno? Esta parece uma pergunta que a primeira parte do romance se empenha em responder. E a resposta que obtemos se o perscrutarmos com este questionamento é a de que a liberdade efetiva significava a plena cidadania que o acesso aos direitos políticos, de educação e de propriedade de terra sintetizava. De fato, podemos resumir os acontecimentos desta primeira parte da seguinte forma: a ida de Gideon para a Convenção, a elaboração da Constituição que garantia aos negros e brancos pobres o direito ao voto e à educação, e sua

---

<sup>756</sup> “E nas mornas terras do sul havia quatro milhões de homens negros que eram livres. Uma liberdade conquistada com muito esforço, uma coisa preciosa. Um homem livre conta ontem e amanhã e ambos são seus; (...)”. Tradução minha. Ibid., p. 3.

<sup>757</sup> “Os libertos, ao retornarem, retomaram suas vidas nos velhos alojamentos de escravos, junto com aqueles que nunca haviam ido embora. (...) Eles retomaram suas vidas com o profundo assombro de que eram livres”. Tradução minha. Ibid., p. 3.

<sup>758</sup> “Por que não deveria cada homem trabalhar para si mesmo? Se a liberdade não significava isto, o que significava?”. Tradução minha. Ibid., p. 22.

volta a Carwell, quando mobiliza seus habitantes para a compra de suas terras. A associação da conquista destes direitos com o ideal da plena liberdade é expressa, por exemplo, pela antífona cantada pelos delegados da Convenção, ao seu término: “Then the whole Convention stood and sang, their voices rich and proud: ‘My country, ‘tis of thee, sweet land of liberty, of thee I sing!’”<sup>759</sup>.

Outro elemento associado ao princípio da liberdade em *Freedom Road* está relacionado à ideia de que para o povo negro, a exemplo de para os *cheyenne* em *The Last Frontier*, ela não era algo dado, automático; ao contrário, era algo pelo qual era necessário lutar. O próprio engajamento na Convenção representava a continuidade, na arena do sócio-político, desta luta por conquistar a liberdade, iniciada já na adesão dos negros à Guerra Civil para derrubar a escravidão. Em diálogo com o também ex-escravo James Allenby, Gideon faz referência a esta luta, que evoca uma compreensão materialista das conquistas sociais:

‘Does it seem like a dream to you sometimes, Gideon, this business of freedom?’

‘Ain’t no dream’, Gideon muttered. ‘I marched along with the Yankee men, made a piece of this with my own two hands. Ain’t no dream’<sup>760</sup>.

Em outro diálogo, desta vez com Cardozo, Gideon reafirma a necessidade de se lutar pela liberdade: “‘I don’t quote Scripture when I’m afraid. I’m a God fearing man, but when the fright was strongest inside of me, I took a gun in my hands and fought for my freedom’”<sup>761</sup>. No entanto, a luta pela liberdade defendida em *Freedom Road* não estava calcada em uma perspectiva revanchista, de vingança, de ódio dos negros aos brancos; ao contrário, ela estava fundamentada em uma lógica antirracista e antissegregacionista, tendo a igualdade como princípio fundamental. Isto se expressa, ao longo da trama, nas diversas situações em que efetivamente se produziu uma relação de cooperação mútua entre negros e brancos pobres – e da constante argumentação em favor desta cooperação.

O personagem de Irmão Peter, cumprindo sua função de pregador da comunidade de Carwell, orienta Gideon neste sentido, antes de sua partida para Charleston: “‘(...) Now, Gideon, you going to feel hard about white folk – got the whip lash on your back, go the heart

<sup>759</sup> “Então toda a Convenção se levantou e cantou, suas vozes ricas e orgulhosas: ‘Meu país, é de ti, doce terra da liberdade, é de ti que eu canto!’”. Tradução minha. Ibid., p. 95.

<sup>760</sup> “‘Algumas vezes lhe parece um sonho, Gideon, esse negócio de liberdade?’

‘Não é um sonho’, Gideon murmurou. ‘Eu marchei com os ianques, fiz uma parte disto com minhas próprias mãos. Não é um sonho’”. Tradução minha. Ibid., p. 39.

<sup>761</sup> “‘Eu não cito as Escrituras quando estou com medo. Eu sou um homem temente a Deus, mas quando o medo era maior dentro de mim, eu peguei uma arma em mãos e lutei pela minha liberdade’”. Tradução minha. Ibid., p. 55.

hardened. That just means suffering and misery. Come from here on – color of a man’s skin don’t matter. There’s good men and bad men, black and white”<sup>762</sup>. Também James Allenby, assumindo papel semelhante, orienta Gideon: “I tell you this, Gideon, not to make hatred but understanding. You go to Charleston to make a constitution, a new state, a new world, a new life; (...)”<sup>763</sup>.

O envolvimento de Gideon na Convenção reforça este ideal colaboracionista. Efetivamente, o próprio narrador, ao situar para o leitor a realização da nova constituinte estadual dentro do contexto da Reconstrução já afirma:

(...) They legally nullified the rebellious states, established military districts, and called upon the whole population to vote for delegates to state Conventions, Conventions which would frame new state constitutions and create a new democracy in the south, one in which the black man and the white man stood side by side, building together<sup>764</sup>.

Além disso, diversos personagens manifestam esta perspectiva de cooperação. Um deles é o próprio Francis Cardozo, que ao convidar Gideon para um jantar em sua casa, onde estariam também presentes delegados brancos, o orienta: “(...) It’s important that you should know white people, know what they are thinking, saying, doing. We are going to have to work closer and closer with the white folks, Gideon”<sup>765</sup>. Contudo, o personagem que talvez melhor represente este ideal de colaboração igualitária entre negros e brancos pobres no Sul seja o do também delegado da Convenção, Anderson Clay. Branco pobre, considerado um “white trash”, Clay apresenta ao longo da narrativa algumas divergências para com os personagens negros, mas acaba se alinhando a eles, por reconhecer a proximidade de suas demandas:

And Gideon, leaving the Convention one day, had been joined by Anderson Clay, who said:

‘Wait a minute there, Jackson!’

Gideon paused and then they walked along together, (...).

<sup>762</sup> “(...) Agora, Gideon, você vai se ressentir do homem branco – você tem a marca do chicote nas suas costas, tem o coração endurecido. Isto só significa sofrimento e miséria. Daqui em diante – a cor da pele de um homem não importa. Há homens bons e homens maus, negros e brancos”. Tradução minha. Ibid., p. 20.

<sup>763</sup> “Eu lhe digo isto, Gideon, não faça ódio, mas compreensão. Você vai para Charleston para fazer uma constituição, um novo estado, um novo mundo, uma nova vida; (...)”. Tradução minha. Ibid., p. 37.

<sup>764</sup> “(...) Eles anularam legalmente os estados rebeldes, estabeleceram distritos militares, e conclamaram toda a população a eleger delegados para Convenções estaduais, Convenções que iriam moldar as novas constituições estaduais e criar uma nova democracia no Sul, uma na qual o homem negro e o homem branco estivessem lado a lado, construindo juntos”. Tradução minha. Ibid., p. 71.

<sup>765</sup> “(...) É importante que você conheça pessoas brancas, conheça o que estão pensando, dizendo, fazendo. Nós vamos ter que trabalhar cada vez mais próximo dos brancos, Gideon”. Tradução minha. Ibid., p. 67.

‘What I’m thinking these days’, Clay said bluntly, ‘is that you’re going to work with us, not against us’.

‘How’s that?’

‘I’ve eaten more crow sitting in a houseful of niggers these past weeks than anytime before in my life. I figured in the beginning I could just as well go home, live in a nigger land, and maybe raise some hell about it’.

‘You shouldn’t feel that way’, Gideon said softly.

‘All right. I’m beginning to think maybe a black man and a white man can live together – I don’t know. Do you want to talk about it?’ (...) ‘What do you do when a new world comes? You make a piece of it, or you smash it. And I don’t like the folks who are getting ready to do the smashing’.<sup>766</sup>

Este trecho constitui um importante momento de virada, um ponto de inflexão na trajetória do personagem de Clay. De fato, nas páginas seguintes, quando a Convenção debatia a questão da educação universal e não-segregacionista, Clay é um dos delegados que argumenta fervorosamente a seu favor: “‘Damn it, yes! If the only way is schools where black and white go together, then sure enough, I’m for schools! If I can sit in a Convention hall with niggers, then my son can sit in a schoolhouse with them!’”<sup>767</sup>.

Outro personagem que possui uma virada interessante neste sentido é o de Abner Lait. Inicialmente hostil a Gideon e aos negros de Carwell, fazendo uso indiscriminado de insultos a eles, Lait acaba posteriormente aceitando trabalhar e conjunto com eles. Seu ponto de mudança ocorre quando Gideon vai até sua casa para convidá-lo a participar do negócio da compra das terras de Carwell, reportando-se reporta a este ideal de cooperação:

‘What’s this future going to be except what we make it? And it won’t be no good unless we make it for black and white the same. Ain’t no end of hate here unless the

---

<sup>766</sup> “E Gideon, deixando a Convenção certo dia, foi acompanhado por Anderson Clay, que disse:

‘Espere um minuto aí, Jackson!’

Gideon pausou e eles caminharam juntos, (...).

‘O que eu ando pensando nestes dias’, Clay disse abruptamente, ‘é que vocês vão trabalhar conosco, não contra nós’.

‘Como?’

‘Eu engoli mais sapo sentando em uma casa cheia de pretos nestas últimas semanas do que em qualquer outro momento da minha vida. Eu achei no começo que eu poderia muito bem ir para casa, viver em uma terra de pretos, e talvez criar confusão por causa disso’.

‘Você não deveria se sentir assim’, Gideon disse suavemente.

‘Está certo, eu estou começando a achar que talvez um homem negro e um homem branco possam viver juntos – eu não sei. Você quer conversar sobre isso?’ (...) ‘O que se faz quando chega um novo mundo? Você constrói parte dele, ou você o esmaga. E eu não gosto do pessoal que está se preparando para esmagar’”. Tradução minha. Ibid., p. 77.

<sup>767</sup> “‘Caramba, sim! Se o único modo é escolas que negros e brancos frequentam juntos, então com certeza eu sou a favor de escolas! Se eu posso me sentar em um salão da Convenção com pretos, então meu filho pode se sentar em uma escola com eles!’”. Tradução minha. Ibid., p. 78-79.

future belongs to both of us. We're stronger to buy the land if you come in, if Max Bromly comes in, if the Carson brothers come in, if Fred McHugh comes in"<sup>768</sup>.

Após longo discurso para tentar convencê-lo, Gideon consegue a anuência de Lait e sela o pacto com um aperto de mão: "Abner Lait shook hands with a Negro for the first time in his life"<sup>769</sup>. Este ato, profundamente simbólico, sintetiza bem este ideal de cooperação racial, baseado no princípio maior de igualdade.

O protagonista Gideon é outro dos personagens que mais aludem a esta perspectiva de busca da igualdade racial por meio do estabelecimento de uma relação cooperativa com os brancos pobres. Podemos enumerar aqui alguns exemplos. Em seu jantar com o banqueiro Isaac Went e o doutor Norman Emery, em Boston, ao procurar auxílio para financiar a compra de suas terras, Gideon afirma a seus anfitriões:

'The bad black codes were made to drive us straight back to slavery. You see, the planters felt they could just push away the Union victory, and they were almost right. But it won't happen a second time. We made a good and an honest alliance with the poor whites; we're united now, and we got our eyes open. We got the power, and we mean to hold onto it'<sup>770</sup>.

Já na segunda seção do romance, podemos destacar parte do argumento do então congressista Gideon para o presidente Ulysses Grant, tentado convencê-lo da ameaça que a eleição de Rutherford Hayes representava para as conquistas democráticas da Reconstrução. Este trecho, já citado no capítulo dois, traça para o leitor uma contextualização dos desenvolvimentos da última década, após o salto que dá a narrativa, apontando para esta relação de cooperação:

Out of that terrible war came reconstruction – essentially a test for democracy, a test of whether freed Negroes and freed whites – for the poor white was as much a slave before the war as the black – could live and work and build together. I say that test was taken and proven, that democracy worked in the south – with all its faults, its blunders, its boasting extravagances, its fools and loudmouths – with all that, it worked! For the first time in the history of this nation, black men and white men together built a democracy in the south. You have the proof, the schools, the farms, the just courts, a whole literate, eager generation<sup>771</sup>.

<sup>768</sup> "O que este futuro vai ser, exceto o que fizermos dele? E não será bom a menos que o façamos o mesmo para negros e brancos. Não haverá fim do ódio aqui a menos que o futuro pertença a ambos de nós. Somos mais fortes para comprar a terra se você entrar no negócio, se Max Bromly entrar, se os irmãos Carson entrarem, se Fred McHugh entrar". Tradução minha. Ibid., p. 121.

<sup>769</sup> "Abner Lait apertou a mão de um negro pela primeira vez em sua vida". Tradução minha. Ibid., p. 122.

<sup>770</sup> "Os maus códigos negros foram feitos para nos levarem diretamente de volta para a escravidão. Veja, os plantadores acharam que eles podiam simplesmente colocar de lado a vitória da União, e eles quase estiveram certos. Mas isto não acontecerá uma segunda vez. Nós fizemos uma boa e honesta aliança com os brancos pobres; nós estamos unidos agora, e estamos de olhos abertos. Nós temos o poder e pretendemos nos agarrar a ele". Tradução minha. Ibid., p. 136.

<sup>771</sup> "Daquela terrível guerra veio a reconstrução – essencialmente um teste para a democracia, um teste para determinar se os negros libertos e os brancos libertos – pois o branco pobre era tão escravo antes da guerra

Esta síntese é expressamente elaborada pelo próprio Fast em seu posfácio, onde visa apresentar alguns dos sentidos que buscou imprimir à obra:

When the eight-year period of Negro and white freedom and cooperation in the south was destroyed, it was destroyed completely. Not only were material things wiped out and people slain, but the very memory was expunged.

Powerful forces did not hold it to be a good thing for the American people to know that once there had been such an experiment – and that the experiment had worked. That the Negro had been given the right to exist in this nation as a free man, a man who stood on equal ground with his neighbor, that he had been given the right to work out his own destiny in conjunction with the southern poor whites, and that in an eight-year period of working out that destiny he had created a fine, a just, and a truly democratic civilization<sup>772</sup>.

Tal ideal de cooperação que viemos analisando conecta-se fundamentalmente não apenas a um princípio de igualdade, mas também ao seu desdobramento na noção de democracia racial, de que a real condição democrática nos Estados Unidos dependia da superação de suas estruturas sociais racistas. Poucos personagens ao longo do romance mantêm uma postura livre de pressupostos racistas para com os negros; e a maioria dos que estabelecem uma relação de tratamento igualitário e colaborativo – como nos casos citados de Abner Lait e Anderson Clay – o fazem a partir de uma transformação em sua trajetória narrativa. A grande exceção é a figura do banqueiro Isaac Went. Seu posicionamento, desde o princípio, reflete uma situação ideal dentro de uma perspectiva de democracia racial:

With the little man, Gideon was on flat, unruffled ground. Went spat, argued, disagreed, lost his temper and yelled at Gideon; but always as one man to another. Gideon was not a black man; for the first time in his life, whether with colored people or white people, Gideon completely forgot the color of his skin; for the first time in his life he was talking to a man who by a long and studied psychological process, a period of training that must have begun in his early childhood, had conditioned himself to racial democracy in clean and simple terms. For Went, subjectively, Gideon was a man; he could not think otherwise, willingly or unwillingly, anymore than the average American could think in Latin<sup>773</sup>.

---

quanto o negro – poderiam viver e trabalhar e construir juntos. Eu digo que o teste foi feito e foi comprovado que a democracia funcionava no Sul – com todas suas falhas, seus erros, suas vangloriosas extravagâncias, seus tolos e faladores – com tudo isso, ela funcionou! Pela primeira vez na história desta nação, homens negros e brancos juntos construíram uma democracia no Sul. Você tem a prova, as escolas, as fazendas, as cortes justas, toda uma geração letrada e ansiosa”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 168.

<sup>772</sup> “Quando o período de oito anos de liberdade e cooperação dos negros e brancos no Sul foi destruído, ele foi destruído completamente. Não apenas coisas materiais foram eliminadas e pessoas foram mortas, mas a própria memória foi expurgada.

Forças poderosas não consideravam uma coisa boa que o povo americano soubesse que outrora houve tal experimento – e que o experimento funcionou. Que ao negro foi dado o direito de existir nesta nação como um homem livre, um homem que ficou em pé de igualdade com seu vizinho, que a ele foi dado o direito de traçar seu próprio destino em conjunção com os brancos pobres sulistas, e que em um período de oito anos traçando este destino ele havia criado uma boa, justa e verdadeiramente democrática civilização”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 262.

<sup>773</sup> “Com o pequeno homem, Gideon estava em terreno plano e tranquilo. Went cuspiu, discutia, discordava, perdia a paciência e gritava com Gideon; mas sempre era de um homem para outro. Gideon não era um negro;

Todos estes princípios sócio-políticos, que estavam intimamente conectados – liberdade, plena cidadania por meio do acesso a direitos sociais, igualdade racial, cooperação – representavam um outro projeto de sociedade democrática, uma concepção acerca de como idealmente deveria ser a democracia americana, da qual a comunidade de Carwell representava um microcosmos. De fato, um dos grandes enfoques temáticos de *Freedom Road* é a caracterização de Carwell como uma comunidade efetivamente democrática, participativa e igualitária, como um exemplo ficcional do sucesso da experiência de ampliação dos direitos democráticos da Reconstrução, como um modelo de aplicação dos fundamentos da democracia ao restante da sociedade americana, particularmente a sulista. Podemos visualizar esta característica em diversos trechos da narrativa, como na apropriação e instrumentalização do dispositivo democrático do voto por parte da comunidade, que já mencionamos no capítulo três.

Outro momento interessante, que opera uma síntese da constituição deste ambiente comunitário colaborativo e democrático, se refere à exposição feita pelo narrador da mobilização em torno do apoio a Fred e Sally McHugh, brancos que faziam parte da comunidade e foram atacados pelo Klan:

(...) there were more than fifty men in the room. One was a doctor, one was a preacher, one was a schoolteacher, one was a congressman; the main trade of the rest was farming. Principally, they grew cotton, but they grew tobacco too, some rice, corn; they held cattle and hogs and horses. They made up a community called Carwell, and what they made had not existed a decade before, nor did it have its exact counterpart anywhere outside the south. War, ruin, death, emancipation, and peonage had thrown them together; they had built from nothing in the strictest sense of the word, and they could look about them and say that this or that or everything had come from their hands. They had created everything among them, schools, houses, mills, ideas, because there had been nothing before. All the long centuries between feudalism and democracy, they had crossed over in one long step<sup>774</sup>.

---

pela primeira vez em sua vida, seja com pessoas de cor ou pessoas brancas, Gideon esqueceu completamente a cor de sua pele; pela primeira vez em sua vida ele estava falando com um homem que, por meio de um longo e estudado processo psicológico, um período de treinamento que deve ter começado em sua primeira infância, havia se condicionado à democracia racial em termos claros e simples. Para Went, subjetivamente, Gideon era um homem; ele não podia pensar de outra forma, voluntariamente ou não, mais do que o americano médio podia pensar em latim”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 134.

<sup>774</sup> “(...) havia mais de cinquenta homens no quarto. Um era médico, um era pregador, um era professor, um era congressista; a ocupação principal dos demais era a agricultura. Sobretudo, eles cultivavam algodão, mas eles também cultivavam tabaco, um pouco de arroz, milho; eles criavam gado e porcos e cavalos. Eles formavam uma comunidade chamada Carwell, e o que eles construíram não existia uma década antes, nem possuía um equivalente exato em qualquer parte fora do Sul. Guerra, ruína, morte, emancipação e peonagem os havia unido; eles haviam construído a partir do nada, no mais estrito senso da palavra, e eles podiam olhar em volta e dizer que isto ou aquilo ou tudo havia vindo de suas próprias mãos. Eles haviam criado tudo entre eles, escolas, casas, moinhos, ideias, porque não havia nada antes. Todos os longos séculos entre o feudalismo e a democracia, eles haviam cruzado em um grande passo”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 199.

Fazendo uso de uma terminologia de inspiração marxista, Fast termina por caracterizar a configuração de Carwell como uma coletividade onde negros libertos e brancos pobres viviam colaborativamente em harmonia, rompendo com as estruturas de relações sociais racistas, como o salto de uma sociedade feudal para uma democracia.

A referência ao grau de organização democrático alcançada em Carwell chega a se intensificar quando a trama evolui para o estado de sítio em que a comunidade é lançada diante do ataque armado do Klan. Efetivamente, com a ameaça a sua propriedade, seu modo de vida e suas próprias vidas, o povo de Carwell se abriga conjuntamente dentro da antiga casa senhorial, formando uma espécie de coletividade organizada dentro dela:

Gideon took charge of the incoming folk. While there were more than twenty rooms, it would still mean a communal sort of life. The men would sleep in what had formerly been the main reception room. Keeping the families together as much as possible, he divided the women and small children among the many bedrooms. (...) An overflow of the men would sleep in the dining room along with the teen-age boys; in the daytime, the room would be used for meals and as a schoolhouse. The food was put in the kitchen annex, and Gideon appointed a committee of women to apportion it and supervise the cooking. Another group of women set about cleaning the place. Men put patches over the broken windows, and Hannibal Washington and two others climbed down into the cistern and set about making it usable. (...). Gideon broke down the men into committees. Ten would be sufficient to stay by the house, which meant, including the older boys, that a man need only give one day a week to this. (...) A committee would see to the horses, another would be a sort of a judicial board in the house itself. Things might go well tonight, but after a while this living together would get on people's nerves, and there would be squabbles and disputes to settle<sup>775</sup>.

A narração da continuidade da existência deste núcleo democrático, mesmo em condições de ameaça à sua existência física, funciona também como uma espécie de afirmação de uma posição: se o governo sulista naquele momento perdia seus contornos democráticos, e era conivente com as ações terroristas do Klan, o mesmo não aconteceria com a comunidade de Carwell, que continuaria a professar o mais profundo compromisso com o projeto americano de democracia. De destaque na citação acima é também a

---

<sup>775</sup> “Gideon assumiu a liderança do povo que chegava. Ainda que houvesse mais de vinte quartos, ainda significaria uma forma de vida comunal. Os homens dormiriam no que antigamente havia sido a sala de recepção principal. Mantendo as famílias unidas o máximo possível, ele dividiu as mulheres e crianças pequenas entre os muitos quartos. (...) Uma enxurrada de homens dormiria na sala de jantar junto com os meninos adolescentes; durante o dia, a sala seria usada para refeições e como uma escola. A comida foi colocada no anexo da cozinha e Gideon designou um comitê de mulheres para reparti-la e supervisionar o preparo. Outro grupo de mulheres se pôs a limpar o lugar. Homens colocaram remendos sobre as janelas quebradas e Hannibal Washington e outros dois desceram para a cisterna e se puseram a torná-la utilizável. (...) Gideon dividiu os homens em comitês. Dez seriam suficientes para permanecer pela casa, o que significavam inclusive os meninos mais velhos, que cada homem só precisaria dedicar um dia por semana a isto. (...) Um comitê cuidaria dos cavalos, outro seria uma espécie de conselho judicial na própria casa. As coisas podiam estar bem hoje à noite, mas, depois de um tempo, esta convivência iria dar nos nervos das pessoas e haveria contendas e disputas para resolver”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 230-231.



constituição de comitês por Gideon, instrumento democrático de participação popular muito valorizado pela e associado comunista, que Fast começava efetivamente a seguir.

Em outro trecho, ao tentar motivar as mulheres da casa, Gideon reforça a ideia de estarem vivendo para construir uma sociedade baseada na democracia racial e colaborativa:

‘We must stand together. Trooper went his own way, and you know the result. Our only hope is to come through together, to rebuild together, to make something enduring and fine that will be worth the price we are paying. I am full of hope. We are in a good place here. We have food for many days, plenty of water, medicine, and a doctor. Mr. Winthrope has agreed to remain with us and teach the children. I think that is very important; I think that lessons will go on and should go on, regardless of what happens. In a sense, we are a whole community here in this big house, and our great problem is whether we, the many families that we are, can live together for this time, however long or short, and solve the problems that arise. I think we can. In the past, we have met larger ones than face us now, and we have solved them together. We have here in the house more than two colored people for each white; I don’t think that will be an obstacle. We have learned to live and work together, to respect each other. All that we have done has been based on the premise that in this state, where black and white live together, we must work together and build together. The men outside deny that fact. They have burned our houses to prove that they represent the right and justice. We have other ways to prove the justice of our contentions. We do not believe in terror, in murder, in destruction. We shall fight only in defense of our lives and our lands, and we will set an example to this nation of an orderly and disciplined and freedom-loving people. (...) Lastly, I beg of you not to despair. It may seem to us that we are alone here. We are not alone. We are part of this country and of all the many good people who make this nation. They will not abandon us’<sup>776</sup>.

Sua fala se encerra, como vimos, com a difusão da ideia de que aquele não se tratava de um esforço isolado, mas estava conectado a outras lutas por liberdade e democracia, de outros povos, de outros grupos sociais nos próprios Estados Unidos. Voltaremos a esta ideia mais adiante. Cabe ainda nos reportarmos a outro trecho do romance, justamente seu

---

<sup>776</sup> “‘Nós precisamos permanecer juntos. Trooper seguiu seu próprio caminho e vocês sabem o resultado. Nossa única esperança é sobrevivermos juntos, reconstruirmos juntos, fazemos algo duradouro e bom que irá valer a pena o preço que estamos pagando. Eu estou cheio de esperança. Nós estamos em um bom lugar aqui. Temos comida para muitos dias, água em abundância, remédios e um médico. O Sr. Winthrope concordou em permanecer conosco e ensinar as crianças. Eu acho que isso é muito importante; eu acho que as aulas vão continuar e devem continuar, independente do que aconteça. Em certo sentido, nós somos uma comunidade inteira aqui nesta casa grande e nosso grande problema é se nós, as muitas famílias que somos, podemos viver juntos por esse tempo, por mais longo ou curto que seja, e solucionar os problemas que surjam. Eu acho que podemos. No passado, nós encaramos maiores do que os que enfrentamos agora, e nós os solucionamos juntos. Nós temos aqui na casa mais de duas pessoas de cor para cada branco; eu não acho que isso será um obstáculo. Nós aprendemos a viver e trabalhar juntos, a respeitar uns aos outros. Tudo que fizemos foi baseado na premissa de que neste estado, onde negros e brancos vivem juntos, nós devemos trabalhar juntos e construir juntos. Os homens lá fora negam este fato. Eles queimaram nossas casas para provar que eles representam o direito e a justiça. Nós temos outras formas de provar a justiça de nossos argumentos. Nós não acreditamos em terror, em assassinato, em destruição. Nós lutaremos somente em defesa de nossas vidas e nossas terras, e nós daremos um exemplo a esta nação de um povo ordeiro, disciplinado e amante da liberdade. (...) Por último, eu imploro a vocês que não se desesperem. Pode nos parecer que estamos sozinhos aqui. Nós não estamos sozinhos. Nós somos parte deste país e de todas as muitas boas pessoas que fazem parte desta nação. Eles não nos abandonarão’”. Tradução minha. Ibid., p. 244-245.

parágrafo final, que narra o trágico fim do protagonista Gideon e, alegoricamente, da comunidade que ajudou a construir:

Gideon Jackson's last memory as the shell struck, as the shell burst and caused his memory to cease being, was of the strength that had taken them through a long war, that had enabled them to build, out of the ruin, a promise for the future, a promise that was, in a sense, more wonderful than any the world had ever known. Of that strength, the strange yet simple ingredients were the people, his son, Marcus, his son, Jeff, his wife, Rachel, his daughter, Jenny, the old man who was called Brother Peter, the tall, red-headed man, Abner Lait, the small and wizened black man, Hannibal Washington – there were so many of them, so many shades and colors, some strong, some weak, some wise, some foolish: yet together they made the whole of the thing that was the last memory of Gideon Jackson, the thing indefinable and unconquerable<sup>777</sup>.

Esta passagem nos é profundamente significativa. A “coisa indefinível e inconquistável” que Fast atribui ao último pensamento de Gideon se refere justamente ao ideal de democracia, em toda sua plenitude: uma democracia igualitária, antirracista, que proporcionasse acesso aos devidos direitos sociais a todos os cidadãos. A conclusão do romance desta forma lhe outorga um tom pesaroso, trágico, porém, ao mesmo tempo, faz dele uma obra com significado altamente político, um manifesto em favor deste sonho democrático que foi esboçado durante a Reconstrução e destruído ainda em sua infância.

Este sonho estava no centro da tradição progressista americana e, como o próprio Gideon pontuou em um discurso a seus companheiros de Carwell, constituía a essência da própria nação:

‘What is the United States of America? Is it a dream, an ideal, a piece of paper called the Constitution, a coalition? Promoters? Grafters? Robber barons<sup>778</sup>? Is it Morgan or Jay Gould or Senator Gordon<sup>779</sup>? Or is it a man standing out in the street

---

<sup>777</sup> “A última memória de Gideon Jackson quando a bala de canhão atingiu, quando a bala de canhão explodiu e causou que sua memória deixasse de existir, foi da força que os havia levado através de uma longa guerra, que os permitiu construir, das ruínas, uma promessa para o futuro, uma promessa que era, em certo sentido, mais maravilhosa do que qualquer uma que o mundo já conheceu. Dessa força, os estranhos mas simples ingredientes eram as pessoas, seu filho, Marcus, seu filho Jeff, sua esposa, Rachel, sua filha, Jenny, o velho homem que se chamava Irmão Peter, o homem alto e ruivo, Abner Lait, o pequeno e enrugado homem negro, Hannibal Washinton – havia tantos deles, tantos tons e cores, alguns fortes, alguns fracos, alguns sábios, alguns tolos: mas juntos eles compunham o todo da coisa que foi a última memória de Gideon Jackson, a coisa indefinível e inconquistável”. Tradução minha. *Ibid.*, p. 260-261.

<sup>778</sup> *Robber baron*, ou barão ladrão, é o termo pelo qual ficaram conhecidos, a partir da segunda metade do século XIX, os grandes empresários norte-americanos, donos de grandes cartéis, trustes e monopólios, que se utilizavam de práticas inescrupulosas e corruptas para manter e expandir seus multimilionários impérios financeiros. Entre os mais famosos assim denominados, estavam John D. Rockefeller, J.P. Morgan, Cornelius Vanderbilt e Jay Gould. FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. New York: W.W. Norton & Company, 2011, p. 634-642.

<sup>779</sup> O personagem de Gideon faz referência aqui aos dois grandes magnatas J.P. Morgan (1837-1913), grande banqueiro, investidor em diversos setores industriais, como ferrovias e aço, e Jay Gould (1836-1892), megaempresário do ramo ferroviário e especulador financeiro; além do democrata John Brown Gordon (1832-1904), um dos líderes dos chamados “redeemers”, eleito senador em dois mandatos distintos, intercalados por um termo como governador da Geórgia. Ferrenho opositor da Reconstrução, Gordon era um ex-general

and looking at the White House? (...) Is it the Episcopal Church or the Congregational Church? Is it a prayer or a fool's fancy or fifty million men? Is it Congress? All the years I sat in Congress I thought of that, watching small men or great men, listening to fools like Peterson and heroes like Sumner<sup>780</sup>. Or is it you and me, and bound into us, inseparable from us – because what we are is America, what we have, what we've done, what we have dreamed!<sup>781</sup>.

O que esta passagem nos evidencia é a íntima associação feita por Fast entre os próprios Estados Unidos enquanto país, enquanto nação, e os ideais democráticos que estavam na sua raiz fundacional. Por meio da voz de Gideon, Fast proclama que os Estados Unidos não se resumem aos grandes capitalistas exploradores do povo, aos políticos corruptos, a congregações religiosas, a objetos e locais simbólicos, como a Casa Branca e a Constituição; ao contrário, a “América”, o espírito nacional, está ligado ao que o povo de Carwell representa, àquilo que sonharam e ousaram construir – uma sociedade plenamente democrática, livre e igualitária.

Neste sentido, este mesmo pronunciamento contém também um elemento de crítica a uma tradição retrógrada, reacionária e opressora dos Estados Unidos, ao passo que exalta os princípios e ideais democráticos articulados por uma tradição progressista, aludindo novamente ao confronto histórico entre as duas heranças americanas, que integrava o ideário de Fast. Podemos perceber este mesmo pressuposto a respeito da dupla tradição política

---

confederado, pertencia à classe plantadora e era suspeito de ter ligações com o Ku Klux Klan. CAMEJO, Peter. *Racism, Revolution, Reaction 1861-1877. The Rise and Fall of Radical Reconstruction*. New York: Pathfinder, 2001, p. 216-217.

<sup>780</sup> Não temos certeza quem é o “Peterson” a que Fast, por meio de Gideon, estaria se referindo aqui. Charles Sumner (1811-1874) foi um senador de Massachusetts que, juntamente com Thaddeus Stevens, foi um dos líderes dos republicanos radicais durante a Guerra Civil e a Reconstrução, sendo um ardente defensor da causa abolicionista e, posteriormente, da extensão de direitos civis aos libertos, fazendo oposição à moderada Reconstrução presidencial de Andrew Johnson e às tentativas dos antigos aristocratas sulistas de recuperarem o poder e restaurarem a ordem social do velho Sul. Sumner ganhou maior notoriedade em 1856, ao discursar no Senado criticando a lei de admissão do Kansas à União, que o constituía em um estado escravista, e atacando um de seus autores, o senador da Carolina do Sul e senhor de escravos, Andrew Butler. Dois dias depois, o primo de Butler, o também senador Preston Brooks, injuriado pelas declarações de Sumner, o agrediu, violenta e covardemente, a golpes de bengala em pleno Senado, causando-lhe ferimentos na cabeça e deixando-o inconsciente. Este episódio tornou Sumner um verdadeiro herói e mártir da causa abolicionista no norte dos Estados Unidos pré-guerra. FONER, Eric. *Reconstruction. America's Unfinished Revolution, 1863-1877*. New York: Harper Perennial, 2015, p. 373; FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. New York: W.W. Norton & Company, 2011, p. 517-518; 602.

<sup>781</sup> “O que são os Estados Unidos da América? É um sonho, um ideal, um pedaço de papel chamado Constituição, uma coalizão? Promotores? Corruptos? Barões ladrões? É Morgan ou Jay Gould ou o senador Gordon? Ou é um homem parado na rua e olhando para a Casa Branca? (...) É a Igreja Episcopal ou a Igreja Congregacional? É uma prece ou um capricho de tolo ou cinquenta milhões de homens? É o Congresso? Todos os anos em que eu me sentei no Congresso eu pensei nisso, vendo pequenos homens ou grandes homens, ouvindo tolos como Peterson e heróis como Sumner. Ou somos eu e você, e envolto em nós, inseparável de nós – porque o que somos é a América, o que temos, o que fizemos, o que sonhamos!”. Tradução minha. FAST, Howard. *Freedom Road. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner*. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 165-166.

americana também em outra passagem do texto, na qual Jeff recorda um discurso de Gideon ao Congresso americano:

‘Yes, as the gentleman from Georgia says, I was a slave only a short while past. And today, as a free man, I answer him in the Congress of this nation. That, gentlemen, is the American testament, my American testament. I need not indulge in patriotic sentiments. The fact that I stand here defines the country I serve better than any words a man could speak or write’. That statement Jeff saw reprinted in Scottish magazines; a member of parliament spoke it in Commons; over that statement, a fierce debate raged in the French Chamber for three hours; and in Germany, Hungary and Russia, underground revolutionary groups of workingmen had translated that statement, printed and circulated thousands of it<sup>782</sup>.

Gideon – e, podemos dizer, também Fast – proclama sua lealdade a um país, a uma tradição política, que permitia que um homem negro, até pouco tempo escravizado por um membro de uma verdadeira aristocracia agrária que existia no Sul, pudesse agora exercer sua liberdade, cidadania e seus direitos políticos, dirigindo a palavra ao Congresso nacional como representante legítimo do povo. Neste sentido, ele reivindicava uma tradição política americana que preconizava a construção de uma sociedade efetivamente livre e democrática, em oposição a uma outra que permanecia arraigada a (e comprometida com a perpetuação de) estruturas de discriminação, privilégios, exploração e opressão.

Ao final desta mesma citação, podemos perceber ainda outro elemento, a que já fizemos menção, que diz respeito à conexão desta luta em defesa dos princípios democráticos a outras lutas semelhantes naquele momento e no passado, em uma continuidade espaço-temporal. De fato, por meio da recordação de Jeff da repercussão das palavras de Gideon ao redor da Europa, Fast postula que esta não é, de modo algum, uma reivindicação localizada e restrita à comunidade negra do Sul dos Estados Unidos, mas que está amplamente relacionada à de outras populações excluídas e marginalizadas.

Esta posição encontra eco na tentativa de Gideon de enviar telegramas, alertando para a gravidade da ameaça à democracia no Sul representada pelas ações do Klan, para diversas personalidades políticas americanas, como o próprio Francis Cardozo, o presidente Ulysses Grant, o escritor Ralph Waldo Emerson e o ativista negro Frederick

---

<sup>782</sup> “‘Sim, como o cavalheiro da Geórgia diz, eu era um escravo até pouco tempo. E hoje, como um homem livre, eu o respondo no Congresso desta nação. Isto, cavalheiros, é o testamento americano, meu testamento americano. Eu não preciso recorrer a sentimentos patrióticos. O fato de que eu estou aqui define o país que eu sirvo melhor do que quaisquer palavras que um homem possa dizer ou escrever’. Esta declaração Jeff viu reimpressa em revistas escocesas; um membro do parlamento a pronunciou na Câmara dos Comuns; sobre esta declaração, um feroz debate foi travado na Câmara Francesa por três horas; e na Alemanha, Hungria e Rússia, grupos revolucionários clandestinos de trabalhadores traduziram esta declaração, imprimiram e circularam milhares dela”. Tradução minha. Ibid., p, 176.

Douglass<sup>783</sup>. Sua mensagem para Cardozo reforça a ideia de união de sua causa com outras milhares de pessoas que professavam os mesmos ideais e de que sua resistência poderia servir de exemplo de defesa e fidelidade radical a estes princípios:

“I beg of you, Francis, to remember that we are not alone, that thousands of good and just men in the South, both black and white, can be inspired and united by the fact that here at Carwell, people have refused to accept tyranny and terror as the inevitable course of things”<sup>784</sup>.

Ademais, *Freedom Road* apresenta muito claramente a ideia de que o povo resistente de Carwell era vitimado por seu comprometimento absoluto com os ideais democráticos da nação, por se recusarem a renunciar a sua liberdade e aos direitos, a ela inerentes, que haviam conquistados. Entretanto, por meio destas pequenas pontuações ao longo do texto, Fast intui que aquela não era a única comunidade de libertos do Sul que sofria as mesmas consequências de seu apego à liberdade e à democracia, tampouco que este era o único grupo social nos Estados Unidos excluído do processo democrático. Uma pergunta levantada por Gideon, por exemplo, nos evoca o mesmo sentido: ““How many shall have to die before we can call this a government of the people, by them and for them?””<sup>785</sup>. Este questionamento que Gideon faz no passado, certamente é dirigido por Fast também a seu leitor, à sua sociedade contemporânea. O que acontecera com a população negra durante a Reconstrução não era incomum na história americana e representava uma ameaça à democracia, na medida que poderia novamente acontecer a outros grupos sociais; os Estados Unidos, que se pretendiam um “governo do povo, pelo povo e para o povo”, acabava por ser, na prática, uma democracia muito restritiva, que negava a diversos grupos sociais seus direitos fundamentais.

Em suma, procuramos expor aqui toda esta cadeia de associações que se produzem na narrativa de *Freedom Road*, que relacionam entre si o significado dos princípios de liberdade, igualdade, cidadania e democracia. Efetivamente, a luta da comunidade constituída em Carwell e liderada por Gideon é definitivamente atrelada por Fast ao conjunto destes ideais americanistas, enfatizando sua exemplaridade como uma coletividade democrática, interracial

<sup>783</sup> Frederick Douglass (1818-1895), nasceu em condição de escravidão no estado de Maryland, de onde fugiu para o Norte aos vinte anos de idade, tornando-se uma das principais vozes abolicionistas da história americana. Dono de uma oratória poderosa e eloquente, Douglass foi um dos mais ardentes ativistas pela igualdade racial nos Estados Unidos, defendendo a educação como o grande caminho de transição da escravidão para a liberdade, um exemplo vivo da falácia da incapacidade do homem negro. FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. New York: W.W. Norton & Company, 2011, p. 416.

<sup>784</sup> ““Eu lhe imploro, Francis, que se lembre que nós não estamos sozinhos, que milhares de homens bons e justos no Sul, negros e brancos, podem ser inspirados e unidos pelo fato de que aqui em Carwell, as pessoas se recusaram a aceitar a tirania e o terror como o curso inevitável das coisas””. Tradução minha. Ibid., p. 232.

<sup>785</sup> ““Quantos tem que morrer antes que possamos chamar este um governo do povo, pelo povo e para o povo?””. Tradução minha. FAST, Howard. *Freedom Road*. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon], p. 171.

e colaborativa, cuja resistência se configurava também como parte de uma luta mais ampla que se estendia ao longo da história e para o país como um todo, e mesmo fora dele.

### **6.3 Liberdade de consciência e a “Paixão de Sacco e Vanzetti” no contexto da luta da classe trabalhadora americana**

Em *The Passion of Sacco and Vanzetti*, os valores fundamentais da democracia americana não aparecem de forma tão explícita quanto nas demais obras analisadas, dando lugar a uma maior ênfase no clamor popular pela absolvição e libertação dos dois condenados. No entanto, eles também estão presentes, nesta própria reivindicação, de forma mais internalizada, subjacente à narrativa do romance. Sua dedicatória já nos aponta neste sentido, indicando a tônica da obra: “To those brave Americans who, today and yesterday, have accepted prison and even death – rather than betray the principles they believed in, the land they loved, or the people whose trust they bore”<sup>786</sup>.

De fato, tal epígrafe constitui uma homenagem aos americanos que, fazendo jus à mais elevada herança democrática e progressista do país, mantiveram-se radicalmente firmes na defesa de seus ideais, diante de todas adversidades e consequências. Dessa forma, Fast vincula expressamente Sacco e Vanzetti a esta tradição, ao mesmo tempo em que alude à sua continuidade temporal ao longo da história dos Estados Unidos.

Esta radicalidade dos princípios está relacionada, em *The Passion of Sacco and Vanzetti*, sobretudo à questão da liberdade. De fato, para Fast, a execução de Sacco e Vanzetti representava um ataque à liberdade, uma traição a um dos principais valores nacionais. A conclusão do romance, já em seu epílogo, manifesta bem esta posição:

At that time, in the city of Boston, there was a club known as Athenaeum, and to this club there belonged those whose names were connected with the city’s past, with the long past days of Emerson and Thoreau. Such men as the President of the University, who sat in final judgement on Sacco and Vanzetti, were powerful influences in this club – a place into which no foreigner, no first-generation upstart, no Jew or Negro, had ever penetrated.

On the morning after the execution, on August 23, 1927, a slip of paper was found to have been inserted in every magazine in the reading room of the club. And on each slip of paper were the following words:

---

<sup>786</sup> “Àqueles bravos americanos que, hoje e ontem, aceitaram a prisão e mesmo a morte – antes de trair os princípios em que acreditavam, a terra que amavam ou as pessoas cuja confiança eles carregavam”. Tradução minha. FAST, Howard. *The Passion of Sacco & Vanzetti*. A New England Legend. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 5.

“On this day, Nicola Sacco and Bartolomeo Vanzetti, dreamers of the brotherhood of man, who hoped it might be found in America, were done to a cruel death by the children of those who fled long ago to this land of hope and freedom”<sup>787</sup>.

A ideia de que a condenação dos dois italianos era um crime contra a liberdade americana – e mais, que esta liberdade prometida pelas classes dominantes era ilusória, não se aplicava às classes oprimidas do país – aparece também no discurso final de Vanzetti, quando do anúncio do veredito:

The jury were hating us because we were against the war (...). We believe more now than ever that the war was wrong, and I am glad to be on the doomed scaffold if I can say to mankind, ‘Look out; you are in a catacomb of the flower of mankind. For what? All that they say to you, all that they have promised to you – it was a lie, it was an illusion, it was a cheat, it was a fraud, it was a crime. They promised you liberty. Where is liberty? They promised you prosperity. Where is prosperity? They have promised you elevation. Where is elevation?’<sup>788</sup>.

O aspecto do princípio americanista de liberdade que é evocado na narrativa do romance está relacionado à ideia de liberdade de consciência, ou de pensamento, isto é, à possibilidade de todo cidadão professar, expressar e se alinhar livremente à orientação política que melhor lhe aprouver. Em outras palavras, refere-se ao direito inalienável de cada indivíduo defender uma ideia, um ponto de vista, uma posição política. Este direito, parte integrante dos valores de liberdade, democracia e cidadania nacionais, havia sido sumariamente violado pela execução eminentemente política de Sacco e Vanzetti, condenados sem provas contundentes, notadamente por causa de suas convicções anarquistas e para servirem de exemplo.

Tal é o grande mote da narrativa de *The Passion of Sacco and Vanzetti*, no que tange à questão dos ideais americanistas. Apesar disto, ele fica muito subentendido ao longo de suas descrições e seus diálogos. Algumas vezes, no entanto, ele é elaborado de forma explícita,

<sup>787</sup> “Naquele tempo, na cidade de Boston, havia um clube conhecido como Athenaeum, e a este clube pertenciam aqueles cujos nomes estavam conectados ao passado da cidade, com os dias de Emerson e Thoreau. Homens como o Presidente da Universidade, que se sentou no julgamento final de Sacco e Vanzetti, eram poderosas influências neste clube – um lugar onde nenhum estrangeiro, nenhum arrivista de primeira geração, nenhum judeu ou negro, jamais penetrou.

Na manhã seguinte à execução, em 23 de agosto de 1927, um pedaço de papel havia sido inserido em todas as revistas na sala de leitura do clube. E em cada pedaço de papel estavam as seguintes palavras:

‘Neste dia, Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, sonhadores da irmandade do homem, que esperavam que pudesse ser encontrada na América, foram entregues a uma cruel morte pelos filhos daqueles que há muito tempo fugiram para esta terra de esperança e liberdade’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 2839.

<sup>788</sup> “O júri estava nos odiando porque éramos contra a guerra (...). Eu acredito agora mais do que nunca que a guerra era errada, e eu fico feliz de ser condenado no cadafalso se eu puder dizer à humanidade, ‘Cuidado; vocês estão em uma catacumba da flor da humanidade. Por quê? Tudo que eles dizem a vocês, tudo que eles prometeram a vocês – era uma mentira, era uma ilusão, era uma enganação, era uma fraude, era um crime. Eles lhes prometeram liberdade. Onde está a liberdade? Eles lhes prometeram prosperidade. Onde está a prosperidade? Eles lhes prometeram elevação. Onde está a elevação?’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 2067-2074.

mais destacadamente no início da palestra proferida pelo Professor de Direito, onde expunha as irregularidades do caso:

‘Freedom of conscience is more than a dead phrase. It is a living way of life which must be fought for relentlessly and unremittingly. Terrible hazards lie in the path of anyone who embarks upon this struggle for human dignity; however, the rewards are commensurate with the venture’.

‘Today is not like other days. It is like no other day which I can remember in my life. Today is a day which has been singled out to be remembered and to be made memorable by a sad blow against all who love justice and believe truly in man’s freedom of conscience’<sup>789</sup>.

Além disso, cabe destacarmos aqui que, como nas duas obras anteriormente analisadas, um dos elementos narrativos que mais se sobressai no presente romance é o estabelecimento de uma ideia de continuidade da supressão de direitos das classes inferiores e da luta destas por conquistá-los. Logo de início, somos introduzidos a esta perspectiva, quando a narrativa apresenta as figuras dos guardas da prisão:

The prison guard is a man like other people. There are thoughts that he thinks, and dreams that he dreams, but he is also aware that a whole history of civilization, an echoing and re-echoing song of the whip, separates him from ordinary people like you and me<sup>790</sup>.

No entanto, à diferença dos demais livros que compõem o escopo de nossa pesquisa, este elemento da continuidade presente na narrativa de *The Passion of Sacco and Vanzetti* é revestido de um caráter de sacralidade, de religiosidade cristã. Isto começa a transparecer já na transcrição da carta enviada da prisão por Sacco a seu pequeno filho Dante:

‘But I feel better that you did not come to the death-house so that you could not see the horrible picture of three [men] lying in agony waiting to be electrocuted, because I do not know what effect it would have on your young age. But then, in another way if you were not so sensitive it would be very useful to you tomorrow when you could use this horrible memory to hold up to the world the shame of the country in this cruel persecution and unjust death. Yes, Dante, they can crucify our bodies today as they are doing, but they cannot destroy our ideas, that will remain for the youth of the future to come’<sup>791</sup>.

<sup>789</sup> “‘Liberdade de consciência é mais do que uma frase morte. É um modo de vida vivo que deve ser defendido incansável e incessantemente. Terríveis perigos jazem no caminho de qualquer um que embarque nesta luta pela dignidade humana; no entanto, as recompensas são proporcionais ao empreendimento’.

‘Hoje não é um dia como outros. Não é como qualquer outro dia que eu posso me lembrar em minha vida. Hoje é um dia que foi escolhido para ser lembrado e tornado memorável por um triste golpe contra todos aqueles que amam a justiça e verdadeiramente acreditam na liberdade de consciência do homem’”. Tradução minha. Ibid., pos. 464.

<sup>790</sup> “O guarda da prisão é um homem como qualquer outra pessoa. Há pensamentos que ele pensa e sonhos que ele sonha, mas ele também está consciente de que toda uma história de civilização, uma canção do chicote ecoando e reecoando, o separa das pessoas comuns como você e eu”. Tradução minha. Ibid., pos. 17-24.

<sup>791</sup> “‘Mas eu me sinto melhor que você não tenha vindo para a casa da morte, de modo que você não pôde ver a horrível imagem de três [homens] jazendo em agonia aguardando para serem eletrocutados, porque eu não sei qual efeito isso teria em sua jovem idade. Mas, por outro lado, se você não fosse tão sensível, seria muito útil para você amanhã quando você puder usar esta horrível memória para mostrar para o mundo a vergonha do país



Ainda que não seja citado diretamente, há aqui uma associação com a figura de Cristo por meio da referência à morte por crucificação, que ocorre em paralelo com a afirmação de que os ideais pelos quais lutavam não pereceriam com eles, mas sobreviveriam para as gerações futuras. Talvez a passagem do romance mais significativa sobre esta conexão do ideário religioso com a continuidade da exploração e da luta do povo trabalhador ao longo da história seja o discurso feito por um ministro metodista negro de Seattle, em um protesto contra a condenação de Sacco e Vanzetti:

‘I recalled that there have been those historians recently who claim that they cannot find spelled out in history, proof of the passion of our Lord, Jesus Christ. How foolish these people are! They seek evidence of one Christ and one crucifixion, when the history of that time tells the story of ten million crucifixions. Yesterday I and my people were slaves in bondage; and two thousand years ago, there was an angry slave called Spartacus, who led his people against their bondage, and told them to rise up and make themselves free. When he was defeated, six thousand of his followers were crucified by the Romans’ (...).

‘I had never said to myself before that I preach to plain working people, to hewers of wood and drawers of water. I tried to think of them only as people – and what need to define them as working people? Yet my own people are working people – are they not? I see now that you wipe your eyes. That is right. And in due time, you will weep; for the passion of Sacco and Vanzetti is your passion and mine. It is the passion of the working people of our time, whether their skin be white or black. It is the passion of the poor driven Negro of my childhood, who was hanged up by his neck by a mob of screaming, hate-driven men. It is the passion of a working man who goes from place to place, pleading that someone will buy the power of his hands, because his wife and his children are hungry. It is the passion of the Son of God, who was a carpenter’<sup>792</sup>.

Chegando a mencionar o caso de Espártaco, que já havia retratado em romance anterior<sup>793</sup>, Fast articula aqui, por meio da fala do religioso negro, o padecimento redentor de

---

nesta cruel perseguição e injusta morte. Sim, Dante, eles podem crucificar nossos corpos hoje, como eles estão fazendo, mas eles não podem destruir nossas ideias, isto ira permanecer para os jovens do futuro que há de vir”’. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 328.

<sup>792</sup> “‘Eu me recordei de que houve recentemente aqueles historiadores que afirmam que não conseguem encontrar, explicitamente na história, provas da paixão de nosso Senhor, Jesus Cristo. Quão tolas são estas pessoas! Eles procuram evidência de um Cristo e uma crucificação, quando a história daquele tempo conta a história de dez milhões de crucificações. Ontem, eu e meu povo éramos escravos em cativeiro; e dois mil anos atrás, houve um escravo bravo chamado Espártaco, que liderou seu povo contra seu cativeiro, e lhes disse para erguerem-se e libertarem-se. Quando ele foi derrotado, seis mil de seus seguidores foram crucificados pelos romanos’ (...)

‘Eu nunca disse para mim mesmo antes que eu prego para simples trabalhadores, para cortadores de madeira e coletores de água. Eu tentei pensar neles somente como pessoas – e que necessidade há de defini-los como trabalhadores? Mas meu próprio povo é um povo trabalhador – não é? Eu vejo agora que vocês enxugam seus olhos. Está certo. E no tempo devido, vocês irão chorar; pois a paixão de Sacco e Vanzetti é a sua paixão e a minha. É a paixão do povo trabalhador de nosso tempo, quer sua pele seja branca ou negra. É a paixão do pobre negro driven da minha infância, que foi enforcado por uma multidão de homens gritando e movidos pelo ódio. É a paixão do homem trabalhador que vai de lugar em lugar, implorando que alguém compre o poder de suas mãos, porque sua mulher e seus filhos estão famintos. É a paixão do Filho de Deus, que era um carpinteiro”’. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1073-1099.

<sup>793</sup> FAST, Howard. *Spartacus*. New York: Bantam Books, 2000. Tradução Brasileira: *Espártaco*. São Paulo: Abril, 1981

Cristo com o sofrimento dos povos oprimidos ao longo da história: os escravizados, os trabalhadores explorados e miseráveis. Explicitamente, Fast formula: a paixão de Sacco e Vanzetti era, ao mesmo tempo, a paixão do povo trabalhador de sua época e comparável à paixão de Cristo. O próprio Vanzetti chega a aludir a esta questão da correspondência entre o suplício de Cristo na cruz e o sofrimento estrutural dos pobres e oprimidos da terra, em diálogo com o personagem do Advogado de Defesa<sup>794</sup>, que havia ido visitar os dois condenados na prisão:

‘(...) Is there ever a time in the whole world when some man stand up for brotherhood and a better life, when he is not accused of violence? So with Jesus Christ. I do not compare Sacco and myself with Jesus Christ, and I am also not religious man. But you people who take Christ’s name and call yourself Christian, you never stop crucifying’.

(...) ‘Violence comes when too much weight is loaded onto back of people. What kind of world have you made? Is it world without violence? At the trial, District Attorney curse Sacco and me because we will not fight in war where twenty million human souls are slain. Yet Sacco and Vanzetti are charged with violence. What a world you make where so few live with the sweat and suffering of so many! Your whole world is violence. You are my friend, and believe me, I love you and honor what you do for me, but I also know it is your world and not the world of Sacco and me. Some day it will be different, but without violence? I do not know. You crucify Christ not once, but again and again, whenever he come to you’<sup>795</sup>.

Neste sentido, também, a presença de homens religiosos na narrativa, como o anteriormente citado ministro metodista negro, não é casual, mas reforça esta conexão. Em outra passagem, Fast nos retrata a presença de um pastor episcopal em um protesto contra a execução de Sacco e Vanzetti em Nova York:

Any of the policemen upon the rooftops would have been insensitive indeed not to have felt a certain awe at the manner in which so many thousands of people had come together, not to have wondered – at least a little – what force two poor, condemned men could exert to call out such love and concern. (...) The policemen

<sup>794</sup> Refere-se, provavelmente, ao advogado William Thompson, que representou os acusados na parte final do caso, em substituição ao controverso Fred H. Moore, advogado socialista da Califórnia, com experiência em causas trabalhistas, cuja conduta desagradou tanto ao juiz Webster Thayer, quanto aos próprios réus. TEJADA, Susan. *In Search of Sacco and Vanzetti*. Double Lives, Troubled Times and the Massachusetts Murder Case That Shook the World. Boston: Northeastern University Press, 2012, p. 208-209.

<sup>795</sup> “‘(...) Houve alguma vez em todo o mundo ocasião em que um homem se ergueu em favor da irmandade e de uma vida melhor e não tenha sido acusado de violência? Assim foi com Jesus Cristo. Eu não comparo Sacco e a mim mesmo com Jesus Cristo, e eu nem sou um homem religioso. Mas vocês que tomam o nome de Cristo e se chamam de cristãos, vocês nunca param de crucificar’.

(...) ‘A violência vem quando peso demais é colocado nas costas do povo. Que tipo de mundo vocês fizeram? É um mundo sem violência? No julgamento, o Promotor praguejou contra Sacco e eu porque nós não lutamos em uma guerra onde vinte milhões de almas humanas foram exterminadas. Mas Sacco e Vanzetti são acusados de violência. Que mundo vocês fizeram onde tão poucos vivem com o suor e o sofrimento de tantos! Seu mundo inteiro é violência. Você é meu amigo e, acredite-me, eu te amo e honro o que você está fazendo por mim, mas eu também sei que é seu mundo, não o mundo de Sacco e meu. Algum dia será diferente, mas sem violência? Eu não sei. Vocês crucificaram Cristo não apenas uma vez, mas repetidamente, toda vez que ele vem a vocês’”. Tradução minha. FAST, Howard. *The Passion of Sacco & Vanzetti*. A New England Legend. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 2294-2346.

were for the most part church-going men, but it did not occur to any of them, as it did to an Episcopalian minister down below among the people, that when Christ was taken by the soldiers of Pilate, then somewhere in the city of Jerusalem, the plain working people had come together like this, to hope and pray that out of their unity and strength, something would come<sup>796</sup>.

The Episcopalian minister had never before in all his life been to anything like this, never to a demonstration of working people, never to a mass protest meeting. He had never walked on a picket line or felt the impact of a wave of horse-mounted police swinging their long riot sticks, or heard the chatter of a machine gun searching haphazardly for people's lives, or felt the stinging pain in his eyes of tear gas, or covered his head with his hands to save his skull from the pounding clubs of hate-maddened police. (...) Like so many others in America, he had gone out of himself and joined with the suffering of millions, through the two condemned men in Massachusetts, and day by day, his understanding of what was happening in Massachusetts deepened. Today, unable to bear the thought of waiting, he had walked downtown to Union Square – where he found so many companions to walk the hill of Calvary together with him.

Há aqui a explícita associação da condenação de Sacco e Vanzetti ao Calvário de Cristo, de seus juízes e acusadores à figura de Pilatos e das manifestações populares pela absolvição dos dois anarquistas italianos às orações e ao lamento do povo de Jerusalém diante da Via Crucis. Além desta correspondência religiosa e temporal que nos evoca a ideia de continuidade, vemos aqui presente, na questão da mobilização popular, a noção de solidariedade, que elaboraremos adiante, entre a classe trabalhadora e mesmo de indivíduos de outras origens sociais que, como o ministro episcopal, “saíram de si mesmos” para experiências de protestos fora de sua realidade imediata. A própria caracterização do protesto popular e das suas variadas formas de repressão, descritas de forma vívida por Fast, neste contexto carregado de sentidos religiosos, opera de certa maneira uma sacralização da classe trabalhadora e de sua luta.

---

<sup>796</sup> “Qualquer um dos policiais nos telhados teria sido realmente insensível, se não sentisse certa admiração pela maneira pela qual tantas milhares de pessoas haviam se reunido, se não tivesse se perguntado – ao menos um pouco – que força dois pobres homens condenados podiam exercer para atrair tanto amor e preocupação. (...) Os policiais eram, em sua maioria, homens que frequentavam a igreja, mas não ocorreu a nenhum deles, como ocorreu ao ministro episcopal lá embaixo entre ao povo, que quando Cristo foi levado pelos soldados de Pilatos, em algum lugar da cidade de Jerusalém, o simples povo trabalhador se reuniu assim, para manter a esperança e rezar que de sua unidade e força, algo aconteceria.

O ministro episcopal nunca antes, em toda sua vida, havia estado em qualquer coisa assim, nunca em uma demonstração do povo trabalhador, nunca em um protesto em massa. Ele nunca havia marchado em um piquete ou sentido o impacto de uma onda de polícia montada a cavalo agitando seus longos cacetetes de choque, ou ouvido o tramido de uma metralhadora procurando indiscriminadamente pelas vidas das pessoas, ou sentido a ardente dor de gás lacrimogênio nos olhos, ou coberto sua cabeça com suas mãos para proteger seu crânio dos porretes da polícia enlouquecida de ódio. (...) Como tantos outros nos Estados Unidos, ele havia saído de si mesmo e se juntado ao sofrimento de milhões, através dos dois homens condenados em Massachusetts e, dia após dia, seu entendimento do que estava acontecendo em Massachusetts se aprofundava. Hoje, incapaz de suportar o pensamento de esperar, ele havia caminhado para o centro da cidade para a Union Square – onde ele encontrou tantos companheiros para caminhar a colina do Calvário com ele”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1701-1709.

De fato, em um trecho que ilustra o diálogo entre o Professor de Direito e um militante comunista, representante da *International Labor Defense*<sup>797</sup>, Fast manifesta sua profissão de fé na classe trabalhadora americana:

‘Now they will die, and there is no hope left’.

‘As long as time is left, hope is left’, the Communist answered.

‘An answer by rote’, the Professor said, his voice bitter. ‘I have been to the prison and come back from there. It is the end, and as hopeless at the end as it was at the beginning. I am sick with it. I know the men are guiltless, and yet they must die. My faith in human decency will die with them’.

‘Your faith dies easily’, the Communist said.

‘Does it? Is your faith stronger? Where is your faith, sir?’

‘With the working people of America’, the Communist answered<sup>798</sup>.

Sendo ele próprio nesta época membro do Partido Comunista Americano, podemos entender, mais diretamente ainda, a fala deste personagem comunista como expressão da voz do próprio Fast. Neste sentido, ele nos apresenta Sacco e Vanzetti como verdadeiros mártires da causa operária – e a própria causa como sendo investida de sacralidade. É interessante ponderarmos acerca deste elemento, na medida que configura, de certa forma, uma expressão da matriz de pensamento da tradição judaico-cristã que estava presente no universo conceitual de Fast, conforme analisamos no primeiro capítulo.

Associada a esta terminologia e este ideário religioso, há também em *The Passion of Sacco and Vanzetti*, por outro lado, uma grande ênfase na questão classista, operária, da luta de classes como o grande pano de fundo da tragédia que vitimava os dois anarquistas

<sup>797</sup> A International Labor Defense (ILD) foi uma organização fundada em 1925 e ativa até 1946 (quando se fundiu com outras entidades análogas para formar o Civil Rights Congress), especializada prestar apoio legal a ativistas políticos, líderes sindicais, imigrantes, negros e membros de outros grupos sociais minoritários. Entre suas lideranças estiveram o comunista James P. Cannon, um de seus fundadores, o advogado negro e também comunista William L. Patterson, amigo pessoal de Howard Fast, e o político trabalhista Vito Marcantonio; além de ter contado entre seus membros outras figuras de destaque como William Z. Foster, Eugene Debs e o escritor Upton Sinclair. A ILD se envolveu ativamente na campanha de defesa de diversos casos politicamente notórios, como o de Sacco e Vanzetti, o de Tom Mooney (ver nota 799) e o de Scottsboro, onde nove jovens negros foram falsamente acusados de estupro no Alabama. BUHLE, Mari Jo; BUHLE, Paul; GEORGAKAS, Dan (org.). *Encyclopedia of the American Left*. Oxford: Oxford University Press, 1998, p. 368-369.

<sup>798</sup> “‘Agora eles irão morrer e não há mais esperança’.

‘Enquanto houver tempo, haverá esperança’, o comunista respondeu.

‘Uma resposta pronta’, o Professor disse, sua voz amarga. ‘Eu estive na prisão e voltei de lá. É o fim, e tão sem esperança no final quanto era no começo. Estou farto disto. Eu sei que estes homens são inocentes e ainda assim eles devem morrer. Minha fé na decência humana morrerá com eles’.

‘Sua fé morre facilmente’, o comunista disse.

‘Morre? Sua fé é mais forte? Onde está sua fé, senhor?’

‘Com o povo trabalhador da América’, o comunista respondeu”. Tradução minha. FAST, Howard. *The Passion of Sacco & Vanzetti*. A New England Legend. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon], pos. 2780-2788.

italianos. Efetivamente, na continuidade deste mesmo diálogo que citamos acima, podemos visualizar tal perspectiva:

‘(...) And the working men – where are they?’

‘Everywhere’.

‘Is that an answer?’

‘For the moment, it is. What would you want – for the working people to storm the jail and free Sacco and Vanzetti? Things are not done that way – except in foolish dreams. They may kill Sacco and Vanzetti; they killed Albert Parsons, and Tom Mooney<sup>799</sup> is still in jail, and there will be others too, but not forever. They do these murderous things only for one reason – because they fear us, and they know we will not endure these things forever’.

‘Who? The communists?’

‘No, not the communists. The working people. And those who murder Sacco and Vanzetti hate the communists only because the communists are knit to the working people’<sup>800</sup>.

Neste diálogo, Fast não apenas apresenta os comunistas (e demais movimentos de esquerda, dos quais eles se consideravam herdeiros) como representantes da classe operária e baluartes da defesa de seus interesses; não apenas reafirma a ideia de continuidade, ao equiparar o caso Sacco e Vanzetti a outros de sentido análogo, como o de Albert Parsons e Tom Mooney, e ao afirmar que ainda ocorreriam no futuro, sendo mais um capítulo da longa história de luta e opressão das classes inferiores; mas também, definitivamente, insere sua injusta condenação – e a narrativa do romance – no contexto da luta de classes. De modo semelhante, no capítulo que narra o sonho do personagem do Juiz com o dia da sentença, os dois réus em sua declaração final antes do veredito colocam seu caso nos termos de uma luta de classes. Em primeiro lugar, Sacco, em um inglês ainda pouco claro, declara:

---

<sup>799</sup> Thomas J. Mooney (1892-1942) era um ativista socialista de San Francisco, uma das principais lideranças sindicais de seu tempo, falsamente acusado de um atentado à bomba que causou a morte de dez pessoas em 1916. Juntamente com Warren Billings, um de seus principais correligionários, Mooney foi condenado (na realidade, devido ao seu papel de liderança na *California Federation of Labor*), ficando vinte e três anos na prisão, entre 1916 e 1939. Ao longo destas mais de duas décadas de reclusão, Mooney e Billings tornaram-se grandes símbolos e mártires da causa operária. BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS. *Op. Cit.*, p. 511-512.

<sup>800</sup> “‘(...) E os trabalhadores – onde estão?’

‘Em toda parte’.

‘Isso é uma resposta?’

‘Pelo momento, sim. O que você quer – que o povo trabalhador invada a prisão e liberte Sacco e Vanzetti? As coisas não são feitas dessa forma – exceto em sonhos tolos. Eles podem matar Sacco e Vanzetti; eles mataram Albert Parsons, e Tom Mooney ainda está na prisão, e haverá ainda outros, mas não para sempre. Eles fazem estas coisas assassinas apenas por uma razão – eles têm medo de nós, e eles sabem que nós não iremos suportar estas coisas para sempre.

‘Quem? Os comunistas?’

‘Não, não os comunistas. O povo trabalhador. E aqueles que assassinam Sacco e Vanzetti odeiam os comunistas somente porque os comunistas estão unidos ao povo trabalhador’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 2788-2795.

‘I know the sentence will be between two class, the oppressed class and the rich class. We fraternize the people with books, with the literature. You persecute the people, tyrannize over them and kill them. We try the education of people always. You try to put a path between us and some other nationality that hates each other. That is why I am here today on this bench, for having been the oppressed class. Well, you are the oppressor’<sup>801</sup>.

Na sequência, também Vanzetti enuncia sua situação:

‘Now, I should say that I am not only innocent of all these things, not only have I never committed a real crime in my life – though some sins but not crimes – not only have I struggled all my life to eliminate crimes, the crimes that the official law and the official moral condemns, but also the crime that the official moral and the official law sanctions and sanctifies – the exploitation and the oppression of the man by the man, and if there is a reason why I am here as a guilty man, if there is a reason why you in a few minutes can doom me, it is this reason and none else’<sup>802</sup>.

Dentre os dois condenados, o personagem de Vanzetti é o que mais manifesta esta posição ao longo da narrativa. Em outro momento, ao tentar consolar tanto Madeiros quanto o próprio Sacco, Vanzetti reflete: “‘See, my friend Nicola, see how it is. What is there more that a human being can do than to lay down his life for another? That is why we are perishing. We give our lives as hostages for the working class (...)’”<sup>803</sup>. Além disso, o diálogo anteriormente referido entre Vanzetti e seu Advogado que foi até a prisão de Charleston visitá-los é também muito significativo neste sentido:

‘Tonight we will die. I am afraid to die, but I am also prepare to die. Not once, but a thousand time, Sacco and myself already die – we are prepare. This is for the cause of mankind, to make an end of man’s oppression of other men. I am filled with sadness, for I never again see sister or family or anyone I love; but no sadness alone. There is also triumph, for men will remember what we suffer – and fight better for a just world’<sup>804</sup>.

Na continuação desta conversa, tendo o Advogado dito que gostaria de compartilhar desta crença de que suas mortes estavam ligadas e serviriam a uma luta mais ampla da classe

<sup>801</sup> “‘Eu sei que a sentença será entre duas classes, a classe oprimida e a classe rica. Nós fraternizamos com o povo com livros, com literatura. Vocês perseguem o povo, o tiranizam e o matam. Nós tentamos sempre a educação do povo. Vocês tentam colocar um caminho entre nós e alguma outra nacionalidade que odeia uma a outra. É por isto que eu estou aqui hoje neste banco, por ter sido da classe oprimida. Bem, você é o opressor’”.

Tradução minha. Ibid., pos. 2012.

<sup>802</sup> “‘Agora, eu devo dizer que eu não apenas sou inocente de todas estas coisas, não apenas nunca cometi um crime real em minha vida – embora alguns pecados, mas não crimes – não apenas eu lutei minha vida inteira para eliminar crimes, os crimes que a lei oficial e a moral oficial condenam, mas também o crime que a moral oficial e a lei oficial sancionam e santificam – a exploração e opressão do homem pelo homem, e se há uma razão por que eu estou aqui como um homem culpado, se há uma razão por que em alguns minutos vocês podem condenar-me, esta é a razão e nenhuma outra’”.

Tradução minha. Ibid., pos. 2030.

<sup>803</sup> “‘Veja, meu amigo Nicola, veja como é. O que mais um ser humano pode fazer além de dar sua vida por outro? É por isso que estamos perecendo. Nós damos nossas vidas como reféns pela classe trabalhadora (...)’”.

Tradução minha. Ibid., pos. 2533.

<sup>804</sup> “‘Esta noite nós iremos morrer. Eu tenho medo de morrer, mas eu também estou preparado para morrer. Não uma, mas mil vezes, Sacco e eu já morremos – estamos preparados. Isto é pela causa da humanidade, para acabar com a opressão do homem a outros homens. Eu estou cheio de tristeza, pois nunca mais irei ver minha irmã ou família ou qualquer um que eu amo; mas não apenas tristeza. Há também triunfo, pois os homens lembrarão que nós sofremos – e lutarão melhor por um mundo justo’”.

trabalhadora pela sua libertação, Vanzetti prossegue, abordando a questão da consciência de classe, reafirmando seu alinhamento aos trabalhadores e que a execução que os aguardava era motivada pelas suas convicções políticas e comprometimento com a causa operária:

‘I call myself now a class conscious man, but I was not born that way. I am born like you, and then when I grow to man, I know little enough. All my years in America, I work like three men, and always I have nothing. But in my heart become great love for the people who labor beside me. I stop just being Italian. I think, these are my people. Then I work in brickyard in Connecticut and then at stone pit in Meriden. Two years, I work pick and shovel and crowbar in stone pit, and there I learn the beautiful dialect of Tuscany because Tuscans work there – but the boss hate, no matter what speech we talk, just work, you damn wops<sup>805</sup>. American man work next to me, and he say to me one day, Hey, Barto, there are two languages, one for the boss, one for you and me (...). So I learn that class consciousness is not a phrase invented by propagandists, but a real vital force. It comes inside of me, and I stop being animal, a work beast, and I become human being. Then this American talk, always saying, Look at your hands Barto. All the world is make with your hands, but always someone take. Even the gun *you* make to kill your brother with, but he who take the bread you bake, *he* make nothing, nothing, Barto – he say. Oh, what a strength in them hands. But not all at once I do understand, but little by little. Now they kill me because I understand that men will some day live like brothers – well, I am not only one must die for that understanding. But you are out there, my friend. Why should you believe what I believe? I am a worker – always’<sup>806</sup>.

O mesmo entendimento é ainda apresentado por um dos dirigentes do movimento sindical americano, cujos líderes se reuniram para discutir a situação de Sacco e Vanzetti. Para ele, era evidente que :

‘I keep asking myself why these two men go to die tonight. So what can I answer myself except on thing – they die for us, for you and me, for fur workers, needle workers and steel workers. I put it plain and straight-forward. The bosses are afraid – not of you and me. I wish to God they were afraid of you and me! No, not that. They are afraid of what they see moving and stirring and turning over everywhere in the world. They are afraid of what the people did in Russia. A red sound comes out of Russia, and they don’t like that sound. So this time they made their demonstration to us. They are saying to us, we have Sacco and Vanzetti, and you – you who talk so

<sup>805</sup> O termo *wop* corresponde a um xingamento racial dirigido a imigrantes de origem italiana nos Estados Unidos.

<sup>806</sup> “‘Eu me considero agora um homem com consciência de classe, mas eu não nasci desse jeito. Eu nasci como você e então quando eu me tornei um homem, eu sabia muito pouco. Em todos meus anos na América, eu trabalhei como três homens, e nunca tive nada. Mas em meu coração brotou grande amor pelas pessoas que trabalharam ao meu lado. Eu parei de ser apenas italiano. Eu pensei, este é meu povo. Então eu trabalhei em uma olaria em Connecticut e então em uma pedreira em Meriden. Dois anos, eu trabalhei de picareta, pá e pé-de-cabra na pedreira, e lá eu aprendi o belo dialeto da Toscana, porque toscanos trabalhavam lá – mas o patrão odeia, não importa qual idioma nós falamos, apenas trabalhem, seus malditos *wops*. Um homem americano trabalhava ao meu lado e ele me disse um dia, Ei, Barto, há duas linguagens, uma para o patrão, outra para você e eu (...). Então eu aprendi que consciência de classe não é uma frase inventada por propagandistas, mas uma força vital real. Ela entra em mim, e eu deixo de ser um animal, uma besta de carga, e eu me torno um ser humano. Então este americano fala, sempre dizendo, Olhe para suas mãos Barto. Todo o mundo é feito por suas mãos, mas sempre alguém toma. Mesmo a arma *você* faz para matar seu irmão, mas aquele que toma o pão que você assa, *ele* não faz nada, nada, Barto – ele disse. Oh, que força nestas mãos. Mas eu não entendi tudo de uma só vez, mas pouco a pouco. Agora eles me matam por que eu entendi que os homens irão algum dia viver como irmãos – bem, eu não sou o único que deve morrer por este entendimento. Mas você está aí fora, meu amigo. Por que você deve acreditar no que eu acredito? Eu sou um trabalhador – sempre’”. Tradução minha. Ibid., pos. 2285-2294.

much about organized labor and the strength of organized labor, you can scream and shout and protest and squirm and cry and whimper, and not one God-damned bit of good is it going to do. Yell as you please! Tonight Sacco and Vanzetti will die, and a lesson will be driven home. Plain. Unvarnished<sup>807</sup>.

Por fim, cabe pontuarmos outro elemento interconectado a estas questões que se sobressai na narrativa de *The Passion of Sacco and Vanzetti*: uma pronunciada noção, que emana desta ideia de continuidade e da perspectiva de classe, de solidariedade entre os trabalhadores, que viam na condenação de Sacco e Vanzetti uma ameaça e mesmo uma violação de seus próprios direitos. Isto se expressa, sobretudo, nos diversos apelos e protestos por sua absolvição descritos ao longo da narrativa. Em um deles, por exemplo, Fast descreve a força da solidariedade e unidade do povo oprimido que marcha em um piquete contra a condenação de Sacco e Vanzetti – texto que certamente tem a função de exaltar e promover tal ferramenta de protesto e reivindicação:

There were others, however, who were not paralyzed, who managed to push aside their own reluctance, and who stepped forward and took their places in the picket line.

‘Lo and behold’, some of them said to themselves. ‘I have discovered a new weapon that I have never dreamed of! A fine, strong weapon which I can use as well as another!’

They touched shoulders with people they had never seen before, and a current of strength flowed from shoulder to shoulder<sup>808</sup>.

Ao participarem deste protesto, Fast deixa claro que eles estavam se unindo a uma força maior, um movimento que se expandia ao redor do mundo, em uma alusão à mobilização dos trabalhadores da terra:

The signs became weapons; they were armed, and they had a feeling, implicit if not wholly defined, that in this simple, almost ordinary act of marching together in protest with their fellow men and women, they had linked themselves with a mighty

---

<sup>807</sup> “‘Eu continuo a me perguntar por que estes homens vão morrer hoje à noite. Então o que eu posso responder a mim mesmo além de uma coisa – eles morrem por nós, por você e por mim, pelos que trabalhadores de peles, pelos trabalhadores da agulha, pelos trabalhadores do aço. Eu o coloco simples e diretamente. Os patrões estão com medo – não de você e de mim. Eu peço a Deus que eles tenham medo de você e de mim! Não, não é isso. Eles estão com medo do que eles veem se movimentando e se mexendo e revirando em toda parte no mundo. Eles estão com medo do que o povo fez na Rússia. Um som vermelho vem da Rússia, e eles não gostam deste som. Então desta vez eles fizeram sua demonstração para nós. Eles estão nos dizendo, nós temos Sacco e Vanzetti, e vocês – vocês que falam tanto sobre trabalho organizado e sobre a força do trabalho organizado, vocês podem gritar e berrar e protestar e se contorcer e chorar e choramingar, e não vai adiantar nem um pouco. Gritem o quanto quiserem! Hoje à noite Sacco e Vanzetti irão morrer, e uma lição será ensinada. Simples. Indisfarçada’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1790-1799.

<sup>808</sup> “‘Havia outros, entretanto, que não ficaram paralisados, que conseguiram pôr de lado sua própria relutância e que deram um passo à frente e tomaram seus lugares no piquete. ‘Olhe e contemple’, alguns deles disseram a si mesmos. ‘Eu descobri uma nova arma que eu nunca havia sonhado! Uma boa e forte arma que eu posso usar tão bem quanto outras!’ Eles alinharam os ombros com pessoas que nunca haviam visto antes, e uma corrente de força fluía de um ombro a outro’”. Tradução minha. Ibid., pos. 1116-1125.



movement that stretched over the entire earth. New thoughts formed in their minds, and new emotions surged through them; their hearts beat faster; they knew sorrow in a way they had not known it before, and plain anger within them was turned into protest<sup>809</sup>.

Neste contexto, diversos personagens já demonstraram, individualmente, ao longo das citações de que nos utilizamos neste trabalho, esta perspectiva de solidariedade, que trazia implícita a ideia de um alinhamento entre seus destinos, a consciência de que a supressão de seus direitos afetava e dizia respeito a todos. No entanto, cabe citarmos aqui ainda, a título de exemplo desta postura, alguns casos, como o do trabalhador negro não nomeado, empregado como varredor em uma indústria têxtil de Providence, que participou de um dos protestos:

He had never combed through the evidence in the case, but now and again he would read something that either Sacco or Vanzetti had said, or something else that was part of their backgrounds or which illuminated a part of their backgrounds; and reading this, he would understand, also in a simple and uncomplicated manner, that these two accursed men could not commit a crime, but were plain and ordinary working people like himself<sup>810</sup>.

Também o personagem do Professor de Direito, que por outras vezes já intuiu a sua conexão de solidariedade com os dois condenados, desenvolve explicitamente esta consciência ao longo da narrativa:

He realized that he, like so many in Boston on this particular Monday, had identified himself subjectively with Sacco and Vanzetti; and therefore when he considered how the passage of time must seem to them, a cold chill of fear came over him, and suddenly he was inside of two men, looking out of the windows of their eyes and sharing with them the dreadful apprehension of approaching death. He felt his heart race and pound with fear in response to this exercise of imagination; and he understood that he, like so many others, would die over and over again on this summer day, experiencing, time without end, the agony of the shoemaker and the fish peddler<sup>811</sup>.

---

<sup>809</sup> “As placas se tornaram armas; eles estavam armados e tinham a sensação, implícita se não totalmente definida, de que neste simples, quase comum, ato de marchar juntos em protesto com seus companheiros homens e mulheres, eles haviam se unido a um poderoso movimento que se estendia ao redor de toda terra. Novos pensamentos se formavam em suas mentes e novas emoções emergiam neles; seus corações batiam mais rápido; eles conheceram a tristeza de uma forma que não conheciam antes, e a raiva pura dentro deles havia se transformado em protesto”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1125-1133.

<sup>810</sup> “Ele nunca havia examinado a fundo as evidências do caso, mas de vez em quando ele lia algo que ou Sacco ou Vanzetti havia dito, ou algo que fazia parte de suas origens ou que iluminava parte de suas origens; e ao ler isto, ele entendia, também de maneira simples e descomplicada, que estes dois homens amaldiçoados não poderiam cometer um crime, mas eram trabalhadores simples e comuns como ele próprio”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1141.

<sup>811</sup> “Ele percebeu que ele, como tantos em Boston nesta segunda-feira particular, havia se identificado subjetivamente com Sacco e Vanzetti; e, portanto, quando ele considerava como a passagem do tempo devia parecer a eles, um frio arrepio de medo tomava conta dele, e de repente ele estava dentro dos dois homens, olhando através da janela de seus olhos e compartilhando com eles a terrível apreensão da morte que se aproximava. Ele sentiu seu coração acelerar e bater com medo em resposta a este exercício de imaginação; e ele entendeu que ele, como tantos outros, iria morrer repetidamente neste dia de verão, experienciando, vezes sem fim, a agonia do sapateiro e do vendedor de peixes”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1434-1443.

Ademais, ao acompanhar o Advogado de Defesa em sua visita à prisão, o narrador nos apresenta a reflexão do Professor quando se depara com o funesto cenário da penitenciária:

They came up to the grim, octagonal walls of the prison, and for the first time, the Professor caught a glimpse of a further reality, and had insight into the profound meaning of John Donne's<sup>812</sup> somber warning, '-never send to know for whom the bell tolls; it tolls for thee'. He was going to his own death, for he was connected with the doomed men, his soul tied to theirs, his memory collective with theirs, his needs as theirs"<sup>813</sup>.

Um personagem de origem italiana, líder sindical do setor de construção civil, durante uma reunião com outros representantes de trabalhadores que ocorria em meio aos protestos em Nova York, também afirma, de forma bastante simples, o mesmo sentimento de comunhão com o sofrimento de Sacco e Vanzetti: “‘But (...) suppose everything we try, it fails, and then Sacco and Vanzetti die? My heart will hurt, I think. Maybe not so much as the suffering of Sacco's wife, of his children, but still you can be sure I suffer’”<sup>814</sup>.

Finalmente, o próprio Vanzetti, ao tentar confortar Madeiros na prisão, diante da sua pergunta se ele acreditava que as pessoas possuíam alma, reafirma justamente esta união, a unidade, a solidariedade entre os trabalhadores, os excluídos e os oprimidos de toda humanidade:

‘(...) very often, those who talk most of God, treat their own fellow men as if God was an impossibility. The way they treat man, he has no soul, for their very treatment of him is proof of that. But just think of how the three of us here are bound together, and in what kind of a compact. Here we are, yourself, Madeiros, who grew up in all the bitter misery of the streets and the alleys of Providence. You were a thief and you killed men. And here alongside of you is Sacco, who is the best man I have ever known, a good shoemaker, a good worker. And I, Vanzetti, who tried to be a leader for my fellow workers. You would think that we are three very different people, but when you come down to it, depend upon it, we are as alike as three peas in a pod. We have a soul which joins us together and then joins itself with millions – and when we die, there will be a stab in the heart of all mankind, and such a spasm of pain that I weep to think of it. In that way, no one ever dies’<sup>815</sup>.

---

<sup>812</sup> John Donne (1572-1631) foi um religioso e poeta metafísico britânico, conhecido por seu verso “And therefore never send to know for whom the bell tolls; it tolls for thee” (“E portanto nunca procure saber por quem os sinos dobram; eles dobram por ti”), que alude à prática do toque dos sinos das igrejas para comunicar um falecimento e à interconexão entre as vidas humanas – e que inspirou o título do célebre romance de Hemingway, *For Whom the Bell Tolls* (1940).

<sup>813</sup> “Eles chegaram aos sinistros muros octogonais da prisão e, pela primeira vez, o Professor vislumbrou uma realidade mais profunda, e refletiu sobre o profundo significado do sombrio aviso de John Donne, ‘-nunca procure saber por quem os sinos dobram; eles dobram por ti’. Ele estava indo para sua própria morte, pois eles estava conectado aos homens condenados, sua alma unida a deles, sua memória coletiva com a deles, suas necessidades com as deles”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 2206.

<sup>814</sup> “‘ Mas (...) suponha que tudo que tentemos falhe, e então Sacco e Vanzetti morrem? Meu coração irá doer, eu acho. Talvez não tanto quando o sofrimento da esposa de Sacco, ou seus filhos, mas ainda assim vocês podem ter certeza que eu sofrerei’”. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 1825.

<sup>815</sup> “‘(...) muito frequentemente, aqueles que mais falam de Deus tratam seus próprios semelhantes como se Deus fosse uma impossibilidade. Da maneira como eles tratam o homem, ele não tem alma, pois seu próprio tratamento é prova disto. Mas apenas pense como os três de nós aqui estamos unidos, e que forma de união. Aqui

Em resumo, quanto aos valores essenciais da democracia americana, *The Passion of Sacco and Vanzetti* deixa muito subentendido – e algumas vezes apontado explicitamente – o envolvimento, sobretudo, do ideal de liberdade de consciência, do livre de pensamento político-ideológico, no caso da condenação eminentemente política dos dois anarquistas italianos. Para além disso, é impossível ignorarmos a forte presença da questão de continuidade do sofrimento e da luta histórica das classes inferiores, já presente em alguma medida nas obras anteriormente analisadas, e da manifestação de uma solidariedade entre os trabalhadores, uma dimensão universalista, entendendo a injustiça e a supressão de direitos sofridas por Sacco e Vanzetti como um ataque direto aos direitos e princípios democráticos coletivos. Ambos estes elementos estão, na narrativa do romance, fortemente imbuídos tanto de sentidos e de uma terminologia vinculados à religiosidade judaico-cristã, manifesto desde o próprio título da obra, quanto da noção de luta de classes e do ideário derivado da teoria marxista.

Em conclusão, ao longo deste capítulo, procuramos analisar os sentidos envolvidos nas reivindicações presentes nos romances *The Last Frontier*, *Freedom Road* e *The Passion of Sacco and Vanzetti*, no que se refere aos valores fundacionais da nação americana. Efetivamente, cada uma delas aborda alguns, à sua medida, aspectos e nuances dos ideais americanistas: a luta indígena por liberdade; a luta dos negros por sua inserção na democracia americana, pela plena cidadania e pelos reais sentidos de sua liberdade; e a luta popular pelo direito à liberdade de consciência que era negada a Sacco e Vanzetti. Tomadas em conjunto, estas questões nos proporcionam um panorama de como Fast enxergava estas questões a seu tempo. De fato, podemos dizer que para ele, a constituição dos Estados Unidos enquanto nação havia sido eminentemente marcada por uma democracia incompleta, cujos direitos e valores se aplicavam somente para uma minoria, de modo que a história americana havia sido igualmente uma história de luta por liberdade, democracia igualitária e acesso a plenos direitos cidadãos. Neste sentido, a análise dos romances históricos que compõem nosso recorte de estudo é capaz de nos revelar, também, determinada leitura de Fast a respeito da

---

estamos nós, você, Madeiros, que crescem em toda amarga miséria das ruas e becos de Providence. Você era um ladrão e você matou homens. E aqui ao seu lado está Sacco, que é o melhor homem que eu já conheci, um bom sapateiro, um bom trabalhador. E eu, Vanzetti, que tentei ser um líder para meus companheiros trabalhadores. Você poderia pensar que nós somos três pessoas muito diferentes, mas no fim das contas, nós somos semelhantes como três ervilhas em uma vagem. Nós temos uma alma que nos une e então se conecta a milhões – e quando nós morrermos, haverá uma punhalada no coração de toda humanidade e tal espasmo de dor que choro só de pensar. Neste sentido, ninguém nunca morre”’. Tradução minha. *Ibid.*, pos. 2515.

democracia americana, de seus sentidos, de sua abrangência, de seu desenvolvimento histórico.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“You must have seen a lot, young fellow, a lot of terrible things,” he rejoined, but I said nothing. “Still,” he continued, “the main thing is that it’s over, in the past,” (...).*

Imre Kertész<sup>816</sup>

*It does not seem to me, Austerlitz added, that we understand the laws governing the return of the past, but I feel more and more as if time did not exist at all, only various spaces interlocking according to the rules of a higher form of stereometry, between which the living and the dead can move back and forth as they like (...).*

W.G. Sebald<sup>817</sup>

*In Wahrheit gehört die Geschichte nicht uns, sondern wir gehören ihr.*

Hans-Georg Gadamer<sup>818</sup>

Ao chegarmos, neste momento, à parte final do percurso intelectual e literário que aqui nos propomos a empreender, podemos tecer algumas considerações a título de conclusão. Procuramos demonstrar ao longo de nossa análise transversal dos romances *The Last Frontier*, *Freedom Road* e *The Passion of Sacco and Vanzetti* o modo como, por meio de sua literatura histórica, o escritor norte-americano Howard Fast buscava recuperar e chamar atenção para determinados episódios e períodos históricos obscurecidos, suprimidos ou relegados ao esquecimento por parte da narrativa histórica oficial dos Estados Unidos.

Com temáticas situadas entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, as obras retratam períodos e episódios cruciais do processo de constituição dos Estados Unidos enquanto nação e sua consolidação como potência mundial e, através delas, Fast problematizava, de modo consideravelmente precursor, algumas das concepções dominantes da sociedade americana acerca de seu passado. Uma nação que vilanizava os povos indígenas e exaltava os intrépidos *cowboys* e soldados da cavalaria que conquistaram a

<sup>816</sup> “‘Você deve ter visto muito, meu jovem, muitas coisas terríveis’, ele redarguiu, mas eu não disse nada. ‘Ainda assim’, ele continuou, ‘o principal é que acabou, está no passado’ (...).” Tradução minha. KERTÉSZ, Imre. *Fatelessness*. New York: Random House, 2004, p. 185.

<sup>817</sup> “‘Não me parece, acrescentou Austerlitz, que compreendamos as leis que regem o retorno do passado, mas eu sinto mais e mais como se o tempo não existisse, somente vários espaços interligados de acordo com as regras de uma forma mais elevada de estereometria, entre os quais os vivos e os mortos podem ir e vir como quiserem (...).” Tradução minha. SEBALD, Winfried Georg. *Austerlitz*. New York: Random House, 2001, p. 136.

<sup>818</sup> “‘Na verdade, a história não nos pertence, mas nós pertencemos a ela’”. GADAMER, Hans-Georg. *Wahrheit und Methode*. Vol 1. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1990, p. 281. Apud. RUNIA, Eelco. *Moved by the Past*. Discontinuity and Historical Mutation. New York: Columbia University Press, 2014, p. xxi.

fronteira Oeste, em nome do progresso e da civilização; que validava ou era conivente com interpretações historiográficas racistas sobre a era da Reconstrução, as quais reproduziam e reforçavam a lógica do racismo e da segregação no país; que ainda estereotipava e discriminava os imigrantes e seus descendentes – inclusive através do antissemitismo vivenciado pelo próprio autor – e perseguia politicamente os movimentos de trabalhadores e ideologias de esquerda que lutavam pela superação das desigualdades sociais e pelo fim da exploração desenfreada do trabalho, dentro de uma atmosfera de anticomunismo: a esta nação, Fast propunha uma outra concepção acerca de seu passado.

Em um momento onde ainda estavam por despontar mais fortemente nos Estados Unidos movimentos sociais em favor dos direitos civis das populações marginalizadas, Fast apresentava a seu leitor um passado no qual os povos indígenas haviam lutado e foram massacrados pelo seu direito à terra, pelo exercício de sua liberdade; um passado no qual a população negra do Sul havia reivindicado acesso a direitos políticos, à educação e à propriedade de terra, que consideravam a expressão de sua recém-conquistada liberdade, de sua cidadania e de sua efetiva inserção na democracia americana; um passado, nem tão distante, onde membros de minorias imigrantes eram executados pelo Estado, mais devido a suas crenças políticas radicais do que por quaisquer crimes que tenham cometido. A partir destes retratos de eventos passados, feitos por Fast nas obras analisadas, procuramos entrever, em perspectiva comparada, que sentidos mais amplos eles definiam sobre o passado norte-americano.

Efetivamente, a leitura que aqui conduzimos nos permitiu discernir três grandes motes que norteavam a concepção de Fast acerca da história dos Estados Unidos. Conforme argumentamos nos capítulos mais propriamente analíticos deste trabalho, para ele, a história americana era uma história fundamentalmente perpassada, ao mesmo tempo, pela luta de grupos sociais considerados minoritários por seus direitos sociais (terra, educação, direitos políticos e jurídicos); pela discriminação, opressão e violência contra estes grupos, praticadas muitas vezes pelo próprio Estado ou com sua conivência; pela defesa radical dos valores fundacionais da nação americana (liberdade, igualdade e democracia) por parte justamente destas minorias oprimidas. Estes três elementos constituíam, para Fast, traços definidores da história americana, de modo que podemos perceber aqui a elaboração, por parte de Fast, de uma ideia geral sobre o sentido da história americana.

Este conjunto de significados estava ainda relacionado a uma concepção de que, ao longo de sua história, coexistiram conflituosamente nos Estados Unidos duas tradições, duas concepções antagônicas de americanidade: uma progressista, democrática, libertária e igualitária; e outra conservadora, excludente, opressiva e violenta – noção notadamente expressa em seu artigo *One Man's Heritage*<sup>819</sup>. Neste sentido, Fast enquadrava estes episódios de lutas, resistências e tragédias nos termos deste conflito mais amplo que atravessava a história americana, alinhando a si mesmo, seu posicionamento político e o movimento comunista, do qual passou a fazer parte entre 1943 e 1957, à mais elevada tradição democrática nacional. Em outras palavras, Fast postulava, de forma assertiva, que o radicalismo era tão parte da tradição americana quanto o conservadorismo, mesmo que este a reivindicasse exclusivamente para si.

Por sua vez, também, em um âmbito mais ampliado, os significados a respeito do passado nacional evocados nos romances analisados exprimiam uma ideia acerca do sentido do processo da história humana em geral. Esta estava centrada, a partir de uma premissa teórica marxista, na ideia de continuidade temporal da luta pela libertação do homem e de seu trabalho, perspectiva que interconectava passado, presente e futuro em um todo orgânico e com sentido determinado – rumo à emancipação definitiva promovida pelo advento da sociedade comunista.

Todas estas concepções se articulavam a uma série de pressupostos e influências teóricas que pautavam o pensamento político-literário de Fast e que estavam interrelacionadas, coexistindo de forma não conflitante, mas complementar e por vezes justaposta, ainda que em permanente tensão. Examinadas a fundo no primeiro capítulo e posteriormente indicadas e amplamente demonstradas no decorrer de nossa argumentação, estas correspondiam: ao efetivo comprometimento de Fast com o arcabouço teórico da teoria marxista, ao movimento comunista e à vertente literária do realismo soviético; à consequente perspectiva humanista que colocava no centro da história o homem, seu trabalho e suas relações políticas; à também consequente e já referida noção temporal de continuidade; ao seu comprometimento em igual medida com os ideais americanistas de liberdade e democracia; ao seu posicionamento político veementemente antifascista; e à sua identidade cultural judaica que se expressava pela sua associação a uma tradição de radicalismo secular.

---

<sup>819</sup> FAST, Howard. "One Man's Heritage". In: *New Masses*, vol. 65, n. 1, 30/09/1947, p. 6-7.

Estas conclusões, que procuramos fundamentar argumentativa e analiticamente ao longo dos capítulos do presente trabalho, podem nos levar a refletir por diversos caminhos, a partir de diferentes aportes historiográficos. Um deles está relacionado à questão das chamadas experiências do tempo, que efetivamente nos chama bastante atenção ao longo de nossa análise.

De fato, podemos recobrar aqui os conceitos de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, celeberramente desenvolvidos por Koselleck como categorias adequadas para se pensar o tempo histórico, na medida que entrelaçam as dimensões de passado e futuro<sup>820</sup>; bem como a ideia de regimes de historicidade, cunhada por Hartog como ferramenta para buscar compreender as maneiras como uma sociedade lida com seu passado<sup>821</sup>. Mais do que procurarmos enquadrar mecanicamente a obra de Fast dentro destes postulados teóricos, tais aportes nos instigam a refletir sobre a relação das pessoas (e de seus textos) com a temporalidade: de que modo o tempo é percebido; como são entendidas as relações temporais cultural, social e político de uma sociedade. Neste sentido, é interessante pensarmos que determinada ordem do tempo está presente nas obras de Fast e as influencia de modo fundamental; que seus romances articulam um espaço de experiências históricas a um horizonte de expectativas futuras. Como vimos, suas obras, tomadas em conjunto, expressam a ideia de uma continuidade de sentido entre os acontecimentos passados ao longo da história – unidos pelo fator comum da opressão a determinados grupos sociais e da sua resistência – ao mesmo tempo em que são orientadas por um ideal de progressista de futuro, relacionado ao advento de uma sociedade que extinguiria as injustiças e desigualdades sociais.

Em sentido diverso, podemos recuperar também a noção de *prosthetic memory* de Alison Landsberg<sup>822</sup>, a qual já nos reportamos ao longo do trabalho. “Memórias protéticas” referem-se àquelas derivadas de fora da experiência imediata de uma pessoa, mas que, circulando publicamente, são adotadas por ela, sendo capazes de produzir uma relação de empatia que favorece o estabelecimento de uma conexão política com indivíduos de outras origens sociais, étnicas e raciais. Conforme argumentamos, esta ideia parece se aplicar bem para analisarmos a literatura histórica de Fast, visto que seus romances tematizam eventos

---

<sup>820</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

<sup>821</sup> HARTOG, François. *Regimes de Historicidade*. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

<sup>822</sup> LANDSBERG, Alison. *Prosthetic Memory*. The Transformation of American Remembrance in the Age of Mass Culture. New York: Columbia University Press, 2004, p. 25-26, 149.



históricos não vivenciados por ele ou por seu próprio grupo social, favorecendo o estímulo ao ideal de solidariedade política.

Podemos ainda refletir sobre as considerações tecidas ao longo deste trabalho a partir da ideia de estratégias discursivas, proposta por Teun Van Dijk<sup>823</sup>. A teoria da análise crítica de discurso de Van Dijk está interessada em compreender os mecanismos discursivos de reprodução da dominação. No entanto, é possível também utilizá-la para pensar sobre as tentativas de desarticulação deste discurso a partir de tal categoria: é deste modo que podemos compreender os elementos narrativos das obras de Fast aqui analisados dentro da ideia de estratégia discursiva. De fato, podemos encarar a exposição das situações de exclusão, discriminação, exploração e violência nos Estados Unidos e da existência de uma ativa oposição e resistência democrática a elas ao longo da história americana como efetivas estratégias discursivas presentes em seus romances, justamente para romper, inverter, combater o discurso de reprodução da dominação<sup>824</sup>. Efetivamente, as obras de Fast representavam um contraponto ao discurso histórico hegemônico da sociedade de seu tempo, o qual estava calcado em posições eminentemente excludentes e racistas; se difundia por meio de artefatos culturais, como filmes e obras literárias, e por meio de vertentes da historiografia profissional; e constituía pilar fundamental das estruturas discursivas que conduziam o processo de reprodução da dominação. Ao propor novas concepções e interpretações sobre o passado nacional, que se opunham radicalmente a este discurso hegemônico, ao mesmo tempo em que fazia uso dele para desvelar seu caráter preconceituoso e opressor, Fast buscava justamente fazer com que sua literatura constituísse uma arma, no campo discursivo, na luta para romper com a lógica da dominação.

Cabe fazermos a ressalva de que este se trata de um estudo sobre a emissão de um discurso específico acerca da história, não sobre sua recepção. A partir das fontes de pesquisa que adotamos, não nos é possível tecer afirmações a respeito do alcance da recepção e circulação das obras de Fast e das ideias que carregam. Não obstante, acreditamos que a análise que aqui empreendemos é significativa para pensarmos a respeito da produção de narrativas acerca da história e das disputas discursivas que se travavam na sociedade americana daquele tempo.

---

<sup>823</sup> VAN DIJK, Teun A. "Principles of critical discourse analysis". In: *Discourse and Society*, vol. 4, n. 2, Abril de 1993, p. 249-283.

<sup>824</sup> *Ibid.*, p. 260-264.

Em linhas gerais, podemos dizer a literatura de Howard Fast na primeira fase de sua carreira, conforme analisamos ao longo deste trabalho, se aproxima em alguns pontos às discussões mais recentes sobre história pública. De fato, como vimos, Fast recordava a seu público leitor que a história americana havia sido fundamentalmente perpassada por lutas de minorias sociais por direitos democráticos igualitários, que foram violentamente reprimidas. Neste sentido, suas obras pontuavam questionamentos acerca do que fazer, enquanto sociedade, com a memória e as consequências deste passado nacional de violência, discriminação e preconceito contra grupos sociais minoritários: O que fazer com o genocídio indígena? O que fazer com a história da escravidão e de discriminação racial? O que fazer com a história de perseguição política às minorias no país? O que fazer com a história de exclusão e marginalização destas populações justamente em uma nação que se propunha a ser o grande bastião da democracia e da liberdade no mundo ocidental? – questões que ainda hoje seguem latentes na sociedade americana.

Diante do exposto nestas breves pontuações, vemos como as análises tecidas ao longo do presente esforço de pesquisa podem abrir caminhos para diversas reflexões a respeito de Howard Fast, seu pensamento, sua obra, o momento em que escreveu e, por correspondência, a outros casos nos quais a literatura tenha lidado com contextos históricos. Antes, porém, de efetivamente encerrarmos o percurso que aqui nos propomos a empreender, queremos ainda nos referir a algumas compreensões apresentadas desde a introdução que permanecem no cerne do presente trabalho; e procuraremos fazer isto a partir das epígrafes que encabeçam estas considerações finais.

Tanto o excerto de *Fatelessness* do escritor húngaro Imre Kertész, quanto o trecho do célebre *Austerlitz* de W.G. Sebald – o primeiro à inversão, pelo negativo, e o segundo diretamente – nos remetem à ideia do “passado que não passou”, de eventos históricos que ainda têm permanência no presente. De fato, como coloca o próprio personagem de Austerlitz, o passado não constitui uma categoria estanque, já resolvida, sob a qual não mais temos ingerência; mas, ao contrário, é constantemente aludido, referido, reinterpretado, reencenado, renarrado; de modo que há um contínuo trânsito entre passado e presente. E, conforme argumentamos aqui, não raro a literatura constitui um canal privilegiado para se acessar o passado e conectar-se com ele.

Efetivamente, no âmago do presente trabalho está a fundamental asserção de que a literatura é uma forma pertinente, válida e eficaz de representação do passado – capaz de

transmitir determinada interpretação sobre a história ao leitor e incentivar a criação de um senso de identificação para com este passado. Tal posição deriva, como indicamos na introdução deste trabalho, dos (nem tão) recentes aportes narrativistas na historiografia, particularmente a partir da obra de Hayden White. De fato, fundamental para a presente argumentação é o entendimento expresso por White em *Trópicos do Discurso* de que, se por um lado a escrita da história possui uma necessária dimensão narrativa e ficcional, por outro, a literatura possui validade e legitimidade como uma representação do passado em si mesma<sup>825</sup>. Neste sentido, não limitada pelas regras disciplinares da historiografia profissional, a literatura é capaz de representar o passado a partir de um registro de verdade não estritamente factual, mas contextual – o qual frequentemente possui um impacto e uma permeabilidade pública maior do que os escritos historiográficos.

Além disso, cabe reiterarmos ainda a literatura como sendo capaz de recuperar, como possibilidades imaginadas, a indeterminância do tempo passado, como bem colocou Richard Slotkin<sup>826</sup>; ou capaz de visibilizar grupos sociais e eventos históricos de novas formas, contribuindo para manter abertos os horizontes históricos, como indicou Ann Rigney<sup>827</sup>. Estas propriedades da escrita literária nos permitem entrever seu caráter intrinsecamente progressista, na medida em que não apenas as diversas alternativas políticas, sociais e culturais das épocas passadas são passíveis de serem recuperadas, mas também se abre caminho para que, de modo semelhante, se considerem novas possibilidades para o próprio tempo do escritor e do leitor – e nos parece essencial mantermos esta questão em vista ao analisarmos uma obra literária politicamente engajada como a de Fast.

Em sentido semelhante, podemos refletir sobre a capacidade da literatura em contribuir para a conformação de identidades culturais e políticas, na medida que, aproximando seu leitor destes passados possíveis e imaginados – talvez, anteriormente, negligenciados, suprimidos ou distorcidos, pelas narrativas históricas oficiais – ela o permite identificar-se com eles e escolhê-los como parte de sua herança político-cultural. É relacionado a esta premissa que optamos por citar em epígrafe a máxima de Gadamer, segundo a qual, “a história não nos pertence, mas nós pertencemos a história”. Ousamos, contudo, discordar em parte desta asserção categórica de Gadamer e afirmar que sim, como

<sup>825</sup> WHITE, Hayden. “As ficções da representação factual”. In: *Trópicos do Discurso*. Ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 2014, p. 138.

<sup>826</sup> SLOTKIN, Richard. “Fiction for the Purposes of History”. In: *Rethinking History*, vol. 9, n. 2/3, Junho/Setembro de 2005, p. 231.

<sup>827</sup> RIGNEY, Ann. “Being an Improper Historian”. In: JENKINS, Keith; MORGAN, Sue; MUNSLOW, Alun (org.). *Manifestos for History*. New York: Routledge, 2007, p. 151, 155.

agentes sociais e em um sentido filosófico mais amplo, nós pertencemos à história; mas, por outro lado, em alguma medida também a história nos pertence, no sentido existencialista proposto por White, de que podemos escolher nossos passados, para conformar nossa identidade política. E, como vimos, entendemos que a literatura constitui uma via legítima de acesso ao passado e a interpretações a respeito dele, capaz de produzir uma vívida identificação de seu leitor para com ele.

Enfim, parece-nos apropriado concluirmos este esforço de pesquisa com estas considerações sobre o papel e a importância da literatura enquanto representação do passado. Como bem colocou Martin Davies, cabe recordarmos que a construção social de uma consciência histórica não é prerrogativa exclusiva do historiador. Ao contrário, concepções sobre o passado circulam livremente na esfera pública, veiculadas por uma ampla gama de produtos culturais, que se encontram, hoje e cada vez mais, em constante expansão; e que frequentemente possuem um maior alcance em comparação ao discurso historiográfico. Isto é dizer, em suma, que a história é uma forma social de conhecimento<sup>828</sup>. Dessa forma, parece-nos premente criticarmos e rompermos com uma lógica exclusivista – legado da história-ciência do século XIX, mas ainda presente na historiografia disciplinar contemporânea – segundo a qual a história é uma disciplina autocentrada e autossuficiente, e o historiador é a única voz autorizada para falar sobre o passado<sup>829</sup>.

Neste sentido, pretendemos que o presente trabalho possa reforçar a ideia, que já há algum tempo vem sendo defendida, de que a literatura, assim como outros artefatos culturais que articulem um discurso ético e esteticamente responsável sobre o passado, têm sim validade, legitimidade e importância enquanto representação histórica, além de serem fontes de profícuas reflexões ao historiador. Atentarmos para as variadas formas como os indivíduos lidaram (e ainda lidam) com seus passados continua a ser atividade fundamental ao ofício do historiador, e pode contribuir para refletirmos, hoje, sobre como compreensões sociais e coletivas a respeito do passado são construídas, circulam, se modificam – e mesmo sobre o próprio papel do historiador diante delas.

---

<sup>828</sup> DAVIES, Martin L. *Historics*. Why History Dominates Contemporary Society. New York: Routledge, 2006, p. 1.

<sup>829</sup> DAVIES, Martin L. *Imprisoned by History*. Aspects of Historicized Life. New York: Routledge, 2010, p. 128-136.

## REFERÊNCIAS

- ANKERSMIT, Frank. *Narrative Logic. A Semantic Analysis of the Historian's Language*. Den Haag: Martinus Nijhoff Publishers, 1983.
- ÁVILA, Arthur Lima de. *E da Fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- BAKER, Bruce E.; KELLY, Brian (org.). *After Slavery. Race, Labor and Citizenship in Reconstruction South*. Gainesville: University Press of Florida, 2013.
- BALDWIN, James A. *No Name in the Street*. New York: Vintage International, 2007.
- BENEDETTI, Mario. *Nuevo Rincón de Haikus*. Madrid: Visor Libros, 2008.
- BEVERNAGE, Berber, “The Past is Evil/Evil is Past: on Retrospective Politics, Philosophy of History, and Temporal Manichaeism”. In: *History and Theory*, vol. 54, n. 3. Middletown: Wesleyan University, 2015, p. 333-352.
- BEVERNAGE, Berber; LORENZ, Chris. “Breaking Up Time. Negotiating the Borders between Present, Past and Future”. In: *Storia della Storiografia*, vol. 63, n. 1. Pisa: Fabrizio Serra Editore, 2013, p. 31-50.
- BRINKLEY, Alan. *The Unfinished Nation. A Concise History of the American People*. New York: McGraw-Hill, 2010.
- BUHLE, Mari Jo; BUHLE, Paul; GEORGAKAS, Dan (org.). *Encyclopedia of the American Left*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- CAMEJO, Peter. *Racism, Revolution, Reaction 1861-1877. The Rise and Fall of Radical Reconstruction*. New York: Pathfinder, 2001.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade. Estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- CERTEAU, Michel de. *Heterologies: Discourse on the Other*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.
- CHIEL, Arthur A. “Sinclair Lewis – a Pro-Jewish Stance” In: *American Jewish Historical Quarterly*, vol. 64, n. 3, março de 1975. Baltimore: Johns Hopkins University Press, p. 258-267.
- CORNELL, Stephen. *The Return of the Native. American Indian Political Resurgence*. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- DAVIES, Martin L. *Historics. Why History Dominates Contemporary Society*. New York: Routledge, 2006.

DAVIES, Martin L. *Imprisoned by History*. Aspects of Historicized Life. New York: Routledge, 2010.

DE SANTIS, Christopher. “‘The Thing Indefinable and Unconquerable’: Howard Fast’s Experiment in Democracy”. In: *Journal of American Culture*, v. 22, n. 1, 1999. p. 1-7.

DEERY, Phillip. *Red Apple*. Communism and McCarthyism in Cold War New York. New York: Fordham University Press, 2014.

DEERY, Phillip. “The Geography of the Blacklist: The Case of Howard Fast”. In: *American Communist History*, vol. 10, n. 3, 2011, p. 229-261.

DEKKER, George. *The American Historical Romance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

DJAGALOV, Rossen. “‘I Don’t Boast About It, but I’m the Most Widely Read Author of This Century’: Howard Fast and International Leftist Literary Culture, ca. Mid-Twentieth Century”. In: *Anthropology of East Europe Review*, vol. 27, n. 2, 2009, p. 40-55.

DINNERSTEIN, Leonard; REIMERS, David M. *Ethnic Americans*. A History of Immigration. New York: Columbia University Press, 1999.

DOS PASSOS, John. *U.S.A.* New York: Random House, 2011.

DU BOIS, William Edward Burghardt. *Black Reconstruction in America*. Piscataway: Transaction Publishers, 2013.

DUBOFSKY, Melvyn; DULLES, Foster Rhea. *Labor in America*. A History. Wheeling: Harlan Davidson, 2010.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FAST, Howard. “American Literature and the Democratic Tradition”. In: *College English*, vol. 8, n. 6, Março/1947, p. 279-284. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/370718>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. “An Open Letter to the American People”. In: *Masses & Mainstream*, vol. 1, n. 5, Julho/1948, contracapa. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/openlet.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. *April Morning*. New York: Open Road Teen & Tween, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

FAST, Howard. “Art and Politics” In: *New Masses*, vol. 58, n. 9, 26/02/1946, p. 6-8. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/artpol.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994.

FAST, Howard. *Clarkton*. New York: Open Road Integrated Media, 2011. [Ed. Kindle da Amazon].

FAST, Howard. *Conceived in Liberty*. A novel of Valley Forge. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

FAST, Howard. “Four Brothers and You”. In: *New Masses*, vol. 59, n. 1, 02/04/1946, p. 6-7. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/plots/t481.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. “Freedom of Speech for Fascists?”. In: *New Masses*, 11/01/1944, p. 18. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/plots/t468.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. *Freedom Road*. A new edition with primary documents and introduction by Eric Foner. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon]. Tradução brasileira: *O Caminho para a Liberdade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947.

FAST, Howard. “History in Fiction”. In: *New Masses*, 18/01/1944, p. 7-9. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/plots/t469.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. “Howard Fast: On Going to Prison”. In: *Daily Worker*, 05/06/1950. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/plots/t633.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. *Literature and Reality*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

FAST, Howard. *Moses: the epic story of his rebellion in the court of Egypt*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon]. Tradução brasileira: *Moisés, Príncipe do Egito*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1960.

FAST, Howard. *My Glorious Brothers*. New York: Simon & Schuster, 2003. Tradução brasileira: *Os Meus Gloriosos Irmãos*. São Paulo: Editora Beit M. Anilevitch, 1954.

FAST, Howard. “No Man Can Be Silent”. In: *New Masses*, vol. 62, n. 13, 25/03/1947, p. 12. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/plots/t403.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. “One Man’s Heritage”. In: *New Masses*, vol. 65, n. 1, 30/09/1947, p. 6-7. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/plots/t507.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. *Peekskill USA: Inside the Infamous 1949 Riots*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

FAST, Howard. *Place in the City*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

FAST, Howard. “Realism and the Soviet Novel”. In: *New Masses*, vol. 57, n. 11, 11/12/1945, p. 16. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/realism.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. “Reveille for Writers”. In: *New Masses*, vol. 59, n. 4, 23/04/1946, p. 3. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/plots/t480.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. "Save the Rosenbergs!". In: *Masses & Mainstream*, Abril/1952, p. 48-50. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/saverose.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. *Silas Timberman*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

FAST, Howard. *Spartacus*. New York: Bantam Books, 2000. Tradução Brasileira: *Espártaco*. São Paulo: Abril, 1981.

FAST, Howard. *Strange Yesterday*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

FAST, Howard. *Torquemada*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon]. Tradução Brasileira: *Torquemada*. Rio de Janeiro: Bloch, 1966.

FAST, Howard. "Toward People's Standards in Art". In: *New Masses*, vol. 59, n. 6, 07/05/1946, p. 16-18. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/art.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. *The American. A middle western legend*. New York: Open Road Integrated Media, 2011. [Ed. Kindle da Amazon].

FAST, Howard. *The Children*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

FAST, Howard. "The Disclaimer". In: *Daily Worker*, 28/05/1956. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/disclaim.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. *The Jews, Story of a People*. New York: Open Road Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

FAST, Howard. *The Last Frontier*. A new edition with a special introduction by the author. Armonk: M.E. Sharpe, 1997 [Ed. Kindle da Amazon]. Tradução brasileira: *Fronteira de Fogo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

FAST, Howard. "The Man and the Books". In: *Publisher on Trial: A Symposium. The Case of Alexander Trachtenberg*. New York: Committee to Defend Alexander Trachtenberg, 1952. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/tracht.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. *The Naked God: the Writer and the Communist Party*. New York: Open Road Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon]. Tradução brasileira: *O deus nu: o escritor e o partido comunista*. Rio de Janeiro: Saga, 1959.

FAST, Howard. "The Negro Finds His History". In: *New Masses*, vol. 55, n. 7, 15/05/1945, p. 17, 21. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/plots/t473.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. *The Passion of Sacco & Vanzetti. A New England Legend*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon]. Tradução brasileira: *Sacco & Vanzetti*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.



FAST, Howard. *The Selected Work of Tom Paine / Citizen Tom Paine*. New York: Random House, 1945.

FAST, Howard. *The Story of Lola Gregg*. New York: Open Road Integrated Media, 2011 [Ed. Kindle da Amazon].

FAST, Howard. *The Unvanquished*. New York: Bantam Books, 1967.

FAST, Howard. "The Way for a Nation". In: *Seventeen*, Julho/1946, p. 55. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/way.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. "Why the Fifth Amendment?". In: *Masses & Mainstream*, vol. 7, n. 2, Fevereiro/1954, p. 44-50. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/fifth.htm>. Acesso em março de 2017.

FAST, Howard. "Working Class Materials Challenge Creative Artists". In: *Daily Worker*, 02/09/1946, s/p. Disponível em: <http://www.trussel.com/hf/plots/t610.htm>. Acesso em março de 2017.

FAULKNER, William. *Requiem for a Nun*. New York: HarperCollins, 2012.

FERREIRA, Antonio Celso. "A Narrativa Histórica na Prosa do Mundo". In: *Itinerários*, n. 15/16, 2000, p. 133-140.

FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. New York: W.W. Norton & Company, 2011.

FONER, Eric. *Reconstruction. America's Unfinished Revolution, 1863-1877*. New York: Harper Perennial, 2015.

FONER, Philip. *History of the Labor Movement in the United States*. 4 vols. New York: International Publishers, 1980.

FRANKFURTER, Felix. "The Case of Sacco and Vanzetti". In: *Atlantic Monthly*. Março, 1927. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1927/03/the-case-of-sacco-and-vanzetti/306625/>. Acesso em fevereiro de 2019.

FREITAS, Renata Dal Sasso. *Love of Country: Os Romances Históricos de James Fenimore Cooper sobre a Guerra de Independência dos Estados Unidos (1821-1824)*. Tese de Doutorado, UFRJ, 2012.

GINSBERG, Allen. *Howl and Other Poems*. San Francisco: City Lights Books, 1979.

HACHT, Anne Marie; HAYES, Dwayne D. (org.). *Gale Contextual Encyclopedia of American Literature*. 4 vols. Detroit: Gale, 2009.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade. Presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

HAYNES, John Earl; KLEHR, Harvey. *Venona: Decoding Soviet Espionage in America*. New Haven: Yale University Press, 2000.

HOBBSAWM, Eric. *História Social do Jazz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOIG, Stan. *The Cheyenne*. New York: Chelsea House, 2006.

IMBARRATO, Susan Clair et al (org.). *Encyclopedia of American Literature*. 1607 – To the Present. 4 vols. New York: Infobase Publishing, 2008.

JAMES, C. Vaughan. *Soviet Socialist Realism. Origins & Theory*. London: Palgrave Macmillan, 1973.

JENKINS, Keith; MORGAN, Sue; MUNSLOW, Alun (org.). *Manifestos for History*. New York: Routledge, 2007.

JOHNSON, Troy. *Red Power. The Native American Civil Rights Movement*. New York: Chelsea House, 2007.

KELLNER, Hans. “Reading Hayden White Reading”. *Storia della Storiografia*, vol. 65, n. 1. Pisa: Fabrizio Serra Editore, 2014, p. 77-88.

KERTÉSZ, Imre. *Fatelessness*. New York: Random House, 2004.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. Narrating the European Conquest of Native America, 1890-1990. Berkeley: University of California Press, 1997.

KLEIN, Rafael Belló. “A Literatura como Forma de Representação Histórica: o caso do escritor norte-americano Howard Fast”. In: *Em Perspectiva*, vol. 5, n. 1, maio de 2019, p. 302-325.

KLEIN, Rafael Belló. “‘I’m Spartacus!’: os usos do passado na narrativa literária e cinematográfica do *Spartacus* de Howard Fast e de Stanley Kubrick”. In: REBLIN, Iuri Andreas; REINKE, André Daniel; COSTA, Carolina Bittencourt da (org.). *Vamos falar de cultura pop?: Episódio 2: A mídia contra ataca*. Leopoldina: ASPAS, 2018, p. 125-139.

KLEIN, Rafael Belló. “O Caminho da Liberdade: Americanismo, Radicalismo e o Passado na Obra de Howard Fast”. In: *Comunicações do 3º Encontro Discente de História da UFRGS*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, p. 133-143.

KLEIN, Rafael Belló. “O Homem e os Livros: Os Princípios Norteadores da Literatura de Howard Fast”. In: *Fenômenos Culturais no Amálgama Social – Reunião de Artigos do I CIPCS*. Jaguarão: CLAEC, 2018, p. 1163-1176.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

KUUKKANEN, Jouni-Matti. *Postnarrativist Philosophy of Historiography*. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

LACAPRA, Dominick. *History and Reading*. Tocqueville, Foucault, French Studies. Toronto: University of Toronto Press, 2000.

LACAPRA, Dominick. *Rethinking Intellectual History: texts, contexts, language*. Ithaca: Cornell University Press, 1987.

LANDSBERG, Alison. *Prosthetic Memory*. The Transformation of American Remembrance in the Age of Mass Culture. New York: Columbia University Press, 2004.

LANGSTON HUGHES, James Mercer. *Selected Poems of Langston Hughes*. New York: Vintage Books, 1990.

LENS, Sidney. *A Fabricação do Império Americano*. Da Revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

LUKÁCS, György. *O Romance Histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MACDONALD, Andrew. *Howard Fast. A Critical Companion*. Westport: Greenwood Press, 1996.

MALERBA, Jurandir (org.). *História & Narrativa*. A Ciência e a Arte da Escrita Histórica. Petrópolis: Vozes, 2016.

MALTZ, Albert. "What Shall We Ask of Writers". In: *New Masses*, vol. 58, n. 7, 12/02/1946, p. 19-22.

MORRISON, Toni. *Beloved*. New York: Vintage Books, 2004.

MUNSLOW, Alun. *Deconstructing History*. New York: Routledge, 2006.

NAGEL, Joane. *American Indian Ethnic Renewal*. Red Power and the Resurgence of Identity and Culture. Oxford: Oxford University Press, 1997.

NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. *Breve História dos Estados Unidos*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986.

NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. The "Objectivity Question" and the American Historical Profession. New York: Cambridge University Press, 2005.

PARENTI, Michael. *Democracy for the Few*. Boston: Bedford/St. Martin, 2002.

RICOEUR, Paul. *História e Verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

- RIGNEY, Ann. *Imperfect Histories. The Elusive Past and the Legacy of Romantic Historicism*. Ithaca: Cornell University Press, 2001.
- ROBINSON, Alan. *Narrating the Past. Historiography, Memory and the Contemporary Novel*. London: Palgrave Macmillan, 2011.
- ROCKWELL, Stephen J. *Indian Affairs and the Administrative State in the Nineteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- RUNIA, Eelco. *Moved by the Past. Discontinuity and Historical Mutation*. New York: Columbia University Press, 2014.
- SANDBURG, Carl. *Chicago Poems*. New York: Henry Holt and Company, 1916.
- SEBALD, Winfried Georg. *Austerlitz*. New York: Random House, 2001.
- SHONE, Steve J. *American Anarchism*. Leiden: Brill, 2013.
- SLOTKIN, Richard. "Fiction for the Purposes of History". In: *Rethinking History*, vol. 9, n. 2/3, Junho/Setembro de 2005, p. 221-236.
- SLOTKIN, Richard. *The Fatal Environment. The Myth of the Frontier in the Age of Industrialization, 1800-1890*. Norman: University of Oklahoma Press, 1998.
- SMITH, John David; LOWERY, J. Vincent (org.). *The Dunning School. Historians, Race and the Meaning of Reconstruction*. Lexington: The University Press of Kentucky, 2013.
- SMITH, Sherry L. *Hippies, Indians and the Fight for Red Power*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- SORIN, Gerald. *Howard Fast: Life and Literature on the Left Lane*. Bloomington: University of Indiana Press, 2012.
- SOUTHGATE, Beverley. *History Meets Fiction*. New York: Routledge, 2014.
- STAMPP, Kenneth M. *The Era of Reconstruction, 1865-1877*. New York: Alfred A. Knopf, 1966.
- SVINGEN, Orlan. *The Northern Cheyenne Indian Reservation, 1877-1900*. Niwot: The University Press of Colorado, 1993.
- TEJADA, Susan. *In Search of Sacco and Vanzetti. Double Lives, Troubled Times and the Massachusetts Murder Case That Shook the World*. Boston: Northeastern University Press, 2012.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silencing the Past. Power and the Production of History*. Boston: Beacon Press, 2015.

TURNER, Frederick Jackson. "The Significance of the Frontier in American History". In: *History, Frontier and Section*. Three Essays by Frederick Jackson Turner. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1993, p. 59-91.

VACHEL LINDSAY, Nicholas. *General William Booth Enters into Heaven and Other Poems*. New York: Macmillan, 1916, p. 47. Disponível em: [https://en.wikisource.org/wiki/General\\_William\\_Booth\\_enters\\_into\\_Heaven,\\_and\\_other\\_poems](https://en.wikisource.org/wiki/General_William_Booth_enters_into_Heaven,_and_other_poems). Acesso em agosto de 2018.

VAN DIJK, Teun A. "Principles of critical discourse analysis". In: *Discourse and Society*, vol. 4, n. 2, Abril de 1993, p. 249-283.

VANDERVORT, Bruce. *Indian Wars of Mexico, Canada and the United States, 1812-1900*. New York: Routledge, 2006.

VARGAS LLOSA, Mario. *La Verdad de las Mentiras*. Madrid: Punto de Lectura, 2007.

VASCONCELOS, José Antonio. "A História e a Sedução da Narrativa". In: *Revista Uniandrade*, v.11, n. 2, Julho/Dezembro de 2010, p. 19-29.

WHITE, Hayden. "An Old Question Raised Again: Is Historiography Art or Science? (Response to Iggers)". In: *Rethinking History*, vol. 4, n. 3, 2000, p. 391-406.

WHITE, Hayden. *Meta-história. A Imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1992.

WHITE, Hayden. *The Content of the Form. Narrative Discourse and Historical Representation*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1987.

WHITE, Hayden. "The Practical Past". In: *Historiein*, v.10, 2010, p. 10-19.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso. Ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 2014.

WHITMAN, Walt. *Leaves of Grass*. New York: Barnes & Noble Classics, 2004.

YOUNG, William; KAISER, David E. *Postmortem: New Evidence in the Case of Sacco and Vanzetti*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1985.

ZIMMER, Kenyon. *Immigrants Against the State. Yiddish and Italian Anarchism in America*. Champaign: University of Illinois Press, 2015.

ZINN, Howard. *A People's History of the United States. 1942-Present*. New York: HarperCollins, 2003.

## ANEXO I – CRONOLOGIA BIBLIOGRÁFICA DE HOWARD FAST<sup>830</sup>

### Romances:

- 1933 – Two Valleys
- 1934 – Strange Yesterday
- 1937 – Place in the City
- 1939 – Conceived in Liberty
- 1941 – The Last Frontier
- 1942 – The Unvanquished
- 1943 – Citizen Tom Paine
- 1944 – Freedom Road
- 1946 – The American: a Middle Western Legend
- 1947 – Clarkton
- 1947 – The Children
- 1948 – My Glorious Brothers
- 1950 – The Proud and the Free
- 1951 – Spartacus
- 1953 – The Passion of Sacco and Vanzetti: a New England Legend
- 1954 – Silas Timberman
- 1956 – The Story of Lola Gregg
- 1958 – Moses, Prince of Egypt
- 1959 – The Winston Affair
- 1960 – The Golden River
- 1961 – April Morning
- 1962 – Power
- 1964 – Agrippa's Daughter
- 1966 – Torquemada
- 1971 – The Crossing
- 1972 – The Hessian
- 1977 – The Immigrants
- 1978 – Second Generation
- 1979 – The Establishment

---

<sup>830</sup> A presente listagem foi elaborada a partir do levantamento extensivo presente no site [https://www.trussel.com/f\\_how.htm](https://www.trussel.com/f_how.htm). Para uma relação de outros gêneros de publicações de Fast, como artigos, contos e poesias, pode-se consultar o mesmo.

- 1981 – The Legacy
- 1982 – Max
- 1984 – The Outsider
- 1985 – The Immigrant’s Daughter
- 1987 – The Dinner Party
- 1988 – The Pledge
- 1989 – The Confession of Joe Cullen
- 1993 – The Trial of Abigail Goodman
- 1994 – Seven Days in June: a novel of the American Revolution
- 1995 – The Bridge Builder’s Story
- 1997 – An Independent Woman
- 1999 – Redemption
- 2000 – Greenwich

**Não-Ficção:**

- 1942 – The Story of the Jews in the United States
- 1950 – Literature and Reality
- 1951 – Peekskill: USA
- 1957 – The Naked God: the Writer and the Communist Party
- 1968 – The Jews: Story of a People
- 1977 – The Art of Zen Meditation
- 1990 – Being Red
- 1993 – War and Peace: Observations on Our Times

**Contos de Mistério:**

- 1952 – Fallen Angel (sob o pseudônimo de Walter Ericson)
- 1960 – Sylvia (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)
- 1962 – Phyllis (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)
- 1963 – Alice (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)
- 1964 – Lydia (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)
- 1964 – Shirley (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)
- 1965 – Penelope (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)
- 1966 – Helen (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)
- 1967 – Sally (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)

- 1967 – Samantha (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)  
 1968 – Cynthia (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)  
 1969 – The Assassin Who Gave Up His Gun (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)  
 1973 – Millie (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)  
 1977 – The Case of the Penny Orange (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)  
 1978 – The Case of the Russian Diplomat (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)  
 1979 – The Case of the Poisoned Eclairs (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)  
 1981 – The Case of the Sliding Pool (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)  
 1982 – The Case of the Kidnapped Angel (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)  
 1984 – The Case of the Murdered Mackenzie (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)  
 1986 – The Wabash Factor (sob o pseudônimo de E.V. Cunningham)

### **Obras Infantis:**

- 1941 – Haym Salomon, Son of Liberty  
 1941 – Lord Baden-Powell of the Boy Scouts  
 1941 – The Romance of a People  
 1942 – Goethals and the Panama Canal  
 1943 – The Picture-book History of the Jews  
 1942 – The Tall Hunter  
 1952 – Tony and the Wonderful Door  
 1958 – In the Beginning: The Story of Abraham (sob o pseudônimo de Behn Boruch)  
 1959 – The Patriarchs: The Story of Abraham, Isaac and Jacob (sob o pseudônimo de Behn Boruch)  
 1959 – The Coat of Many Colors: The Story of Joseph (sob o pseudônimo de Behn Boruch)

### **Peças Teatrais:**

- 1950 – The Hammer  
 1954 – Thirty Pieces of Silver  
 1956 – General Washington and the Water Witch  
 1964 – The Hill